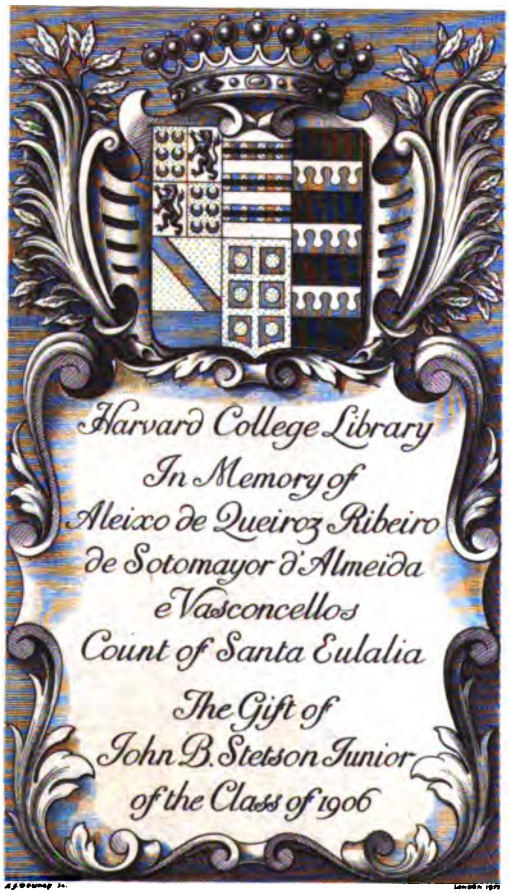

Harvard College Library
In Memory of
Aleixo de Queiroz Ribeiro
de Sotomayor d'Almeida
e Vasconcellos
Count of Santa Eulalia
The Gift of
John B. Stetson Junior
of the Class of 1906

SERÕES

SERÕES

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

SEGUNDA SÉRIE—VOLUME V

LISBOA
LIVRARIA FERREIRA — EDITORA
132 — RUA DO OURO — 138
—
1907


SERÕES
Nº 25
JULHO
DE
1907
SERÕES
CORREIO



O LANTERNEIRO

Quadro de Antonio Ramalho

O pintor
Antonio Ramalho

Uma vida entre o café e o atelier — Ramalho bohemio e satyrico — Traços geraes sobre o homem e sobre o artista.

Traços phisicos e psychologicos — Como o artista philosopha sobre a vida

Todas as tardes, entre as seis e as oito horas, é facil encontrar a alguma das mesas do café Martinho, em palestra amena com os seus amigos, o pintor Antonio Ramalho.

E' um homem robusto e são, de formas estheticamente proporcionadas, apesar da sua estatura meã sobrepujada por uma cabeça leonina.

Com o seu grande chapeu molle, architectonicamente acanalado ao meio, quasi sempre empinado para a nuca; com a sua fronte de forma muito especial, desafogada e ampla, delimitada em toda a sua extensão por uma curva modelar, nascida da intercessão da pelle com os cabellos grisalhos, que parecem uma estriga de prata fôsca, brunida e desfiada; com os seus sobr'olhos espessos e fortes, de um negro retinto, em cuja ondulação vivaz se nos mostram espetados e serpenteantes, dois ou tres cabellos refilões, já brancos; com os seus olhitos brilhantes e finórios a enterrarem-se agarotadamente no adipo das palpebras papudas e sensuaes; com as suas faces gordas, em que ha um não sei quê de abbadengo e de trocista, que lhe é disfarçado pelo farto e bojudo bigode á Flaubert; com as suas orelhas delicadas e rijas, quasi de côr de morango, de onde irrompe um pasto negro de cabellos, a dar-nos a evocação maliciosa das orelhas de algum fauno: eis o homem.

Accrescente-se a isto, que, todo este conjuncto de pessôa como que inventada nos fere a retina, logo á primeira vista, por tão harmonica invulgaridade, e ter-se-ha, esquissada, a phisica individualidade de Ramalho.

Nada de doentio nem de morbido, antes tudo saude e energia, tudo vigor, n'essa creatura que vive exclusivamente para a arte, n'uma epoca em que dizer artista é quasi dizer flor de estufa ou entidade á parte, com seu tanto ou quanto de morbidez adestricta, uma como que annotação esmaecida e tracejada ao de leve, e a lapis, á margem da pagina gritante e brutal da fecunda e verdadeira vida...

Callado e quedo, com a sua phisionomia gorducha embuçada no seu tanto ou quanto de problematica, fugaz misantropia, gestos e fallas mansas de uma indolencia de pachá, este homem passaria por uma entidade muito material, se os seus olhinhos ridentes, de um brilho muito especial, não nos fallassem, lá de dentro de suas palpebras, uma linguagem aguda e intelligente, em que, a clarões da mais expontanea bondade se misturam umas espicaçantes e aggressivas scintillações de investigação finória, como que inquisitorial.

Apenas falle, Ramalho transfigurar-se-ha. Por todo o seu rosto se espalhará uma radeante expressão de intellectualidade, e a sua voz coleante, de um arrastado melodioso, far-nos-ha lembrar algum cadenciado, terno marulhar de regato crystallino, brotando da sua alma limpida e serena. E então, pela conversa a deante, alli se nos irá mostrando o quadro encantador d'esse deslise de arroio serpeando por entre pedrinhas e sarças verdejantes, aqui brincalhão, na apreciação suave de algum facto

social ou de algum motivo de arte, marulhante alli, em cachão, algum sarcasmo amargo, — pedregulho da vida —, mais além, resaltante, no recorte de algum recife laminento, —alguma satyra cortante, e tudo para que? Só para mostrar, no rasgar das aguas, o seu crystal mais puro, iriado pela luz!

Tal a maneira do artista na sua conversação, porque afinal, todos os seus pesares, todas as suas maguas se lhe transformam na alma em ironia calma, e em quebreira cantante de musical optimismo.

entre o café e o *atelier*, vivendo muito a seu modo, com a philosophia de que *a vida são dois dias, que o homem tem obrigação de ser morigerado nas idéas como nos habitos, de fazer bem aos outros sem que se prejudique a si, e de respeitar as leis e os cultos, para assegurar a felicidade dos homens, se já algum dia elles se julgaram felizes, ou que mais não seja, para evitar discordias e perturbações na tranquillidade d'esta curta vida.*

E assim, rindo de D. Quichote e não desdenhando o seu Sancho Pança, vivendo philoso-



AO SERÃO

De modo que, tudo quanto alli entre negro, ainda por mais lutuoso e triste, sahirá radeante e illuminado, como transformado em *polycromia de sons*, pela palleta do seu fino espiritualismo de arte.

E assim passa Ramalho a vida, descuidosamente, fóra das suas horas de trabalho, como descuidosas lhes são aquellas em que labora, porque, emquanto trabalha, tudo por amor á arte esquece.

N'aquelle habito que lhe ficou da vida em Paris, elle é o artista que reparte a sua vida

phicamente, um tanto no Ecclesiastes; positivamente, na Terra, (especialmente no restaurante e no *atelier*); e como artista, um tanto com a natureza, com a religião, e com o Infinito, pelas locubrações da sua arte esoterica e progressiva, ei-lo pela vida adeante, de braço dado com o seu sorriso nem sempre indefeso, porque ás vezes é elle importuno e cheio de atrevimentos felinos, quando de entre o seu farto bigode, lhe sahe tilintante de ironias a voz que desabrocha em satyra, algumas vezes fulminante para os seus companheiros de

mesa, porque Ramalho, ao lado do culto que professa, de bondade e de tolerancia para com o proximo, possue tambem finuras agatanhan- das affeições que possa dimanar de uma alma de bohemio e de artista, e por conseguinte: bondosa e dedicada.



ANTONIO RAMALHO

tes de gato escaldado, um bello egoismo de satanico, e uma incommensuravel malicia de silvano desconfiado, como bom trasmontano de origem.

No intimo, porém, Ramalho é o melhor dos homens, e os seus amigos, se algum não desconfiou ahi p'la vida fóra, foram e são por elle conservados, com a mais perduravel e soberba

O artista entre os seus amigos
— Guerra de palestra com ballas de rethorica

A' mesa, com Ramalho, reunem-se no «Martinho» ou no «Leão» algumas das pessôas que elle mais estima, entre ellas uma pequena parte da *élite* da arte lisboeta, e que se destaca pela severidade das suas apreciações, as intran-

sigencias do mais puro individualismo, e sobre tudo, pela caustica ironia com que sublinha as conversações.

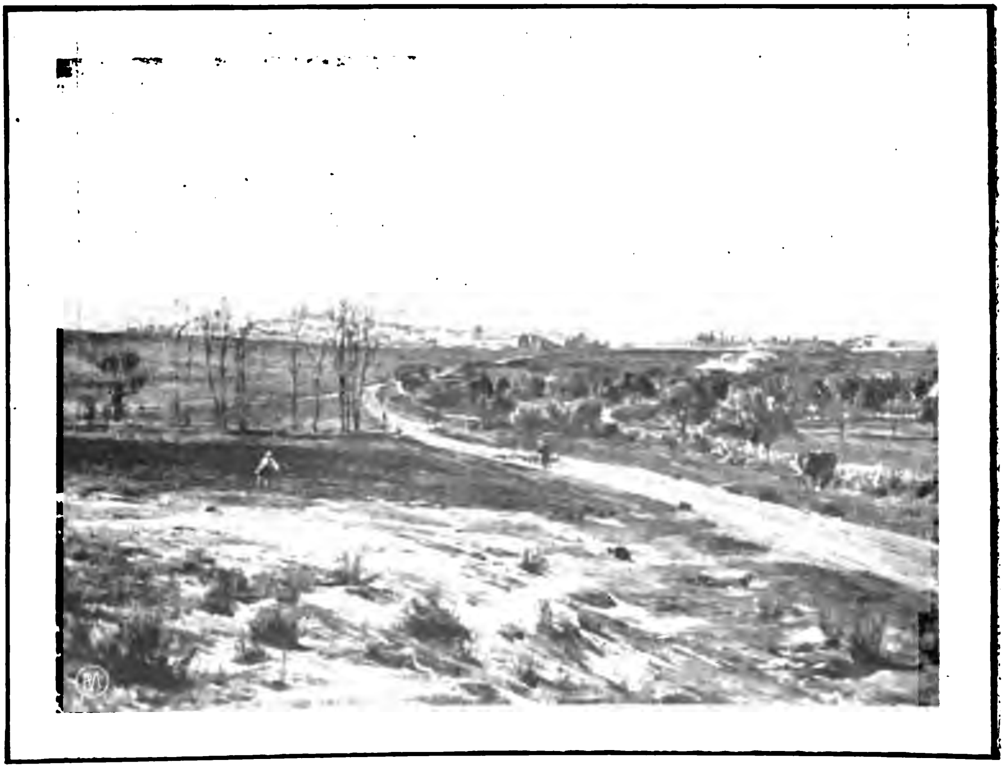
Vemos n'essas reuniões familiares, quasi diariamente, as mesmas caras em que ha um rictus entre gracioso e sarcastico, de homens affeitos ás pugnas da vida e da arte, tendo visto passar ante si mais de trinta annos de sociedade alfacinha, conhecendo-lhe todo o feitio e todas as manhas, apreciando-a atravez de um kaleidoscopio de riso, e fazendo, ás vezes, curiosas, saudosas digressões ao passado, criticando, satyrisando.



RETRATO DO EZEQUIEL

Apparecem alli, entre outros individuos, o primoroso actor sr. Ferreira da Silva, o illustre dramaturgo sr. Marcelino de Mesquita, o distincto critico sr. Fialho de Almeida, o caustico ironista Gualdino Gomes, etc.

De todos elles, Ramalho não é o menos animado nem o menos caustico. E se, nem sempre a sua ironia póde ser descripta com vantagem, porque a sua satyra é mais de occasião e de flagrante, e portanto legitimamente mimica e verbal, não é menos certo que, não poucas vezes, a intensa e queimante ironia de Fialho tem ido ás do cabo, com alguns dos dizeres do nosso criticado. Não! que elle



EVORA

não falla muito, mas tem um tal geito de dizer as coisas!

A's vezes, não achando presa á mão, os bons dos camaradas esgrimem ùns com os outros, e então é que é ve-los! Não é raro algum dos *habitués* sair pela porta fóra, jurando no incendido das faces e no esfusiar colerico dos olhos, lá com os seus botões, que lhe não porão a

Mas, para não demorar muito os que me lerem, na sua espectativa, e sem pretender fazer aqui registo da serie de anecdotas mais ou menos notaveis, que dariam muito boas paginas, permitta-se me, no entanto, dar no resumido *esboço de estudo de uma personalidade artistica*, alguma coisa sobre a sua maneira de ser satyrica.



PASTOR DO ALEMTEJO

vista em cima, pelo menos durante .. tres dias! Mas oh! miraculoso poder da camaradagem e da palestra! Aquillo passa com os primeiros borrifos de reflexão séria, e no dia seguinte, lá os tereis a todos, despicando-se encarniçados, como se foram gallos de combate.

Aquelle vicio de ironia e de disputa ficou a alguns, do tempo em que uma grande pleiade de artistas, quasi todos ainda hoje vivos, se reunia alli no «Grupo Leão», onde se travavam polemicas notaveis no genero, havendo duellos verdadeiramente sangrentos entre Ramalho e um estudante da medica, hoje distincto clinico, Fortunato da Fonseca, satyrico consumado, mas que apesar de tudo, com Ramalho, não as levava a melhor.

Tres anecdotas: — Casado, solteiro e viuvo, ou a anecdota do ai! — Fialho, tomas alguma coisa? — Matadores infalliveis

Um dia estava Ramalho no *Martinho*, tomando com todo o seu ripanso o seu café, acompanhado de alguns amigos.

N'isto, entra Fialho, relanceando ás furtadellas, incertamente, os seus olhinhos vagabundos e dissimulados de espertalhão e de manhoso, n'aquelle olhar muito especial com que elle vê tudo, fingindo nada ver... E ou por que elle não tivesse visto o artista, ou por que não estivesse para o cumprimentar, foi sentar-se a outra mesa, e começou fallando, com os que a ella estavam de umas decora-

ções que deviam dentro de pouco ser encommendadas. E levantando a voz, Fialho, n'aquella maneira scintillante e persuasiva que todos mais ou menos lhe conhecemos, e em que cada palavra tem já o seu logar marcado, disse: «Ora, essas decorações deviam, a meu ver, ser feitas por um artista de pujança, com o verdadeiro culto do desenho e da anatomia, em summa, por um decorador a valer, como Ramalho. O Ramalho, é, a meu ver, o pintor typo para o caso de que se trata.» Callou-se Fialho, e n'esse instante o artista, que estivera de ouvido á escuta, **ao acabar de ouvir o elogio,**



O PINTOR
ANTONIO RAMALHO
Entrando para o seu atelier no pateo do Museu de Bellas artes.



TRABALHANDO



TERMINANDO O TRABALHO



PORTAS DE MOURA
(Evora)

inclina a cabeça para o lado, n'um gesto muito seu, e piscando os olhinhos, a mão espalmada e extendida, grita de lá ao critico, com umas fallinhas mansas, muito sardonicas:

— O' Fialho, tomas alguma coisa?

O effeito produzido pela piada e principalmente *pelo tom em que foi dicta* causaram o maior effeito, tanto mais que, Fialho voltando-se, teve de agradecer a offerta, muito solemnemente.

De outra, vez estava o artista com seus amigos a uma das mesas do mesmo café. Entre os interlocutores havia tres que se lamentavam muito da má sorte, que os perseguia. Queixava-se um da sua viuvez, de uma vida quasi sem eira nem beira, sem carinhos nem affagos; um outro lamentava-se da vida sensaborona de solteirão, aos baldões dos extranhos; um terceiro vociferava pela sua vida de casado, vida acorrentada a visitas, a etiquetas, a convenções, a despezas demasiadas, cuidados pelos filhos, o diabo!

Ramalho, que não via nos tres razões muito cabaes para tanta tristesa, deita-lhes um olhar muito enternecido, e quando elles esperavam, talvez, ouvir da sua bocca alguma palavra compassiva, levanta-se elle, põe o chapeu devagarinho, e olhos postos no ceu, entreabrindo os labios n'um gesto seraphico de puro frade cuja alma quizesse emigrar para o seio do Senhor, solta um ai! muito commovente e dolorido, e sahindo, deixou os tres tão desconcertados, que, quem estava proximo não poude furtar-se a rir.

Um dia d'estes, ao procura-lo para que me dissesse do paradeiro d'alguns de seus quadros que eu apenas conhecia de catálogo, fallando-lhe no picaresco caso disse-me elle:

— Que queria o meu amigo que eu fizesse perante desgraças tão irremediaveis? Elles representavam os tres estados, casado, solteiro e viuvo; não havia mais nenhum a dar-lhes, restava carpir aquella triste sorte. Ora eu, como para carpideira nunca tive geito, dei um ai para os alliviar...

Se não temesse aborrecer os leitores com o prolongamento da prosa d'este artigo, muitas anecdotas interessantes lhes poderia contar. No emtanto, não me propondo abusar, permitto-me descrever mais uma:

Estava um dia jantando no *Leão d'Ouro*, segundo o seu habito, Ramalho, e acompanhavam-no, como quasi sempre, á mesa, em cavaqueira, alguns artistas. Entre os convivas contava-se um medico, ao que parece muito celebre ao tempo, pelos prodigios da sua clinica, porque doente que lhe cahisse nas unhas, era com certeza homem morto...



O TIO JERONYMO



CABEÇA DE CREANÇA

Discutia-se uma das ultimas toiradas e a conversação recahira naturalmente na apreciação dos melhores cavalleiros, os melhores espadas e lidadores.

Uns eram pelo Espartero outros pelo Reverte e as opiniões desencontravam-se e dividiam-se, quando de repente o artista faz menção de tomar a palavra, e n'uma grande seriedade diz:

— Eu, matadores infalliveis, só conheço dois: o Reverte, e aqui o nosso dr. X..»

Algumas considerações ao correr da penna sobre a vida de Ramalho e a sua obra como generalidade.

Nem sempre a vida de Ramalho foi assim alegre e descuidosa.

Os primeiros tramites da sua existencia foram uma verdadeira senda de espinhos; esta, porém, foi curta, e a alma do artista, vendo-se acolhida benevolamente, crystallisou n'uma gratidão para com o mundo, tendo d'elle, atravez de todas as ideas e vicissitudes, uma visão optimista que, longe de o prejudicar o engradece, porque o faz tolerante e bondoso, como na arte o ensina a ser proporcional e bello. Occuparia bastante tempo e espaço, um estudo detido sobre esta inconfundivel, typica organisação de artista, e não poderia synthetisar-se no curto campo das columnas de uma revista, nem é, por ora, esse o nosso desideratum comtudo, publicando n'estas paginas, a reproducção de alguns dos seus quadros, necessario se torna o fazer algumas considerações sobre a sua obra.

Ramalho tem a sua vida na mais pura e completa correlação com a sua arte. Esta é sentida e sincera, como a sua personalidade é distincta e bem marcada. Vida e arte irmanam-se tão bem n'essa esoterica creatura, que uma e outra são n'ella inseparaveis.

Como trabalha elle? Porque processos visiona e dá corpo aos seus trabalhos? Eis uma pergunta a que seria muito difficil responder. Na opinião de alguns, Ramalho tem passado por mandrião. Puro engano. O contrario attesta a sua obra enorme, em grande parte desconhecida, devido ao feitio retrahido e modesto do artista. Tal opinião, porém, se poude radicar-se, por momentos, n'aquelles que só de longe lhe tenham visto a obra, cahirá pela base, depois de mais demorada analyse. A tal respeito, condenam-o, é certo, as apparencias, pela morosidade com que trata os seus quadros. O que elle é, é um artista de producçção morosa, como todos aquelles cuja alma é insa-



RETRATO DE ROQUE GAMEIRO

ciavel de perfeição. Sequioso do seu ideal, em vez de apressar-se a dar corpo á sua obra, não quer correr o mais leve risco de a fazer sossobrar, e dia a dia procura aproximal-a mais do seu ideal de Belleza. Artista puro e convicto, fazendo da arte o seu unico cuidado, sem aspirações a enriquecer pelo pincel, sem ambições nem ganancias materiaes — porque como elle diz: «não se pode levar para a cóva um rio de oiro, nem a alma levará para o infinito, thesouros nem palacios», artista puro e convicto, — dizia eu — com aquelle feitio bohemio de serenidade e de descuido, sem a mais leve ambição de vangloria, e creio até que nem de gloria, porque, como elle tambem diz com o Ecclesiastes: *tudo é vaidade*, o seu ser integra-se e concretisa-se todo no seu unico ideal, o da pura arte. De ahi o encontrarmos nas suas telas essa serenidade, essa firmeza, reveladoras do mais acrisolado estudo, e em que se nota a factura por um caminho recto e sem tergiversações, na grande viagem da sua immensa, insatisfeita, e sempre calma aspiração.

A caracteristica mais geral da sua obra, a que sobresae atravez de todas as outras, é: a harmonia mais completa, dada por uma sabia e muito bem escolhida atenuação de côres, pelo desenho firme e consciente, feito com rasgada energia, como a caracteristica geral do homem é, atravez de todas as vicissitudes da vida, a harmonia das idéas e aspirações, tambem attenuadas por essa philosophia de desprendimento muito seu, e a energia com que as mantem, emmolduradas no esoterismo dôce e firme em que a sua vida, ainda nos momentos mais amargos, crystallisou, sempre fina, delicada e optimistamente.



A MUSICA (PANNEAU DECORATIVO)

Na cervejaria Jansen

Na decoração, Ramalho transporta-se com toda a alma á situação dos assumptos, de modo que, sendo a sua maneira artistica sempre a mesma, em digressão atravez dos seus quadros a nossa vista nunca se monotonisa, antes se distrahe sempre, pela empolgante diversidade que o seu pincel imprime á tela, vestindo-a e variando-a com as nuances mais raras, e os mais harmonicos e sentimentaes coloridos, em que ao lado da vida palpitante ha um envolvido dôce que a suavisa idealmente.

Na paisagem o artista affirma-se com a mesma dulcificante suavidade, e os assumptos que escolhe e executa participam da doce e embaladora melancolia do seu *envolvido* de attenuação; a sua paisagem é vigorosa e sentimental, preferindo o pintor as concentrações outomnaes da natureza ás côres gritantes que a ferem e irritam.

O seu pincel, irrequieto e nomada, imagem do espirito vagabundo do artista insatisfeito, vae com a mesma facilidade da paisagem para a decoração, da decoração para a pintura de genero, do impressionismo par o realismo, sempre livre, intenso e caracteristico.

Como o artista é variavel nas suas modalidades de arte, assim o homem é variavel na sua vida. A não ser á hora de palestrar com os seus amigos, Ramalho tanto poderá ser encontrado a jantar ás duas, como ás sete, como á meia noite, e não lhes garanto que seja em ponto. Tambem, como artista, hoje o encontrareis trabalhando na Escola Medica de Lisboa, amanhã no Grande Hotel do Bussaco, e qualquer dia no... Japão, na America, ou em casa de Deus verdadeiro.

Ás vezes, repentinamente, Ramalho desapparece, e então dariamos um doce a quem

lhe puzesse a vista em cima. Não é raro ouvir n'essas occasiões entre os seus amigos: — Onde estará Ramalho? — Que será feito de Ramalho? Onde diabo se metteria o Ramalho?

Consultado sobre o caso, no primeiro dia de apparecimento, se nos disser que foi á Lua, teremos que acredita-lo, porque na sua jocosa affirmativa, desenvolverá um talento á Bergerac.

No retrato, o artista faz gala em nos dar em vez dos fundos neutros os historiados, para que não se diga que para fazer sobresahir os seus retratos precisa de recorrer a chavões.

E' uma especie de desafio artistico que o acompanha desde as suas primeiras obras, com o qual elle se diverte a domar a arte, tornando-a mais difficil propositadamente, para depois com ella esgrimir, para degladiar-se com o dragão que está á entrada do palacio encantado, para o vencer, para lá entrar triumphante!

E como generalidade, em todas as suas telas, uma maneira technica de dar os toques, a um tempo sóbria e vitalisante, fazendo resumar nas suas figuras a vida, sem que n'ellas se veja resumar a tinta.

Fino observador da natureza, quebra continuamente com tudo o que possa parecer-lhe artificial, e criticando ao mesmo tempo que pinta, não larga de mão uma das suas obras emquanto não haja posto para alli toda a sua sciencia e vitalidade artisticas. Finalmente, pela mesma forma que a sua vagarosa e suave maneira de ser psichica nos revela, na conversação, um grande e original espirito, tambem a sua detida e concentrada maneira de artista nos revela um original e inconfundivel pintor

EUGENIO VIEIRA.



A APANHA DE AZEITONA



RODODENDROS EM FLÔR, NA FREGUEZIA DE CAMPIA

O CARAMULO

Aos meus amigos Mayer Garção e Silvio Rebello — poetas da luz e da paisagem.

I

— Cinco horas de ascensão. Tartarin de Tarascon no Caramulo. Desalento e paisagem. A flora da serra. Um caminho! Emfim, elles!

Não sei se os meus amigos leram já aquella obra de Daudet, o *Tartarin*, onde se contam as prodigiosas aventuras do grande heroe de Tarascon... Eu li-a ha já bons oito annos e lembra-me sempre com dó e com tristeza esse pobre Tartarin, caindo continuamente tão abaixo da sua propria natureza, enganado dos homens, enganado de si, mas sobretudo comicamente desgraçado e miseravel nas suas empresas sempre falhas, nas suas aventuras sempre desastradas.

Eu que me rira de Gargantua e Pantagruel, que tinha e tenho ainda em Gil Blas e D. Quixote remedio para tristezas; eu que lera Bocacio e La Fontaine, acompanhando sempre, alegremente, Swift e Julio Verne nas suas viagens, não pude nunca zombar de Tartarin, sorrir sequer ante a figura truanesca d'esse meu pobre e iludido heroe de Tarascon.

Ser Tartarin para mim era o cumulo da infelicidade humana.

Essa desventurada personagem tornara-se, a meus olhos, o modelo de toda a idiotia e palermice. Tanto que, quando um visinho ou conhecido meu, estendia roupa que não tinha, apregoando factos que não praticara, eu dizia logo: um Tartarin. Sempre que no meu tempo de collegial, algum professor alardeava sciencia e virtude que não possuia, eu repetia: Tartarin. E se um literato vinha mostrar-me

as suas coisas, traçando em seguida mil planos de diversas obras magnificas, eu repetia ainda: Tartarin, Tartarin.

Pois bem: fique sabendo todo o mundo que eu, o lamentador de Tartarin, fui Tartarin este anno, a 13 de setembro, na encosta d'uma serra, entre penhascos e arvoredos.

*

O Caramulo, como eu julgava conhecel-o! Tinha-o subido pelo sul, descido pelo norte; havia-o trepado a sueste e a sudoeste, atravessado de oriente a ocidente, crendo-me por isso senhor de todos os caminhos e segredos da serra. Nunca, porém, subira eu a costa arborisada do nascente, que vae de Castelões na planicie, ás Laceiras, quasi no alto da montanha.

Sósinho como Tartarin nos Alpes, procurando subir pela primeira vez ao *Rigi-Kulm*, eu comecei tambem minha ascensão, em demanda d'outro *Rigi-Kulm*, — esse famoso pico, que é marco e corôa de toda a serra e onde, á uma hora da tarde, me esperariam sete camaradas.



DOIS EXCURSIONISTAS: THOMAZ DA FONSECA E LOPES D'OLIVEIRA

As minhas botas solidas, ferradas, o meu forte varapau de marmeleiro, vontade firme, estomago quente, largo chapeu serrano, aparando o sol ardente, roupa leve, corpo livre, tudo me dava o aspecto d'um Humboldt valoroso e triumphante, que fosse, não subir ao pequeno Caramulo, mas trepar aos imensos, incomensuraveis Andes.

Ah! viessem cá dizer-me que era viagem para duas horas, que eu apostaria os thesouros de Alexandre contra um simples copo d'agua fresca, em como d'ahi a 40 ou 50 minutos estaria comendo a coxa d'um cabrito a 1:070 metros, sobre o nivel dos mares!

A serra começa logo a ser fresca e cheia d'arvores frondosas, pinheiros, sobreiros, carvalhos, castanheiros... Mas para o que a sobe essa frescura parece que em nada atenua o ardente calôr que ali embate, porque depois d'um quarto d'hora de caminho, todo o mortal que a fôr subindo sente desejos de desapertar o colete, quando lhe não sucede, como a mim, a quem dez minutos de subida obrigaram a despir o casaco.

Não ha caminhos e entre tantos horisontes bellos nenhum aproveita ao viajante, para a direcção da sua marcha.

Ha carreiros apenas. Carreiros e atalhos que surgem de toda a parte, como os penedos e os barrancos.

E as primeiras dificuldades surgem... Por onde tomar? Serão de gente? serão de gado? serão de lobos?

Toma-se pelo mais seguido. Mas d'ahi a pouco encontramo-nos no fundo d'um valle, junto d'uma presa d'agua ou á entrada d'um pequeno lameiro, com os pés enterrados em agua.

Não hesitamos: toma-se a pique pela encosta fora, até se encontrar novo carreiro.

Uma vez restabelecida a marcha, julga a gente que se não perde mais, quando deparamos com um despenhadeiro onde ficaremos para sempre, com o arcaboiço em pedaços, se teimarmos em avançar.

E não ha remedio senão retroceder. Retrocede-se, pois, para se subir de novo, a prumo.

Outros atalhos, outros carreiros surgem.

Emfim, é neste que heide encontrar alguem, este hade ir dar a alguma parte...

Mas não: essa immensidade de carreiros e atalhos vão dar a toda a parte sem ir dar nunca a parte alguma.

Eu que principiara a subir ás onze e tal, en-

contrava-me ás duas cheio de cansaço e desalento por ver o meu caminho só em meio e o peor para subir ainda.

Todos os lenços que levara estavam encharcados em suor; a camisa uma sopa e das ceroulas o suor corria para as botas de tal modo que os pés lá dentro chapinhavam *clá, clá,* como n'um charco estagnado. Só posso dar a ideia exata d'esse inferno dizendo que os membros semelhavam cascatas e os poros fontes d'agua viva.

Ao começar uma subida mais dificil, parava para me limpar.

E era ao começar de novo que Tartarin descia a mim, dando-me a sua fraqueza e o seu ridiculo.

Como se parecia com as d'elle esta aventura!

Depois, — que zanga e que martirio! — em mim começava tambem a nascer já um Tartarin Sancho e um Tartarin Quixote.

Duas vontades n'um só corpo, ai de mim! como casal-as, fazendo-as conjugar no mesmo ponto!

A anciedade de chegar cedo, o desejo de cumprir a palavra dada e a arrelia de fazer esperar em vão os camaradas, tudo concorria para erguer em mim um D. Quixote que dizia: vamos!

Mas o sol torrido, a roupa banhada em suor frio, o estomago lembrando com saudade os restos do almoço, as pernas sem vigor, ladeiras ingremes, abismos sucedendo a abismos, tudo isso me levava a dizer como o bom Sancho: fiquemos!

— Sobe, cobre-te de gloria, exclamava eu radiante como Tartarin-Quixote.

Mas logo acudia Sancho, ou antes as minhas pernas e o meu estomago:

— Basta; deita-te e descansa.

— D'aqui a meia hora estarei lá, dizia a primeira pessoa do meu ser.

— Se continuo assim, estoiro, dizia a outra pessoa, em desalento.

Entretanto a serra continuava a desdobrar-se, multiplicando-se em pedregulhos e abismos inacessiveis.

Blocos immensos de granito, de 20 metros de altura, davam á paisagem o aspecto rude e temeroso d'alguns dos circulos do Dante.

Comtudo, era bella; apezar d'isso era imponente, era magnifica!

E uma parte de mim bem procurava colher toda a impressão d'essa paisagem divina, bem desejava ser naturalista, geologa, chimica, botanica, archeologa, filosofa, poeta.

Mas lá estava Sancho, a outra parte de mim, que só cubiçava as sombras para se repousar e as fontes para matar a sêde, evocando de continuo os queijos frescos e a broa grossa dos pastores que logo nessa tarde teimavam em não aparecer ali.

Eu, naturalista, inda tentava esforços sobre esforços. Pelo menos meditava, sonhava, olhando a paisagem immensa.

E dizia comigo: Como a flora vae mudando, como as rochas vão sendo já tão outras!

Ha pouco ainda quasi toda a especie vegetal cobria a encosta.

Era primeiro a videira, a larangeira, a oliveira, que me deixaram logo, dominando depois o pinheiro, o carvalho, o castanheiro e o sobro. Havia a urze e a carqueja, o feto, o sanguinho, o lentisco, o pilriteiro. A meia encosta começavam as escalvadas, onde a vegetação quasi desaparece, ficando apenas as rochas núas, que por vezes se amontoam em castellos.

Agora um ou outro pinheiro apenas; nenhuns ou quasi nenhuns castanheiros e carvalhos, sendo o primeiro a desaparecer o pinheiro que em baixo tanto abundára.

Depois morre o carvalho, em seguida o cas-



DR. JOAQUIM DA SILVEIRA

Um dos companheiros d'excursão. Fez um vasto relatorio ethnografico da Serra, ainda inedito.

tanheiro, e por fim o duro e resistente sobro.

Ah! como tudo isto é interessante!...

Mas Sancho, bem se importava elle. Dizia lá comsigo:

—Se esta pedra de repente se transformasse em bife e a do lado em brôa mole... Se em logar d'este penhasco surgisse agora bôa estrada e um trem passasse, ainda vago.

Havia, porém, ocasiões em que um forte impulso interno punha de lado ambos os Tartarins para dar logar unicamente ao viajante e ao escriptor.

Então tomava os meus apontamentos, livremente, evocando remotas impressões, esquecidas paisagens, luxuriantes bosques, e ao longe, cheios de fontes e de flores, aldeias formosissimas, brilhando ao sol como esmeraldas.

O meu olhar embriagava-se, sumia-se em horisontes immensos, donde voltava cheio de sonhos vagos, para fixar-se em rudes carvalheiros, infesados e tristes como o solo onde pousavam.

*

A's quatro da tarde encontrei um caminho. Estava salvo!

Ah! meus amigos, afinal a vida é bella e cheia de ineditas doçuras.

Ha bens, ha regalias que findam? Tambem não ha mal que sempre dure.

E agora adeus, ó Tartarin. Volta de novo ás tuas armas e ao teu gremio de Tarascon, que eu cá vou, cansado e suado sim, mas satisfeito e triunfante, já certo agora de não estar muito tempo longe dos camaradas, que hão de já ter saudades de mim, como eu as tenho d'elles.

Com eu andava, como eu trepava agora!

O sol era já menos quente e uma ligeira brisa soprava de noroeste.



FALDAS DO CARAMULO: UMA FAMILIA

No ultimo plano ao centro vê-se o ex-seminarista autor do presente estudo

E a montanha cada vez desnudando-se mais.

Não havia já arvores maiores que a carvalheira brava, especie predominante desde certa altura. De resto era o botoiro ou urze forte, a silva, o tojo e a carqueja.

A carvalheira mesmo, a esteril e impertinente carvalheira brava, desappareceu tambem. A urze, seguiu-a de perto.

Apenas o tojo e a carqueja seguem sempre; são elles que tapetam todo o plató da serra, erguendo-se até aos pincaros mais altos, florindo até no chão esteril, medrando até na pedra núa.

Os breves apontamentos que colhi, eram escriptos andando e tropeçando.

Que o meu fim, afinal, nessa altura da serra e a essa hora da tarde não era já tomar apontamentos, — era correr, era voar.

E' com efeito o resto da serra foi trepado a galope.

As sempre anciadas e tardamente atingidas Laceiras, passei-as eu sem me importar com usos nem costumes, sem dar importancia á sua historia nem aos os seus fantasticos penedos.

Uma velha, n'uma eira, espadelava o linho.

Tirei o meu chapeu para lhe pedir unicamente que me ensinasse a vereda mais curta, vereda que perdi logo a principio, vendo-me obrigado a atravessar valles e ladeiras, que se estendiam á medida que eu avançava.

E eu caminhava, e trepava, e voava...

Quando emfim o meu relogio marcava cinco horas, um grito immenso ecoou sobre a montanha!

Eram elles, os meus companheiros, a alegria, a paz, a fraternidade, e sobre tudo — porque

não hei-de confessal-o? — o prometido cabrito assado e quente!

II

— O nascer do sol. Paisagem estranha. Nenhuma se lhe compara em Portugal. Levantar cedo. «Quem todos os dias vir nascer o sol, não pode ter nem mau coração nem mau caracter.» O despertar. As vaccas e o leite. Houtem e hoje.

Jueus, manhã cedo...

Desde ás tres horas que não durmo, á espera que o primeiro clarão da madrugada surja e eu vá, pé ante pé, sorrateiramente, para que nenhum dos companheiros me sinta, ver como n'uma alta serra o dia nasce, o sol desponta, os casaes se animam, como emfim a vida das coisas principia.

Ah! que elles me não sintam nem me sonhem!

A sua alegria, o seu enthusiasmo, que não sabem conter, roubar-me-ia toda a impressão d'esta manhã gloriosa que vae saturar-me de luz e poesia, na adusta solidão destes cabeços pedregosos, onde ninguem, — nem as aguas das fontes, nem as aves das balsas, nem as feras dos bosques, nem mesmo a doce viração da madrugada, — me ha de interromper o doce enlevo!...

*

Toda a povoação repoisa e sonha ainda.

Atravesso-a em silencio. Subo a montanha. Procuro, observo...

E' aqui, sobre estes penedos, donde se destacam todos os horisontes.

Depois, sósinho, longe dos casaes, longe do mundo...

Eu amo a silenciosa harmonia das manhãs, a limpidez suave do azul, como a serenidade das almas. E' ao sorrir das madrugadas que vozes misteriosas segredam ineditos misterios.

O nosso coração, se algum rancôr ou despeito o traz sangrando, esquece tudo ante o abrir fulgurante d'uma aurora.

Pois não se diz até que a aurora é simbolo de paz e de bondade?

E' por isso talvez que eu tenho como axioma, que quem todos os dias vir nascer o sol, não pode ter nem mau coração nem mau caracter.

A luz matinal adoça e purifica a alma, como a agua do mar tonifica e virilisa o corpo.

Achar encanto no romper d'uma manhã é ter virtude e senso e equilibrio; é ser capaz d'acções nobilitantes, é fazer um bom acto, começar bem um dia, ter emfim, desejos de ser Homem.

Eu nunca vi nascer o sol sem esquecer ainda mesmo a maior ofensa d'um semelhante, sem arredar a colera da vingança, a cobiça das riquezas, a anciedade dos prazeres. Desejos de punir, ancias de fazer mal, procurae esses sentimentos na noite e não na aurora.

Grande parte da bondade do povo é preciso atribuil-a aos habitos matinaes.

E coisa curiosa: quanto mais alto vive o homem, tanto maior é a sua bondade.

Esta povoação, por exemplo, é das mais elevadas que eu conheço. Pois bem: sou obrigado a confessar que nunca encontrei gente melhor. Ninguem no mundo recebe, sem mesmo conhecer, com mais naturalidade e afecto, aquelle que lhe bate á porta, pedindo uma coberta ou um pedaço de brôa.

Eu proprio, que vivo com elles desde hontem á noite, me sinto outro homem. A sua bondade communicou-se-me.

Nada me entristece, nenhuma sombra existe no meu coração.

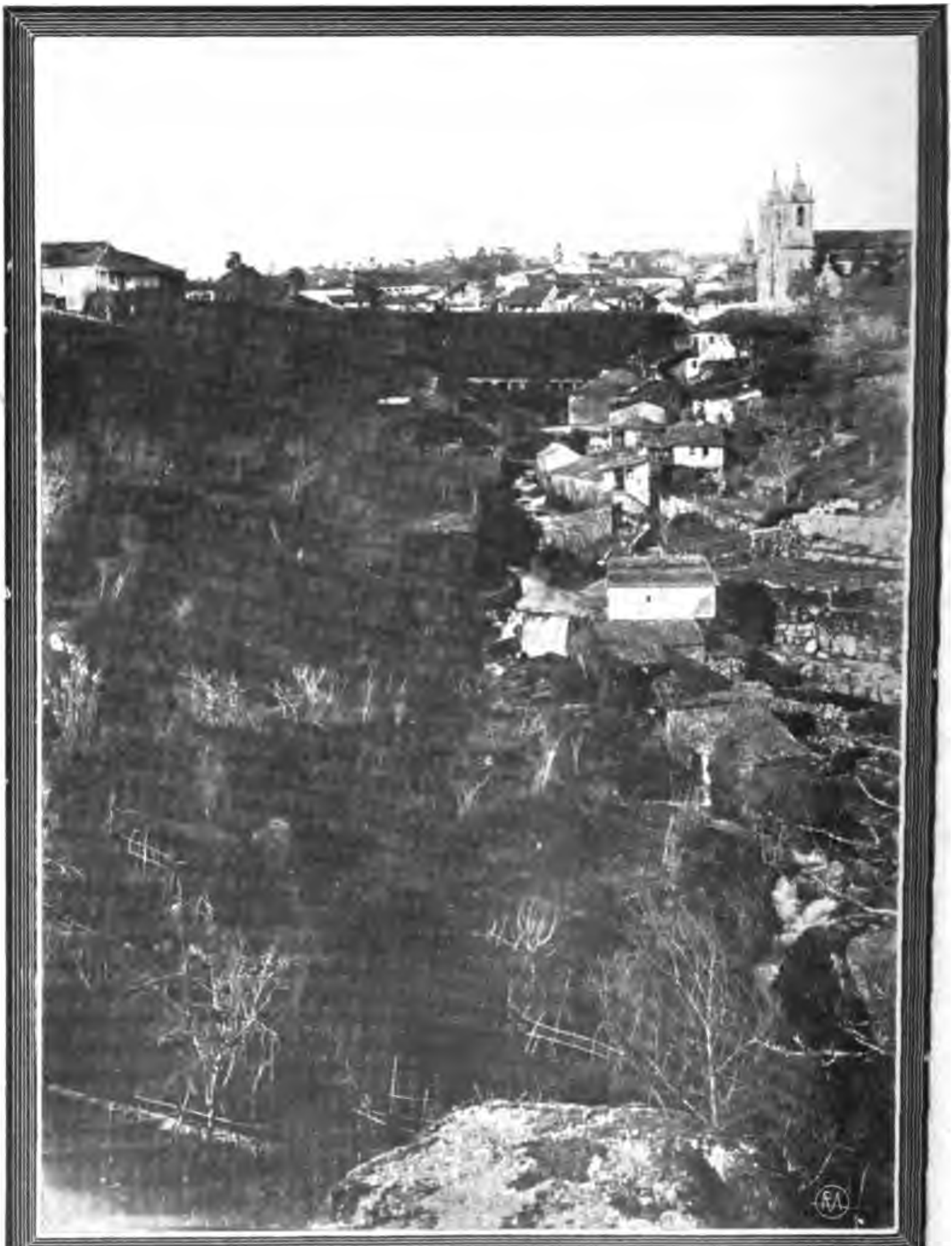
Expansibilidade, candura, alegria, esplendidez... Nunca me senti melhor, nunca tive mais desejos de ser bom.

Em minha alma zumbe esse divino enxame, feito de abelhas côr de luz que fabricam o saboroso mel do amor e do dever.

Ah! que se eu podesse conseguir de mim o deixar de ver hoje nascer o sol, de me embriagar na luz d'esta manhã que vem rompendo, por certo não estaria aqui mais tempo: desceria a vel-os e acompanhal-os nas suas lides matinaes, auxiliando-os no seu trabalho duro, procurando ao mesmo tempo transmitir-lhes um pouco da minha consolação — isto que assim me faz sonhar e ser poeta.

Mas quê, se eu penso ha um mez n'este romper da aurora, na sua poesia, na deliciosa impressão que vão ter os meus sentidos!

Sinto-me cheio de ceu e de horisontes. Meu espirito vibra, ondula, freme e canta, estendendo as suas azas d'oiro sobre essa imensidade rubra, onde — ó sonho lindo, ó visão cara! — o sol começa a aparecer, com a doce e magestosa serenidade da materia eterna e a lentidão das coisas infinitas.



ARREDORES DO CARAMULO

A paisagem e as terras: Santa Comba Dão

E' apenas ainda uma pequena chispa, incerta, exigua, mas vivamente scintilante e luminosa como o farrapo d'uma hostia d'oiro.

E esse fio de luz que de milhões de leguas se desprende, inunda o meu olhar de tanto brilho, impressiona de tal modo os meus sentidos, que eu chego a esquecer-me de mim proprio, e a supôr-me, eu tambem, um pedaço de luz, palpitando rubramente na comunhão dulcissima dos astros.

Mas o fio de luz torna-se um facho, a pequena scentelha é já uma orla, um quasi-disco relumbrante que banha toda a serra e aclareia a planicie.

E emquanto dois pensamentos se cruzaram, pensamentos de que não posso dar memoria, todo o disco brilhou suspenso no horisonte, subindo tranquilamente o ceu azul, na fulgurancia eterna da sua chama.

Aves cantaram, e um velho vaqueiro, solitario, surgiu em baixo na caminho pedregoso, com a sua capucha e a sua enxada.

*

Então desci á aldeia, a surpreender a vida dos casaes.

Com effeito todos os tectos fumegavam já.

Dos apriscos subiam longos mugidos. As vacas davam o leite, os novilhos suplicavam as mães.

D'um d'esses apriscos saía um homem com uma grande panela negra a trasbordar de leite.

Falámos do leite e seu comercio.

Disse-me que o leite já não era para queijos, como noutros tempos em que elles, homens e mulheres, os iam vender ás canastradas, pelo Valle de Bésteiros e Bairrada. Ah! era um trabalhão e dava pouco. Muitas vezes até nem se vendiam.

Agora não: tudo vae para a fabrica. Não teem mais trabalho que tiral-o ás vacas.

Ha um individuo em cada logar encarregado de o juntar e remeter a Varzielas onde ha já uma desnatadeira, seguindo depois d'ahi para Nandufe, onde é a fabrica da manteiga.

Não o pagam bem, é certo, mas ainda dá mais que os queijos e sem os outros embaraços.

—Mas as vacas dão-vos muito trabalho...

Que não: as vacas ali quasi que não fazem despeza. O seu alimento principal é o mato. Os lameiros de verão dão pouco, é certo, embora tenham agua em abundancia. Mas na primavera são um grande manancial de riqueza para o casal. Estão sempre cobertos d'agua e verdejantes como jardins. E ha muitos; em qualquer encosta ha um lameiro. A agua rebenta por toda a parte, a herva nasce em todos os recantos, até mesmo nas pedras escalvadas.

De resto a manada não dá cuidados ao vaqueiro. Leva-a de manhã ao monte e se tem que fazer, regressa a casa, indo-a buscar á noite ou esperando-a no curral.

E nenhuma se perde nem se aleja.

Quantas vezes se vê uma pesada vaca descer eminencias perigosas, entre grandes pedras



ARREDORES DO CARAMUJO
Egreja Nova de Tondella

amontoadas, onde o homem a custo avançaria. Resistentes e audaciosas, nada as perturba na sua marcha. Gritem, assobiem, corram, embora; ellas lá vão procurando fontes d'agua e relvas verdes. E apezar da sua lenta marcha, visitam todos os pontos da montanha, percorrendo n'um só dia distancias consideraveis.

Quando as sombras começam a subir os valeiros, ellas já sabem: procuram caminhos conhecidos e regressam á povoação onde teem o seu curral e a sua ceia de pontas de milho, se é verão, de panasco ou palha seca, se é de

inverno. Fome não passam, que a vaca é para o homem do Caramulo o que o boi Apis era para os egipcios—um Deus salvador. E' ella que lhe traz o estrume com que planta a horta, que lhe lavra a terra para as sementeiras, que lhe acarreta a lenha para o lume e a pedra para fazer as casas. E' ella que o sustenta, já com o leite que elle vende todas as manhãs, já com o novilho que todos os annos ella cria, e elle leva á feira ou vende á porta.

Homens e mulheres teem pela vaca a mesma simpatia e estima que teem pelo seu semelhante. E a estima que teem pelo semelhante... Mas eu quero um capitulo á parte, para vos descrever o homem moral do Caramulo.

III

—O povo da serra. A sua bondade e hospitalidade. Episodio: uma noite de dezembro nos Jueus. A vida em familia. A resa da noite. A nossa despedida. Revelação inesperada.

Caminheiro infatigavel, tenho percorrido varias terras e conhecido varias gentes.

Por mim teem sido observadas e estudadas quasi todas as regiões do centro do paiz, com a avidez e interesse de quem vê n'isso mais que um simples passatempo, um pretexto para gosar apenas.

Ha regiões que tenho percorrido dezenas de vezes e onde por isso conheço quasi toda a gente em todas as occasiões e aspectos da sua vida social.

Tenho lido tambem dezenas de viajantes e uma coisa que não me esquece nunca e aponto sempre, é a hospitalidade, a franqueza, a naturalidade e sem-ceremonia com que um ou outro d'esses viajantes é recebido ás vezes pelos naturaes de certos povos, em determinadas regiões. Pois, bem, eu que tenho percorrido milhares de povoações, tão diversas em seus usos e costumes; que tenho lido dezenas e dezenas das mais interessantes narrações dos exploradores e viajantes celebres que teem cruzado o mundo em todas as direcções, sou obrigado a affirmar que ainda não encontrei gente melhor que a d'esta serra, a qual, de resto, eu conheço de ha muito, pelas visitas que tenho feito ás suas terras, em todas as epocas do anno. Pois das vezes que até aqui tenho subido, nunca,—ah! isso nunca!—nenhum d'estes pobres cabreiros olhou para mim que eu lhe não lêsse claramente no espirito estas palavras sempre sinceras e sempre repetidas a quem chega:

—Ali é a minha casa: entre. Ofereço-lhe do que houver.

E pois que falamos disto, aproveito a occasião, emquanto estamos nesta bôa terra dos Jueus, para contar uma primeira visita que ha tres annos e por um dia frigidissimo, nevoso de dezembro, lhe fizeram tres desconhecidos, sujeitos que vinham da cidade, cheios da nostalgia dos colegios e do aborrecimento das calçadas.

Quando elles assomaram, quasi noite fechada, ali, á vista da povoação, vindo do poente, tiraram as gravatas e os colarinhos, abotoaram os casacos e desceram... D'esse modo ninguem, certamente, os iria distinguir de negociantes de bois ou compradores de pelles, e elles pela sua parte estariam assim mais á vontade.

Um d'elles estudava para padre e tinha recebido por essa ocasião ordens menores.

Em que apuros ia ver-se para esconder a maldita rapadela...

Não hesitaram.

O da tonsura, que era o mais velho, avançou para uma casa e bateu á porta.

De dentro responderam logo:

— Entre quem está.

O minorista entrou, de chapeu na mão.

Ao borralho estendia-se um velho, de bruços sobre uma esteira e em volta quatro ou cinco filhos, uma velhinha, a avó e dois passageiros, um homem e um rapaz que depois, pela conversação, vieram a saber que compravam cera e pelles. De pé, sobre o soalho e quasi a dar com a cabeça nas telhas, o minorista ia formular o seu pedido, quando o velho da esteira lhe disse muito naturalmente:

— Sente-se para baixo.

— Eu peço desculpa, mas não posso sentarme, porque tenho ali fóra dois companheiros.

— Faça favor de os chamar: que entrem ambos.

— Mas... eu desejava tambem que o senhor, ou quem por ahi tiver, me vendesse tres queijos e um pedaço de brôa.

— Chame lá os companheiros e sentem-se para ahi, que isso havemos de ver se se arranja.

O minorista chamou os companheiros que já batiam o dente com frio.

Um d'elles, que era e é altissimo, a primeira coisa que fez foi uma rasgada cortezia á assem-

bleia, em virtude de ter dado com a testa, rijamente, n'um dos caibros do telhado.

Sentaram-se.

O velho serrano começou, não por lhes perguntar quem eram e o que andavam por ali a cheirar, mas por lhes dizer que desculpassem, pois estava para ali bastante incomodado com um ataque de almorreimas.

Mostraram-lhe o seu pesar, um d'elles receitou um certo remedio infalivel, e falaram d'outra coisa.

O velho então desatou a loquela.

D'onde eram, que negocio tinham e para onde iam.

Os desconhecidos, deante de tanta franqueza e simplicidade não tiveram coragem para mentir. Disseram as suas terras e as suas familias. Andavam viajando e contaram as suas aventuras e impressões do dia. Depois, palavra pucha palavra, falou-se de mil coisas diversas que elles enchiam de risos e de graça, em virtude da satisfação que sentiam por se verem ali, em frente do brazeiro, quentes, abrigados, tranquilos, felizes.

Entretanto uma linda rapariga, a mais linda sem duvida que tinham visto em todo o seu percurso de tres dias, tinha preparado uma bella e abundante ceia. Sopa de hortaliça, em grandes malgas, com brôa no fundo, foi distribuida em roda, a toda a malta.

E,—nota digna do reparo de todo e qualquer viajante desconhecido,—as d'elles eram novas, de olaria pobre, é certo, mas tendo por fóra, em letras bem floridas, ingenuamente, a palavra — *amor*.

Depois da sopa veio uma enorme bacia ou alguidar tão cheio de batatas que mais parecia uma piramide pharaonica do que um saboroso acepipe, rodeado de comilões, d'onde todos comeram como lobos — vorazmente.

Assim, alem de abrigados e seguros, estavam fartos.

Em seguida resou-se.

Eu não sei se conhecem as resas do homem do campo.

Elles, decerto, conheciam-nas, mas nunca tinham assistido ás do homem do Caramulo.

Previam contudo uma grande cantilena de santas e de santos. Mas não foi grande, foi imensa, foi tremenda, foi despotica!

Costumados como estavam ao curto latinorio, resado de pé, no refeitorio dos colegios, quando o velhote enumerou os trinta ou quarenta mais conhecidos santos da folhinha, em louvor dos quaes se iam atropelando *padre-nossos* ou *ave-marias*, segundo os sexos, os trez viajantes julgaram-se livres d'aquella, chegando mesmo um d'elles a principiar uma cruz na testa, como quem vae findar...

Mas qual! estavam ainda no começo. Depois é que vieram os *padre-nossos* e *ave-marias* por alma de todos os parentes mortos desde o bisavô; por alma de todos os amigos e visinhos mais chegados; pelos que andavam sobre as aguas do mar ou iam, nesse momento, pelo mundo, em perigo de salvação; por todos os que morreram sem sacramentos e até — suprema tolerancia do povo — pelos que morreram impenitentes; por todos os que estavam a arder nas chammas do purgatorio, sobretudo pelos que lá estavam ha mais tempo; por aquelles que morreram não tendo parentes nem amigos que resassem por elles; por todos os que...

O minorista quando, depois de tres quartos d'hora de serena e beatifica posição, conheceu que a estranha cantilena não dava indicio algum de terminar, deixou de fingir que resava, cerrou os dentes e esperou resignadamente a consumação do suplicio que só acabou depois de bem desfiadas todas as devoções para com Deus e os santos.

Por fim veio a Salve-Rainha e a seguir uma grande e bem formulada oração que todos trez ouviram com surpresa, porque era muito simples, mas cheia de coisas bellas e tocantes, como nunca tinham ouvido entre a gente do vulgo.

Benzeram-se, pediram a bençam á velhinha e ao patrão da esteira e depois de meia hora de ameno cavaco, solicitaram um palheiro onde fossem enterrar-se e dormir até ao dia seguinte.

Levaram-n'os a um quarto bastante confortavel, onde lhes deram, alem das bôas noites, uma cama com lençóes! E se não dormiram foi porque os espiritos estavam de tal modo sugestionados pelas impressões e aventuras do dia, que toda a noite se passou a contar casos engraçados, que interrompiam a cada momento com as mais francas e estrepitosas gargalhadas que de suas gargantas jamais tinham saido.

Quando, logo de manhã cedo, o buraco luziu, foram pedir contas para seguir derrota.

A doce velhinha que estava já preparando o almoço, mais a sua linda neta, não comprehenderam, visto responderem que lhes não fa-

ziam favor nenhum em se irem embora sem comer o almoço, porque a despesa, se alguma tinha havido, estava feita.

O velho, esse fez que não ouviu e mandou-nos sentar.

— Não, sr. Salvador, nós queremos partir. Faça favor de nos dizer...

— Vocemecês não saem d'esta casa sem levarem o almoço na barriga... Pois onde é que querem ir comer?

Os surpresos viajantes, olharam-se mutuamente. O encolher d'hombros do minorista indicava que não havia remedio senão obedecer.

Comido finalmente o bello e suculento almoço de carne nova e renovado o pedido da conta, o velho serrano virou-se para os trez e disse-lhes, meio a brincar e meio a serio:

— A conta? então se eu algum dia fôr a casa de vocês e lá comer duas sardinhas, tambem me pedem alguma conta?... Pois então vão com Deus, e se alguma vez por aqui tornarem a passar, não se esqueçam d'esta porta; teem aqui sempre uma fogueira para se aquecerem do frio e um bocado de brôa para matarem a fome.

Agradeceram não sei com que palavras e á despedida revelaram o resto do seu incognito: eram estudantes de Coimbra!

O alto, para dar uma prova do que acabavam de afirmar, arrancou-me o chapeu — porque um dos desconhecidos, o minorista, era o mesmo que hoje escreve estas ligeiras notas — denunciando a toda a gente essa tão resguardada tonsura, que por signal vinha ainda fresca das mãos do bispo e do barbeiro que m'a fizera brilhante como um espelho, pequena e redondinha como a divina hostia dos altares.

(Continúa)

THOMAZ DA FONSECA



LAVANDO E CANTANDO

Ponte junto de Tondella

HENRY FIELDING

Um grande romancista cujos restos repousam em Lisboa

(*Conclusão*)

Ainda não desembarcara e já o exilio começava a mostrar nelle os seus habituaes effeitos: o inteiro esquecimento dos males passados e a excessiva sensibilidade para os presentes. Aquelles que são aqui chamados «os nossos bons marujos» — *our honest tars* — são os mesmos, mas individualmente os mesmos, que semanas antes tanto magoaram o grande escriptor, tolhido e disforme de hydropisia, saudando a sua ascensão pelo guindaste com uma salva de apupos.

«*Quarta feira.* — Lisbôa, deante da qual estamos agora ancorados é, dizem, edificada sobre o mesmo numero de collinas que Roma; mas do rio não se podem distinguir; pelo contrario, vê-se daqui sómente um grande e alto monte e uma rocha, com casas que se apinham umas sobre as outras tão ingreme, e quasi tão perpendicularmente que parecem ter todas os mesmos alicerces.

«Casas, conventos, egrejas, etc., são grandes e todas construidas de pedra branca; parecem muito bellas vistas de longe, mas quando nos aproximamos e as vemos núas de ornatos, toda a idéa de belleza se desvanece. Emquanto examinava o panorama desta cidade, tão pouco semelhante a quantas tenho visto, occorreu-me a reflexão de que se um homem fosse subitamente transportado de Palmyra para aqui, sem ver outra cidade, que bella lhe devia parecer a architectura antiga e que perda e destruição das artes e sciencias elle supporia ter-se dado durante os muitos seculos que separam as duas cidades!»

Depois de ter esperado tres grandes horas sobre o convez o regresso do seu creado que mandara a terra comprar um bom jantar e alugar uma cadeirinha que o levasse do caes para a cidade, Fielding teve a revelação de mais uma extravagancia das leis portuguêsas. «A's tres horas, quando o vacuo do estomago já me tinha posto mais desfallecido que faminto, o meu creado voltou, dizendo que uma lei



ONDE FIELDING ESCREVEU O «TOM JONES»

Fielding Lodge, Twerton-on-Avon, uma das residencias do romancista

recente prohibia a todos os passageiros o desembarque, sem uma ordem especial do *providore* (sic) e que elle proprio estivera quasi a ser preso e apenas escapara disso fazendo-se passar por creado do capitão. Affirmou-me que o capitão empregara todas as diligencias para obter a ordem, mas que o provedôr estava a dormir a sesta e que nessas occasiões pessôa alguma, com a excepção unica do rei, ousava ir incommodá-lo.

«Para evitar prolixidades, embora numa parte da minha narrativa que deve ser mais divertida para o leitor do que o foi para mim, o provedôr, tendo finalmente acabado a sua sesta, deu despacho a esta absurda formalidade, permittindo-me vir, ou antes ser transportado, para terra.»

Fielding perde-se em conjecturas sobre a causa primitiva de tão extranha lei e crê achá-la no receio duma dessas surprezas «de que o cavallo troiano será sempre um grande e memoravel exemplo». Esse receio parece-lhe rasoavel porque «um navio de duzentas ou tresentas toneladas sempre accommodará um exercito mais numeroso do que aquella famosa maquina, embora Virgilio a apresente (um pouco hyperbolicamente, parece-me) mais volumosa que uma montanha».

«Por volta das sete horas da tarde,» continua, «entrei para uma cadeirinha no caes e fui levado pela mais immunda, embora tambem

uma das mais populosas cidades do mundo, a uma especie de botequim, muito agradavelmente situado no alto dum monte e com uma bella vista do Tejo, desde Lisboa até ao mar.

«Comemos aqui uma boa ceia que nos fizeram pagar tão bem como se a conta tivesse sido redigida na estrada de Bath, entre Newbury e Londres (1).»

Assim termina esta *Viagem para Lisbôa*, a que o auctor bem poderia ter dado o titulo duma das suas obras de phantasia, *A Journey from this World to the next*, — *Uma viagem deste para o outro mundo.* A 8 d'outubro fallecia o grande escriptor, sem que no seu diario se encontre vestigio algum duma residencia de dois mezes em Lisbôa, a não sêr, no prefacio, um brevissimo parenthesis sobre «o pomposo beaterio» da cidade.

*
* *

E' curioso seguir-se a evolução de Fielding no romance. Começou como disse por *Joseph Andrews*, uma satyra, quasi uma parodia á celebre *Pamela* de Richardson: Joseph Andrews é apresentado como irmão de Pamela a quem escreve cartas, contando-lhe os perigos que corre a sua virtude nas garras da grande dama a cujo serviço está, caricatura da ingenuidade assucarada e da sentimentalidade de Richardson, cuja vaidade offendida se vingava pela diffamação do seu rival. Joseph Andrews foge ás seducções da *lady* que pretendia attentar contra o seu melindroso pudor e parte a pé e sem dinheiro para a terra. No caminho encontra o dr. Adams, ingenuo cura da sua parochia que, ignorante do mundo, ia a Londres fazer fortuna com a venda dos seus sermões a um livreiro, e desenganado a meio caminho, retrocede em companhia do seu parochiano. Todo o livro se compõe das aventuras desta jornada, de episodios de estalagem em que os narizes esmurrados e as cabeças partidas enchem uma parte consideravel.

Mas desses episodios dois pelo menos teem genio. Um é o encontro á porta da estalagem dum fidalgo que offerece aos viajantes para o resto da jornada o seu *coach and six*, que promette ao ecclesiastico um optimo beneficio de que era padroeiro, que encommenda para os dois companheiros o melhor tratamento e accommodações da casa, e desapparece, deixando por unica realidade, depois desse sonho deslumbrante, uma conta de perto dum guineu para ser paga com menos de dois shillings que restam ao *parson*. O outro é a visita ao *clergyman* transformado em camponio, alimaria illetrada que negoceia em porcos e tyrannisa a mulher que o trata por *my master*, serve-o á mesa, teme-o e admira-o como uma escrava negra. Nestes dois pequenos quadros, e principalmente em algumas das novellas independentes enxertadas no romance á maneira de Cervantes, já o futuro grande romancista se pressente. Uma dellas é assim inserida:

«... passavam em frente duma grande casa quando uma senhora que ia na diligencia, disse: — Acolá vive a infeliz Leonor... ». E a historia de *Leonor ou a namoradeira infeliz* começa, contada pela senhora. Passado um instante o leitor esquece esta introducção forçada, empolgado pelos admiraveis esboços de caracteres, divertido pelo ridiculo typo do *franchinote* chegado de Paris, vestido á francêsa, cheio de horror por tudo quanto é nacional; e nem se repara no absurdo das suas cartas recitadas de cor, com erros de orthographia.

Jonathan Wild, o segundo romance de Fielding, incluido primitivamente em um volume de *Miscelanies*, não representa a meu vêr um passo na sua evolução como romancista, mas uma excursão para a allegoria satyrica no genero de Swift. Jonathan Wild, *pick pocket* e chefe de quadrilha quer symbolisar o grande homem da Historia, o conquistador, o guerreiro, o politico poderoso, e mostrar que a grandeza epica se resume na indifferença olympica para o crime. O grande homem da novella de Fielding é biographado do principio ao fim em estylo solemnemente ironico. Um critico recente pretende que nunca o auctor se elevou a maior altura do que neste livro e acha injustissima a pouca popularidade de que elle sempre gosou e gosa e os poucos e frouxos admiradores que conta entre os modernos escriptores inglêses. Eu pela minha parte confesso que incorro na censura. A intenção demolidora de Fielding errou o seu alvo. Não se exhala de *Jonathan Wild* a melancolia negra que se aspira por exemplo na viagem ao paiz dos cavallos, em *Gulliver*; mas tambem não se nota nesta obra a inversão completa de effeito, que se dá em *The*

---

(1) Equivalente inglês do Pinhal da Azambuja, no tempo de Fielding.



UM EPISODIO DO «TOM JONES»

A heroina, Sophia, está sentada ao piano; Tom Jones está em pé junto d'ella, e o pae d'ella, o Squire Western, dormita n'uma cadeira. As palavras correspondentes do texto são as seguintes: (Livro V, cap. II): «O espirito d'ella estava n'um alvoroço visivel; tocou por modo tão intoleravel que seu pae teria dado por isso, se não tivesse pegado no somno».

luck of Barry Lindon, de Thackeray, ou em *Candide*. *Barry Lindon* foi escrito com a intenção ridiculamente moral de curar o gosto pelos criminosos romanticos, apresentando em toda a sua infame realidade um aventureiro irlandês do fim do seculo XVIII; — e a gente não pode deixar de seguir com interesse e, o que mais é, com sympathia, as aventuras desse pittoresco cynico. *Candide* quer metter a ridiculo o optimismo: — e eu não conheço mais efficaz remedio para restituir o bom humôr e dar um sentimento de leveza de animo e reconciliação com a vida. Mas *Jonathan Wild* só de longe a longe é contraproducente deste modo. A impressão mais nitida que do livro nos fica é a fadiga dum gracejo prolongado muito para além dos limites da sua elasticidade.

Ou porque reconhecesse espontaneamente a sua inaptidão para o genero, ou por advertencias do seu editor desanimado com o pequeno lucro da obra, Fielding abandonou para sempre a allegoria sarcastica e seis annos depois publicou *Tom Jones*. Na primeira metade deste grande romance vê-se que é a primeira vez que o auctor faz manobrar uma multidão numerosa de personagens, pois *Joseph Andrews* era uma historieta unilinear em que os personagens secundarios apparecem e desapparecem com os episodios independentes em que figuram. Em Tom Jones o desenvolvimento e o agrupamento das figuras é a principio falto de harmonia e de ordem. Tem-se por vezes a impressão de que os caracteres de primeiro plano estão insulados na ilha deserta da *Tempestade* de Shakespeare e que os sortilegios de Prospero fazem surgir do nada e ao nada recolhem outra vez os comparsas, segundo as necessidades da narrativa. Mas de certa altura em deante os vasios da composição vão desapparecendo e a enorme tela enche-se e anima-se.

E' verdade que nos numerosos capitulos da viagem de Tom Jones, expulso da casa do seu protector, o romance volta á forma unilinear de *Joseph Andrews* e as aventuras succedendo-se sem ligação, os personagens outra vez encontradiços, contribuem para illudir a difficuldade. Neste romance ainda cada livro tem um longo exordio humoristico, a acção é a miudo interrompida pelas divagações do auctor e as scenas burlescas, os pugilatos plebeus são apresentados sob a forma heroe-comica de parodias homericas. Apesar de tudo, porém, que obra prima do romance é esse *Tom Jones!* Desta vasta galeria de figuras, uma das que mais fundamente se gravam na memoria é Mr. Western, velho *squire* rural, ignorante, brutamontes, quasi sempre bebedo, mentindo descarada e puerilmente, dizendo deante da filha as ultimas obscenidades, mas tudo com uma animalidade tão candida, que a gente chega quasi a amál-o e vê-o sempre desapparecer com a magua que causa um *exit* posto como rubrica depois de uma falla de sir John Falstaff. As suas explosões infantis de contentamento, as suas desmarcadas pêtas, as suas violencias grotêscas, a sua volubilidade, causam, sob o riso, uma como veneração pela desencadear da energia da natureza que é essa alimaria. Quando suppõe a filha resolvida a casar com o noivo que lhe escolheu, corre a casa toda, a dançar, a cantar, a bater as palmas. Depois, descobrindo a paixão della pelo engeitado Tom Jones, o seu furôr é vulcanico. Seguram-n'o a custo; e elle aphono de colera só consegue proferir uma phrase que o longo uso tornou maquinal: o convite a Tom Jones «para beijar no seu corpo precisamente o mesmo sitio que no delle vergastaria» se o deixassem livre. Uma irmã alitteratada e pedante tenta aconselhá-lo a usar de diplomacia com a filha e serve-se, segundo o seu costume, de comparações tiradas da politica internacional, em que é versadissima. O *squire* responde-lhe: «Lá vem a mana com a sua politica! Faço tanto caso della como dum... e acompanhou a palavra do acto que entre todos mais proprio se lhe affigurou para a exemplificar e illustrar.» A filha foge de casa para evitar o casamento forçado e elle parte no seu encalce. Mas a meio caminho os cães começam a farejar o ar e a latir com furia: — e ei-lo, esquecido de tudo, a trepar outeiros, a atravessar regatos, tão inteiramente absorvido como a sua matilha pelo frenesi de apanhar uma lebre.

Tom Jones, com toda a sua paixão por miss Western não é uma maquina de suspiros e ais. E' um homem vivo, de carne. Sim, de carne moça e valida que reclama imperiosamente o que lhe é devido. Uma noite sae pelo luar para dar expansão á felicidade de se saber amado, que o não deixa estar quieto. A certa altura encontra Molly, a filha do guarda caça que volta do trabalho, trazendo na mão um garfo de espalhar estrume. Molly fôra a sua primeira amante; detem-se a fallar-lhe; a conversa

anima-se, — e os dois vão-se internando e desapparecem na sombra discreta da matta... E na sua viagem para Londres, expulso pelo generoso manequim de virtudes seu protector, que uma intriga habilmente urdida indispoz contra elle; separado sem esperança da mulher que ama; quasi sem dinheiro: — se nas estalagens onde pernoita tem a sorte de encontrar alguma viajante ou alguma maritornes que lhe faça companhia, não é Mr. Jones que cae na tolice de dormir só.

Tres annos depois de *Tom Jones*, publicou Fielding o seu ultimo romance, *Amelia*. Não se comprehende facilmente a razão porque o publico inglês e com poucas excepções, a critica inglêsa, preferem a este livro o anterior. O prefaciador duma edição recente de Fielding explica e a meu vêr com grande versomilhança o facto por não ser este livro uma historia de amor terminando em casamento, e apparecerem os protogonistas, ao começar a acção, já casados ha annos. *Amelia* é a historia dum joven casal e das suas difficuldades financeiras, historia entrecortada de varias prisões por dividas, do marido, muitos homizios do mesmo para as evitar, e terminando pela recepção duma herança ha muito sonegada que vem tirar a familia de difficuldades.

Um seculo depois, não qualquer leitor piégas de romances de fancaria, mas Ruskin, escrevia a Tennyson que a tristeza do assumpto, em *Maud*, era uma das poucas restricções ao seu enthusiasmo pelo admiravel poema (1), quando um desfecho tragico prejudicava um poema aos olhos d'um homem que consagrou toda a sua vida á arte, o que não succederá perante o grande publico a uma acção que, sem ser tragica, não é todavia a classica acção da maioria dos romances inglezes; um amor contrariado atravez de quatro volumes e terminando a contento de todos em casamento? Eu acho rasão ao critico inglês de quem fallava. Realmente Fielding pagou com a impopularidade a audacia de ter feito, um seculo antes de Balzac, da vida conjugal, do dinheiro e das suas torturas, o assumpto de primeiro plano dum romance. Eu pela minha parte declaro que acho *Amelia* uma das mais perfeitas obras primas do romance universal. Neste livro já Fielding abandonou os preambulos humoristicos, de que, como elle proprio confessa, tanto se orgulhava de antes. Não ha novellas extranhas exertadas na narrativa central, que apenas se interrompe para deixar ouvir, como em um romance d'hoje, a historia pregressa dos personagens. As caras esmurradas e as cabeças partidas, que ainda superabundavam em *Tom Jones*, são reduzidas ao verosimil; e as scenas em forma de parodia aos combates da *Illiada* desapparecem de todo.



O SQUARE WESTERN

Uma das personagens da peça representada ultimamente em Londres e baseada sobre o «Tom Jones»

Mas neste livro a maior delicadeza de impressão geral não depende apenas de causas negativas. Fielding progrediu no poder de execução e sabe agora fixar magistralmente aspectos duma subtileza que d'antes lhe escapava. É comparar a familia James deste romance com a vida conjugal de Mrs. Bridget, em *Tom Jones*. O odio entre esta e seu marido, exacerbado pela monotonia, pela vida desoccupada e pela reunião forçada numa casa de campo, explude a cada momento em disputas violentas e pirraças mutuas. Mr. e Mrs. James,

(1) Carta de Ruskin *in Alfred Lord Tennyson, a memoir by his son*, Londres, 1899.

porém, odeiam-se com irreprehensivel elegancia. Quasi nunca se encontram senão em sociedade e nessas occasiões servem aos seus hospedes o espectaculo duma ternura conjugal mais finamente executada que um passo de minuête. Quando a força das circumstancias os obriga a uma entrevista hostil, é com a mais perfeita polidez que trocam as mais odientas injurias. Mrs. James, muito longe de se deliciar, como Mrs. Bridget, em arreliar o marido, só uma vez é accommettida por esse capricho, de que Mr. James a cura num momento, annunciando-lhe que no dia seguinte terá ás suas ordens uma carruagem para a transportar a uma solitaria casa de campo que ella detesta. Eil-a immediatamente prompta a negociar um tratado de paz. Ella exige duzentos guineus para uma despeza urgente e a promessa de passar o verão em duas terras de villegiatura elegante. Elle pela sua parte quer que ella o auxilie na seducção de Amelia, convidando-a a miudo para jantares e chás. Mrs. James tem certa difficuldade em comprehender a paixão de seu marido por tão insignificante creatura, cujas imperfeições desfia serena e minuciosamente durante uma pagina. Mas isso não é com ella e portanto nenhuma objecção tem a oppor a um pedido tão facil de satisfazer. Concede mesmo mais: presta-se espontaneamente a levar comsigo Amelia, quando fôr veranear em Tunbridge e Bath. Elle fica de tão bom humor que a beija. E ella, brincando com o leque, dá-lhe amigavelmente um conselho. James, ella sabe-o, projectava obter para o marido de Amelia o commando dum regimento ultramarino. Má política! Amelia acompanharia o marido. «Mas se poder obter-lhe um regimento na Gran-Bretanha, tenho a certeza de que com isso conquistará a affeição della, e quando elle fôr chamado por motivo de serviço, ella ficará cá; e a distancia de Pokshire ou da Escocia vale para o caso a de qualquer das Indias.»

Nisto começam a entrar as visitas. E, «a julgar pelo modo por que elles se tratavam, um extranho acreditaria ter estado na companhia do mais terno casal do universo».

Logo no começo empolga-nos o admiravel quadro da prisão sob cujas abobadas frias e medonhas se agita um pasmoso formigueiro humano, meretrizes, *pick-pockets*, jogadores assassinos, um philosopho atheu que sonha ao jogo, um asceta da então recente seita methodista que o fulmina em discursos mysticos, de olhos em alvo, em quanto vae dando busca ás algibeiras dos campanheiros de prisão. Toda esta multidão se precipita de repente, como um cardume de peixes ao cair na agua uma migalha, anciosa por se deliciar com espectaculo de trinta açoutes a que fôra condemnado um recemvindo; mas logo se dispersa cheia de decepção, ao vêr a pena commutada em alguns shillings de gorgeta ao carcereiro. E d'aqui até á ultima das seiscentas paginas que conta o romance, o interesse, a quasi illusão, mantem-se como atravez dum livro de Balzac. O conflicto dos personagens é, ao contrarío do que se dá em *Tom Jones*, duma verosimilhança que surprehende. Toda aquella massa de figuras se agita, apparece, lucta, desapparece, movida apenas pela mola intima do caracter e pelas circunstancias externas e não já pela vara magica de Prospero. E pelo meio destas ondas de vida passa o digno Bath, direito e severo, punindo com o seu desprezo, quando nãoé com a sua espada, todo o infeliz que, sem dar por isso, infringe algum principio subtil do seu complicado codigo de honra.



UMA SCENA DO «TOM JONES»

Peça representada em Londres. As personagens reproduzidas são Tom Jones e Sophia, quando o primeiro declara o seu amor

*
* *

Porque é, vem a proposito perguntar no final deste estudo, porque é que estes romances, cujos assumptos são, como se viu tão prosaicos e cuja população é recrutada na mediania e muitas vezes na escoria humana se leem com tão profundo, tão sincero prazer, ao passo que tantos romances e dramas modernos, cheios de intenções philosophicas, e sociaes, symbolicos, povoados de almas aristocraticas fazem bocejar tanto? A resposta é facil: — é porque o velho mestre inglês foi um creador de vida. Mas esta formula precisa de ser desenvolvida.

Um creador de vida não é um lucido investigador da vida, nem um architecto de theorias sociaes. E' um espirito em que os mil accidentes da existencia real, como sementes trazidas pelo vento se depositam e começam um trabalho de germinação occulta, como a das searas e relvas sob as neves do norte. Chega um momento em que a febre da producção, que nasce não se sabe como nem porquê, derrete ao seu calor essa crusta de inconsciencia. De baixo della surge a surpreza duma vegetação maravilhosa, cuja forte seiva borbulha impaciente por rebentar em ramos novos, — vegetação a que as particularidades do solo dão muitas um aspecto phantastico, uma extranheza de côres, de formas, de perfumes, que não havia na humilde flora donde se desprenderam os germens.

Li ha poucos annos num jornal francês um artigo acerca duma biographia recente de Disraeli, no qual se affirmava a superioridade como romancista do lord judeu sobre Thackeray. Tackeray, dizia esse artigo, só no estylo o excedeu; no mais, o seu espirito estreito de moralista burguês fê-lo ficar muito áquem. Que deploravel confusão isto revela! Disraeli conheceu a primeira sociedade aristocratica e politica da Europa e observou-a, não ha duvida, com os olhos livres de preconceitos dum judeu estrangeiro em toda a parte, mesmo na synagoga, que abandonou muito novo. Todavia que tedio causam todos os seus romances, mesmo quando pintam com toda a exactidão a sociedade e a politica inglêsas. Qualquer das innumeras misses que na Inglaterra chegam ao fim da vida com uma producção de cem romances, tem em muito maior grau do que elle, o dom de nos interessar pela vida inglêsa. E' porque no espirito delle se não deu a sementeira de acaso e a germinação occulta de que eu fallava. E a simples intelligencia lucida, a fina observação desinteressada, servidas por algumas qualidades litterarias e mesmo até por altas qualidades litterarias, o que não acontecia de certo com Disraeli, não bastam para realisar a obra do romancista nato, tão impossivel de contrafazer, se na impossibilidade ha mais e menos, como a do poeta nato. Thackeray, é verdade, soffría de rigidez puritana, fez alguns romances movido por meras intenções moraes, — e apezar disso os seus livros são mais interessantes e — note-se bem — mais verdadeiros do que os dos mais desabusados septicos que não nasceram romancistas. A verdade na obra d'arte não significa *exactidão*, significa *genuinidade*, significa *organisação*. Quero dizer: caracteres e quadros devem nascer desse mysterioso subsolo do espirito que tem o exclusivo poder de crear nos dominios do subjectivo um mundo tão irrecusavel, tão consistente, tão *natural*, como o mundo objectivo. E os caracteres, para serem organisados hão de desenvolver-se pelas suas energias intimas, obedecendo a um plano inconsciente, que os traços successivos vão revelando, — tal como acontece ao germen dum animal ou duma planta. Os outros, os retratos individualmente exactos, crescem de fora para dentro, por simples addição de materiaes, como as cousas mortas, como crescem as dunas, como crescem os montões de entulho. Certas passagens da *Reliquia*, *O Anão*, de Fialho d'Almeida, situações phantasticas de Dickens, que parecem pesadelos absurdos, são mais verdadeiros sob o ponto de vista da arte do que todos os quadros dos *naturalistas*, feitos sobre apontamentos tomados escrupulosamente do natural.

O verdadeiro romancista folheando um album de photographias, anima em romance as figuras de desconhecidos que se entreteem a examinar e dá-lhe por scenario uma villoria vista de passagem em algumas horas. Uma physionomia, uma attitude, a gebice dumas calças, a ingenua pretenção dum fraque ou dum colarinho desastrados, bastam a acordar o nucleo gerador. Depois, dialogos, acções, aventuras vão sendo segregados e vão-se espontaneamente aggregando e dispondo em volta delle, — como uma cellula proliféra e as cellulas que se vão gerando se agrupam e transformam segundo uma Idêa immamente

de organísação. Nos personagens assim creados todas as contradicções são harmonicas, porque os traços mais oppostos são derivados do mesmo nucleo ao passo que nos manequins feitos pelos escriptores que não nasceram romancistas, a maior coherencia das feições tem apenas o encadeamento glacial dum sorites e nem por um momento dá a illusão da vida. Esta, só os dois inviolaveis mysterios, o externo e o interno, a Natureza e o Genio, a podem crear. A intelligencia raciocinante e a habilidade technica podem fazer bonifrades de mais ou menos complicada relojoaria, com olhos de vidro azul, mais ou menos ethereos, e não passam daqui.

O que atravez duma creação litteraria se contempla é afinal a energia que sob ella se entremostra, esquiva, e mantem occultamente a cohesão das suas partes: a muda, a incorporea Idêa directriz.

É por isso que caracteres prosaicos e vis como a ama de Julieta e a creada de misse Western, pobres diabos solemnes e ridiculos como o coronel Bath, alimarias como *squire* Western, são infinitamente mais proprias para interessar vivamente o espirito e para elevar á contemplação metaphysica quem della seja do que a maior parte dos symbolos ideados com as melhores intenções poeticas e misticas.

CARLOS DE MESQUITA.

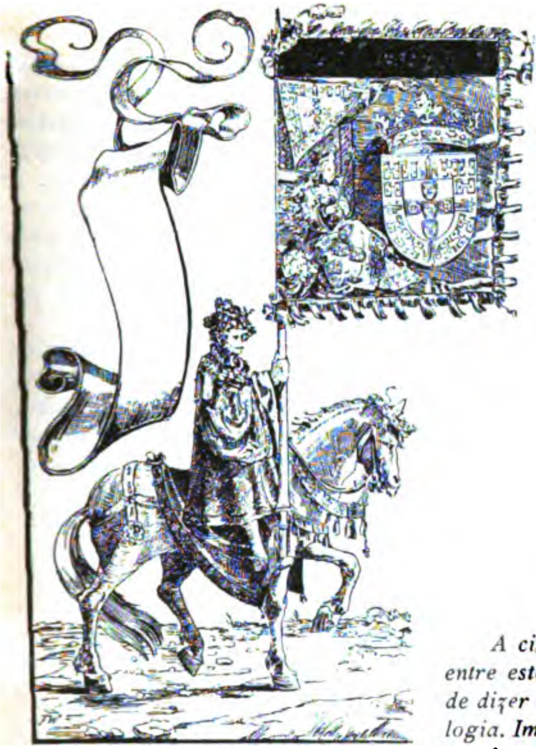
Quarto concurso photographico dos "SERÕES"

Menção honrosa



Nossa Senhora da Rocha

Photographia de Antonio Rosa da Silveira, de Lisboa



ARMAS PORTUGUEZAS

Da gravura de Durer «cortejo triumphal do imperador Maximiliano»

A architectura da Renascença em Portugal

por **ALBRECHT HAUPT**

PARTE II

O PAIZ

Prefação á parte segunda (1)

A circumstancia de haverem permeado quatro annos entre este segundo tômo e o primeiro, faculta-me ensejo de dizer aqui umas palavras. Antes de tudo mais, a apologia. Importantes encargos de edificação, e ainda outras tarefas, me tem impedido até hoje de completar este meu trabalho, e aquelles que se interessam por estes assumptos não deixarão de concordar em que, o modo porque uma qualquer manifestação da Arte de edificar impressiona o olho do profissional diverge immensamente da respectiva concepção do méro escriptor ácerca de assumptos de Arte, o qual tem como sestro despachar de um rasgo de penna a tarefa, e diverge, nem sempre, em favor deste ultimo mencionado; no profissional, no lidimo sentido do vocabulo, cumpre, acima de tudo mais, considerar o verdadeiro praticante da Arte.

Escriptores no dominio da Historia da Architectura, e que, á similhança de Cornelio Gurlitt, são duplamente profissionaes, pertencem ás excepções.

Além de que, a elaboração individual das illustrações exigiu de mim um importante contingente de trabalho e de tempo, e muito mais do que o exigiria qualquer somma de texto fabricado ao correr da penna. Estas, no presente caso, e com excepção de pouco mais de uma duzia de primorosos desenhos, elaborados em Munich, ainda em 1890, segundo photographias pelo meu amigo C. F. Weysser — vão firmados com o seu nome — foram todas delineadas por minha propria mão.

Como até aqui, cingi-me invariavelmente á fiel reproducção dos meus estudos originaes, conscio, aliás, de que nem sempre o haverei feito com vantagem do aspecto elegante das reproducções.

O papel por vezes grosseiro dos bosquejos de viajante impõe mais de um obstaculo tanto á penna como á reproducção dos desenhos; e por isso, num ou noutro caso, tive que os desenhar quasi que de novo, afim de não prejudicar, por mingua de veracidade, o aspecto dos mesmos.

Séja-me ainda levado em conta o empenho em querer evitar os reparos de um verdadeiro entendedor, o qual, com respeito ao tomo primeiro, verberou, aqui e acolá, o aspecto «enxovalhado» dos desenhos. Não desejo ser incluido no numero desses desenhistas que a tal ponto imprimem o cunho da propria individualidade ás suas producções, conforme succedia ao proprio Viollet-le-Duc, que a entidade do original fica no segundo plano.

---

(1) A parte primeira d'este importante trabalho, que tanto interesse tem despertado no meio artistico de Portugal, acha-se publicada na primeira serie dos *SERÕES*, volumes III e IV.

O presente volume não deixará, aliás no sentido mais amplo, de poder reivendicar algum valor para a historia da Architectura, visto como em alguns pontos offerece novidade. Assim, pois, persuado-me de, pela vez primeira, haver estabelecido tal qual ordem no tocante á implantação de uma colonia de esculptores francêses em Coimbra, com o alcance, pelo menos, de facultar o poder-se assentar sobre bases mais claras uma historia especial dos mesmos esculptores, a qual certamente se tornará tão desejada como a dos outros muitos ramos de Arte até hoje dezenas de vezes refogados E vem a proposito mencionar aqui a circumstancia de que sou excepcionalmente grato ao sr. Sousa Viterbo, de Lisboa, pela amigavel offerta dos seus tanta vez citados quanto indispensaveis opusculos, referentes á historia do edificio de Santa Cruz e contendo os principaes e mais importantes documentos respectivos ao mesmo edificio.

Entre outras coisas, coube-me a sorte de tornar conhecido, desta vez, a final, um edificio que deve indubitavelmente de ser attribuido a Andrea Sansovino, *a saber, o Castello de Alvito, mansão acastellada, mencionado por Vasari. Ainda quando isto não represente muito, por quanto, uma investigação cabal do dito castello, tanta vez reedificado, o poderá confirmar, sendo possivel verificar-se a assignatura do artista, em todo caso temos uma indicação local e como tal de pêso, visto como ao instavel D. João II, bem como nos primeiros tempos a D. Manuel, mal se poderá attribuir uma residencia realenga, em condições de regularidade e merecendo semelhante designação, na qual uma sociedade com predilecções artisticas se dignasse pousar.*

Além daquelle edificio inclino-me a attribuir a Sansovino: a parte central do altar do lado esquerdo do arco do côro, no mosteirinho da Pena, assim como uma arcaria sobre columnas na praça do Mercado, em Evora. As estatuas de Belem, citadas por Justi como apresentando plausibilidade de lhe serem attribuidas inclino-me a pô-las de parte, visto que a construcção foi principiada depois da retirada de Sansovino, e as não considero como antigas.

Resta-me ainda tributar aqui a minha gratidão á munificencia do senhor barão e doutor Julio de Königswarter. As despêsas deste volume foram cobertas em absoluto por este amigo dedicado da Arte portuguêsa.

O meu digno amigo e senhor Gabriel Pereira, director da Bibliotheca Nacional de Lisboa, tem-me ainda, como anteriormente, acudido com valiosas noticias. A estes cavalheiros reitéro eu aqui os meus mais sinceros agradecimentos.

Oxalá o livro pela sua parte possa vir a ser de algum valor para a ampliação do tão explorado campo da Historia da Arte, e em consideração de quanto de novo apresenta venha a encontrar uma indulgente avaliação de suas fraquezas.

Hanover, no outomno de 1894.

Albrecht Haupt.

Referencias literarias correspondentes á parte primeira

Sousa Viterbo — O mosteiro de Santa Cruz de Coimbra—Annotação e documentos. Coimbra, 1890.

Visconde de Condeixa — O Mosteiro da Batalha em Portugal — Monographia ornada de 26 gravuras heliographicas — Lisboa e Paris.

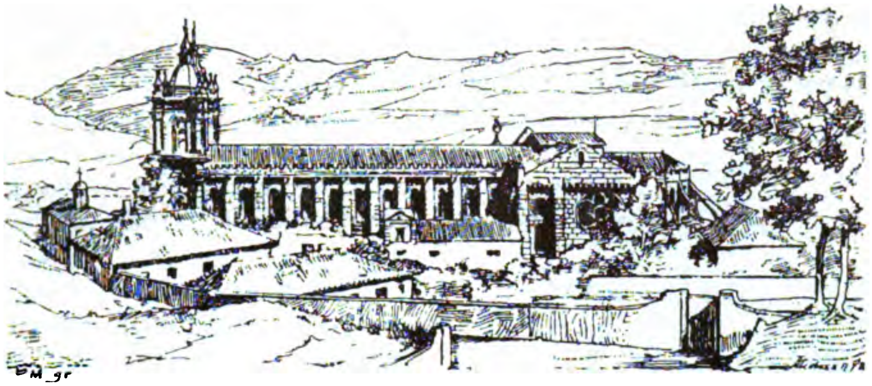
Ferdinand Denis — Portugal. Paris, Didot, 1846.

Léopold Méry — Emmanuel, ou la Domination Portugaise dans les Indes orientales au XVIème siècle — Tours, 1846.

Mestre Andree de Resende — Historia da antiguidade da cidade de Evora — Lisboa, 1873.

Do mesmo — De antiquitatibus Lusitaniæ libri IV. Romæ, 1607.

Peter van der Aa — Beschryving van Spanjen en Portugal. Leyden, 1707.



ALCOBAÇA

I

ALCOBAÇA

Caminhando para o Norte, alcançamos a tão antiga Alcobaça (1), situada no ponto mais fertil de um apertado valle, e onde, posteriormente, veiu a erguer-se a mais importante instituição religiosa dos primeiros reis portuguêses (1153). A imponente abbadia cistersiense, doada a S. Bernardo de Clairvaux pelos novos senhores da terra como tributo afim de obterem a soberania; matriz de 18 mosteiros filiaes, com o seu grandioso templo consagrado á Mãe de Deus, constitue um dos edificios de maior unidade do seculo XIII, comquanto, em eras mais proximas, lhe hajam acrescentado uma nova fachada, ampliando-a com varias construcções (2).

Edificada em estylo gothico primitivo e por vezes um tanto rude, quer a egreja quer o mosteiro, no seu conjuncto, ficaram concluidos em 1223.

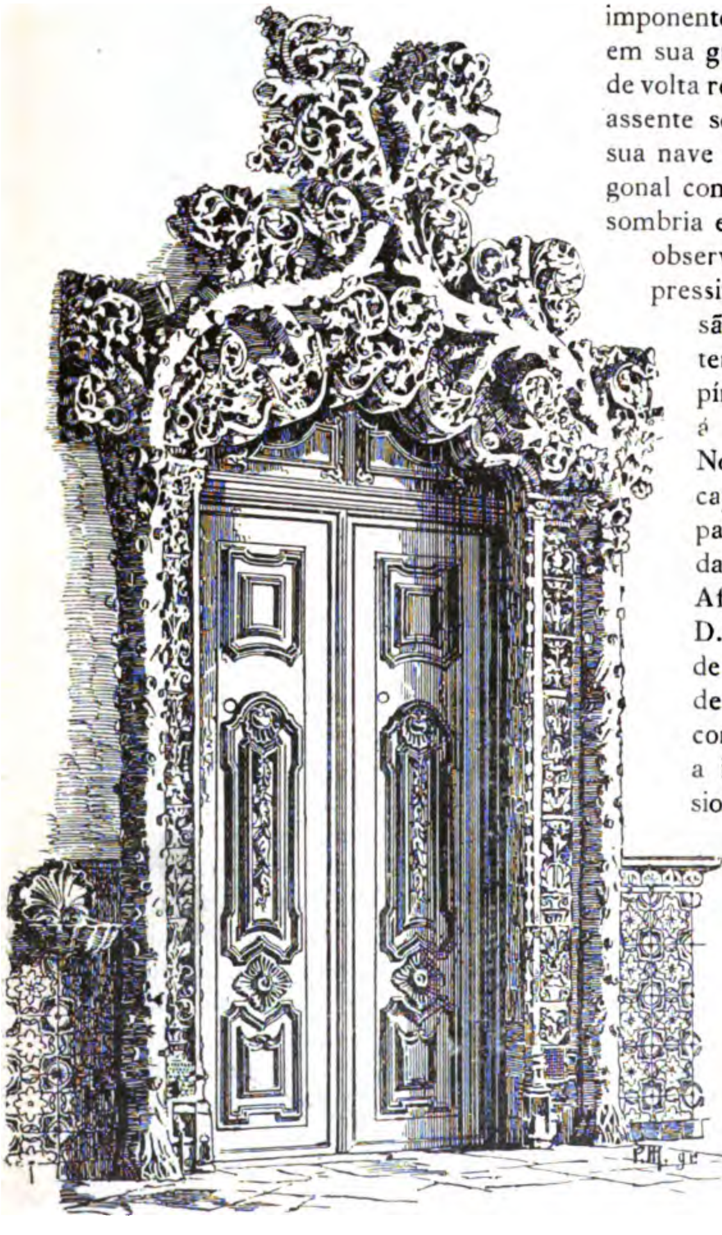
Ahi pelos fins do seculo dotou-os el-rei D. Diniz com o seu tão formoso claustro. El-rei D. Manuel ampliou o edificio, adornando-o em parte com sumptuosidade; o cardeal-abbade D. Affonso, seu filho, acrescentou-o com dois claustros e um lanço de construcções exteriores, e nos seculos XVII e XVIII veiu a ser completado na sua totalidade e transformado num corpo rectangular, cuja frente mede 225 metros, com uma nova frontaria apalaçada, imprimindo á propria egreja nova physionomia, mediante a addição de duas entradas lateraes flanqueadas de torres, num estylo

(1) M. Vieira Natividade, o mosteiro de Alcobaça, notas historicas. Coimbra, 1885.

(2) Quer a respeito deste monumento quer do da Batalha, attenta a densa obscuridade que envolve os monumentos da Edade-Media, em Portugal, pareceu-me opportuno dar aqui uma breve resenha do primitivo edificio, sem a qual a desenvolução da Renascença mal poderia ser entendida. Se acaso estivéra já escripta a historia da architectura do medio-évo em Portugal, haver-me-hia poupado similhante incursão que aliás me parece inevitavel.

gothico do ultimo periodo, ou manuelino, algo extravagante.

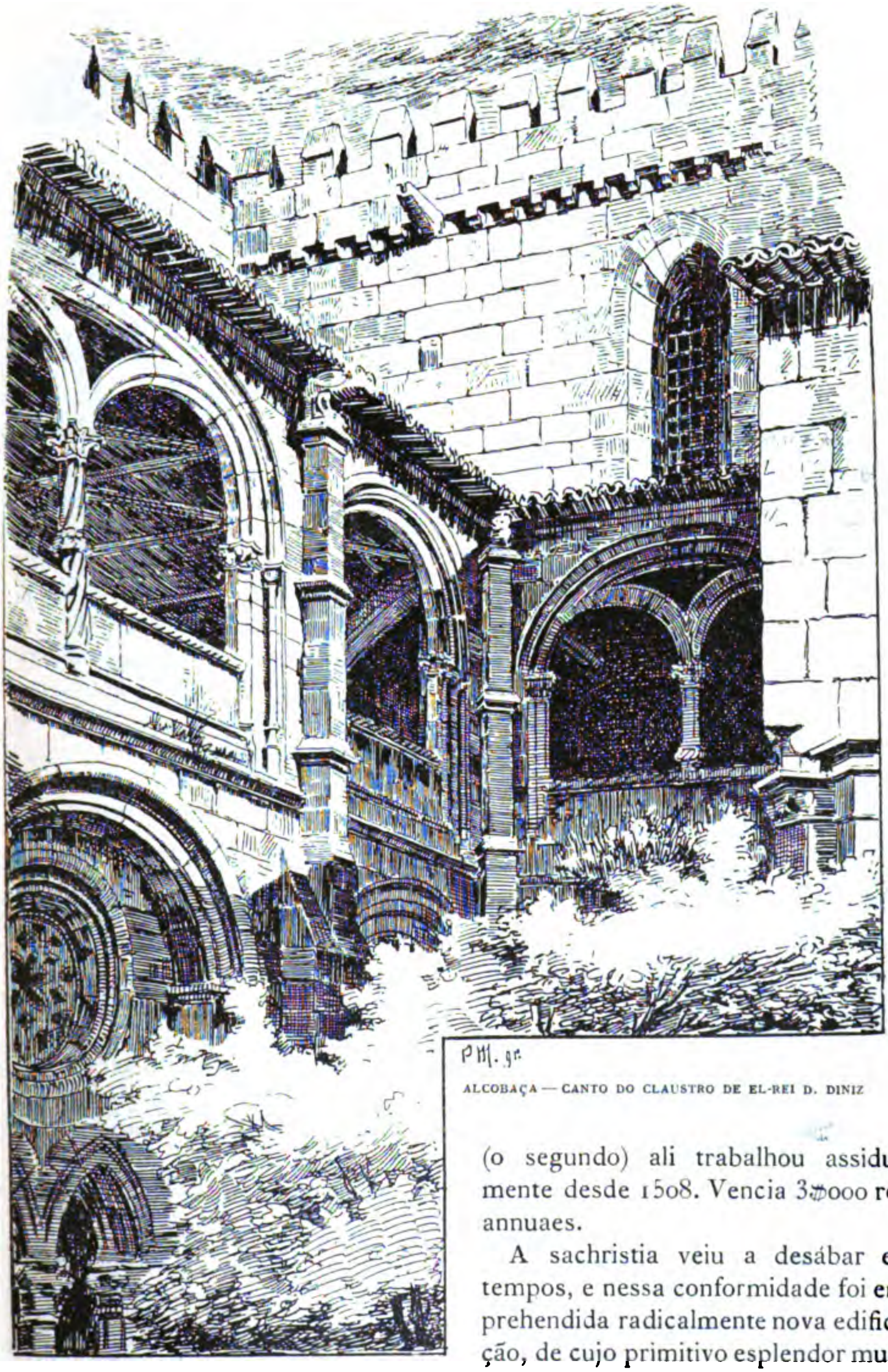
O corpo principal, todavia, com as



ALCOBAÇA — ENTRADA PARA A SACRISTIA

suas possantes abobadas e arcarias sustentadas por robustas columnas, com o seu refeitorio e casa de capitulo, a sua cozinha gigantesca e quejandas accommodações, representa ainda hoje uma das mais bem conservadas e mais sumptuosas obras do gothico primordial. A imponente egreja de arcarias, singéla em sua grandeza, com ás suas janellas de volta redonda e a sua corôa de ameias assente sobre esteios colossaes, com a sua nave transversal e o seu côro eneagonal com portico e corôa de capellas, sombria e severa, produz no animo do observador impressão triste e oppressiva, digamo lo assim, impressão similhante áquella que em tempos haverá produzido no espírito ascético, religioso e votado á santa cruzada do fundador. No cruzeiro abre-se a formosa capella tumular, tão reputada no paiz como fora delle, a qual, além das cinzas dos reis Affonso II, Affonso III, Pedro I, das rainhas D. Urraca, D. Brites e D. Inez de Castro, encerra tambem as de alguns de seus filhos; um como logar de romagem para a indole tão poética e impressionavel dos habitantes da peninsula iberica, celebrado desde séculos e tão cantado pelos poetas.

Logar tão rico em recordações, estreitamente alligado á historia da nação desde os seu dias mais remotos, não soffreu com o esplendor da Renascença. El-rei D. Manuel, em 1519, incumbiu a João de Castilho. (V. *Serões*, 1.ª serie, t. III, pag. 358 e seg.) a construcção da sacristia e de outras edificações de embellezamento, supposto desde então viessem todas a ser remodeladas. Matheus Fernandes



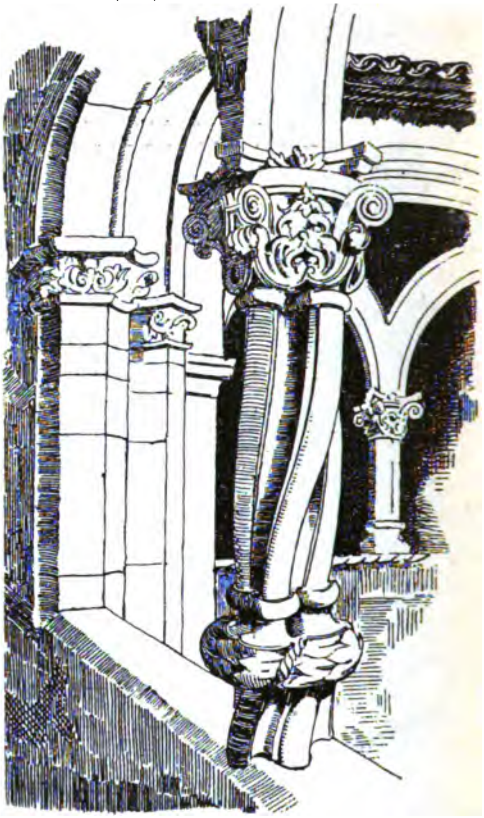
P M. gr.

ALCOBAÇA — CANTO DO CLAUSTRO DE EL-REI D. DINIZ

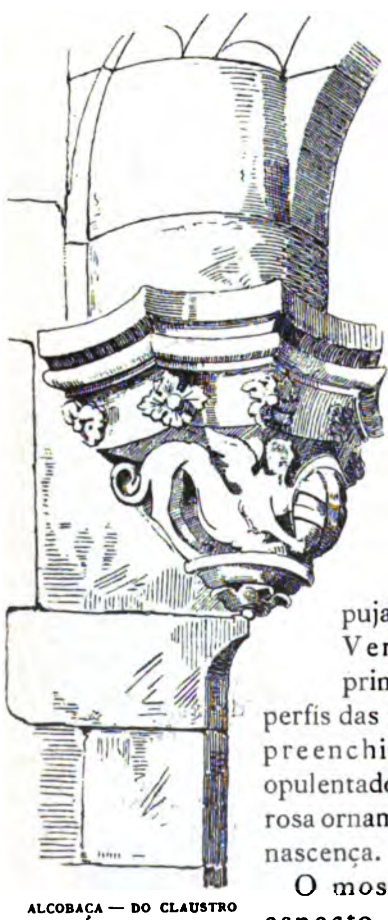
(o segundo) ali trabalhou assiduamente desde 1508. Vencia 3$000 réis annuaes.

A sachristia veiu a desábar em tempos, e nessa conformidade foi emprehendida radicalmente nova edificação, de cujo primitivo esplendor muito pouco resta actualmente. Apenas ficaram de pé as paredes de cantaria com as singelissimas janellas e botareus; a disposição interna foi renovada nos seculos XVII e XVIII. Apresentam singular

magnificencia dois arcázes, de riquissima talha com embutidos de marfim, da éra de 1664, assim como a sumptuosa abobada de berço, em caixotões, realçada de ouro e azul. A pequena capella, annéxada, ahi por 1660, foi embellezada com uma cupula de pedra, enriquecida de caixotões e douradura, assim como de primorosa talha dourada, e adornada com inumeras reliquias, em forma de bustos, braços, e quejandas invenções.


ALCOBAÇA — DO CLAUSTRO DE EL-REI D. DINIZ

Apenas o vestibulo da sacristia se encontra ainda muito proximo do primitivo estado. Uma abobada artezonada, de singular opulencia, com sua rede de nervuras de pedra, ornatadas, cobre o recinto pentagonal; o seu adorno ulterior é representado por dois porticos, dando ingresso para a sacristia. São adornados de ramaria naturalistica, que vae serpeando até o coroamento, opulentissimo, desabrochando em pujante folhagem. Verdadeira obra prima do cinzel. Os perfis das portas são aliás preenchidos por frisos opulentados com primorosa ornamentação da Renascença.

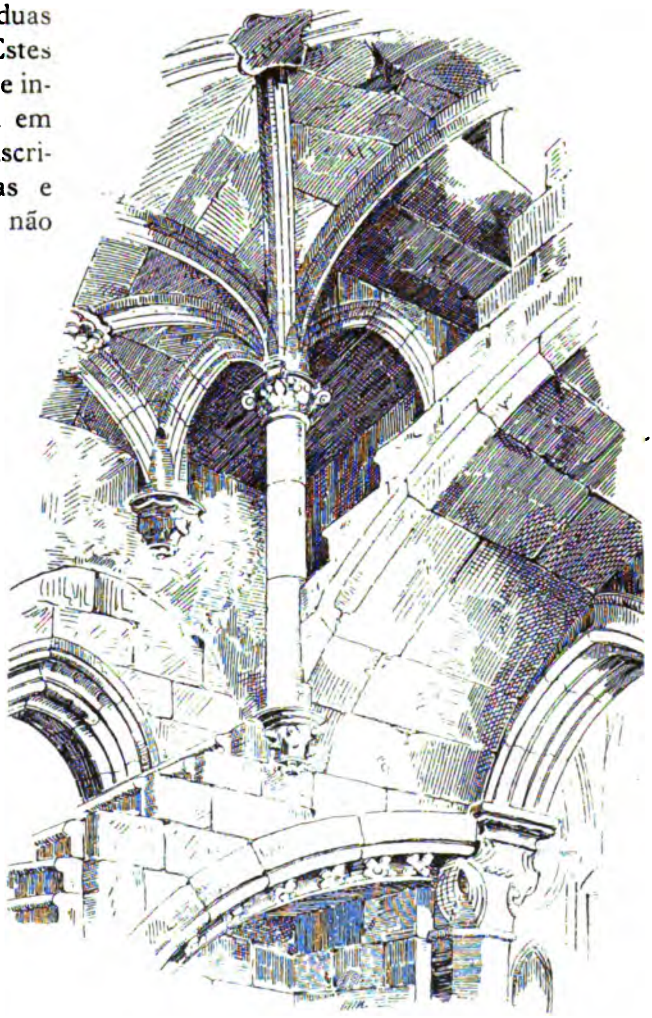

ALCOBAÇA — DO CLAUSTRO DE EL-REI D. DINIZ

O mosteiro adquiriu aspecto mais formoso com a edificação do claustro, devida a El-rei D. Diniz. Esta soberba construcção, admiravel ainda apezar do seu actual estado de ruina, e sem duvida uma das mais bellas do ultimo periodo do seculo XIII (a data de 1304 parece indicar o anno em que veiu a ser concluido), recebeu cerca de 1518 o seu lanço superior. Pela planta dos antigos ediculos das escadas, e ainda pela altura das capellas das fontes, deduz-se que o pavimento superior fôra planeado desde a primitiva, e talvez que até effectuada a sua construcção, sendo possivel que, por motivo de algum dos tremores de terra, os quaes, no dizer das chronicas, abalaram o edificio do mosteiro, tanto houvessem soffrido, que se tornasse urgente a reconstrucção. O

architecto, seguramente João de Castilho, a quem D. Manuel incumbiu as edificações a effectuar no mosteiro, vol. (Vide *Serões*, 1.ª serie, t. III, pag. 358), em contraste com o cerrado lanço inferior construiu o superior todo elle em arcarias abertas, correspondendo ás janellas do primeiro e repartidas em duas e em três por sumptuosos esteios. Estes arcos, assentes sobre columnélos de infinita variedade, já contorcidos já em forma de candelabro, são circumscriptos por grandes arcadas planas e macissas. O pavimento superior não é abobadado e apenas coberto pelo tecto em bruto, circumstancia esta que nos leva a induzir que, ainda neste caso, o plano de edificação não chegaria a ser cabalmente realizado. Os angulos são ligados ao muro exterior por meio de arcos abatidos diagonaes.

Tanto a indole das formas como a da composição em seu conjuncto respiram o verdadeiro frescor da primeira Renascença, cujo poetico encanto igualmente se manifesta na parte superior dos ediculos das escadas.

No recinto gothico da fonte campeia ainda a bacia branca, de pedra, com as faces ricamente ornatadas, ostentando no centro uma encantadora columna, da mesma época, meio derruida. Identicos vestigios de ruina, infelizmente, apresenta aliás este lanço, sendo tambem visiveis, em grande escala e em todo o claustro, a mais funda decadencia e o mais grosseiro vandalismo por parte do povo. Os proprios francêses, os quaes, em 1810-1812, na qualidade de alliados vieram tornar ditosa a nação, fizeram estragos medonhos, violaram sepulturas, queimaram o cadeirado do côro e levaram as preciosidades da egreja. Porém, desde 1833, anno em que os monges foram compellidos a evacuar a sua antiga séde de actividade, tudo ali ficou



ALCOBAÇA — CAIXA DE ESCADA NO CLAUSTRO DE EL-REI D. DINIZ

ao desamparo, e entregue á rapina seja de quem fôr.

E' digno de lastima, na verdade, o estado de absoluta dilapidação a que deixaram chegar um monumento que deveria constituir objecto do maximo

respeito e ao qual andam associadas recordações tão gloriosas para o povo portuguez.

Os trabalhos de reparação no exterior estabelecem deploravel contraste com a pavorosa devastação do interior. (1)

Assim pois conserva a egreja pouco ou nada da sua sumptuosa ornamentação. O primoroso cadeirado do côro, obra implantada por El-rei D. Manuel, e que, vedado por uma riquissima teia, occupava o centro do cruzeiro, abrangendo ainda alguns lanços, está arrazado. A maioria dos altares, arruinados.

O altar-mór, assim como os dois mais proximos, acham-se ainda adornados com sumptuosa architectura enriquecida de obra de talha dourada e de variegada pintura, obra todos elles com data de 1594. Antecolumnas jonicas e corinthias, supportando estatuas constituem a decoração principal.

Os altares lateraes ostentam, um delles, a resurreição, o outro, S. Miguel em esculptura de madeira, de rica pintura, ladeados de columnas jonicas e coroados por um frontão bipartido. Além destas esculpturas vê-se o grupo em tamanho natural de S. Miguel, calcando a pés o demonio e com a balança na mão; occupando o fundo um cortejo de anjos, da mais supina belleza.

A primeira capella do cruzeiro, do lado do sul, é toda ella revestida de riquissima obra de talha, dourada, e está cheia de figuras de barro cozido, a côres, de tamanho natural.

Aqui, como na capella immediata, em cujo nicho de pedra assás fundo, adornado com rica architectura, se acha tambem representada a morte de S. Bernardo, brilha em todo o seu esplendor a esculptura portuguêsa de barro cozido correspondente ao seculo XVII.

A referida producção artistica, S. Bernardo no leito mortuario cercado dos frades da sua Ordem e, no topo, a Santissima Virgem em côro de anjos, ao todo quarenta figuras, parte dellas em tamanho natural e as restantes a diminuirem na perspectiva, constitue uma obra de mui especial belleza! Trabalho, talvez, de 1660? Quer pelo effeito da côr quer pelo da esculptura são deveras encantadoras. Infelizmente, quem sabe se hoje restará apenas de tudo aquillo um acervo de ruinas, ou se effectivamente subsistirá ainda alguma coisa! Um calvario, de dimensões colossaes, numa capella contigüa, em 1886 éra já um montão de cacos, apenas.

As sete capellas circuitando o côro são do mesmo modo revestidas de preciosissima obra de talha dourada, dos seculos XVII e XVIII, e adornadas de pinturas — tudo, porém, em estado de ruina, ou pouco menos.

Sob o regimen do cardeal D. Affonso foram ainda accrescentados dois robustos claustros e, na mesma época, importantes lanços de construcção, vindo completar o quadrilatero. São os primeiros uns pateos em arcarias sobre pilares e columnas, e os segundos apresentam janellas de singelissima architectura. Estes lanços acham-se hoje arvorados em quartel, nada subsistindo já das disposições internas, outrora tão

(1) Seria melhor, certamente, o pouparem-se a semelhantes exterioridades e o estabelecerem-lhe um ou dois guardas, que sustassem o progresso das ruinas e as defendessem de futuras depredações. Altares, e outros pertences, até hoje dir-se-iam constituir apenas material combustivel, e, em caso de necessidade, serem demolidos a machado.



sumptuosas, além da espaçosa bibliotheca, de dois andares com galeria, opulentamente decorada em principios do seculo XVIII, vazia, já se vê, — e uma esplendida sala, cujo tecto conserva ainda assás viva a pintura de grotescos contornados de tom escuro e dourados sobre fundo branco: um dos raros exemplos deste genero datando da segunda metade do seculo XVI. Existem ainda pinturas identicas na arruinada aula da Universidade jesuitica, em Evora, e por baixo da formosa tribuna do lado occidental, na egreja de S. Roque, de Lisboa.

Quantos thesouros se haverão perdido aqui, neste mosteiro, o maior e o mais opulento do paiz, onde a Arte durante um prazo de seiscentos annos haveria agglomerado as suas mais ricas producções, não é coisa facil de apreciar. Hoje em dia existe apenas um lamentavel quadro de destruição, — e tão sómente ao cahir da noite, quando o luar, com a sua luz magica banha o abandonado salão, surge ante nossos olhos maravilhados uma visão fantastica da magnificencia e da belleza de algum dia.

Oxalá pudessem ainda salvar-se os desbaratados restos, conservando-os em estado mais á altura do que merecem.

Apresentam uns vislumbres apenas do pristino esplendor os vestigios da vasta cerca ao sul da sacristia, onde a sumptuosa capella de Nossa Senhora do Desterro (seculo XVIII) encimando um terraço multicolor revestido de marmore e azulejos flanqueia um grandioso terreiro com obeliscos e restos de grupos de figuras; recinto que ainda nos principios do seculo XIX era afamado mercê da singular belleza.

(Continua.)





DUAS GUITARRAS, UMA HARPA, UMA FLAUTA DUPLA E UMA MULHER BATENDO COMPASSO

A música do Egipto

no tempo dos Faraós

(Conclusão)

Instrumentos de sôpro

FLAUTAS

ATRIBUI-SE ao assoviar do vento nos canudos, abertos dos profusos canaviais enfileirados nas margens do Nilo, a invenção dos instrumentos de sôpro, o primeiro dos quais é a flauta. Sugeriu talvez o facto a idea de se assoprar em bocados de cana maiores, ou menores, e dessa variação notariam os egipcios a diferença de som, e de experiência em experiência, ajudados pelo acaso, descubriram a flauta.

Alguns autores de grande nomeada dão como certo atribuírem os egípcios a invenção da flauta a Osíris.

São antiquíssimas as flautas no Egipto, e bem o atestam as catacumbas de Elétia, que apresentam diversas espécies de flautas.

As flautas primitivas eram uns canudos simples, abertos nas suas extremidades e com furos repartidos pelo comprimento; em um dêstes se soprava, tendo-se o instrumento quási paralelo ao corpo. Estas flautas eram quási sempre de cana, algumas de madeira, tal como a do lódão e buxo, e ainda, mas poucas, de marfim, osso, prata, ferro e raras de bronze. Quási o mesmo se dava noutras civilizações, e assim é que do osso *tibia* veio o nome em latim à flauta, quer esta fosse, como se vê em Plínio o Naturalista (1), feita de buxo, lódão, osso de jumento, ou prata.

Havia três especies de flautas: a flauta-direita; a flauta transversa (fotíngia); a flauta-dupla.

Era pouco usada a flauta-direita, a qual consistia num tubo direito e igual; não excedia em comprimento mais do que de 456 milímetros a 693 milímetros, como as que existem no museu de Florença; havia-as muito mais curtas, 228 milimetros, e menos ainda, como a do museu de Berlim, que mede 214 milímetros, e também as do museu de Leida; tinham de 1 até 5 furos; e estas flautas tam curtas só serviam para a gente do campo.

A flauta transversa era muito usada; bastante comprida, excedia por vezes o braço do tocador; era, como a antecedente, tocada só por homens e empregada nas cerimónias fúnebres.

(1) Trad. de Emílio Littré, XVI, 36

A flauta dupla, ao contrário desta, era tocada não só por homens, mas tambem por mulheres e principalmente por estas; era a flauta mais usada, servia em todas as ocasiões alegres, ou tristes, harmonizava-se com todos os outros instrumentos e as dançarinas tocavam-na ao mesmo tempo que dançavam.

Esta flauta tinha dois tubos, umas vezes iguais, outras desiguais; um era destinado à mão direita, o outro à mão esquerda; o tubo para a mão direita era feito da parte superior, delgada, da cana, tinha muitos mais furos do que o outro e dava as notas agudas; o tubo, ou flauta da mão esquerda, era da parte inferior, a grossa, da cana, tinha muito menor número de furos e dava as notas graves.

Gregos e latinos usavam flautas semelhantes, duplas, e a que em certo caso especial davam o nome de *tibias pares* (no mesmo tom e oitava), e noutros de *tibias impares* (sons agudos e sons graves), como direi se escrever acêrca de música na Grécia e em Roma.



HARPA, GUITARRA E FLAUTA DUPLA

Entre sírios e hebreus tinha o nome de *ambuba*.

TROMBETAS

A trombeta, quasi anafil, era instrumento muito usado pelos egípcios. Não tinha variedade nenhuma; era de cobre, curta, e de forma singela: a de um tubo que se ia alargando pouco a pouco para a extremidade da saída do som, na qual se abria logo em curto mas alargado cone.

Ha uma trombeta de cobre dourado no museu do Louvre, a qual mede ao todo 54 centímetros; esta trombeta tem o som muito agudo, dá duas oitavas acima das trombetas em ré das nossas orquestras.

Serviam as trombetas para regular a marcha das tropas, comandá-las e dirigí-las nas evoluções.

Deviam ser de som muito forte e estridente, pois que nas cidades não era permitido tocá-las, só no campo e nos quartéis fora da cidade.

Instrumentos de pancada

Os instrumentos de percussão, ou como dizemos de pancada, são: o tamboril, o adufe, a tábale ou darabuca, os címbalos (pratos e castanholas), os crótalos; direi ainda o sistro.

De que tivesse havido no Egipto Faraónico tambor própriamente dito, caixa de rufo e em que se batesse com vaquetas, não possuem os egiptólogos documentação incontestável: os monumentos não na dão e o tambor de Tebas, de que falam alguns egiptólogos (1), é objecto contra cuja autenticidade há suspeitas.

TAMBORIL

Era uma caixa de madeira ou de cobre, do feitio de barril, um elipsoide de 60 a 75 centímetros no eixo maior, e de uns 25 a 35 centímetros no eixo menor, truncado nas extremidades do eixo maior. Nestas assentavam peles uma de cada lado, estiradas por um certo número de correias finas, encruzadas em roda da superfície da caixa elipsoidal.

Suspendia-se a tiracolo, ficando quási horizontalmente para a frente do tocador, que batia nele com os dedos, e ficando verticalmente quando deitado para as costas para se caminhar em marcha.

O tamboril era usado nas bandas militares; associava-se a qualquer outro instrumento, trombeta etc., servia para marcar a evolução militar, ou o ritmo na dança, na qual o dançador era quási sempre quem o tocava com ambas as mãos, ao mesma tempo que dançava.

Este instrumento já era muito conhecido e bastante usado no seculo XVI antes da nossa era.

(1) Conheço apenas *Gardner Wilkinson* «A Popular Account of Ancient Egyptians» vol. I, pag. 106-7; *Paul Pierret* no «Dictionnaire d'Archéologie Egyptienne» s. v. *tambours* refere-se à obra maior de Wilkinson que não existe na biblioteca de meu Pai, e cita o vol. II pág. 266.



MULHERES TOCANDO TAMBORIS E DARABUCAS

ADUFE E PANDEIRO

O pandeiro era de fasquias de tábuas estreitas, juntas em uma só cercadura ou anel.

O adufe era quadrangular; os arcos dêle eram curvos, cóncavos para fora, e formavam, para os lados da cubertura, em cada um dos dois tampos, ângulos agudos; dentro havia soalhas de cascavéis ou metálicas. Um e outro, ambos estes instrumentos eram tangidos com os dedos, excepto o polegar, com o qual se segurava o instrumento.

TÁBELE OU DARABUCA

A tábele (que só dêste modo poderemos aportuguesar o vocábulario egípcio *tabl)* era de forma composta de um cone de ángulo estreito, truncado, ficando com pequena altura e encimado na parte mais estreita por uma secção esférica de menos de meia esféra; era de barro; deverei em rigor dizer que esta forma grotesca era a de um dos nossos fogareiros de barro, sem a base em que êstes assentam.

Era todo oco e tapado nos extremos por uma pele em cada um; tangia-se como hoje em dia a darabuca (de forma igual) tocada pelas mulheres egípcias dos campos e pelos barqueiros do Nilo: a mão direita tocava o canto com os dedos, a mão esquerda o acompanhamento com sons graves, tirados da semi-esféra por pancadas com a palma da mão,

O instrumento trazia-se suspenso aos hombros.

CÍMBALOS

Os címbalos eram proximamente os pratos das nossas orquestras e bandas.

Havia, porém, címbalos pequenos, que não eram tocados por pancadas de um no outro, o da mão direita, no da esquerda, mas eram usados aos pares em cada uma das mãos, como as castanholas em Espanha.

Wilkinson diz que nestes címbalos de dois pares está a origem das castanholas, cujo uso introduziram em Espanha os mouros.

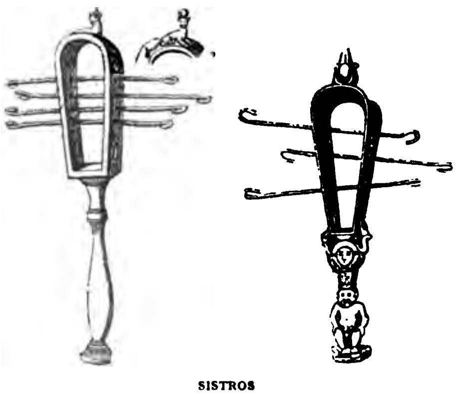
É possivel; mas é certo que os povos itálicos conheciam e usavam, na dança, de pratinhos, de pratos e de castanholas; o que bem se pode ver *s. v. crusmata* e *cymbalista* e *cymbalistria* no «Dictionnaire des Antiquités Romaines et Grecques», de Antony *Rich*, tradução de *Chéruel.*

CRÓTALOS

Alguns autores confundem *crótalos* com *cimbalos* de um par em cada mão, isto é com *castanholas,* assim Ramsay; a razão é o significado do vócabulario grego *krótalon.* Adoptei-o, como em geral os egiptólogos cujos trabalhos li, para designar os instrumentos de pancada formados por duas peças iguais, geralmente de bronze cada uma delas, composta de uma ou duas cabeças, em cujo interior ha cascavéis ou soalhas metálicas, as quais cabeças assentam pela nuca em cabos mais ou menos curvos, por onde se trazem os crótalos nas mãos, para os sacudir e dar tilinto, ou bater uma peça contra a outra, para o sonido ser maior.

Algumas vezes aparecem figuras com um par empunhado em cada mão.

Usava-se dos crótalos nas bandas militares e noutros serviços músicos, como dos ferrinhos na Europa.



SISTROS

No museu de Berlim

SISTRO

Supôs-se durante muito tempo que o sistro fosse o principal instrumento da música egípcia. Rigorosamente nem se deveria falar nele, como instrumento músico; é própriamente, como a campainha da igreja, talvez pelo menos em parte, como a sineta e o sino.

Como instrumento, porque dá som, é o instrumento sagrado por excelência, mas só, sem combinação nenhuma com outro instrumento. Nunca se encontra nos monumentos associado a instrumento de corda, sôpro, ou pancada, nem ao lado, ou na mão de cantores.

Só no templo se podia usar e era subido privilégio tocá-lo; só rainhas, ou damas de grande nobreza, devotas no serviço da divindade, denominadas *mulheres de Amum*.

serviço divino a que era destinado o instrumento.

Os ramos, que da parte encurvada descem até pousarem na superficie superior do cabo, teem um e outro três ou quatro (raros) buracos, pelos quais passam outras tantas varas metálicas, que teem enfiados anéis também de metal bem soante.

Junção dos Instrumentos

Associavam-se estes instrumentos por formas diferentes: sós, ou em duetos, tercetos, quartetos, quintetos, sextetos, etc.; por vezes juntavam-se em número considerável. É impossivel dizer quais os princípios ou regras que serviam para estas distribuições.

Acompanhavam diversos instrumentos um



RITOS SAGRADOS DESEMPENHADOS POR MULHERES

As mulheres dos faraós desde a XVIII dinastia até á XXII são *músicas dos templos;* tangem umas o tamboril, outras tocam a harpa ou teorba, há — as que batem os crótalos, e há, — as mais excelentes, as que sacodem o sistro.

O sistro era inteiramente de bronze, ou do que chamamos metal-amarelo, uma espécie de bronze; havia-os com embutidos de prata, de ouro, no cabo; a ornamentação era em alguns riquíssima.

A forma do sistro era a de arco, redondo ou ogival no alto, cujos lados rectos se inclinavam um para o outro e assentavam distando entre êles mais do que $^2/_3$ da corda do arco, na mesma superfície, à qual se ligava o cabo tam comprido como o sistro, sonoro e aformoseado com ornatos, escolhidos não só para graça, mas porque ficassem bem adequados ao

só cantor; muitos cantores eram acompanhados por um só instrumento; ou qualquer instrumento se tocava a solo.

Os instrumentos mais usados para acompanhar o canto eram a flauta-dupla, a harpa e a lira; por vezes juntavam-se duas, três harpas, e chegavam a juntar-se em maior número.

De baixos relevos e pinturas tem-se conhecimento da juncção dêsses instrumentos:

Em duetos da seguinte forma:
Duas harpas;
Duas liras;
Guitarra e adufe;
Harpa e lira;
Harpa e flauta dupla;
Harpa e pandeiro;
Guitarra e pandeiro;

Em tercetos da seguinte forma:

Duas harpas e flauta transversa;
Harpa, flauta direita e flauta transversa;
Harpa e duas guitarras;
Harpa, flauta dupla e guitarra;
Duas harpas e lira;
Harpa, flauta dupla e pratos;
Harpa, lira e flauta dupla;
Lira, guitarra e flauta dupla;
Trombeta, pratos e tamboril;

Em quartetos da seguinte forma:

Duas harpas, flauta direita e transversa;
Harpa, duas guitarras e flauta dupla;
Harpa, guitarra, flauta e adufe;
Harpa, guitarra e duas flautas transversas;
Harpa, guitarra, lira e tamboril;

Em quintetos da seguinte forma:

Harpa, guitarra, lira, flauta dupla e adufe;
Lira, duas harpas, guitarra e flauta dupla;

Em seistetos da seguinte forma:

Harpa, duas liras, guitarra, flauta dupla e adufe;

E como estas muitas outras combinações; mas isto basta para se fazer idea.



UMA BANDA MILITAR

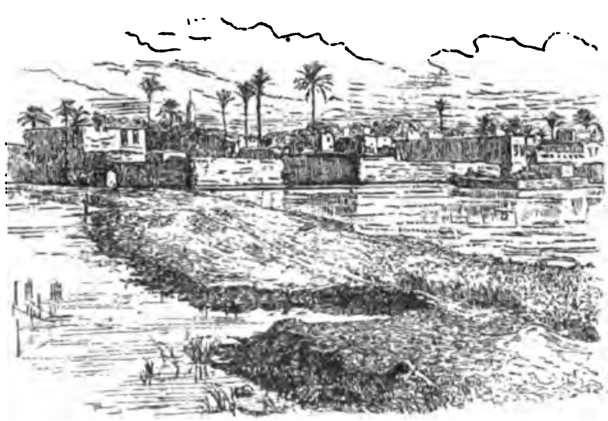
Quanto ao sistema musical dos egípcios não é possivel dizer nada, pois neste ponto os monumentos e túmulos são impenetráveis e nada se pode dizer acêrca do modo como os egípcios compreendiam tonalidade, ritmo, melodia, harmonia, tudo quanto a composição musical encerra por mais simples e curta que seja; em todo o caso não se deve daqui deduzir que fossem mal concebidas e mal desenvolvidas as composições musicais.

De ouvido aprendiam e de memória conservavam, ensinavam e transmitiram os orientais as mais difíceis e largas composições não só de música, mas também de literatura, por muitos séculos.

Cada homem douto era uma biblioteca de muitos volumes, cuja doutrina transmitia com exactidão, embora por vezes sem conhecimento do valor e nem em muitos casos, quanto a literatura, da linguagem que a exprimia.

Lisboa — Abril de 1906.

JOSEFINA DE VASCONCELLOS ABREU.



UMA INNUNDAÇÃO NO VALLE DO NILO

A lenda do Canzarrão

Summario dos capitulos I a X

Sherlock Holmes, o tão celebre DETÉCTIVE *é, segundo o costume, visitado pelo doutor Watson, seu fiel «achates». Este repara em uma bengala, esquecida ali na vespera por um consulente, e trava-se entre elle e Holmes uma discussão ácerca da personalidade do individuo. — Lévam a melhor, como sempre, as faculdades de hermeneutica de Sherlock Holmes e, n'este comenos, comparece o visitante, um medico rural (o doutor Mortimer) que vem submeter ao tão preclaro policia amador um caso deveras mysterioso. — O cão dos Baskervilles — caso tragico envolvendo a morte de um dos solarengos da mansão de Baskerville, e a praga que paira sobre os representantes de tão nobre familia. — Leitura do manuscrito autografo do successor da victima, e do artigo de um jornal mencionando outro caso tragico succedido a um membro mais recente da mesma familia, herdeiro actual do Solar. — Discutem os tres o assunto. — Surpreza. — Declaração sensacional do doutor Mortimer. — O problema. — Discutem-n'o Holmes, Watson e Mortimer, o consulente. — As pégadas da victima; indicios contradictorios. — Volta á tela a* LENDA DO CÃO FANTASMA. *— Caso cada vez mais intrincado. — Mortimer annuncia a existencia de um herdeiro, prestes a tomar posse do solar de seus maiores. — A solicitações de Holmes promete voltar e apresentar-lhe o novo baroneto. — Holmes pede 24 horas para estudar o caso. — Volvidas 24 horas de solidão, vapores de tabaco, e contemplação do lume na lareira, tem-se orientado no mappa regional e esboçado vagamente o seu plano de campanha. — Volta Mortimer acompanhado pelo novo herdeiro. — Nóvos misterios: a carta de aviso em letras de imprensa. — O sumiço da bota. — O doutor Martimer conta a sua historia ao baroneto. — Saem ambos e atrás delles, acto-continuo, Holmes arrastando comsigo Watson. — Encontro inesperado. — O espião de trem (o homem das barbas). — Os dois amigos seguem-lhe a pista. — Esforço baldado, some-se o espião. — Novo expediente: emissario. — Em cata da pagina do* TIMES. *— Pesquizas. — A bota trocada. — Peripecias. — O barometro resolve transferir-se para a mansão. — Novas indagações de Sherlock Holmes. — Telegrammas. — E' interrogado o doutor Martimer com respeito ás circumstancias incidindo com a herança e ás personagens interessadas na desapparição dos herdeiros. — Reapparece a bota nova. — Some-se a outra. — Holmes nega-se a acompanhar a sir Henry e faz-se substituir pelo seu* ALTER EGO, *doutor Watson. — Resposta a telegrammas. — Interrogatorio do cocheiro do* CAB. *— Resultado inesperado. — Peripecia faceta: — O duplo Sherlock Holmes. — Mais um fio que quebra. — Jornada para a mansão. — Recepção do novo senhor. — Os conjuges Barrymores. — Uns soluços misteriosos. — Watson tenta esclarecer o misterio. — Interrogatorio do mordomo. — Resultado infructifero. — Suspeitas. — Governante lugubre. — Pesquizas. — Encontro imprevisto: o naturalista. — Os perigos da charnéca. — O sorvedoiro. — Berro misterioso. — Habitações pré-historicas. — Surpreza sobre surpreza: a beldade do brejo. — Aviso inesperado. — Aprehensões tetricas. — Amores do baroneto. — Visitas aos logares sinistros. — Novo misterio: a sombra nocturna. — A luz accusadora. — Watson surprehende o baroneto em colloquio amoroso com a irmã do naturalista. — Scena violenta entre este e sir Henry. — Confidencias do baroneto ao seu amigo: discutem ambos a attitude de Stapleton. — Este dá explicações, que concorrem a erguer uma pontinha do veu do mysterio. — Watson e o baroneto passam a noite de véla tentando encontrar a chave do enigma das rondas nocturnas do mordomo. — Barrymore surprendido em flagrante — Telegrapho nocturno: a luz na janella e a luz na charneca. — O mordomo nega-se a dar explicações. — Intervem a governante, e declarações desta: o facinora a monte pela charneca. — Sir Henry e o doutor saem a dar caça ao presidiario. — Subita apparição. — Corrida desatinada em perseguição do facinora. — Nova surpreza: o vulto mysterioso surgindo na fraga. — O mordomo ministra explicações importantes quanto á morte de sir Charles: a carta reveladora. — As iniciaes do signatario. — Mortimer encontra-lhe a solução. — Mistress Laura Lyons, a dactylografa de Coombe-Tracey.*

CAPITULO XI

O homem da fraga

O extracto do meu diario intimo constituindo o capitulo anterior trouxe a minha narrativa até 18 de outubro, data em que tão singulares acontecimentos principiaram a correr velozes para a sua tremenda conclusão. Os incidentes dos poucos dias immediatos ficaram-me indelevelmente estampados na memoria, e poderei dar conta delles sem ter de appelar para os apontamentos tomados na occasião. Prin-

cipío, pois, do día conseguinte áquelle em que estabeleci dois factos de summa importancia, o primeiro, que mistress Laura Lyons de Coombe-Tracey tinha escrito a sir Charles Baskerville, aprazando-lhe uma entrevista, no mesmo sitio e á mesma hora em que elle encontrou a morte; o outro, que o homem embuscado na charnéca se encontraria em qualquer das baiúcas de pedra, na encosta de algum monte. Dispondo destes dois factos senti que mui deficientes devem de ser a minha intelligencia e a minha coragem se eu não conseguir lançar mais alguma luz sobre estes pontos escuros.

Não encontrei ensejo de contar ao baroneto o que eu soubera ácerca de mistress Lyons, na vespera, á tarde, porque o doutor Mortimer ficou a jogar as cartas com elle até muito tarde. Ao almoço, contudo, informei-o do meu descobrimento, e perguntei-lhe se teria duvida em me acompanhar a Coombe-Tracey. A principio manifestou empenho em ir, mas, bem ponderado o caso, a ambos pareceu que se eu fosse sósinho os resultados podiam ser melhores. Quanto mais formal tornassemos a visita menos informações poderiamos obter. Deixei pois em casa sir Henry, não sem alguns remorsos de consciencia, e fui tratar da minha nova inquirição.

Assim que cheguei a Coombe-Tracey dei ordem ao Perkins para recolher a parelha, e tratei de indagar a morada da dama que eu vinha com o proposito de interrogar. Não tive difficuldade em lhe encontrar os aposentos, que eram centraes e bem mobilados.

Facultou-me accesso uma creada, sem mais ceremonias, e quando dei entrada na sala, a aludida senhora, que fui encontrar sentada a uma máquina Rémington, de escrever, ergueu-se de pronto e acolheu-me com amavel sorriso. Carregou-se-lhe porém o parecer, quando viu que eu era um estranho, e voltando a sentar-se, indagou qual o objecto da minha visita.

A primeira impressão produzida por mistress Lyons era a de uma beldade peregrina. Os olhos e o cabello, da mesma côr acastanhada e as faces, posto que muito sarapintadas de sardas, animadas por esse primoroso viço da morêna, esse matiz tão delicado que se entrevê no amago da rosa de toucar. A admiração, repito, era a impressão primeira. A segunda, porém, era de critica. Havia um não sei quê de subtilmente incongruo naquelle semblante, uma tal qual vulgaridade de expressão, uns vislumbres de dureza, talvez, no olhar, uma certa flacidez nos labios deslustrando-lhe a perfeição. Tudo isto, porém, são reflexões posteriores, já se vê.

Naquelle instante tive apenas consciencia de que me achava em presença de uma mulher formosissima, que me estava perguntando o motivo da minha visita. Eu, até ali, não tinha avaliado a que ponto era delicada a minha missão.

— Tenho a honra de conhecer o senhor seu pae, declarei.

Foi uma apresentação desastrada, e a dama fez-m'o sentir.

— Nada existe de commum entre mim e meu pae, replicou. Não lhe devo coisa nenhuma, e os seus amigos não são os meus. Se não fossem sir Charles Barkerville e outras pessoas de bom coração teria morrido de fome sem que isso desse cuidado a meu pae.

— E' a proposito do fallecido sir Charles Baskerville que eu vim procurá-la, minha senhora.

Assanharam-se as sardas na cutis da dama.

— E que poderei eu dizer-lhe a seu respeito, indagou, e os dedos a tamborilarem, nervósos, nas teclas da máquina de escrever.

— Se me não engano, conheceu-o?

Já lhe disse que devo muito á sua bondade. Se me acho habilitada a ganhar a minha vida devo-o em grande parte ao interesse que lhe mereceu a minha triste situação.

— Correspondia-se com elle?

— A dama levantou para mim aquelles seus olhos castanhos, coruscantes de irritação.

— Onde quer chegar com tanta pergunta? indagou, desabrida.

— O meu objectivo é evitar a publicidade a um escandalo. E' preferivel o eu submetê-la a um interrogatorio á hipotese do caso vir a ser do dominio publico.

Ella, nem palavra e desmaiada a côr do rosto. Até que por fim ergueu a vista, com um não sei quê de arrogante e atrevido nos seus modos.

— Pois bem, responder-lhe-ei, declarou. Quaes são, pois, essas preguntas?

— Se mantinha correspondencia com sir Charles?

— E' certo que lhe escrevi uma ou duas vezes a agradecer-lhe a sua delicadeza e generosidade.

— Recorda-se da data dessas cartas?

— Não, senhor.

— Falou-lhe alguma vez?

— Falei, uma ou duas, por occasião de elle ter vindo a Coombe-Tracey. Era um homem reconcentrado em extremo e que evitava a publicidade dos seus actos de beneficencia.

— Mas, se é que se viram e cartearam tão poucas vezes, como podia elle achar-se sciente dos seus negocios a ponto de lhe valer, conforme me afirma que o fez?

Esclareceu-me a duvida com a maxima prontidão.

— A minha tristissima historia era conhecida por diversos cavalheiros e colligaram-se para me valer. Em um delles, o senhor Stapleton, vizinho e intimo amigo de sir Carles Baskerville, encontrei um modelo de bondade, e foi por sua intervenção que sir Charles veiu no conhecimento das minhas deploraveis circunstancias.

Eu já sabia que sir Charles Baskerville arvorára Stapleton em seu esmolér, em mais de um caso, e portanto, a declaração da dama tinha o cunho da verdade.

— Escreveu alguma vez a sir Charles a solicitar-lhe qualquer entrevista? insisti.

Mistress Lyons teve novo assomo de ira.

— Na verdade, senhor, é mais que extraordinaria essa pergunta.

— Sinto deveras, minha senhora, mas vejome na necessidade de a repetir.

— Responder-lhe-ei, pois — por certo que não.

— Nem ainda no proprio dia da morte de Sir Charles?

Esmaeceu o instantaneo rubor, e antolhava-se-me agora um rosto de palidez mortal. Os resequidos labios nem podiam sequer repetir a palavra «Não» que eu muito mais presenti do que ouvi.

— Vejo não ser fiel a sua memoria, observei. — Eu proprio lhe posso citar um trêcho da sua carta. — Rezava o seguinte: Por tudo quanto ha, e como cavalheiro que é, rogo-lhe que queime esta carta, e que espere por mim ao cancêlo, ás dez em ponto.

Figurou-se-me que havia desmaiado; entrou em si, contudo, mercê de suprêmo esforço.

— E' crivel já não existirem cavalheiros? anhelou.

— Está sendo injusta para com sir Charles. Elle queimou a carta, *effectivamente*. E contudo, dá-se o caso de ser legivel uma carta, ainda depois de ter ardido. Confessa pois que a escreveu?

— Pois bem, escrevi, sim, — clamou, como que soltando a propria alma numa torrente de palavras. — E' verdade que a escrevi. Por que é que o heide negar? Nem vejo motivo para me envergonhar de o ter feito. Desejava que elle me acudisse. Estava convencida de que se eu pudesse ter com elle uma entrevista não deixaria de me valer, e portanto, solicitei-lhe essa entrevista.

— Mas por que é que escolheu semelhante hora?

— Porque apenas fui inteirada á ultima hora de que tencionava retirar-se para Londres no dia seguinte e de que a sua demora na capital seria de mêses. E deram-se circunstancias que me impediram de comparecer a tempo.

— Mas por que é que escolheu como ponto de reunião o jardim em vez de o visitar na propria residencia?

— Parece-lhe decorôso, então, que uma senhora vá visitar um homem solteiro, a semelhante hora?

— E que aconteceu quando ali chegou?

— Mas se eu não fui.

— Então, mistress Lyons!

— Não fui, juro-lho por tudo quanto ha de mais sagrado! Não fui. Sobreveiu um qualquer obstaculo que me impediu de comparecer.

— E qual foi esse obstaculo?

— E' assunto particular. Não lho posso dizer.

— Confessa, então, que aprazou uma entrevista a sir Charles, na mesma hora e no mesmo sitio em que elle encontrou a morte, mas nega ter comparecido no sitio aprazado?

— Disse-lhe apenas a verdade.

Perguntei e tornei a perguntar, ella, contudo, não arredou pé d'ali.

— Mistress Lyons, proferi, erguendo-me em seguida a tão prolongada quanto inconcludente entrevista, — está assumindo grandissima responsabilidade e colocando-se em situação falsa quanto possivel não me declarando intregralmente tudo de que é sabedora. Se eu me vir obrigado a appelar para a policia verá então a que ponto se acha comprometida. Se deveras está innocente, por que foi então que a principio me declarou haver escrito a sir Charles, nessa mesma data?

— Porque receava que pudessem tirar dahi conclusão falsa, e ver-me envolvida em algum escandalo.

— E por que é que tinha tanto empenho em que sir Charles inutilizasse a carta?

— Se a leu deve saber o motivo.

— Eu não affirmei ter lido a carta, na integra.

— Pois não me citou um trêcho da propria carta?

— Citei apenas o *post-scriptum*.

A carta, conforme lhe disse já, foi queimada, e nem toda ella era legivel. Repetir-lhe-ei a pergunta: — por que instava tanto com sir Charles para que inutilizasse a carta que elle recebeu no dia da sua morte?

— E' assunto intimo quanto possivel.

— Mais uma razão para evitar a publicidade inherente a uma investigação.

— Dir-lho-ei, pois. Se é que lhe chegariam aos ouvidos algumas peripecias da minha vida, não deixará de saber que effectuei um casamento imprudentissimo, e que tive razões para me arrepender.

— Assim me consta, effectivamente.

— A minha vida tem sido uma perseguição constante por parte de um marido que abomino. Elle tem por si a lei, e atribula-me a toda a hora a possibilidade de elle me poder obrigar a viver em sua companhia. Quando escrevi aquella carta a sir Charles estava sciente de que havia esperanças de recobrar a minha liberdade, se pudesse fazer face a umas certas despêsas. Era o meu sonho aureo — paz de espirito, ventura, decóro—tudo, finalmente. Eu conhecia a generosidade de sir Charles, e pensei que ouvindo a verdade da minha propria bôca não deixaria de me acudir.

— Mas visto isso por que é que não foi?

— Porque nesse meio tempo recebí auxilio de outra fonte.

— Mas não escreveu então a sir Charles a explicar-lhe isso mesmo?

— Tê-lo-ia feito se não tivesse lido no jornal da manhan do dia immediato a noticia da sua morte.

A historia que ella contava era de absoluta coherencia, e o conjunto das minhas perguntas não conseguiu abalá-la. Eu só a poderia contestar descobrindo se com effeito ella teria movido acção de divorcio contra o marido, em epoca incidindo pouco mais ou menos com a da tragedia.

Não era provavel o ella atrever-se a declarar que não tinha ido a Baskerville, tendo ido ali effectivamente, pois que se com effeito houvesse dado semelhante passo, ter-se-ia metido num trem, e o vehiculo só poderia estar de volta a Coombe-Tracey pela volta da madrugada.



Frankland assestou-lhe o olho e emittiu um grito, de contente.

Semelhante excursão não poderia ter-se conservado secreta. — O que era pois mais provavel era o ella ter dito a verdade, em parte, pelo menos. Vim-me embora dali descorçoado e desanimado de todo. Por mais de uma vez

tinha ido esbarrar contra essa grossa parede a tolher-me toda e qualquer senda por onde eu tentava alcançar o objecto da minha missão. E não obstante, quanto mais eu evocava o semblante daquella mulher e os seus modos mais agudamente sentia que me encobriam o que quer que fosse. Por que era que ella tinha empalidecido a tal ponto? Por que teria combatido palmo a palmo as minhas conclusões até se ver obrigada a admiti-las? Por que motivo se conservou tão calada por occasião da tragedia? A explicação de tudo isto não podia com certeza ser tão innocente como ella me queria inculcar. Momentaneamente, não me era dado proseguir naquella direcção, e tinha que appelar para outra chave do negocio que tinha que ser procurada entre as baiùcas de pedra da charnéca.

E representava isso direcção vaga a mais não poder ser. Confirmei-me nessa persuasão ao voltar para casa, de carro, e ao notar como monte atrás de monte apresentava vestigios daquelle povo de outras éras.

A indicação de Barrymore fora unica e exclusivamente que o adventicio se acoutava em um daquelles pardieiros abandonados, e existem centos e centos delles espalhados pela charnéca, quer em sentido longitudinal quer transversal. Eu porém tinha por guia a minha experiencia, desde que esta me havia mostrado o proprio individuo de pé no cocoruto da Fraga-Negra. A fraga tinha que ser pois o centro das minhas pesquizas. Dali devia eu explorar a cada cardenho da charnéca até topar com o verdadeiro.

Se acaso aquelle homem estivesse là dentro, sacar-lhe-ia da propria boca, de revolver apontado, se tanto fosse preciso, quem era e por que motivo me tinha andado a espiar os passos durante tanto tempo. Podia haver-se-nos esgueirado là naquelle labirinto de Regent-Street, mas dar-lhe-ia agua pela barba consegui-lo naquelle ermo da charneca. Por outro lado, admitido o caso de que eu viesse a dar com a choça, e ali se não achasse o inquilino, tinha eu que ficar ali, por mais prolongada que fosse a vigilia, até que elle regressasse. Holmes tinha-lhe perdido o trilho em Londres. E representaria para mim um triunfo, na verdade, se eu pudesse desencantá-lo depois de malogradas as tentativas do meu mestre.

A sorte havia-nos sido adversa uma e outra vez durante este inquérito, agora, finalmente, vinha em meu auxilio. E o mensageiro da sorte propicia era nem mais nem menos do que o senhor Frankland, campando, com as suas suissas grisalhas e o rubro carão, fóra do portão do seu jardim, que abria para a estrada por onde eu vinha seguindo.

— Bom dia, doutor Watson, exclamou, muito risonho; vamos, é dar folga á parelha; trate de se apear, de vir beber um copo de vinho á minha saude e de me dar os parabens.

Eu estava longe de o ver com bons olhos depois do que tinha ouvido ácerca do seu modo de proceder para com a filha, mas ancioso por recambiar para casa o Perkins e a carrióla, e offerecia-se-me ensejo. Apeei e mandei recado a sir Henry, participando-lhe que iria por ali fora de passeio e que não faltaria á hora de jantar. Acompanhei pois Frankland e sentámo-nos á mêsa.

— Amanheceu hoje para mim um grande dia, meu amigo — um dos taes dias que eu aponto a letra vermelha, clamou entre girandolas de gargalhadas. Alcancei um duplo exito. Hei de ensinar a esta gente por aqui que a lei é a lei e que existe aqui um homem que não tem medo de a invocar. Estabeleci um direito de transito através do centro do parque daquelle caturra do Middleton, a cortar pelo meio, exactamente, a umas cem jardas da porta principal. Que me diz a isto, amigo?

Havemos de ensinar a estes trunfos que não podem calcar a pés os direitos da mediania! Sucia de tratantes! E vedei aquella devêza onde essa malta do Fernwood costumava ir fazer piqueniques. Aquella cambada, acho eu, cuida que não existem direitos de propriedade, e que podem ir fazer arraial seja para onde fôr e deixar esterqueira de papelada e garrafas vazias por toda a parte. Ambas resolvidas, as questões, e ambas a meu favor.

Ainda não tive tamanho alegrão, desde o dia em que fiz pregar a multa a sir John Morland, por ter andado a dar tiros na sua propria coutada.

— Mas por que artes conseguiu semelhante coisa?

— Passe a vista pelo livro de assentos, meu amigo — Vale a pêna lê-lo, digo-lh'o eu. — Frankland contra Morland, juizo correccional. Custou-me a brincadeira dusentas libras, mas apanhei sentença a favor.

— E aproveitou alguma coisa com isso?

— Coisa nenhuma, amigo, coisa nenhuma. E muito me ufano em declarar que se o fiz foi despido de interesse. Procedo méramente

movido por sentimentos de dever civico. Tenho a certeza, por exemplo, de que a camarilha de Fernworthy não deixará de me queimar em efigie esta noite. Que eu, a ultima vez que m'o fizeram, intimei a policia a que pusesse côbro a tão indecorosas exhibições. A policia rural está num estado escandalôso, amigo, e não me dispensou a protecção a que tenho direito. O caso Frankland contra a Corôa ha de despertar a atenção do publico, não tenha duvida. Declarei-lhes que ainda se haviam de arrepender do modo porque me trataram, e os factos vieram justificar as minhas palavras.

— Como assim? perguntei.

Assumiu expressão prognostica o nosso caturra.

— Não, que eu, se quisesse, podia dizer-lhes aquillo que elles estão morrendo por saber; mas coisa nenhuma deste mundo será capaz de me obrigar a ajudar semelhante cafila, seja no que fôr!

Eu, a dar tratos ao miôlo a ver se topava com um pretexto para me esquivar á garrulice daquelle caturra, agora, contudo, estava desejando ouvir mais. Tinha suficiente experiencia do espirito de contradicção do velho pecador e intendi, pois, que o manifestar-lhe interesse representaria o meio mais seguro de impôr um dique ás suas confidencias.

— Algum caso de rapina, naturalmente?

— Isso, sim! meu amigo, é negocio de maior importancia! E se eu lhe disser que se refere ao tal facinora que anda escondido lá pela charnéca?

Estremeci — Que me diz! Pois sabe-lhe do coio? acudi de chofre.

— O esconderijo não lh'o poderei apontar com exactidão, mas tenho a certeza de poder ajudar a policia a deitar-lhe a unha. Pois nem sequer lhe occorreu ainda que o meio de haver ás mãos o sujeito é desencantar a fonte donde elle recebe o sustento, e seguir-lhe o rastro?

Elle, aqui entre nós, não andaria muito longe da verdade, infelizmente — Não ha duvida, repliquei; mas como é que soube que elle paira algures lá pela charnéca?

— Sei-o por ter visto com os meus proprios olhos o mensajeiro que lhe leva mantimentos.

Sobresaltei-me lembrando-me de Barrymore. Era caso serio o estar nas mãos daquelle entremetido daquelle caturra atrabiliario. A sua



E uma sombra projectada através da abertura

observação subsequente, porém, tirou-me um pêso de cima das costas.

— Não esperava talvez ouvir que os mantimentos lhe são levados por um pequeno. Vejo-o todos os dias por o meu telescopio, lá do telhado. Palmilha o mesmo carreiro, á mesma hora, e com que destino, a não ser para ir ter com o facinora?

Já era estar com sorte! E não obstante, reprimi toda e qualquer manifestação de interesse. Um pequeno! Barrymore tinha declarado que o nosso incognito era supprido por

um rapaz. E fôra com o rastro deste, e não com o do presidiario, que havia tropeçado Frankland. Se eu pudesse sacar-lhe quanto sabia, poupar-me-ia assim a uma demorada e fadigosa caçada. Mas a incredulidade e a indifferença eram manifestamente as duas cartas mais valentes de que eu dispunha.

— Estou em dizer que será antes algum filho desses pastores da charnéca que vae levar o jantar ao pae.

O menor vislumbre de opposição fazia espilrar chispas áquelle velho autócrata. Cravou me uns olhos incanzinados, e as suissas pigarças eriçadas que nem as barbas dum gato assanhado.

— Parece-lhe?! vociferou, apontando para a vastidão da charnéca. Vê aquella fraga nêgra espetada, além? Muito bem! e vê agora aquelle oiteiro, mais para lá, coberto de urzes? E' a parte mais pedregósa em toda a charneca. Acha que é sitio onde qualquer pastor paire com o rebanho? A sua sugestão, meu caro senhor, toca as raias do absurdo.

Impugnei, com mansidão, haver falado sem estar cabalmente senhor dos factos. Agradou-lhe a minha submissão e levou-o a ampliar as confidencias.

— Meu amigo, tenha a certeza de que disponho de bases seguras quando emito uma opinião. Tenho-me farto de ver o rapaz e mais o frete. Todos os dias, e ha dias até em que vae lá duas vezes... Mas, espere ahi, doutor Watson. Enganar-me-á a vista ou andará um vulto a mexer-se, além, pela encosta daquelle monte?

Effectivamente, a distancia de varias milhas consegui distinguir perceptivelmente um pontinho escuro sobresaindo ao fundo verde escuro e cinzento.

— Venha d'ahi, avie-se! clamou Frankland, investindo com a escada. Verificará com seus proprios olhos, a ver se se convence.

O telescopio, instrumento formidavel montado sobre um tripé, campava acima do fôrro de chumbo do eirado. Frankland assestou-lhe o olho e emitiu um grito, de contente.

— Depressa, doutor Watson, depressa, não vá elle transpôr o monte.

Elle lá ia, certamente, um fedêlho, com um embrulho ao hombro, a trepar, vagaroso, pelo monte.

Quando alcançou a crista, lobriguei-lhe o vulto andrajoso, tosco, recortado por instantes d'encontro ao acerado azul do ceu. Olhou em redor, com uns modos cautos e furtivos, como quem teme que o sigam. Depois, sumiu-se por detrás do monte.

— Então! Eu não lh'o dizia?

— Tem razão, o tal rapaz, pelos geitos que lhe vi, vae em desempenho de qualquer missão secreta.

E o que será esse destino até um policia rural é capaz de o deslindar. Mas da minha boca nunca elles hãode ouvir uma palavra, e conto que respeitará o segredo, doutor Watson, egualmente. Nem pio! Intendeu?

— Não tenha receio.

— Trataram-me infamemente! Quando vierem a publico os factos daquelle caso Frankland contra a Corôa, ouso crer que um arranco de indignação percorrerá todo o país, de lés-a-lés. Não ajudaria a policia por coisa nenhuma deste mundo. Tanto se lhes dá que fosse a minha efigie como eu em carne e osso o que aquelles patifes queimaram, espetado numa estaca.

Quer-se ir embora! E' o que faltava! Primeiro hade ajudar-me a despejar esta garrafa em honra de tão excelso dia!

Resisti porém ás suas instancias e consegui dissuadi-lo do annunciado intento de me acompanhar até casa.

Segui pela estrada emquanto calculei que me não teria perdido de vista, e depois, cortei através da charneca e encaminhei os passos para o cerro pedregoso por detrás do qual se sumira o garoto. Tudo operava em meu favor e jurei que não seria por falta de energia ou de perseverança se acaso eu perdesse o ensejo, que a fortuna me atravessava no caminho.

O sol ia já descendo quando alcancei a cumeada do monte, e os desladeiros subjacentes tintos de um verde aureo, a uma banda, e da outra envoltos em sombra pardacenta. Logo acima da linha do horizonte, lá ao longe, pairaiva uma nebrina, por entre a qual rompiam os vultos fantasticos dos penhascos de Belliver e de Vixen Tor. Nem o minimo som, nem sinal de vida, sequer, por toda a vasta expansão. Uma ave, de bom tamanho, gaivota ou alcatraz, a adejar, lá muito alto, no azul do firmamento. Ella e eu dir-se-ia sermos os unicos entes vivos entre a immensa cupula celeste e o deserto subjacente.

O adusto daquella scena, o sentimento da solidão, o misterio e a urgencia da minha tarefa tudo junto como que me regelava o coração. A respeito de rapaz, nem vestigios, se-

quer. Lá em baixo, contudo, na quebrada entre uns montes deparou-se-me um circulo de antigos tegurios de pedra, e em meio destes um conservando sufficiente porção de telhado para offerecer protecção contra as intemperies. Assim que lhe pus os olhos senti um baque no coração. Devia de ser a lura que servía de coio ao incognito. Até que por fim estaquei no limiar do latibulo da fera, — e com o seu segredo ao meu alcance.

Ao aproximar-me da choça, andando com a mesma cautéla com que andaria o Stapleton quando, brandindo a rêde, se acercava pé ante pé do poiso de uma borboleta, tratei de verificar se o sitio havia, ou não, sido utilizado como habitação. Um carreirinho meio apagado por entre os penedos conduzia á dilapidada abertura fazendo as vezes de porta. Lá dentro lobrego silencio. O incognito era possivel achar-se ali, á espreita, ou andaria a esmo pelo brejo. Latejavam-me os nervos com o sobresalto da aventura. Atirei fora o cigarro, finquei a mão na coronha do revolver e, arremetendo veloz com a porta, olhei para dentro. Estava ermo o tegurio.

E todavia, abundavam vestigios de como me não havia enganado o faro.

Era aqui, com certeza, que habitava o homem. Uns cobertores enrolados num impermeavel jaziam para ali sobre a propria lage que em tempos servira de cama ao homem néolithico. As cinzas dum borralho amontoadas numa grelha, tosca. Ao pé desta, varios utensilios culinarios e um balde meio de agua. Uma aglomeração de latas vazias atestava que o recinto havia sido occupado durante algum tempo, e á proporção que os olhos se me foram afazendo á luz mortiça, vi um cantil e meia garrafa de aguardente enfurnados a um canto.

A meio do cardenho uma lage preenchendo as vezes de mêsa, e sobre esta o que quer que fosse embrulhado num panno, — o mesmo, sem duvida, que eu tinha visto pelo telescopio ao hombro do rapaz. Continha um pão, uma lata com lingua de conserva, e duas com pecegos

Quando os tornei a depôr, em seguida a breve exame, o coração deu-me um pulo ao ver que debaixo se achava uma folha de papel com letras.

Peguei-lhe, e eis o que li, rabiscado á pressa, a lapis:



E para ahi estava elle, sentado cá fóra, n'uma pedra.

«O doutor Watson foi a Coombe-Tracey.»

Fiquei-me para ali, um minuto, de papel na mão, a escogitar a significação daquella breve mensagem. Era a mim e não a sir Henry que andava espreitando aquelle ente misterioso. Não fôra elle proprio que me seguira os passos, tinha-me lançado á tréla um agente — o rapaz, talvez — e era isto o seu relatorio. Era provavel que quantos passos eu tivesse dado na charnéca houvessem sido observados e relatados. E sempre aquella continua obsessão

de uma força invisivel, de uma rêde fina e cerrada em torno de nossas pessoas, tendida com delicadeza e habilidade infinita, a involver-nos com mão tão leve que apenas chegado o instante supremo verificavamos o acharmo-nos effectivamente entralhados nas malhas.

Existindo um relatorio podiam muito bem existir outros, e pus-me a esquadrinhar os cantos ao cardênho, a vêr se os encontrava. Nem o minimo vestigio sequer de semelhante coisa, nem tão pouco fui capaz de topar com indicio algum que pudesse orientar-me com respeito ao caracter ou ás intenções do individuo que vivia em logradoiro tão singular, salvo que devia ser homem de habitos espartanos, e a quem pouco importariam as commodidades da vida. Ao lembrar-me das chuvas torrenciaes e considerando o telhado desmantelado comprendi a que ponto seria firme e arreigado o proposito que o mantivera em tão inhóspito paradeiro. Seria um inimigo implacavel ou seria o nosso anjo da guarda? Jurei não arredar pé dali emquanto lhe não pusésse a vista em cima.

Lá fora o sol ia baixo e o poente, abrasado de oiro e escarlate. Reflectia-se em rubras manchas, lá ao longe, nas pôças que marchetavam o marnel grande de Grimpen. E lá estavam as duas torres da mansão de Baskerville, e mais para além, um penacho de fumo a marcar a aldeóla de Grimpen. Entre uma e outra, por detrás do monte, a casa dos Stapletons. Tudo aquillo suave, ameno e tranquillo na doirada luz da tarde, e eu, contudo, ao contemplá-lo, não participava da paz da Natureza, a tremer ante a indecisão e o terror daquella entrevista que cada minuto ia tornando mais proxima. Com os nervos em vibração constante, mas com firme proposito, sentei-me para ali, na lobrega escuridão daquelle tegurio, sombrio e paciente aguardando a vinda do inquilino.

Até que por fim lhe senti os passos. Lá ao longe o agudo ringir de uma bota topando numa pedra. Outra e outra vez ainda, e sempre de mais perto. Encolhi-me no mais escuro recanto e aperrei a pistola na algibeira, resolvido a não dar sinal de mim emquanto não tivesse ensejo de verificar a presença do adventicio. Mediou longa pausa, manifestando-me que havia parado. Depois, outra vez as passadas a aproximarem-se e uma sombra projectada através da abertura do cardenho.

— Linda tarde, meu caro Watson — emitiu uma voz bem conhecida. Quer-me parecer que estarás mais commodamente cá fora do que lá dentro.

CAPITULO XII

A morte na charnéca

Fiquei por instantes sem fôlego, sem poder dar credito aos proprios ouvidos. Depois, fui recuperando a pouco e pouco os sentidos e a voz, ao passo que a minha alma se sentia, por assim dizer, aliviada do pêso esmagador de semelhante responsabilidade. Aquella voz gélida, ironica, incisiva só podia pertencer a um homem unico neste mundo.

— Holmes! clamei — Holmes!

— Vê se saes dahi para fora — e faze favor de ter cautéla com esse revolver.

Agachei-me, transpus a tosca padieira da porta, e para ali estava elle sentado cá fora numa pedra, com aquelles olhinhos pardos, logrativos, a bailarem, fitos no meu assarapantado semblante. Estava magro e definhado, vivo e esperto, contudo, bronzeado pelo sol e crestado do vento o rosto sagaz. Com aquella sua andaina de cheviote e aquelle chapeu de panno parecia um excursionista qualquer andando a flaino pela charnéca, e havia conseguido, mercê daquelle amor felino do aceio pessoal, que éra uma das suas carateristicas, conservar tão lisa a barba e a roupa branca tão imaculada como se estivera em Baker-Street.

— Não me recordo da presença seja de quem fôr me ter dado tamanho alegrão, em toda a minha vida, clamei, ao apertar-lhe a mão com gana.

— Ou tamanho assombro, hein?

— Confesso que estava longe de...

— A surpreza foi a meias, não sei se t'o diga. Estava longe de suppôr que tivesses desencantado o meu retiro eventual, e muito menos que estivesses lá dentro, até que me achei a uns vinte passos da porta.

— As minhas pégadas, naturalmente?

— Qual! Watson; palpita-me que seria incapaz de identificar as tuas pégadas entre as pégadas de toda a gente deste mundo. Se tens empenho em me enganar trata de mudar de estanco; pois toda a vez que eu encontre uma ponta de cigarro com o carimbo de Bradley, Oxford Street, ficarei sciente de que se acha na vizinhança o meu amigo Watson. Podes vê-la, acolá, a um lado do carreiro. Atiraste-la fora, sem duvida, naquelle instante suprêmo

em que investiste com a porta da solitaria casinhóla.

— Sem tirar nem pôr.

— Logo vi — e conhecedor da tua admiravel tenacidade, convenci-me de que estarias de embuscada, com uma arma ao alcance da mão, á espera de que regressasse o inquilino. Com que então estavas na fé, effectivamente, de que eu era o criminoso?

— Ignorava quem fosse, mas estava determinado a sabê-lo.

— Optimo, Watson, mas como foi que déste pela minha presença? Viste-me, talvez, naquella noite da montaria ao presidiario, quando eu tive a imprudencia de consentir á lua o surgir-me por detrás das costas.

— Tal qual, foi então que eu te vi.

— E, já se vê, esquadrinhaste a quanto casébre ha por essa charnéca até que vieste dar a este?

— Isso não, foi visto o teu rapaz, e por esse acto fiquei dispondo de um indicio.

— Aquelle caturra do telescopio, sem duvida? Fiquei a scismar o que seria aquillo, quando vi o clarão a fuzilar das lentes.

Ergueu-se e espreitou para dentro do casébre.

—Ha, ha! o Cartwright, pelo que vejo, trouxe reforço de mantimentos. Que vem a ser este papel? Com que, então, estiveste em Coombe-Tracey, não é verdade?

— Estive.

— De visita a mistress Laura Lyons?

— Exactamente.

— Passo acertado! As nossas pesquizas tem seguido linhas parallelas, e, quando houvermos conjugado os resultados, espero que entraremos num quasi cabal conhecimento do assunto.

— Oxalá, e alegra-me de todo o coração ver-te aqui, pois declaro-te, que a responsabilidade e o mistério iam sendo pesados demais para os meus nervos. Mas por que artes do demonio vieste tu aqui ter, e que tens feito? E eu a suppor-te lá em Baker-Street a matutar naquelle caso de extorsão-fraudulenta.

— Era isso exactamente que eu queria que suppusesses.

— Serves-te, pois, de mim, e não te mereço confiança! clamei, um tanto estomagado. Muito mais suppuha haver merecido da tua parte, Holmes.

— Meu caro amigo, tens sido para mim um auxiliar impagavel, nestes como em outros muitos casos, e rogo-te que me perdoes este supposto logro.

Em boa verdade, foi em parte por tua causa que procedi deste modo, e o facto de eu avaliar o perigo que te ameaçava eis o que me induziu a abalar por ahi fóra afim de examinar o negocio com meus proprios olhos. Se eu tenho estado comtigo e com sir Henry é evidente que o meu ponto de vista haveria sido identico ao teu, e a minha presença teria servido de aviso aos nossos formidaveis contendores para se acautelarem. Dadas as circunstancias, vi-me habilitado a orientar-me, como aliás o não poderia ter conseguido se estivera hospedado na mansão, e deste modo fico sendo um factor ignorado no negocio, pronto a concorrer com o meu prestimo no momento critico.

— Mas por que é que me conservaste nas trevas?

— O inteirar-te não nos podia ter auxiliado, e éra possivel resultar dahi o darem pela minha presença.

Não deixarias de desejar transmitir-me o que quer que fosse, ou, com a tua bondade, haver-me-ias trazido um que outro objecto para minha commodidade, e correr um risco tão escusado representaria a ruina. Trouxe comigo o Cartwright — estarás lembrado daquelle garotête do Escritorio de expedições — e tem provido ás minhas singelissimas necessidades: um pão e um colarinho lavado. De que mais precisará um homem? Tem-me proporcionado um bom par de olhos de sobresalente por cima de um par de pés, e ambos tem sido de valôr incalculavel.

— Visto isso os meus relatorios representam desperdicio de papel!

Tremia-me a voz ao lembrar-me do trabalho e da ufania com que eu os havia compilado.

Holmes sacou da algibeira um rolo de papeis.

— Aqui estão os teus relatorios, meu caro amigo, e alinhavados a primôr, sou eu que t'o digo: Dispus optimamente as coisas e o seu andamento sofrerá apenas a demora de um dia. Aceita os meus parabens pelo zelo e intelligencia de que deste provas em caso de tamanha dificuldade.

Eu estava ainda um tanto arreliado com a decepção recente, a intimativa dos louvores de Holmes varreu-me pois do espirito semelhante impressão. No intimo, sentia que elle tinha ra-

zão no que afirmava, e para os nossos fins era muito melhor o elle ter comparecido na charnéca.

— Ora ainda bem, exclamou, vendo desanuvear-se-me o parecer. E agora, expõe-me para ahi os resultados da tua visita a mistress Laura Lyons — não me foi dificil advinhar que terias ido ali com o fito de procurá-la, pois me acho já informado de que é a unica pessoa em Coombe-Tracey que poderá prestar serviços neste negocio. E de facto, se tu lá não tivesses ido hoje, é mais que provavel que eu proprio lá fosse, amanhan.

Tinha-se posto o sol e o crepusculo principiava a invadir a charnéca. A aragem refrescára, e recolhêmo-nos ao cardénho em procura de calôr. Ali, sentados ambos no lusquefusque, contei a Holmes a conversa que tivera com a dama. A tal ponto se interessou que tive que lhe repetir alguns trêchos para o contentar.

— É importantissimo tudo isso, declarou, concluida a minha narrativa. Encontram, cartêamse, existe entre ambos connivencia absoluta. Ora isso põe em nossas mãos uma arma potentissima. Pudesse eu servir-me della para alhear a esposa.

— A esposa?

— Estou-te dando umas informaçõezinhas em paga das que me déste. A dama que por aqui tem usado o titulo de *miss* Stapleton é na realidade sua mulher.

— Que me dizes, Holmes! Tens a certeza disso que afirmas? Como consentiu elle então a sir Henry o deixar-se apaixonar por ella?

— O facto de sir Henry se apaixonar só podia redundar em prejuizo de sir Henry. Teve o maximo cuidado em evitar que este lhe manifestasse verbalmente o seu afecto, conforme não deixarias de observar. Digo e repito, a creatura é mulher delle e não irman.

— Mas qual será o escopo de tão artificioso ludibrio?

— O elle haver previsto que a creatura lhe podia ser muito mais prestadia com o caracter de mulher independente.

O conjunto das minhas aprehensões instinctivas, das minhas vagas suspeitas de subito assumiu forma concentrando-se na pessôa do naturalista. Naquelle homem incolôr, impassivel, com aquelle chapeu de palha e a rêde das borboletas, afigurou-se-me ver uma qualquer terrivel entidade — uma creatura de paciencia e perversidade infinitas, com um rosto sorridente e o coração de um assassino.

— O nosso inimigo, é elle, então! Foi elle quem nos seguiu as pisadas em Londres?

— É assim que eu decifro a charada.

— E o aviso — deve de ser della!

A sombra de uma qualquer monstruosa vilania, meio-vista, meio-adivinhada, vislumbrou-me através da escuridão que durante tanto tempo me involvera.

— Mas tens a certeza do que afirmas, Holmes? Por que artes vieste a saber que a creatura é mulher delle?

— Pelo facto delle se ter descuidado a ponto de te impingir um trêcho autentico de autobiografia, logo desde a primeira occasião em que se encontrou comtigo, e persuado-me de que por mais de uma vez se terá arrependido. Elle em tempos teve um collegio, lá para o Norte d'Inglaterra. Ora, se haverá entidade facil de identificar é a de qualquer director de collegio, com certeza. Abundam agencias escolares mediante cujo auxilio é facil topar com qualquer individuo que haja exercido a dita profissão. Meia duzia de investigações informaram-me de haver dado em droga um collegio em atrocissimas circunstancias, e de que o individuo á frente do mesmo — era diferente o nome — havia desapparecido e mais a mulher. Eram concordes os sináes de ambos. Quando vim no conhecimento de que o homem era dedicado á entomologia pareceu-me cabal a identificação.

Iam-se dissipando as trevas, e contudo, muita coisa jazia ainda escondida na sombra.

— Se a creatura é effectivamente sua mulher, donde surdiu pois esta tal Laura Lyons? indaguei.

— Ahi tens um dos pontos sobre os quaes as tuas proprias pesquizas vieram lançar luz. A tua entrevista com a dama aclarou immensamente a situação: Eu ignorava a circunstancia do projectado divorcio entre ella e o marido. Em tal caso, considerado o Stapleton como homem solteiro, a outra sem duvida estaria contando vir a ser sua mulher.

— E quando se desenganar?

— Quando tal succeder, poder-nos-á ser prestavel. O nosso primeiro passo deverá ser o irmos ter com ella, — ambos — amanhan. Mas não te parece, Watson, haveres estado, durante demasiado tempo, afastado do teu encargo? O teu posto era na mansão de Baskerville.

Os derradeiros laivos vermelhos haviam-se apagado, além, para o lado do poente e a noite tomado posse da charnéca. Um cardume de estrêlas scintilavam num céu de côr violácea.

— Concluindo com uma pergunta, Holmes, emiti, pondo-me de pé. — Escusado será dizer que entre mim e a tua pessoa, segredos é coisa superflua. Qual é a significação de tudo isto? Que quererá elle?

A voz de Holmes baixou de tom no acto de esponder:

— O assassinio, Watson, — o assassinio requintado, de animo-frio, e com premeditação. Não me péças pormenores, a minha rede vae-se cerrando sobre a pessoa delle, tal qual a sua sobre a pessoa de sir Henry, e graças ao teu auxilio tenho-o já quasi que á mercê. Um perigo unico poderá vir a ameaçar-nos. É o elle poder vibrar o golpe antes de nos acharmos prontos a fazê-lo. Com mais um dia, — dois, quando muito — e terei resolvido o meu problêma, mas até lá vigia o teu pupilo como qualquer mãe extremosa poderá vigiar um filho infermo. A tua missão, hoje, justificou-se, e contudo, estou em dizer que antes quereria que te não houvesses arredado de ao pé delle. — Escuta!

Um berro tremebundo — um brado prolongado de horror e angustia rompeu de entre o silencio do bréjo. Aquelle grito pávido congelou-me o sangue nas veias.

— Meus Deus! — anhelei — Que seria aquillo?

Holmes puséra-se a pé, de um pulo, e lobriguei-lhe o vulto escuro, athlético, á porta do cardênho, debruçado, projectante a cabeça, perfurando com a vista a escuridão.

— Chiton! socinou. — Chiton!

O grito fôra estridulo quanto vehemente, mas tinha estrugido desde algures, lá muito longe, na umbrea planicie. Agora, porém, estrondeava-nos aos ouvidos, mais proximo, mais rijo, mais afflicto, do que dantes.

— Onde será? segredou Holmes: e eu pelo tremulo da voz percebi que elle, o homem de aço, se achava abalado até ao amago. Onde será, Watson?

— Para ali, presumo. E apontei para a escuridão.

— Para ali, não, para acolá!

Outra vez o grito de afflicção varrendo a través do silencio da noite, cada vez mais de rijo e mais perto. E de mistura com elle um novo som, um susurro, profundo, rosnado, musical e ameaçador, todavia, subindo e baixando, intercadente, tal qual o marulhar constante do oceano.

— O cão! exclamou Holmes. Vem dahi, Watson, vem! Santo Deus! se já chegarêmos tarde!

Despediu veloz a correr pela charnéca em fora, e eu a seguir atrás delle. Agora, contudo, de algures, por entre aquelle chão accidentado immediatamente em frente de nós veiu ferir-nos o ouvido um derradeiro clamor de desespero, e acto-continuo, um baque, pesado e soturno. Estacámos de ouvido á escuta. Não quebrava o lobrego silencio daquella noite calma o minimo som.

Vi Holmes dar uma palmada na testa como homem inteiramente fora de si. Batia o pé no chão com força.

— Logrou-nos, Watson. Chegámos tarde.

— Não digas tal, não pode ser!

— Que destempero não foi o havê-lo poupado! E tu, Watson, vê-lá o que resultou de teres desamparado o ente confiado á tua vigilancia! Mas, em nome de Deus! se acaso se justifica o meu receio, heide vingá-lo!

Deitámos a correr, como cégos, através da escuridão, a tropeçar nos penedos, rompendo caminho por entre os moitedos de urzes, a arfar, galgando encostas e investindo de roldão por desladeiros, aproando sempre na direcção donde tinham vindo os tão pávidos sons. A cada lomba de terreno Holmos espraiava ancioso a vista em derredor, as trevas eram porém cerradas na charnéca, em cuja face adusta não bulia um atomo, sequer.

— Vês alguma coisa?

— Coisa nenhuma.

— Espera ahi, escuta, que será aquillo?

Viera ferir-nos o ouvido um gemido soturno. E soava outra vez do lado esquerdo! Para aquella banda uma orla de penhascos rematava numa fraga, insulada, dominando uma vertente entresachada de pedregulhos. Sobre a face escabrosa jazia estatelado um objecto qualquer, escuro, de forma irregular. Á proporção que arremetiamos para o indeciso vulto foram-se-lhe demarcando os contórnos e assumindo forma definida. Era um homem prostrado de bôrco, no chão, com a cabeça dobrada debaixo de si, descrevendo um angulo horrente, de hombros encolhidos e o côrpo feito num mólho. Tão grotesca era a atitude que não duvidei, por instantes, sequer, de que aquelle arranco havia sido o despegar-se da alma. Nem um anhelito, nem um fremito perceptivel na-

quelle vulto lobrego sobre o qual estavamos debruçados. Holmes pôs-lhe a mão em cima, e encolheu-a, rapido, com uma exclamação de horror. O clarão do fosforo que acendeu illuminou-lhe os dêdos peganhentos e reflectiu-se na pôça horripilante que a pouco e pouco se ia alastrando do esmagado craneo da victima. E a illuminar ainda outra coisa que nos congelou o coração decepando-nos as forças, — o corpo de sir Henry Baskerville!

Não havia meio de confundirmos aquella especialissima andaina de cheviote avermelhado, — a propria que elle trazia vestida naquella manhan em que pela vez primeira o tinhamos visto em Baker-Street. Vimo-lo claramente, posto que de relance, depois, o fosforo vasquejou apagando-se, tal qual se apagara a esperança em nossas almas. Holmes, a gemer, e eu, a despeito da escuridão, a entreverlhe o livor da face.

— Que animal eu sou! Que animal! clamei, estorcendo as mãos. Ah! Holmes, jamais poderei perdoar-me o havê-lo deixado entregue ao seu ruim fado.

— Sou muito mais culpado que tu, Watson. Com o fito em arredondar e completar os quesitos do meu caso, dei motivo a ter perdido a vida o meu cliente. É o mais tremendo golpe de quantos me tem ferido durante a minha carreira. Mas como é que eu podia saber — como podia eu saber — que elle iria arriscar a vida sósinho pela charnéca apezar dos meus repetidos avisos?

— E nós a ouvirmos-lhe os clamores — e que clamores, santo Deus! — e contudo, incapazes de o salvar! Onde parará aquella fera negregada, aquelle cão maldito que lhe causou a morte? Embuscado, talvez, por entre essa penedia, neste instante. E o Stapleton, por onde andará elle? Hade responder por esta boa obra!

— Hade, sim. Fica á minha conta. Tio e sobrinho ambos assassinados — o primeiro, aterrado a ponto de succumbir só com a vista da fera que elle suppôs um ente sobrenatural, o segundo, impellido para o lance final em sua fuga desatinada para se livrar do monstro. Agora, contudo, temos que provar a connexão que existe entre o homem e a fera. A não ser por aquillo que têmos ouvido, não podêmos jurar sobre a existencia desta ultima, desde que é evidente o facto de sir Henry ter succumbido por effeito da queda. Mas, por Deus! por muito arteiro que seja, esse homem estará em meu poder, antes de vinte e quatro horas!

E para ali ficámos, confrangido o coração, a um e outro lado do lacerado cadaver, assombrados por tão subito quanto irremediavel desastre, mercê do qual o conjunto dos nossos prolongados e arduos trabalhos viera a malograr-se de modo deploravel a tal ponto. Então, como fosse surgindo o luar, atrepámos á crista da fraga da qual se havia despenhado o nosso malfadado amigo, e lá do topo varrêmos com a vista a lobrega charnéca, prateada a metade, e a outra metade immersa na escuridão. Além, lá muito longe, milhas e milhas, para a banda de Grimpen, uma luz, solitaria e firme, a lucilar. Só podia vir da morada erma dos Stapletons. Soltando uma praga acerba saccudi o punho cerrado para ella ao ferir-me a vista.

— E por que lhe não havemos nós de deitar a unha, desde já?

— Não se acha ainda completo o nosso caso. O patife é ladino e matreiro quanto se pode ser. Não se trata daquillo que possâmos saber, mas sim do que poderemos provar. Um passo em falso, e escapar-se-nos-á ainda aquelle malvado!

— E que podêmos nós fazer?

— Não nos falta que fazer ámanhan. Esta noite resta-nos apenas o cumprirmos os ultimos deveres para com o nosso desditoso amigo.

Tenteando caminho descêmos a ingreme ladeira e acercámo-nos do cadaver, negro e a extremar-se de encontro ao tom argenteo das pedras. A agonia daquelles membros contorcidos causou-me um espasmo de dôr arrazando-me os olhos de lagrimas.

— Têmos que appelar para o auxilio de alguem, Holmes! Não podêmos carregar com elle, por todo este estirão, daqui até o Solar. Santo Deus! enlouquecerias tu, porventura!?

Soltara um grito e debruçara-se sobre o cadaver. E agora, pegára a dansar, a rir, e a apertar-me muito a mão. Seria este, effectivamente o meu amigo, tão commedido, tão austero? Vá alguem fiar-se em apparencias!

— As barbas! as barbas! Tem barbas, este homem!

— Barbas!

— Não é o baroneto! — é... é... o meu vizinho... o presidiario!

Com pressa febril, voltámos o corpo ápar-

riba, e a barba cerrada, hirsuta, a apontar para a clara, algida lua. Aquella testa sulcada, aquelles olhos ferinos, encovados não admitiam duvidas. Era effectivamente o mesmo rosto que eu vira surgir das trevas, aquella noite, illuminado em cheio pela luz, acima dos penedos — o rosto de Selden, o facinora.

Num relance, tudo se aclarou a meus olhos. Occorreu-me a circunstancia de haver dito o baroneto que tinha dado o fato usado ao Barrymore. Este dera-o ao Selden para o auxiliar na fuga. Bónné, camisa, botas — tudo de sir Henry. Era ainda tétrica a valer a tragedia, e não obstante, aquelle homem sequer ao menos havia merecido a morte segundo as leis do seu país.

Participei a Holmes estas circunstancias, com o coração a palpitar de alegria e gratidão.

— Visto isso o fato causou a morte ao pobre diabo, observou. — E' claro como agua o haver sido ensinado o cão mediante um qualquer objecto pertencente a sir Henry — a bota que foi surripiada lá no hotel, provavelmente — e terem-no açulado em perseguição deste homem. Surge, contudo, um pormenor um tanto singular. Por que artes poderia o Selden, na escuridão, saber que o cão lhe vinha na trilha?

— Tê-lo-á presentido.

— O facto de ouvir uivar um cão neste brejo nunca lograria lançar um homem empedrenido como este nosso presidiario em paroxismo tal de pavôr, a ponto de se arriscar a ser recapturado bradando por soccorro com desespero. A julgar pela intensidade dos berros deve de ter corrido um bom pedaço depois de ter percebido que o cão o vinha perseguindo. E como é que elle o podia saber?

— Misterio ainda mais impenetravel, a meu ver, é o motivo porque este cão... supondo serem correctas as nossas conjécturas...

— Não supponho coisa nenhuma.

— Em summa, por que é que o cão andaria á solta esta noite? Presumo que não costumará andar á solta pela charnéca. O Stapleton não o soltava não tendo motivo para suppôr que sir Henry andaria por ali.

—A dificuldade que eu lhe encontro das duas é a mais formidavel, pois estou persuadido de que não tardarêmos muito em ter uma explicação da que se te antolha, ao passo que a primeira pode muito bem ficar permanecendo para sempre em estado de misterio. E a questão agora é a seguinte: que havêmos nós de fazer com o cadaver deste desgraçado? Não o podêmos deixar para aqui entregue aos córvos e ás rapozas.

— Occorre-me que o recolhamos em qualquer destes cardenhos emquanto não communicarmos o facto á policia.

— Está dito. Entre ambos, estou que poderêmos carregar com elle até lá. Houlá, Watson, que foi aquillo? O proprio homem em pessoa! O supra-summo da audacia. Espantoso! Nem palavra que dê a perceber as tuas desconfianças — nem palavra, aliás, prégas em terra com os meus planos.

Vinha vindo para nós, pela charnéca, um vulto, e lobriguei o clarão soturno de um charuto acêso. Batia-lhe em cheio o luar, e consegui distinguir a figura azougada e o andar saltitante do naturalista. Parou quando deu por nós, mas depois continuou a andar.

— Ora esta, o doutor Watson, será possivel? A pessoa que eu menos esperaria vêr cá pela charnéca, a semelhante hora! Mas, valha-nos Deus! Isto que é? Alguem ferido? Não será — não me diga que é o nosso amigo sir Henry!

Passou por mim a correr a debruçou-se sobre o cadaver. Ouvi-lhe a respiração arquejante, e caiu-lhe da bôca o charuto.

— Mas — quem é elle, então?

— E' o Selden, o prêso que se escapuliu de Princetown.

Stapleton voltou para mim uma cara de defunto, mercê de suprêmo esforço, contudo, conseguiu sopear o assombro e a decepção. Olhou a fito já para mim, já para Holmes.

— Valha-nos Deus! Que caso tão pavoroso! Mas de que é que elle morreu?

— Pelos modos esmigalhou a cabeça de uma quéda daquella fraga abaixo. Eu e este meu amigo andavamos a dar a nossa passeata pela charnéca e ouvimos um bérro.

— Tambem eu o ouvi. E foi isso mesmo que aqui me trouxe. Estava com cuidado em sir Henry.

— Com cuidado em sir Henry, *especialmente?* E por quê? Não fui senhor de suster a pergunta.

— Pelo facto de eu lhe ter dito que apparecesse lá por casa. Quando vi que não vinha, surprendeu-me isso um tanto, e como é alias natural, fiquei aprehensivo, não lhe tivesse succedido qualquer percalço, quando ouvi gritos na charnéca. A proposito — e os olhinhos a cravarem-se, óra em mim óra em Holmes—

ouviriam, por acaso, qualquer outro som além dos gritos?

— Eu, coisa nenhuma, e o senhor?

— Tambem não.

— A que se refere, pois?

— Ora, terá ouvido esses contos que os labrêgos impingem a respeito de um cão-fantasma, et-cœtera e tal. Affirmam elles que o ouvem, de noite, por essa charnéca. E estava desejoso de saber, de fonte limpa, se teriam ouvido o tal som, esta noite.

— Não ouvimos coisa nenhuma que se pareça, confirmei.

— E qual é a sua opinião quanto á morte deste pobre diabo?

— Estou persuadido de que a anciedade e as intemperies lhe haverão dado volta ao miolo. Deitaria a correr sem destino pela charnéca, em estado de alucinação, até que se despenhou dali a baixo e esmigalhou o craneo.

— Afigura-se-me ser a interpretação mais racional, effectivamente, confirmou Stapleton, e arrancou um suspiro que eu considerei como que de alivio. Qual é o seu parecer, senhor Sherlock Holmes?

O meu amigo fez-lhe a sua vénia.

— E' forte em tirar por consequencias, o cavalheiro, obviou.

— Temos estado á sua espéra por aqui desde que cá está o doutor Watson. Veiu a tempo de presencear uma tragedia.

— Assim é, na verdade. E não ponho duvida em que a interpretação do meu amigo virá a justificar-se. Volto amanhan para Londres levando comigo recordação assás desagradavel.

— Ah! com que então vae-se embora amanhan?

— Faço tenção.

— Ouso esperar que a sua visita lançaria alguma luz sobre todas estas occorrencias que nos trazem tão perplexos?

Holmes encolheu os hombros.

— Nem sempre logramos ser tão bem succedidos conforme esperavamos. Todo aquelle que investiga necessita de factos, e não de lendas ou de boatos. Não tem sido um caso satisfatorio.

O meu amigo expressava-se com summa franqueza e despreoccupação. E o Stapleton sem lhe tirar os olhos de cima. Voltou-se então para mim.

— Dir-lhes-ia que levassem este pobre diabo para minha casa, isso porém iria assustar a tal ponto minha irman que me não atrevo a indicar-lho. E creio que se lhe taparmos a cara com qualquer coisa, ficará em segurança até amanhan.

E assim se fez. Declinando os offerecimentos de hospitalidade por parte de Stapleton, Holmes e eu metemos a caminho da mansão de Baskerville, deixando o naturalista fazer-se de volta sósinho. Seguimo-lo com a vista e observámos que palmilhava devagar a vasta charneca, e por detrás delle aquella nodoa negra no argenteo esbarrondadeiro a mostrar o sitio em que jazia um homem que encontrára o fim de seus dias por forma horripilante a tal ponto.

— Estamos prestes a pegar á unha, finalmente! declarou Holmes, seguindo a par comigo pela charnéca. Que rijeza de nervos, a do sujeito! Como elle soube ter mão em si em presença daquillo que devia ser um abalo de paralizar quando verificou que o homem que caíra victima da sua trama não era quem elle esperava. Já t'o disse lá em Londres, Watson, e repito-o aqui, ainda não topámos com um adversario tanto á medida das nossas forças.

— Sinto devéras o elle haver-te posto a vista em cima.

— O mesmo se deu comigo, a principio. Mas se não havia meio de me esquivar!

— E que effeito suppões tu que isso venha a ter sobre os seus planos, agora que está sciente de que te achas aqui?

Levá-lo-á a ser mais precavido, ou poderá impeli-lo desde já a lançar mão de alvitres desesperados. Conforme se dá com outros criminosos, é possivel o confiar demasiado na propria esperteza e imaginar que nos illudiu de meio a meio.

— Mas por que é que o não havemos de filar desde já?

— Nasceste fadado para vir a ser homem de acção, caro Watson. O teu instincto sugére-te sempre qualquer acto energico.

Supponhâmos porém, por amôr á discussão, que o filávamos esta noite, que adiantavamos com isso? Não dispunhamos da minima prova para aduzir contra elle. E ahi é que está a habilidade do sujeito! Se acaso operassemos em vista de qualquer agente humano, ser-nos-ia possivel alcançar algum testemunho de evidencia, mas se tivéssemos que arrastar para a luz do dia o tal canzarrão, isso não nos ajudava a amarrar uma corda de roda da garganta do dono.

— E não obstante é inquestionavel o acharmo-nos em presença de um crime.

— Nem a sombra sequer de umaprova, suspeitas e conjecturas, nada mais. Eramos postos fóra do tribunal á gargalhada se fossemos para lá com semelhantes contos e com semelhantes provas de evidencia.

— Ha a morte de sir Charles.

— Encontrado morto e sem um sinál unico de violencia. Tanto eu como tu estamos conscios de que morreu méramente de susto, e sabemos o que foi que o assustou; mas como queres tu convencer disso uma duzia de jurados boçaes?

Que vestigios haverá da presença de um cão qualquer? Onde estão as marcas das prezas da féra? E' certo sabermos que um cão não morde num corpo morto, e que sir Charles o estava já, antes até do bruto se avançar a elle. Mas temos que *provar* tudo isso, e não nos achamos em condições de o fazer.

— Assim será, mas esta noite?

— Não estamos mais adiantados esta noite. Repito, não houve connexão directa entre o cão e a morte do homem. Nós nem sequer vimos o cão. Ouvimo-lo; mas não podêmos provar que viesse a correr atrás do homem. Existe pois ausencia total de motivo. Não, meu caro amigo, temos que resignar-nos com o facto de não possuirmos por emquanto certeza de haver delicto; e merece a pena afrontarmos qualquer perigo com o fito em lhe estabelecer a existencia.

— E de que modo te propões consegui-lo?

— Fundo grandes esperanças no que poderá fazer em nosso favor mistress Laura Lyons, assim que lhe houvermos apresentado, claro o manifesto, o estado do negocio. E não deixo tambem de ter o meu plano. O peor é tomarnos isso o dia de amanhan; mas espero que antes de que elle haja decorrido teremos finalmente levado a melhor.

Não fui capaz de lhe sacar mais coisa nenhuma, e elle, engolfado em seus pensares, assim foi indo até ao portão do solar do Baskerville.

— Vens d'ahi?

— Vou; não vejo motivo para mais esconderijos. Uma palavra, em conclusão, Watson, Nem pio a respeito do cão a sir Henry. Deixa-o na persuasão de que a morte do Selden se deu conforme Stapleton no-lo quis impingir. Conservará assim os nervos mais rijos para fazer face aos transes por que terá que passar, durante o dia de amanhan, se é que bem me lembro do teu relatorio, em que vae jantar com aquella gente.

— E eu tambem.

— Deves pois arranjar qualquer desculpa porque elle tem que ir sósinho. Não te será dificil inventar pretexto. E agora, supposto vies, semos tarde para o jantar, estou em dizer que nem um nem outro voltará cara á ceia.

Versão de MANOEL DE MACEDO *(Continúa)* CONAN DOYLE.



QUARTO CONCURSO DOS "SERÕES"

MENÇÃO HONROSA



UM TRECHO DO RIO JAMOR

Photographia de Antonio Rosa da Silveira — R. das Chagas — Lisboa

Os Serões dos Bébés



Chamava-se Maria, aquella fada.

Tinham-lhe dado um nome pouco proprio para fadas, que de ordinario se chamam Açucena, Rosa, Violeta.

As que se chamam Açucena, são muito brancas, airosas e altas, se bem que não excedam em tamanho um dedo mendinho. Occupam-se em limpar o pó das flôres do seu nome, em regalas com orvalho e em pôr-lhes todas as manhãs o seu delicado aroma. As que se chamam Rosa, são pequenas e rechonchudas, ligeiramente avermelhadas e teem boquinhas encantadoras que fazem lembrar os rubis, e narizinhos um tudo nada arrebitados, mas não tanto que pareçam feios. Sacodem a poeira dos botões e afugentam das petalas os insectos que poderiam roel-as. As que se chamam Violeta, andam occultas por entre as folhas d'esta planta e com uma varinha doirada expulsam as lagartas que veem comer as flôres.

Ora a fada Maria não sabia fazer nada d'isto. De mais a mais foi crescendo, crescendo, de modo que ao fim de tempos mais parecia um rapariguinha, que andasse brincando pelos campos. A's vezes subia a certas plantas, mas, como era muito pesada, partia-as e cahia no chão.

A rainha das fadas zangou-se por fim e chamou-lhe a mais desastrada de todas as suas vassallas.

— Se assim continuares, disse-lhe ella, pódes causar grandes calamidades no meu reino.

Maria já estava tão crescida que precisava de um chapeo, tamanho como a palma da mão de um bébé, e tão pesada se tornou que partia as hastes dos cogumelos onde por acaso se sentava a descançar.

Era por isto que as outras fadas fugiam d'ella, deixando-a inteiramente sósinha.



PARTIA AS HASTES DOS COGUMELOS ONDE POR ACASO SE SENTAVA A DESCANÇAR



E vae então Maria andava muito triste e desejava tornar-se em rapariga, ou até em rapaz, pois assim ninguem lhe quereria mal por ter crescido tanto.

E cresceu mais, muito mais ainda. Só as azas lhe não cresciam, e até ficaram tão pequenas que ella deixou de poder voar, a não ser para muito perto. Quando as outras fadas iam pelos ares fóra, tinha de resignar-se a saltitar pelo chão, acarretando mel e orvalho, pois era isto o que as fadas comiam e bebiam.



Uma vez que a rainha deu um baile, Maria não poude entrar no salão da ceia, que era dentro de uma abobora menina, e ficou a fazer cruzes na bocca. As outras fadas ainda em cima a escarneceram, o que lhe fez tanto desespero que a pobre, aproveitando a escuridão da noite, fugiu sem ser vista, para muito longe d'ali. sahindo afinal do reino das fadas.

Depois de ter caminhado muito, encontrou-se com um mocho, que passava por ter espantosa sabedoria e que disse para ella «Uh! Uh!», o que na lingua dos mochos significa: «Dize-me quem és» E Maria respondeu que era uma fada. Ao que o mocho retorquiu perguntando-lhe quantas eram. Isto nos mochos é uma chalaça. Queria dizer-lhe que o corpo de Maria dava para muitas fadas.



E CRESCEU MAIS, MUITO MAIS AINDA

Replicou-lhe que por ter aquelle nome improprio havia crescido tanto, e pediu-lhe que lhe dissesse como podia mudal-o.

O mocho ouviu-a com toda a attenção, porque é uma ave muita bem creada, e respondeu-lhe:

— Não podes mudar de nome emquanto não arranjares um principe que te dê o seu. Assim acontece a muitas mulheres e a muitas fadas.

Maria perguntou-lhe onde poderia encontrar esse principe, porém o mocho disse-lhe que era ella que tinha de achal-o, para obter o resultado que desejava.

A pobre continuou o seu caminho, e andou, andou, até que viu uma abelha, que andava esvoaçando de flôr em flôr. E disse-lhe


MARIA RESPONDEU QUE ERA UMA FADA

quem era e que desejava encontrar um principe, que lhe desse o seu nome.

A abelha pousou lhe em cima do hombro — já sabem que a fada era muito grande — zumbiu, bateu as azas, pôz-se a pensar, e disse-lhe:

— Vae andando até chegares ao Reino das Flôres e se pelo caminho encontrares um principe que se offereça para te mostrar a Lua de Mel, é esse que te dará o seu nome.

Maria agradeceu muito á abelha e seguiu o seu caminho, olhando á direita e á esquerda, para vêr se descobria o tal principe.

Depois de ter andado muito, deparou um duende, que parecia mesmo um rapazito ainda pequeno. Era muito engraçado e tinha uma bocca tamanha que lhe ia quasi de um lado ao outro lado da cara, uns olhos muito grandes e esbugalhados, e umas orelhas enormes; mas faltava-lhe o rabo, que é coisa que teem de ordinario todos os duendes.

A fada bem sabia que os duendes costumam ser muito maldosos, e que se pelam por fazer pirraças, tanto assim que no paiz das fadas já elles não teem acceitação, e por mais que falem ninguem lhes dá troco. Aquelle duende, porém, não fazia senão rir e dar saltos, e parecia não ter maldade. Vendo-se tão sósinha, Maria estava morta por encontrar alguem com quem conversasse e encaminhou-se muito risonha para o duende.

Elle sorriu-lhe, cumprimentou-a, tirando o barretinho.

A fada tambem cumprimentou e disse estes versos, que armou ali mesmo de sua cabeça:

A fada que estás vendo
Tem nome de Maria.
Um nome feio, horrendo,
Um nome de arrelia.

E o duende respondeu-lhe, que se o nome de Maria era feiissimo para uma fada, tambem o nome d'elle era medonho para um duende. Chamava-se Bonifacio, ao passo que os outros duendes se chamavavam Sápegato, Encanzinacães ou Trinca-rabos, nomes que correspondem ás maldades e partidas que elles costumam fazer. Um duende chamado Bonificio não podia levar o tempo a dizer sape aos gatos, a encanzinar os cães, nem a puxar pelo rabo a outros bichos que topasse ao pé de si e que tivessem rabo. Por isso os outros duendes o troçavam e atenazavam a toda a hora, de maneira que Bonifacio tinha fugido do seu paiz,

porque lá estava sempre em desaccordo com todos, visto nunca arreliar ninguem nem fazer mal a quem quer que fosse. Os duendes acham errado tudo o que nós julgamos certo, mau o que nos parece bom, e dizem que é dia perdido aquelle em que não fizerem desesperar alguem.

— Por causa do meu negregado nome não tinha uma hora de socego, disse elle por fim. Agora, por conselho do mocho e da abelha, vou para o Reino das Flôres, á cata de uma princeza que me faça mudar de nome e me mostre a Lua de Mel, mas tenho muito medo de que não haja princeza que me queira, porque não sou travesso e porque tenho maneiras delicadas.

Maria respondeu-lhe que prefería as maneiras delicadas ás grosseiras, e que certamente a princeza pensaria do mesmo modo.



O DUENDE DESATOU N'UMA GRANDE GALHOFA, CHAPINHANDO NA AGUA

Foi assim que os dois travaram conhecimento e continuaram juntos o seu caminho.

Deparou-se-lhes, pouco mais além, um riacho de pequena fundura. O duende metteu-se a elle e desatou n'uma grande galhofa, chapinhando na agua com os pés, emquanto Maria, toda assustada, olhava-o da margem.

— Se quizer passo-a para o outro lado, disse-lhe o duende, voltando-se para traz e fazendo-lhe uma mesura.

— E' muita bondade da sua parte, respondeu a fada.

— Bem sei que, como duende, não devia ser bom, fez o outro procurando desculpar-se. Mas se não está mais na minha mão!... E' do nome que me pu-

zeram. Bonifacio... Se fôsse Malifacio, outro gallo me cantara. Mas ande, não tenha medo, suba para as minhas costas.

Maria ainda estava com suas duvidas, por saber que os duendes, em geral, são levados da breca e fazem ás vezes aquelles offerecimentos para depois atirarem ao charco os tolos, que n'elles se fiaram. Parecia, comtudo, tão sincero e affavel, que Maria não quiz offendel-o regeitando-lhe o offerecimento e saltou-lhe para os hombros. E logo o duende a levou para a outra margem, sem que ella molhasse os pés nem a orla do vestido.

— Obrigado, sr. Bonifacio.

— Não ha de quê, menina Maria, respondeu o duende córado até á raiz do cabello, por estar sendo tão bem creado.

Andaram, andaram, até que viram na sua frente um grande lobo que lhes deitou uns olhos de metter medo e mostrou uma dentuça capaz de trincar pedras.

Vendo que o medonho bicho avançava para elles a pés de lã, decidido certamente a devoral-os, Maria deu um salto e empoleirou-se n'um rochedo proximo. Para isto serviu-se das azas, apesar de não serem grandes. Olhou para baixo e viu o duende muito afflicto, porque não podia fugir para sitio onde o lobo não o alcançasse.

E vae ella voltou para o pé d'elle, e disse lhe que se lhe escarranchasse nas costas, porque voaria para o alto do rochedo.

O Bonifacio não queria acceitar o favor, mas por fim consentiu.

A fada bem mexeu as azas na ancia de voar, mas por causa do peso não foi capaz de se levantar do chão. Vendo isto, o duende conseguiu saltar das costas da fada para uma ponta do rochedo e afinal chegou ao cimo. Maria logo pulou para junto d'elle.

Quiz o lobo fazer outro tanto, mas não poude, porque o rochedo, em baixo, era liso e empinado. Ficou furioso, já se vê, e abriu uma boccaça por onde caberiam, a par, o duende e a fada. Ao mesmo tempo esfuracava o focinho com a pata, exactamente como fazem certos meninos malcreados, que mettem os dedos pelo nariz acima.

Maria atirou-lhe uma pedra, que o lobo aboccou logo e ficou a rilhar como se fosse um bello petisco, entrementes os dois viandantes continuavam a sua jornada.

Fôram andando, e encontraram uma bruxa mais velha que o azeite e vinagre nas tendas. Não tinha um unico dente e era tão favorecida de nariz, que por pouco elle não tocava na ponta da barba. Caminhou direita aos dois arrimada a um pausinho e tão curvada para o chão, que mal se lhe via a cara engelhada.

Depois de saber o que desejavam, chamou pelo seu gato preto e disse-lhe:

— O que estás vendo, ó Carocho?

Fez a pergunta porque já não era capaz de vêr nada.

O Carocho deu taes marradinhas nas pernas da dona, que por pouco não a atirou ao chão, e fitou nos viajantes os olhos redondos e luzentes como brazas.

— E' uma fada e um duende, miou baixinho, isto é, duas coisas de grande arrelia, uma para mim e outra para minha dona.

Deve-se dizer que as bruxas não teem poder contra as fadas, nem contra

quem as acompanhar, e que aos gatos mettem muito medo os duendes. Ainda assim, como a bruxa e o gato estavam fartos de saber que duendes e fadas nunca se dão bem, concluiram que os dois que tinham deante de si, como pareciam amigos, deviam ser por força muito differentes dos outros. Por conseguinte, era preciso ter ainda mais cuidado com elles, pois talvez viessem dar cabo do poder que ambos tinham de fazer bruxarias e feitiços.

— O melhor é separal os... bem sabe para quê, segredou o gato á bruxa. E disse em voz alta a Maria e a Bonifacio que a sua dona os convidava a passar ali á noite, porque de certo estariam cançados.

Como isto era verdade, o convite foi acceite, e a velha, procurando mostrar-se agradavel, deu aos seus hospedes pão e leite, que lhes soube muito bem. O gato, no entretanto, de unhas muito encolhidas, ia fazendo rom-rom e miando ora para um ora para outro.

Depois da ceia, a bruxa tomou de parte Maria e fallou as estopinhas, dizendo-lhe que tão linda fada depressa se tornaria pequenina como as outras e feliz como ellas, uma vez que mudasse de nome. Que para isto só tinha de a acompanhar até ao Reino das Flores, por um caminho muito curto, que iria ensinar-lhe da melhor vontade.



MARIA OLHOU PARA BONIFACIO E RECONHECEU QUE ELLE NÃO DEVIA NADA Á FORMOSURA

— Então venha! disse Maria.

— Vou já, comtanto que não tragas comtigo esse feio duende de olhos esbugalhados e de bocca de orelha a orelha. Era uma vergonha para mim, se me vissem na companhia do mostrengo.

Maria olhou para Bonifacio e reconheceu que elle não devia nada á formosura, mas, lembrando-se de todas as provas de amizade de que lhe era devedora, respondeu-lhe que não o deixava.

D'ali a migalha quiz o gato convencer o duende a abandonar a fada, dizendo-lhe que ella tinha uns olhos sem expressão e uma cara de tola.

(Conclue no proximo numero.)



Grandes topicos

Inglaterra, Hespanha e França

A «Nova Triplice Alliança» — eis como já é designado o accôrdo franco-anglo-hespanhol concluido ha poucos dias. Na realidade, não é de um só accôrdo que se trata, mas de dois: um franco-hespanhol e outro anglo-hespanhol; simplesmente, os dois constituem um todo, graças á *entente cordiale* franco-ingleza que por assim dizer lhes serve de base.

Nos termos d'estes accôrdos, a França e a Inglaterra garantem á Hespanha a integridade das suas costas e das possessões visinhas; por seu turno, a Hespanha garante á Inglaterra Gibraltar e á França a liberdade completa das suas relações com a Argelia e o Senegal, assim como a possibilidade de, em tempo de guerra, pôr em communicação as suas esquadras do Mediterraneo com as do Atlantico.



AMIZADE ALENTADA

N'este momento é a Hespanha o amigo mais alentado do rei Eduardo, mas não tardará que fique sendo o mais franzino.

Do «*Lustige Blätter*»

Os menos versados em assumptos d'esta ordem comprehenderão facilmente a alta importancia d'estes accôrdos. Por um lado, a França, a Inglaterra e a Hespanha conseguem com elles garantir os importantissimos interesses que teem no Atlantico e no Mediterraneo; por outro, as duas primeiras potencias dão um novo e bem profundo golpe na Allemanha, o que decerto constituirá motivo de justa satisfação para todas as nações que não só não desejam envolver-se em aventuras bellicosas, como estão firmemente dispostas a manter a paz a todo o custo, pois sabem que só com ella poderão trabalhar para o seu desenvolvimento e para a sua prosperidade.



O REI EDUARDO EM LILLIPUT

Os lilliputianos são os principaes chefes de estado continentaes e entre elles vê-se o rei de Portugal

De «*The Winning Post*»



O HERDEIRO

AFFONSO XIII — *Com que então és meio inglez? Has de ir longe, meu filho!*

Do «*Pasquino*»

A questão do Congo

DISSÉMOS no nosso ultimo numero que, segundo informações da imprensa belga, franceza e ingleza, até então não desmentidas, o rei Leopoldo se propunha ceder o Congo á França



PROTEGENDO A POMBA

O millionario Carnegie, que projeta edificar o palacio da paz, tem que se haver com os galfarros.

Do «*New York American*»

tendo para isso já encetado as respectivas negociações. Assim era, de facto. Succede, porém, que o habil plano de Leopoldo fracassou completamente, tendo-lhe preparado o fracasso a propria França, que, comquanto desejasse bastante esse negocio, receava muito das suas consequencias.

Não podendo por esse lado realisar o seu *desideratum*, o rei voltou de novo as suas vistas para a Belgica, e é com ella que actualmente trata. A antiga base de negociações foi modificada n'um sentido que o soberano reputa mais conciliador, mas o certo é que não ha conciliações possiveis emquanto elle teimar em ficar como proprietario exclusivo de uma parte do estado africano. N'esse ponto a Belgica é irreductivel, sendo por isso indispensavel que o rei desista do seu proposito para se poder chegar a um acôrdo.



A ALLIANÇA COM A GRÃ-BRETANHA

ALLEMANHA PACIFICA — *Toda a gente se agarra ao Eduardo, até o petiz do Affonso. Querem vêr que não tenho remedio senão metter-me no rancho?*

Do «*Nebelspalter*»

A constituição do Orange

DEPOIS do Transvaal, o Orange. Era justo. Tendo passado toda a sua existencia de paiz livre junto da patria de Kruger, gosando as mesmas alegrias e chorando as mesmas desditas, tendo com ella e por causa d'ella perdido a sua independencia, o Orange era crédor das regalias que já se haviam concedido ao seu antigo aliado.

Comprehendendo-o assim, o governo inglez acaba de publicar



DESARMAMENTO NO INFERNO

O AJUDANTE *(fazendo o seu relatorio)— Perderam se mais os seguintes navios: o «Grosser Kurfurst», o «Jules Ferry», o «Iena», etc.*

O DEMONIO GRANDE DA GUERRA — *Bem. Visto que tanto se consegue em tempo de paz, não precisamos de mais guerras; podemos pois ir com os outros á conferencia da Haya.*

Do «*Lustige Blätter*»

Constituição do Orange. Segundo ella, haverá um Conselho legislativo, composto de onze membros nomeados pelo governo; e uma assemblea legislativa de trinta e oito membros eleitos por todos os subditos inglezes de mais de 21 annos e que tenham seis mezes, pelo menos, de residencia na colonia. As discussões nas duas assembleas poderão ser em inglez ou hollandez, mas o extracto da sessão tem de ser feito no primeiro idioma.

O ministerio compôr-se-ha de cinco membros, que terão o direito de usar da palavra nas duas camaras, mas só poderão votar n'aquella de que fazem parte.



JOGUINHO NO CLUB DA HAYA DE 1907

O rei Eduardo pode fazer-nos um serviço de primeira ordem. Conhece todas as subtilezas do jogo, e ha de vigiar que não se usem cartas marcadas.

Do «*Kladderadatsch*»

Em caso de desaccordo, as duas camaras, reunidas em assemblea plenaria, resolverão o incidente por maioria de votos.

O governo imperial reserva-se o direito de *veto* sobre qualquer decisão legislativa que sanccione a admissão da mão d'obra chineza na colonia.

Communs e Lords

A annunciada campanha do governo inglez contra a camara dos Lords acaba de ser iniciada pelo primeiro ministro com a apresentação á camara dos Communs de uma moção sobre o assumpto.

Segundo essa moção, o direito da camara alta de modificar ou rejeitar os *bills* votados na outra, deve ser limitado de tal sorte que, ao terminar a legislatura, a decisão da

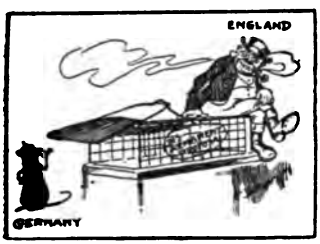


OS SONS DA FLAUTA ENCANTADA

O flautista canta as modas de Frederico o Grande. Mas o crocodillo (Clemenceau) está farto de conhecer aquella cantiga.

Do «*Nebelspalter*»

camara popular possa ficar como definitiva. Assim, quando as duas camaras não cheguem a accôrdo sobre qualquer projecto de lei, é este submettido a uma commissão constituida por communs e lords; se a commissão tambem não chegar a accordo, o projecto é retirado, mas poderá ser apresentado de novo depois de um certo praso. Feito isto, a camara dos communs aprova-o e envia-o á camara alta. Se ainda houver divergencias, vae o projecto a uma nova commissão mixta, e se esta mais uma vez não conseguiu resolver o assumpto, volta o diploma á camara popular que novamente o aprova e envia pela ultima vez á camara das lords, fazendo-lhe sa-



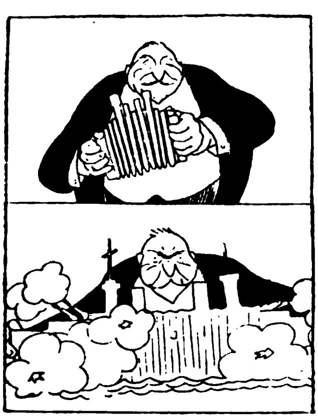
A ISCA NÃO PEGA!

(A isca e o desarmamento)

Do «*Kladderadatsch*»

ber que, mesmo que ella o não vote, será convertido em lei.

É claro que a camara dos communs recebeu magnificamente a moção governamental, votando-a de-



O ACCORDEON DOS COURAÇADOS

Quando se encolhe, nada se parece mais com o desarmamento

Do «*Ulk*»



A AGUIA GERMANICA

Caricatura de Frank Richardson

pois de alguns dias de discussão, por grande maioria. É claro tambem que o projecto vae ser ferozmente atacado pelos lords; mas, segundo parece, o governo está disposto a fazel-o adoptar passando sem o concurso d'elles.

A Duma dissolvida

A reacção russa conseguiu obter uma nova victoria. Como a Duma, aliaz menos radical e menos turbulenta do que a primeira, não fosse, todavia, o instrumento passivo que ella havia imaginado, a autocracia resolveu, n'um dado momento, darlhe o golpe de morte. Para isso, o governo apresentou á Duma um pedido de auctorisação para serem processados e presos alguns dos seus membros, a quem acusava de conspiradores. É claro que a Duma recusou o pedido — e o governo immediatamente a dissolveu, em nome do czar, mandando todavia proceder a novas eleições em setembro.

Simplesmente, essas eleições vão ser feitas segundo uma nova lei expressamente elaborada para expurgar do parlamento os elementos avançados. Assim, o numero dos deputados é reduzido de 524 a 442; a representação da Polonia reduzida tambem de 39 a 14 deputados; deixará de haver a representação especial de 19 cidades, pois de futuro só 7 gosarão d'esse privilegio, entrando no numero das sacrificadas Kasan, Karkoff e Saratoff, centros socialistas; finalmente, os operarios passam a ser representados por um numero muito restricto de deputados, e estes mesmos não poderão ser intelectuaes. A disposição capital da nova lei é precisamente não permittir que os membros de uma classe possam eleger representantes fóra d'essa classe. Assim se procura coarctar o mais possivel a entrada dos intelectuaes na Duma.

Vê-se que o czarismo, não podendo já priscindir em absoluto do parlamento, procura por todos os



SEMI-JUBILEU

ALLEMANHA — *Somos uma familia feliz, olé se somos!*
AUSTRIA *(piano)* — *Pois somos!*
ITALIA *(dubioso)* — *Eramos!*

(A Triplice faz agora exactamente 25 annos).

Do «*Punch*»

meios formal-o á sua imagem e semelhança.

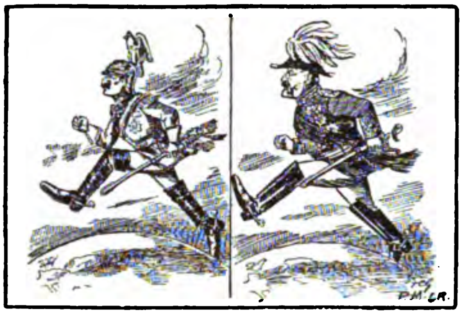
Naturalmente, e apesar de tudo, não o conseguirá, mas se o conseguir, que ganhará elle com isso?



E ESTA!

REI EDUARDO — *Palavra que não entendo o que tem o Guilherme contra mim! Eu realmente sou a pessoa mais pacifica do mundo inteiro.*

Do «*Wahre Jacob*»



VISÕES

A imprensa ingleza germanophoba vê por toda a parte o Kaiser. *A imprensa allemã anglophoba vê por toda a parte o rei Eduardo.*

Da «*Westminster Gazette*»

Em França

A questão vinicola, que entre nós tanto ruido causou ultimamente, surgiu o outro dia em França, assumindo desde logo um aspecto gravissimo, a ponto de pôr em serio risco a vida do ministerio.

Foi pouco mais ou menos o que se deu em Portugal: Os agricultores francezes entenderam dever plantar vinha a torto e a direito; obtiveram a principio, é claro, optimos resultados, mas vem a philoxera e destruiu-lh'a. Em vez de aproveitar a oportunidade para ao menos em certos terrenos, mudarem de plantação, todo o seu empenho consistiu, ao contrario, em fazer vingar a mesma. Simplesmente, emquanto isso não se obteve, a producção foi muito inferior ao consumo, do que resultou a apparição do especulador que a breve trecho fazia adoptar por uma enorme parte dos consumidores, especialmente das grandes cidades, uma mistella feita de tudo menos do sumo da uva.

Formado o gosto para esse novo producto, os seus consumidores foram augmentando dia a dia, a ponto de que hoje, quando o vinhateiro acaba de fazer o seu vinho, tem de recolhel-o ás adegas porque o mercado está completamente cheio do outro.

Eis uma das principaes razões da crise vinicola, sendo a segunda o progressivo augmento do consumo do alcool tanto cylico como industrial.

Choveram as reclamações contra este estado de coisas e o governo viu-se obrigado a apresentar ao parlamento um projecto de lei, tendente a impedir o fabrico e a venda de vinhos adulterados. Mas como a sua discussão demorasse, em consequencia das successivas reclamações que por seu turno fizeram os refinadores de assucar, os vinhateiros do sul resolveram lançar-se abertamente n'um movimento de resistencia violenta. Em poucos dias reuniram-se uns quinhentos mil que, depois de realisarem os seus comicios de protesto, se lançaram nos maiores excessos, occasionando a intervenção da força armada e por tanto um serio conflicto, do qual resultaram alguns mortos e muitos feridos, mas que ainda podia ter tido consequencias muito mais graves, se não fosse a prudencia e a habilidade com que tanto o governo como os seus delegados procederam na conjunctura.

No meio de tudo, houve um episodio caracteristico, que claramente demonstra o tino de Clémenceau e a sua visão nitida dos processos da politica moderna.

O principal motor das insurreições populares, Mr. Marcelin Albert, contra o qual havia mandado de prisão, veiu espontaneamente a Paris conferenciar com o presidente do conselho. Não se sabe ao certo quaes as ideias que elles trocaram. O certo é que Clémenceau, ao despedir-se d'elle, deu-lhe a liberdade de regressar em paz á sua terra, confiado em que elle contribuiria para abrandar a agitação que elle proprio estimulara.

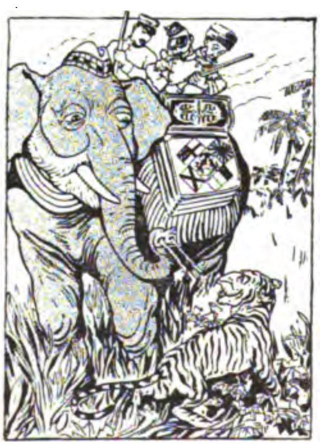
Á hora em que escrevemos a situação melhorou consideravelmente, esperando-se que a approvação do projecto de lei que está sendo discutido com toda a actividade, venha dar um grande passo para a completa acalmação dos espiritos.



O REI ALMOCREVE

Madame Britannia acolhe com alvoroço o Tio Eduardo, que volta com o saco recheiado de pactos com as potencias europeas.

Do «*Kladderadatsch*»



A ALLIANÇA ENTRE A GRÃ-BRETANHA, A FRANÇA, A RUSSIA E O JAPÃO

Do «*Tokyo Punch*»



DESCE CÁ PARA BAIXO

A baroneza von Suttner, que tem um convite para a conferencia da paz, convida Marte a descer do pedestal.

Do «*Lustige Blätter*»

Vida na sciencia e na industria

Machina para a construcção de linhas ferreas

Este apparelho, a que os americanos dão o nome de *laying-track machine*, compõe-se de uma especie de guindaste horizontal que, com o auxilio de uma correia sem fim, vae procurar,



MACHINA PARA A CONSTRUCÇÃO DE LINHAS FERREAS

nos wagons que traz a reboque, as travessas e os carris que colloca depois a geito para o seu assentamento definitivo. O trabalho dos operarios e carregadores fica assim extremamente reduzido. Em summa, a sua tarefa limita-se a corrigir a posição da travessa, deposta automaticamente no sitio preciso que deve occupar, e depois a pregar o carril sobre o leito das travessas, como nos processos de construcção habituaes.

Esta machina representa, pois, uma importantissima economia de tempo e de mão de obra. O exemplo foi dado pelo seu inventor, Mr. Ramsey filho, que construiu com ella um importante ramal da linha Wabash, de que é director, com testa no importante centro industrial de Pittsburg.

A aeronave Delagrange

Mr. Delagrange, no seu aeroplano que tem o peso de uns 180 kilogrammas, entrou ha tempos em concorrencia com outros apparelhos, incluindo o aeroplano de Santos Dumont. Por essa occasião venceu a voar uma distancia de 70 e tantos metros, em 6 segundos, a uma altura variavel entre um e dois metros. O grande aeronauta Santos Dumont foi d'esta vez vencido, porque o seu apparelho veiu subita e inesperadamente a terra.

O novo telemetro

O major Gérard, do exercito francez, inventou um novo telemetro para calcular as distancias e o alcance da artilharia. Consiste n'um pequeno instrumento simílhante a um dos tubos de um binoculo. Dentro está um annel prismatico, que dá uma imagem refractiva do objecto sobre o qual se assesta o oculo. Pelo centro d'esse annel o olho distingue egualmente uma imagem directa do objecto. O observador faz então gyrar uma escala circumferencial ate que as imagens prismatica e directa se sobreponham. N'este momento o indicador da escala dá automaticamente a distancia, a qual se lê na graduação. Assim o official determina aos seus artilheiros o alcance do tiro.

Um triumpho da arte de navegar

O grande paquete *Suevic* naufragou em começos de abril nas rochas Brandies, partindo-se ao meio perto da camara frigorifica. A parte de vante ficou entalada nos penhascos. Mas os mareantes conseguiram conservar a nado e navegar com a parte de ré, a qual comprehendia dois terços do comprimento total de 182 metros e que continha 1:700 toneladas de carga. Depois de uma anciosa viagem de dois dias, esta parte chegou a salvo a Southampton, e atracou ao caes. Na nossa gravura vê-se perfeitamente a secção transversal do córte. O fundo e a machina não soffreram grandes damnos, e a White Star Line, á qual pertence o paquete, já deu ordens para a construcção de uma nova parte de vante.

Modelos modernos de aeroplanos

A exposição realisada em Londres, no Royal Agricultural Hall, pelo Aero-Club de combinação com a Exposição Internacional de Automoveis Cordingley, marca um progresso notavel na arte de navegação aerea. A nossa gravura mostra os modelos mais interessantes: N.º 1, o aeroplano de Mr. H. B. Webb; n.º 2, a machina voadora de Mr. E. Guil-



AERONAVE DELAGRANGE

man; n.º 3, a machina de recuo *(back-steering)* de Mr. A. V. Roe; n.º 4, o aeroplano de aluminio de Mr. W. Cochrane; n.º 5, a machina voadora Albatroz, inventada por Mr. José Weiss; n.º 6, a machina de helice ascensional de Mr. H. A. Chubb; n.º 7, o aeroplano Fell; n.º 8, o modelo alado do major Moore; n.º 9, o aeroplano de Mr. Joseph Deixler; n.º 10, o aeroplano de Mr. A. V. Roe, typo Langley; n.º 11, a goleta aerea de Mr. J. W. Thomas; n.º 12, o aeroplano modelo de Mr. Henry Crouch ey, baseado no principio dos papagaios em fórma de caixa.

Reconstituintes da força humana

É pasmosa a maneira por que a força muscular se desenvolve por meio dos formatos, drogas cuja origem se deve ao acido formico, obtido nas formigas, que são com effeito milagres de força. N'uma obra recente, o Dr. Clement, de Lyon, affirma que estes compostos teem uma acção musculo-tonica, augmentando a força de contracção e a resistencia á fadiga a tal ponto que, segundo os registros do ergographo, o trabalho realisado sob a sua acção póde ser quintuplo do feito em condições normaes. Assevera tambem que, depois de se ministrarem os formatos, as sensações subjectivas, dentro de 24 horas, são de firmeza dos musculos e capacidade de esforço, com ausencia de fadiga, mesmo depois de exercicio ou trabalho arduo. Sustenta egualmente que a circulação se faz melhor, a respiração é mais funda e mais lenta, e diminue o arquejo depois do exercicio.

O Dr. Clement fez experiencias em si proprio, tomando acido formico todos os dias, durante dois annos, com grande beneficio. Segundo o jornal scientifico *Lancet*, póde ministrar-se a substancia sob a fórma de acido ou em combinação como formato. Ministra-se o acido, tomando 4 a 6 grammas de uma solução a 50 por 100, diluida em agua na quantidade de um terço de litro ou um litro conforme o gosto, adoçando-se ou aromatisando-se o liquido, caso seja preciso. Divide-se esta porção em duas partes, tomando-se uma antes do almoço, e outra pelo meio do dia, antes da refeição. O formato de sodio pode ser dado em doses quotidianas de 3 a 4 grammas. E' um reconstituinte cuja applicação se deve estudar em pessoas anemicas, etc.



O TELEMETRO GÉRARD

Radiographia do cerebro

Com respeito aos resultados medicos da applicação dos raios X aos ossos do craneo, o Dr. Luraschi acha que ella é valiosa para localisar certas doenças, e para descobrir tumores no cerebro. Os raios teem mais valor no exame de ossos delgados, como os das creanças. É possivel distinguir pela photographia as minucias da pelle, craneo e dura mater. Pela radiographia se pode perceber a espessura de varias partes dos ossos, e localisar corpos extranhos, taes como balas. O uso dos raios X é de maxima utilidade para o especialista de doenças do nariz e para o dentista.

A' volta do mundo em 50 dias

O *record* de viagem á roda do globo pertencia até hoje a George Francis Train que a realisou em 61 dias. Mas eis que um escriptor americano ensina a fazer essa viagem em 50 dias pela modica quantia de 146 libras, partindo de New-York. Seguindo directamente para a costa do Pacifico, e d'ahi n'um paquete, póde ainda reduzir-se a viagem a 48 dias pelo mesmo preço. E seguindo a maior parte do trajecto por mar, o preço será apenas de 132 libras, e a viagem durará 59 dias.

Segue a indicação da viagem de 50 dias:

New-York a Cherburgo (por mar), e Cherburgo a Paris (em caminho de ferro), 5 dias, e 7 horas, 30 lb. e 16 sh.;

Paris a S. Petersburgo (idem), 2 dias e 6 horas, 16 lb. e 2 sh.;

S. Petersburgo a Moscow (idem), 12 horas, 2 lb. e 13 sh.;

Moscow a Irkutsk (idem), 12 dias, e de Irkutsk a Vladivostok (idem), 5 dias, 25 lb. e 7 sh.;

Vladivostok a



A PARTE DA RÉ DO «SUEVIC» ATRACADA AO CAES DE SOUTHAMPTON

Kobe (por mar), 3 dias, 6 lb. e 3 sh.;

Kobe a Yokohama (em caminho de ferro), 11 horas, 1 lb. e 5 sh.;

Yokohama a Seattle (por mar), 12 dias, 41 lb.

Seattle a New-York (em caminho de ferro), 5 dias, 22 lb. e 14 sh.;

Esperas por causa das ligações entre transportes maritimos e terrestres, 4 $1/2$ dias.

Total 50 dias, e 146 lb.

A' ultima hora, vemos que a façanha ficou eclipsada pela que levou a cabo o tenente coronel Burnley-Campbell, realizando a volta do mundo em 40 dias e 19 horas e meia. Este cavalheiro sahiu de Liverpool para Quebec a 3 de maio e seguiu por Vancouver, Yokoama, Tsaruga, Vladivostok, Moscow, Varsovia, Berlim, Colonia, Ostende e Dover, onde chegou a 13 de junho. É pena que não nos diga o custo da viagem, que devia em todo o caso ser puchadinha.

Mas cremos que lhe devem caber as glorias do *record* na volta ao globo.

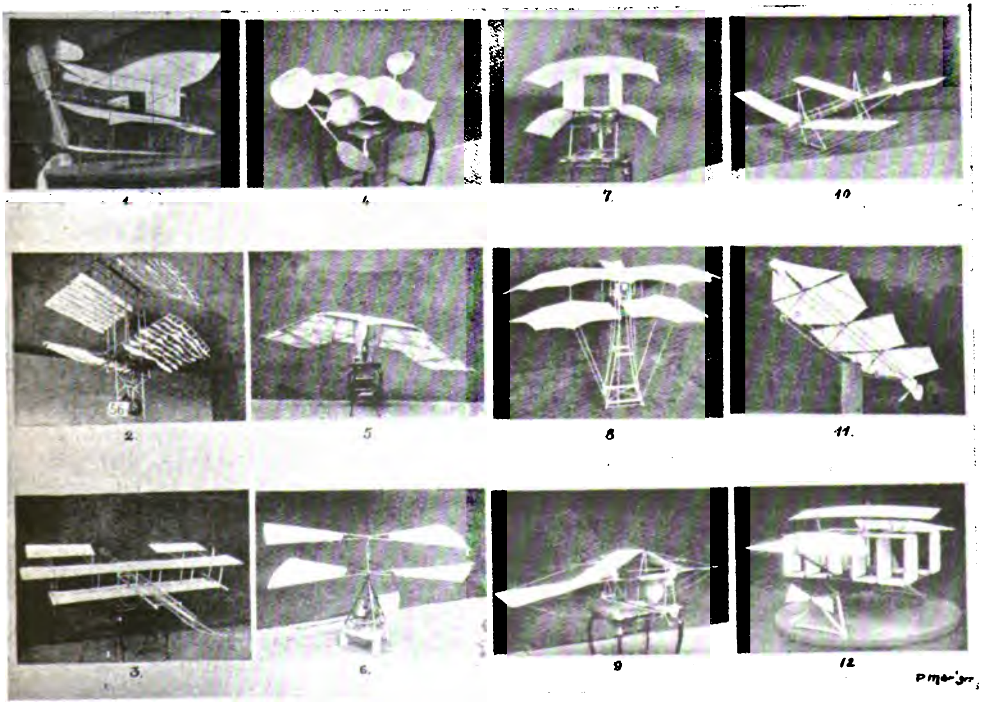


AUGUSTO E LUIZ LUMIÈRE

A photographia das côres

A arte photographica acaba de dar um grande passo com o invento dos irmãos Lumière, que ha muitos annos trabalham no sentido de completar os resultados anteriormente obtidos por Becquerel, Niepce, Poitevin, Ducos de Hauron, Lippmann, entre outros.

Não podemos n'este logar dar uma idéa, embora summaria, do seu processo, a qual demanda artigo especial. Basta dizer que os resultados, vulgarisados n'uma conferencia promovida a 10 de junho pela revista franceza *L'Illustration*, deram toda a esperança, apezar das imperfeições inherentes a um primeiro ensaio, de se resolver finalmente o problema da photographia das côres, ha tantos annos anciosamente estudado.



AEROPLANOS MODERNOS

Vida na arte

Uma estatua antiga muita notavel

Foi adquirida pelo governo italiano uma obra preciosa da estatuaria hellenica, pelo preço de 450.000 francos. Fôra descoberta em 1878 em Porto d'Anzio, estação balnear dos romanos. Surgiu de repente, por occasião de um desmoronamento na propriedade do principe Sarsina.

A antiga Antium, construida por Nero, era famosa pelos seus magnificos templos da Fortuna, de Venus Aphrodite e de Esculapio. Foi ahi que se encontrou o Apollo de Belvedere e o Gladiador de Borghese.

O novo especimen da arte hellenica, que vae enriquecer o museu nacional das Thermas, é uma obra prima do seculo III ou II A. C. Mr. Furtwangler, autoridade na materia, affirma que essa estatua é superior em graça e formosura a qualquer outra do genero existente na Italia.

Os archeologos não concordam sobre a sua significação. O ponto controverso é se ella representa ume sacerdotisa ou é a personificação da um mytho

A estatua está mutilada. Falta o braço direito. A mão esquerda sustenta um disco fragmentado, sobre o qual se distinguem vestigios de uma corôa de oliveira e de um cofre apoiado em garras de fera. Nenhuma estatua antiga apresenta estes accessorios.

Divergem tambem sobre a escola a que se póde attribuir esta obra de arte. Attribuem-n'a uns á escola de Praxiteles, outros á de Lysippo. Ha ainda quem na factura descubra indicios da arte que florescia em Roma nos começos do imperio.

Musset na Opera Comica

De quando em quando, certos nomes litterarios do passado recebem uma recrudescencia de enthusiasmo, como reacção ao meio esquecimento em que jaziam.

Dá-se o caso sobretudo em França, Foi agora a vez de Musset, o mais apaixonado porventura dos poetas romanticos, que se vae tornando objecto de uma renovação de culto, aliás consagrado com justiça. Biographias do poeta, novas edições das suas obras, publicação das suas cartas, tudo isto se accumula actualmente na bibliographia franceza.

Uma das mais encantadoras comedias de Musset, *Le Chandelier*, cujo protagonista, Fortunio, já inspirara o estro saltitante de Offenbach, foi agora transformada em opera comica, com a musica delicada e clara de André Messager, o actual director de Grande Opera, o auctor de *Véronique* e de *Les P'tites Michu*. A peça parece que agradou e fará carreira no theatro da Opera-Comica.



A ESTATUA DE ANZIO

Dois quadros de Chardin

Dois retratos, devidos ao pincel do celebre pintor Chardin, acabam de ser adquiridos pelo governo francez pela quantia de 350.000 francos. Não é um preço exagerado, em vista da reputação universal do auctor e do valor dado actualmente ás obras de arte. Mas teria decerto entontecido o proprio Chardin, que em 1745 viu arrematar-se por 25 francos uma copia sua de um d'elles, a qual já figura ha tempos no Louvre. É certo que esta *replica* é menos perfeita que a primitiva tela, mas a differença de preço é colossal.

Como se pagam cantores

N'uma *tournée* á America Adelina Patti recebia por noite um cheque de mil libras. Christina Nillson ganhava por noite 400 libras; Marcella Sembrich, 300; a Schalchi, 200. A Frezzolini, rival da Patti, romanesca e generosa, recusou sempre receber por cada audição mais de 40 libras. Mas o *record* pertence hoje ao tenor Caruso, o qual, nos annos mais fracos, faz um rendimento minimo de 36.000 libras. Só Paderewski se aproxima d'isto com o seu rendimento annual medio de 30.000 libras. Ha pouco tempo, Caruso recebeu a bagatella de 1.600 libras por quatro arias cantadas ao phonographo, além de uma grossa percentagem sobre cada cylindro vendido.

O Museu Britannico

Queixam-se os inglezes que em comparação com alguns dos museus extrangeiros, o Museu Britannico, embora o mais rico repositorio de thesouros do mundo inteiro, se achava mediocremente installada. Essa censura breve deixará de ter fundamento, em consequencia dos alargamentos projectados, para os quaes o rei Eduardo VII recentemente poz a primeira pedra. O Museu Britannico virá a ser um dos mais bellos edificios de Londres. Os terrenos adquiridos e as obras projectadas importarão em 400.000 libras. O duque de Bedford offereceu um tracto consideravel de terreno para a abertura de uma nova rua, a qual embellezará o accesso ao Museu.

SERÕES



Nº 26

AGOSTO 1907

Quarto concurso photographico dos "SERÕES"

MENÇÃO HONROSA



A PONTE DE QUELUZ

Photographia de Pedro Lima — Lisboa

POBRES DE PEDIR



Com o advento do sistema liberal «que felizmente nos rege» desappareceram os ultimos pobres que na portaria dos conventos sabiam mantida a existencia, graças á sopa quotidiana. Oliveira Martins, o palpitante estylisador de costumes do seculo findo, dá-lhes ainda fóros de cidade em reinados como o da Senhora D. Maria II, entretanto, depois d'isso elles são atropelados por leis civilisadoras — e a mendicidade como industria, em nossos dias, não tem valor que a assignale. Se o luxo, no dizer concecivo d'um economista, é a tributação despotica do pobre sobre o rico, a indigencia era, até ha pouco, o imposto do infortunio que escandalisa sobre a felicidade dos regalados. Pelletan, comtudo, propoz aquella sentença indiscutivel para optimistas de boa bocca: — *le monde marche*... e, eis, que, successivamente, com os governadores civis, as auctoridades policiaes vão repelindo dos centros populosos quantos á caridade estendem a mão. Ha cerca de tres annos, por um domingo de primavera, com papoulas nos campos e com nuvens de pó nas estradas, abalava eu do Porto para Mattosinhos, revendo a romaria que n'esta localidade se celebra durante tres dias, d'aquelle dia a terça feira — mas já aos meus ouvidos não chegavam tão frequentes as lamentosas toadas dos cegos *d'um tiro n'uma pedreira,* dos coxos *por cairem d'um andaime o baixo,* dos entrevadinhos, dos bexigosos...

Dar-se-ha o caso que, a pouco e pouco, adejando acima do nosso torrão nativo com suas azas de aguia immaculada, a egualisadora ventura haja batido os males e as desgraças?! Não sei... não sei, mas em agosto do anno passado vi eu na romaria da Senhora do Calvario, em Gouveia, bailar alegremente, muito vermelho e escorreito, um homem que 365 dias antes me ezortava, de muletas: — «Olhe, meu bemfeitor, para estas feridas, e tenha dó do aleijadinho...» Em Vianna do Castello, por occasião das festas da Agonia ainda se falava d'uma rapariga — monstro de tres cabeças, todas ellas com bôca, e todas as bôcas falando. Eu, porém, que o não vi nunca, quero crer que até *isso* não resistiu á civilisação avessa a fenomenos, ou á bondade miraculosa da Santa que na vizinha Galiza sara a tinha ás ovelhas e liberta os bois de maus olhados...

Por um inverno arripiado e faminto, transitando em plena Beira-Baixa, fui sciente de que em diversas povoações não havia quem pedisse esmola *porque era gente de trabalho* (commentou um ganhão lanzudo e retezo) e eu mais me acendrei na convicção de que a indigencia está ameaçada de recuar, lendaria na historia e na piedade. Em Coimbra, era eu

O CEGUINHO DA RUA AUGUSTA





Á PORTA DA EGREJA

estudante, um moço de cego que com o amo estacionava, dia a dia, na rua Larga, veio offerecer-se-me para me ir buscar as cebentas (bons tempos!...) dizendo-me que o *officio* estava pela hora da morte. Todavia, eu que no Porto conheci, na minha infancia, os ciganos esmolando com os ursos e os filhos esqualidos por bairros arrabaldinos, e que mais tarde vim encontral-os n'uma arida terriola da Outra-Banda vendendo cavallos e jericos pintados, confesso que me surprehende esta reviravolta, tanto mais que desde pequeno me afiz a vêr gente a pedir, e lhes consagrei sempre uma grande estima. Leiria, a triste cidade do Liz e do Lena, conserva agora ainda o habito de, nas casas nobres, aos sabbados, serem dados 5 réis a cada pobre das freguezias limitrofes que, ás manadas, accodem, exhibindo a repelencia dos seus andrajos e o ascoroso das suas chagas, mas já a augusta Braga não mostra nas frescas escadarias do Bom-Jesus as hordas arrepeladas e nauseantes da sua população de infortunio que, por vezes, me deu a idéa do roto bando que seguia Christo e, em extasis, lhe escutava a palavra edificadora... Uma vez, jornadeando eu, em março, n'uma manhã de trovões e de relampagos, de Pombal para Pedrogão, encontrei nas alturas de Figueiró dos Vinhos uma velha cega que em nome dos meus defunctos me obrigou a fazer alto, ajoelhando ante a égua onde eu ia montado, e que ao cabo d'uma confusa exhortação me pediu 5 réis em desconto dos tratos que me aguardam no Purgatorio... Outra vez tambem, para além das muralhas de Elvas, uma rapariga cigana — recorda-me que era linda a valer, embora seus olhos sem lume — disse-me que a troco d'um vintem furaria o ventre com uma *cochilla* — coisa que eu não quiz vêr sem embargo de dispender a moeda de cobre. O pobre



A MONTE

de S. Romão, no norte, encanecido e barbi-longo como Abrahão, enche, tambem, a minha adolescencia de saudades, e foi celebre, como poucos, n'aquellas paragens...

Na ruidosa festa da Senhora de La Sallette, em Oliveira d'Azemeis, como na da Rainha-Santa, em Coimbra, a policia é tolerante para a exhibição dos aleijados, e assim foi na segunda que eu vi um casal de creanças de pernas torcidas sobre o dorso, e rastejando como sapos, e na primeira um homem sem braços nem pernas contando n'uma melopeia tragica como fôra feito um monstro!

Proximo ao Ervedal da Beira, na romagem de Santa Eufemia, e junto a Mangualde na festa da senhora do Castello, os pedintes veem de Cativelos, de S. Paio, Villanova, Abrunhosa, Vinhó e Passos, no geral terras pobres e aridas, sem pinhaes ou lameiros, com poceirões e taleigas aprovisionando-se para largo tempo. O mendigo que saiba viver conhece, por via de regra, as romarias *que deixam*, e é elle quem a meias com o orago se apresenta a reclamar junto do povo o obulo de piedade... Abandonando os centros d'onde, com a vinda do progresso, se foi a estima pelos que esmolam, os mendigos escalonam-se agora nas cidades de provincia e nas villas sertanejas. E' ahi que elles não verão tão cedo expugnado o seu reducto, e aonde gozam ao sol, á chuva e ao vento a independencia d'um *lazzaronismo* que, no coração, os faz estoicos, quando não profundamente egoistas.

A SOPINHA DE CARIDADE





PERTO DA EGREJA DA GRAÇA



EM FRENTE DO THEATRO DE D. MARIA

*

Em Lisboa, n'esta Lisboa, maravilhosa, o seu reinado, então, parece haver terminado com os automoveis vertigi-

nosos e a electricidade da viação e das lampadas, excitando as ruas, e tornando-as febris. Ha annos ainda, sobretudo, nas noites invernosas em que o vento nos agride, e a neblina humedece as calçadas, via eu, cerzirem-se com a sombra, em Camões, por S. Roque, na Rotunda certos pobrinhos humildes, de fato cossado e corpo a tremer... No largo do Loreto o cego dos *carrinhos para crianças,* nas arcadas de D. Maria o cego obeso da taboleta explicativa, sob a Arcada o maltrapilho que entende de politica, na Graça a pobre das sextas feiras, na rua Augusta, ultimo quarteirão, a velhota que, dizem, tem seu pé de meia—eis, de resto, o que mais typico ha na cidade onde elles tanto ponderaram no tempo do alfenim e da sécia. Na escadaria de S. Vicente, quando lá entra em piedosa devoção uma dama natamente illustre ainda, sob o olhar indifferente da policia, se agrupam algumas dezenas de esfarrapados, mas a breve trecho se somem, como suspeitosos do progresso, e desconfiados dos compassivos. A minha casa vem periodicamente um velho offerecer carros de algodão, agulhas, lapis, fivelas; ás portas da livraria Ferreira & Oliveira raro é que, ás tardes, não surja um homem magro e attencioso pedindo lhe comprem repertorios; um moléque que á noite é certo no Chiado pregôa cautellas, e conta que a mãe tem fome. Disfarçando-se na apparencia d'uma industia livre, a indigencia citadina observa as posturas e acommoda-se á epocha. O mendigo refez-se em *camelot,* e em vez de nos enternecer pelo andrajo procura captivar-nos pela bonhomia. Não ha muito que um «pobre de pedir», meu velho amigo, me dizia carecer d'um fatinho preto — para tratar da vida por casas ricas. Hoje em dia ha-os que fazem beneficios; abrem subscripções; vão aos jornaes receber esmolas em occasião de festas. Em dias de enterro rico os doridos recebem cartas de desvalidos que o não são de tropos empolados; em dias de suffragios os pobres da freguezia do morto multiplicam-se que é um assombro...



Á ESPERA DA ESMOLA PELA ALMINHA DO DEFUNCTO

Pelos mercados exorando os vendedores, á porta dos talhos pedindo aparas de carne, á entrada das pastelarias espiando os que n'ellas debicam, o mendigo, de licença e chapa, é audaz e solerte. E' já raro notar-se pelas ruas lateraes da Avenida a pobre de crian-



TOMANDO O SOL... DE GRAÇA

ças agarradas ás saias, como é raro verem-se mutilados estacionando nos largos mais concorridos. Na embocadura da rua Ivens encontro eu ainda horas mortas, uma preta tranzida de frio, e talvez nostalgica do sertão natal, mas essa é das que não sabem esmolar... Em compensação as *viuvas ao desamparo* e *os senhores bem vestidos* assaltam em plena rua contando-nos as desditas que os foram surprehender em meio d'uma felicidade remota. Do mesmo modo os *maritimos do Havre,* eternos naufragos d'um *Saint Antoine* desappareceram para ceder logar á pobresa envergonhada que se annuncia em periodicos, e implora protecção urgente — para pagar a renda da casa... De quando a quando corre, de predio em predio, e de andar para andar, uma lista de nomes contribuindo para enterros de crianças, e ha ainda typos indecifraveis que se dizem operarios desempregados mas que apenas *de visu* sabem o que é trabalho honesto.

Junto a uma escada de pedra que abre caminho sobre a Costa do Castello vi, ainda não ha muito, á porta d'um sordido casebre, um pralytico estendido n'umas palhas infectadas, implorando a caridade — entretanto, aquillo já se não coaduna com o espirito da epocha, repugnando-nos que a cidade bella por excellencia ainda, n'um local ou n'outro, sofra abcessos d'estes que são um negrume no seu fastigio por todos reconhecido...

SEVERO PORTELA.





UMA RUSGA DE MENDIGOS — Á PORTA DE S. MAMEDE



LAVADEIRAS DA SERRA — PROXIMIDADES DE VIZEU

O CARAMULO

(Continuação)

IV

—O pico do Caramulo. O pôr do sol. Paisagem unica. Surge a lua. Saudação á lua. «Viva eu duzentos annos...»

Dos Jueus ao ponto mais elevado da serra, a que elles lá chamam propriamente o Caramulo, são 20 minutos de caminho, ou antes, 20 minutos de mato e pedras, que todavia se percorrem com prazer, pois d'ali se avista todo o campo de Besteiros, com as suas aldeias; as suas quintas, os seus prados e as suas florestas.

Mas embora d'ali se aviste um bello panorama, ninguem se demora a contemplal-o, porque uma coisa o seduz e o atráe, sobre todas as outras — é o pico.

E' elle o ponto obrigado de todo o viajante que queira conhecer e estudar a serra.

Assenta sobre um vasto plató, tapetado de relva e tojo molar, elevando-se quasi perpendicularmente, a mais de 100 metros d'altura. E' todo formado de granito, com grandes pedras sobrepostas desordenadamente.

O acesso não é dificil, mas só por um lado, — o nascente.

Uma especie de escada, umas vezes natural, outras vezes artificial, feita na mesma pedra, ensina que é por ali o bom caminho.

No cimo ha um pequeno terraço e uma piramide, mandada erguer ali pelo estado, para servir de marco geodesico.

Foi d'esse terraço e em volta d'esse marco geodesico que eu e os meus amigos assistimos ao mais bello e surpreendente espetaculo de toda a nossa vida.

Eram 5 horas da tarde.

Em baixo tinhamos deixado todos os fardos

inuteis, levando para o alto apenas os paus, os binoculos e o farnel.

O nosso primeiro cuidado, uma vez ali installados, foi atender ao estomago que reclamava avaramente o delicioso farnel que haviamos preparado nos Jueus para ali ser comido, poeticamente, em plena tarde luminosa, sob o olhar benefico dos astros, longe da terra ingrata e livres da iniquidade dos homens.

Eis o que tinhamos combinado.

Mas, ou porque a altitude nos fizesse bater o coração mais aceleradamente, ou porque a paisagem nos cegasse, avivando os sentidos do bello e embotando os do paladar, o programa não se cumpriu. Além d'isso achámos que seria philosophia de mais, excessiva magnificencia para tão vil mister, qual era o de devorar a carne guisada d'esse bode lascivo, que vinha da perversidade, sujo da libertinagem dos rebanhos. Por isso, tanto elle como essa enorme brôa que á despedida o tio Salvador nos metera no cesto, quasi á má cara, foram devorados ali em dois minutos.

Livres do estomago, demo-nos inteiramente ao sonho e á poesia.

O sol descia sobre o mar, limpido e bello, a principio.

Quando tocou as ultimas camadas atmosfericas, adensadas pelos vapores do oceano, a sua limpidez transformou-se, começando a tornar-se côr de purpura.

Mas era bello, mas era enorme!

Espetaculo unico para todo o vivente, mas sobretudo para quem não saiu nunca do seu pequeno bairro urbano, n'uma visita á natureza.

A sensação que logo de começo se experimenta é a sensação do infinito.

Julgamo-nos em pleno espaço, com todos os horisontes livres, terra distante, mar longinquo e a nossa fronte radiante e livre, mergulhando em pleno azul imenso, quasi ao contacto das nebulosas e dos soes!

As sensações precipitam-se e confundem-se. Não sabemos raciocinar; a nossa cabeça vagueia incerta como n'um sonho de lenda.



PASSAGEM SOBRE O DÃO

Ponto onde finda o terreno argiloso e começa o granitico, de que é formada toda a serra

Entretanto pelo meu binoculo d'alcance admirava o rendilhado das nuvens que de sul a norte se estendiam em grandes fachas multicores — purpurinas, esverdeadas, amarelas, côr de rosa, côr de cera, côr de leite, sanguinias, alaranjadas, rubras, — modificando constantemente a sua fórma, fazendo variar continuamente a paisagem oceanica.

E não era só essa costa de mar, orlada com o fulgor das nuvens e o brilho d'oiro das areias.

Bellas eram tambem as serras longinquas

levemente empoadas, que faziam lembrar uma dessas tardes vaporosas da Irlanda, onde a natureza parece entoar ainda a harmonia das plangentes baladas d'Ossian.

E o sol descia, lentamente.

Outras nuvens d'outras côres tornavam mais bello ainda o panorama. Confundiam-se, crusavam-se, absorviam-se, multiplicavam-se. As doiradas sobrepondo-se ás alaranjadas, as côr de safira casando-se ás côr de sangue.

Outras de estructura e contornos estravagantes, formadas em agulhas, em arestas, em flechas, em torres, em abismos, que me faziam supor ali andarem rugindo, andarem voando, mastodontes e magaterios, mesosauros, megalosauros, diclonius de 2:000 dentes, leviatans de 2:000 palmos.

Mas a voragem transformava-se para dar logar á relumbrancia de mil côres, que se confundia e se ampliava n'esse leito edenico das ondas.

E o sol descia, lentamente.

Uma luz difusa fluctuava agora, serena como a alma dos justos, por entre nuvens carregadas, sobrepostas.

O panorama do ceu junto á solidão da terra, mais nos faziam sentir ainda o peso desse infinito alvor deserto, que chegava a produzir-nos tonturas, com os seus incomensuraveis, misteriosos reverberos.

E lentamente o sol descia.

Agora já tocara o mar. E toda a costa se ia ruborescendo mais e mais.

Dividido paralelamente por uma nuvem oblonga, o bello astro semelhava uma galera purpurina, singrando n'um horisonte em fogo.

Tanto deslumbramento e tanta luz difusa, que as proprias montanhas que se estendiam a nossos pés, pareciam cobertas d'oiro e purpura.

Um silencio de morte pairava sobre a serra.

Apenas de longe em longe os mugidos do novilho, perdendo-se na profundidade dos valles, e os chocalhos do rebanho, dobrando a encosta, iam emudecedendo a pouco e pouco até se tornarem vagos, indistinctos, como o formar do sonho e o desfazer da nuvem.

Quando emfim o ultimo raio de luz desapareceu na neblina purpurea, um vasto clarão ruborisava ainda o horisonte, n'uma distancia de muitas leguas sobre o mar.

A nossa alegria, a alegria da luz, desaparecera com o astro.

Agora uma nostalgica tristeza nos velava a face, ha pouco ainda tão cheia de sonho e de esplendor.

Que nos restava fazer, agora que tudo ali era soturnidade e abandono?

Um grito, subitamente, ecoou no espaço, grito solitario, grito funebre como a lousa quebrada d'um sepulcro, mas por todos repetido em clamor, como um adeus ao grande sol.

E por sua vez a noite vinha, lentamente.

Nada mais nos restava: iamos pois descer.

Subitamente, porém, das bandas do levante começava a destacar-se dentre as sombras um novo astro rutilante, a quem a distancia e os vapores da terra davam o aspecto olimpico d'uma grande deusa, com o seu cortejo e a sua coma d'oiro.

O' alegria nova, ó poesia, ó sonho novo! Era a lua, a lua bella, a lua imensa, em todo o seu folgor e magestade.

E um novo clamor reboou no espaço; agora clamor festivo, sonoroso, vibrante como um grito de victoria, porque era uma saudação celeste, feita ali, em pleno espaço, acima da naturesa rude, tão longe das miserias do mundo.

Ah! viva eu duzentos annos que da minha memoria não se apagarão jamais essas duas visões do infinito em que eu pela primeira vez vi e senti a mesquinhez das nossas crenças perante as forças infinitas da materia.

E ha gente que nunca demorou o olhar sobre um panorama de luz, ao cair do sol, ou ao subir da lua, por uma tarde de setembro!

V

— Tipos e costumes. A capucha e a sua influencia historica. Os coletes e os colares de renda. O tio Zé Domingues. As terras e as contribuções. «Tudo nos roubal» O padre. As mães e os filhos. Lá os fortes, na cidade os fracos. Como só a dôr e o trabalho faz o homem.

Nessa noite acampamos em Almofala, que fica a um quarto d'hora do pico, no valle que desce para o Malhapão.

Ali fomos tambem amigavelmente recebidos, passando-se a maior parte da noite ao borralho do tio Zé Domingues, em amena e variada cavaqueira.

Eu, entretanto, precisava confirmar uma suspeita que trazia desde que chegára ao Caramulo.

Dizia comigo: que é dos famosos coletes

das serranas, feitos de grosso linho e reforçados com atacadores, que lhes erguiam os peitos fortes, coletes que eu me costumara a vêr desde a infancia, quando na minha aldeia aparecia alguma d'estas caramuleiras?

E os colares de renda, esses saudosos colares que circundavam o pescoço nú de mo-



PONTE DA BULFIAR, EM CONSTRUCÇÃO
Descendo para Agueda

ças e velhas, em tira pendente sobre os hombros e os peitos?

Em vão os tinha procurado, em vão os procurei ainda. Não os havia já!

A moda tambem ali chegara e tinha-os escondido para sempre no fundo das caixas ou atirado para o canto da lenha.

E contudo nada mais simples nem mais comodo. Sobretudo nada mais pittoresco.

Duas tiras de linho de fabricação domestica, com uma costura nas costas, dois buracos para os braços, um atacador para apertar e eis um colete, eis uma farda para tudo.

Os colares então ainda mais simples. Uma creança de 6 annos com uma agulha e um novelo d'algodão, fazia dois ou tres num dia.

E lembrar-me eu que da ultima vez que ali estivera, havia 3 annos, os encontrara ainda em todo o seu dominio...

Ah! como o tempo caminha, e como o tempo leva os habitos!

Entretanto uma coisa ficara, uma coisa dominava ainda: era a capucha.

E o que é a capucha?

É uma especie de capa, feita de burel, sem adornos nem pregas, simples como os que a usam. E' commum aos homens e ás mulheres.

Tem um capuz em cima que se adapta á cabeça tão completamente como um barrete turco e para baixo é lisa, caindo umas vezes só até a coxa, outras ainda para baixo do joelho.

E serve para tudo: para levar ao gado e ao mato, para ir á missa e ao tribunal, para visitar um amigo ou acompanhar um defunto. Segue-os na sementeira das terras e na colheita das searas. Vae ao casamento, á romaria, ás feiras, a toda a parte emfim onde seja preciso que o caramuleiro appareça. Á noite serve no borralho. Quando o frio aperta, os velhos sobretudo, enrodilham-se á lareira, agasalhados nella e d'ali dão as suas ordens, ali comem a sua ceia e ali dormem o seu sono.

A capucha para elles, é mais que um foro: é uma instituição regional.

Usam-na os velhos e os novos, os ricos e os pobres.

É o seu unico luxo e a unica coisa inteiramente sua, em toda a vida. Envolvem-se nella quando nascem, cobrem se com ella quando morrem.

Associou-se ás suas alegrias e ás suas dores, entrou na sua vida social de tal maneira que bem pode dizer-se que é uma parte integrante, um complemento essencial de cada um. Não usar capucha entre elles, é o mesmo que não usar gravata entre nós, burguezes, o mesmo que não usar tanga entre os selvagens, nem rabicho entre os chins.

Vi um dia, numa villa, um grupo de ociosos imbecis, assurriarem um homem de capucha.

Fui ter com elle e distrahi-o falando-lhe da sua terra, das suas vacas e dos seu rebanhos.

Ah! porque, assim como sou obrigado a respeitar a constituição d'um estado ou a religião d'um povo, sou igualmente obrigado a respeitar a capucha d'estes homens, tão indispensavel, tão sagrada para elles.

* * *

Entretanto o tio Zé Domingues, ao borralho, ia-nos contando muitas e interessantes coisas.

As suas palavras lentas, vagarosas, sinceras, diziam da verdadeira vida do seu povo e da

sua terra: alegrias e tristezas, prosperidades e infortunios.

Tristezas e infortunios sobretudo, porque a vida para elles é uma subida dolorosa, cheia de espinhos e percalços: um tormento. Falta de comodidades, falta de terras e falta de instrucção.

Ah! as terras sobretudo como o estado lhas estava queimando com tributos. Não lhes bastava o serem poucas; era preciso tributal-as ainda tão pesadamente que mais valia não as possuir.

E virava-se para nós, erguendo a mão n'um gesto eloquente: Quem faz as leis não lavra terra nem lhe recolhe os fructos. Não sabe o que é o trabalho: se o soubesse não tributava assim; pelo contrario, reduzia os tributos a menos de metade.

Por que da maneira que isto está, a terra não dá para a gente viver.

Ainda se os objectos de consumo estivessem baratos, mas se elles estão pela hora da morte — pesados e carissimos como as terras.

Eu, por exemplo, á força de me levantar cedo e deitar tarde, á força de muito poupar e de muito prever, consigo, com os filhos, a mulher e os netos, que os bravios terrenos que por ahi amanho, me deem em anno mais que regular (aqui nunca ha annos bons) 7 moios de milho e menos de 5 quando o anno corre mal. Pois pago ao governo 30$000 de decima!

Ora comendo nós cá 5 moios e supondo que o anno corre bem, ficam dois, que vendidos a 500 rs. o alqueire dão 60$000 rs.

Ficam-nos 30$000 para despezas, não é verdade? Mas d'esses 30$000 temos que nos vestir, que nos calçar; com elles compramos a sardinha e o bacalhau; com elles compramos a louça e o porco; com elles pagamos a uma creada para nos guardar o gado e aos padres que nos dizem a missa e fazem as festas; com elles temos de pagar ao barbeiro que nos visita nas doenças, ao coveiro que nos enterra, se morrermos e, se nos acusam de qualquer falta, ao advogado e ao juiz que nos condenam sempre.

Temos, é certo, a vaca que nos dá o leite e o carneiro que nos fornece a lã. Mas tudo é incerto: veem annos em que a gafeira mata o gado e o sol seca de tal modo as pastagens que nem as vacas criam.

Ha ainda o centeio e as batatas. Mas a neve é um inferno — dá cabo de toda a novidade.

Vejam, por exemplo este anno: semeei 30 alqueires de centeio. Era para dar mais de 3 moios. Pois tive 20 alqueires. Menos que o que deitei á terra.

As batatas tambem se não dão bem. São poucos os lavradores que aqui recolhem 40 alqueires d'ellas.

No meio d'isto tudo o que nos vale é estarmos costumados a viver com o que nos vem, — seja muito seja pouco.

Mas seja muito ou seja pouco, o estado é que se não importa. E como o estado são todos os que não trabalham mas que no entanto de nós vivem, vejam como hade o povo erguer cabeça!

Pois os funcionarios publicos!

Quando essa corja lá nos apanha, fazem-nos como os judeus fizeram a Nosso Senhor: flagelam-nos, crucificam-nos.

Quando elles se resolvem a deixar-nos é que nos sentem despejados. A casa regressamos sempre chupados, depois d'elles nos despirem pelas diversas repartições, á força de papeis, de sellos, de recibos, de emolumentos e o diabo.



O CARAMULO, VISTO DE TONDELLA

Mas livres d'um lado, somos agarrados logo pelo outro: o padre.

O padre não vive de rezas: vive das nossas bolsas e dos nossos celeiros.

E agora que pagamos para dois... Como a

paroquia é longe, combinamos arranjar um padre que nos vae dizer a missa aos domingos, nos Jueus.

São nada mais nada menos que duas congruas. E então para quem ellas vão...

O que nós deviamos fazer todos sei eu, concluiu o tio Domingos, apreensivo.

*
* *

Nos meus apontamentos d'essa noite ha uma linha que diz: *lobos, alamo, capela e milagres.* Mas passo adeante, para dar toda a attenção a uma pequena nota sumida entre duas dobras do papel, onde já mal se conhecem estas duas palavras: *mãe e filho.*

Começo já por me corrigir, pois devia ter posto: *mães e filhos,* visto que no Caramulo todas as mães e todos os filhos são identicamente sadios, alegres, robustos, varonis.

Costumados desde pequeninos aos ventos e ás chuvas, tornam-se resistentes e audazes. Perdem o medo quando nós perdemos os cueiros.



S. PEDRO DO SUL

O filho a que se refere a minha nota, encontrei-o ás 10 horas da noite, ao colo da mãe, sentada na corrente d'uma porta, em pleno, agudo frio, e além d'isso inteiramente nú. E não tinha mais de quatro mezes, o pobre petizinho.

E comtudo elle estava contente: riu-se muito para mim, emquanto interrogava a mãe acerca d'elle.

Como eu estranhara vêl-o assim, nú e ao frio da noite, ella então elucidou-me: todas faziam assim, chegando mesmo algumas a leval-os de madrugada, só com o capuchita de mandil, pelo vento e pela neve, atravez de montanhas e valeiros.

Mas é assim que ali se criam homens e mulheres. É tambem por esse motivo que o maior e mais robusto homem, e a mais viril e corpulenta mulher que tenho conhecido em dias de minha vida, foi no Caramulo que os achei.

Se algum dia o meu leitor tiver o bom senso de por lá dar uma volta, procure o Grande das Laceiras e a taberneira de Dornas e depois me dirá se o enganei.

Mas ha muitos assim. E porque?

Porque o homem da serra não se alimenta com acepipes á franceza, nem toma bebidas esquisitas para fazer a digestão: come frugalmente e d'um só prato, indo fazer a digestão a cavar terra ou a guardar rebanhos.

Por isso é que elle, em geral, não tem doenças.

Porque — fique-o o meu leitor sabendo, — as doenças criam-se principalmente com os manjares.

É caso para se dizer: dize-me as iguarias que comes, dir-te-ei as doenças que tens.

São as muitas iguarias, as lambarices, os doces, os cafés, os chás, as conservas, etc., que acarretam ás nossas burguezas toda essa falange de doenças que começam pela indisposição do estomago, desinvolvendo dez ou vinte especies de nervoso, nervoso da manhã, nervoso do dia, nervoso da noite, acabando por fazer-lhes apparecer toda a casta de nevralgias, vomitos, agonias, maus humores, irritações, azias, enxaquecas, que sei eu?

Ora nada d'isso conhecem estes homens e estas mulheres da serra.

Elles, altos, robustos, de pés solidos e hombros largos; cheiram a mato e a sol.

Ellas, são tambem altas e robustas, de quadris volumosos, peitos salientes, dentes brancos, olhos vivos, cara redonda e labio forte.



COSTUMES DA SERRA
A capucha

«Uns e outros foram feitos como se fazem cordas, retesando-os, torcendo-os, embreando-os, até ficarem homens e mulheres que não quebram, verdadeiros artigos de exportação, proprios para todas as intemperies, para todos os climas, para todas as regiões (1).»

Uma prova da saude e energia normal d'estas mulheres está na amamentação dos filhos.

Uma d'ellas me disse que não havia com certeza em toda a serra uma unica que se recusasse ou não podesse amamentar um filho.

Conhecera apenas uma, ha 4 ou 5 annos, mas essa foi porque lhe crearam os peitos...

Lembro-me que emquanto ella falava, pensava eu como o meu leitor está de certo pensando, na imensidade d'ellas que tenho conhecido e conheço ainda, incapazes não só de crearem um filho mas até de lhe pegarem ao cólo.

Se percorrermos ambos, eu e o leitor, as senhoras de nossas relações, de cem não encontramos uma só que seja mãe; quer dizer — que realise todo o mister da mãe.

Esta é a verdade; por isso, se é com uma leitora que tenho estado a conversar, que desculpe e não se melindre nem se irrite, porque mais alto que os factos não há nada que fale.

Mas se fôr tão tola que se ofenda com a razão dos factos, então, minha senhora, queira dar-me as suas ordens... porque os meus companheiros esperaram-me para seguir-mos sem demora d'aqui para as Paredes, que distam ainda um bom pedaço.

(1) Ramalho Ortigão.

VI

— A serra como ella é. Aspectos diversos. O indigena e o viajante. Caminhos e distancias. Tratos que a serra dá ao viajante. O inverno. A neve. As escolas e a civilisação. O dialeto serrano. Navalhas e tripas... Socegae!

Como d'aqui ás Paredes ainda é longe, pelo caminho tenho tempo de coordenar as minhas impressões, tal como eu as senti e segundo a verdade das coisas. Porque a minha obrigação é descrever-vos a serra e apresentar-vos os seus habitantes taes como são e não como a minha fantasia os quizer.

De que servia eu dizer-vos, por exemplo, que isto é um paraizo com verdura e flores, se vos mentia como um perro?

Não; se o Caramulo é safaro e o indigena um torturado, é pois uma região safara e um indigena torturado que vos hei de apresentar, sem mais coisa nenhuma.

Que a serra varia muito de aspecto: é segundo aquelle que a encara. Porque eu não sei se vos disse já que o Caramulo tem com efeito dois diversos aspectos: um para o que o habita, outro para o que o visita. Para o que o habita o Caramulo é uma terra amaldiçoada, onde falta o pão e não ha vinho nem azeite — a fome. Para o que o visita é uma grande paisagem arida, onde as revoluções geologicas deixaram estampadas para sempre as prodigiosas forças da materia revolta.

Mas o Caramulo é ainda isto para ambos: a tortura.



CAMPONEZA DE BESTEIROS

O indige-

na pode muito bem casar e não ter filhos, mantear a terra e não ter pão, amar a todos e não ser amado de ninguem, mas do que elle tem a certeza é da rigorosa pontualidade com que um funccionario publico lhe virá pedir todos os annos, o pagamento dos tributos. Apenas duas ou tres vezes no anno o correio lhe bate á porta: quando traz o aviso da decima, da congrua ou dos relaxes.

Mas a tortura do habitante do Caramulo em que?

N'isto: em pagar sempre, sem saber para quem, nem para que!

Da parte do viajante que ali apparece pela primeira vez, ha esta massada: andar sempre fora do caminho, sempre cançado, sempre sequioso, regressando, depois de um dia de privaquédas, com os sapatos n'um trapo.

Ha ainda outra coisa peor para o viajante do Caramulo. D'esta ninguem se liberta, seja lá quem fôr, faça lá o que fizer.

Suponha um dos meus amigos que ia até lá, um dia d'estes, dar o seu passeio. Chegava, por exemplo, ao meio.

Como é natural que para lá não fosse sem farnel, sentava-se ao pé de qualquer fonte, puchava do presunto ou bacalhau frito que levasse e que comia, sem lhe tomar o gôsto, bebendo em seguida os quatro melhores copos de agua da sua vida e como é bôa pessoa e bom filosofo, espernegava-se ao comprido sobre a relva, na reclusão d'uma analise á vida sempre dura e nunca aliviada d'essa pobre gente, depois do que o meu amigo se erguia para seguir viagem.

Puchava pelo relogio e via: duas horas. Muito bem: o tempo sobra para ir d'aqui—Malhapão, até adeante—Dornas.

Mas para o que desse e viesse e pricipalmente para chegar mais cedo, partia immediatamente, indo de passagem pelo *pico*.

O que sucedia n'este caso? Depois de duas boas legoas, que julgara dois pequenos kilometros, o meu desditoso viajante estaria muito áquem do meio do caminho e cheio de remorsos por ter passado sem beber, por duas fontes, na esperança dos dois decilitros do verde, na taberna que lhe annunciaram e que não apparecia nunca.

Qual é aqui a sorte do viajante? Ficar algures enrodilhado entre duas moiteiras ou chegar ao povoado quando tudo já dorme.

No Caramulo não ha vias de communicação: ao que elles lá chamam caminhos, chamamos nós aqui mato e pedras. Mas o homem das serras sabe bem em que reino vive: é por essa razão que elle, para ir d'uma terra para outra, não procura caminho nem carreiro: mete a direito.

Sabe em que reino vive, disse eu, mas não é sempre.

Ha ocasiões, em que elle perde por completo a consciencia d'essa nacionalidade. É quando apparece um homem importante: o viajante engravatado, o abbade ou mesmo o regedor.

Quando isso sucede, elle deixa de ser o bom vilão em casa de seu sogro para ser simplesmente o basbaque.

Tudo se comove quando elle chega e não ha coisa que se lhe não faça quando elle lhe pára á porta ou entra em casa. Para o que traz fome ha logo ali uma taça de barro preto com um queijo fresco, em cima da mesa que é uma caixa, com uma faca ao lado, que é o podão das leitugas.

Toda a familia assiste religiosamente á refeição do esfaimado caminheiro e se alguma coisa falta na mesa, a brôa, o panno, o garfo, que solicitude em correr por elle á cesta da brôa ou á prateleira das massarocas!

O viajante que no Caramulo devora um queijo em familia, assiste ao mesmo espectaculo a que assiste um medico autopsiando um cadaver n'uma praça: tudo olha e ninguem fala. Se o viajante chega de noite ha logo uma coberta e um palheiro onde faltarão commodidades mas abundarão ratos.

Mas tudo isto é dado sem reservas, espontaneamente, de todo o coração. Preferem dormir sobre uma pedra a deixar o viajante mal agasalhado. Isso porém, não obsta a que recebam mal toda a gente que os visita.

Recebem mal o viajante porque lhe não dão um caminho por onde elle vá na certeza de não quebrar as costellas, nem uma cara linda que lhe faça abrir um sorriso de goso estethico; recebem mal o devoto romeiro porque o atafegam na ermida de dois metros de largo pelos quatro de comprido, dando-lhe ainda o desgosto de se ver obrigado a implorar santos feitos mais a camartello do que a escopro ou picão; recebem mal o caçador, porque lhe escondem as perdizes no matto ou lhes favorecem as encostas para o vôo traiçoeiro... Mas o que elles recebem ainda peor é o inverno. O inverno no Caramulo é um d'estes sujeitos que não teem sympathias. Não encontra mesmo em toda a serra um bom telhado que o cubra,

lenha secca que o aqueça, cobertores felpudos que o agasalhem, nem, muitas vezes, cama alguma onde se deite. Quando elle chega, ali em principios de novembro todas as caras se transformam em carrancas. É recebido portanto á má cara; por assim dizer a murro.

Para com elle não ha contemplações de ninguem. A creança ameaça-o com o seu mais energico bater de dentes. O aldeão, esse, um pouco mais pratico, opõe-se-lhe com um lenço em volta das orelhas e uma carapuça até aos olhos. Os velhos mais praticos ainda e mais familiarisados com elle, enrodilham-no n'uma capucha ou n'uma coberta e sentam-se-lhe em cima, á lareira.

Os pobres, esses mal cae o primeiro floco de neve fogem todos, desde o avô ao neto. Vão ordinariamente para o valle de Besteiros ou para a Bairrada, donde voltam em março carregados de azeite, carnes e batatas.

Ha porém uma coisa que ainda ninguem sabe se lá é bem ou mal recebida: a civilisação. Ninguem mesmo pensa n'isso. O homem do Caramulo vive privado de todas as regalias que aformoseiam a existencia. Não tem uma ponte para atravessar os enxurros, nem, como já disse, uma unica estrada. Não tem um medico, limitando-se, nas doenças, á alfavaca de cobra e ás papas de linhaça ou, nos casos mais graves, aos vaticinios da adivinhôa; dispensa portanto a pharmacia que tambem não ha. Não tem além d'isso, nenhum filho padre, nem primo algum doutor, nem, o que é peor, uma unica escola.

É o verdadeiro modelo do homem ignorante. Em todo o Caramulo não ha um unico individuo que não julgue doido completo aquelle que lhe disser que a terra é redonda e o sol fixo. Em compensação todos teem a certeza de trazerem o anjo da guarda em pé sobre o hombro direito, e o diabo alapardado sobre o esquerdo.



UM REBANHO NAS FALDAS DA SERRA

Esta falta de instrucção e ainda mais a ausencia de todo o contacto com a civilisação produziram o dialecto do Caramulo. Porque o Caramulo tem a sua linguagem propria como tudo o que pára ou degenera.

Ali tão bem fala o pastor de gado, como o regedor, como o mesmo abbade. Ha, porém, ás vezes expressões corretas, modos de dizer curiosos. Deu-se comigo este caso: a um boieiro que passava perguntei o caminho a seguir para a povoação mais proxima.

— O caminho para Almofala? perguntou elle, rectificando. Não tem nada: o amigo toma este caminho e em chegando além... vê aquellas almas? pois bem, não faça caso: siga sempre e ao passar n'um portal, quebre ao braço direito e arrebente por ahi fóra que vai lá ter com os olhos fechados!

Na accentuação tonica das palavras é que mais se especialisa essa linguagem.

Aquillo que entre nós açoita as arvores, leva os chapeus e sópra pelos buracos, é o mesmo a que elles lá chamam *vanto*. Pelo contrario aquillo que nos templos ellumina os sacrarios, suspenso das abbobadas, chamam elles *lempada*.

D'ahi resulta não uma linguagem mas uma mixerufada sonica.

De resto os conhecimentos do homem do Caramulo a pouco se limitam. Sabe, por exemplo, cavar uma terra, pregar uns tamancos, comprar uma junta de bois ou procrear seis filhos robustos. Não pensa senão em si e nos seus. É, todavia, generoso e compassivo como ninguem.

Tem ainda esta qualidade: por bem deixa-se levar até á forca; a mal começa por deitar ao sol as tripas do parceiro, acabando por o deixar

metido n'uma carqueja, á espera do primeiro lobo que o quizer.

A' vista d'essas tripas é natural que o viajante queira voltar para traz, no receio de lá ficar tambem para sempre.

Não; aconselho-o mesmo a que vá. O seu chapeu fino, a sua gravata, o seu anel e o seu bigode bem tratado, são a mais completa garantia d'um cidadão n'essas paragens.

Mata-se um lobo ou um visinho traiçoeiro, mas não se toca com um dedo n'um desconhecido, quanto mais no viajante bem trajado.

(Conclue no proximo numero.)

THOMAZ DA FONSECA.



UM TRECHO DA SERRA
Demarcação da vropriedade

Nunca mais

— —

Nunca mais me esqueceu, aquella triste
meia-luz do crepusculo doirado . . .
E a doçura do horto perfumado
onde tu me beijaste e me fugiste . .

Quantas vezes, depois que tu partiste
— coração sempre inquieto e insaciado —
bebi, por taças de oiro, sem cuidado
quanto amor e prazer na terra existe!

Quantas vezes — ai quantas! — ao bulicio
das orgias, a rubra flor do vicio
fui arrancar á venenosa haste!

E p'ra quê, se de tanto inutil gôso
nenhum recorda o beijo saudoso
da tarde em que a meus olhos te apagaste

M. Cardoso Marta.



INSTITUTO DE PHYSIOTHERAPIA EM LISBOA

Os actuaes processos da arte de curar

Resenha descriptiva

POR

VIRGILIO MACHADO

A Medicina está passando, neste momento, por uma transformação radical e profunda. — Já não se trata d'uma simples evolução lentamente progressiva, como a que se observa em outros ramos do Saber humano — mais do que isso — dia a dia, vae-se operando, nas sciencias medicas, uma revolução quasi que d'exterminio, aniquilando velharias e rotinas veneradas e respeitadas durante algumas dezenas de seculos.

Foram ellas, sem duvida, que tornaram, em muitos casos, a arte de curar inutil em vez de proveitosa, travando, ao mesmo tempo, a marcha do seu progresso, preparado, *em parte*, pelos genios mais brilhantes que figuram na historia das sciencias; velharias e rotinas tantas vezes insensatas e até ridiculas, dando assumpto para as pungentes satyras d'espirituosos Molières.

Digna de reparo e meditação se torna a difficuldade que, á sua adopção e applicação, encontram algumas das brilhantes conquistas do engenho humano, ainda mesmo quando as valorise um alcance utilitario solidamente demonstravel.

Pasma a indifferença, senão mesmo a reluctancia e a animosidade, com que, pelos leigos em Medicina, é recebida a apparição de novas descobertas nos dominios d'esta Sciencia; mais facilmente, e isto succede, com frequencia, na arte de Hippocrates, chegam a ser aproveitadas, com larga vulgarisação, certas praticas, nascidas exclusivamente d'um grosseiro empirismo e, a principio, umas vezes exercido por ignorantes muito crentes e sinceramente bem intencionados, outras vezes cultivado, com mais ou menos habilidade e successo, por curandeiros ou charlatães, com talento e pouco escrupulosos.

O empirismo na therapeutica

Pela porta do empirismo entraram, na pratica da medicina, alguns dos seus mais valiosos methodos e agentes utilisados no tratamento das doenças.

Muitas paginas não bastariam para a demonstração exemplificada d'esta asserção.

Por curiosidade fiquem registadas, a proposito, algumas citações mais interessantes.

O uso do mercurio, o precioso medicamento, curativo, por excellencia, de determinadas molestias, que, mal tratadas, são o flagello do doente e a causa d'estropiamento da sua descendencia, foi, pela primeira vez, realisado com as celebres pilulas do corsario Barbaroxa a quem fôra fornecida a receita por um charlatão, seu contemporaneo.

A casca da quina, d'onde os chimicos hoje extraem a quinina, já era usada, no seculo XVII, ou talvez ainda antes, no tratamento das febres palustres.

Já de ha muito, entre o povo, eram empregadas as esponjas incineradas, na cura das alporcas ou escrofulas e da papeira chronica, como tambem o eram certos vegetaes maritimos, no tratamento da gotta, sobretudo pelos chinezes, quando a chimica, nos principios do seculo ultimo, mostrou que era o iodo a substancia activa d'aquelles vegetaes, os quaes depois substituiu, n'uma therapeutica mais scientifica, rigorosa e de mais largos resultados.

Seiscentos annos antes de Christo já os argonautas empregavam a medicação ferruginosa, obtendo o preparado correspondente pela dissolução da ferrugem no vinho.

Muitos annos antes de se ter extrahido da coca o precioso alcaloide que se chama a cocaina, já os indios da America do Sul mascavam as folhas d'este vegetal, para lhes suspender a sensação de fome, durante longas jornadas, em que lhes faltavam os alimentos.

Era o arsenico empregado, na antiguidade, sob a fórma de sulfureto d'arsenico ou ouropimento, producto natural.

As dormideiras foram, durante seculos, applicadas para provocar o somno e acalmar as dôres, antes de terem sido preparados e applicados scientificamente os corpos existentes no opio e a que correspondem as acções primitivamente utilisadas, pelo empirismo, quando ministrava o succo do *papaver somniferum*.



BANHO DE LENÇOL E ESFREGAÇÃO CONSECUTIVA

A belladona, muito empregada, em outros tempos, pelos magicos e envenenadores, foi tambem, desde eras muito remotas, utilisada no tratamento das nevralgias.

Remonta á mais alta antiguidade o uso empirico da medicação purgativa, realisavel por multiplas substancias, algumas d'ellas offerecidas pela nutureza, em algumas das mais preciosas aguas mineraes de que a therapeutica ainda hoje faz uma larga applicação.

Muitas das mais solidas doutrinas scientificas actuaes vieram justificar a racionalidade das praticas empiricas d'aquella medicação.

No antigo Egypto, a arte de curar resumia-se á applicação de purgantes, clysteres, vomitorios e abstinencia alimentar relativa, quando não mesmo absoluta, na phase mais aguda das doenças.

A physiotherapia empirica

Não oram só as drogas que, na sua maioria, entraram pelas portas do empirismo, na arte de curar, muitas e algumas mesmo entre as mais valiosas praticas da moderna therapeutica, denominada physiotherapia ou tratamento pelos agentes physicos e naturaes, por outras portas não penetraram tambem, no templo de Esculapio, que não fossem as do empirismo.

Encontra-se, nos periodos mais primitivos da historia da medicina, larga menção das applicações medicas do calor a diversas temperaturas, umas vezes secco, outras vezes por intermedio da agua ou outro qualquer liquido.

A popular cataplasma de linhaça cujo uso se tem perpetuado atravez de centenas de gerações, realisa, por uma fórma altamente proveitosa, em variadissimas circumstancias, a applicação simultanea do calor e humidade.

Em era remotissima, quando ainda nem sequer se pensava em produzir artificialmente essa energia proteiforme que se chamou electricidade, já os indios se curavam de paralysias, banhando-se em rios, onde vivem certos peixes electricos, a raia ou tremelga, o gymno-

to, etc., de que recebiam as descargas, com a intenção de restabelecer a motilidade supprimida nos membros paralysados.

Estas praticas muito conhecidas da mudança d'ares, banhos do mar, etc., não são mais do que modos, ensinados pela observação, de curar as doenças, pelos agentes naturaes: calor, luz, agua, pressão atmospherica, etc., mais adequados á modifidação de diversos estados morbidos.

Tudo quanto o empirismo, as investigações de laboratorio, a experimentação e a observação, auxiliadas pelos poderosos meios de analyse de que a sciencia hoje dispõe, foram adquirindo, enriqueceu o vastissimo arsenal de que a medicina hoje lança mão, no combate de todos os dias, contra as doenças e affecções que torturam a humanidade.



BANHOS DE AGUA ATRAVESSADA POR CORRENTES ELECTRICAS

A therapeutica pelos agentes physicos e naturaes

A tendencia mais pronunciada da medicina actual é para o emprego therapeutico dos agentes physicos ou naturaes, regimen alimentar e outros preceitos da hygiene geral, etc.

Procuram os sectarios da therapeutica pelos agentes physicos *(physiotherapia ou physicotherapia)* agora methodicamente organisada, sobre solidas bases scientificas, a realisação das várias medicações exigidas pelas circumstancias do momento.

Assim, por exemplo, a therapeutica physica adopta, com incontestavel vantagem, o emprego methodico de banhos, a uma temperatura mais ou menos inferior á temperatura do corpo, o enfaixamento humido ou a refrigeração local do coração, pelo gelo contido em um saco de cautchuc, para combater as altas temperaturas febris, em varias infecções, entre outras a febre typhoide, a pneumonia, a broncho-pneumonia, as febres eruptivas (sarampo, variola, escarlatina), etc.

Para combater os phenomenos dolorosos, as nevralgias ou os phenomenos espasmodicos está indicada a medicação calmante, sedativa ou anti-spasmodica, utilisada pela therapeutica physica e que consiste em qualquer d'estes variados recursos, segundo os casos:

Banhos mornos, duches de 24 até 30° ou mesmo temperaturas mais elevadas, (mas então applicados por mais tempo); certas modalidades da electricidade mais longe indicadas; luz azul radiações ultraroxas, luz intensa do arco, voltaico; duche d'ar quente; massagem pelo ar quente, segundo o processo de Bier, banhos d'areia quente, etc.

No tratamento de certos phenomenos depressivos, paralysias, perda da sensibilidade, debilidade geral e em que se impõe a medicação excitante, estimulante e tonica, a therapeutica physica utilisa certos modos electricos; algumas praticas hydrotherapicas (duche frio durante 1 a 2 minutos, duche quente, mas de curta duração, duches circulares); applicação mais ou menos prolongada da luz vermelha, etc.

Está apurado scientificamente que as applicações d'agua fria, seguida de reacção, augmentam os globulos sanguineos vermelhos e os globulos brancos, ao mesmo tempo que augmentam a hemoglobina ou materia corante do sangue.

Frequentemente se empregam hoje no tratamento da anemia e da chlorose duches de 40° centigrados descendo rapidamente até 20 e mesmo até 15 graus.

Aproveitando a sua acção poderosa sobre a nutrição geral, empregam os sectarios da therapeutica physica os banhos d'agua atravessada por correntes electricas, as correntes de Morton, as de alta frequencia, muitas vezes associados com alguns utilissimos processos hydrotherapicos.

Os neurasthenicos deprimidos da nutrição, os convalescentes de doenças graves e longas,

os doentes de bocio exophtalmico frequentemente constituem os principaes aproveitadores destes tratamentos.

E' a insomnia um episodio morbido muito frequente em numerosas doenças, que, primitiva ou secundariamente, affectam o systema nervoso.

Com o fim de provocar um somno tranquillo, propõem, com successo, os cultores da moderna therapeutica mais avançada alguns dos agentes já aqui mencionados, a proposito da medicação calmante ou sedativa, dando, n'este caso, muito preponderante predilecção aos banhos tepidos, ao enfaixamento frio da metade inferior do corpo, ao banho e duche d'electricidade franklinica, etc.

Assim pretendem os sectarios da therapeutica physica poupar os doentes ao uso dos narcoticos, dos hypnoticos ou dos calmantes do systema nervoso, representados pelos conhecidos venenos bastante valiosos, emquanto não foram substituidos e considerados até aqui erradamente indispensaveis em todos os casos indistinctamente: o opio e seus derivados (a morphina em primeiro logar), o chloral, o chloralamido, o hypnone, o trional, o sulfonal, o paraldehydo, o veronal, a chloralose, o hypnal, o urethanio, o ural ou chloral-urethanio, o hedonal, o hydrato d'amyleno, o dormiol, o methylal, o neuronal, o tetronal, os variados brometos, a bromidia etc.

Impõe-se, no tratamento de diversas molestias, sobretudo as de natureza arthritica, a utilidade d'uma transpiração cutanea abundante. Até aqui empregavam os medicos, com esse intuito, medicamentos, chamados diaphoreticos (sudorificos) e uma ou outra vez o banho de vapor; actualmente a physiotherapia provoca, sem drogas, abundante producção e excreção de suor, com o emprego dos banhos de calor luminoso, chamados geralmente banhos de luz; com o arco voltaico ou com lampadas electricas d'incandescencia.

Estes resumidos exemplos de medicações realisaveis pela physiotherapia dão uma vaga idéa do largo alcance deste capitulo da therapeutica geral.

Melhor juizo se poderá formular sobre a sua extensão e importancia, quando se aprecie a multiplicidade dos modos variadissimos da sua applicação que muito resumidamente passâmos a enumerar.

Trataremos sómente dos mais importantes cujas vantagens estão demonstradas.

Os methodos physiotherapicos — Sua nomenclatura

A physiotherapia significa, como dissemos, o tratamento das doenças pelos agentes physicos e naturaes e comprehende: A *hydrotherapia*, isto é, applicação geral ou local da agua, a variadas temperaturas, em repouso ou em movimento e, neste caso, incidindo sobre o corpo sob a influencia de maior ou menor pressão, etc. Applica-se algumas vezes á hydrotherapia utilisada sob a fórma de banhos em tina ou piscina o nome de *balneotherapia*, adoptando-se para a therapeutica realisada pelos banhos do mar o termo especial de *thalassotherapia*.

Ao conjuncto das praticas curativas pela acção do calor cabe o nome de *thermotherapia*, geralmente usado para temperaturas bastante superiores á temperatura média normal do corpo humano.

O tratamento pelo frio, á temperatura de 0° ou ainda mais baixa, é designada pelo vocabulo *cryotherapia*.

Pela palavra *phototherapia* é indicado o grupo de methodos de tratamento d'algumas doenças pela luz. — Se esta provém directamente do sol a sua applicação com fins curativos é chamada *heliotherapia*.

A luz utilisada therapeuticamente pode ser incolor ou diversamente corada, pela sua passagem atravez de vidros coloridos, denomina-se, neste ultimo caso, *chromotherapia* a sua applicação á cura de variadas molestias sobretudo na pelle.

E' dispensavel que a indiquêmos, por ser bem conhecida, a significação da palavra *electrotherapia*.

A' applicação dos raios X ou raios Rœntgen, na cura de diversas molestias, coube primitivamente a designação de *radiotherapia*, mais tarde substituida pelo neologismo *rœntgenotherapia* ou *rœntgotherapia*. Estes dois ultimos vocabulos são preferiveis ao primeiro, destinado a significar a applicação therapeutica do radio e substancias radioactivas, até aqui expressa pela palavra *radiumtherapia*.

Apesar de nao corresponder ao emprego de agentes physicos e antes corresponder á utilisação de movimentos activos ou passivos, incidencias de acções mechanicas, etc. a *kinesitherapia* ou *kinesotherapia*, que tambem se escreve e diz *cinesitherapia*, figura nos capitulos da physiotherapia. Comprehende a



APPLICAÇÃO DE UM DUCHE ELECTRICO

Á direita uma senhora sentada sobre um estrado com pés de vidro, a qual segura n'uma das mãos, um conductor ligado a um dos polos da machina franklinica. O outro polo está ligado com o ducheiro a alguns centimetros acima da cabeça.



MATERIAL PARA APPLICAÇÃO DO DUCHE ELECTRICO A SEIS PESSOAS SIMULTANEAMENTE

Á direita a machina Carre e adiante d'ella baterias electricas para a galvanocauterisação (cauterisação por facas ou fios de platina tornada incandescente pela passagem da corrente electrica)

massagem geral ou local, manual ou vibratoria (*sismotherapia*), a gymnastica e até a kinesitherapia negativa ou cura de repouso.

O conjuncto dos methodos de applicações mecanicas da massagem tem hoje o nome muito vulgarisado de *mecanotherapia*.

Aguas mineraes e climas

As aguas mineraes, cuja variedade é extensissima, devem as suas propriedades curativas não só á sua composição chimica, mas, em muitos casos, á sua temperatura, estado electrico, radioactividade emanada dos gazes que dellas se libertam, etc. Comprehende-se, por isso, que o estudo e as indicações do emprego das aguas mineraes á cura de diversas doenças sejam abrangidos pela physiotherapia sob a designação de *thermalotherapia*.

E' conhecida tambem, desde tempos immemoriaes, a influencia que, sobre os individuos sãos ou sobre aquelles que estão affectados por diversas doenças, exercem os diver-



APPLICAÇÃO LOCAL D'UMA ALTA TEMPERATURA POR MEIO DO AR SECCO

Aquecido em uma caixa com lampadas electricas e cuja abertura fica applicada sobre a região em tratamento.

sos climas hoje muito bem estudados e classificados pela sciencia denominada climatologia.

A utilisação d'um ou outro dos variadissimos climas, com fins curativos, denomina-se *climatotherapia* ou mais resumidamente *climotherapia*. Relativamente á temperatura os climas são quentes, frios ou temperados; quanto ao grau hygrometrico ha os climas seccos e humidos. Tendo em vista o conjuncto d'estas influencias, cumulativamente com a acção da pressão atmospherica, a proximidade do mar, a intensidade e a direcção do vento predominante, os climas mais vulgarmente aconselhados medicamente são os climas de montanha ou de altitude, os climas terrestres e os climas maritimos.

Pelas relações estreitas que, nos seus effeitos, apresenta com os que se observam nas applicações climatotherapicas é a *aerotherapia*, applicação de ar comprimido ou rarefeito, no tratamento de algumas doenças, estudado com a therapeutica pelos climas, no mesmo capitulo da physiotherapia.

Como se conclue de tudo quanto summariamente fica exposto é a therapeutica pelos agentes physicos, quer naturaes quer artificialmente produzidos, rica bastante nos seus methodos d'applicação.

Daremos agora alguns exemplos da vantajosa utilisação d'esses methodos em diversas circumstanciaes pathologicas.

Tratamento pela massagem e gymnastica

A *massotherapia* ou applicação medica da massagem «o mais antigo d'entre todos os methodos de hygiene therapeutica empregados pelos medicos» tem, sobretudo quando associado á mecanotherapia (systema Zander), um campo muito vasto d'indicações.

Nas entorses, fracturas e accidentes consecutivos, nas arthrites chronicas, em doenças das veias, em algumas doenças do estomago e do intestino, em certos casos de fraqueza do coração, em nevralgias e outras affecções do systema nervoso, conta a massotherapia alguns dos seus melhores triumphos.

De perto se relaciona com este methodo de tratamento a gymnastica, seja ella a sueca, a franceza ou a allemã, mais propriamente usada em praticas de hygiene ou para corrigir deformações ou debilidade congenitas, do que já propriamente para tratamento de qualquer doença em especial.

Ha um grande numero d'exercicios livres, sports, jogos etc., que são considerados (quando obedecendo a regras rigorosas) praticas muito vantajosas da hygiene.

A marcha, por exemplo, sobre terrenos gradualmente inclinados (methodo de Œrtel) é, sem duvida, muito util no tratamento d'algumas lesões do coração, no periodo em que são ainda susceptiveis de compensação funccional.

Pertence ainda aos methodos kinesiotherapicos a reeducação dos movimentos, nos individuos que, em virtude d'uma doença chamada tabes ou ataxia-locomotriz progressiva, os apresentam incoordenados.—Pela reeducação dos movimentos de certos musculos, que expontaneamente se contrahem, produzindo



BANHO GERAL DE CALOR POR INTERMEDIO DO AR SECCO

Aquecido n'uma estufa especial e com temperaturas que variam entre 80 a 200° centigrados.

caretas ou differentes gestos, segundo a região affectada, caracterisando o que se chama tics, tem-se conseguido attenuar e até curar esta importuna enfermidade nervosa.

Pela reeducação ou gymnastica methodica dos movimentos respiratorios, consegue-se debellar certas consequencias da pneumonia, asthma, pleuris, tuberculose no periodo inicial, etc.

A kinesiotherapica negativa ou cura de repouso, a que se pode associar a cura de sol, de ar ou d'altitude, repouso absoluto ou attenuado e durando desde alguns dias até algumas semanas, impõe-se, e é coroado de successo maior ou menor, em todas estas variedades de doentes: Cardiacos com o coração muito fraco; arteriosclerosicos; dyspepticos com nevralgias no estomago ou com uma ulcera nesta viscera; os tuberculosos; algumas hystericas; um grande numero de neurasthenicos; anemicos; chloroticos; convalescentes de doenças longas, etc.



BANHOS DE CALOR E DE LUZ

Á esquerda dois projectores d'arco voltaico para as applicações de calor ou de luz, com diversas côres segundo as qualidades calorificas ou chimicas das radiações que convém applicar. Á direita uma caixa octogonal aberta, com espelhos e lampadas electricas de incandescencia, para applicação geral do banho de luz ou propriamente banho de calor luminoso.



APPLICAÇÕES DE CALOR E LUZ

A esquerda lampadas com reflectores para a applicação de luz violacea, luz vermelha, etc. Sobre a mesma mesa na vitrine á direita o material para algumas applicações das correntes de alta frequencia e do calor e luz obtidos por meio da corrente electrica.

A hydrotherapia

A hydrotherapia, tambem um dos mais antigos e dos mais valiosos ramos da physiotherapia, comprehende mais de trinta processos diversos d'applicação, a que correspondem effeitos especiaes sabiamente utilisados na cura de variadissimas molestias, ou dissipação d'alguns dos seus symptomas mais incommodos.

Já anteriormente nos referimos ao tratamento da febre pelos banhos frios, em applicações varias.

Na pratica mostram-se mais pronunciadamente vantajosos os banhos progressivamente resfriados, sob a direcção d'um clinico experimentado nesta balneotherapia especial.

A temperatura póde chegar a 20 ou mesmo a 18°; repetindo-se o tratamento varias vezes

ao dia e com determinados preceitos, durante e depois do banho, segundo a intensidade da febre que se pretende combater.

São já de pratica corrente, mesmo entre nós, as applicações da balneotherapia nas febres typhoides, sarampos e escarlatinas graves; são muito menos empregados aqui do que no estrangeiro os methodos balneotherapicos na



BANHO DE LUZ OBTIDA COM ARCOS VOLTAICOS

Produzidos no alto do gabinete cujas portas estão abertas para indicar a posição do doente submettido a tratamento.

pneumonia, grippe, typho exanthematico e rheumatismo cerebral.

Os banhos quentes, a 37° centigrados e a temperaturas mais elevadas, são hoje, por toda a parte, onde se veneram e adoptam os progressos da arte de curar, muito usados no tratamento das bronchopneumonias das creanças, colicas diversas, convulsões, estado d'inquietação das hystericas, neurasthenicos e maniacos.

Ao lençol molhado em agua a 10° até 12° e cuja applicação se faz de diversos modos, com uma technica que deve ser meticulosamente seguida, corresponde uma acção calmante e ao mesmo tempo tonica, sendo por isso empregado, com pronunciada vantagem, na cura de certas nevroses, algumas dyspepsias nervosas, incontinencia d'urina, anemia, etc.

Os duches teem acções diversas, excitante em uns casos, calmante em outros, segundo a temperatura, grau de pressão, duração, etc.

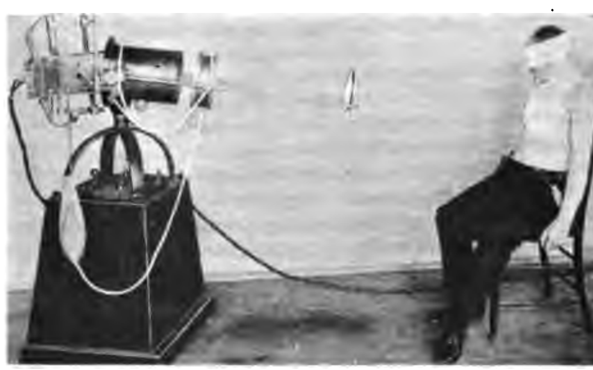
O duche plantar frio, por exemplo, combate a congestão cerebral ou as congestões do utero, do ovario, etc.

Os meios banhos (banhos da metade inferior do corpo), os semicupios, os banhos de pés, em agua a temperatura que pode ir até 45°, já de ha muito entraram na pratica corrente, sendo por isso muito geralmente conhecidas as circumstancias, em que são utilisados, com intenções curativas.

De perto se relacionam com a hydrotherapia, pelo menos com a hydrotherapia local, as irrigações internas, por exemplo, a lavagem do estomago, tão util em casos de estagnação alimentar e fermentações putridas, algumas gastrites, ingestão recente de venenos, etc.

Não menos dignas de citação figuram ainda, no dominio geral da physiotherapia, as lavagens dos intestinos com agua fria ou quente e soberanamente proveitosas em casos de atonia intestinal, estados congestivos, nevralgicos e inflammatorios das visceras abdominaes, etc.

A prisão habitual do ventre, as congestões e inflammações do utero e do ovario, a ictericia catarrhal, inflammações intestinaes e infecções que nos intestinos fazem a sua principal localisação, podem ser melhoradas ou curadas pelas irrigações intestinaes, feitas segundo rigorosos preceitos de quantidade de liquido injectado, pressão, temperatura, etc.



APPLICAÇÃO THERAPEUTICA DE LUZ ROXA

Por meio d'um forte projector d'arco voltaico

São exemplos de hydrotherapia local, mas externa, os enfaixamentos parciaes e a applicação das compressas molhadas em agua fria, usadas com resultados, por assim dizer, maravilhosos, nos casos de angina, falso crup, pneu-

monias, bronchopneumonias, congestão pulmonar aguda ou chronica, palpitações, dôres de estomago produzidas ou não por ulceração, atonia gastrica e intestinal, etc.

O tratamento pelo calor

Muitas applicações da hydrotherapia são um mixto de tratamento mecanotherapico, (embora não correspondendo aos processos grupados sob esta designação) e tratamento thermo ou cryotherapico expressões anteriormente definidas.

Ha porém numerosas praticas therapeuticas em que se utilisam exclusivamente o calor ou o frio seccos. Na sua maioria são bastante conhecidas do vulgo e desde muito longa data.

Nas applicações locaes é usada bastas vezes a areia aquecida a 45° e contida em pequenos saccos de panno ou de camurça. Certas nevralgias e algumas inflammações articulares beneficiam muito com esta therapeutica.

Saccos de cautchuc cheios d'agua quente applicados sobre o ventre, aliviam as colicas de intestinos, de rins ou do figado.

Ha apparelhos especiaes o de Tallerman, por exemplo, com o ar sobreaquecido até 150°, muito empregados, em Inglaterra, no rheumatismo simples ou na gotta articular.

Em vez da agua contida em saccos de cautchuc podem empregar-se certos sais crystallisaveis em apparelhos que no mercado têem o nome de *Thermophoros*.

Depois de immersos em agua muito quente, conservam, durante horas e com muita constancia a temperatura que lhes foi communicada.

Em cidades, onde estão muito generalisadas as canalisações de corrente electrica, empregam-se, nas applicações locaes do calor, com fim curativo, placas ou redes, de fio metallico envolvidas em amiantho, aquecidas pela passagem da corrente electrica.

O enfaixamento secco em um grande cobertor é um dos processos mais rudimentares de produzir um aquecimento geral do corpo, com a producção de suor mais ou menos abundante. Em casos de bronchite, em principio, no rheumatismo dos musculos lombares (lumbago) é muito usado, mesmo entre o povo menos culto, este processo thermotherapico.

Em algumas regiões maritimas utilisam-se em applicações geraes do calor, no tratamento do rheumatismo chronico principalmente, os banhos de areia aquecida pelo sol.

Para isso pratica-se á hora do sol mais vivo, uma cova na praia, ahi se introduz o doente com a cabeça de fóra e coberta por um largo chapeu de palha, ou por um turbante improvisado com uma toalha, cobrindo-se-lhe depois todo o corpo com a areia e deixando-o assim exposto, durante algum tempo, ao aquecimento feito pelo sol atravez da original cobertura siliciosa.

Os antigos banhos d'estufa secca e os de estufa humida, muito usados no tratamento da gotta, nevralgias e rheumatismo chronico vulgar, tendem a ser substituidos pelos banhos de calor luminoso, os chamados banhos de Kellog, de Dowsing, ou incandescencia, muito mais facilmente tolerados pelos doentes, com acção mais energica, naturalmente porque se associam os effeitos calorificos e luminosos, e com uma escala muito mais extensa d'indicações.

Entre estas, occupam logar primacial, além das varias manifestações do arthritismo (a gotta, a obesidade, a asthma, o rheumatismo), as molestias em cuja cura aproveite um exagero artificial das funcções da pelle, utilisando



ALGUNS APPARELHOS PARA AS APPLICAÇÕES MEDICAS DAS CORRENTES GALVANICAS E FARADICAS OU DE INDUCÇÃO

assim a depuração organica que se faz pela transpiração.

Impõe-se esta therapeutica especial, quando o rim, alterado, não cumpre os seus deveres de depurador dos varios venenos ou escorias normaes, que devem sahir na urina; impõe-se ainda nos casos de impaludismo chronico, envenenamentos profissionaes, na convalescença mais ou menos longa d'algumas infecções, etc.

Tratamento pelo frio

São muito conhecidas tambem as applicações do frio na luta contra certos phenomenos congestivos, inflammatorios, etc.

Bexigas, tripas, saccos de borracha ou algumas vezes latas de metal leve, o aluminio por exemplo, cheios com gêlo, em fragmentos, são applicados sobre o ventre em casos de appendicite ou de peritonite; sobre a cabeça em casos de meningite ou de congestão cerebral; sobre a região do coração nos casos d'inflammação aguda d'este orgão, ou das suas membranas (o pericardio ou o endocardio) e ainda quando se pretende corrigir a elevada temperatura em certas infecções febris.

O gêlo ingerido ou as bebidas nevadas combatem, em alguns casos, os vomitos, rebeldes a outros tratamentos.

E' o frio, em applicações topicas, utilisado para acalmar as dôres (nevralgias) ou para adormecer a sensibilidade local permittindo pequenas operações sem soffrimento, entre outras por exemplo a abertura d'um abcesso, a extracção d'um dente, etc.

Para obter a refrigeração local primitivamente obtida pela evaporação do ether ordinario pulverisado sobre a pelle, usam-se hoje, de preferencia, as pulverisações com o ether ethylchlorhydrico (chloreto d'ethylo) ou com o methylchlorhydrico (chloreto de methylo).



MATERIAL PARA A PRODUCÇÃO DOS RAIOS X

Utilisados no tratamento de varias doenças na pelle. A doente está protegida por uma lamina de chumbo, com um orificio no logar da applicação, em frente do tubo de Crookes ou empola productora dos raios Rœntgen.

Tratamento pela luz

A observação mais rudimentar mostrou, em todos os tempos, a poderosa influencia da luz natural sobre a saude e o desenvolvimento dos sêres vivos, animaes e vegetaes. Uns e outros, subtrahidos á acção da luz, soffrem uma depressão profunda da sua nutrição. As plantas na escuridão estiolam e morrem. Os animaes perdem a coloração dos seus tegumentos, pello ou pennas, etc. Os homens que vivem subtrahidos á acção da luz natural, os mineiros, por exemplo, perdem grande parte da sua energia e tornam-se anemicos. Estes e muitos outros factos, de desnecessaria enumeração, eram bem conhecidos desde longos seculos. Muito antes do nascimento de Christo, Hippocrates, o pae da Medicina, expunha os seus doentes á luz viva do sol (excepto no verão), com o intuito de os robustecer, umas vezes nús, outras cobertos por um tecido mais ou menos transparente, em ambos os casos

com a cabeça protegida por um chapeo de palha. No tempo dos Romanos, havia em muitas casas uma varanda ou terraço, para os banhos de luz solar e por isso chamado *Solarium*.

O tratamento pela luz solar chamado, em medicina, *heliotherapia*, faz-se hoje nalguns sanatorios ou institutos especiaes, tambem em terraços cercados de vidraças, sobres as quaes corre constantemente agua fria, para absorver os raios de calor, deixando passar somente os luminosos. A insolação, convenientemente graduada, mostra-se util na cura da anemia; tuberculose de marcha vagarosa; convalescença de doenças graves e prolongadas; chagas de difficil cicatrisação; inflammações das articulações, etc.

Em vez da luz natural, sobretudo em paizes onde o sol raras vezes se apresenta descoberto, muito se está adoptando a luz viva do arco voltaico e menos a de luz d'incandescencia, usada mais em especial para banhos que operam pela sua temperatura mais do que pela acção luminosa.

Illuminação geral ou parcial do corpo, pela luz amarella quasi incolor, vulgarmente chamada luz branca, está indicada nos casos em que convém produzir uma acção calmante e tonica ao mesmo tempo, maior actividade dos phenomenos da nutrição e, em certas circumstancias, até uma acção antiseptica e desinfectante.

Por meio de projectores d'arco voltaico, em apparelhos a que se podem adaptar placas de vidro colorido (azul, verde, vermelho, etc.) ou por meio de lampadas d'incandescencia cuja empola é de vidro corado, podem fazer-se applicações therapeuticas de luz de diversas côres, segundo fôr exigido pela natureza da doença em tratamento.

As nevralgias, por exemplo, são melhoradas pela luz azul.

A illuminação d'um recinto pela luz vermelha, como se faz nas camaras escuras dos photographos, para evitar a acção dos raios chimicos da luz sobre a chapa sensivel, mostrou-se, nas mãos de Finsen, muito util no tratamento das bexigas (variola), subtrahindo os respectivos doentes aos raios chimicos, necessarios á evolução da erupção com a respectiva suppuração, febre e cicatrizes com as suas desastradas consequencias cosmeticas.

Tudo isto se deixa de produzir, sob a influencia do tratamento pela luz vermelha, chamado tambem phototherapia negativa.

O sarampo, a escarlatina, a erysipela, certos eczemas, têem sido tambem submettidos, com resultados animadores, a esta therapeutica especial.

Em grandes salas largamente illuminadas e rodeadas por vidraças azues ou vermelhas, facilmente se verifica, pela observação clinica, uma pronunciada acção calmante, quando a luz que entra nas mesmas salas, é azul, mostrando propriedades oppostas a luz vermelha.

São estas acções respectivamente aproveitadas em determinados casos de excitação ou de depressão por affecções mentaes.

A Finsentherapia

Os focos luminosos não emittem somente a luz que nos faz perceber, por meio da vista, os objectos que nos rodeiam; emittem tambem raios calorificos e raios chimicos que certas experiencias de optica permittem dissociar.

Os raios chimicos da luz são aproveitados principalmente na photographia, são tambem chamados raios actinicos; attribue-se-lhes uma acção destruidora d'alguns microbios. Quem muito se expõe á luz solar fica trigueiro (excesso de pigmentação) o que na linguagem vulgar se exprime por «ficar queimado pelo sol», algumas vezes mesmo produz-se, nestas circumstancias, uma viva erupção a que se chama erythema solar e até, por acção intensa e prolongada, verdadeiras queimaduras.

Fazendo passar a luz viva do arco voltaico, por um systema de lentes e peças accessorias, de modo a permittir somente a passagem dos raios luminosos, com exclusão dos raios calorificos, o professor dinamarquez Finsen, ha poucos annos roubado, na flôr da vida, á Sciencia que cultivára com brilho e originalidade, conseguiu, em applicações sabiamente methodisadas, a cura de graves doenças da pelle, verdadeiro flagello da humanidade. O seu principal triumpho foi conquistado com a cura do lupus vulgar, essa chaga tuberculosa, frequentemente localisada na face e que, na sua marcha devastadora, muitas vezes, corroe o nariz, produzindo repellentes e asquerosas mutilações.

Longas paginas não bastariam para a descripção de todo o material adoptado por Finsen e seus continuadores, neste ramo de applicações therapeuticas da luz denominado, em homenagem ao glorioso mestre, a *Finsentherapia*.

Não foi só o lupus, outras molestias de pelle, umas ulcerativas e outras que não o são, teem sido submettidas, com vantagem evidente, ao tratamento pelos raios chimicos ou actinicos por motivos de ordem scientifica denominados ultraviolettes ou ultraroxos.

(Conclue no proximo numero.)



Meu amor!

Quando elle me jurou que me adorava,
e que eu me vi n'aquella immensa altura
do formoso castello de ventura
em que o seu grande amor me collocava,

senti que intensa luz illuminava
esta minh'alma affeita á desventura,
e julguei-me... — apoz feitos de bravura,
— um rei! — que sobre os povos triumphava!

Mas quando percebi — desilludida!
que toda a aspiração da minha vida
se limitava a que elle me sorrisse,

fui cedendo á tristeza a pouco e pouco...
Hoje, sou como um prisioneiro, louco,
a quem a liberdade — espavorisse!...

Branca de Gonta Coláço.



O mez de novembro, para o sentimento profundamente amante do nipponico pelas coisas gentis da creação, é, fóra de duvida, um mez abençoado. É em novembro que floresce o chrysanthemo, o que já é dizer muito. Mas convém advertir que as galas outomnaes não ficam por aqui. A coloração variada das folhas, no periodo que immediatamente precede a sua queda do arvoredo, constitue em toda a parte, com excepção talvez dos paizes tropicaes, onde não ha outomno, um espectaculo aprazivel. O verde viçoso e uniforme da paizagem, na quadra pompejante que abrange a primavera e o verão, póde afinal cançar os olhos, á força de monotona insistencia. De improviso, o outomno traz á paizagem tonalidades caprichosas, realça-a de loiros e vermelhos, doces á vista; impregnando-a d'essa suave poesia melancholica, que nos fala do fim de uma florescencia, do fim de uma fructificação, do fim de uma colheita, da proxima nudez dos campos, expostos então á inclemencia das refregas da chuva e das nevadas. Pois no Japão, mercê das circumstancias especiaes do clima e tambem da especialidade da propria vegetação, o espectaculo é, mais do que em outro qualquer canto do mundo, particularmente seductor. — *Momiji!* — ora, aqui está uma palavra que nenhum japonez deixará de pronunciar sem alvoroço. *Momiji* quer dizer, em geral — folhagem vermelha do outomno; — mas applica se de preferencia para designar uma certa arvore, aqui muito abundante, cujas folhas, graciosamente digitadas, o outomno com intensissimo deslumbramento ruborisa. Ao ***momiji*** chamam os francezes ***érable,*** os inglezes ***maple,*** e nós chamamos ***bordo,*** se não erro; penso que as especies europeias não offerecem igual maravilha em colorido.

São, n'este paiz, varios os sitios preferidos para se ir admirar os ***momiji,***

em meados de novembro. Sem me afastar muito do meu poiso, cito o valle do Arima, e em Kyoto e seus suburbios o parque de Kiyomizo, Takao e a pittoresca montanha Arashiyama. Mais perto ainda, está Minô, adoravel, em plena paizagem rustica: — uma estreita garganta entre montanhas, revestidas de densissimo arvoredo, descendo o solo em precipicio até um profundo leito pedregoso, por onde as aguas serpêam, espumam e murmuram.



UMA VISTA DE MINÔ

Eu estive em Minô ha poucos dias. É um deslumbramento, uma apotheose. A floresta estende sobre a gente, ao longo dos ziguezagues dos caminhos, a sua rama afogueada, variando, por mil gradações, do amarello ao carmezim; ou são os aspectos distantes, na magestade das alturas da serra inaccessivel, entremeando-se o verde eterno dos pinheiros, das cryptomerias, dos bambus, com as manchas sanguineas dos *momiji*. Isto não se descreve, as palavras não traduzem a visão; nem tão pouco se pinta, fôsse embora um grande artista que se lembrasse da tarefa, porque sahiria da tela um disparate, uma embriaguez convulsa de côres, sobre a qual os olhos incredulos não saberiam commover-se. O artista é a natureza, e só ella; obra ephemera em todo o caso, durando apenas alguns dias; porque a desfolha começa, já é uma continua chuva de folhas rubras, de folhas seccas, de folhas mortas, a atapetarem o chão; dentro em pouco, só ficarão os troncos nús, a projectarem no azul do céo os seus esguios esqueletos negros. Disse — folhas mortas; — assistimos, com effeito, ao funeral da vegetação de um anno inteiro, embora o quadro apresente esmaltes de alegria... Feliz terra esta, onde até a morte é galhofeira!...

Aqui, em Minô, o povo japonez acode em chusma; elle que, á lista das suas esplendidas florescencias, — de



UMA HOSPEDARIA EM MINÔ

se apraz em comer e em beber aquillo que vê com alegria; curiosa affinidade entre a lingua e o olhar, a qual, se não é quasi barbara, é pelo menos quasi infantil, quasi animal, lembrando o gesto do menino, que leva á bocca tudo em que se interesse, lembrando o gesto do cão, que lambe as mãos do dono. (Talvez o beijo europeu, considerando-o como a expressão summaria e polida da dentada, se possa filiar na mesma ordem de phenonemos.)

Varios incidentes do scenario vão attrahindo a attenção de peregrino. Aqui é a ponte rustica, atravessando a quebrada sobre um grupo de pedregulhos, vendo-se em baixo o charco de aguas glaucas; além é a velha escadaria que conduz ao templo de Benten, a deusa das riquezas; outros templos se seguem; tudo isto enfeitiçado pela lenta acção dos seculos, que vestiram de musgos as pedras, que espalharam e

ameixieiras, de cerejeiras, de glycinias e varias outras, — junta as folhas escarlates de *momiji,* como se as folhas fossem flôres; preferindo talvez ás flôres as folhas. A chusma vem de longe, cada qual no seu *kuruma,* o carrinho puxado por um homem, que n'este sitio, por usança local, é ajudado por um cão. A gente apêa-se quando a azinhaga, que se empina, deixa de ser accessivel ao vehiculo. Segue-se então a pé, de passeio, contornando o precipicio. Ao longo do caminho, estende-se uma fila interminavel de cosinhas de comida, onde a chusma abanca, e vendas, improvisadas, de mil bagatelas graciosas. Em alguns poisos, vão frigindo em azeite, sobre caçarolas, as folhas seccas de *momiji,* passadas previamente por uma pasta doce e farinhenta; e o povo compra e come. Já, na epocha das flôres de cerejeira, se prepara um chá ou infusão d'estas flôres, que o povo compra e bebe. Denota isto que esta gente



CAMINHO PARA O TEMPLO DE BETEN

fizeram crescer por toda a parte relvas e arvores, em cuja companhia serena o japonez se sente bem, lembrando-se por certo do proverbio que diz: *Kusa-ki wa hito no saga wo iwan*, — as plantas não se occupam em mexericar das vidas alheias. — E a scena termina naturalmente, quando as duas margens do precipicio se unem, se fundem, formando um alto paredão de rochas e



CASCATA DE MINÔ

verdura, agora salpicada de rubros, e cahindo de cima a agua em cascata.

Antes de pôr termo ao assumpto dos *momiji*, talvez não venha fóra de proposito a citação de alguns exemplos de poesia popular, do *folklore*, sempre tão digno de consulta em qualquer caso que se estude.

A seguinte *uta* (poesia) dá bem ideia do interesse que desperta a curiosa coloração.

Aki ó-matsu
Hito ó-mayowasu,
Momiji kana!...

A traducção approximada... e de pé quebrado, é como segue:

Quando vem vindo o outomno,
Quanto alvoroço se sente!...
— Ancia d'ir vêr, nas florestas,
O *momiji*, em rama ardente!...

Cito outra *uta*, que exprime o mesmo sentimento, mas ainda mais intensamente. Note-se que, durante os frios, os aldeões usam muito de cobertores vermelhos, á laia de capotes. Nas cidades, o termo *akaghetto* (cobertor vermelho) é mesmo synonimo gracioso de aldeão, de camponez. A *uta* accusa a suggestão, o contagio do rubro, provocado pelo esgazeamento do espectaculo:

Momiji mini,
Hito mo de kakéru
Akaghetto!...

Traducção:

Corrâmos a vêr nos bosques
O momiji avermelhado.
Levo suspenso dos hombros
Um cobertor encarnado!...

As differentes tonalidades das folhas de *momiji*, passando por mil gradações na quadra outomnal, suggerem a esta gente a idéa de duvida, de indecisão em julgar um facto. Diz uma *uta*:

Eu ao certo não percebo
O sentir do meu amor;
Varío em supposições,
Como o *momiji* na côr..

Outras vezes, o *momiji* traduz a volubilidade, a inconstancia de caracter; em contraste com o pinheiro, cuja rama persistente, em qualquer epocha do anno, retem a mesma côr. Diz outra *uta*:

Muda de côr o *momiji*,
Tu tambem és variante.
Eu sou qual verde pinheiro,
No mesmo verde constante.

Kobe, novembro de 1906.

WENCESLAU DE MORAES.

A Architectura da Renascença em Portugal

Por ALBRECHT HAUPT

Parte II—O PAIZ

II

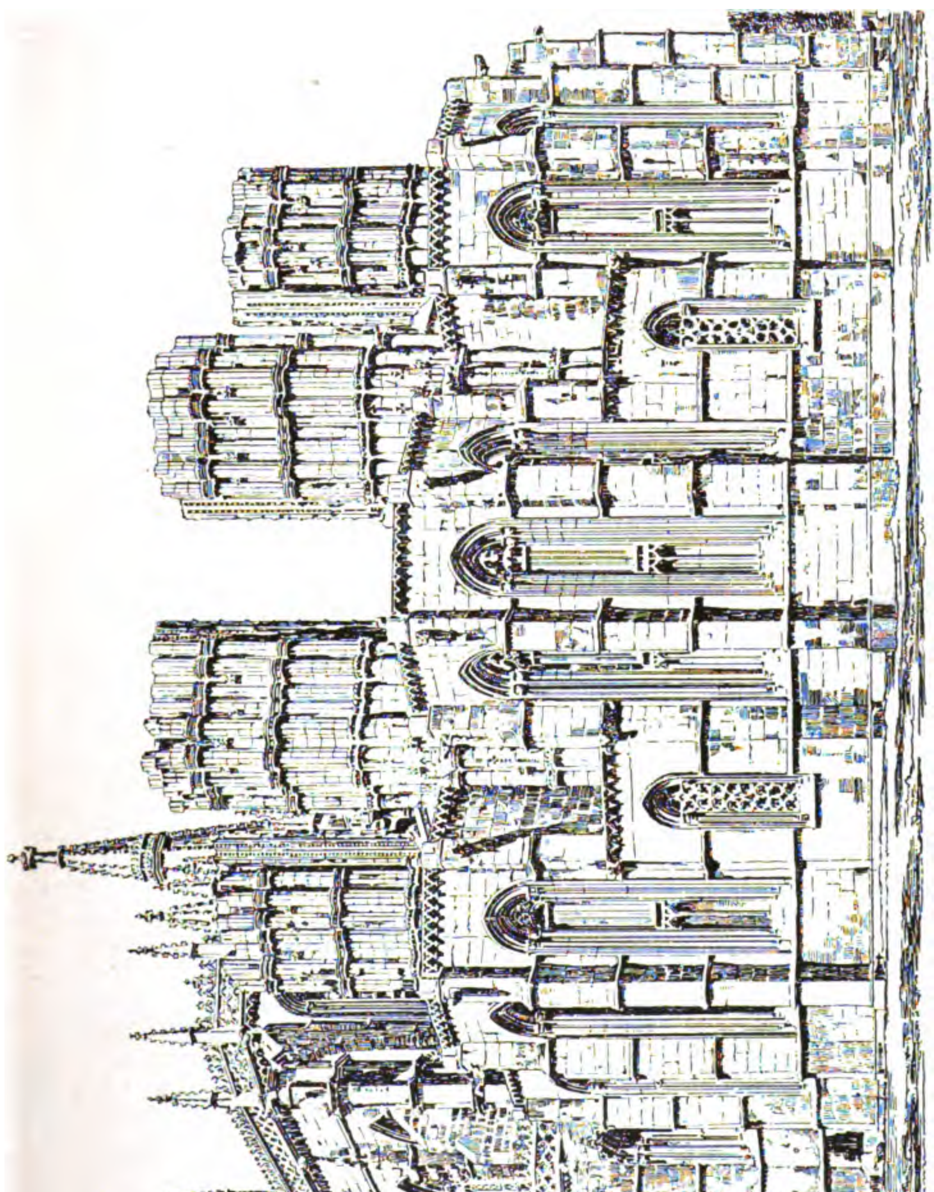
BATALHA

Estas campinas foram em tempos theatro das luctas dos portuguêses pela existencia do seu paiz, das quaes conservam vestigios. E assim como a fundação do mosteiro de Alcobaça encontrou a sua origem na victoria alcançada sobre os mouros pelo primeiro dos seus reis, o mesmo succedeu com o da Batalha (1) o qual, distante poucas milhas para o Norte, é uma commemoração da importante batalha de Aljubarrota; a limitada planicie onde se deu esta, permeando entre um e outro mosteiro, ostentou outr'ora o unico monumento, que lhe restava desde tempos remotos, o formoso pelourinho de estylo gothico, desapparecido desde longa data; o nome, porém, resulta-lhe do dia da batalha, 4 de agosto de 1385, na qual a independencia d'este pequeno paiz foi conquistada para sempre em lucta contra o poder oppressor dos hespanhoes, pela galhardia de suas hostes e o valor cavalheiresco de um dos seus mais excelsos principes, cujo nome tão estreitamente anda ligado á historia de Portugal.

O mosteiro da Batalha, denominado Santa Maria da Victoria, foi unica e exclusivamente fundado como tributo de gratidão offerecido a Deus por el-rei D. João I, pelo prospero resultado da batalha, ferida no dito valle. O conjuncto do monumento foi, a um tempo, disposto e destinado pelo mesmo rei para servir de mausoleu da casa de Aviz, por elle levantada a tamanha dignidade e cujos membros, com excepção dos ultimos, que encontraram logar de re-

(1) J. Murphy, *History and description of the royal convent of Batalha*. London, 1792.

Visconde de Condeixa, o *Mosteiro da Batalha em Portugal*. Lisboa, Paris 1889, obra recente, illustrada com photogravuras, tratando da tão sumptuosa estructura, e a qual, acompanhando textualmente, por assim dizer, a obra de I. de Vilhena Barbosa, nada nos diz de novo, mas que, ainda assim, imprimiu ao conjuncto maior desenvolvimento. Oxalá tão primorosos trabalhos viessem a encontrar continuador.



CONVENTO DA BATALHA. — LADO ORIENTAL DA EGREJA COM AS CAPELLAS IMPERFEITAS

pouso em Belem, ali jazem sepultados.

O nucleo primitivo do mosteiro consiste na egreja de tres naves, nas dependencias d'esta, a tão maravilhosa e ina capella do fundador, quadrada, situada a sudueste, e do espaçoso claustro com seus annexos, casa do capitulo, refeitorio, etc., etc.; immediatamente a estes trabalhos seguir-se-hia, sem duvida, a breve lance, quando não fosse planeado desde a origem, situado no eixo principal por detraz das cinco absides do côro, o edificio central das capellas imperfeitas, assim chamadas, pelo facto de, havendo sido principiadas a construir, ha quatro seculos, se acharem ainda hoje por concluir. Que esta construcção, desde o inicio, seria destinada para o verdadeiro mausoleu dos futuros membros da Casa de Aviz, cuja primeira geração encontrou logar na capella do fundador, pode deduzir-se do facto de haver D. Duarte, filho e successor de D. João I, recommendado no seu testamento, datado de 1438, a continuação da dita estructura ainda incompleta aos seus successores (1). Esta hipothese encontra confirmação nas particularidades estylisticas do conjuncto.

Com quanto a tradição portuguêsa aponte como primeiro mestre da obra do mosteiro a um certo Affonso Domingues, do qual, na fé dos documentos, se encontra noticia até 1402, anno em que consta haver fallecido, não obstante, as mencionadas construcções e, sem irmos mais longe, a parte inferior das capellas imperfeitas, apresentam um cunho tão conspicuo do estylo inglês que não é licito duvidar de haver sido seu auctor um individuo inglês de nação (1).

Além de que, este brilhante gothico inglês encontra-se tão insulado no paiz, tão sem precedentes ou consequentes, que a propria hypothese, adduzida por Vilhena Barboza, de que Affonso Domingues poderá ter completado a sua educação na Inglaterra, — constituindo aliás exemplo unico, — se me afigura de absoluta inverosimilhança. E de mais, como a planta é absolutamente inglêsa, a nave perpendicular e a tranversal, ambas identicas ás da cathedral de Canterbury, e apenas sem torre; e attendendo a que os edificios circulares ao modo das capellas imperfeitas não são raros em Inglaterra (como por exemplo, em Lincoln), e no proprio eixo maior, por detraz do côro (exemplo identico á assim chamada corôa de Beckett em Canterbury): e ainda á elaboração do conjuncto no mais cons-

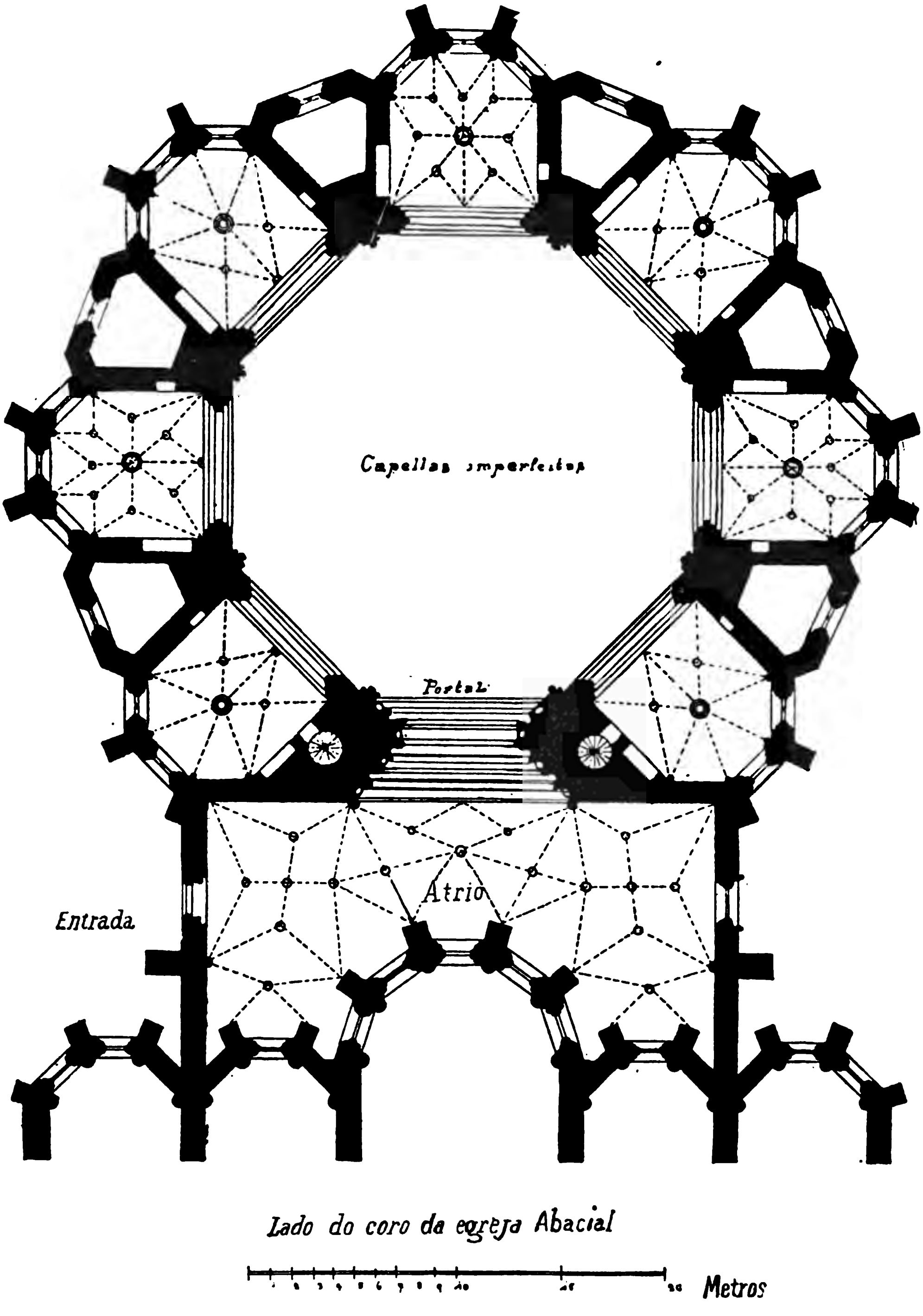
(1) Vilhena Barbosa, *Monumentos*, etc., pag. 49.

(1) O parentesco existente entre a architectura da fachada, não falando nas proprias minudencias ornamentaes, e por exemplo, os rendilhados da cathedral de York, fere desde logo a vista.

Infelizmente, porém, o aliás intelligente visconde de Condeixa esforça-se por encontrar toda a casta de afinidades alheias a esta; pois conclue, do eirado chato, de pedra, o apresentar parentesco aos monumentos ecclesicos de Chypre, e a outras edificações.

Nem precisava ir tão longe. A construcção de pedra dos terraços havê-la-hia encontrado em Evora tal qual se encontra aqui.

As superabundantes galerias rendilhadas antolham-se-me como altamente duvidosas, e muito em especial fundando-me na approvação de Murphy, e, pelo facto de projectarem em todos os logares possiveis, onde tempos antes se não divisavam, patenteiam-me o serem uma lucubração posterior. Prejudicam horridamente o conjuncto, reforçando o aspecto inglês de ferro fundido da mais desagradavel maneira.



PLANTA DAS CAPELLAS IMPERFEITAS DA BATALHA

picuo estylo decorado inglês, tudo isto leva a concluir a presença de uma companha de pedreiros ingléses. Uma tal unidade de conjuncto na elaboração não a poderia um individuo isolado, mestre dirigente, muito embora, jamais conseguir. Accresce ainda a circumstancia de, por intervenção de D. Filippa de Lencastre (Lancaster), esposa inglêsa do rei D. João I, a planta haver sido traçada em Inglaterra, e a sua realização levada a effeito por um membro de uma corporação inglêsa de pedreiros, é possivel que debaixo da direcção e responsabilidade de um mestre nacional.

A seu tempo seguiu-se a ampliação do mosteiro mediante a edificação do segundo claustro, durante o reinado de D. Affonso V, cerca de 1450: inteiramente em estylo simples e severo, exemplo caracteristico porém do estylo nacional da época.

O mosteiro alcançou a conclusão respectiva com o accrescentamento das alas lateraes, nos tempos de João III, em 1551, as quaes abrangem um terceiro claustro.

O lanço atraz mencionado foi incendiado em 1810 «pelos alliados» de França (sic) como exemplo do seu ardente affecto, e no acto de desabar por pouco não arrasta comsigo o dito claustro. Os primorosos sarcophagos dos reis e seus consanguineos, tanto na capella do fundador como no restante mosteiro e na egreja, foram n'essa occasião quasi todos violados e o conteùdo espargido ao vento ou queimado; egualmente destruiram os alliados sob o commando de Massena (sic) tudo que puderam encontrar a geito, como, por exemplo, as riquissimas alfaias da capella do fundador e respectivos altares, na sua totalidade, e assim por diante, e a propria egreja. Alguns vestigios d'estes destroços foram removidos pela restauração emprehendida desde 1840, cujo fito principal tem sido o restabelecer na primitiva nudez a obra original, e a incongrua reintegração de um acervo de balaustradas rendilhadas e corucheus no exterior, que nunca ali haviam existido, assim como o completar minudencias architectonicas em pequena escala.

A parte do edificio que mais particularmente nos interessa, é aquella amiude designada mausoleu dos reis, situada por detraz do côro da egreja, isto é, as capellas imperfeitas. Com a abbadia de Belem e o côro da egreja do convento de Christo em Thomar constituem as capellas imperfeitas a mais refulgente estrella tripontina do estylo manuelino.

Conforme acima notámos, os fundamentos da imponente estructura central foram lançados por el-rei D. Duarte, obra que aliás não havia sido planeada desde a primitiva; visto como el-rei D. João I com sua esposa e, conjunctamente, os seus filhos mais novos encontrou na capella do fundador um sumptuoso tumulo, condizendo em absoluto á egreja, não deixando ali, comtudo, logar para seu filho e successor D. Duarte. Este ultimo foi pois deposto provisoriamente na abside principal da egreja e quizera encontrar o seu definitivo logar de repouso no edificio central, muito mais sumptuoso, por detraz do côro. Semelhante disposição deve de ter sido planeada ainda durante a vida d'el-rei D. João, aliás haveriam deixado para seu filho primogenito um logar na primeira. Por este motivo foi a arcada transversal occupando toda a largura da egreja e do mausoleu accrescentada em data mais recente, ahi pelas immediações de 1500, visto como, para sua consecução, os pilares esteio da abside

principal foram visivelmente reduzidos em largura e parcialmente cerceados; e, afim de evitar o enfustamento lateral reportando-o sobre os massiços pilares da capella, ergueram uns arcobotantes de proporções colossaes, aliás por concluir. Assim, pois, é de suppôr que, originariamente, ligasse apenas a entrada do côro com o mausoleu uma estreita entrada, se é que effectivamente existiu semelhante ligação.

Os pormenos estructuraes e respectiva ornamentação estylistica da parte nferior do mausoleu, incluindo a cimalha, ficaram concluidos até ao fallecimento de D. Duarte (1438). A despeito das disposições testamentarias d'este monarcha, D. Affonso V, o *Africano,* durante o seu reinado de quasi meio seculo, e reinado que elle havia antecipado de cinco annos, attribulados de guerras e perturbações; principe soberbo e de indole irrefreavel é de suppôr que pouco ou nada pensasse em o completar. A construcção proseguida durante o seu governo, sem o seu auxilio, provavelmente, do segundo claustro, haverá sido mais onerosa para os inquilinos do mosteiro do que a do jazigo sepulcral do monarcha. E n'essa conformidade, tanto elle como a consorte vieram a encontrar sepultura temporaria, de madeira, na qual se conservam ainda, na sumptuosa sala do capitulo do mosteiro, e ali repousa elle ainda hoje desde 1481.

Seu filho e successor D. João II teve, no espaço de um reinado apenas de quatorze annos, que luctar com as consequencias dos desmandos paternaes e mais que fazer do que pensar na propria morte e no proprio jazigo. Quando, em 1491, o mallogrado principe D. Affonso, seu herdeiro, na flôr da juventude veiu egualmente a ter o seu jazigo *provisorio* na mesma sala do capitulo, não deixaria de lhe haver sido estrenuamente evocada, e muito em especial pela sua tão insigne consorte, D. Leonor, irman do excelso rei D. Manuel, a lembrança do legado de seu avô e a consciencia da nullidade humana, visto como d'ali em diante a continuação dos trabalhos foi emprehendida com vigor e actividade.

E assim se conclue, sem duvida, pois desde então a tradição aponta como sendo a primeira fundadora das capellas imperfeitas a rainha D. Leonor.

O provecto Matheus Fernandes, que para ali se transferiu de Santarem, na data de 1480, deve ter sido encargado do proseguimento d'aquelles trabalhos, na mesma época, porquanto, até então, se presume haver trabalhado extensivamente, na qualidade de mestre da obra das edificações do mosteiro, seguindo o commodo trilho de seus antecessores, circumstancia que aliás se manifesta de modo ininterrupto.

A planta do edificio existente áquella data patenteia, como area mediana, um espaçoso octogono com 20 metros em largura. Agrupam-se a este, áquem da entrada, sete capellas com $8^{m},70$ de profundidade e com um remate de tres faces.

No intervallo dos angulos agudos aggregam-se-lhe ainda umas capellas, pequenas e baixas, apresentando externamente tres lados de um octogono, havendo algumas de fórma pentagonal. O conjuncto mede exteriormente em diametro uns 40 metros.

Esta construcção foi elaborada em primorosas fórmas do gothico-inglês até á abobada das sete capellas, com esbeltas janellas e elegantes botareus, isenta porém de ornamentação, além da que lhe imprime o formoso material, branco

como o proprio marmore, da macenaria rendilhada das janellas e dos sumptuosos frisos dos arcos das capellas. O lado da entrada deve ter apresentado um portico singelo, ligado provavelmente á abside principal da egreja mediante um passadiço. Todavia, a disposição do eixo da capella tumular d'isso não apresenta o minimo vestigio.

Obra encetada com primor e elegancia taes era votada a vir ser a joia mais insigne e sumptuosa da nova era. Com o ascenso ao throno do irmão estremecido tanto a irman, a quem elle, em parte, era devedor da corôa, como os planos da mesma adquiriram novo vigor, tanto mais visto como o juvenil monarcha, piedoso a par do seu antecessor, esposou incondicionalmente as suas vistas.

Elle, na sua porvindoira fundação predilecta em Belem nem se quer pensaria ainda, e por isso, concentraramse aqui as forças todas, no sentido de realizar uma obra de peregrino encanto.

E' de presumir que haja sido Matheus Fernandes o artista que o ajudou a satisfazer um tal desejo.

E' fora de duvida o haver sido planeado na primitiva um corpo superior oitavado, tal qual o ostenta a capella do fundador, mas não apresentando impressão tão conspicua de altura vertical. Além de que, a abobada de artezãos não nasceria a maior altura do que a da actual cornija precintando o interior; nos oito arcos de resalva existentes foram pois abertas as janellas para distribuirem a luz alta, destinadas provavelmente a preencher o fim de rosaceas. A hypothese de vir a coroar o conjuncto uma pyramide octogonal, á similhança da que (segundo Murphy) haverá servido de remate á capella do fundador, anteriormente a 1757 — do que eu duvido —, é de absoluta incerteza.

E demais, quer-me parecer que o eirado de pedra, de leve inclinação, constituido por poderosas lagens de marmore, assentes directamente sobre a abobada e cobrindo, hoje em dia, quer a egreja quer a propria capella, corresponderia á primitiva intenção.

(Continúa.)

Edgar Prestage

Damos hoje o retrato de Edgar Prestage, outro amigo de Portugal no estrangeiro, e dos mais illustres. O distinctissimo escriptor inglez, que tanto bem quer á nossa lingua e á nossa patria, não ha muito que se consorciou com uma filha, por muitos titulos gentilissima, da eminente escriptora, que tanto honra a litteratura portugueza, sr.ª D. Maria Amalia Vaz de Carvalho.



EDGAR PRESTAGE

As publicações de Edgar Prestage são as seguintes: — Versão para inglez das *Cartas* de Marianna Alcoforado, com o texto francez da 1.ª edição, introducção e lista das traducções inglezas. Edição de Londres, de 1893. Este livro teve segunda edição em 1897, e 3.ª em 1903.

Sonetos, de Anthero de Quental. Londres, 1894. Traducção em verso de 64 sonetos escolhidos, com uma introducção e a auto-biographia de Anthero. Edição artistica, com um bello retrato do poeta.

Chronica de Gomes Eannes de Azurara, 2 volumes. Londres, 1896-9. Retrato do infante D. Henrique, mappas com introducção e notas. — Versão ingleza da *Chronica da Guiné* (em collaboração com R. Beazley).

O *Suave Milagre*, de Eça de Queiroz. Londres, 1904; 2.ª edição, 1904; 3.ª edição, 1905. Traz uma copia da aguarella de El-Rei.

O Defunto, de Eça de Queiroz. Londres, 1906. Traz uma reproducção do monumento ao insigne romancista, levantado no Largo do Quintella.

Além d'estes livros, ha traducções feitas por Edgar Prestage de varias poesias de Camões, Antonio Ferreira, Garção, Diniz, Bocage, Rodrigues Lobo, Guerra Junqueiro, etc., espalhadas por jornaes

inglezes. E. Prestage tambem verteu para inglez o *Fr. Luiz de Sousa,* de Garrett, de que publicou alguns trechos num opusculo em 1900. Em 1905 saiu outro opusculo seu intitulado *D. Francisco Manuel de Mello*—um ensaio sobre a vida e escriptos do celebre seiscentista. Algumas revistas inglezas trazem notas biographicas sobre E. Prestage.

* * *

O illustre escriptor, que ha mais de vinte annos tam carinhosamente se vem interessando pelas cousas portuguezas, nasceu em Manchester, em 1869. Foi educado em Radley e na universidade de Oxford. Conhece perfeitamente a nossa lingua, e as traducções que nos dá são modelares; nellas sempre se espelham os seus altos dotes de poeta e de artista delicado e impressivo. A prosa de Eça de Queiroz e os versos de Anthero ahi estão admiravelmente vertidos, sem que os primeiros percam a sua pureza e a sua profundidade, sem que as paginas inimitaveis do excelso prosador se turvem na sua incomparavel graça, na sua leveza, no seu humorismo ou no sonho que por vezes nellas esvoaça.

Os *Serões,* abrindo ha tempos uma galeria de «Amigos de Portugal no estrangeiro», não podiam deixar de referir-se a Edgar Prestage, a quem as nossas lettras tanto devem, e que veio aqui encontrar na sua noiva, além da bondade e da belleza, as nobres tradições litterarias de seus paes—o alto poeta das *Miniaturas* e dos *Nocturnos,* e a notabilissima escriptora de tantas obras primas.

J. B.

Quarto concurso photographico dos SERÕES

MENÇÃO HONROSA



NA FAINA

(Photographia de Antonio Rosa da Silveira, de Lisboa

A lenda do Canzarrão

Summario dos capitulos I a XII

Sherlock Holmes, o tão celebre DETÉCTIVE *é, segundo o costume, visitado pelo doutor Watson, seu fiel «achates». Este repara em uma bengala, esquecida ali na vespera por um consulente, e trava-se entre elle e Holmes uma discussão ácerca da personalidade do individuo. — Lévam a melhor, como sempre, as faculdades de hermeneutica de Sherlock Holmes e, n'este comenos, comparece o visitante, um medico rural (o doutor Mortimer) que vem submeter ao tão preclaro policia amador um caso deveras mysterioso. — O cão dos Baskervilles — caso tragico envolvendo a morte de um dos solarengos da mansão de Baskerville, e a praga que paira sobre os representantes de tão nobre familia. — Leitura do manuscrito autografo do successor da victima, e do artigo de um jornal mencionando outro caso tragico succedido a um membro mais recente da mesma familia, herdeiro actual do Solar. — Discutem os tres o assunto. — Surpreza. — Declaração sensacional do doutor Mortimer. — O problema. — Discutem-n'o Holmes, Watson e Mortimer, o consulente. — As pégadas da victima; indicios contradictorios. — Volta á tela a* LENDA DO CÃO FANTASMA. *— Caso cada vez mais intrincado. — Mortimer annuncia a existencia de um herdeiro, prestes a tomar posse do solar de seus maiores. — A solicitações de Holmes promete voltar e apresentar-lhe o novo baroneto. — Holmes pede 24 horas para estudar o caso. — Volvidas 24 horas de solidão, vapores de tabaco, e contemplação do lume na lareira, tem-se orientado no mappa regional e esboçado vagamente o seu plano de campanha. — Volta Mortimer acompanhado pelo novo herdeiro. — Nóvos misterios: a carta de aviso em letras de imprensa. — O sumiço da bota. — O doutor Martimer conta a sua historia ao baroneto. — Saem ambos e atrás delles, acto-continuo, Holmes arrastando comsigo Watson. — Encontro inesperado. — O espião de trem (o homem das barbas). — Os dois amigos seguem-lhe a pista. — Esforço baldado, some-se o espião. — Novo expediente: emissario. — Em cata da pagina do* TIMES. *— Pesquizas. — A bota trocada. — Peripecias. — O barometro resolve transferir-se para a mansão. — Novas indagações de Sherlock Holmes. — Telegrammas. — E' interrogado o doutor Martimer com respeito ás circumstancias incidindo com a herança e ás personagens interessadas na desapparição dos herdeiros. — Reapparece a bota nova. — Some-se a outra. — Holmes nega-se a acompanhar a sir Henry e faz-se substituir pelo seu* ALTER EGO, *doutor Watson. — Resposta a telegrammas. — Interrogatorio do cocheiro do* CAB. *— Resultado inesperado. — Peripecia faceta: — O duplo Sherlock Holmes. — Mais um fio que quebra. — Jornada para a mansão. — Recepção do novo senhor. — Os conjuges Barrymores. — Uns soluços misteriosos. — Watson tenta esclarecer o misterio. — Interrogatorio do mordomo. — Resultado infructifero. — Suspeitas. — Governante lugubre. — Pesquizas. — Encontro imprevisto: o naturalista. — Os perigos da charnéca. — O sorvedoiro. — Berro misterioso. — Habitações pré-historicas. — Surpreza sobre surpreza: a beldade do brejo. — Aviso inesperado. — Aprehensões tetricas. — Amores do baroneto. — Visitas aos logares sinistros. — Novo misterio: a sombra nocturna. — A luz accusadora. — Watson surprehende o baroneto em colloquio amoroso com a irmã do naturalista. — Scena violenta entre este e sir Henry. — Confidencias do baroneto ao seu amigo: discutem ambos a attitude de Stapleton. — Este dá explicações, que concorrem a erguer uma pontinha do veu do mysterio. — Watson e o baroneto passam a noite de véla tentando encontrar a chave do enigma das rondas nocturnas do mordomo. — Barrymore surprendido em flagrante — Telegrapho nocturno: a luz na janella e a luz na charneca. — O mordomo nega-se a dar explicações. — Intervem a governante, e declarações desta: o facinora a monte pela charneca. — Sir Henry e o doutor saem a dar caça ao presidiario. — Subita apparição. — Corrida desatinada em perseguição do facinora. — Nova surpreza: o vulto mysterioso surgindo na fraga. — O mordomo ministra explicações importantes quanto á morte de sir Charles: a carta reveladora. — As iniciaes do signatario. — Mortimer encontra-lhe a solução. — Mistress Laura Lyons, a dactylografa de Coombe-Tracey. — O doutor Watson vae a Coombe-Tracey conferenciar com mistress Laura Lyons, a signataria da carta fatal, mas não consegue esclarecer o mysterio que envolve os dramas sinistros do solar. Aventura-se a fazer pesquizas na charneca em busca do espião da fraga. — Encontro fortuito. — Um typo curioso. — Frankland, o demandista, e o seu telescopio. — Mais um indicio; o garoto suspeito pairando pelo descampado. — Watson reassume as pesquizas. — O coio do espião. — Lance palpitante, a sombra do malfeitor? — Surpreza das surprezas. — Sherlock Wolmes! Este discute as hypotheses referentes ao auctor do crime e indigita o naturalista. — O berro do cão mysterioso e o grito de angustia. — O cadaver de sir Henry? — Crime ou accidente? — O dedo da Providencia: o assassinado não é o baroneto, mas sim o proprio facinora. Acode o naturalista a verificar o obito. — Decepção do malvado ao dar pelo equivoco. — Watson e Holmes recolhem ao solar a intender-se com o baroneto e a expor-lhe o seu plano de acção.*

CAPITULO XIII

O lançar da rede

Sir Henry manifestou-se mais agradado que surprendido ao vêr Sherlock Holmes, pois estava á espera, dias havia, de que os acontecimentos recentes o demovessem a vir ter comnosco. Arregaçou as sobrancelhas, não obstante, ao verificar que o meu amigo nem trouxera bagagem nem lhe apresentava qualquer explicação da sua ausencia. Entre ambos supprimos a este as urgencias, e em seguida, emquanto despachavamos a retardada ceia eu e Holmes expusémos ao baroneto as circunstancias dos factos presenceados que julgámos conveniente transmitir-lhe.

Antes, contudo, coube-me o desaprazivel dever de communicar a triste nova da morte de Selden a Barrymore e á consorte. Para elle, representaria isso completo allivio, ella, contudo, ensopou em lagrimas o avental.

Selden, para toda a gente, era o homem truculento, metade féra e metade demonio; para ella, todavia, ficou sempre sendo o garotête senhor da propria vontade da sua meninice, a criança que ella trazia pela mão. Mal vae ao homem, na verdade, que não tem uns olhos de mulher que vertam por elle uma lagrima.

— Tenho andado como um estranho por estes casarões desde que o Watson saíu, esta manhan, declarou o baroneto. Quer-me parecer que me portei menos mal, visto que cumpri o prometido. Não tivesse eu jurado não pôr pé sósinho fóra de casa, e haveria passado uma noite mais divertida, pois recebi um convite do Stapleton para ir entreter com elle um bocado de serão.

— Não ponho duvida em que teria passado uma noite mais aprazivel, acudiu Holmes com sequidão. — A proposito, palpita-me que nos não levará em conta o havermos estado a carpir o seu azar pelo facto de ter partido a cabeça?

Sir Henry esbugalhou os olhos.

— Como assim!?

— Aquelle pobre diabo estava vestido com o seu fato. E tenho minhas aprehensões de que o seu creado que lh'o deu, se arrisca a ter o seu tráva-contas com a policia.

— Não é provavel. Não tinham sinál algum distinctivo, que me lembre.

— E' o que lhe vale — e, com effeito, é uma fortuna para todos, cá em casa, — pois todos se acham em contravenção com a lei neste negocio. E pela parte que me toca, na qualidade de *detective* consciencioso, verdade, verdade, o dever impunha-me o dar voz de prisão ao pessoal do solar, por atacado. Os relatorios do nosso Watson são documentos que altamente os criminam.

— Mas que ha com respeito ao caso? indagou o baroneto. Conseguiu desvencilhar algum tanto a meada?

A meu ver, nem eu nem o Watson adiantámos muito desde que cá estamos.

— Creio achar-me habilitado a aclarar-lhe um tudo-nada a situação dentro em breve lapso de tempo.

O negocio saiu-se-me complicadissimo e todo elle difficuldades. Existem pontos ácerca dos quaes estamos ainda ás escuras — mas vem vindo a luz, em todo o caso.

— Inteirámo-nos de uma circunstancia importante, e o Watson não deixaria de lh'o contar. Ouvimos o cão lá na charnéca, e portanto, já posso jurar que não é superstição balofa. Tive meus dares e tomares com a canzoada, quando andei lá para essas terras do Poente, e não lhe confundo a voz quando os oiço. Se tiver artes de açamar a este e acorrentá-lo, estou pronto a jurar que é o mais abalizado policia de quantos hajam exercido a profissão.

— Tenho a convicção de que conseguirei açamá-lo e acorrentá-lo de vez, se o senhor quiser ajudar-me.

— Farei quanto me disser, tenha a certeza.

— Muito bem; e pedir-lhe-ei ainda o fazê-lo de olhos fechados, e sem perguntar motivos.

— Será tudo á medida dos seus desejos.

— Procedendo deste modo ouso crer que ha probabilidades de vir a ser resolvido dentro em breve o nosso problêmazinho. E não ponho duvida...

Estacou de golpe e pegou a olhar a fito para o espaço por cima do meu hombro. Batia-lhe no rosto, de chapa, a luz do candieiro, e tão intensa era a expressão, e tão inane, que dir-se-ia cortado cerce de uma estatua classica, personificação da vigilancia e da especta tiva.

— Que foi? — exclamámos a um tempo.

Logrei perceber, quando declinou a vista, o estar sopitando a qualquer commoção intima. Denunciavam ainda compostura as suas feições, os olhos, porém, lucilavam de logrativa exaltação.

— Queiram desculpar a admiração de um

intendedor, emitiu a accionar com a mão no sentido da correnteza de retratos que cobriam a parede fronteira. — O Watson não quer ouvir dizer que eu intenda alguma coisa a respeito de arte, mas é a inveja que o faz falar, pois divergem de todo nossas opiniões a tal respeito. Palavra, é uma serie de magnificos retratos.

— Estimo ouvi-lo falar assim, replicou sir Henry, olhando um tanto admirado para o meu amigo. Não presumo de intender muito a respeito desses assuntos, e tenho-me na conta de melhor juiz de cavallos ou de veados que de quadros. Estava longe de suppôr que lhe sobejava tempo para se ocupar dessas coisas.

—Sei distinguir o bom sempre que se me depara, e deparou-se-me neste ensejo. Estou vendo daqui um Kneller (1) i-lo-ia jurar, aquella senhora, além, com um vestido de seda azul, e aquelle cavaleiro nutrido, de cabeleira, é um Reynolds, (2) por mais que me digam. Tudo retratos de familia, presumo eu?

— Do primeiro ao ultimo.

— Sabe-lhe os nomes?

— O Barrymore tem andado a iniciar-me a esse respeito e ouso crer que posso dar menos má conta do recado.



COM SURPREZA ESTIROU A VISTA EM REDOR

— Quem é aquelle cavalheiro de oculo em punho?

— Aquelle é o contra-almirante Baskerville, que serviu ás ordens de Rodney, nas Indias orientaes. Aquelle, além, da casaca azul e com o rolo de papel è sir William Baskerville, presidente da grande commissão parlamenmentar, nos dias de Pitt.

— E aquelle cavaleiro, ali, defronte de mim, vestido de veludo preto e com bofes de rendas?

— Ah! quanto a esse, interessa-lhe saber-lhe o nome. Vê ali a causa de todas estas calamidades, o malvado Hugo, que deu origem ao Cão dos Baskervilles. Não é nome que se esqueça.

Contemplei com interesse e assombro o retrato indicado.

— Ora vejam lá! exclamou Holmes — o aspecto é o de um homem de maneiras affaveis, mas julgo lobrigar-lhe um não sei quê de diabolico no olhar. Fantasiei-o com aspecto mais robusto, e mais mal-encarado.

— Não sofre contestação a autenticidade da obra, pois tem escritos no avesso da tela o nome e a data, 1647.

Holmes pouco mais disse, o retrato daquelle frascario de outras éras dir-se-ia comtudo exer-

(1) Sir Godfrey Kneller, celebre retratista inglês, dos fins do seculo XVIII, de origem aleman — N. do T.

(2) Joshua Reynolds, o grande retratista inglês, do meado do seculo XVIII. Fundador da Academia Inglêsa de Bellas Artes e notavel escritôr didactico sobre assuntos de Arte. — N. do T.

cer sobre elle fascinação, e não lhe tirou os olhos de cima, emquanto durou a ceia. E só mais tarde, depois de sir Henry haver recolhido ao seu quarto, consegui seguir-lhe o fio aos pensamentos. Obrigou-me a retroceder até á sala dos banquetes, de castiçal em punho, e ergueu a luz á altura do retrato melado pelo tempo.

— Notas-lhe qualquer coisa extraordinaria?

Afirmei-me no immenso chapeu de plumas, na peruca de massacrôcos, no pescocinho de rendas, e no semblante altivo e rispido emoldurado por ambos. Não era uma fisionomia brutal, mas sim affectada, dura, imperativa, com uma bôca de labios contrahidos, delgados e um olhar frio, insofrido.

— Conhèces alguem parecido a este retrato?

— O queixo tem um não sei quê do de sir Henry.

— Assim a modos de uns longes, talvez. Mas espera um instante.

Subiu a uma cadeira, e passando o castiçal para a mão esquerda, encurvou o braço direito e tapou o immenso chapeu e os aneis da cabeleira.

— Santo Deus! exclamei assombrado. O rosto de Stapleton como que saltara para fora da tela.

— Ah! agora já vês. Os meus olhos estão adestrados em examinar rostos e não os arrebiques que os enfeitam. E' o predicado mais essencial a um investigador de assuntos criminaes o saber distinguir um individuo através de qualquer disfarce.

— Isto porém é portentoso! Podia ser o retrato delle.

— Podia, e representa um exemplo interessante de retrospecção, tanto fisica como espiritual. Um estudo de retratos de familia é o bastante para converter um homem á doutrina da reincarnação. O patife é um Baskerville — isso é que não padece duvida.

— Com designios cubiçosos no tocante á successão.

—Sem tirar nem pôr. Este achado do retrato veiu ministrar-nos um dos élos que obviamente nos faltavam. Está-nos na unha, Watson, está-nos na unha, e não se me daria de jurar que amanhan, antes ainda do anoitecer o havemos de vêr a espernear na nossa rêde, tão impotente como qualquer das suas borboletas. Um alfinete, uma rolha de cortiça e uma apara de cartão, e é mais um numero para a collecção de Baker Street!

Prorompeu num daquelles seus raros accessos de hilaridade, ao voltar costas á pintura. Poucas vezes o tenho ouvido rir, e representou isso sempre um ruim vaticinio para alguem.

Pus-me a pé com a luz d'alva, e no entanto, Holmes achava-se já levantado, pois, quando me estava vestindo, o divisei vindo pela vereda, a caminho de casa.

— Não ha que vêr, espero que terêmos hoje um dia cheio, observou, a esfregar as mãos de contente com a espectativa de actividade. As redes estão todas a postos, e o arrasto não tarda a principiar. Ainda antes do anoitecer ficarêmos sabendo se conseguimos apanhar o nosso lucio, taludo, dos queixos de rabeca, ou se o peixe se esgueirou pelas malhas.

— Ja estiveste na charnéca?

— Mandei participação de Grimpen para Princetown com respeito á morte do Selden. E julgo poder prometer-lhes que nenhum de vocês será incommodado, relativamente ao assunto. Communiquei tambem com o meu fiel Çartwright, que era capaz de se deixar morrer á mingua á porta do meu coio, tal qual um cão agachado na sepultura do dôno, se acaso eu lhe não houvesse socegado o espirito quanto á minha segurança pessoal.

— E, agora, qual o primeiro passo que dar?

— Falar com sir Henry. Ah! elle ahi vem!

— Bom dia, Holmes, emitiu o baroneto. Você está com uns modos de general a planear a batalha com o chefe de estado-maior.

— É essa a situação, sem tirar nem pôr. O Watson estava solicitando ordens.

— E eu egualmente.

— Muito bem. O senhor, segundo me consta, está convidado a jantar com os nossos amigos Stapletons, esta noite.

— E espero que nos fará companhia. É gente muito hospitaleira, e estou certo de que muito estimariam a sua comparencia.

— Sinto participar-lhe que tanto eu como Watson temos que regressar a Londres.

— A Londres?

— Tal qual, e parece-me que, na presente conjuntura, a nossa presença ali será de maior utilidade.

O rosto do baroneto estirou-se um tanto ou quanto.

— Eu esperava que me acompanhassem até vermos o fim a este caso. A mansão e a charnéca não constituem um paradeiro por demais aprazivel para quem se vê sosinho.

— Meu caro amigo, tem que confiar impli-

citamente na minha pessoa, e fazer á risca o que eu lhe disser. Pode dizer aos seus amigos que muito estimariamos acompanhá-lo, mas que um negocio urgente solicitava a nossa presença em Londres. Esperamos estar de



ERA UM CÃO, UM ANIMAL DE PROPORÇÕES DESCONFORMES

volta, muito brevemente, ao Devonshire. Peço-lhe que não se esqueça de lhes transmitir este recado?

— Visto que tanto insiste.

— É que não ha outra alternativa, tenha a certeza.

Pelo carregado parecer do baronêto percebi que o melindrára no amago aquillo que a seus olhos tinha o aspecto de uma deserção.

— E quando tencionam retirar-se? perguntou, com frialdade.

— Assim que acabarmos de almoçar. Vamos no carro até Coombe Tracey, mas o Watson deixa cá os tarecos como penhor do seu regresso. Watson, vê se tratas de mandar um bilhete ao Stapleton a participar-lhe que sentes não poder comparecer.

— Estou tentado a ir com os senhores até Londres, declarou o baronêto. Que fico eu para aqui a fazer, sósinho?

— O dever impõe-lhe não desamparar o seu posto. Lembre-se de que me deu a sua palavra de que cumpriria cabalmente as minhas instrucções. e eu digo-lhe que se deve deixar estar.

— Está dito, visto isso, ficarei.

— Mais outra recommendação. Desejo que se meta no carro e vá até Merripit. Mande embora o carricóche, e dê-lhe a perceber que tenciona voltar a pé, para casa.

— E atravessar a charnéca?

— Tal qual.

— Mas se é isso, justamente, que tanto me tem recommendado que não faça.

— Desta vez póde fazê-lo com segurança. Não tivesse eu a maxima confiança já, nos seus nervos já na sua coragem e não lh'o recommendaria, mas é essencial que assim seja.

— Nesse caso, fá-lo-ei.

— E se tem amor á vida, não atravesse a charnéca em qualquer outra direcção que não seja o atalho que corta a direito desde a residencia de Merripit até á estrada de Grimpen, que é o caminho mais racional para sua casa.

— Seguirei á risca as suas instrucções.

— Muito bem. Desejava abalar daqui logo depois do almoço.

Causou-me assombro e não pouco um tal programma, comquanto me lembrasse daquillo que Holmes tinha dito a Stapleton, a noite passada: que a sua visita terminava no dia immediato. Nem sequer me havia passado pela idéa, contudo, o elle desejar que eu o acompanhasse, nem atinava a perceber como éra que podiamos ambos estar ausentes num momento que elle proprio declarava ser critico. Não havia outro remedio, aliás, senão obediencia implicita; assim, pois, despedimo-nos do nosso contristado amigo, e dali a

duas horas paravamos na estação de Coombe Tracey e despachavamos a nossa tralhoada em viagem de retorno. Estava á nossa espera na plataforma um rapazito.

— Manda alguma coisa, meu senhor?

— Vaes levar esta bagagem á cidade, Cartwright. Assim que chegares, manda um telegrama a sir Henry, em meu nome, dizendo-lhe que, se acaso encontrar a carteira que me esqueceu, m'a remêta registada para Baker-Street.

— Sim, senhor.

— E pergunta 'no escritorio da estação se haverá alguma carta para mim.

O rapaz voltou com um telegrama, e Holmes passou-m'o para a mão.

Rezava o seguinte:

Telegrama recebido. Vou ahi com uma ordem em branco, prisão. Chego 5 e 40 — *Lestrad* .

— E' a resposta ao meu désta manhan.

E' o melhor do officio, a meu ver, e é possivel necessitarmos da sua cooperação. Agora, Watson, sou de opinião que não podêmos empregar melhor o nosso tempo do que indo fazer uma visita á tua conhecida mitress Laura Lyons.

O seu plano de campanha principíava a evidenciar-se. Servia-se do baroneto no intuito de convencer os Stapletons de que effectivamente nos haviamos retirado, ao passo que nós, deviamos estar de volta, no instante em que era provavel sermos precisos.

Aquelle telegrama expedido de Londres, mencionado por sir Henry aos Stapletons, desvaneceria a estes de todo as suspeitas.

E eu a vêr já as nossas redes a involverem de perto aquelle lucio dos queixos de rabéca.

Mistress Laura Lyons estava no seu escritorio, e Sherlock Holmes encetou a sua entrevista com uma franqueza e uma decisão que a assombraram consideravelmente.

— Ando a investigar as circunstancias que se deram com respeito á morte de sir Charles Baskerville, que Deus tem, declarou. O meu amigo aqui presente, o doutor Watson, informou-me de quanto a senhora se dignou communicar-lhe, e igualmente do que encobriu com referencia ao caso alludido.

— E que foi que eu encobri? — perguntou, desconfiada.

— Confessou haver pedido a sir Charles que estivesse no cancêlo ás dez horas. Sabemos terem sido esses o logar e a hora da sua morte. Encobriu a ligação que possa existir entre um e outro acontecimento.

— Não existe a minima ligação.

— Visto isso a coincidencia deve de ser deveras extraordinaria. Mas estou persuadido de que lograremos estabelecer connexão, apuradas as coisas. Desejo usar para com mistress Lyons da maxima franqueza. Consideramos este caso como um caso de assassinio, e a evidencia pode comprometer não sómente o seu amigo senhor Stapleton, senão ainda a propria esposa.

A dama pulou da cadeira. — A... propria esposa! clamou.

— O facto deixou já de ser segredo.

A pessoa que passou por ser irman é na realidade mulher delle.

Mistress Lyons voltara a sentar-se. Fincou as mãos nos braços da cadeira, e notei que as rosadas unhas se lhe fizeram brancas com a força da pressão.

— Sua mulher! repetiu. Sua mulher! Mas se elle não é casado!

Sherlock Holmes encolheu os hombros.

— Uma prova! Venha uma prova! E se fôr capaz de a apresentar...!

A chamma ferina dos olhos dizia mais do que quaesquer palavras.

— Vim habilitado a fazê-lo, declarou Holmes, sacando do bolso um masso de papeis. Eis aqui uma fotografia dos conjuges tirada em York ha quatro annos. Está indossada: «Mister e mistres Vandeleur», mas não encontrará difficuldade em o identificar, e a ella egualmente, se é que a conhece de vista. Aqu estão duas descripções, por testemunhas fidedignas, dos conjuges Vandeleur, os quaes, a essa data, tinham um collegio em S. Oliver. Queira lê-las, e veja se acaso poderá duvidar da identidade desta gente.

Ella, correu a vista pelos documentos, depois, olhou para nós, com um semblante rigido, resoluto de mulher determinada.

— Senhor Holmes, prorompeu, este homem propôs-me casamento com a condição de eu me devorciar de meu marido. Mentiu-me, aquelle vilão, em tudo e por tudo. Não ha uma palavra de verdade em tudo quanto me affirmou. E por quê — por quê? E eu a pensar que era tudo por minha causa! Mas vejo agora que não fui mais que um instrumento nas suas mãos. Por que heide eu usar de boa fé com quem nunca a usou comigo? Por que heide eu

tentar defendê-lo das consequencias da malvadez das suas proprias acções? Pergunte o que quiser e dir-lhe-ei tudo sem rebuço. Uma coisa lhe juro eu, e vem a ser, que quando escrevi aquella carta, nem sequer sonhava que dahi podesse advir damno para o venerando fidalgo que tinha sido para mim um modelo de bondade.

— Acredito implicitamente nas suas palavras, minha senhora, declarou Holmes. Sêr-lhe-á penosa, sem duvida, a referencia a semelhantes acontecimentos e, afim de facilitar as coisas, ir-lhe-ei expondo a quanto occorreu, e poderá impugnar-me qualquer afirmação que se arrede da verdade. Foi Stapleton quem lhe sugeriu o escrever aquella carta?

— Dictou-a.

— Presumo que o motivo que allegou seria a probabilidade em receber auxilio da parte de sir Charles, para fazer face ás despêsas legaes inherentes ao divorcio?

— Exactamente.

— E depois de haver remetido a carta dissuadiu-a de comparecer no logar aprazado?

— Alegou ser um desaire para a sua dignidade o appelar para o auxilio pecuniario de outra qualquer pessoa para semelhante fim, e que, supposto elle fosse pobre, inverteria o seu ultimo penny em remover os obstaculos que nos separavam.

— Elle, pelo visto, afigura-se-me ser dotado de summa consistencia de caracter. E não lhe tornou a constar mais nada até ler a noticia da morte do fidalgo, nos jornaes?

— Coisa nenhuma.

— E exigiu-lhe juramento em como não diria uma palavra referente á sua projectada entrevista com sir Charles?

— Exigiu. Afirmou que a morte de sir Charles era um caso misteriosissimo, e que, se os factos viessem a transpirar, as suspeitas não deixariam de cair sobre mim. Meteu-me medo e eu, calei-me.

— Naturalmente. Mas não deixaria de suspeitar?

Ella, hesitou declinando a vista.

— Eu conhecia-o, declarou. — Mas se elle tivesse sido leal para comigo, haveria encontrado em mim a mesma lealdade.

— Quer-me parecer que, no fim de contas, escapou de boa, opiniou Sherlock Holmes. — Teve-o em seu poder e elle sabia-o, e não obstante, está viva. Tem andado, ha mêses a esta parte, a pairar pela beira de um precipicio. E agora, mistress Lyons, têmos que retirar-nos, e é provavel que muito brevemente venha a, ter noticias nossas.

— O nosso caso vae-se definindo, as dificuldades tendem a aplanar-se ante nós, uma depós outra, afirmou Holmes, emquanto esperavamos a chegada do expresso vindo da capital. Não tardarei em achar me habilitado a coordenar em uma narrativa integral um dos crimes mais singulares e de maior sensação succedido em nossos dias. Os estudiosos de criminologia lembrar-se-ão daquelles incidentes analogos que se deram em Grodno, na Russia Menor, no anno de 66, e ha tambem, já se vê, aquelles assassinios dos Andersons, na Carolina septentrional, este caso, porém, apresenta certas feições unicas e especiaes.

Agora, mesmo, não dispômos de indicio algum positivo contra este velhaquissimo sujeito. Mas muito me admirará se esta noite antes de nos deitarmos, o caso não vier a esclarecer-se.

O expresso de Londres surgiu atroador na estação, e, in-continenti, um batoque, de um homemculo, arrebitado como um cão de fila pulou de uma carruagem de primeira classe. Mutuámos apertos de mão, todos três, e, pelos modos reverentes com que Lestrade olhava para o meu companheiro, percebi que, desde aquelles dias em que haviam trabalhado em commum, não deixára de aprender muito. Não me tinha esquecido o desdem com que as theorias do nosso raciocinador eram olhadas por aquelle homem pratico.

— Coisa que preste? indagou.

— O caso mais transcendente que se tem dado, ha annos, replicou Holmes.

— Podêmos dispor de duas horas antes de pensarmos em partir. E parece-me que não andariamos mal aproveitando-as em vêr se nos dão de jantar, e depois, Lestrade, debelar-lhe-êmos das guélas a impressão do nevoeiro londrino proporcionando-lhe respirar a aragem pura da noite em Dartmoor. Nunca lá esteve? Não? Pois palpita-me que se hade ficar lembrando da sua primeira visita.

CAPITULO XIV

O cão dos Baskervilles

Um dos defeitos de Sherlock Holmes — se é que na verdade se pode chamar defeito, — era a sua extrema resistencia em communicar

cabalmente os seus planos a qualquer outra pessoa, até haver o ensejo de os pôr por obra.

Era isto motivado, em parte, pela sua indole imperativa, aprazendo-se em dominar e assombrar a quantos o rodeavam. Em parte, aliás, filho da sua cautéla profissional, que o impellia a nunca se arriscar. O resultado, contudo, éra um tormento para aquelles que operavam na qualidade de seus agentes e ajudantes. Eu, por mim, mais de uma vez lhe havia sofrido as consequencias, mas nunca a tal ponto como durante aquelle estirado passeio de carro na escuridão. Tinhamos em nossa frente a tremenda prova; estavamos afinal a ponto de empregar o nosso esforço derradeiro, e não obstante, Holmes não tinha dito uma palavra, e eu apenas podia suspeitar qual seria o seu plano de acção. Os meus nervos vibravam com anticipação, quando finalmente a aragem fria a cortar-nos a cara e o espaço êrmo de cada lado da estreitissima estrada me vieram revelar o facto de nos acharmos por mais uma vez na charnéca. Cada passada dos caválos e cada giro da roda nos ía aproximando da nossa suprêma aventura.



HOLMES DESPEJARA OS CINCO CANOS NO FLANCO DA CREATURA

Punha peias á nossa conversação a presença do cocheiro da carriola de aluguel, de modo que tinhamos que restringir-nos a assuntos triviaes ao passo que os nossos nervos se achavam tensos de sobresalto e espectativa. Para mim foi um alivio, quando afinal deixámos para trás a casa de Frankland, e percebemos que nos iamos apropinquando do solar e do logar da acção. Não fomos apearnos ao portão, mas sim mais além ao pé da cancéla da avenida. Despedimos a carrióla com ordem de regressar a Coombe-Tracey, e metêmos a pé a caminho da residencia de Merripit.

— Veiu armado, Lestrade?

Sorriu-se o cotête do detective.

—Em eu enfiando as calças conto com uma algibeira no quadril e eu que conto com ella, para alguma coisa será.

— Optimo! Tanto eu como este meu amigo andamos sempre prevenidos para o que der e vier.

— Está tão calado com este negocio, senhor Holmes! Que vem a ser o jogo, agora?

— Jogo de paciencia. Esperar.

— O sitio nem por isso é dos mais alegres, palavra de honra, commentou o *detective*, com um arrepio, a prescrutar com a vista as lobregas vertentes do monte e a immensa lagôa de névoa pairando ao de cima do Marnel de Grimpen.

— Vejo luzes além, numa casa em frente.

— Aquillo ali é a Residencia de Merripit e o termo da nossa jornada.

Tenho que lhe recommendar que ande em bicos de pés e que fale em segrêdo.

Avançámos cautos pelo carreiro em fóra como se nos dirigiramos ao predio, Holmes, porém, mandou fazer alto, quando nos achámos distantes umas cem jardas.

— E' bastante, declarou. Aquelles penedos á nossa mão direita são um biombo pápa-fina.

— E temos que ficar aqui de plantão?

— Temos, é aqui que faremos a nossa embuscadinha, trate de se alapar nesse esconso Lestrade. Conheces os cantos á casa, acho eu, Watson? Poderás dizer-me qual é a disposição dos quartos? A que correspondem aquellas janélas de rótulas ali, á esquina?

— Se me não engano, são as da cozinha.

— E aquella, acolá, com tanta luz?

— A da casa de jantar, naturalmente.

— Estão erguidos os estóres. Estás mais em dia com as idas e voltas do logar. Aproxima-te da janéla, pé ante pé e vê o que estarão fazendo — mas, em nome de Deus, que nem suspeitem sequer que os espreitamos!

Fui indo em bicos de pés pela vereda e agachei-me por detrás do muro baixo que vedava o engaiolado pomar, todo encolhido deslisei nas trévas até que alcancei um ponto donde podia varar com a vista a janéla sem cortinas.

No aposento apenas se achavam dois individuos, Stapleton e sir Henry. Estavam sentados de perfil, frente a frente, á mesa redonda. Ambos a fumar charuto, e tendo ambos diante de si vinho e café. Stapleton falava com animação, o baroneto, porém, estava palido e distrahido. Pesar-lhe-ia, talvez, na mente, aquelle mal agoirado passeio através da charnéca.

Emquanto eu o estava observando ergueu-se Staplenton e saiu, entanto sir Henry voltava a encher o copo, reclinando-se na cadeira, e lançando baforadas de fumo. Ouvi ringir uma porta e o som restralado de umas botas a calcarem o saibro. As passadas deslisaram pela vereda para além do muro atrás do qual eu me agachara. Espreitando por cima, vi o naturalista parar á porta de uma casinhóla exterior, ao canto do pomar. Rodou a chave na fechadura e, no acto de elle se internar, sôou lá de dentro um curioso rumor de lucta. Demorou-se apenas um minuto, ou coisa assim, em seguida, ouvi outra vez rodar a chave, vi-o passar rente com o meu poiso, e recolher ao prédio. Vi-o ir ter com o hospede, voltei em pés de lan para o sitio onde estavam os meus companheiros e contei-lhes o que tinha visto.

— Afirmas, então, Watson, não estar lá a dama? indagou Holmes, quando conclui o meu relatorio.

— Com certeza.

— Onde demonio estará, então, visto que não ha luz em mais quarto algum, a não ser na cozinha?

— Não posso imaginar onde se encaixaria.

Já me referi ao nevoeiro lacteo, cerrado que pairava ao de cima do marnel de Grimpen. Vinha derivando a pouco e pouco em direcção ao nosso poiso, a condensar-se numa como que parede, daquella banda, baixa, compacta, porém, e bem definida. Alumeava-o a luz do luar, e dir-se-ia um immenso e fulgido estendal de neve, e lá ao longe, as agulhas dos farelhões a estremarem-se quaes immensos cachópos brotando á superficie. Holmes estava de rosto voltado naquella direcção, e murmurou impaciente ao notar que a cortina vinha avançando de vagar:

— Vem crescendo sobre nós, Watson!

— Será caso sério?

— E mais que sério, na verdade — a coisa neste mundo que mais podia vir transtornarme os planos. Que elle não se pode demorar. Já são dez horas. O nosso exito feliz e a sua propria vida dependem talvez da saída delle antes de que a nevoa se alastre pelo carreiro.

A noite estava limpida e serena. Algidas e fulgentes as estrellas, ao passo que a lua na sua fáse media banhava completamente a scena em uma luz branda, incerta. Em frente de nós campava a negra mó do edificio, com os recortes do telhado e as impinadas chaminés a sobresairem contra o céu aljofrado de prata. Das largas janélas do rés-do-chão projectavam-se umas barras anchas de luz através do pomar e da charnéca. Uma das janélas fechou-se de subito. Era a da cozinha, a criadage ia-se deitar. Ficára apenas o candieiro na sala de jantar, onde aquelles dois homens, o hospitaleiro assassino e o hospede inconsciente, cavaqueavam ainda, a fumar cada qual o seu charuto.

A cada minuto a flocosa e alva planicie alastrada por sobre a metade do bréjo vinha derivando de mais em mais cerrada para o edificio. Os delgados farrapos serpeavam já através do aureo quadrado da illuminada jánéla. A parede do fundo do pomar já nem era visivel, e as arvores a surgirem ao decima de um torvelinho de vapôr alvacento. Em quanto seguiamos com a vista a invasão, os frangalhos de nebrina, surrateiros, a involverem as esquinas do predio, e a condensaremse mano a mano em um pego, cerrado, immenso, acima do qual boiavam o andar superior e o telhado, tal qual um navio fantastico num mar de sombras.

Holmes, impaciente, furibundo, assentou

uma palmada no penêdo em frente de nós, e bateu o pé.

— Se a nevoa se não diluir dentro de um quarto de hora, some-se de todo o carreiro. Daqui a meia hora nenhum de nós será capaz de ver um palmo adiante do nariz.

— E se nós recuassemos um tanto e alcançassemos um terreno mais elevado?

— Dizes bem, está-me a parecer que seria o melhor.

Assim, pois, ao passo que a cortina de nevoa deslisava para a frente, iamos nós recuando até alcançarmos a uma milha para além do edificio, e aquelle mar denso, alvinitente, com o luar a pratear-lhe a orla superior, sempre a varrer para a frente, lento, inexoravel.

— Vamo-nos afastando demais, ponderou Holmes. Não devemos correr o risco de elle ser alcançado antes de que possa vir ter comnosco.

— Têmos que ficar onde estamos, custe o que custar.

Ajoelhou e encostou o ouvido ao chão.

— Graças a Deus, pareceu-me ouvir-lhe as passadas.

Um som de passos apressados rompeu o silencio da charnéca. Alapados por detrás dos penêdos, cravávamos os olhos no muro semovente acairelado de prata, em frente de nós. Eram de mais em mais audiveis os passos, e através do nevoeiro, como que através de um cortinado, surdiu o homem que estavamos aguardando. Com surpreza estirou a vista em redor, ao defrontar-se-lhe a noite limpida e estrelada.

Depois, investiu, apressado, pelo carreiro, passou rente comnosco, e trepou pela extensa ladeira por detrás de nós Ia andando e olhando sem cessar por cima do hombro, como homem que se não sente socegado.

— Chiton! socinou Holmes, e ouvi o estalido de uma pistola aperrada.

— Álerta! Elle ahi vem!

Sentia-se um tropel, continuo, soturno, compassado, vindo de algures no seio daquella mó perambulante. A nuvem estava já a umas cincoenta jardas do nosso poiso, e nós, á uma, na incerteza de qual seria o horror que de subito ia romper-lhe do seio.

Eu estava a par de Holmes e observei-lhe o semblante, de relance. Estava palido e exultante, com os olhos a luzirem-lhe á luz do luar. De subito, porém, boquiaberto, esbugalhou-os, fitos, espantados. No mesmo instante, Lestrade, aterrado, soltou um berro e atirou comsigo ao chão, de borco. Pús-me a pé de um pulo, aferrando com a mão inerte a coronha da pistola, paralizado o espirito ante o vulto horripilante a crescer sobre nós de entre o cerrado nevoeiro. Era um cão, um animal de proporções desconformes, negro como carvão, um cão, porém, como jamais terão visto olhos mortaes. Rompia-lhe das fauces uma labareda de fogo, os olhos, coruscantes com fulgor fosforescente, focinho, sedas, belfas, tudo contornado de chammas a latejar. Nem no proprio delirio de um cerebro desorganizado poderia nunca haver surgido mais selvatica, mais pavorosa, mais infernal apparição do que aquelle vulto negro, de mascara bravia, medonha, a arremeter para nós através da muralha de nevoa.

Dando uns immensos galões, a monstruosa e negra creatura lá vinha galgando a vereda, seguindo as pisadas do nosso amigo. A tal ponto nos paralizou a apparição que o deixámos passar antes de havermos recobrado a presença de espirito. Então, eu e Holmes disparámos, a um tempo, e o monstro, soltando um uivo horrente, deu mostras de que um dos tiros, sequer ao menos, lhe havia acertado. Não parou, comtudo, mas seguiu em frente, dando upas. Já distante, no carreiro, lobrigámos a sir Henry a olhar para trás, livido o semblante á luz do luar, aterrado, de mãos erguidas, a olhar atonito para a medonha avantesma que lhe vinha dando caça.

Aquelle berro de dôr emitido pela féra havia desvanecido de todo os nossos receios. Se ella era vulneravel, logo, era mortal, e visto que a podiamos ferir, podê-la-iamos matar. Não me lembro de ter visto homem algum correr como correu Holmes, aquella noite; tenho fama de correr bem, elle, comtudo, levou-me a mesma dianteira que eu levei ao tarráco do profissional. Corriamos, corriamos, e, na frente iamos ouvindo, um após de outro, os gritos de sir Henry, e os rugidos atroadores do cão. Cheguei a tempo de ver a féra investir de salto com a victima, rojá-la pelo chão, e filar-se-lhe ás guelas. Acto-continuo, porém, Holmes despejára os cinco canos do revolver no flanco do monstro. Com um uivo derradeiro de agonia e arreganhando as prezas numa ultima investida, rebolou-se de costas, a sarilhar com as quatro patas, furibundo, até que baqueou, finalmente, inerte, deitado de lado. Debrucei-me, ofegante, e assestei-lhe a pistola á medonha,

fosforescente cabeça, mas era inutil premêr o gatilho. Estava morto o cão gigantesco.

Sir Henry jazia insensivel no sitio onde tinha caído. Rasgámos-lhe o colarinho, e Holmes murmurou uma prece de gratidão ao verificarmos que não apresentava sinaes sequer de ferimento e que havia chegado a tempo o soccorro. Dali a instantes latejavam as palpebras ao nosso amigo e fez este uma debil tentativa para se mexer. Lestrade insinuou o gargálo do cantil da aguardente entre os dentes do baroneto, e dois olhos aterrados fitaram-se em nossas pessoas.

— Meu Deus! socinou. Que foi isto? Em nome de Deus, que foi?

—Fosse o que fosse, está morto, afirmou Holmes. Liquidámos com o espectro da familia, de uma vez para sempre.

Em tamanho e força era uma creatura temivel a que jazia estirada a nossos pés. Não era um galgo legitimo, mas tambem não era um mastim; antes parecia ser uma combinação de uma e outra raça. — esgalgado, selvatico, e com as proporções duma leôa, pequena. Agora mesmo, na tranquilidade da morte, as descomunaes mandibulas dir-se-iam estilar uns fogachos azulados, e os olhos pequenos, encovados, ferinos estavam orládos de fogo. Pus lhe a mão nas fauces coruscantes, e ao retirá-la os meus proprios dedos lucilavam, latejando, na escuridão.

— Fosforo, exclamei.

— Um engenhoso preparado do mesmo, confirmou Holmes, aspirando os efluvios do prostrado animal. Não sinto cheiro que possa haver empécido o apurado faro do bicho. Têmos que lhe pedir um milhão de perdões, sir Henry, pelo facto de o havermos exposto a semelhante susto. Eu estava esperando ver um cão, mas nunca uma creatura deste lóte. E dahi, o nevoeiro não nos deu tempo para o receber como cumpria.

— Salvaram-me a vida.

— Depois de lh'a havermos submetido a um perigo. Sente-se com forças de se pôr a pé?

— Dê-me outro góle de aguardente, e ficarei apto seja para que for.

Isso mesmo! Agora, ajudem-me a levantar. Que é que tencionam fazer?

— Deixá-lo ficar aqui. Não se acha em estado de se arriscar a novas aventuras, esta noite. Se não duvída esperar por nós, um de nós o acompanhará até á mansão.

Tentou equilibrar-se; mas estava ainda livido como um defunto e todo elle num tremor. Ajudámo-lo a sentar num penêdo, e para ali se ficou a tiritar e com a face escondida nas mãos.

— E agora, temos que deixá lo, declarou Holmes. O remanente da nossa obra tem que ser levado a cabo, e cada minuto é importante. Já estamos senhores do caso, falta-nos agora assenhorearmo-nos do homem.

— Ha mil probabilidades contra uma quanto ao encontrá-lo em casa, proseguiu, ao retrocedermos a passo dobrado pelo carreiro. — Os tiros tê-lo-ão avisado de que se lhe gorára o jogo.

— Estavamos muito distantes, e o nevoeiro haver-lhes-á talvez amortecido o som.

— Elle vinha seguindo o cão para o chamar — podem ter a certeza. Nada, nada, a estas horas, onde irá elle! Mas vamos dar busca á casa e confirmar-nos.

Versão DE MANOEL DE MACEDO *(Conclue no proximo numero).* CONAN DOYLE



CAWNPORE

(Excerpto de um livro inedito)

Banhada pelo Ganges, Cawnpore, posto que seja uma cidade commercial importante, com 185:000 habitantes, juncção de quatro linhas ferreas e *terminus* de um grande canal de navegação, não tem monumentos antigos de vulto nem edificios modernos sobre os quaes mereça fixar-se longamente a attenção.

O seu aspecto geral é o de uma terra trabalhadora, commercial e industrial, com as suas fabricas de altas chaminés avermelhadas, golfando negras ondas de fumo para a immensidade do céu azul, purissimo, inundado de uma luz intensa.

Prendem-se, no entanto, a esta cidade recordações historicas de grande interesse: foi n'ella que se desenrolou um dos mais sangrentos actos do drama do *Sepoy Mutiny de 1857*, a celebre revolta dos cypaes, que a tamanhas crueldades deu origem. Por esta razão, não quiz deixar de visitá-la e de repassar ali pela memoria os pormenores do horroroso massacre que n'aquella cidade teve logar ha meio seculo.

Nos primeiros dias de maio de 1857, havia um grande numero de europeus em Cawnpore.

Sessenta e quatro homens de artilharia europêa, com seis peças, era a unica guarnição regular da cidade com que, ao tempo, o major-general Sir Hugh Wheeler podia contar para fazer face aos 3:000 homens de tropas nativas, de cuja fidelidade nada se esperava já, no ambiente de revolta em que se vivia, especialmente depois da violenta annexação do Oudh por lord Dalhousie.

Além d'isto, nos arrabaldes da cidade, em Bilthur, vivia Nana Sahib, de seu nome Nana Dhandu Pant, filho adoptivo e pretendente ás honras e pensão do ultimo dos *Peshwas*, Baji Rau. Ora Nana Sahib, apparentando excellentes relações de amizade com a sociedade ingleza de Cawnpore, animava secretamente a rebellião, que não tardaria a rebentar na cidade, visto como já lavrava intensamente em outros pontos da India: Barhampur, Meerut, Delhi e Jhansi estavam em poder dos rebeldes.

Em vista de tudo isto, Wheeler fez recolher, em 22 de maio, todos os não combatentes christãos em dois *bungalows* que egualmente serviam de hospital privativo de um esquadrão de dragões: para abrigar os combatentes, construiu-se á volta um parapeito de terra de $1^{m},20$ de altura; dentro do pequeno recinto fechado por elle deviam afinal ficar pouco menos de 1:000 pessoas. D'estas, mais de 400 eram mulheres e creanças; havia tambem uns

200 soldados europeus que a esse tempo tinham recolhido a pouco e pouco a Cawnpore, uns 80 officiaes dos regimentos nativos, alguns paizanos validos e perto de 80 cypaes fieis.

A 4 de junho, declarou-se abertamente a rebelliāo: os corpos nativos 1, 53 e 56 de infanteria, o 2 de cavallaria e os cypaes addidos á bateria européa saquearam os cofres, soltaram os prezos, queimaram os edificios publicos, apoderaram-se dos paioes e dos depositos de armamento e iniciaram a marcha para Delhi, que se achava já nas mãos dos rebeldes do Norte.

O cruel Nana Sahib mandou-lhes ao caminho um emissario e as tropas voltaram para Cawnpore afim de atacarem os europeus que tinham ficado na cidade.



TEMPLO DE SIVA

A 6 de junho, os rebeldes punham as suas peças em bateria contra o insignificante entrincheiramento de Wheeler que, com uns 300 defensores, em posição desvantajosissima e sujeitos ao fogo mortifero de 3:000 soldados aguerridos, bem alimentados, bem armados, bem municiados, não poderia resistir por muito tempo. Wheeler era um velho soldado, bafejado pela gloria, e que por mais de uma vez conduzira ao fogo as tropas que agora o atacavam e cujo valor elle conhecia de sobejo.

Durante perto de tres semanas os rebeldes dizimaram com um fogo constante os sitiados, cujos actos sublimes de heroicidade me abstenho de pormenorisar. No sitio mais exposto ao fogo havia um poço que abastecia de agua os sitiados: muitos d'estes alli encontraram a morte, quando em vão tentavam prolongar a vida.

A 23 de junho, os rebeldes dão um assalto geral ao entrincheiramento: o ataque foi repellido á custa de muitas vidas dos sitiados e com enormes perdas por parte dos sitiantes. A 25, os rebeldes propõem aos sitiados deixal-os seguir pelo Ganges para Allahabad. A 26, ha um armisticio, e Nana Sahib exige que os inglezes entreguem a posição, as peças e munições, e os cofres do thesouro; concedia liberdade incondicional ás mulheres e ás creanças; os homens sahiriam com as suas armas e com 60 cartuchos cada um; Nana Sahib daria um salvo-conducto e forneceria embarcações para conduzir todos a Allahabad.

Imagine-se a alegria com que os inglezes acceitaram estas vantajosas condições!

A 27, de manhã, os sitiados dirigiram-se para *Sati Chaura Ghat,* o caes onde deviam embarcar e onde foram entrando para as embarcações, que, por ordem de Nana Sahib, ali os esperavam. Logo que o ultimo entrou para



bordo, e, ao tempo que os barcos se afastavam do caes, ouve se um toque de corneta: a um tempo, os marinheiros nativos atiram-se á agua, tendo primeiro deitado fogo ás coberturas de *ólas* das embarcações, previamente untadas com alcatrão. Em seguida, rompe das margens um vivo tiroteio de mosqueteria e duas peças de artilheria metralham sem cessar a massa de gente apinhada nas embarcações. Os rebeldes armados de sabres e machados assaltam em massa os barcos mais proximos da margem e matam todos os desgraçados que haviam escapado ao fogo e á metralha: apenas 125 mulheres e creanças foram poupadas por ordem de Nana Sahib.

Um dos barcos conseguiu ganhar o meio da corrente e seguiu rio abaixo, sempre perseguido das margens pelo fogo dos soldados que por fim conseguiram aprisionar os que iam dentro e para os quaes luzira ainda um debil clarão de esperança: os homens, uns 70, entre os quaes ia o major Vibart, foram logo mortos e as mulheres e creanças ficaram prezas juntamente com as 125 que haviam sido poupadas em *Sati Chaure Ghat*, que se ficou chamando *Slaughter Ghat*, o *Caes do Massacre*. Do barco, apenas conseguiram salvar-se quatro soldados, que, com nove outros, haviam saltado em terra para atacar os rebeldes já muito proximos da embarcação, sacrificando-se assim para salvar a vida dos restantes. Repelliram, por então, a parte dos rebeldes que se achava mais perto do rio; a outra parte, a mais numerosa, continuou em perseguição do barco, que, levado pela corrente, breve se afastou para longe: d'esta sorte, não puderam os soldados voltar para bordo. Como porém eram bons nadadores alcançaram a nado a outra margem: fôram os quatro unicos sobreviventes da horrorosa catastrophe.



RUINAS DO PALACIO DE NANA SAHIB

As mulheres e creanças aprisionadas, perto de 200, foram encerradas n'uma pequenissima casa sem ar nem luz; umas 30 morreram de

fome e das commoções profundas porque passaram: foram as mais felizes.

A 12 de julho, o general Havelack, vindo de Allahabad á frente de 1:200 homens, derrotou as forças rebeldes que tinham ido ao seu encontro e marchou sobre Cawnpore. A 15 inflingiu-lhe novo revez, a um dia de marcha da cidade.

Então Nana Sahib, sentindo o inimigo tão perto, deu ordem para matarem todas as mulheres e creanças e, como os soldados se não prestassem a servir tão deshumanos intentos, encarregou um grupo de magarefes, sedentos de sangue e de luxuria, da repugnante tarefa, que foi levada a cabo logo na tarde de 15. Ao cahir da noite, haviam cessado de todo os gritos de terror das victimas; dentro do misero casebre só havia mortos, moribundos ou inanimados. Os sicarios, então, fecharam-se por dentro e durante toda a noite não cessaram os gemidos de agonia...

Um horror! Uma profanação, sobre a qual é melhor correr pudicamente um véu...



O POÇO

Na manhã seguinte, sahiram os assassinos do lugubre recinto e, em seguida, os mortos, moribundos e simplesmente desmaiados, ao todo uns 200 corpos, tudo foi lançado dentro de um poço que havia na visinhança!

Em volta d'esse poço existe hoje uma especie de balaustrada de marmore branco, em estylo gothico, muito alegre e vistosa, mas de gosto duvidoso, nada em harmonia com a impressão lugubre dos successos que commemora, nada suggestiva da horrorosa hecatombe que ainda se sente viva em cada arvore, em cada pedra, no proprio ar que ali se respira.

Sobre o poço, collocaram uma estatua reprezentando o *Anjo da Misericordia*, obra de Marochetti.

O anjo parece-me tão descabido como a balaustrada florejante. Como o erudito e elegante escriptor George Forrent, direi que, á similhança do Colyseu em Roma, o unico symbolo a collocar n'aquelle local deveria ser o symbolo de uma grande agonia: — uma cruz — o

symbolo da fé em que as creaturas ali sepultadas viveram e morreram.

Em volta do pedestal, sobre que se eleva o anjo, lê-se, em caracteres gothicos, a seguinte inscripção:

«*Sacred to the perpetual memory of* «*a great company* «*of Christian people, chiefly Women and Children, who near* «*this spot were* «*cruelly murdered* «*by the followers* «*of the rebel Nana* «*Dhundu Pant, of* «*Bhitur, and cast,* «*the dying with* «*the dead, into the* «*well below on the* «*XV.th day of July.* MDCCCLVII.»

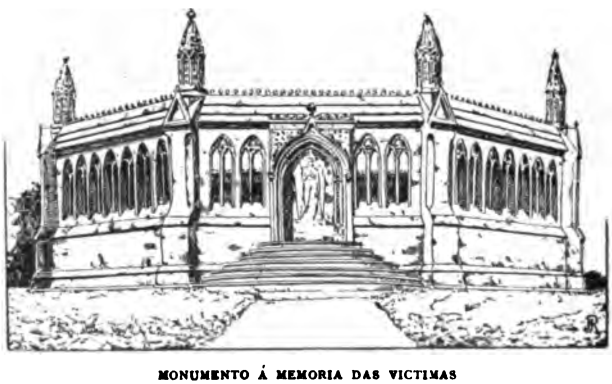


CAES DO MASSACRE

Dizia um francez, que em 1875 visitou Cawnpore, que ao lêr-se esta inscripção, no proprio theatro de um drama que ainda hoje faz estremecer de horror, quer se seja inglez, portuguez, francez ou russo, todos aquelles que tenham nas veias sangue de branco, comprehendem instinctivamente que pertencem todos a uma mesma patria, e, em face d'este lugubre episodio da lucta, que se vem travando, desde a origem dos tempos historicos, entre a Europa e a Asia, cada um de nós sente em si qualquer coisa de mais profundo do que o odio de uma nação para a nação sua inimiga: — o verdadeiro odio de raça. Em vão o cinzel de Marochetti coroou o cenotaphio com o *Anjo da Misericordia*; não nos afastamos do poço sinistro em mais benevola disposição de espirito do que aquelle com que ao poço nos chegaramos.

Razão teem os inglezes para não permittirem a nenhum nativo o accesso áquelle logar. Ha sangue demais entre as duas raças!

Esta prohibição é formal: vi eu proprio o guarda europeu não permittir que se approximassem do monumento o meu creado mouro e um *cicerone* nativo que me acompanhavam.



MONUMENTO Á MEMORIA DAS VICTIMAS

Cawnpore é hoje uma cidade de 185 mil habitantes: possue um grande numero de fabricas de tecidos, couros, moagem, arreios, objectos artisticos de barro, etc.

As suas obras de couro são famosas em toda a India e o *Cawnpore Leather* faz ali concorrencia séria ao cabedal inglez. É em Cawnpore que se fabrica a quasi totalidade das tendas de campanha usadas na India, algumas das quaes são

modelo de commodidade e de conforto no genero.

A cidade está cheia de funebres recordações e de lapides commemorativas dos tristes successos de que acima dei rapida noticia. Perto do sitio onde esteve o entrincheiramento de Wheeler foi construida uma egreja, a *Memorial Ehurch,* cujas paredes conteem um sem numero de inscripções, relembrando os nomes dos que ali encontraram a morte.

O entrincheiramento ficava um pouco ao sul da egreja; é um logar aberto, dominado, que só á custa de muita heroicidade podia ter sido defendido; ainda ali existe o poço d'onde os sitiados tiravam a agua. Lá vi o tumulo do major Vibart e dos 70 homens que com elle haviam escapado ao massacre, no caes, mas que depois foram capturados e fuzilados por ordem de Nana Sahib.

O caes do massacre, hoje bastante arruinado e deserto, vê deslisar, serenas e tranquillas, as aguas do Ganges, alli onde tiveram a sua sepultura tantos cadaveres. Sobranceiro ao caes, existe um pequeno templo de Sivah, o deus cruel, em cujo nome se fez aquella horro rosa hecatombe: abrigados por detraz dos seus muros, muitos dos assassinos fuzilaram a salvo os desgraçados que tiveram a ingenuidade de confiar na palavra do chefe de um bando de fanaticos, fementidos e crueis.

O templo está abandonado: talvez por um resto de pudor, ou, melhor, por medo dos seus senhores de hoje, os sectarios de Sivah, descendentes dos assassinos de 1857, não se atrevem a ir adorar o seu deus no proprio local onde tanto sangue innocente foi derramado.

O templo cáe em ruinas; o Ganges, em tempo de cheias, corróe-lhe os alicerces e uma *ficus indica,* arvore sagrada dos hindús, desconjunta-lhe as paredes com as suas multiplas raizes, por entre as quaes se acoitam os reptis, emquanto que bandos de aves, fugindo ao ardor do sol, chilreiam canções estranhas de entre as verdes ramarias, por onde a brisa perpassa com um sussurro, que deve recordar ás victimas, adormecidas sob as aguas do sagrado rio, alguns sons familiares da sua patria longinqua...

Mormugão — Outubro, 1899. *(Desenhos de Julio Ramos.)* ADRIANO DE SÁ.





A PROCISSÃO DOS RAMOS

A entrega dos Ramos

COSTUMES DE AVEIRO

Com o estralejar da bomba final do derradeiro foguete, que fendeu os ares á madrugada de 7 de janeiro corrente, terminaram n'esta terra as festas do Natal e, com ellas, as *entregas de ramos*.

Mas, o que será uma *entrega?* perguntar-nos-hão os illustres leitores dos «Serões».

Eu me explico.

Em Aveiro, terra muito liberal e assás religiosa, existem, legalmente erectas, varias irmandades e confrarias: — a de Santa Joanna, Terceiros, da Conceição, Senhora das Dôres, Coração de Maria, Apresentação, S. Miguel e Almas, duas do Senhor dos Passos, uma em cada freguesia, Santissimo da Gloria, Santissimo da Vera Cruz, Senhor do Bemdito (muito querida da classe piscatoria), Senhor Jesus Crucificado, etc., etc.

A estas quatro ultimas, porém, é que incumbe a celebração das principaes festividades religiosas do anno, as quaes, como sobejamente é conhecido, se realisam com grande solemnidade e desusada pompa.

Compõe-se cada uma das citadas irmandades do Santissimo de oito *simples* mordomos, a do Senhor do Bemdito de um numero variavel, nunca inferior a deseseis, e a ultima de quatorze.

Em todas ellas ha, além do referido numero de mordomos, quatro *cargos*: — o de juiz ou o *cargo maior*, e os tres *cargos menores*: escrivão, thesoureiro e mordomo do altar.

Segundo a lei d'estas aggremiações, das quaes a mais rica e florescente é a do

Senhor do Bemdito, só pode receber o ramo de cargo maior quem já tiver servido de escrivão, thesoureiro ou mordomo do altar, e só pode receber o cargo menor quem tiver recebido o ramo de simples mordomo.

A antiguidade da entrada na confraria é sempre motivo de preferencia para o exercicio de qualquer cargo.

A renovação das citadas quatro ultimas irmandades, e exclusivamente n'ellas, é feita annual e respectivamente em 26 e 27 de dezembro, no dia de Anno Bom e no primeiro domingo seguinte a 1 de janeiro, dias em que se effectuam as *entregas de ramos*.

A entrega é um cortejo mixto de religioso e de profano.

Terminada a missa solemne, os mordomos, que n'esses dias findam a sua missão, enfileiram-se dois a dois, como uma das photographias indica, e revestidos das suas opas de seda encarnada e borla de ouro, vão, em passo ordinario, empunhando os seus ramos, alguns bem valiosos, e seguidos de uma philarmonica percorrendo processionalmente as ruas da cidade.

Dirigem-se das egrejas parochiaes a outros templos, ou á porta de certa residencia, onde o *parceiro*, que tem de receber um dos ramos, aguarda com a familia e amigos o alegre cortejo e o momento da cerimonia.

Na frente da florida procissão, a garotada aos pulos conduz acesos alguns morrões, feitos de trapo velho, e com o seu assobiar estridulante acompanha a *peça*, que a philarmonica executa, quasi sempre uma musica popular como, por exemplo, as «Carvoeiras», o «Vae di banda, olé», a «Margarida vae á fonte» ou o «Compadre chegadinho».

Quer o ramo seja acceite na egreja, quer á porta, a ceremonia é sempre a mesma.

Chegada a irmandade, o parceiro *entregador* avança e ajoelha sobre uma almofada de setim, seda ou velludo, e, beijando a passadeira do laço de fita pendente, depõe o ramo nas mãos do acceitante que, tambem ajoelhado, por sua vez a oscúla, passando-o em seguida á mulher ou irmã que, muito de proposito ficou collocada a seu lado para suster aquelle emquanto o marido ou irmão é, já de pé, abraçado por todos os mordomos antigos.

Grandes e pequenos, nobres e plebeus, ricos e pobres confundem-se, por momentos, n'um apertado amplexo.

A fina mão aristocratica não se peja de sentir então, junto á sua, a mão callosa do trabalhador de enxada. E' o lado democratico da festa.



UM DOS MÓRDOMOS

Durante todo este quadro, a musica não tem cessado de tocar; por instantes a egreja transformou-se em praça publica; o aranzel e balburdia, que n'ella vão, é medonho, e, cá fóra, na rua entram a funccionar os morrões do rapazio *atiçando* o foguetorio com que os amigos do acceitante atroam os ares.

Outros rapazitos, sempre de nariz no ar, andam em correrias afim de apanhar os *rabos* que vão caindo. Não raro se engalfinham uns nos outros, saindo ás vezes os mais fracos com as ventas esmurraçadas pela lucta.

Terminada n'aquella egreja a ceremonia da entrega, reorganisa-se o cortejo, indo a mesma scena repetir-se n'este ou n'aquelle outro templo até estarem entregues todos os ramos.

Em casa do parceiro, que acceitou, está preparado um altarsinho, onde, ao lado da Imagem do Crucificado, que se destaca d'entre flores, luzes e sedas, é posto, em uma jarra, o ramo recebido.

Quando a entrega é feita ás portas, os limiares d'estas são juncados e tapetados e toda a casa do novo parceiro encontra-se caprichosamente enfeitada com arbustos, palmeiras e outras plantas ornamentaes.

Entre parenthesis:

E' do estylo o parceiro, que entrega, enviar ao que recebe um presente de dôce, e, na vespera, ir queimar-lhe á porta uma ou duas duzias de foguetes, depois do que entra e ceia com elle e familia.

O parceiro, que recebe, deve, segundo a praxe, quando acceita á porta, dar um banquete ao que lhe entregou o ramo, bem como a todas as pessoas que lhe enviaram presentes.

Fechado o parenthesis, prossigamos:

Ahi pelas tres horas da tarde terminou a entrega.

A's seis horas, os antigos mordomos reunem-se outra vez no adro da egreja matriz e enfiados nos seus gabões, faixa branca á cintura e barretes encarnados na cabeça ahi se vão, á luz dos archotes, acompanhados de muito povo e pela philarmonica, cumprimentar os novos confrades.

Cada um sobraça pelo menos a sua duzia de foguetes, que são queimados á porta de aquelle a quem entregou o ramo.

Em seguida mordomos e philarmonica são convidados a entrar.



O PARCEIRO ENTREGADOR

O parceiro que acceitou, tem disposta na sala principal *a meza dos mordomos* sobre a qual, coberta por finas toalhas, se destacam os bellos manjares brancos, lampreias doces, ovos



A ENTREGA DOS RAMOS

molles e de fio, pão de ló, cavacas, queijadinhas de Cintra, belharacos, rabanades, leite crême, letria, arroz doce, etc., etc., á mistura com garrafas de vinhos generosos e finos licôres.

Lá dentro, em outra sala, fumégam o *fiel amigo* cosido com batatas, grêlos e nabos, o saboroso arroz de capatão ou a bella pescada.

E' a *meza da musica*, que come á tripa forra. De vez em quando, a philarmonica rompe com o «Ora vae tu, ora vae tu, ora vae, vae!» ou com o «Agora viras tu, agora viro eu», e tudo, ainda os mais graves e sisudos, ri, folga, dança e brinca.

A certa altura, escusado é dizel-o, já ninguem se entende.

Os *amigos* do novo mordomo veem cumprimentál-o, queimando até á madrugada em frente á casa, duzias e duzias de foguetes, e invadindo depois o domicilio do pobre paciente ali se *pregam* á meza, comendo e bebendo como uns alarves.

Ha menino que por si só *destróe* o que daria para dez.

No dia da recepção do ramo quem menos governa em sua casa é o dono d'ella.

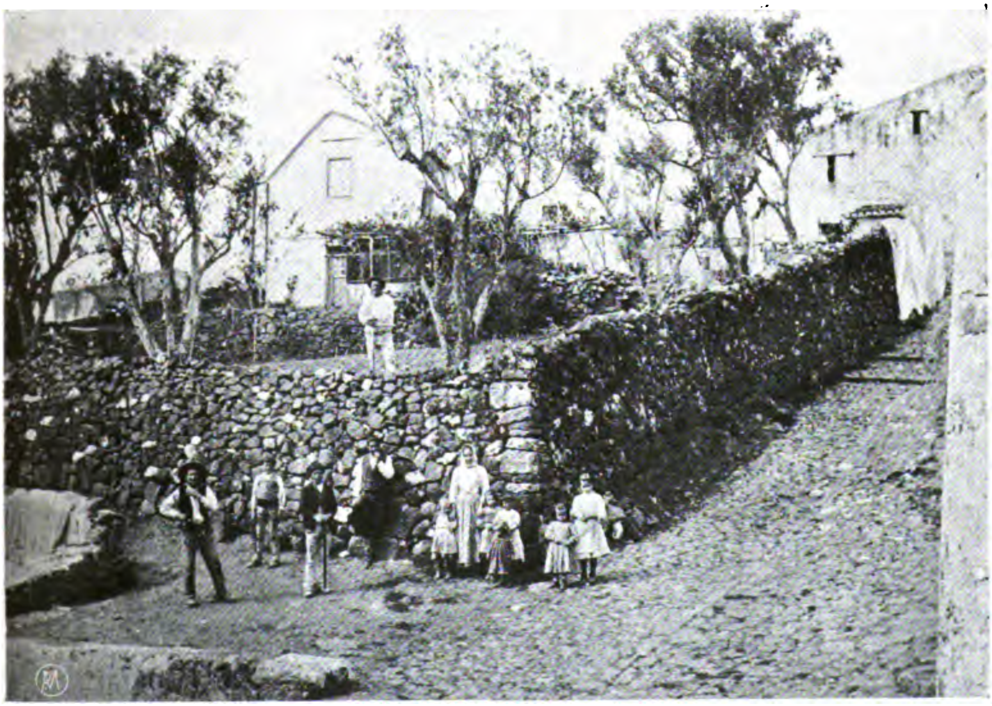
Imagine-se por aqui o *lindo* estado em que se encontrarão os velhos mordomos e a philarmonica depois de terem percorrido todas as casas!

Os executantes musicaes teem perdido a *embocadura*, e a irmandade, essa já tem mudado de nome... é a confraria de S. Martinho.

ANDRÉ DOS REIS.

Quarto concurso photographico dos «Serões»

Menção honrosa



NO LOGAR DE QUEIJOS

Photographia de Antonio Rosa de Oliveira — Rua das Chagas, Lisboa

Os Serões dos Bébés



(Conclusão)

Bonifacio olhou para Maria e achou-a linda, o que no seu paiz era pouco apreciado, pois, como anda lá tudo ás avessas, só o horrendo tem valor, e o bonito é desprezado e até escarnecido.

Apesar d'isso, tinha tanto amor á fadasinha, que respondeu ao gato:

— Se dizes mais uma palavra em seu desabono, puxo-te pelo rabo.

— Repito que é uma estupida!

Ainda o bichano não tinha acabado de miar esta palavra, e já Bonifacio lhe tinha dado tão forte puxão á cauda, que o obrigou, com a dôr, a pregar um enorme salto, indo cahir em cima da cabeça da velha, que estava a cabecear com somno, sentada n'uma cadeira de costas muito altas. Levantou-se de esfusiote e enxotou o gato, e o gato arranhou-a, e ambos ficaram tão zangados um com o outro, que não trocaram mais palavra até se deitarem.

Na manhã seguinte, Maria e Bonifacio deram muitos agradecimentos á bruxa, e puzeram-se outra vez a caminho do Reino das Flôres.

Se o duende tivesse estado ali sósinho, a bruxa matava-o por meio de um sortilegio, que não podia fazer em presença da fada e que tinha arranjado muito tempo antes, de parceria com o gato.

Se Maria tambem lá tivesse estado só, era certo o gato matal-a, enterrando-lhe as unhas compridas e agudas como punhaes, o que não poude fazer por causa do duende.

Mal os viu desapparecer, a velha deitou a correr por um atalho e foi avisar o irmão para que não os deixasse passar. O irmão da bruxa — o Feiticeiro Maldito — habitava á entrada do Reino das Flôres.

Era tido como homem de grande saber. De barba branca muito comprida, mandava em dois gnomos, que são uma especie de duendes dos mais ruins. Para seguir o conselho da irmã, mudou-os n'um principe muito boni- e n'uma princeza



PREGOU UM ENORME SALTO INDO CAH
EM CIMA DA CABEÇA DA VELHA



E o feiticeiro disse a Bonifacio:

— Dá tambem o braço a esta encantadora princeza e desce pelo caminho á tua mão esquerda. Vae ter egualmente ao Reino das Flôres, onde pouco mais tempo serás Bonifacio.

Ainda falava n'isto verdade o Feiticeiro Maldito, porque se o duende se separasse da fada ia cahir nas mãos da bruxa, que o matava por meio do tal sortilegio.

— Estamos promptos a ir, mas ha de ser juntos, disseram os dois ao mesmo tempo.

— E' impossivel, respondeu o Feiticeiro Maldito. Só pódem entrar no Reino das Flôres se casarem um com o outro, mas de certo não quererão fazer semelhante disparate. Uma fada casada com um duende! Ah! Ah! Ah! Olha bem para elle! Olha bem para ella!

Assim fizeram. E Maria conheceu que as orelhas e a bôca de Bonifacio parecia não terem fim, que a pelle fazia lembrar a casca de um so-

muito linda, e foi espreitar á porta de casa. Quando avistou Maria e Bonifacio, sahiu-lhes ao encontro e convidou-os para entrarem.



— Muito obrigada, meu senhor, disse a fada. Eu e o meu companheiro vamos a caminho do Reino das Flôres, em procura de um principe e de uma princeza que nos façam mudar de nome.

— Escusam de ir mais longe, porque estão servidos, respondeu o feiticeiro. Tenho justamente o que procuram.

Deu tres palmadas e logo appareceram os gnomos. Estavam tão bem encantados, que pareciam exactamente um principe e uma princeza, tanto pelas suas pessoas como pelos fatos, de maneira que nem Maria nem Bonifacio desconfiaram da traição.

— Dá o braço ao principe, disse o feiticeiro a Maria, e desce por aquelle caminho á tua mão direita. Vaes ter ao Reino das Flôres e d'aqui a pouco deixarás de ser Maria.

O Feiticeiro Maldito não mentia, pois o gato preto estava a esperal-a por traz de umas arvores e matava-a com certeza, se a fada não fosse acompanhada pelo duende.



ESCUSAM DE IR MAIS LONGE, PORQUE ESTÃO SERVIDOS, RESPONDEU O FEITICEIRO

breiro, e que todo elle era muito exquisito e ratão, para poder casar com ella. E Bonifacio viu que a bôca e as orelhas da fada eram ridiculamente pequenas, que a pelle era espantosamente lisa e que toda ella parecia inteiramente impropria de casar com um duende, para quem estas excellentes qualidades são outros tantos defeitos.

Apesar de tudo, como gostavam muito um do outro, o duende desbarretou-se, poz um joelho em terra, pegou na mão de Maria, e disse com a suavidade que se póde esperar de quem se chama Bonifacio:

— Querida fada, tenho muita pena de que sejas tão linda, mas lá por isso não te quero mal, nem te chamarei nomes feios. E como gosto immenso de ti, estou prompto a entrar comtigo no Reino das Flôres. Juro-te que hei de gostar de ti para todo o sempre!

Vae então Maria deu-lhe a outra mão e disse-lhe, toda risonha:

— Querido duende, tenho muita pena de que sejas tão... que não sejas muito bonito, mas, como gosto muito de ti estou prompta a entrar comtigo no Reino das Flôres e a ficar lá comtigo para todo o sempre!



APENAS CASARAM MUDOU-SE TUDO

— Mas que é isto? perguntou do seu canto o Feiticeiro Maldito. Nunca se viu semelhante loucura! Nada! Nada! Não consinto!

E correu para casa, em busca de um feitiço, para dar cabo d'elles. Mas por mais que o procurasse nos armarios, nas gavetas e até debaixo da cama, não achou nenhum capaz. Os que lhe vieram á mão não tinham a virtude precisa, n'um caso completamente novo como aquelle. Furioso, sahiu outra vez de casa, mas fingindo que se ria, para embaçar o duende e a fada, e disse-lhes:

— Esqueceram-se de uma coisa, meus filhos. Se se casarem, já não pódem casar com o principe e a princeza que lhes farão mudar esses feios nomes e ficarão sendo eternamente Maria e Bonifacio.

Puzeram-se ambos muito tristes, mas afinal o duende voltou-se para a fada e murmurou:

— Sabes que já não acho muito feio o teu nome, Maria?!...

— Tambem já me não parece tão feio... E' que sabes dizel-o tão bem, meu querido Bonifacio!

— Dize outra vez o meu nome! supplicou o duende.

— Bonifacio! Meu Bonifacio! repetiu a fada, com meiguice.

— Que palavra tão harmoniosa! exclamou elle, abraçando-a. E' porque tu a pronunciaste.

E resolveram continuar a chamar-se como até ali, e tanto disseram que queriam casar um com o outro que veiu pelo ar um sylpho e os casou.

Apenas casaram mudou se tudo. O Feiticeiro Maldito voltou ao que era d'antes, perdendo a fórma de gente e tornando-se n'um repugnante bicharoco; os dois gnomos tiveram a mesma sorte; o gato fugiu a sete pés, de rabo mettido entre as pernas; e a bruxa foi pelo ar aos tombos e cahiu afinal estatelada n'um lamaçal, onde ficou esperneando com desespero, por ter visto a fada e o duende transformarem-se n'uma linda princeza e n'um principe encantador.

Será bom dizer que a negregada bruxa os tinha encantado quando estavam ainda no berço, e eram uma princezasita e um principesinho. Ainda se não tinha podido quebrar o encanto, que só devia acabar quando casassem um com o outro, o que a velha julgava um perfeito impossivel, porque nunca uma fada tinha casado com um duende.

Mostra-nos esta historia que nada é impossivel n'este mundo.

Por mais que a bruxa esperneasse e berrasse, não poude fazer nenhum mal ao principe nem á princeza. Afinal rebentou com grande estoiro e desfez-se em mil bocadinhos, que nunca mais tornaram a juntar-se.

E o principe e a princeza entraram no Reino das Flôres, brandamente alluminados pela claridade prateada da Lua de Mel, que surgia do horisonte. As rosas, os cravos, os jasmins, as anemonas baixavam as corollas á medida que elles iam avançando e derramavam no ar seus perfumes, ao mesmo tempo que os passaros entoavam, pousados nas ramarias, hymnos de alegria e de amor.



O PRINCIPE E A PRINCEZA ENTRARAM NO REINO DAS FLORES

Vermelho

DEOLINDA

Adoro estranhamente os teus cabellos flambos,
Os risos do Poente, o sangue das toiradas,
Os cantos auroraes dos rubros dythirambos
Que eu concebo a rugir ao Sol das barricadas...

Adoro a côr do fôgo, — incandescentes lavas,
Os laivos de vermelho em labios virginaes,
O incendio brutal das tuas tranças flavas,
A luz a incidir nos gumes dos punhaes...

Como os parses adoro os relumbrantes soes
Na gloria que deslumbra os olhos dos heroes,
As flammas triumphaes das rubidas scentelhas...

Mas amo muito mais os teus candentes beijos,
Os beijos que te dou na febre dos desejos
Da tua bocca a rir nas petalas vermelhas...

Eduardo Metzner



Grandes topicos

A Triplice alliança

Em principios de julho foi espectaculosamente annunciada uma entrevista do sr. Tittoni, ministro dos estrangeiros da Italia, com o barão d'Aerenthal, ministro dos estrangeiros da Austria. Essa entrevista realisou-se, effectivamente, no dia 14 do mesmo mez, em Desio, e dos seus resultados deu conta uma nota officiosa fornecida á imprensa, e segundo a qual os dois ministros «chegaram a um perfeito accôrdo nas questões pendentes entre os seus respectivos paizes.»

Não tendo essas questões uma importancia capital — a não ser, porventura, a do irredentismo, e essa encontra-se actualmente n'uma phase absolutamente calma — toda a gente comprehendeu logo que a nota oficiosa era poeira atirada aos olhos do mundo e que atraz d'ella qualquer coisa de mais importancia havia.

Assim era, de facto. Precisamente no mesmo dia da entrevista, os jornaes allemães e italianos atiravam aos quatro ventos da publicidade a noticia de que a Triplice Alliança havia sido mais uma vez renovada, até 1914.

Sabe-se que o tratado em questão fôra renovado em junho de 1902, por um periodo de seis annos que, portanto, devia terminar em junho de 1908. Mas, segundo uma das suas clausulas, elle devia continuar em vigor durante um novo e egual periodo, se qualquer das partes o não denunciasse um anno antes da expiração do praso. Ora não tendo sido feita a denuncia em junho ultimo — *et pour cause* — a alliança entre a Austria e a Italia permanece em vigor por um novo periodo de seis annos, a datar de 1908. Nas mesmas condições estão a Italia e a Allemanha, pelo que a Triplice continua subsistindo — aqui cai, acolá se levanta — até 1914. É provavel que então, se não fôr antes, dê a alma ao creador.



O GENERAL GARIBALDI

Um dos fundadores da Italia moderna, cujo centenario se celebrou a 3 de julho

(De uma aguarella de Angelo Achini, de Milão, copia de um retrato a oleo feito pelo mesmo, dois mezes antes da morte do heroe.)

A situação em Marrocos

Como se sabe, as potencias tinham exigido do Maghzen que elle reduzisse á impotencia o celebre bandido Raisuli, que nos ultimos tempos tem assolado o imperio e posto em perigo as vidas e as propriedades dos europeus. O Maghzen enviou contra elle todas as suas tropas disponiveis, mas como estas fossem sucessivamente derrotadas em todos os encontros, resolveu-se a adoptar outro systhema: oferecer-lhe o perdão. E assim fez. Para negociar as respectivas condições, mandou ao acampamento



A CONFERENCIA DA PAZ COMO É



PROPHECIA QUE NÃO SE REALISA

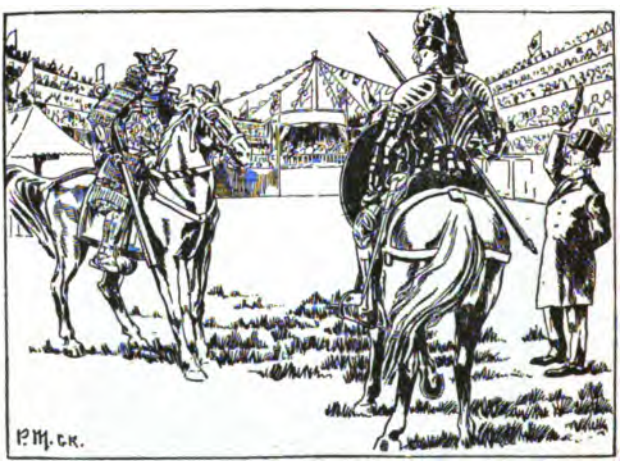
Do «*Lustige Blätter*»

do bandido, o subdito inglez Harry Mac-Lean, favorito do sultão e homem de grande influencia em Marrocos.

Mais Raisuli é muito mais esperto que os membros do Maghzen e, reconhecendo que a ocasião era magnifica para se sair dos apuros em que tem vivido, á custa do proprio sultão, apenas lá apanhou Mac Lean prendeu-o e mandou dizer ao Maghzen que só o libertaria a troco do seguinte: cem mil *duros*; reconstrucção da fortaleza de Zinat, destruida pelas tropas cherifianas; a sua nomeação como governador de Tanger, e o commando da policia internacional organisada em virtude do que ficou estipulado n'um dos artigos da Acta da conferencia de Algeciras!

Evidentemente, o Maghzen não póde satisfazer estas exigencias porque as potencias não lh'o consentirão.

E como é provavel que o bandido não céda, terão ellas naturalmente que acabar por intervir para o meter na ordem e ao proprio Maghzen.



NA EDADE DE OURO DA LIMITAÇÃO DOS ARMAMENTOS!

O dr. Puck vae fazer uma proposta á Conferencia de Paz. Quando haja questão, cada uma das partes manda um guerreiro, e um combate singular na presença dos delegados das potencias decidirá a contenda. Não mais soldados, nem navios, nem peças de artilharia.

Do «*Tokyo Punch*»

Eduardo VII e Guilherme II

Uma nova entrevista do tio com o sobrinho. Para quê? Simplesmente para *épater*. O kaiser quer mostrar ao mundo, por todas as fórmas e feitios, que o seu paiz e a Inglaterra estão nas melhores relações, do mesmo passo que procura real-



O NOVO MACBETH OU AS VINHAS MOVEDIÇAS

Macbett-Clemenceau contempla a marcha dos vinhateiros cada um dos quaes traz uma «vide»

Do «*Kladderadatsch*»



JAPONEZITO E TIO SAM

Paz — *Se quer ao menos, tenham um boccadinho de decoro! Esperem que termine a conferencia de Paz!*

Do «*Pasquino*»

mente melhoral-as. Esquece-se, porém, de que não é por meio de entrevistas de soberanos que esse resultado actualmente se consegue entre as nações, e muito menos quando um d'esses soberanos é o inglez que, pelas suas attribuições, absolutamente definidas e marcadas na Constituição, e pelo seu finissimo tacto pessoal, não se póde envolver e não se envolve nunca n'esses assumptos por fórma a liquidal-os.

Eis porque será absolutamente inutil a nova entrevista de Eduardo VII com Guilherme II, que deve realisar-se a 14 de agosto, em Wilhelmshœve.

A Belgica e o Congo

N'UMA das ultimas sessões da camara dos deputados belga o sr. Trooz, presidente do conselho declarou oficialmente



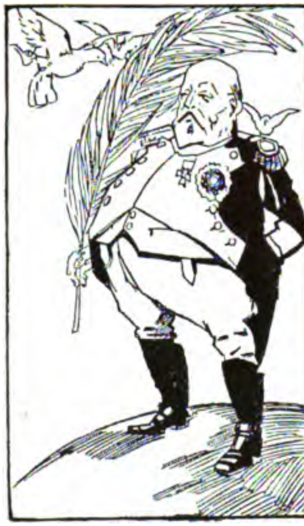
CAPITAL E TRABALHO

As duas potencias que não mandaram representantes á conferencia da paz.

Do «*Tokyo Punch*»

que estavam encetadas negociações entre o governo belga e o governo congolez para a annexação do Estado Independente. A respectiva convenção está sendo discutida por quatro plenipotenciarios, nomeados pelas duas partes, e, segundo o sr. Trooz, deverá ser assignada antes do fim do anno.

Pelo que respeita propriamente ao regimen colonial, declarou o presidente do conselho que o governo tencionava modificar o projecto apresentado e que a camara julgou inaceitavel. Assim, será dada uma quasi autonomia ao governo da colonia que, entretanto, continuará a exercer-se sob a fiscalisação da Belgica.



O rei Eduardo tenta estabelecer a concordia em toda a Europa.

Do «*Tokio Puck*»

O sr. Trooz propoz que a commissão colonial continue a funccionar durante as ferias parlamentares, a fim de que possa apresentar um trabalho completo sobre o regimen colonial e sobre o projecto de annexação quando a camara voltar a reunir-se em sessão extraordinaria, no mez de outubro.

O mais curioso do caso é que, com a sua declaração, o governo conquistou o apoio de muitos liberaes e mesmo de socialistas que preferem a nova solução a todas as outras apresentadas. E se nem todo



NOVA FIGURA NO MAPPA

Um tio Sam da America central enchería de jubilo os seus amigos do Norte.

Do «*Minneapolis Journal*»

o partido socialista lh'o dá é simplesmente porque a annexação traz implicitamente a necessidade de se crear uma esquadra, o que elle evidentemente não póde defender.

A bandeira do Transvaal

O pavilhão inglez que, desde o termo da guerra anglo-boer, fluctuou sobre todos os edificios publicos do Transvaal, vae ceder o logar a outro symbolisando o novo regimen.

Compõe-se elle do «Vierkleur», a bandeira das quatro côres da antiga republica boer, com as côres britanicas no angulo esquerdo superior, constituindo assim o emblema da reconciliação e da união das duas raças.

O modelo da nova bandeira submettido pelo general Botha, primei-



A NOVA TRIPLICE ALLIANÇA

Do «*Chicago News*»

meiro ministro do Transvaal, ao ministerio das colonias de Inglaterra, foi aprovado por lord Elgin, representante do governo inglez em Pretoria.

O ministro Nasi

HA pouco mais de tres annos, o ministro da instrucção publica da Italia, Nasi, abandonava o governo por motivos puramente politicos, quando o deputado Seporito o accusou de ter feito taboa rasa do thesouro publico, durante a sua gerencia. Nomeada pela camara uma commissão de inquerito, esta averiguou a breve trecho que todas as accusações feitas contra Nasi eram verdadeiras.



A CONFERENCIA DE HAYA

A BARONEZA DE SUTTNER — *Não excitem o animal! Olhem que morde!*

(A Allemanha e a Fança estão a irritar a conferencia emquanto a Inglaterra está observando, muito divertida).

Do «*Wabre Jacob*»

e foi de parecer que o assumpto devia ser apreciado pelos tribunaes. Com efeito, a justiça chamou Nasi e os seus cumplices á sua presença, mas elles, augurando certamente mal das decisões judiciaes, houveram por bem desapparecer.

Nasi foi por isso condemnado á revelia mas o seu advogado apelou da sentença, e o tribunal superior annulou o processo, sendo de parecer que os factos imputados a Nasi haviam sido commettidos emquanto elle era ministro e, por isso, só o Senado, constituido em Alto Tribunal de Justiça, podia julgal-o.

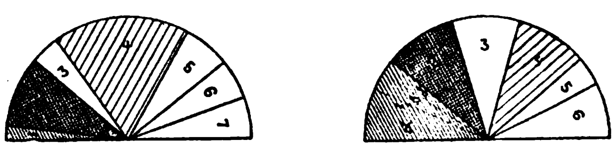
Foi isto um verdadeiro triumpho para Nasi. Os seus eleitores de Trapani acabavam de elegel-o deputado pela quinta vez desde que a sua odyssea principiara, e elle, considerando-se por isso imune, regressou a Roma e apresentou-se á camara dos deputados, precisamente no dia em que ella resolveu entregal-o ao julgamento do Senado. Mas este, constituindo-se immediatamente em tribunal, decidiu que o ex-ministro fosse recolhido a uma prisão emquanto o processo se instaurava. Assim se fez. Nasi encontra-se á hora actual prisioneiro e, apesar do verdadeiro levantamento popular que por esse motivo os seus eleitores provocaram em toda a Sicilia, o Senado prosegue na missão que lhe foi confiada, sendo voz corrente nos circulos politicos que, tendo elle ido imprudentemente meter-se nas garras do leão, já d'ellas não conseguirá sair.

As duas Dumas — O schema que apresentamos mostra, pouco mais ou menos, a divisão dos partidos na primeira e na segunda Duma, ambas dissolvidas. A primeira funccionou de maio a julho de 1906. A sua composição era a seguinte:

1. Esquerda:	Socialistas		145
2. »	Partido do trabalho		
3. »	Desligados		—
4. Centro:	Constitucionaes Democratas		202
5. Desligados			—
6. Polacos			36
7. Moderados	Outubristas		23
	Direita		20

A segunda Duma funccionou de março a junho de 1907. Compõe-se da seguinte fórma:

1. Esquerda	Socialistas		112
	Revolucionarios		
	Populistas		
2. Partido do trabalho			102
3. Centro	Polacos	36	94
	Mahometanos	30	
	Cossacos	18	
4. Constitucionaes Democratas			91
5. Outubristas			32
6. Direita			72



DIVISÃO DOS PARTIDOS NA PRIMEIRA E NA SEGUNDA DUMA

O novo Syllabus — O grande acontecimento da actualidade no mundo catholico foi a publicação de um novo *Syllabus*. O actual pontifice que, desde que cingiu a thiara, tem procurado sempre imitar em tudo Pio IX, a ponto de adoptar o seu nome, propôz-se, ao que parece, renovar, no governo da Egreja todos os «precedentes» do auctor do dogma da infalibilidade.

O novo *Syllabus* difere, todavia do primeiro em que o outro parecia consistir apenas n'um meio de defeza que a Egreja adoptava contra as arremetidas do espirito laico. Era,



A ALLEMANHA NA CONFERENCIA DE HAYA

Todas as nações estão muito influidas na dança So a Allemanha se pôe de parte, amuada.

Do «*Wabre Jacob*»

por assim dizer, uma alta muralha de que elle se rodeava para impedir a invasão do inimigo.

Agora não se trata já d'isso.

O inimigo não apareceu além das trincheiras, ameaçando invadil-as; foi encontrado dentro da propria cidadella. N'outros tempos, a Egreja, em presença da heresia e dos schismas, expulsava do seu seio os revoltados. Actualmente, não póde proceder assim, porque, como muito bem diz um critico, «já não irrompem esses grandes incendios que devastaram e esterilisaram seculos inteiros da historia. O espetaculo a que estamos assistindo dá, antes, a idéa do phenomeno da combustão lenta. E' o *modernismo*, atacando por todos os lados a Egreja Catholica, e que ainda ultimamente se manifestou pela constituição, na Allemanha e na Inglaterra, da «Liga contra o Index», cujo fim era combater a acção de aquelle tribunal, conservando-se, todavia, os seus agremiados fieis á Santa Sé.

Eis o que levou Pio X a publicar o novo *Syllabus*. E' elle precedido de breves considerações sobre a teimosia de muitos escriptores modernos em quererem prescrutar as altas regiões da fé, para tirarem



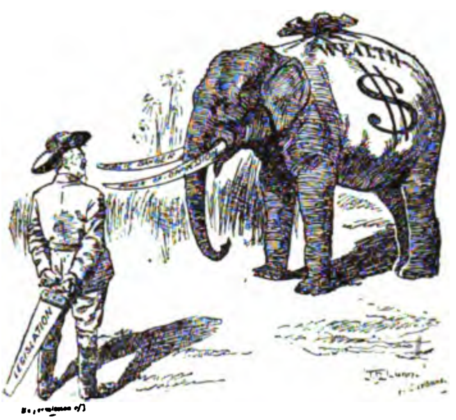
FERMENTAÇÃO!

CLÉMENCEAU. — *Socegue, sr. Baccho. Não me assusta com os tiros da sua artilharia.*

Do «*Punch*»

novas deducções, extraviando assim as consciencias. Como taes erros se espalham cada vez mais entre os fieis, o papa, diz o *Syllabus*, houve por bem indicar, por intermedio da Inquisição romana, quaes são as proposições perigosas. E o *Syllabus* expõe sessenta e cinco d'essas proposições, considerando-as erroneas e condemnaveis.

As primeiras dizem respeito á divindade da Egreja e á authenticidade das Escripturas. Veem depois as que atentam contra a divindade de Christo, como, por exemplo, a que pretende que o Christo da historia é inferior ao da fé, a que sustenta que elle não é filho de Deus e a que nega a sua ressurreição. Seguem-se as proposições contrarias aos sacramentos e, finalmente, as que sustentam que a Egreja não é já o que foi na sua origem.



A AMEAÇA DO MILLIONARIO

PRESIDENTE ROOSEVELT — *Elle é capaz de realisar trabalho util, mas convem cortar-lhe as formidaveis presas.*

(O elephante é o capital, a faca a legislação)

De «*The Tribune*»

Escusado será dizer que a publicação do *Syllabus* deu origem a uma grande controversia, mesmo entre os catholicos, muitos dos quaes — e sobretudo os allemães e inglezes — se mostram profundamente desgostosos ou irritados com o novo gesto de Pio X.

O Japão e a Coréa

UMA imprudencia do velho imperador Yi-Hyeung levou-o no dia 14 de julho ultimo a abdicar em seu filho o throno da Coréa. Foi o caso que Yi-Hyeung que nunca se conformára com a situação creada ao seu paiz pela guerra russo japoneza, resolveu enviar a Haya uma deputação para representar na Conferencia da Paz, a Coréa. Ora, em virtude do tratado de paz concluido entre a Russia e o Japão, a representação diplomatica do imperio da Manhã calma ficou exclusivamente a cargo do governo de Tokio. Assim, este oppôz-se logo a que os delegados coreanos fôssem recebidos no seio da conferencia. Mas elles que, segundo parece, levavam n'esse sentido instrucções expressas, insistiram em fazer parte do parlamento internacional e, de tal maneira se conduziram que o governo japonez, perdendo a paciencia, deu ordem ao seu representante em Seoul, o marquez Ito, para que obrigasse o imperador a abdicar, como castigo da sua impertinencia. Assim foi O velho monarcha ainda tentou resistir, apoiado pelos poucos amigos que lhe restavam depois da guerra, mas, como contra a força não ha resistencia, tudo foi inutil. O marquez Ito mandou pôr em pé de guerra as tropas japonezas que occupavam a Coréa, e o imperador teve de ceder. E assim subiu ao throno coreano, o principe Yi-Syek, cuja soberania fica consideravelmente reduzida pela convenção coreano-japoneza que o governo de Tokio o obrigou desde logo a assignar.



O GAITEIRO DA EUROPA

O Japão, a França e a Hespanha seguem com alegria o gaiteiro (Eduardo VII), ao passo que a Allemanha tenta suster a Italia.

Do «*Wabre Jacob*»

Vida na sciencia e na industria

O homem alado

Um fabricante de charutos de Philadelphia, por nome John Speies, está convencido de que resolveu o problema do vôo humano.

É um allemão que ha quarenta annos trabalha n'este invento. Os seus principios fundamentaes são: 1.º a aeronave deve ser mais pesada que o ar; 2.º a machina deve ser rigida; 3.º deve erguer-se do solo por sua propria força. A' imitação das aves, devem usar-se azas. Foi-lhe facil construil-as para a elevação, mas a difficuldade era conseguir a propulsão. Hoje affiança ter resolvido o problema. O adejo para baixo serve para elevar, o adejo para cima é propulsor. As exp riencias teem-se feito com um motor de gazolina de 5 cavallos, medindo as azas cerca de 3m,80 de comprido por 2m,30 de largura maxima, feitas em cinco secções, demonstrando que podem elevar mais de 46 Kilogrammas. Um par de azas devidamente construidas e actuadas por um motor de 10 cavallos, teem maior força compulsora que um propulsor actuado por um motor de 50 cavallos.



JOHN SPEIES

inventor d'um novo apparelho de voar

Ligaram-se azas com 3m,30 de comprido, levemente construidas de canna e seda, a um motor de 5 cavallos, pesando ao todo 46 Kilos. A cada adejo para baixo todo o systema se elevou de 2m a 2m,7. Nos adejos para cima quatro homens que o aguentavam sentiram um esfôrço distincto de movimento em frente. Isto demonstra a possibilidade de mover uma aeronave em qualquer direcção que se deseje, visto que a experiencia se fez sem auxilio de qualquer balão que supportasse o peso do motor. O inventor sustenta que com azas maiores e maior estabilidade, o exito será certo. A questão é saber se se poderá produzir tal machina para effeitos praticos e commerciaes.

Injecções subcutaneas de agua do mar

O Dr. Schivardi prescreve o uso de injecções de agua do mar para o escrofulismo, anemia, e enfermidades analogas. Deve obter-se a agua do mar largo, longe de qualquer rio, e manter-se pura durante alguns dias. Deve esterilisar-se antes de usar e diluir-se com agua distillada preparada de fresco. Emprega-se uma parte de agua do mar para tres de agua distillada. É preferivel fazer pequenas injecções quotidianas a fazel-as maiores e mais intervaladas. A temperatura das injecções deve ser a do corpo, e não se devem usar seringas de metal ou de borracha. Não ha reacção, mas pronuncia-se a sede. Observam-se precauções asepticas e segue-se a massagem local. Os resultados d'este tratamento teem sido muito animadores.

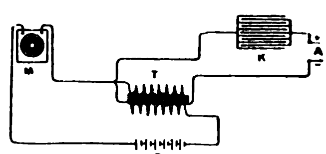
Germens—A vida nos astros

Visto que os biologistas não conseguiram provar caso algum de geração espontanea, um sabio extrangeiro inclina-se para a idéa de que toda a vida teve uma origem commum, e se espalhou por muitos mundos. A descoberta da pressão de luz acrescentou probalidades á panspermia, a qual ensina que os germens da vida são transportados pelo espaço interestellar. Á velocidade de 37 milhas por hora, um corpo levaria 150 annos em ir da Terra para Marte, e 70.000 milhões de annos em atravessar a distancia á mais proxima estrella fixa, mas com a pressão da radiação como agente de movimento, essas viajens poderiam ser reduzidas respectivamente a 20 dias e 9.000 annos.

Condensador falante

Um professor da universidade de Athenas, o sr. Argyropoulos, n'uma experiencia recente chamou a attenção do mundo scientifico sobre as propriedades dos condensadores falando ou cantando. Mostrou que um condensador, formado de folhas delgadas de estanho e de papel parafinado, podia constituir um excellente receptor telephonico.

A disposição da experiencia vê-se pelo schema que publicamos. *M* é um microphone intercalado no circuito das pilhas *B* e ligado ao primario do transformador *T*. O secundario do transformador liga-se por um lado a uma das armaduras do condensador *K*; e por outro lado (e é essa a parte mais original de experiencia) a um polo de um dynamo *A* de corrente continua. A segunda armadura do condensador liga-se ao segundo polo da machina. Leva-se até 250 volts a differença do potencial entre as duas armaduras, e o resultado obtido é



CONDENSADOR FALANTE

segundo parece, maravilhoso. A voz reproduz-se com perfeita clareza.

Esta experiencia poderia dar origem a applicações industriaes, principalmente para os apparelhos telephonicos, chamados de voz alta.

Ao Polo Sul em automovel

A 30 de julho devia partir para o polo antarctico o tenente inglez Shackleton. A base das suas operações está fixada na Terra do Rei Eduardo, o ponto mais oriental attingido pela expedição de 1901 a 1904. Este ponto está egualmente bem situado com respeito ao polo e tem a vantagem de ser territorio novo. Para o interior penetrará o explorador por tres distinctas expedições em trem, nas quaes será auxiliado pelo uso de um automovel especialmente construido para este fim. O carro tem condições para resistir ao frio extremo e será actuado por um liquido que não é prejudicado por baixas temperaturas. Tem tres differentes systemas de rodas para superficies de variada aspereza. Ha grandes esperanças no seu valor para a tracção, mas reconhece-se o seu emprego como uma experiencia, que não assegura ainda o exito da expedição. O uso de garranos da Siberia no Antarctico é tambem uma experiencia, mas a força e a resistencia, por elles manifestr ... na sua vida em liberdade na Siberia, durante o inverno, justificam excellentes esperanças.

A mina de ouro mais funda

Existe na Australia, na provincia de Victoria, e na região bem conhecida de Bendigo. Os poços d'esta exploração, chamada New Chum Railway, foram recentemente profundados até cerca de 1:300 metros, e ahi se encontrou quartzo fornecendo até uma onça por tonelada.

O «Grand Prix» do Automobile Club

A corrida realisada em Dieppe para o *grand prix* do Automobile Club de França, foi ganha pelo italiano Nazzaro, que é provavelmente o mais habil *chauffeur* do mundo, n'um carro Fiat. A extensão do percurso, com partida e chegada logo nos limites de Diegge, era de cerca de 47 1/2 milhas, e tinha de ser atravessado dez vezes, sommando uma distancia de 475 milhas, que Nazzaro venceu em 6 horas, 46 minutos e 33 segundos, sendo portanto a sua velocidade quasi 70 milhas por hora.



NAZZARO

Vencedor do «grand prix» do Automobile Club de França

Nazzaro ganhou pois successivamente o escudo Targo Florio, a taça do Kaiser, e o Grand Prix. O vencedor do Grand Prix no anno passado, Srisz, foi o segundo n'um automovel Renault.

Os olhos e as dores de cabeça

Baseando-se em cerca de 1:300 exames de olhos o dr. Toms sustenta que noventa por cento de todos os que soffrem de dôres de cabeça nervosas ou nevralgias, teem defeitos nos olhos. Mais de 600 dos examinados desconheciam absolutamente o seu defeito. Metade dos casos eram apenas de vista ligeiramente deficiente ou debilidade nos musculos oculares. Ao passo que havia complicações occasionaes, apenas 5 por cento dos doentes tinham outras perturbações percepitveis que poderiam intensificar ou a que em parte se poderiam attribuir as dôres de cabeça. Dos que ficaram aliviados 75 por cento não tiveram outro tratamento senão o uso de lentes adaptadas á sua vista ou tratamento apropriado ás suas anomalias musculares. Não ha relação apparente entre a intensidade da dôr e o grau do defeito ocular, e nada especialmente caracteristico, a não ser talvez a inconsciencia do paciente sobre a causa. Qualquer alteração na saude pode ser o primeiro factor estimulante em alguns doentes com consideraveis defeitos oculares que anteriormeufe os não incommodavam.

Vida na arte

O thesouro da imperatriz Eugenia

Ao cabo de vinte e oito annos de demanda, a Imperatriz Eugenia recuperou do governo francez um grande numero de preciosidades artisticas e archeologicas, que eram propriedade particular de Napoleão III. Incluem-se entre ellas os calices dos Bourbons e de Napoleão I. Uma das mais interessantes é o cofre de S. Luiz, descoberto em 1853 na egreja de Dammarieles-Lys, perto de Melun, contendo muitas reliquias de S. Luiz doadas por Filippe o Formoso á abbadia de Lys. Napoleão III fez presente d'elle ao Museu dos Soberanos. Notam-se

mais: um pequeno *bureau* de senhora, feito por Weisweiller, o qual pertenceu a Maria Antonieta e estava agora no Louvre; o chapeu e o casaco que Napoleão I usou na batalha de Friedland; um lindo retrato a pastel de Luiz XVII, do Petit Trianon; o relogio que reproduzimos, feito por Martin Carlin e que estava no Louvre; uns



RELOGIO DO SECULO XVIII

Pertence ao thesouro da imperatriz Eugenia

jaezes completos de cavallo, que pertenceram a Napoleão I e estavam no Museu do Exercito; uma caixa de musica, sobrepujada por uma nympha de marmore, attribuida a Michel, periodo de Luiz XVI, e existente no Louvre.

Uma estatua colossal, antiga

HA cerca de vinte annos que foi descoberta perto de Baiae, n'um sitio chamado «Le Stufe de Nerone» a estatua ultimamente comprada pelo governo italiano para o Museu Nacional de Napoles, estando provisoriamente exposta no Museu delle Termes de Roma. Representa um dos Dioscuros, os divinos Castor e Pollux adorados pelos romanos, padroeiros dos homens, especialmente dos que se arriscavam no mar.

A apparição das estrellas gemaes sobre os mastros (o Sant'Elmo de hoje em dia) era considerado indicio seguro de protecção. O mais extraordinario da descoberta é que, ao passo que os irmãos eram sempre representados juntos, este está sósinho, como guarda da formosa villa, que em tempos antigos cobria as encostas da collina de Tritoli, e que provavelmente pertencia a um opulento cidadão romano, Publio Octavio Lutatio Quintiliano, cujo nome está gravado nos tubos de chumbo que conduzem agua para os varios tanques.



ESTATUA COLLOSAL DE CASTOR

Descoberta em...

Novas preciosidades para um grande Museu

O Museu de South Kensington acaba de ser enriquecido com varios notaveis exemplares de architectura e de esculptura. Os mais preciosos são porventura os dois anjos em adoração, de marmore de Carrara, cujas fórmas graciosas e meigos rostos, são modelos da arte mais requintada e amavel da Renascença italiana.

São obra de Michelozzo Michelozzi (1391-1472) que foi discipulo e amigo do grande Donatello. Crê-se terem feito parte de um monumento encommendado em 1427 por Bartolomeu Aragazzi, o poeta que foi secretario e camarista do Papa Martinho V. As vicissitudes do monumento foram singularmente desgraçadas desde o inicio. Um antigo chronista relata ter-se encontrado uma carroça atolada no meio da estrada, com o carroceiro a praguejar contra o fallecido poeta, que deixara instrucções para transportar o monumento de Roma a Montepulciano.

Ainda depois de erigido na cathedral d'esta ultima, o monumento soffreu asperos revezes, porque na reedificação da cathedral desmontaram-n'o e nunca mais o reconstruiram. Alguns trechos truncados ainda permanecem na cathedral, e o Museu de South Kensington teve a fortuna de adquirir estas bellas figuras pela modica quantia de 500 libras.



ANJOS EM ADORAÇÃO

Adquiridos pelo Museu de South Kesington

SERÕES

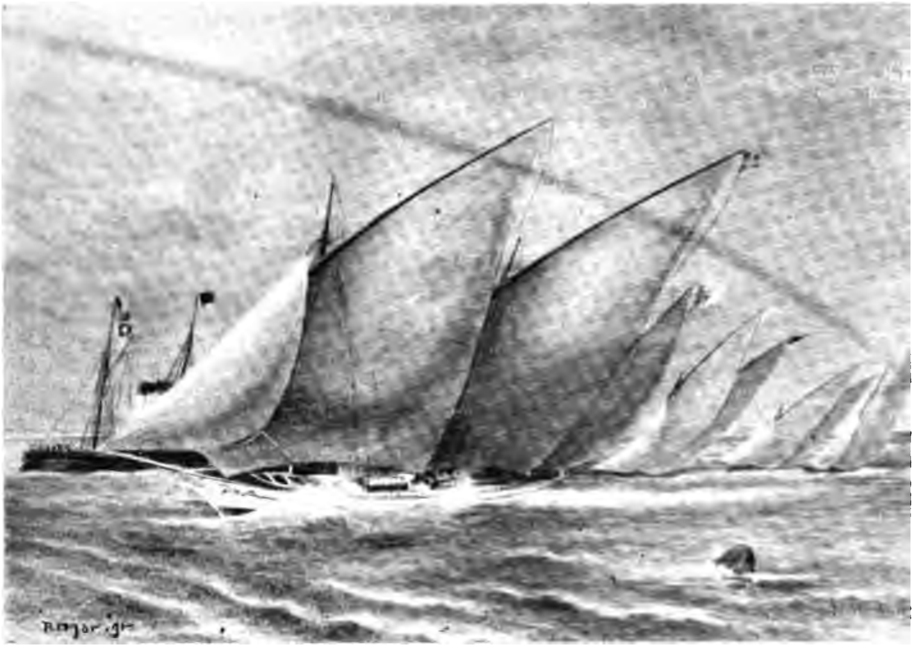


SETEMBRO 1907. Nº 27



VENEZIANAS

Quadro de Luke Fildes



OS CAHIQUES «SIRIUS», «MINA», «ALTAIR» E «NAUTILUS», EM REGATA

Sport nautico em Portugal

Pela sua extensa costa maritima e pela posição da sua capital sobre o estuario do Tejo, Portugal encontra-se n'uma posição privilegiada para os amadores do sport nautico. Se bem que não nos possamos comparar a outros paizes onde as marinhas de recreio tem tido grande desenvolvimento, o que não admitte duvida, é que o numero de Associações e Clubs Nauticos tem augmentado sempre assim como a tonelagem e o numero dos yachts n'elles registados.

Duas circumstancias se oppõem a que o sport nautico tenha entre nós grande desenvolvimento.

Em primeiro logar sendo um dos Sports mais caros é muito limitado o numero de individuos que a elle se podem dedicar n'um paiz pequeno e pobre.

Sem pretender imitar aquelles que enviam os seus yachts aos Estados Unidos correr a celebre «America Cup», como Lord Dunraven ou Sir Thomas Lipton, aos quaes cada regata custa centos de contos de réis, o mais modesto amador sabe perfeitamente que para ter um pequeno yacht, além do seu custo já elevado, as despezas com o panno, cabos, pinturas, reparações e pessoal representam sempre uns centos de mil réis.

Em segundo logar em Portugal não se constroem barcos de recreio propriamente ditos. As chalupas yawls, e embarcações d'uma certa tonelagem, até mesmo a maior parte das guigas e outriggers veem do estrangeiro, quasi sempre de Inglaterra.

A Real Associação Naval, a mais antiga das Associações de Sport Nautico não só de Portugal mas da Peninsula, foi fundada sob a protecção de El-Rei D. Pedro V e os seus estatutos approvados em 30 de abril



EL-REI D. LUIZ

de 1856, sendo ministro da marinha o Visconde de Athouguia.

A sua primeira assembleia geral realisou-se no Arsenal de Marinha presidindo o Infante D. Luiz e sendo eleito vice-presidente o Conde das Alcaçovas, um dos que mais concorreram para a fundação e importancia que a *Real Associação Naval* logo teve. E' actualmente commodoro da Associação Sua Magestade El-Rei D. Carlos e vice-commodoro Sua Alteza o sr. Infante D. Affonso. O sr. marquez do Fayal é vice-commodoro honorario e o sr. Guilherme Arnaud contra-commodoro.

A séde da Associação, a unica do seu genero, durante muitos annos, encontra-se actualmente na *Liga Naval*.

Até ha uns trinta annos os nossos yachts representavam um pouco mais aperfeiçoados os typos de barcos de pesca ou commercio costeiro.



PRINCIPE REAL D. LUIZ FILIPPE

Os maiores barcos de recreio, os cahiques tinham origem nos cahiques de pesca ou «picada» sobretudo n'estes ultimos, que se empregavam no commercio de peixe, tinham justa fama de serem muito velozes, e nos ultimos annos teem sido substituidos por canôas.



EL-REI D. CARLOS

Figuraram em muitas regatas, que tiveram logar nas bahias de Paço d'Arcos e Cascaes, o celebre *Pet*, o primeiro yacht de ferro que existiu em Portugal, o *Halcion*, o *Mina*, o *Raio* e mais tarde o *Altair* que contou muitas victorias.

El-Rei D. Luiz mandou construir, em 1877, no antigo telheiro das Galeotas Reaes, na Junqueira, o *Sirius*, que foi por muito tempo o melhor yacht portuguez.

Construido, sob a direcção do seu official ás ordens, sr. Carlos de Sousa Folque Possollo, capitão tenente, actualmente vice-almirante reformado, pelos habeis mestres Thomaz Antonio Gonçalves, então mestre dos carpinteiros de machado do Arsenal, e Diogo Jorge Batalha, demonstrador de construcções naval, da Escola Naval.

O *Sirius* mede 60 pés de comprimento, 12 na sua maior largura e 10 de pontal. Com vento fresco o seu andamento é de 10 milhas folgadas por hora.

Em fevereiro de 1880 esteve para correr na regata internacional de Ni-



INFANTE D. AFFONSO

ce o que não fez por chegar tarde, devido ao mau tempo.

Arribando a Marselha correu n'uma regata particular contra uma das melhores chalupas d'essa cidade, a *Eugenie*.



PALHABOTES «LIA» E «DINORAH»

A distancia percorrida foi de Marselha a Chateau d'If, umas 8 milhas, vencendo o *Sirius*, que regressou ao porto com uma dianteira de cerca de tres quartos de hora.



CHALUPA «TAGIDE»

Os jornaes francezes de sport, d'essa época, fizeram as mais elogiosas referencias ao *Sirius*, chegando os constructores de Marselha e Paris a detidamente examinar a construcção do *Sirius* quando elle esteve a limpar na doca de Marselha.

Ao *Sirius* seguiu-se a construcção do *Nautilus*, que crêmos está arrecadado no telheiro da Trafaria.

Entre os entendedores de sport nautico era considerado quasi axiomatico o principio, de que os bastardos eram as vellas que imprimiam maior velocidade ás embarcações, e as que as faziam cingir o vento em menor angulo. De facto, as chalupas que tinham até então vindo a Portugal nunca venciam os cahiques nas regatas e o palhabote *Surpreza*, de 33 toneladas, construido em Inglaterra em 1873 por Ratsey para o sr. Duque de Palmella, perdeu todas aquellas em que entrou.

A lenda de que os cahiques tinham melhores qualidades veleiras do que os barcos de panno latino, lenda que me parece dever datar do tempo em que as nossas caravellas investiam com o mar Tenebroso, desfez-se na primeira regata internacional



CHALUPA «LEANDER» REGATA INTERNACIONAL)

organisada pela *Real Associação Naval* que se realisou em 16 de outubro de 1880 no Tejo, entre Oeiras, Belem e Cacilhas. N'esta corrida tomaram parte os seguintes yachts: palhabote inglez *Cetonia,* yawl inglez *Gestrude,* cahiques *Sirius, Altair, Halcyon* e yawl *Orion.* Apesar do grande partido que o *Cetonia* dava aos outros yachts, devido á differença de tonelagem, ganhou com extrema facilidade.



CHALUPA «IDALIA»

Começavam todos a perceber as vantagens do panno latino, e adquiriram-se em Inglaterra varias chalupas e yawls que se tornaram notaveis pela sua velocidade nas regatas ou pelo conforto no *cruising.*

Tivemos a *Fleetwing,* do sr. Pery, e *Perola,* do sr. Arnaud, a primeira das quaes, ven-



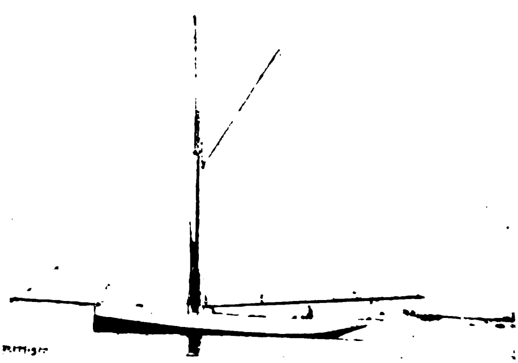
FIN-KEEL «NADEJDA»

cedora de muitas regatas, pertence hoje ao sr. Carlos Luz com o nome de *Estrella,* o *Orion* do sr. Abreu, e *Vega* do sr. Magalhães, optimos cruisérs, etc.

O panno dos cahiques era de difficil manobra e necessitava numerosa guarnição. O virar por davante é n'um cahique manobra arriscada, quando se tem de cambar a escota do traquete por cima do carro da verga grande, e muito mais quando tendo o panno rizado e a verga do traquete arriada pode o carro d'esta pegar na roda da prôa. O virar em roda com vento fresco, é tão perigoso, que em dias de nortada se combinava entre os donos dos yachts não praticar tal manobra. As carregadeiras cortavam o panno que nem sempre era facil ferrar, e o caturrar na vaga partia muita verga. Por todos estes motivos as chalupas e yachts que estavam sendo adquiridos em Inglaterra eram bem recebidos pelos amadores nauticos, que mais se divertiam nos passeios que davam ou no *cruising,* do que propriamente nas regatas. As vantagens do seu apparelho e a facilidade de manobra tornaram-se tão evidentes que os cahiques desappareceram de todo de entre os nossos yachts.

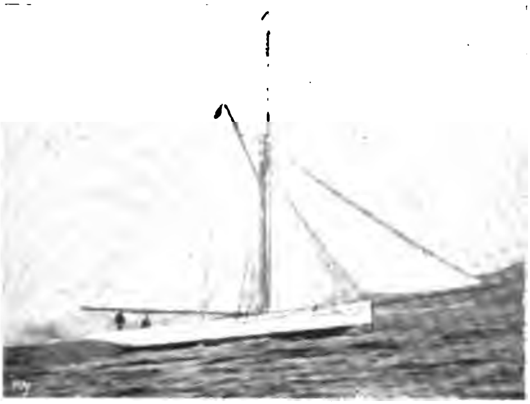
Continuaram a apparecer novos yachts: veiu a *Gwendoline* para o sr. Jorge Ferrão de Castello Branco, *Iris* para o sr. Walter Custance, *Corsair* para El-Rei D. Carlos, então Principe Real, *Aura* para o sr. Infante D. Affonso.

Por esta epocha tentou-se fazer construir barcos de recreio em Portugal. Muito se dedicou ao estudo das formas das cavernas e linhas d'agua o illustre official da armada José Nunes da Matta, que fez construir dois barcos, o *Galileo* e o *Kepler,* que, se não mostraram ter maior velocidade do que os outros yachts, vindos de



CHALUPA «HELENA»

Inglaterra, deram uma prova da dedicação d'aquelle official ao estudo da Architectura Naval, cujo curso estava seguindo. Mais tarde construiu-se no Algarve o yacht *Alvor*, que tambem não fez brilhante figura nas regatas em que entrou, o que não nos deve admirar por isso que em Inglaterra saem todos os annos dos estaleiros centenares de yachts, cada um dos quaes entra em muitas corridas onde se lhes descobrem os defeitos e qualidades que servem de ensinamento a novas construcções.



CHALUPA «DIANA»

Sem ter estaleiros apropriados, dirigidos por um pessoal especialista n'este genero de construcções e não havendo muitas regatas onde se reconheçam as qualidades nauticas dos novos yachts, não é possivel obter barcos comparaveis aos que se podem adquirir no estrangeiro.

Um genero de regatas que sempre despertam muito interesse são as *Corinthian races*. N'estas corridas os barcos são exclusivamente tripulados por amadores. Tivemos em 8 de outubro de 1893 na bahia de Cascaes uma das mais interessantes regatas d'este genero. Tomaram parte os yachts de 1.ª classe *Lia, Vega, Mina* e *Helena* Governou o *Lia*, Sua Magestade El-Rei D. Carlos, e foi este o primeiro barco a chegar á balisa mas a regata foi ganha pela chalupa *Vega*, governada pelo sr. José Ribeiro da Cunha que recebia grande partido de *Lia* por causa da differença de tonelagem.



CHALUPA «VIVANDIÈRE»

No dia 15 de maio de 1898 realisou-se na bahia de Cascaes a primeira das regatas internacionaes que faziam parte do programma das festas do centenario do descobrimento da India, regatas promovidas pela *Real Associação Naval* e *Real Club Naval*. O premio, uma linda taça de prata, *Taça Vasco*

da Gama, foi ganho pelo yawl *Cariad,* de Lord Dunraven, que corria com o *Lia.* Este ultimo barco de formas antiquadas, não tinha probabilidade alguma de vencer e apenas tomou parte na regata para que ella se fizesse.



PALHABOTE «MARIS STELLA» (BARCO DE SUA MAGESTADE A RAINHA)

Em 21 de maio de 1901 realisou-se a segunda corrida da *Taça Vasco da Gama,* vindo a Lisboa correr o yawl *Leander,* de R. Guinéss, o qual ficou vencedor na regata em que tomou parte com o *Lia* e a *Tagide.*

As regatas internacionaes nos Estados-Unidos teem concorrido enormemente para o aperfeiçoamento da Construcção Naval, sobretudo no que diz respeito a barcos de regata. Os melhores e mais notaveis architectos navaes inglezes da especialidade, taes como Fife e Watson, assim como o seu collega americano Herrshoff, dedicaram todo o seu saber ao aperfeiçoamento dos differentes typos de barcos de regata, e é curioso ver como os antigos yachts de corrida americanos, com muita boca e pouco pontal, e os typos inglezes, com muito pontal e pouca boca, se foram approximando até chegar a confundir-se. Os notaveis progressos da Architectura Naval e a substituição da antiga formula de archeação, adoptada pelo *Royal Thames Yacht Club,* em que só se consideravam a boca e o comprimento. pela formula do *Yacht Rucing Association,* em que se mede o comprimento na linha de agua e a superficie de panno, deram logar a



HIATE AMELIA BARCO D'EL-REI)

construirem-se barcos de corridas com qualidades de manobra e de velocidade extraordinarias.

Correndo com estes barcos modernos, o *Lia* não teve nem podia ter probabilidades de vencer nas regatas internacionaes em que entrou, e o mesmo aconteceu aos yachts de menor tonelagem quando correram com a moderna *Idalia*, do sr. Hugo O'Neill, ou com a *Nadejda*, de S. M. El-Rei, a qual só perdeu uma regata das muitas em que entrou e essa mesma perdeu-se por estar o mastro então fóra do seu logar.

A *Nadejda* é um «fin-Keel» de 24 pés que correu em varias regatas interessantes com os bulb-keels do mesmo comprimento, *Geisha*, *Naiade* e *Laura*.



A CHALUPA «HELENA» NA REGATA DE 1902 (INSTANTANEO D'EL-REI)

Ao barlaventar para a balisa, faltou-lhe o «estay» do «gaff-top» e partiu-se o mastro por baixo do «calces»

Em 10 de setembro de 1902 teve logar a primeira das interessantes regatas annuaes entre Leixões e Lisboa.

Ao partir de Leixões sobreveiu mau tempo e os yachts tiveram de arribar, com excepção do *Lia*, que ficou vencedor, tendo percorrido a distancia de Leixões a Cascaes em 48 horas e 30 minutos.

Tomaram parte n'esta corrida além do *Lia*, os seguintes yachts: *Dinorah*, do sr. Castro Guimarães; *Vivandière*, do sr. Luiz O'Neill; *Diana*, do sr. Roberto Talone da Costa e Silva; *Zephyr*, do sr. Feuerheerd; *Helena*, do sr. Norton.

Em 16 de agosto de 1903 tornou a realisar-se esta corrida tomando n'ella parte os yachts: *Lia*, *Dinorah*, *Diana*, *Iris* e *Zephyr*. Venceu o *Lia*, que fez o percurso de Leixões a Cascaes em 19 horas e 7 minutos.

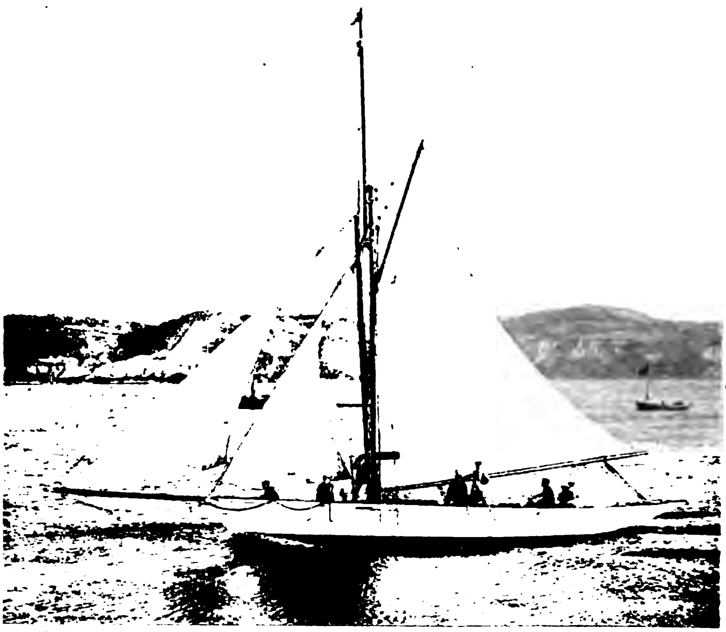
A regata de 1904 foi egualmente ganha pelo *Lia*, o qual tendo ficado tres vezes vencedor teve direito ao premio.

De Lisboa a Setubal teve logar uma regata ha dois annos que foi disputada entre os palhabotes *Elisa* e *Dinorah*, ficando o primeiro vencedor.

Tendo sido condemnado o *Lia*, Suas Magestades adquiriram ha dois annos o palhabote de 118 toneladas e 85 pés de comprido. *Maris-Stella* (ex-*Sunshine*), construido em 1901 por W. Fife e Son, barco moderno e sem duvida o melhor yacht de vela que iça a bandeira portugueza. Para apreciar os enormes progressos da architectura naval, bastará dizer que tendo o *Maris-Stella* o mesmo comprimento e approximadamente a mesma tonelagem do *Lia*, o primeiro vira de bordo em pouco mais de 20 segundos e

o *Lia* nunca conseguiu fazer essa manobra em menos de 90. Na regata que ha dois annos se realisou em Cascaes, entre as duas balisas da ponta da Rana e Cabeça do Pato, registou-se a bordo do *Maris-Stella* a velocidade media correspondente a 13,6.

Dos yachts de menor tonelagem, as canôas constituem um typo de embarcação perfeitamente nacional, e como teem pequenas dimensões não se fazem n'ellas sentir em tão grande escala os inconvenientes do panno bastardo em que fallamos tratando dos cahiques.



CHALUPA «MARIA LUIZA»



OS VENCEDORES DO CAMPEONATO DA «TAÇA DE LISBOA»

Jorge Ferro — Rogerio d'Almeida — Henrique Bastos — Penaguião — Xavier de Brito

As regatas das canôas são sempre muito interessantes não só por serem barcos proximamente das mesmas dimensões, mas tambem porque sendo o seu custo relativamente pouco elevado é frequente tomarem parte nas corridas embarcações novas, cujas qualidades nauticas se não conhecem, o que faz despertar a curiosidade dos amadores.

Fallando no yachting de vela portuguez mal nos iria se esquecessemos o nome de dois açorianos em quem se traduziu o muito gosto que n'aquellas ilhas ha por este sport.

Referimo-nos ao Barão de Fonte Bella,



CHALUPA «ESTRELLA»

que durante muitos annos foi proprietario do nosso maior e melhor yacht, o palhabote *Aquila*, e ao Conde da Silvã, que n'uma pequenissima chalupa, de formas originaes, chamada *Perola*, fez a travessia de S. Miguel para Lisboa.

No dia 11 de agosto de 1905, durante a permanencia em Lagos das esquadras Inglezas de manobras, teve logar uma regata entre os escaleres dos navios das mesmas esquadras, na qual tomaram parte mais de cem embarcações, entre lanchas, escaleres, balieiras e canôas.

Ficou vencedora uma balieira do *Prince George*, timonada pelo tenente Jackson. O premio, que constou d'uma linda taça de prata, offerecida por El-Rei D. Carlos, foi entregue ao tenente Jackson por Sua Magestade a bordo do navio almirante *King Eduardo VII*.

Estas regatas de escaleres constituem um divertimento para os officiaes e praças, e teem grande utilidade porque são uma optima escola para as guarnições se adestrarem na manobra.

Os escaleres são sempre timonados por officiaes ou aspirantes, concorrendo os primeiros com dois shillings e os segundos com um para o premio.

O anno passado em Lagos correram mais de duzentas embarcações, sendo o primeiro premio de dez libras.

O yachting a vapor, muito mais dispendioso de que o de vela, só pode florescer em paizes onde se encontram grandes fortunas, como os Estados Unidos ou Inglaterra. Sua Magestade El-Rei tem tido cinco yachts a vapor, sem contar o pequeno vapor *Dragão*, que pertenceu a El-Rei D. Luiz.

O actual yacht *Amelia*, pertencente a Sua Magestade, foi adquirido em Inglaterra onde tinha o nome de *Banshee*. Foi construido em 1900 por Ramage and Ferguson, mede $70^{m},1$ entre perpendiculares e desloca 1.370 toneladas. Duas machinas com a força de 1.800 cavallos imprimem-lhe uma marcha de 14 milhas por hora. Tem todos os aperfeiçoamentos que modernamente se adoptam n'estes barcos, taes como caloriferos, luz electrica, ventoinhas electricas, encanamentos de agua fria e quente, doce e salgada, etc.

Alem do *Amelia*, possue El-Rei o pequeno yacht a vapor *Sado*, de 56 toneladas, construido em Inglaterra por Forrestt & Sons em 1898. E' um elegante yacht no seu genero e o seu pequeno calado d'agua permitte-lhe subir os nossos rios Tejo, Sado e Guadiana e entrar em todos os portos do Algarve.

Tivemos o yacht a vapor *Và-Inhá*, de 200 toneladas, pertencente ao commendador Jacintho d'Almeida, de S. Thomé, fallecido



GAZOLINO «SALVÉ»

Visconde de Malanza, e o pequeno vapor *Dhalia,* de que era proprietario o sr. Neto de Faro, vapor que mais tarde se tornou notavel por pertencer ao celebre Lebaudy, Imperador de Sahara.

O sr. Duarte Holbeche foi proprietario do yacht a vapor *Gabriella* e adquiriu ultimamente o *Skipjack* de 89 toneladas.

E' um yacht a vapor medindo 84 pés de comprido e 15,5 de boca, construido em 1898 em Inglaterra por W. H. Potter & Sons.

O sr. Miguel da Paxinta adquiriu ultimamente o yacht a vapor *Elisa*, de 61 toneladas, em troca do palhabote do mesmo nome, yacht em que acaba de visitar os principaes portos do Mediterraneo.

O *Elisa* mede 74,5 pés de comprido e 3,7 de bocca.

Com o desenvolvimento da applicação das machinas de explosão a pequenas embarcações, constituindo o que ordinariamente se chamam barcos automoveis, o sport nautico, constituido por barcos com propulsão mechanica, tem tido grande incremento.

Para a regata do dia 29 do corrente estão inscriptos dezoito d'esses barcos. Das corridas é certamente a que mais enthusiasmo está despertando entre os sportmen.

Sua Magestade El-Rei é proprietario d'um barco de caça, *Usona*, movido por um motor d'explosão Lozier de 10 cavallos; os srs. Condes de Jimenes y Molina, Manuel de Castro Guimarães, Fernando Anjos, Mariano Cardoso, Alfredo Black, Jorge Norton e outros, possuem embarcações d'este systema que constantemente faz progresso acompanhando os motores dos automoveis que são muito semelhantes.



HIATE «SKIPJACK»



BALEEIRA «ANDORINHA»

O *Club Naval Madeirense*, fundado em 1901 por um grupo de Madeirenses, tem promovido e tomado parte em muitas regatas, distinguindo-se principalmente nas regatas de remos.

E' proprietario d'uma chalupa escola, *Zarco,* e em 1905 construiu na doca de Santo Amaro um bom barracão onde guarda as suas embarcações de remos.

E' commodoro do Club o sr. tenente coronel Alexandre Sarsfield e vice-commodoro o sr. visconde da Ribeira Brava.

Desde 1902 até hoje tem o *Club Naval Madeirense* tomado parte em todas as regatas de remos realisadas em Lisboa e proximidades, em competencia com todos os clubs de sport nautico da capital.

De 26 corridas que tem disputado conta 18 victorias. Ganhou em 1905 e 1906 as regatas de Campeonato da *Taça de Lisboa,* e, faltava-lhe só a ultima corrida, já realisada em maio d'este anno, para ser a possuidora d'ella, mas como foi vencido pelo *Real Club Naval,* de Lisboa, novamente tem que a disputar em varias corridas.

O *Real Club Naval,* de Lisboa, fundado em 1892, é dos clubs nauticos o unico que possue séde propria, situada defronte do Caes da Viscondessa, em Santos. E' o club que conta maior numero de socios e onde estão registados os principaes barcos de recreio.

E' commodoro do club Sua Magestade

El-Rei; vices-commodoros, Suas Altezas o Principe Real e o senhor Infante D. Affonso; contra commodoros os srs. Manuel de Castro Guimarães, Duarte Alexandre Holbeche, Carlos Duarte Luz e Henry Bucknall.

Com a victoria obtida pela sua guiga *Celeste* entrou brilhantemente na sua nova phase o *Real Club Naval.*



G. PINTO BASTO

Em 9 de junho, 7 e 21 de julho, organisou tres festas que tiveram successo.

A primeira foi a regata de barcos de remos, realisada em Azambuja, cujo exito foi completo.

Correram os seguintes: *D. Carlos, D. Amelia, Branca, Mondego, Alice* e *Ave.*

Raras vezes temos assistido a uma festa sportiva tão enthusiastica.

O local escolhido é dos melhores que conhecemos para esse genero de regatas, e, se tivessemos voto na materia proporiamos para de futuro todas as corridas de remos se realisarem no mesmo local.



JAYME THOMPSON

A segunda festa constou do passeio official dos yachts de vela registados n'esse club, sendo o itenerario de Junqueira a S. Julião da Barra e volta.



D. JOSÉ DE NORONHA

N'esse passeio tomaram parte o magnifico palhabote *Dinorah,* do sr. Manuel de Castro Guimarães, contra-commodoro do Club, sob cujo commando manobraram os seguintes barcos: *Vivandière,* do sr. Luiz O'Neill; *Maria Luiza,* do sr. José Libanio Ribeiro da Silva; *Palmira,* do sr. Mario Allen; *Quenie,* do sr. Wintermantel; *Fatinitza,* do sr. Wimmer; *Gaivota,* dos srs. Mario Lage e Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro; *Andorinha,* do sr. Jayme Thompson; *Emilia,* do sr. Bernardino dos Santos; *Luciana,* do sr. Henrique Rolim; *Nilo,* do sr. Hopfer; *Sirène,* do sr. Stuart Torrie, e *Espadarte,* do sr. Luiz Worm.

Não menos animado e interessante foi o passeio da flotilha d'embarcações de remos a que se associaram a *Real Associação Naval* e o *Club Naval Madeirense.*

O itenerario foi da séde do Club, em Santos, a Algés e vice-versa, tomando parte no passeio as guigas *Gabriella,* que navegava á frente, seguindo-se-lhe em linha, em serie de tres, a *Idalia, D. Affonso* e *Celeste; Mary, D. Maria Pia* e *Aida; Eleonora, Insula* e *Alice; D. Carlos, D. Amelia* e *Mondego.*



JOÃO BERGARO

A grande regata na bahia de Cascaes, organisada por importantes elementos do club, para solemnisar o regresso de Sua Alteza o Principe Real, é a chave d'oiro com que o *Real Club Naval* encerra as suas magnificas festas d'este anno.

A commissão promotora da regata é composta dos srs. Jayme Thompson, João Bregaro, Guilherme Pinto Basto, D. José de Noronha e Paulo Henrique Rolim, todos muito conhecidos no nosso meio sportivo.



PAULO H. ROLIM

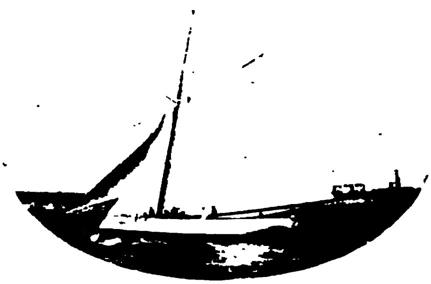
Além de 18 barcos automoveis e as mais importantes canôas de picada, guigas de varios clubs e escaleres da armada, correrão no dia 29 d'este mez os seguintes yachts: *Maris Stella, Dinorah, Vivandière Maria Luiza, Palmira, Estrella, Andorinha, Iris, Fatinitza, Galatéa, Emilia, Desdemona, Espadarte, Luciana, Fidalga, Alforreca, Catharina, Funchalinho, Maria do Carmo, Fly, Athleta,* etc.

Para a regata se revestir de todo o brilhantismo dignou-se acceitar a presidencia honoraria do jury, Sua Alteza o Senhor Infante D. Affonso.

Além dos promotores da regata, os outros membros do jury são os srs. Pedro Franco, Virgilio Costa, Alvaro Gaia, Visconde da Ribeira Brava, José Bernardino, Augusto Pinto Basto, Emilio Burnay, Pedro Navarro, Augusto Moniz, Carlos Dias Costa, Justino d'Oliveira, João Gomes Vieira, João Machado, Manuel da Costa Vasques, Julio Freire da Fonseca, João Cesario Pereira, Luiz Esteves dos Reis e Guilherme Salgado, representantes de varios clubs.

O sr. A. Thompson, de Londres, considerado o primeiro *handicaper* do mundo, foi quem fez os calculos dos abonos dos yachts grandes.

Para a magnifica festa nautica offereceram lindos premios, Suas Magestades e as mais importantes senhoras da sociedade elegante.



CHALUPA «ORION»

AMOR DE PERDIÇÃO

Qual douda borboleta esvoaçando
Sobre um antigo candelabro ardente,
Tuas azas de pomba vás queimando
No fogo d'um amôr que sempre mente.

E nasceste feliz, em ninho brando,
N'uma tarde d'abril, ao sol poente,
A' hora em que os poetas vão cantando
Serenata amorosa mui dolente!

Antes fôsses acúleo d'uma rosa,
Ou verde cardo á beira d'um caminho.
Tua vida seria proveitosa!...

O cardo serve, embora pobresinho,
E o acúleo defende a flôr mimosa
Contra o verme que seja mais damninho.

Mario Florival.

Oliveira Martins

A obra immensa e complexa do historiador portuguez — Como a critica e a Arte a tem comprehendido — A allegoria de Teixeira Lopes — A evolução accidentada d'um pensador: o democrata socialista de Santa Eufemia e o crente e cesarista dos ultimos annos — Uma intensa vida de labôr: o recolhimento de Aguas-Ferreas, como o descreve Ramalho Ortigão — A romagem historica e clarividente d'um alto espirito pela antiguidade: as paginas da «Historia da Republica Romana» — Um capitulo que levou quarenta horas de trabalho — A vida politica, intellectual, patricia e dissoluta de Roma e a sua actualisação — O retratista-psychologo: o perfil de Cesar e a morte de Catão — O politico: o germanista á Mommsen — A hallucinação historica de Oliveira Martins: do inicio da monarchia até ao libello do «Portugal Contemporaneo» — A chronica dos de Aviz: os «Filhos de D. João I» e a «Vida do Condestabre» — A figura incompleta do «Principe Perfeito» e a ultima visão historica de Oliveira Martins — O catão de Utica e o Catão de Branc'Annes — Uma carta inédita de Oliveira Martins.

HA já tempos, n'uma visita leal aos Prazeres a vêr se os goivos floresciam mimosos n'uns palmos de raza e escura gleba, que recolhem cinzas de amigo dilecto, deparei n'uma volta do Campo Santo com uma figura de mulher, simples e veneranda, a viuvez bem recolhida em amplas e humildes roupagens, de faces melancholicas esmaecidas, brotando-lhe dos olhos tristes lagrimas, como dizendo a quem passa, ao vento e á tempestade, ás estrellas e aos homens, n'aquellas solidões silenciosas, uma grande saudade numa sentida e clamorosa Dôr...

Erguêra-a alli uma imaginação maguada de estatuario, mestre de execução — assim tão humanamente sincera e desataviada na tristura, como allegoria simples e soluçante da Historia — uma Historia rendida de queixume, a velar a memoria d'uma das creaturas de mais estrema e completa actividade e de mais fecunda e radiosa intelligencia, que tem produzido seios de mães portuguezas.

As cinzas do historiador estão ainda quentes. Como succede a todos aquelles que muito combateram e produziram, depois que em torno serenou a critica e a paixão perante o silencio da morte, uma luz pura enche os espaços, e começa de brilhar a Verdade, batendo em cheio na fronte alada dos que já não são. Cala-se o odio, emmudece a calumnia, e á mente limpida chega apenas o echo da obra immorredoura e sã — como o clamôr ultimo do germano da lenda, que deposita o escudo no tronco da floresta divina, envia sempre e sempre a Siegfrêdo a derradeira ballada de sua alma forte...

A obra tão caracterisada e ampla de *Oliveira Martins* é a sua segunda vida. Esforço enorme d'um cerebro poderoso, refrangendo toda a intensidade intellectual e impetuoso sentimentalismo do artifice, a elaboração do chronista insigne assignala vo-

lume a volume, pagina a pagina, toda a emotividade, raciocinio e até caracter do homem que tanto sentiu e pensou. Refaz-se a curva accidentada da sua existencia e todo o idealismo do homem e escriptor transpa-



OLIVEIPA MARTINS

rece e palpita, cerzindo as phases de evolução do seu espirito, desde os dias revoltados e tão crédulos do democrata avançado até ao mysticismo transcendente das ultimas horas. Longe é o inicio, a quadra, talvez, de mais rubro e moço enthusiasmo da sua vida, a camaradagem intensa de alma e coração com Fontana e Anthero, o sublime idealista cujo viver *Oliveira Martins* une tão elevadamente ao seu, n'uma alma unica, «misturando invariavelmente as nossas breves alegrias, muitas vezes as nossas lagrimas, sempre as nossas dôres e os nossos enthusiasmos, ou o nosso desalento». São os dias apostolicos na administração das minas de Santa Eufemia, em terras de Hespanha, no contacto modesto e exemplar com a miseria proletaria, a angustia negra do trabalhador subterraneo, massa de gente infeliz para quem *Oliveira Martins* foi tantas vezes dedicado e simples enfermeiro, mestre e amigo.

Tinha, ao tempo *Oliveira Martins* vinte e cinco annos; era um rapaz cheio de enthusiasmo ardente, a alma incendiada na leitura dos livros de mais avançada renovação, recolhendo em seu animo de revoltado toda a inspiração dos ideaes extremos d'além-fronteira — elle tambem da phalange de Karl Marx e admirador da «Internacional», praticando sempre, nos moldes do funccionalismo, uma inflexivel obediencia ás formulas inquebrantaveis d'um espirito recto e simples. Se um dia, a natureza rude d'um subordinado se erguia n'um impeto de indisciplina ou ultrage, *Oliveira Martins* não lançava mão do azorrague, mas sim com bondoso intento, com prédicas e conselhos apla-

cava e algumas vezes — contam-no testemunhas — até ás lagrimas, o desvairamento do proletario. Aquelle homem sentia em si como que um furôr laborioso, activo e creador, que o havia de estimular ao ponto de consumir sua existencia em intuitos da mais elevada architectura mental, e que no intimo lhe inspirava, na orientação das idéas generosas do seculo, um culto e veneração especiaes por todos os que caminham e luctam na vida por sua forte e digna iniciativa de trabalho.

Assim sentiu e pensou *Oliveira Martins* em Santa Eufemia, depois na Povoa, em que a sua penna teve ensejo de traçar com dignidade energica o *Requerimento dos poveiros*, grito angustioso da pobre gente maritima, como antes em terras de Hespanha elaborara a *Theoria do Socialismo* na sincera convivencia dos proletarios mineiros.

Vem depois os tempos decorridos no fecundo e suave remanso da habitação das Aguas-Ferreas, casa encantadora — lembra Ramalho Ortigão em trecho sonoro das *Farpas* — com um gabinete de trabalho recheado de livros, de moveis artisticos, de *bibelots*, ao lado da casa de jantar, rindo atravez das gelosias verdes para o velho jardim musgôso, florido de rosas-chá, com uma gruta de teixos aparados á thesoura á moda do seculo XVII e uma fonte de granito em que a agua, com uma melodia de claustro, corria no tanque sahindo pela bocca de um golphinho.

É, porventura, este o periodo de mais intensa actividade, alli, no retiro delicioso e isolado, diz Eça de Queiros, em baixo em silencio propicio a bibliotheca, onde o Benedictino escreveu seus fortes livros — actividade mais e mais accelerada em seus intuitos, marcando a evolução d'um espirito, que caminhava sem descanço para uma perfectibilidade. Como quem se apresta á observação externa e mais difficil analyse intima do viver historico dos homens, quasi não punha limites a seu plano e investigação, registando as primeiras obras do escriptor os passos successivos d'uma erudição crescente. A primitividade, as formulas mal definidas e talvez theoricas do mais recuado viver social interessam-no e merecem-lhe estudo; acha util o conhecimento de todas as manifestações da convivencia dos homens, a prehistoria e a civilisação incipiente, a era da pedra polida e a era do bronze, o anthropoide e o troglodita, todos os aspectos dispersos da excavação ethnographica e paleontologica, ainda as civilisações orientaes e os barbaros, e, n'um aspecto mais cingido, a evolução sentimental do ideal religioso, do animismo á mythologia christã, desde o primeiro e mais rude feitiço até á mais aperfeiçoada demonologia moderna.

Já bastante lera e assimilara, achava força no espirito, e intelligencia bem consistente e decidida á romagem longa pelas edades historicas. O critico tão discutido ia erguer bem original o seu vasto e fundo emprehendimento, n'um esforço alto e orgulhoso de analyse e composição da chronica passada.

Julgando-o por suas obras — que outro juizo nos não é facultado — aquelle peninsular de alma impetuosa e ardente, era incapaz d'uma analyse fria, imparcial e serena; uma vez colhida em longas e tenazes horas de trabalho a documentação rigida dos factos, ei-lo que se abstrahia e tornava do cálamo; e em transes bem sentidos de imaginação afogueada, percorria um episodio, uma scena ou um seculo, em passadas de intenso dramatismo, e na ribalta entre clarões fieis de descripção, fazia surgir os personagens da tragedia humana, clamando suas alegrias ou vertendo suas lagrimas, rindo ou soluçando, heroes ou traidores, santos ou revoltados, reis ou plebeus, mulheres dignas ou barregãs — desde o mais puro até ao mais acanalhado, todos os que gritaram uma idéa ou encheram uma epocha de perversidade ou gloria. Principalmente este dom poderoso e caracteristico da *revivescencia* de phisionomias, caracteres, perfis physicos, ou funda escalpelisação do moral, era tão forte, intenso e elevado em *Oliveira Martins*, que por vezes, na verdade, tão precisa e humana é a perspectiva historica construida pelo chronista, que uma suggestão se apodera naturalmente de quem lê, arrebatando-nos a mente e a vista para onde a pena maravilhosa do escriptor nos quiz transportar.

D'uma vez — e foi uma das suas mais felizes télas-psychicas — *Oliveira Martins* traçando o perfil da austera e culminante intellectualidade, que foi Herculano, aponta e combina em pincelladas magistraes toda a evolução mental e psychologica do homem, cuja alma superior incendiada em *paixão* amarga e feita de despeito respeitavel e te-

dio incommensuravel dos homens e das coisas, se albergava em arido estoicismo nos annos mais pensados da vida, por fim levada a espairecer em voluntario e grato exilio no recolhimento pacifico dos olivêdos de Valle de Lobos. *Oliveira Martins* não foi menos um *apaixonado*. Elle nunca poude, ainda nas mais singelas observações do passado, manter sereno seu espirito, dominar os impetos do temperamento — antes e sempre sentiu e vibrou, teve enthusiasmos e coleras, dôres e alegrias, odiou, soffrêu e amou, e nunca o espirito clarividente e generoso ha annos ou de ha seculos, daguerreotypando por egual, com extraordinaria retentiva, a physionomia e o intimo dos personagens, o physico minucioso, os habitos e as crenças, os sentimentos, doutrinas e idéas.

Foi assim que n'uma elevada inspiração d'um forte culto pela antiguidade e na companhia nobre de Theodoro Mommsen, *Oliveira Martins* viveu, de Romulo a Octavio Augusto, toda a existencia do povo de Roma, contemplando seus grandes desalentos e os seus mais retumbantes triumphos: em Carthago, quando Régulo batia ás portas da



GABINETE DE TRABALHO DE OLIVEIRA MARTINS

do historiador aqueceu e deu corpo e alma ás cinzas d'uma cavalheiresca e digna figura dos tempos idos sem abafar um grito de enthusiasmo e recolher uma lagrima de saudade d'esses annos e d'esses homens, bem menos convencionaes e bem menos fingidos.

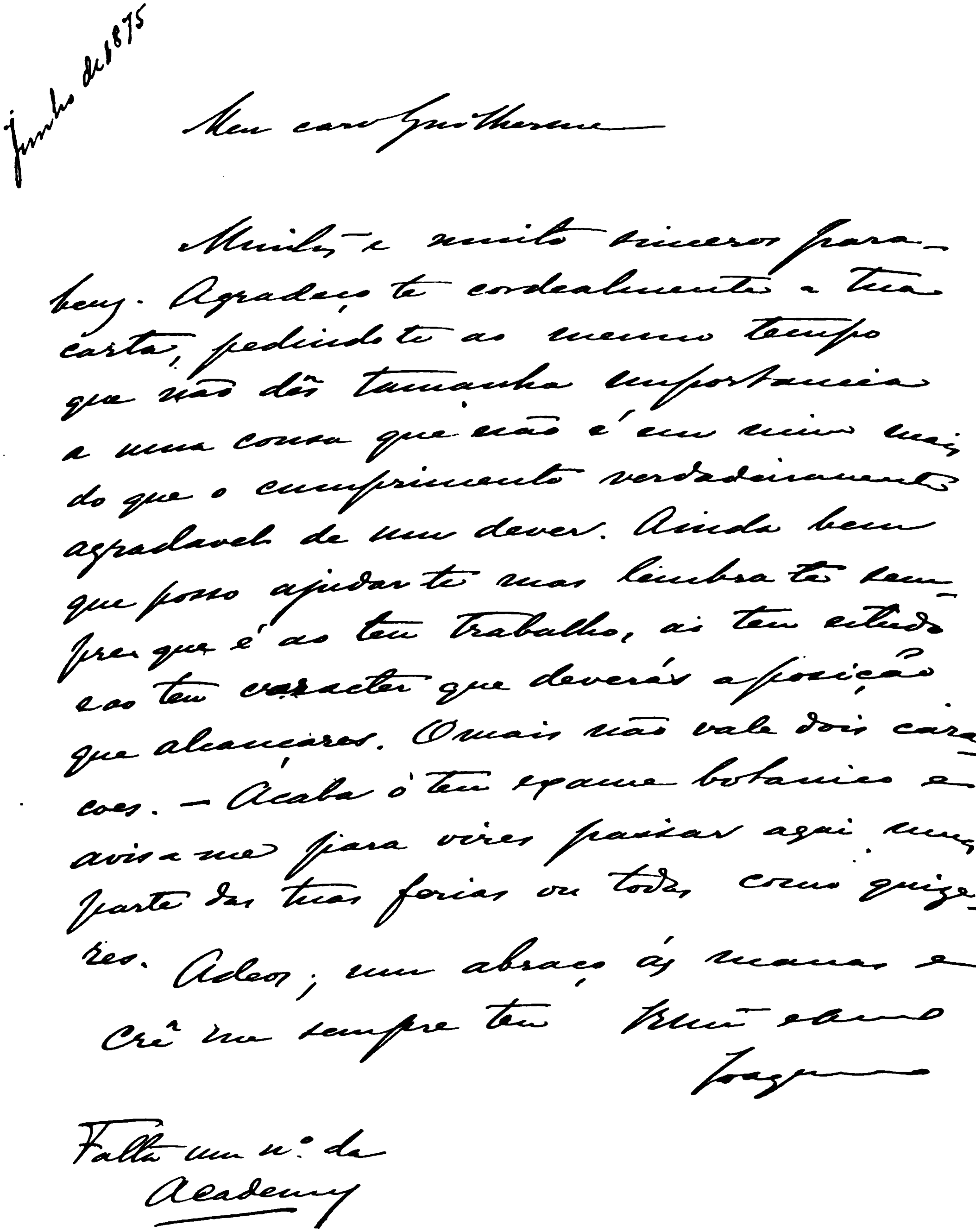
N'uma atmosphera toda de luz, por entre tonalidades bruscas e infinitamente graduadas de colorido intenso, a perspicacia do historiador rasga de alto a baixo o veu do occulto, e patenteia sem desvirtuamento o scenario e movimentação d'uma batalha ou d'um grande acontecimento, de hontem, de cidade punica, confundindo-se na populaça, por entre a massa dos mercenarios, á hora amarga do receio, em que pendiam colchas negras das ameias e das torres das muralhas, as meretrizes clamavam no templo de Tanit, em torno do qual scismavam bandos de cegonhas sacrosantas; em Zama, no tropel immenso e variado da batalha, alistado na hoste varrida de Carthago; nas ruas de Roma, no dia magnificente do triumpho de Paulo Emilio (quarenta horas de trabalho intensissimo a chavenas de café, diz Eça de Queiroz, custou a *Oliveira*

Martins tal triumpho), entre a multidão branca togada de lã, vendo desfilar em tres dias successivos todo um grandioso aspecto e scenario da vida ovante da cidade eterna, desde os velhos senadores de tunica lacticlavia branca e listrada de purpura, até ao espectaculo doloroso de Perseu, o triste rei vencido, derramando entre esgares loucos lagrimas amargas, e até á vista solemne do triumphador, vermelho no manto de purpura e nas faces pintadas a minio, como as dos deuses — Memento Roma! — ; nos tempos agitados da tyrannia, de Mario, o plebeu, e de Sylla, o fidalgote devasso e arruaceiro, de tez effeminada e costumes grêgos e dissolutos; nos annos ambiciosos de Pompeu, o magnifico e vaidoso, de Cicero, o rhetorico excelso e politico ordeiro, de Verres, o gatuno audacioso que saqueou o Parthenon e os templos da Grecia, de Catilina, rei da mocidade aurea e sicario de Sylla, vivendo os fastos decadentes do epicurismo delirante de Roma, na intimidade de Lepido, do actor Esopo e de Marco Crasso, os ricaços que compravam e endoideciam o povo com festas; respirando o aroma dos lyrios, rosas e violêtas dos jardins e a sumptuosidade das ceias de Lucculo; vendo passar, em dias calmosos de estio, nas thermas de Napoles, e ás tardes na via Sacra as *preciosas*, esplendida e impudicamente vestidas, a chronica escandalosa e viva de Dolabella, Catilina, Clodio, Curio, Celio, Cesar e Milo, e contemplando, em noites de luar, do terraço da vivenda do poeta Horacio, a divagar pela campina alva de ossadas, a figura enlutada, pallida e ululante da feiticeira Canidia...

O historiador, que assim tão familiarmente transitára pela realidade extrema da antiguidade tem sempre um forte estimulo de passionismo, que imprime aos factos, construindo-os com extranho colorido, e com que animava os homens n'um gesto impulsivo, á Michelet, plenos de seiva ardente, sentimentos e idéas. A espaços, o chronista como que acorda, olha em torno de si e então, n'uma bem caracteristica ironia, confronta e actualisa, para melhor commentario, os personagens em fóco: Cicero ora é Garrett ou Chateaubriand, ora Thiers ou Rodrigues de Freitas; Roma, em dias sanguinarios de tyrannia, recorda-lhe Paris, centro de agitações demagogicas, na epocha tormentosa da Communa, o junho de 1848 recorda-lhe o anno 667 de Mario, em que Sylla foi um outro Cavaignac; Cethego, velho ex-democrata, fura-vidas de secretarias, suggere-lhe o typo do nosso *conselheiro* setembrista, e Precia, sua amante, mulher politiqueira e ambiciosa, traz-lhe a memoria Sarah Bernhard; Crasso é Rotschild e Pompeu, o vaidoso e galanteador Pompeu, e é o duque de Avila e Bolama de Roma!



CASA ONDE FALLECEU OLIVEIRA MARTINS NA CALÇADA DOS CAETANOS EM LISBOA


Junho de 1875

Meu caro Guilherme

Muitos e muito sinceros parabens. Agradeço-te cordealmente a tua carta, pedindo-te ao mesmo tempo que não dês tamanha importancia a uma cousa que não é em si mais do que o cumprimento verdadeiramente agradavel de um dever. Ainda bem que posso ajudar-te mas lembra-te sempre que é ao teu trabalho, ao teu estudo e ao teu caracter que deverás a posição que alcançares. O mais não vale dois caracoes. — Acaba o teu exame botanico e avisa-me para vires passar aqui uma parte das tuas ferias ou todas, como quizeres. Adeus; um abraço ás manas e crê-me sempre teu irmão e amigo

Joaquim

Falta um n.º da Academy

CARTA AUTOGRAPHA DE OLIVEIRA MARTINS A SEU IRMÃO

O retratista-psycologo, pintor de caracteres ou pintor de almas, feição que a critica tem apontado como predominante em *Oliveira Martins*, consumma as suas melhores e mais aprimoradas obras. O *personagem*, descripto nas minuciosidades de seu viver, em todo o caracteristico de sua physionomia e medeante a sondagem mais funda de todo o seu intimo, avança para nós, amaldiçoado ou excelso, puro ou devasso, senhor de Bondade ou agente do Mal... Contemplem-se, que se não lêem, os

ultimos momentos de Catão, desilludo do bem da Republica perante a ambição feliz e fatal de Cesar — transfigurada imagem do que fôra antes, de toga esfarrapada, barba esqualida e os cabellos emmaranhados, resvalando do leito sobre a propria espada, n'uma agonia serena e fortalecida com a leitura das paginas perfeitas do *Phedon* de Platão, — olhos no céu, com o rosto banhado da *graça* ideal — graça e attracção mystica que um critico illustre não tardou em apontar nas horas derradeiras de *Oliveira Martins*...

E acompanhe-se o artista, quando com affecto, respeito e manifesta paixão de alma, resurge o vulto dominador de Cesar, vertendo em paginas arquejantes, a côres de fogo e analyse de gume, a vida agitada do tribuno, general, imperador e deus, desde os primeiros passos d'uma ambição calada, até ao tragico momento d'aquella tarde, em que o tyranno e supremo corruptôr cahiu no Senado ás punhaladas, rolando ensanguentado e envolvido na purpura imperial, aos pés da estatua de Pompeu.



TRABALHO EM MADEIRA EXECUTADO POR OLIVEIRA MARTINS

Cesar foi para *Oliveira Martins* um symbolo sympathico e querido, a authentica e mais palpitante concretisação d'uma tradicção e formula de poder, que o futuro politico havia de abraçar inda mais extranhamente n'uma anachronica e mal succedida theoria de governação. Forma-se-lhe na contemplação do idolo — Cesar, homem perfeito e completo, homem positivo e de alta razão — o particular e entranhado culto que sempre lhe mereceram os representantes mais typicos do ideal absolutista e divino, suggestão que a critica erudita de Silva Cordeiro vae filiar em egual tendencia de Theodoro Mommsen, o alto e vigoroso espirito da ala dos pensadores germanos, que olhavam incessantemente no passado a data humilhante de Jena, preparando pela doutrina a vindicta segura de Sadowa e Sédan, n'um vôo amplo e rasgado para a realisação da forte Allemanha moderna — aspiração que foi o bismarkismo e é hoje o Imperio na hypertrophiada pessoa de Guilherme II.

O mesmo idealismo, identica auto-suggestão poderosa e constante compenetrou sinceramente a alma do historiador portuguez, principalmente depois que seu espirito amplamente se retemperou na analyse da culminante existencia historica da nacionalidade patria.

Toma-o a allucinação vidente, que illumina o genio dos chronistas, e nos seculos primeiros faz-se, com leal intuito, subdito fiel de Pedro I, o rei gago e feio que tudo castigava, especialmente os peccados da carne, agitando, rubro e grosso em transes delirantes de furia, o látego que sempre trazia á cinta — rei afinal democrata, amado e temido de seu povo e que em noites de insomnia descia ás ruas da cidade, folgando despretenciosamente com a plebe; como seculos volvidos, percorre os tempos proximos, a *melancholia historica*, que é o libello do *Portugal Contemporaneo*.

São as paginas mais apaixonadas do historiador — cujo intimo minava já o pessimismo, um pouco do superior desdem intellectual, que tão altivamente assoberbou, no ultimo quartel da vida, o animo de Herculano — donde a critica exacerbada da sociedade e dos tempos da *impiedade* constitucional, a



OLIVEIRA MARTINS NO SEU GABINETE
DESENHO DE RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

ironica galeria, Saldanha, o «heroe», Palmella, sceptico, perspicaz, fumador eterno e indolente, aristocrata e desdenhoso, politico da escola de Canning, D. Pedro, general de inverno, e os *sympathicos*, D. Miguel, Terceira, guerrilheiro sincero, Silva Carvalho, rude homem de negocios, e Mousinho, o pensador austero e erudito — perfis, não poucos, mal definidos ou adulterados...

Mas este povo tivera altos destinos, que cumprira em seculos venturosos, erguendo ao apogeu da Historia o esforço d'uma raça.

O chronista-dramaturgo, dispondo de tão poderosa força animica, com que vitalisava, n'um extenso halo de luz, os homens e os capitaes factores, que foram elementos dynamicos d'uma decorrida era de viver social, sentia em si, n'um assomo de patriotismo, uma mais forte auto-suggestão, transportando-se, de olhos abertos e clara perspicacia intellectual, aos annos fastigiosos da epopéa nacional. A sua incredulidade sincera, fructo de desillusões politicas, necessitava seguro refugio, a athmosphera sã e rubra de fé da mais enthusiastica epocha do viver portuguez. O *presente* era para elle, só descrença e lama, n'esta patria que nem uma morte gloriosa lhe parecia desejar, como a de Alvaro Vaz de Almada em Alfarrobeira.

Exilar-se, pois, procurar anciosamente abrigo e deleite na convivencia com esses mortos de ha tantos annos, — que lhe povoavam a solidão dos campos de Branc'Annes. Um elevado atavismo recuava irresistivelmente a alma transfigurada do historiador para muitos seculos atraz: foi-se a *viver*, emquanto lh'o permittiu a saude, batalhar, soffrer, amar e conquistar louros com Nun'-Alvares e na concomitancia historica da geração inclita de Aviz — na observação querida e attenta «d'um dos phenomenos mais nobremente interessantes da passagem dos homens sobre a terra».

Verdadeiramente, nas paginas então elaboradas se reconhece que nunca o espirito de *Oliveira Martins* palpitou em tão fortes emoções, jamais o historiador tão alta e sinceramente se apaixonou pela eloquente significação dos homens e factos passados.

O periodo feliz e curto de Aljubarrota á data lugubre de 1580 resumia para *Oliveira Martins* toda a exhuberante affirmação da virilidade da patria. E em face das complexas e poderosas manifestações do genio nacional, o historiador, penetrando-se e comprehendendo-as, quiz enfeixa-las nas soberanas qualidades de individualidades superiores, synthetisando convergentemente as capitaes modalidades do espirito d'uma epocha. Assim *Oliveira Martins* creou e ergueu os grandes *symbolos* no apogeu da Historia portugueza. Tal a biographia heroica do Condestabre, toda tecida de credula veneração, nimbada do mesmo sentimental mysticismo á Carlyle — Nun'Alvares, joven com laivos de histeria, coração ingenuo e mente incendiada em combates e leituras de novellas cavalheirescas, idolo no altar da patria, es-

pirito puro e medieval alfim occulto, seu termo logico, no burel de Frei Nuno de Santa Maria, no recolhimento do claustro e na vegetação fria das cathedraes, longe os tempos de Galaar, preso na contemplação da unica realidade: o Céu.

Taes são os perfis elevados dos *Filhos de D. João I*, a historia veridica, movimentada e varia das qualidades, feitos e alto merito da vida d'uma familia prestante e valorosa, da raça real d'Aviz.

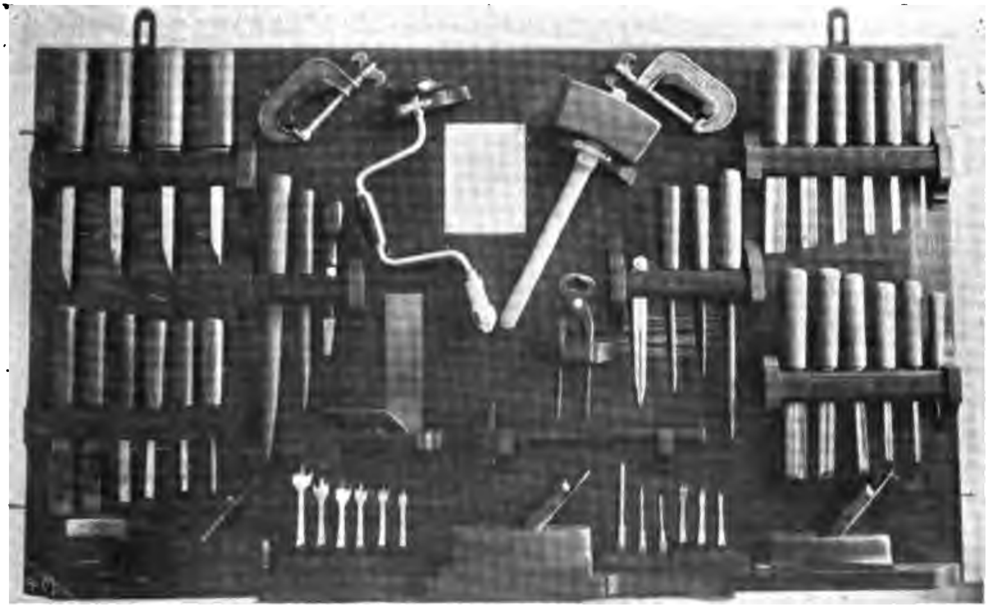
A curva completar-se-hia com a resurreição das figuras de D. João II, Albuquerque, e o occaso triste em D. Sebastião, Nun'Alvares posthumo, a decadencia e a suffocação pelo catholicismo delirante da Hespanha.

Já a doença lhe trazia alquebradas as forças, o que não impediu que *Oliveira Martins* recolhesse por largo tempo, forte decomentação, em tombos e bibliothecas, e fosse até Castella vêr, como era seu methodo, os logares assignalados pela acção de Toro.

Ia agora, ser companheiro e confidente de mais uma soberana figura historica, e esta altamente querida: o *Principe Perfeito*, cuja alma inteira elle desejava bem recolher até á agonia em Alvôr, ultimos e crueis desenganos. Inda o contemplou no primeiro feito de sua deslumbrante mocidade, na veiga enlameada de Toro, por entre o clamôr de gritos, trombetas e atabales, a sanha heroica do alferes Duarte de Almeida, o tropel da lucta e a desventura guerreira dos nossos, em que punha ainda um clarão de esperança, na luz baça da tarde ennevoada, a resistencia garbosa do infante D. João...

O fim do capitulo primeiro e unico que ficou do *Principe Perfeito*, é palpitante e veridicamente melancholico e amargo, como devia de ser o rebate da morte que, não obstante o poderoso alento espiritual do enfermo, quasi perennemente devia resoar ante seus olhos, succedendo a uma ou outra miragem de saude impossivel: Affonso V, soberana e triste imagem da desillusão, lá parte a caminho de França, ingenuamente crente na astucia de Luiz XI, corre-lhe pela face opada uma lagrima de saudade, lembrando os dias ditosos de Arzilla... Foi a suprema visão historica de *Oliveira Martins*.

Na influencia hostil da doença desfallecia-lhe o pulso, que a custo movia inda um resto da energia nervosa. Que admirava! Vigor maior não se comprehende, e assombra na verdade a sua intensidade de trabalho, medida em momentos culminantes de sua vida litteraria. As ultimas paginas da *Historia da Republica Romana*, referiu Luiz



PREMIO OLIVEIRA MARTINS

de Magalhães, foram escriptas em dois dias consecutivos de trabalho, apenas interrompidos para comêr — mas não para dormir: passou duas noites em branco, escrevendo!

Quando organisou a Régie e nos primeiros tempos da sua passagem pelo ministerio da fazenda, trabalhava extenuamente, dezoito horas por dia! E as linhas que ficaram, fragmento concluido do plano do *Principe Perfeito*, foram levados a cabo, com tão poderosa vista e febril alento, em Branc'Annes, n'um dia do ultimo mez de sua vida em seis exhaustivas horas de actividade mental.

Ainda uma vez lhe brilhou mais viva, resplandecendo-lhe o rosto, aquella luz de *graça* ideal que feriu Catão. Ambos advogavam em suas convergentes crenças, as Alturas, uma serena e elevada Paz dos Espiritos, plainos de nirvanica felicidade, onde aspiram iniciar uma outra e tranquilla existencia aquelles para os quaes de ha muito cahiu por terra, murcha e pisada pelos homens, o ultimo ideal, a illusão extrema. Com a mesma fé, crepitante e resoluta, um, o de Utica, ante a decadencia de seu povo, que julgava proxima, buscou a hora anniquiladora, enviando uma ultima saudação a um Passado, que julgava perfeito, modelo de salutar e inexcedivel civismo; outro, o de Branc'-Annes, arredou do intimo amargurado o ultimo despeito, paralysou em si qualquer mais forte ambição do presente, creou-se um mundo de abstracção e particular recolhimento, e como diversas são as soluções do problema espiritual da Vida, ainda na sua feição mais melancholica e pessimista, *Oliveira Martins* preferiu Christo a Budha, na ancia de uma consolação para a sua alma, bem christianisada e ardente. Assim o historiador abraçou a effigie do crucificado, com mystico affecto e muito d'aquelle ideal enthusiasmo, que lhe tinham communicado Nun'Alvares e os velhos heroes portuguezes do seculo XV. E do cerebro, ultimo refugio da vida, esvaiu-se-lhe o sêr, n'uma derradeira phosphorescencia de Genio!

José Lobo d'Avila Lima.



TUMULO DE OLIVEIRA MARTINS NO CEMITERIO DOS PRAZERES

O CARAMULO

(Conclusão)

VII

— As aldeias da serra. Um sanatorio em perspectiva. A pedra d'Arca e a sua lenda. As casas e os moveis. Em S. João do Monte. A lavadeira. Ha cinco annos e agora. Coitadinha!

PARA traz de nós ficavam já o Malhapão de Baixo e Malhapão de Cima, pequenas aldeias, muito pobres, na vertente que dá sobre o Agadão; ficavam os Jueus, onde se admiram as bellas pedras, por toda a parte acavaladas, formando torres, delineando figuras, aparentando fortalezas, simbolisando monstros; ficava Almofala com a sua ribeira a verdejar em milhos e a linda capella de granito, em frente, sobre o caminho de Dornas, que deixavamos ao norte, escondida na bacia que lhe deu nome, com a sua taberneira por sentinella; ficava á direita Laceiras, com o seu lindo cabeço de Valle de Castello e a celebre fonte de Partalâ ou Casa da Moira, onde, segundo tradicções e documentos antigos, esteve refugiado D. Antonio, Prior do Crato e nesse dia couberam 25 excursionistas, tal a sua grandeza; ficava depois o Cadraço com as suas pequeninas casas de colmo, do tamanho de nichos e ao lado, na vertente da serra, o Pedrogam e o Carvalhinho, suspensos sobre o valle, como dois ninhos d'aguia n'um rochedo.

Depois d'um pittoresco *lunch* no Seidão, tomámos o caminho das Paredes, onde chegámos de salto, inesperadamente, por ser a aldeia n'uma cova, rodeada de cabeços.

E eis-nos, portanto, na melhor, mais saudavel e mais prospera aldeia do Caramulo.

Melhor, porque é onde se vive mais desafogadamente e com menos trabalho; mais saudavel, porque assenta n'uma bacia formosissima, abrigada do norte e aberta para o sul, farta de fontes e sol; mais prospera, porque em virtude da sua situação e do seu clima, ali tem



NO CAMINHO DA SERRA — UM SONHO!

corrido algumas familias em procura da saude perdida, havendo já um chalet e varios projectos de construcções para tuberculosos.

N'esse chalet visitámos uma bondosa senhora que ali tinha passado todo o verão e contava passar o inverno.

Foi o marido d'esta senhora que nos forneceu os interessantes dados que colhemos acerca da privilegiada situação d'essa aldeia, dados que podem resumir-se no seguinte:

As Paredes são a mais bem situada povoação do Caramulo, esplendida para se viver, mas sobretudo para a cura da tuberculose, segundo a opinião de muitos peritos que ali teem estado; é de facil acesso, havendo já estrada até quasi ao pé; está cercada de pequenas e encantadoras aldeias, como é o Janardo, antiquissima povoação onde existem ainda vestigios d'uma cadeia e memoria d'um tribunal; o Guardão já com as suas casas brancas e as tradições da antiquissima abadia; e, mais ao longe, a Quinta da Cruz, S. Thiago, Campo de Besteiros, Lourosa, Casal d'Asco; tem, finalmente, lindas vistas, sobretudo a que dá sobre o valle, esse imenso e pittoresco valle comprehendido entre o Bussaco, Louzã, Estrella, Montes das Chãs, até Castro Daire.



UM CAÇADOR NA SERRA

O Dr. Tavares Festas sahindo para a caça, em manhã de neve

Com que saudade deixamos todas essas aldeias, com os seus laranjaes e bellos prados!

Mas o nosso caminho era outro. No diario da nossa perigrinação estava escripto que iriamos nesse dia pernoitar a Varzielas, o que com effeito se realisou.

Varziellas é simplesmente uma grande povoação, a maior do Caramulo.

Deixámol-a na madrugada seguinte, anciosos por chegarmos a Espirito Santo d'Arca e descansarmos á sombra do seu famoso dolmen, o que em pouco tempo conseguimos porque fomos sempre a direito, despresando caminhos e carreiros.

Abandonado á margem d'um caminho, rodeado de mato de seculos, assenta esse famoso dolmen, ou Pedra d'Arca, como lhe chamam os conterraneos.

É formado por tres grandes columnas de, granito, que suportam uma enormissima pedra que — isto é uma verdade incontestavel para o indigena — ali foi posta, certo dia, por uma moira, fiando na sua roca!

Alguem tentou já fazer excavações, mas teem aquillo como coisa sagrada, não deixando, por isso, mexer lá seja quem fôr.

Apesar d'isso ninguem ali sabe o que representam essas pedras, nem a idade que teem. Sabem apenas que são do tempo dos moiros, que foram ali postas por uma mulher e teem o nome de Pedra d'Arca.

A santa ingenuidade, a candida poesia do povo!

*

Eis em breves linhas o presente estado fisico e social do Caramulo, com tudo o que o passado lhe deixou. Essa é a sua população, esses os seus monumentos.

População laboriosa e amiga, que nunca passa, em teres, além do pão de cada dia, e em commodidades, do pequeno casebre, umas vezes de colmo outras de telha vã, mas sempre cazebre, sempre nicho.

As casas da serra são assim: não teem luz, não levam cal, não lhe abrem portas nem janelas.

É por isso que não teem limpesa.

Qualquer traste, n'uma d'essas cozinhas, parece que escapou ao incendio de Troia.

Os pratos, as facas, as bacias, as mesas, os cantaros, tudo isso veste uma tão formidavel



A FONTE DO CADRAÇO

tunica de esterco, que a gente chega a duvidar se aquillo é louça ou terra em bolo.

As paredes da casa sempre negras, o telhado sempre esburacado. A lareira essa é onde calha: á entrada da porta, no canto do fundo, encostada á cama onde dormem e até muitas vezes, em communidade com o curral do porco.

Como sempre a ignorancia e a miseria confundidas!

S. João do Monte é uma excepção. Já a distancia a gente vê que deve ser uma terra aceada. Com efeito é a unica que brilha ao longe. E de resto bastava a sua bella escola para a tornar fulgente.

Mas tem outros monumentos.

Antiga villa, conserva ainda o seu pelourinho e a sua cadeia, hoje transformada em estrebaria.

Tem ainda uma boa egreja com uma alta e bem construida torre, uma farmacia e uma solida ponte sobre o rio, o poetico rio onde... Mas para que heide eu contar?

É lá que as raparigas do logar lavam e cantam o dia inteiro.

E foi lá, — porque não hei-de contal-o? — que encontrei n'uma manhã de agosto, ha quatro annos, lavando e cantando, debruçada na corrente, a mais formosa e esbelta rapariga de quantas, entre as classes pobres, eu tinha conhecido.

Chamava-se Perfeição e na verdade era perfeita.

D'essa vez os meus companheiros de viagem eram moços alegres e sem noção alguma do que fosse o sentimento e a esthetica. Por isso desviaram-se do sentimento e do culto e começaram brincando, doudivanas.

Deitavam-lhe agua, sujavam-lhe a torrente, diziam-lhe larachas, emquanto eu me abismava, na muda contemplação do seu perfil de hebreia linda.

Ah! mal sabia então essa formosa lavadeira que emquanto os outros lhe faziam partidas, havia ali alguem que a admirava com esse prazer e admiração que só o artista e o poeta sabem ter.

Em certa altura e não sei porque traficancia feita a ella, molhara-me, por engano. Mas deixou logo tudo para se desfazer em desculpas para comigo.

Senti-me embaraçado, confundido, e não sei se foi nobre se ridiculo o meu agradecimento, ainda, por esse banho matutino que me vinha da pequenina concha das suas mãos de neve.

Á despedida eu fôra o derradeiro. E tive desejos de ir apertar-lhe aquella mão tão bem talhada e tão mimosa, mão de operaria inteligente que lavava e costurava, essa mão que já lhe dava o pão de cada dia e que teria de ser, depois, talvez, o unico amparo de seus filhos.

Decorreram quatro annos. Eu era outro, mas a ponte, mas o rio eram os mesmos.

Em baixo, como annos antes, n'essa manhã d'agosto, raparigas lavavam e cantavam.

Debrucei-me na ponte, olhando as lavadeiras... Mas ah! fiquei suspenso e fiquei triste.



ALMINHAS DA SERRA

Porque ella lá estava, lavando talvez a mesma roupa, sobre a mesma torrente e á sombra do mesmo salgueiro verdejante.

Porém não era a mesma. Uma funda tristeza junta á palidez do rosto, davam-lhe um aspecto tão outro do que fôra, que eu senti a ancia das lagrimas.

Ao seu lado brincava uma creança de tres annos. Seria d'ella?

— Não, responderam-me; mas a d'ella deve ser quasi da mesma idade... Foi o padre, o outro...

Sim, sim; eu já sabia... Mas vêl-a, agora...

Mirei-a attentamente.

Coitadinha, como ella me fez pena, ali tão só entre as companheiras descuidosas, batendo todo o dia a roupa suja, com os pés na corrente e o pensamento quem sabe se no seductor que a deixou, se no abandono e na miseria que a rodeiam...

Coitadinha!



PAREDES DO GUARDÃO

VIII

— A religião e as romarias. Superstições do povo. Uma palhaçada. Visão antiga. O homem do forno. O milagre e o profeta anafado, gordo, rubicundo...

A dez minutos de S. João, no alto da Abobada, deteve-nos uma serie de grandes cruzes granitioas, dispersas na montanha, algumas já cahidas, mutiladas.

Uma mulher que nos acompanhava explicou que era ali antigamente a via-sacra de Santa Izabel.

Eu disse que as cruzes nos detiveram e não que nos surprehenderam, porque nada, religiosamente falando, ali nos surprehende.

O Caramulo é, por toda a parte, cheio de superstições e de crendices.

Não ha caminho nem carreiro onde se não encontrem alminhas. Algumas teem um cofre anexo para a gente devota deitar o seu vintem.

Ha ainda os cruzeiros e as capellas, que todos teem a sua festa, que todos teem a sua romaria.

E que festas e que romarias!

Farto de trabalho e privações, quando vem uma festa, os caramuleiros esquecem tudo e partem para a liberdade, para a malta. Levam os filhos, a mulher, os parentes; comem, bebem, dançam, cantam, riem; dizem tudo, fazem tudo, podem tudo, resistem a tudo.

Ha só uma coisa a que não resistem: é ao seu rosario, ás suas devoções.

Ir, por exemplo, á Senhora das Dôres e não estar ao menos uma hora, de joelhos, deante da sua imagem, a pedir coisas e a fazer promessas; ir lá e não dar trez voltas, de rastos, em volta da capella, isso é falta de sentimentos e seria melhor ficar em casa.

É no cumprimento das promessas que melhor se avalia a superstição d'aquella gente.

Ha mulheres que se privam do seu unico cordão d'oiro para o deitar ao pescoço da santa, em paga de certo milagre.

E chega isto a tal ponto que só á Senhora das Neves, festejada em Varzielas, offereceram este anno, em objectos d'oiro, a assustadora quantia de 118$000 réis. Isto, fóra o resto.

Mas são promessas, dizem, e representam milagres.

Ha quem venha de dez leguas com a espi-



EGREJA DO GUARDÃO

nhela caida, na certeza de voltar completamente são, depois de dizer certas palavras, á missa, entre a hostia e o calix.

Para outros basta-lhes acenderem uma vela á santa e era d'uma vez a doença.

Os jumentos e os bois, curam-se fazendo-os jejuar desde o curral até lá, dando em seguida com elles certo numero de voltas á capella.

Ha desgraçadas que se fartaram de atravessar montanhas, para virem ali cumprir o rosario que prometteram á Senhora dos Milagres por ella lhes ter feito o favor de permittir que certa porca désse á luz sem novidade os dez leitões, livrando-as ainda de não ser verdade aquillo que diziam das filhas.

Com um velhote falei eu que tendo sido sempre uma victima do flato, voltara um dia curado... Milagre que a Senhora dos Aflictos lhe fizera em troca de 2$000 réis que alcançara da venda d'uns carneiros.

E assim o resto, donde se conclue que as romarias são, para certa gente, o mais valente e certo ramo de commercio de toda uma região.

*

Por occasião da minha penultima viagem ao Caramulo, ha quatro annos, assisti a uma destas romarias, na Urgueira.

Festejava-se a Senhora da Guia e de longe tinha vindo um milagreiro metter um bolo n'um forno, que andara a aquecer, desde a vespera até esse dia á tarde.

Pelas estradas a multidão do povo precipitava-se avidamente para vêr.

Eu levava tambem muita curiosidade dentro em mim.

Sabia evidentemente que ia encontrar-me com ceremonias supersticiosas: mas comtudo ia vêr, como toda a gente.

Alguma coisa devia colher de tudo isso.

E com effeito houve um momento em que me senti impressionado, vivamente, profundamente impressionado mesmo. Foi quando ao avistar-se de longe o arraial, descobri o forno onde ia realisar-se o prodigio, com a bôca escancarada para o norte e lá dentro, no bojo ardente e tenebroso, revolvendo-se chammas infernaes, que saiam depois como linguas fantasticas, diabolicas, envoltas em fumo e faúlhas.

Procurei na memoria onde tinha já tido egual visão.

Lembrou-me o Dante, alguns padres da egreja, mas sobretudo a edade média com as acusações do Santo Oficio e os autos de fé da Inquisição.

E aquillo era bem a imagem viva d'essas tremendas fogueiras, onde victimas ardiam, rabiando, sacrificadas á ignorancia da plebe e ao fanatismo e intolerancia dos padres.

No olhar deslumbrado do povo lia eu claramente a lembrança do inferno, com as suas chammas sempre vivas, os caldeirões de chumboderretido, os grandes poços d'azeite fervendo noite e dia, tostando, fritando, derretendo corpos humanos que chiam como chouriças gordas n'um brazeiro.

Todos nós sentiamos, sem duvida, o horror d'essa fogueira ardente.

E eu teria ali mesmo prégado a guerra santa á multidão, se não soubesse já que aquillo era o tal forno onde um charlatão ia fazer a sua palhaçada.

Esta lembrança levou-me toda a impressão de grandeza e terror panico.

Subimos ao alto. A festa começava. Da parochia distante chegava um padre velho em habitos talares, com a procissão do povo, solfejando o velho cantochão do ritual, atraz d'um espantoso bolo que quatro homens transportavam aos hombros, n'uma padiola enorme.

O grande milagre ia realisar-se. Uma viva anciedade se mostrava em todos os rostos.

O forno estava já apagado e varrido.

Contudo esperou-se ainda uma hora que pareceu um anno. A curiosidade augmentava. Quando entrará o homem? Como será elle? O que irá succeder-lhe?

E esperou-se ainda outra hora que pareceu um seculo.

Pelo seu lado o homem do milagre esperava tambem.

Mas esperava a quem? mas esperava o que?

Esperava que o fumo se extinguisse, porque o ia cegar, mas esperava sobretudo que o forno arrefecesse, e arrefecesse a ponto de poder entrar impunemente.

Com effeito, só quando todo o fumo e todo o calor do forno se haviam dessipado é que se viu surgir o homemsinho, curvado sobre o bolo, que elle arrastava a custo, para dentro.

E deu a volta ao forno, rapidamente, curvado sempre sobre o bolo enorme, saturado d'agua, que d'esse modo ainda mais atenuava e absorvia a ação calorifica, saindo de lá como qualquer de nós sairia — perfeitamente conservado e fresco.

Acto continuo surgiu no pulpito, ali impro-

visado, a trovejante figura d'um profeta, anafado, gordo, rubicundo.

Era o padre cheio de zelo apostolico, proclamando a existencia de Deus, evidentemente provada pelo espantoso milagre que todos nós acabavamos de presenciar.

Do seu pulpito o prégador disse o que quiz.



DOLMEN DE ESPIRITO SANTO DE ARCA

Tive a coragem de ouvir tudo, desde a primeira á ultima palavra.

Quando acabou, o povo, ajoelhado, suspirava aqui e ali.

E atravez do longo valle, outros padres apregoavam, e mais povo ajoelhava, suspirando...

IX

—Os naufragos da serra. Na noite funda. O cansaço e o desalento. «Descer, escorregar, cair!» Salvos. Uma povoação alarmada. Os caceteiros a postos. Eu e elles. Os ladrões e os lobos. Como o povo castiga. «Se nós eramos ladrões...» Um padre D. Juan. Dois tiros de bala a uma cama. Descançar corpos. Meditação da noite. Eu e Confucio n'um palheiro. Dormindo, emfim!

Mas onde iamos nós?... Ah! é verdade, tinhamos ficado no alto da Abobada, notando, admirando as cruzes mutiladas.

Tomados os apontamentos devidos que uma pobre mulher, com o seu menino de oito mezes ao colo, nos ia dando, seguimos derrota para o sul.

Aquelle era já o nosso quinto dia de viagem. Sentiamo-nos, por isso, saturados de ventos e montanhas. Precisavamos partir, mudar de rumo...

Para onde?

As nossas aldeias, perdidas na extensão da planicie longinqua, respondiam florindo, acenando por nós.

Começámos, pois, descendo...

Desde Adaires até ao Freimoninho, os caminhos enganam mais que em parte alguma da serra. São tudo voltas e tudo pedregulhos. É a região dos grandes valles, formados pelas faldas da serra, que continuam outras serras e outros valles.

Mas era a descer, por isso tudo nos ajudava.

Depois viamos a Bairrada, as nossas terras...

Mas que longe ainda!

A aldeia mais proxima era a minha e distava ainda cinco leguas. Onde iriamos dormir?

Tomámos o caminho do Agadão que fica a meio do grande valle que desce do alto Caramulo, nos plainos d'Almofala, e vae até proximidades d'Agueda.

Um vento agudo que soprava do mar, dos lados da Torreira, flagelava-nos as carnes e impedia-nos a marcha.

As ladeiras sucediam-se umas ás outras, como as ondas no mar. Mal se vencia uma, outra se erguia logo, enorme, intransitavel, desoladora.

Do Castello á Côrte dir-se-ia caminho para 15 minutos, a passo; pois andámos uma hora, a trote sempre Para maior contrariedade veio



OUTRO ASPECTO DO DOLMEN

a chuva, essa maldita chuva das serras, tocada de vento frio, que mal poisa no fato está logo nos ossos.

Felizmente passara, e nós podémos chegar ao Freimoninho com dia claro. D'ahi em deante começou a noite, que de repente se fechou, como sempre sucede nas montanhas. E com a noite começou tambem nosso martirio. Logo á saida do logar perdemos o caminho. Mette-

mos, por isso, em frente, na direcção que julgavamos ficasse o Agadão.

A primeira encosta passou-se sem cuidados. O mato era pequeno e as botas ainda traziam brocha.

Meia hora de travessia precipitou-nos no Aljão, pequena quinta sobre a serra, despovoada ha muitos annos.

Em baixo era o abysmo: descer era dizer adeus ao mundo para sempre.

Virámos a poente, cortando novas encostas, pisando novas penedias, agora mais luzentes e escabrosas.

O valle sumira-se de todo na escuridão compacta da noite, que era agora profunda como o ceu, silenciosa como a morte. Que rumo tomar? Ninguem sabia, ninguem via. Era só noite. Noite para toda a banda: noite para traz, noite para a frente; noite para a direita e para a esquerda; noite sobre a cabeça e debaixo dos pés; noite no ceu, noite na terra, noite nos olhos, e porque não dizel-o? noite no coração.

Depois nem uma luz, nem uma casa que nos indicasse genta viva.

Onde iamos? para onde desciamos? Nós sabiamos lá! Desciamos na noite para o desconhecido.

Um de nós, que levava os pés em sangue, caminhava suppliciado. Outro que já perdera o pau e o chapeu, avançava arrastando-se, sem dizer nunca uma palavra, doente de fadiga, o corpo escangalhado e lasso.

Em má situação ia tambem o nosso auxiliar, o Manuel, porque transportava o farnel e todos os apetrechos da malta.

Como o peso era, com efeito, demasiado para tal caminho, e elle começasse a praguejar contra os penedos, aliviámo-lo, levando cada um de nós o que podia.

De vez em quando paravamos, para escutar... Nenhum rumor, nenhum signal de vida. Apenas serra e sempre serra.

E a noite escurecendo mais e mais; e nós sempre descendo e sempre tropeçando a cada passo.

Ha que tempo andariamos nós sem rumo e sem esperança? Fosse o que fosse: descia-se. Demais, ninguem contava já com coisa boa. Todos tinham perdido a esperança de dormir debaixo de telha, aquella noite.

—Muito felizes seremos nós se não chover, dizia-se já, porque emfim, mesmo entre duas carquejas se póde passar uma noitada.

Entretanto a ladeira era cada vez mais pedregosa e ingreme.

Cada passo que davamos era um trabalho a que nos sujeitavamos.

Nenhum de nós falava já. A unica coisa a interromper o silencio das trevas, era a queda dos nossos corpos, *bac, bac,* rolando em seguida sobre pedras, até poderem fixar-se com as mãos.

Se cada um de nós fosse a contar as suas quedas, n'essa noite, decerto contaria mais e mais terriveis que todas as que Christo deu, desde a casa de Caifaz, á de Pilatos, á de Anaz, por toda a rua da Amargura até ao cume do Calvario. Tantas ellas foram e tão desastradamente dadas, que os fundilhos das nossas calças desappareceram completamente, golpeados pelas rochas e desfiados pelo mato.

A certa altura da serra, brilhou, um pouco a sul, uma luz vaga, que depois se avivou até ser clarão, até se revelar incendio. Era longe, porque mal ouviamos uma voz, clamando.

Gritámos de cá tambem. Ninguem nos respondeu. Seguimos. Mas ah! tanto andar, tanta descida, tanta queda, tanta praga... aquillo tinha que findar, aquillo devia acabar algures.

Mas não: tudo se desfazia em pedregulho e abysmos.

A treva, o mato, o vento, a fome, a ancia de chegar a algures, o receio de não encontrar ninguem, tudo isso nos martirisava o corpo e entristecia a alma.

Por fim faziamos a unica coisa que fazer podiamos: descer, escorregar, cahir.

De vez em quando paravamos para nos contarmos, não se tivesse desviado algum, indo cahir por entre os arrifes, com o craneo despedaçado.

E a noite continuava profunda, tragica, infinita, misteriosa como o sonho dos mortos, traiçoeira como o punhal do assassino.

Não comiamos nem bebiamos ha muito, mas ninguem falava em fome nem em sede.

A unica coisa que ainda nos preoccupava era não morrer ali.

Tratava cada um de guiar sua carcassa, que a cada passo se emborcava em quedas mortas, sucessivas.

E o Agadão não aparecia nunca e nós não podiamos mais!

Que fazer ali em plena serrania, e em plena treva! Quem viria buscar-nos, conduzir-nos, descobrir os naufragos da serra?

Pensava cada um desta maneira, quando

sentimos uma voz! Ah! Fosse quem fosse, era um semelhante; viesse d'onde viesse, era um amigo nosso. Era uma voz que nos falava, um ser vivo que surgia, para nos roubar? para nos degolar? Quem pensaria n'isso!

Afinal a povoação que procuravamos era ali mesmo e aquella voz a d'um velhote que nos sentira e estava comentando com outros.

Quando entrámos na pequena aldeia do Agadão, ou antes da Lomba, porque Agadão é toda uma freguezia, guiados pelo velho, notámos o quer que fosse de anormal no rosto e nas maneiras d'aquella boa gente, por habito tão tolerante e tão pacata.

Logo á entrada, um grande numero d'homens, gravemente postados na rua, com varapaus enormes, suficientes para exterminar uma legião romana, punham n'esta aventura uma nota sediciosa, com sangue e a morte em perspectiva.

A porta da taberna, a que nos dirigimos, estava ladeada por duas filas de valentes.

Eu sorri-me. Tinha comprehendido tudo. Disse ao entrar:

—Podem recolher as armas, porque nós somos inofensivos: vimos em nome da paz.

Conservaram-se quedos. Eu continuava sorrindo... Antegosava já a estupefação d'elles, quando lhes dissesse a minha terra e quem era... Porque todos ali me conheciam, todos ali me estimavam do coração.



FALDAS DA SERRA — UMA GRANJA

Sabia bem que todos nessa mesma noite ainda, me viriam oferecer da sua ceia, pondo ao meu dispôr a melhor cama da sua casa. Conheciam-me todos e a todos eu conhecia. A minha aldeia ficava logo do lado oposto da montanha, a duas leguas. Elles miravam-nos, desconfiados, eu contemplava-os, sorrindo.

Quasi todas aquellas caras de suissas emaranhadas e barba sob o queixo, eram minhas conhecidas. Tinha-as visto, por varias vezes, em minha casa, em todas as vesperas de certas feiras e de certas romarias, rindo francamente, perante o acolhimento e a amisade de meus paes.

O velho que primeiro nos aparecera, dirigiu-se-nos confiadamente, quasi em segredo e com boas palavras. Não quiz abusar mais. Citei uma terra e disse um nome. D'ahi a pouco todos os cacetes estavam arrumados e a taberna cheia d'homens que riam alegremente.

Mandámos preparar a ceia. A taberneira acendera o fogo e fervia a agua, emquanto nós iamos conversando e cascando batatas para um alguidar de barro.

O velhote, entretanto, contava, historiando:

—... Pois nós julgavamos que fossem ladrões, porque estamos escaldados. Já não é a primeira nem a segunda vez. Ainda ha bem pouco tempo um malandro aqui roubou uma egua com a respectiva cria, sendo agarrado só d'aqui a umas quatro leguas. Pois um assalto que aqui deram ha annos?

Eram uns cães d'esses lados da Bairrada, que embora soubessem do oficio, acharam-se comtudo enganados. Os roubos foram feitos de noite, pelas janellas das casas. Quando demos por elles, estava já quasi tudo enfardelado... E foi um inferno! Toda a gente se ergueu e armou, correndo desatinadamente. Era d'inverno: chovia se Deus a dava! Em baixo, o rio era um diluvio! Pois os ladrões não tiveram medo da enchente: perseguidos por toda a parte, não tiveram más nem boas e atiraram-se ao rio! Mas nós iamos resolvidos a tudo menos a perdel-os de vista, menos a deixal-os escapar; por isso lançamo-nos tambem á agua que era tanta, que não deixava atravessar ninguem. Dois d'elles, fartos de tentativas sobre a corrente, deixaram-se prender. Um terceiro metteu-se no cabouco d'um moinho, mesmo debaixo do rodizio. Pois ahi mesmo o fomos arrancar. Outro quando ia a atravessar o rio, sentiu-se montado e seguro á mão tente, vendo-se por isso obrigado a recuar, depois de se fartar de beber agua sem copo.

— E mataram-n'os?

— Matar não, mas apanharam uma bella montaria, toda a noite, até que foram ao outro dia de manhã para Agueda.

— Olhe se nós eramos ladrões... Não nos ficava um osso direito!

— Os senhores é outra coisa... Mas olhem que quando aqui chegaram, estavam mais de cincoenta cacetes e para cima de vinte revolveres e pistolas engatilhadas, á vossa espera! Isto é para vos dizer tudo.

— Agradecemos a franqeza.

E o velho, bom palrador, bom fumador, ia acendendo cigarros e contando prodigios. Depois do assalto aos ladrões, contou-nos varios assaltos aos lobos.

— Os lobos, disse um de nós... Olhem se elles nos appareciam hoje; que bella ceia tinham.

— Ah! escusavam de ter medo: já não ha nenhum. Matámo-los todos.

— Como! mataram-n'os todos? isso é lá crivel?

— É como lhes digo. Quando algum ou alguns nos assaltavam o rebanho e deixavam alguma rez despedaçada, não se retirava: envenenava-se com estrichinina e como elles voltam sempre onde fizeram a matança, comiam a rez e juntamente a morte. Além d'isso a camara dava uma libra a cada pessôa que matasse um lobo; por essa razão foi uma guerra de morte, emquanto os houve.

E o velho palrador seguia desfiando historias tragicas. Em certa altura aludiu a um padre que fora um traste.

Exigimos factos.

— Um traste? mais que traste: um ladrão e um velhaco. A familia a quem elle aqui mais devia era ali a do tio... (aqui baixou a voz para dizer um nome e contar o caso infando). Pois não obstante ir lá comer todos os dias, entrar lá quando queria, ser emfim considerado como filho dos velhos, elle que faz? Deshonra as duas unicas filhas, que havia na familia e *fica-se na sua fresca ribeira*. As raparigas d'ahi a mezes, deram ambas provas evidentes do crime. O pae que é um bondoso homem, teve um desgosto enorme. Ia morrendo de pena. Apesar d'isso não quiz tocar no padre nem com uma unha; foi preciso que um cunhado, certa noite, depois de metter duas balas n'uma espingarda, trepasse ao passal e espreitando por uma janella a occasião de elle se deitar, lhe mandasse as duas balas que por desgraça se perderam, indo espetar-se uma na travesseira, outra na barra da cama. Mas embora as balas o não apanhassem, o diabo sempre o levou. Deixou a freguezia no dia seguinte de manhã e d'ahi a tempos morreu.

*

Depois da ceia pedimos um palheiro. Todos queriam dar camas

Recusámos tudo o que não fosse uma casa com palha seca e uma coberta, se houvesse, para cada um.

Quando emfim nos vimos enterrados em palha, o estomago cheio, a consciencia tranquila, os trabalhos quasi findos... Uns adormeceram logo, outros... Falo de mim: eu não sentia somno. Evocava logares e impressões. Pensava na gente que vira e a quem falara: nos seus usos e costumes, no seu infortunio, na sua ignorancia e no seu abandono.

Ah! quanta dôr e quanta privação sob o riso franco, hospitaleiro desses pobres serranos!

Só quem conhece a vida nas suas luctas e já viu e sentiu o que fazem os outros, — os que não são povo, — é que pode avaliar toda a tragedia que é a vida deste povo das serras.

Nada do que torna a vida boa e commoda elles conhecem. Os beneficios da civilisação, param-lhe sempre ao fundo da montanha.

Coitados, sabem lá o que é percorrer cem leguas n'uma hora, atravessar o mar imenso sobre a prôa cortante d'um navio ou equilibrar-se no infinito ao simples impulso d'um vapor?

Não; nunca mesmo tiveram quem lhes dissesse que a terra vae ainda além das ultimas montanhas, que elles avistam, que se move, que é redonda, que tem grandes mares e grandes lagos, grandes montanhas, grandes rios e cidades maiores que toda a sua serra!

Não, nunca lhes disseram que o espaço e o tempo são infinitos, que a sciencia é producto do trabalho do homem, o homem um producto da terra e a terra uma parcella minima do cosmos.

Não, nunca viram uma machina tirando por dia um milhão de jornaes, que milhões de leitores devoram avidamente; nunca falaram com um semelhante, claramente, a dez mil leguas de distancia, por meio d'um simples arame; nuncam leram um livro, nunca entraram num muzeu; nunca percorreram uma fabrica, nunca penetraram n'um observatorio, nem ouviram um fonografo reproduzindo vozes conhecidas e amadas.

Nenhum devaneio, nenhuma sensação d'arte. Nunca entraram num theatro, nunca asssistiram a um drama de Shakespiare ou de Ibsen; nunca ouviram as divinas, profundas harmonias de Wagner ou Beethoven.

Desconhecem os carateres da imprensa e os prodigios da chimica. Não sabem como se levanta um viaduto, se fabrica uma locomotiva e em seguida se rompe um tunnel de dez ou vinte leguas.

A' sua porta bate unicamente o frio e a chuva, passa unicamente a fome e o sacrificio.

Verdadeiros desherdados da terra e do amor, pagando para tudo sem que de nada gosem.

Nuncam mandam e são sempre mandados; dão sempre e não recebem nunca.

Ah! porque não incluiria Dante este supplicio entre os horrores do seu Inferno?

*

Sobre a minha cabeça uma lanterna espalhava o seu clarão mortiço, á luz do qual me abysmava e me perdia em fundos pensamentos e impressões.

O cerebro ardia-me, o coração pulsava com vehemencia.

Pobre gente e triste vida! Quanto eu desejaria fazer-lhes, se alguma coisa pudesse, em seu favôr...

E ocorriam-me as palavras de Confucio, ditas uma tarde, ha trinta seculos, a Tseu-lou, discipulo do filosofo:

—Desejaria conseguir um doce repouso para os velhos, conservar uma fidelidade constante aos amigos e conhecidos, prestando ás creanças e aos fracos cuidados e desvelos paternaes.

As palpebras cerravam-se-me... E contudo eu pensava, pensava sempre. Em que?

Nelle e sempre nelle, o povo triste, o povo explorado, sacrificado, metralhado; nelle que tudo faz e nada tem, que produz tudo e passa fome, que tece o pano e sente frio, que ergue os palacios e vive em choças, que ilumina as cidades e vive sem luz e sem calor, ao fundo de cavernas salitrosas.

Quando chegará o dia... Quando abrirás, em fim, teus olhos tristes, ha tantos seculos vendados... Quando... quando... A alampada extinguira-se e as palpebras velaram-se.

Dormia, sonhava, emfim!

Mortagua — Novembro, 1905.

THOMAZ DA FONSECA.

P. S. — Durante esta narração vez nenhuma se alude ao nome dos meus companheiros de viagem. E' justo que aqui, ao menos, se preencha essa lacuna.

Foram elles:

Alexandre de Seabra Santos, meu companheiro de seminario e hoje um dos meus amigos mais intimos. Rasgou a batina e veio para a vida, onde é um bom e um justo, trabalhando sempre para a sua maior e mais integra independencia moral. Reside em Lisboa.

Antonio Ferreira Coelho, professor primario em Sangalhos — Anadia, sobre cuja personalidade eu já tive o prazer de escrever algumas palavras, quentes de admiração.

Antonio Gonçalves Estevam, de Aveiro, outro meu companheiro do seminario. E' hoje padre e unico amparo de sua familia.

Dr. Joaquim da Silveira, meu amigo de Coimbra, onde muita vez o encontrei folheando a *Razão Antiga* na vasta bibliotheca da Universidade. Esta hoje notario em Alcanena.

Joaquim de Barros, da Fogueira (Anadia). Bom amigo e bom companheiro de viagem.

José Rodrigues Pires, de Coimbra, a esse tempo empregado da livraria Ferreira & Oliveira. Vizitou-me por essa occasião e foi o meu companheiro mais inseparavel.

Antes d'estes outros companheiros subiram comigo a serra, entre os quaes destaco o Lopes d'Oliveira, pelo relevo da sua figura litteraria e porque mais de perto viveu sempre do meu coração e do meu espirito.

T. F.



DESCENDO PARA A CIVILISAÇÃO

Uma das primeiras casas com vidros ao norte do monte, no ponto em que se desce para Vizeu

O Poeta Julio Ripado

Tenho ás vezes a impressão de que ainda o vejo, só, encostado á porta da livraria, delgado e pallido como elle sempre foi, como se aquelle logar ainda me falasse d'elle e eu não tivesse a certeza de que o Julio partiu e as minhas impressões são apenas saudade.

Nunca rapaz algum foi mais docil e mais natural; ninguem, como elle, viveu e passou quasi estranho ao elogio e á inimizade; qualquer poeta, no inicio da sua carreira artistica, jámais póde ser tão perfeito ou mais original. Relembro isto tantas vezes quantas as que d'elle me recordo, e por uma suggestão natural e bem encantadora parece-me que a sua vida pequenina foi um fio d'agua batido d'um lindo effeito de luz, que correu admiravelmente, e admiravelmente se extinguiu.



Quando elle adoecera, pelo verão do anno passado, corri uma tarde a Bemfica para o visitar. Fazia então um tempo claro, um calor amarellado de estio, que suffocava em suores d'uma violencia irritante. E foi quebrado de forças por essa luz e calor intensissimos, que o fui encontrar sentado n'uma sala voltada para o campo, mais branco e magro do que nunca, quasi sem energia para a surpreza d'uma visita que elle estava bem longe de esperar. E vi que se tornara d'uma pallidez tão fria e d'uma fraqueza tão manifesta que até o proprio ar livre lhe causava febre, e a tosse o suffocava.

Lembro-me ainda que pouco falámos para que não se excitasse. No entanto as poucas horas da nossa conversação foram naturalmente ligar-se ao movimento litterario dos rapazes do nosso tempo. E *este* que entrava decalcando velharias, *aquelle* que não emprehendera movimento algum d'Arte moderna e seguia combatendo assumptos e idéas que haviamos recebido sob um ponto de vida artistico e moral, — *um* insitante, *outro* obscuro, e afinal quasi todos paralisados e paralisando, sobre essa ordem de discussão, que era o encanto unico da nossa vida, discorremos em todo aquelle tempo de boa memoria, salientando o Julio a sua vontade de que a saude lhe voltasse e com ella a hora de publicar o livro que deixou quasi concluido.

Perto da noite voltei para Lisboa e dias depois parti de Lisboa para o Minho, sem que mais uma vez o pudesse vêr.

*

N'uma manhã de março vieram dizer-me que o Julio havia fallecido no dia antecedente. E desde então surgiu a vontade simplissima e enternecedora de lhe publicar o livro de versos, como elle o desejara e tal qual elle o abandonou.

Dentro das forças d'essa geração iniciada, que elle sentiu e na qual tinha um limitado numero de admiradores, porque á maioria faltava educação para que o comprehendessem, o Julio Ripado é, senão um valor insubstituivel, pelo menos um artista que faz falta a esse pequeno grupo, por nosso mal, tão carecida de intelligencias. A simplicidade dos seus versos, natural e viva, que possuia o valôr tão raro de ser da sua época; a originalidade tão agradavel das suas idéas, simultaneamente delicada e caracteristica; o seu modo de ser artistico, sem preoccupações de exterioridade engenhosa, detendo os aspectos mais novos, os estados mais puros, a percepção mais fina, tudo isso, brotando naturalmente da sua vida, do seu talento, d'uma educação satisfeita com mil preoccupações d'Arte, engrandeceram o nome já brilhante d'este Poeta de vinte annos, e a mim, de momento a momento, dão-me a illusão de que ainda o vejo... só, encostado á porta da livraria, delgado e pallido como elle sempre foi...

Lisboa—Junho de 1907.

Alfredo Guimarães.

Versos ineditos de Julio Baptista Ripado

HISTORIAS SIMPLES

Aquelle velho predio, decadente,
A desabar, de tosca frontaria,
Que deitaram a terra, certo dia,
Foi o enlevo d'esse pobre crente!

Reliquias de um amor omnipotente
Todo feito de sonho e phantasia:
A varanda d'onde ella lhe sorria,
E d'onde lhe falava, antigamente...

Caso de amor, bem simples, na verdade!
Ella morrera! Não tem novidade...
Ha tanta historia, assim, na vida inteira...

Quando elle soluçava esta amargura,
Descobri-lhe nos bolsos — que loucura!
Pedras, vidros, pedaços de madeira!

O GATO AMARELLO

Era o enlevo bom da tua vida
Tão solitaria e quasi sem abrigo,
Velhinha entristecida,
O teu gato amarello, o teu amigo!

No dia em que morreste, com certeza
Havias de pensar, enternecida,
Que o gato, sem guarida,
Morreria de fome e de tristeza...

O teu susto, porém, foi illusão!...
Vive feliz, e não vae ter comtigo...
Mais gordo, e folgasão
O teu gato amarello, o teu amigo!

CLOTILDE

Vives a rir, lá fóra, divertida,
E eu bem sei que esta minha novidade
Vae perturbar agora a tua vida.

Eu não sei, mas não seria crueldade
Permanecer callado, quando existe,
Longe de ti, qualquer contrariedade?..

Sabe pois que na tarde em que partiste
Da casinha onde móras, tão singella,
(Sem te importar se eu ficaria triste)

Deixaste por descuido, que revella
Tua pressa talvez, tua alegria,
Abertas as vidraças da janella.

E assim, com a medonha ventania,
Por estes nossos sitios tão frequente,
Batem uma na outra, noite e dia!

Infelizes vidraças!... Toda a gente
Se commove de assim as vêr cumprindo
Esse triste destino omnipotente!

A pouco e pouco, os vidros vão cahindo,
Um hoje, outro ámanhã se despedaça,
Emquanto vaes gosando este mez lindo.

E o perigo, depois, para quem passa
Lá em baixo, na rua, em seu caminho,
Longe de suspeitar de tal desgraça!

Já hontem de manhã, esse velhinho
Que tanto te respeita e te venera,
Seguindo por aqui, feliz, sósinho,

Foi attingido na cabeça austera
Por pedaços de vidro, desprendidos
Da janella que o vento desespera!...

E então certos visinhos atrevidos,
Que levam todo o tempo lamentando
Este descuido teu, tão commovidos!

Isto não pode prolongar-se! Quando
Voltasses, ficarias humilhada
Tão risonha e gentil, no lar entrando...

. . . .

Envia breve a chave da morada,
E eu proprio irei (será o teu desejo!)
Cerrar esta janella desvairada.

E, ao mesmo tempo, encontrarei ensejo
De provar (não me leves isso a mal!)
Os damascos que ha tantos dias vejo
Tentando-me — tão bons! — do teu quintal.

Quarto concurso photographico dos "SERÕES"

MENÇÃO HONROSA



ASPECTOS DE PAREDES (Margens do Souza)

Photographia do Sr. Manoel Gomes Pinto — Porto

A lenda do Canzarrão

Capitulo XIV

O CÃO DOS BASKERVILLES

(Conclusão)

ESTAVA aberta a porta principal, e portanto, investimos por ali dentro, invadindo quarto atrás de quarto, com grande espanto do atarantado jarreta do criado, que nos surgiu no corredor. A não ser na sala de jantar, estava tudo apagado; Holmes, porém, pegou no candieiro, e não lhe escapou canto da casa por esquadrinhar. Nem vestigios sequer do homem de quem andavamos á caça.

No andar de cima, contudo, um dos quartos de cama estava fechado á chave.

— Ali dentro está alguem! exclamou Lestrade.—Ouvi qualquer coisa mexer-se.—Abram essa porta.

Lá de dentro chegaram-nos aos ouvidos um débil gemido e uma rastolhada.

Holmes atirou uma patada á porta, logo acima da fechadura, e escancarou-a de par em par. De revólver em punho, arremetêmos todos três por ali dentro.

Mas nem o minimo rastro do temivel e previcaz malfeitor que nós esperavamos encontrar. Em vez delle, defrontou-se nos um espectaculo tão extranho e inesperado, que por instantes ficámos todos três pasmados e boquiabertos a contemplá-lo.

O quarto havia sido accommodado em simulacro de museu, e forravam as paredes um certo numero de estantes envidraçadas, atulhadas com aquella collecção de borboletas e de traças, cuja accumulação constituia o recreio daquelle ente tão complexo quanto perigoso. Ao meio do aposento erguia-se um prumo, collocado em tempos para escorar a cimalha carunchosa que aguentava o tecto. A este poste estava amarrado um vulto, tão enfunicado e enrodilhado nos lençoes de que haviam lançado mão para manietá-lo que ninguem seria capaz, á primeira, de dizer se seria um homem ou uma mulher. Em volta da garganta tinha uma toalha, amarrada no tardoz do pilar. Outra, a tapar-lhe a parte inferior do rosto, e por cima, a apparecerem dois olhos, — e olhos a exprimirem dôr e vergonha e uma aterrada interrogação — fitos em nós três. Num relance arrancámos-lhe a mordaça, soltámos os liames, e mistress Stapleton baqueou no sobrado a nossos pés. No acto de lhe descair sobre o seio a formosissima cabeça, vi, rubro e distincto, o vergão de uma chicotada através do pescoço.

— Aquella féra! clamou Holmes. Depressa, Lestrade, venha o cantil! Assente-a na cadei-

ra! Desmaiou a poder de máus-tratos e de exhaustão.

Tornou a abrir os olhos a desventurada.

— Está salvo? indagou — Escapou?

— Não pode escapar-nos, minha senhora.

— Não, não é isso, não me refiro a meu marido. Sir Henry? Está salvo?

— Está.

— E o cão?

— Morreu.

Arrancou lá de dentro um suspiro, de satisfação.

— Louvado seja Deus! Louvado seja Deus! Ah! aquelle infame! Vejam em que estado me deixou!

Arregaçou as mangas, e com horror vimos que os braços estavam todos elles cheios de nodoas e vergões.

— Isto, porém, nada é — nada absolutamente! O que elle me atormentou, infamando-m'os, foi o espirito e a alma. Tudo lhe supportaria, maus-tratos, a solidão, um viver de decepções, tudo, em fim, emquanto podia ainda aferrar-me á esperança de que possuia o seu amôr; agora, contudo, vejo que, com respeito a isso, tenho sido o seu ludibrio e um mero instrumento em suas mãos.

E veio cortar-lhe a palavra um solluçar apaixonado.

— Não tem motivos para lhe querer bem, minha senhora, commentou Holmes. — Queira dizer-nos, pois, onde teremos probabilidade de encontrá-lo. Se é que o auxiliou em praticar o mal, auxilie-nos, agora, para o compensar.



MISTRESS STAPLETON BAQUEOU NO SOBRADO, A NOSSOS PÉS

— Existe apenas um ponto para onde elle possa ter fugido, respondeu. Ha uma mina antiga de estanho numa insua, lá no proprio coração do marnel. Era ali que elle tinha o cão escondido, e onde havia feito umas certas disposições no sentido de poder contar com um couto. Será para ahi que terá fugido.

A cortina de nevoeiro entrevia-se tal qual um panno branco de lan de encontro á janéla. Holmes ergueu a luz, aproximando-lh'a.

— Ponha ali os olhos, exclamou. Quem haverá que seja capaz de dar com o caminho do marnel de Grimpen, com semelhante noite?

Ella, casquinou, batendo palmas. Os olhos e os dentes a luzirem-lhe com jubilo ferino.

— Elle poderá dar com o caminho para lá, mas para cá é que não, clamou. Como é que elle poderá distinguir as balizas de vime, com esta noite? Plantámo-las ambos, para marcar a veréda por entre o marnel. Ah! e não poder eu arrancá-los, hoje ainda! Se assim fora, tinham-n'o os senhores agora á mercê!

Era mais que evidente a nossos olhos o serem baldadas de todo as pesquizas emquanto não levantasse o nevoeiro. Nesse meio tempo, deixámos a casa entregue a Lestrade, entanto eu e Holmes levávamos o baroneto para a

mansão de Baskerville. A historia dos Stapletons não podia encobrir-se-lhe por mais tempo; elle, contudo, aguentou o golpe, como um valente, quando veiu a saber a verdade ácerca da mulher na qual puséra o seu affecto. O abalo da aventura nocturna havia-lhe, porém, saccudido os nervos, e antes de romper a madrugada, delirava, a arder em febre, entregue ao carinho do doutor Mortimer. Coube em sorte, quer a um quer a outro, o terem que emprehender uma viajem á roda do mundo, até sir Henry tornar outra vez a ser o mesmo homem robusto, cordial que tinha sido antes de haver entrado na posse daquella propriedade de ruim agoiro.

E agora, referirei de corrida a conclusão de tão singular narrativa, durante a qual me esforcei por fazer participe o leitor daquelles terrores sinistros e vagas desconfianças que, durante prazo tão longo, annuviaram nossa vida, vindo a rematar de tão tragica maneira. Na manhan subsequente á morte do cão espairecera de todo o nevoeiro e, guiados por mistress Stapleton, dirigimo-nos ao ponto em que os conjuges haviam encontrado uma senda através do lameiro.

A ancia e a alegria daquella mulher desditosa, ao iniciar-nos no rastro do marido, patentara-nos cabalmente o horror da sua triste vida. Ali a deixámos, parada na acanhada peninsula de terreno firme, turfôso, que sinuava através do alastrado muladar. Lá no extremo, um vime, espetado aqui e acolá, indicava os ziguezagues do caminho de pé posto, seguindo de balsa em balsa de juncos, por entre as póças de escuma verdoenga e as fetidas lagôas a tolherem o caminho ao adventicio. Bardanas putridas e lodaçal, limosas plantas aquaticas, emitindo um effluvio de corrupção e um vapôr denso e miasmatico que vinha ferir-nos o olfacto, ao passo que um pé, assente em falso, por mais de uma vez nos enterrou até ás coxas no escuro e fremente marnel, agitado, na extensão de jardas e jardas em tenues ondulações em redor de nossos pés. Com afinco tenaz aferrava-se-nos aos calcanhares no acto de caminharmos, e quando nelle nos atolavamos era como se uma mão maligna nos estivesse puxando para o seio daquellas profundidades obscenas, tão renitente e proposito era o afinco com que se agarrava.

Uma vez, tão sómente, démos fé da trilha de alguem que havia transitado por tão perigoso caminho antes de nós. Por entre uns tufos algodoados de salva brava, erguendo-o ao de cima do lodo, projectava-se um qualquer objecto escuro. Holmes atolou-se até á cintura ao debruçar-se todo no carreiro para lhe deitar a mão, e não estivéramos nós ali para o aguentar nunca mais haveria posto pé em terra firme. Brandia no ar uma bota preta, velha. «Meyers, Toronto», estampado no forro do cabedal.

— Vale bem um banho de lodo, exclamou. — É a bota do nosso amigo sir Henry que andava sumida.

— Atirada para ali por Stapleton, na fuga.

— Sem tirar nem pôr. Conservou-a na mão depois de ter açulado o cachorro no rastro do baroneto. Deitou a fugir assim que percebeu que lhe haviam desmascarado o jogo, com ella ainda agarrada. E atirou-a fora neste ponto, na fuga. Sequer ao menos ficámos sabendo que alcançou até aqui, são e escorreito.

Mais do que aquillo não deviamos nós jámais vir a saber, comquanto nos não escasseassem indicios para desconfianças. Não havia a minima probabilidade de encontrarmos pégadas no marnel, visto como o lodo, ascendendo, se acamava rapido sobre estas, ao alcançarmos porém terreno mais firme além do pantano, anciosos procurámos encontrá-las. Mas nem vestigios sequer fômos capazes de destrinçar.

Se a terra falava verdade, Stapleton jámais logrou alcançar aquelle ilheu de refugio em cuja direcção despediu com desespero através da nevoa, naquella noite derradeira. Algures, no amago do grande marnel de Grimpen, lá no fundo do lôdo fetido daquelle immenso tremedal, que o sorvêra, jaz sepultado para todo o sempre aquelle homem modelo de frieza e perversidade.

Topámos com mais de um vestigio de semelhante malvado na insua circundada de lôdo onde havia escondido o seu selvatico aliádo. Um immenso sarilho e um pôço meio atulhado de detritos denunciavam a situação de uma mina abandonada. Ali perto, viam-se as ruinas derruidas das choças dos mineiros, sacudidos dali para fóra, sem duvida, pela fedentina do pantano circumjacente.

Numa dellas, um casinhôto, uma corrente de ferro e um montão de ossos esbrugados manifestavam o sitio onde estava presa a alimaria.

Um esquelêto com umas farripas de pêlo escuro ainda adherentes jazia entre o rebutalho.

— Um cão! exclamou Holmes.

Co'a breca, e um cão de agua de pello encarolado. Não é o Mortimer, coitado, que torna a ver o seu mais-que-tudo. Em summa, não me parece que este esconderête encerre outro segrêdo que nós não tenhamos esquadrinhado. O cão conseguiu elle esconder, mas o que não pôde foi abafar-lhe a voz, e assim se explica donde vinham aquelles bérros que nem nas proprias horas do dia era agradavel ouvir. Em caso de urgencia podia recolher o cão na casinhola, em Merripit, mas sempre era um perigo, e foi apenas no dia suprêmo, que elle considerava como sendo o termo dos seus esforços, que a isso se atreveu. Aquella massa numa lata é, sem duvida, o tal mistiforio luminoso com que elle besuntou a creatura. Foi-lhe sugerido, já se vê, pela lenda do cão infernal de familia, e pelo desejo de causar a sir Charles um susto mortal. Não é pois de admirar que um pobre diabo de um presidiario deitasse a correr e a gritar, tal qual succedeu ao nosso amigo, e a nós mesmo nos poderia ter acontecido, ao deparar-se-lhe semelhante avantesma aos pulos por entre a escuridão daquelle brejo, atrás delle. Era sagaz o ardil, porquanto, não falando na possibilidade em impellir á morte a victima, qual seria o camponio que se arriscaria a indagar de perto a entidade de semelhante creatura, se por acaso a avistasse, na charnéca? Disse-t'o já, lá em Londres, Watson, e torno a dizer-t'o, aqui, que nunca em dias da vida ajudámos a dar caça a individuo tão perigoso como este que jaz «além» — e, com um movimento rasgado do compridissimo braço apontou para a vasta e matizada expansão de paúl sarapintado de limos verdoengos dilatando-se por ali fóra até ir esbarrar nas avermelhadas vertentes da charnéca.

CAPITULO XV

Retrospecção

Estavamos nos fins de novembro, e eu e Holmes, por noite agreste e nebulosa, sentados a um e outro lado de um lume assás esperto naquelle nosso gabinete em Baker-Street. Desde o tragico desenlace da nossa visita ao Devonshire tinha-se elle visto a braços com dois casos da maxima importancia, e trazido a lume e estudado o primeiro, o procedimento atroz do coronel Upwood em connexão com o tão falado escandalo de jogatina no club Nonpareil, ao passo que no segundo assumira a defêsa da malaventurada madame Montpensier, accusada de assassinio em relação com a morte da enteada, mademoiselle Carére, menina que, conforme estarão lembrados, veiu a ser encontrada dali a seis mêses viva e casada em Nova-York. O meu amigo achava-se em optima disposição de espirito resultante do exito feliz alcançado pela solução de uma serie de casos intrincados a par de importantes, de modo que consegui levá-lo a discutir os pormenores do mysterio de Baskerville. Aguardara eu, paciente, ensejo opportuno, por saber que de modo nenhum admitia o atropêlo de casos, e que o seu espirito lucido quanto lógico nunca se deixaria desviar de qualquer tarefa presente para se deter com recordações do passado. Sir Henry e o doutor Mortimer, contudo, estavam em Londres, em vesperas de emprender a tal longa viagem, que ao primeiro havia sido recommendada para restabelecimento dos seus nervos abalados. Tinham-nos procurado naquella mesma tarde, e portanto, era natural o vir o assunto á tela da conversa.

— A successão integral de acontecimentos — afirmou Holmes, — observada desde o ponto de vista do individuo que assumira o appelido de Stapleton, era simples e directa, comquanto para nós, que não dispunhamos de meios de deslindar os motivos dos seus actos e apenas podiamos inteirar-nos parcialmente dos factos, se nos antolhasse com aspecto complicado o mais possivel. Coube-me a vantagem de conversar por duas vezes com mistress Stapleton, e o caso acha-se hoje tão cabalmente tirado a limpo, que não me consta existir a minima circunstancia que para nós ficasse sendo segredo. Hasde encontrar meia duzia de apontamentos referentes ao assunto, consignados na lettra **B**, na minha lista alfabetica dos casos.

— Obsequiar-me-ias sobremodo delineando-me de memoria um resumo da sequencia dos acontecimentos.

— Certamente, supposto não possa afiançar o ter ainda presente os factos, no seu conjunto. A intensidade da concentração mental tem uma tendencia assás curiosa para obliterar as coisas passadas.

O advogado que traz a sua causa nas pontas dos dêdos, e que é capaz de argumentar com qualquer perito na propria especialidade deste, descobre que, uma ou duas semanas de tribunal bastam para lhe varrer tudo do cérebro. Assim, pois, cada um dos meus casos vae des-

locando o anterior, e o caso de mademoiselle Carére apagou-me as reminiscencias do caso da mansão de Baskerville. Amanhan qualquer outro problêmazinho poderá vir a ser submetido ao meu criterio, e que a seu turno virá a desapossar a tal senhora francêsa e o infame Upwood.

Com respeito ao caso do cão, porém, vou desfiar-te a meada dos acontecimentos com a possivel exacção, e tu, da tua parte, lembra-me qualquer pormenor que me haja esquecido.

— As minhas investigações, inquestionavelmente, vieram a patentear que aquelle retrato de familia não mentiu, e que o tal meliante era com effeito um Baskerville. Era filho daquelle Rodger Baskerville, irmão mais novo de sir Charles, que fugiu com sinistra reputação para a America do sul, onde consta haver falecido solteiro. Que elle, de facto, casou, e teve um filho, o tal nosso sujeito, cujo verdadeiro appelido era o do pae. Casou com Beryl Garcia, uma das beldades de Costa-Rica, e, havendo descaminhado uma importante quantia dos dinheiros publicos, mudou o nome para o de Vandeleur e fugiu para Inglaterra, onde estabeleceu um collegio lá para as bandas de leste, no Yorkshire. O motivo que o impelliu a tentar aquelle ramo especial de exploração foi o haver contrahido relações com um professor, tisico, durante a sua viagem para a patria, e o haver aproveitado as aptidões do sobredito individuo para o bom exito da emprêsa. O professor, do appelido de Fraser, faleceu, contudo, e o collegio, que levara bons principios, foi decaindo, desde o descredito até á infamia. Os conjuges Vandeleurs julgaram conveniente mudar o appelido para o de Stapleton, e o marido transferiu o remanescente de seus haveres, os seus projectos de futuro, e a sua predilecção em favor da entomologia para o sul de Inglaterra. Vim a saber no Museu Britanico que era uma autoridade reconhecida no assunto, que o appelido de Vandeleur havia andado permanentemente ligado a uma certa larva que elle, durante a sua residencia no Yorkshire, fôra o primeiro em descrever.

Chegamos agora áquella fáse da sua vida que veiu a ser para nós tão interessante. O sujeito déra-se a pesquizas, e veiu no conhecimento de que duas vidas, apenas, intervinham entre elle e uma valiosa propriedade. Quando se transferiu para o Devonshire, o seu plano, segundo presumo, éra sumamente nebuloso, mas lá que elle, desde o inicio, abrigava pessimas intenções é facto manifesto pelo alvitre de que lançou mão, levando comsigo a mulher, e apresentando-a como irman. A ideia de se valer della na qualidade de aliciativo é mais que evidente haver-lhe já surgido na mente, comquanto não se achasse ainda bem certo quanto á maneira como havia de dispôr os fios da sua trama. Concluiu afinal pela arreigada intenção de haver ás mãos a propriedade, e estava disposto a servir-se de qualquer instrumento e a arrostar fosse com que perigo fosse para conseguir seus fins. O seu primeiro acto foi estabelecer-se o mais perto que pôde da mansão avoengaria, e o segundo cultivar a amizade de sir Charles Baskerville e a dos convizinhos.

Foi o proprio baroneto quem lhe contou a historia do cão tradicional, preparando assim o terreno para a sua propria morte. O Stapleton, que assim continuarei a designá-lo, sabia que o ancião tinha o coração fraquissimo e que qualquer abalo o podia matar. Soubera-o da bôca do doutor Mortimer. Ouvira tambem que sir Charles era supersticioso, e que tomára muito a serio a sinistra lenda. O seu espirito ingenhoso sugeriu-lhe desde logo o modo porque o baroneto podia ser impellido á morte, sem que, contudo, fosse possivel accusar do crime o verdadeiro assassino.

Concebida a ideia, procedeu a levá-la a effeito com singular arteirice. Qualquer maquinador vulgar haver-se-ia restringido a operar com o auxilio de um cão bravio. O emprego de meios artificiosos no sentido de tornar diabolica a creatura foi um rasgo de genio da sua parte. Comprou o cão em Londres á firma Ross & Mangle, com estabelecimento na estrada de Fulham. Era o mais corpolento e feroz de que dispunham. Trouxe-o comsigo pela linha ferrea do Devon septentrional, e palmilhou a pé uma consideravel distancia através da charnéca, afim de o trazer para casa sem dar nas vistas. Elle, durante aquellas suas caçadas aos insectos, tinha aprendido a transpôr os limites do marnel de Grimpen, topando assim com um segundo esconderijo para a creatura. Dispôs-lhe ali o canil e aguardou o ensejo opportuno.

Mas levou tempo a chegar. O provecto fidalgo não havia argumentos que o resolvessem a pôr pé fora do parque, de noite. Por varias vezes o Stapleton esteve de atalaia, nas circumvizinhanças, com o seu cachorro, mas debalde. Foi durante tão infructiferas tentativas

que elle, ou antes o seu aliado, foram vistos pela gente do campo, e que a lenda do cão-demonio alcançou nova confirmação. Esperava elle que a mulher lograria embelezar sir Charles, atrahindo-o á perdição; neste ponto, comtudo, manifestou ella inesperada independencia. Não consentiu em tentar illaquear o fidalgo nas malhas de uma inclinação sentimental podendo entregá-lo amarrado de pés e mãos ao seu inimigo. Ameaças e pancadas, até, sinto dizê-lo, tudo foi baldado para a demover. Negou-se a pés juntos a fazer fosse o que fosse, e Stapleton por uns tempos achou-se reduzido á inacção.

Veiu a encontrar uma saida ás proprias dificuldades no seguinte acaso: sir Charles, que se lhe havia afeiçoado, tomou-o para medianeiro da sua caridade naquelle caso da desditosa senhora, mistress Laura Lyons. Apresentando-se na qualidade de homem solteiro, veiu a adquirir sobre ella influencia absoluta, e deu-lhe a intender, que, na eventualidade de ella alcançar divorciar-se do marido, casaria com ella. Os seus planos foram subitamente acelerados pelo facto de ter vindo no conhecimento de que sir Henry tencionava ausentar-se da mansão por conselho do doutor Mortimer, cuja opinião elle fingiu esposar. Cumpria-lhe, pois, proceder desde logo, aliás a sua victima escapar-lhe-ia das mãos. Exerceu pois pressão em mistress Lyons, levando-a a escrever aquella carta, em que implorava do ancião o conceder-lhe uma entrevista na propria noite antecedendo a partida deste para Londres. Elle, então, appelando para um argumento especioso, evitou que ella comparecesse e deste modo encontrou o ensejo, de que andava á espera, havia tanto tempo.

Voltando á noite, no carro, de Coombe Tracey, chegou a tempo de ir ter com o cão, submetê-lo á tal pintura infernal, e trazê-lo por um atalho até ao cancêlo em que tinha motivos para suppôr que viria encontrar á espera o provecto fidalgo. O cão, açulado pelo dono, galgou o cancêlo e investiu atrás do malfadado baroneto, que deitou a fugir e a gritar pela aléa dos teixos em fora. Naquelle lôbrego tunnel, sem duvida deve de ter sido espectaculo pavoroso o ver aquella desconforme e negra creatura, com as fauces a vomitarem chammas e os olhos coruscantes, aos pulos atrás da victima. Caiu sem vida lá no extremo da aléa com a ruptura do aneurisma e o terror.

O cão viera seguindo a eito pela faixa de relva, ao passo que o baroneto despedira pelo trilho além, de modo que apenas era visivel o rastro do homem. Ao vê-lo jazendo por terra a alimaria ter-se-ia provavelmente aproximado para o abocar, porém, percebendo que estava morto, haver-se-ia desviado, retrocedendo. Foi então que deixaria impressa a pégada, observada posteriormente pelo doutor Mortimer. O cão foi de novo recolhido e levado á toda a pressa para o coio do marnel de Grimpen, e ficou de pé o misterio, que tão perplexas trouxe as autoridades, espalhando o terror por aquellas cercanias além, e trazendo finalmente o caso ao nosso campo de observação.

Isto quanto á morte de sir Charles Baskerville. Estás vendo a giria diabolica do ardil, pois effectivamente seria quasi impossivel estabelecer quaesquer indicios contra a pessoa do assassino. O seu cumplice unico era de molde a não poder nunca entregá-lo, e a indole, inconcebivel quanto grotesca do ardil concorria apenas para o tornar mais efficaz.

Das duas mulheres involvidas no caso, quer mistress Stapleton, quer mistress Laura Lyons, ambas ficaram desconfiando intensamente de Stapleton. Mistress Stapleton sabia que elle nutria intentos ruins contra o fidalgo, e não ignorava a existencia do cão. Mistress Lyons era de todo alheia a qualquer das circunstancias, mas impressionara-a immensamente a morte occorrida em incidencia com uma cita malograda de que só elle era sabedor. Sem embargo, achavam-se ambas submetidas á sua influencia, e elle nada tinha que recear de qualquer dellas. A primeira metade da empreitada fôra levada a cabo com exito feliz, restava ainda o mais dificultoso.

E' possivel que Stapleton ignorasse a existencia de um herdeiro no Canadá! Em todo caso vi-lo-ia a saber mui brevemente da boca do seu amigo doutor Mortimer, e este ultimo contou-lhe os pormenores todos aligados á chegada de sir Henry Baskerville. A ideia que primeiro occorreu a Stapleton foi que o juvenil forasteiro poderia ser despachado desta para melhor em Londres sem chegar a pôr pé em Devonshire. Desconfiava da mulher desde que esta se negára a ajudá-lo a armar a cilada ao ancião, e não se atrevia a perdê-la de vista por muito tempo, com medo de perder sobre ella a influencia.

Hospedaram-se, segundo me consta, no hotel

particular de um tal Mayborough, em Craven-Street, que foi justamente um daquelles visitado pelo meu agente em busca de provas de evidencia. Conservou ali encarcerada no quarto a mulher, emquanto elle, disfarçado com a barba postiça, seguia as pisadas ao doutor Mortimer até Baker Street, e depois até a estação e ao hotel Northumberland. A mulher nutria desconfianças com respeito aos seus planos; mas era tal o medo que tinha ao marido — medo baseado na brutalidade dos maus tratos — que se não atreveu a escrever afim de avisar o individuo que ella sabia incorrer perigo.

Se acaso a carta viesse a cair nas mãos de Stapleton, a sua propria vida não se acharia segura. Eventualmente, conforme sabemos, perfilhou o expediente de recortar aquellas palavras que formam a carta, e de a endereçar disfarçando a letra.

Chegou ás mãos do baroneto, transmitindo-lhe o primeiro aviso de perigo que o ameaçava.

Era condição essencial para Stapleton o obter qualquer artigo de uso pessoal pertencente a sir Henry afim de, no caso em que houvesse de appelar para o cão, poder dispôr de qualquer meio de lh'o lançar no rastro. Com audacia e prontidão caracteristicas, pôs desde logo hombros á empreitada, e é fora de duvida o haver untado bem as unhas, quer ao engraixador quer á criada do hotel, afim de o auxiliarem em seus designios.

Quis porém o acaso, que a bota que lhe apresentaram fosse nova, e como tal inutil para o seu proposito. Fê-la, pois, devolver, obtendo outra — incidente este nimiamente elucidativo, visto haver proporcionado ao meu criterio uma prova concludente de como nos achavamos a braços com um cão de carne e osso, pois que nenhuma outra supposição podia explicar uma tal anciedade em alcançar uma bota velha e tamanha indiferença em presença de uma bota nova. Quanto mais estapafurdio e grotesco se antolha um qualquer incidente, com maior cuidado convem examiná-lo, e o mesmo ponto que nos parece complicar um caso, depois de devidamente ponderado e submetido a análise scientifica resulta ser aquelle que offerece maiores probabilidades de o elucidar.

Temos depois aquella visita dos nossos amigos na seguinte manhan, sempre com o Stapleton agarrado á sombra, no cab. Pelo conhecimento prévio da situação dos nossos aposentos, e ainda pelo seu modo de proceder em geral, inclino-me a crer que a carreira criminal do Stapleton se não havia limitado simplesmente ao nosso caso de Baskerville.

Deu-se a coincidencia de ter havido quatro attentados importantes de roubo á mão armada lá para esses districtos occidentaes, não se tendo conseguido deitar a mão a nenhum dos criminosos.

O ultimo, succedido em Folkestone Court, em maio, tornou-se conspicuo pelo acto de valor do destemido pagem, o qual, de pistola engatilhada, surprendeu o solitario e mascarado salteador. Não ponho duvida em que Stapleton haja recrutado os seus tenebrosos auxiliares de entre essa cafila, e em que, durante annos, tenha sido um homem perverso quanto perigoso.

Tivémos um exemplo da prontidão dos seus recursos naquella manhan em que se nos esquivou tão habilmente, e na audacia com que me transmitiu, como sendo o seu, o meu proprio nome pela bôca do cocheiro. Desde esse momento pescou que eu havia tomado conta do negocio em Londres, e que, portanto, não havia para elle ensejo, na capital. Regressou para Dartmoor e aguardou a volta do baroneto.

— Um instante! atalhei. — Não ha duvida quanto a haveres exposto a sequencia dos acontecimentos corréctissimamente, existe porém um ponto que deixaste por explicar. Que foi feito do cão em quanto o dono esteve em Londres?

— Dei uma certa atenção ao assunto, e não padece duvida de que é importante. E' fora de questão o facto de haver tido um confidente o Stapleton, comquanto seja de todo improvavel o elle haver-se entregado nas mãos deste iniciando-o cabalmente aos seus planos.

Na residencia de Merripit existia um criado velho, cujo nome era Antonio. Estava ao serviço dos conjuges Stapletons, havia annos, desde a época em que tinham o tal collegio, e portanto, não podia deixar de ser sabedôr do facto de serem marido e mulher. Este homem desappareceu, e fugiu não se sabe para onde. Acresce ainda a circunstancia de não ser nada vulgar em Inglaterra o nome de Antonio, trivialissimo, aliás, não só em Hespanha senão nos países hispano-americanos. O homem, tal qual a propria mistress Stapleton, falava o inglês correntemente, mas com um certo sotá

que cicioso muito especial. Tive occasião de ver, com meus proprios olhos, o velho transitar pelo marnel de Grimpen, trilhando o carreiro no qual o Stapleton tinha estabelecido balisas. E' mais que provavel, portanto, que, na ausencia do amo, fosse elle quem tratava do cão, apezar de ignorar em absoluto o fim para que o destinavam.

Os conjuges Stapleton vieram estabelecer-se no Devonshire, onde a bréve espaço foram seguidos por sir Henry e a tua pessoa. Uma palavra relativamente á minha atitude durante esse prazo de tempo. Não deixarás de recordar-te de que, no acto de examinar o papel em que estavam pegadas as palavras impréssas, tratei de investigar qual era a marca de agua. Para o dito fim afastei-o da vista umas polegadas, e veiu ferir-me o olfacto um tenue aroma de jasmim. Existem setenta e cinco perfumes, que a qualquer perito em criminologia é indispensavel o saber diferençar, e sei de mais de um caso, por experiencia propria, que dependeu de os poder distinguir á primeira. O aroma sugeria a presença de uma dama, e o meu pensamento principiou a inclinar-se para os conjuges Stapletons. Assim, pois, confirmara-me na presença do cão, e adivinhara a entidade do criminoso, antes, até, de nos transferirmos para a região occidental.

O meu jogo era vigiar o Stapleton. Era evidente, porém, que o não poderia fazer estando em tua companhia, visto que seria o mesmo que pôr de atalaia aquelle finorio. Illudi toda a gente, portanto, inclusivé a tua pessoa, e fui lá ter, muito em segredo, em quanto me suppunham em Londres. As inclemencias não me atormentaram tanto quanto receava, supposto pormenores de tão pouca monta não devam nunca impeçar a investigação de um caso qualquer. Residi quasi sempre em Coombe-Tracey, e apenas me servi da baiúca da charnéca quando se me tornou necessario estar proximo do logar de acção. Trouxera comigo o Cartwright, e o garoto, disfarçado em aldeão, prestou-me immenso auxilio. Ministrava-me alimentação e roupa branca. Em quanto eu espreitava o Stapleton andava o Cartwright quasi sempre a espreitar-te, de sorte que me achei assim habilitado a conjugar na mão os fios todos.

Já te contei que os teus relatorios me eram entregues immediatamente, remetidos actocontinuo desde Baker Street para Coombe-Tracey. Prestaram-me immenso serviço, e muito em especial aquelle trêcho biografico de Stapleton que coincidiu estar certo.

Pude assim estabelecer a identidade do marido e da mulher, e ficar sabendo exactamente a quantas andava. O caso havia-se complicado muitissimo com aquelle incidente do presidiario foragido e com as relações entre este e os conjuges Barrymores. Este ponto esclarecêste-o tu aliás de modo efficacissimo, supposto eu houvesse chegado a conclusões identicas com as minhas observações.

Na occasião em que foste dar comigo lá na charnéca, dispunha eu já de um cabal conhecimento de todo o negocio, mas faltava-me um caso que pudesse submetter-se a um jury. O proprio atentado do Stapleton contra a pessoa de sir Charles, naquella noite que veiu a acabar com a morte do malfadado presidiario, nem por isso nos ajudava muito a provar que houvera tentativa de homicidio da parte do individuo. Não parecia pois haver outra alternativa além da de o apanhar em flagrante, e para o conseguirmos tinhamos que nos valer de sir Henry, sósinho e indefêso, apparentemente, na qualidade de isca. Assim fizemos; á custa de um tremendo abálo para o nosso cliente lográmos completar a nossa devassa e impellir o Stapleton a dar cabo de si. O facto de se achar exposto por nós sir Henry a semelhante perigo, confesso que deslustra um tanto o meu modo de administrar o negocio; não tinhamos porém meio algum de antever o espectaculo tremendo e paralizador daquella alimaria, nem podiamos vaticinar o nevoeiro que lhe deu azo a surgir nos, assim, de chófre. Conseguimos ser bem succedidos á custa de um acháque o qual, tanto o especialista como o doutor Mortimer nos afirmam ser temporario. Uma viagem prolongada poderá habilitar o nosso amigo a restabelecer-se não só do abalo nervoso, senão tambem do golpe moral que soffreu. O affecto que dedicava á dama era intenso quanto sincero, e aos olhos delle o lado mais negro deste negocio é o ter sido enganado por ella.

Resta-me apenas indicar o papel que ella representou na tragedia. E' fora de duvida que o Stapleton exercia sobre ella uma influencia, que poderá ter sido devida ao amor ou ao medo, ou talvez a uma e outra coisa, visto não serem de modo nenhum incompativeis taes sentimentos. Pelo menos, surtiu o effeito, cabalmente.

Submissa ás ordens delle, consentiu em fi

gurar como sua irman, comquanto elle encontrasse limites ao proprio poder sobre ella quando tentou torná-la agente directo do assassinio. Ella, resolveu desde logo avisar a sir Henry, assim que o pudesse fazer, sem culpar o marido, e fez mais de uma tentativa neste sentido. O proprio Stapleton parece ter sido accessivel ao ciume, e quando viu que o baroneto requestava para fins sérios a esposa, supposto isso fizesse parte dos seus planos, todavia não pôde conter-se que não viesse estorvar a declaração com furor imprudente, crime, e seguiu-se uma scena furibunda, na qual este lhe deu a perceber que tinha uma rival a disputar-lhe o affecto do marido. A fidelidade della volveu-se incontinenti em odio-figadal, e elle anteviu que ella era capaz de o denunciar. Amarrou-a, pois, para lhe não dar ensejo a avisar sir Henry, esperançado, sem duvida, em que, quando toda a região viesse a attribuir a morte do baroneto á praga impendente sobre a familia, como não deixariam de o fazer, lograria embelezar de novo a mulher levando-a a aceitar o facto consumado



O SOLAR DOS BASKERVILLES

revelando assim a ardente alma tão habilmente encoberta por aquelles seus modos circumspectos. Animando a intimidade adquiriu a certeza de que sir Henry passaria a ser assiduo á residencia de Merripit, e de que, mais tarde ou mais cedo, elle, Stapleton, encontraria o ensejo por que tanto almejava. No dia da crise, contudo, a mulher voltou-se de subito contra elle. Tinha lhe chegado aos ouvidos o boato da morte do presidiario, e sabia que o cão estivera preso na casucha durante toda a noite em que sir Henry viera jantar com elles. Lançou em rosto ao marido o projectado e manter silencio ácerca de quanto sabia. Quanto a este ponto, presumo que, em todo o caso, lhe viriam a falhar os calculos, e que, ainda quando nós ali não estivessemos, a sorte delle nem por isso deixava de estar sellada pela mão do destino. Uma mulher em cujas veias corre sangue hespanhol não se conforma com uma afronta com tanta facilidade. E agora, meu caro Watson, sem consultar os meus apontamentos não poderei dar-te conta mais circunstanciada de caso tão curioso. Não me parece haver deixado por explicar pormenor algum essencial.

— Elle, aqui entre nós, não podia nutrir esperanças de assustar a sir Henry mortalmente, como assustara o edoso tio com aquelle seu cão de mágica.

— O animal de si era feroz e passava fome. Se a apparição não aterrasse a victima, mortalmente, pelo menos paralizar-lhe-ia a resistencia.

— Não ha duvida. Subsiste ainda uma dificuldade. Se o Stapleton viesse a apanhar a herança, como é que elle podia explicar o facto de, sendo aliás o herdeiro, ter vivido esquivando-se á publicidade, e com um nome assumido, tão perto do dominio ancestral? Como é que elle o podia reclamar sem causar suspeitas e sem dar logar a inquerito.

— E' formidavel a difficuldade, e receio que seja exigir muito de mim, o pedir-me a solução. O passado e o presente estão dentro do campo do meu inquerito, aquillo porém que um homem poderá fazer, no futuro, é pergunta a que é arduo responder. Mistress Stapleton, por diversas vezes, ouviu o marido discutir o problema.

Davam-se três hipoteses plausiveis.

Podia reclamar a herança desde a America do Sul, estabelecer a sua identidade perante as autoridades britanicas d'ali, e alcançar assim a riqueza sem jamais vir a Inglaterra; ou podia lançar mão do expediente de um habil disfarce durante a sua breve permanencia em Londres; ou, finalmente, proporcionar a um cumplice qualquer as provas e os documentos estabelecendo-lhe a legitimidade dos direitos e reter para si uma quota-parte do rendimento.

Do que não podemos duvidar, por aquillo que sabemos a seu respeito: é de que elle deixasse de desencantar meio de saír da difficuldade.

E agora, meu caro Watson, temos tido umas semanas de trabalho aturado e podemos muito bem tirar uma noite afim de inclinarmos nossos pensamentos para assuntos de caracter mais aprazivel. Tenho um camarote para os *Hugonotes*.

Já ouviste os irmãos de Reszkés?

Obsequiar-me-ias estando pronto d'aqui a meia hora, e de caminho paramos no Marcini a ver se nos dão de jantar.

Versão de MANOEL DE MACEDO

CONAN DOYLE

FIM



A Architectura da Renasceuça em Portugal

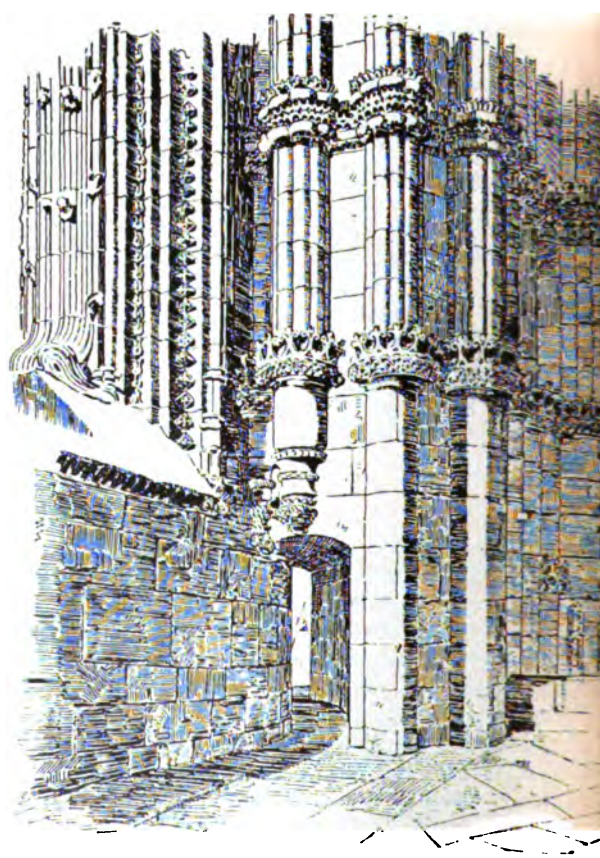
Por ALBRECHT HAUPT

Parte II—O PAIZ

II

BATALHA

O lanço superior do octogono, provavelmente, seria planeado a pouca altura, o que explica a ausencia de arcobotantes. Apenas botareus pouco possantes lograriam encontrar cabimento nos angulos das grandes capellas, a pressão do enfustamento de uma abobada de tanto peso só podendo, portanto, encontrar apoio nas paredes irradiantes das capellas, não devendo elevar-se a maior altura do que a dos estribos da mesma abobada, onde terminavam as ditas paredes.


BOTAREUS E ALIZARES DAS JANELLAS DAS CAPELLAS IMPERFEITAS

Por conseguinte, neste ponto, haver-se-hia tornado urgente a adopção de um novo plano. Para um recinto de tal magnificencia nunca poderia constituir complemento adequado uma cupula determinadamente octogonal, como as que em geral se applicaram durante os primordios da Renascença.

E nessa conformidade, era preciso elevar a uma certa altura uns possantes esteios, com força sufficiente para aguentarem o augmento de peso resultante do accrescimo de enfustamento. Foram, portanto, elevados, e talvez que até construidos de raiz; em todo o caso aproveitaram-n'os para nos intervallos

addicionarem as pequenas capellas completamente muradas, e cerradas. Conservam-se ainda hoje impervias e o seu effeito é apenas exterior. Assim pois faltava-lhes uma grande arcada, facultando ingresso e estabelecendo um vestibulo condigno á egreja sepulcral. Para esse fim, como aliás se acha já exposto, foi addicionado de novo o recinto permeando entre a egreja e o mausoleu, na largura das três capellas intermedias; os botareus existentes cerceados e substituidos por arcobotantes, e no topo da cimalha circundante elevado um possante eirado, o qual, coroando o todo, se abria para o corpo central por meio de arcarias.

Esta arcada de ingresso do lanço inferior convinha ser ligada por meio de um portico, estabelecendo uma sumptuosa entrada, ao octogono. E para este fim foi aproveitado na integra o lado do octogono defrontando a egreja. O conjuncto destes pormenores devia ser levado a effeito com a mais aprimorada e sumptuosa elaboração em o novo gosto da éra manuelina, intermediaria do Gothico e da Renascença.

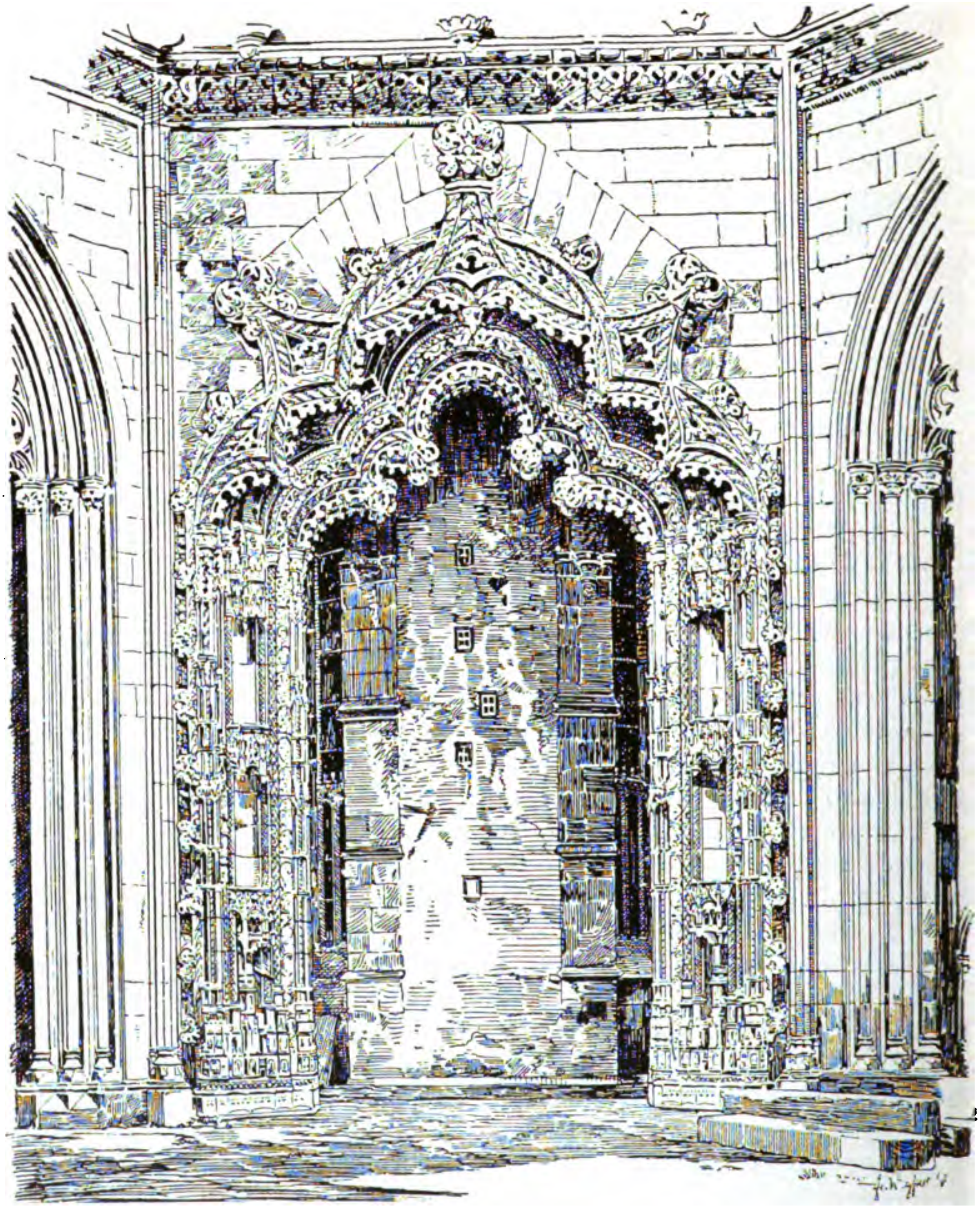
Das sobreditas capellas a que occupa o eixo foi destinada para jazigo do proprio D. Manuel, as outras, da esquerda e da direita, para seus antecessores, D. João II e D. Affonso, que assim se deprehende da presença dos emblemas e brazões respectivos na parte superior das mesmas capellas. O sarcophago de D. Duarte viria a encontrar logar no centro do octogono.

Estes projectos vieram a alterar-se com o andar dos tempos. No seu testamento dispuzera D. Manuel apenas a edificação posterior dos restantes; para si proprio desde muito que havia escolhido a capella do côro em Belem. Todavia, recommendou com a maior instancia o proseguimento e conclusão do edificio, bem como a ligação do mesmo com a egreja, ligação que lhe falta ainda hoje.

A principio, dirigiu tambem os trabalhos o edoso Matheus Fernandes; até a data de 1515, época em que, conforme se lê na sua lapide sepulcral, ali foi sepultado; desde então até 1508 trabalhara em Alcobaça; depois, e por haver fallecido este, foi então incumbido da direcção da obra o insigne mestre de Belem, João de Castilho, que conseguira leval-a ao adiantamento em que hoje se vê. É de presumir que, afinal, reinando já D. João III, se viesse a perder o gosto com respeito á conclusão da obra, visto como a nova éra trouxera comsigo novo ideal artistico, e a nova dynastia não só havia encontrado novo logar de jazigo senão tambem perfilhado outras creações mais em harmonia com as idéas do tempo; e os mortos lá ficaram a dormir em paz, no valle de repouso, á sombra do mosteiro pouco menos de esquecido.

E assim ficou pois por concluir até hoje a mais sumptuosa egreja tumular das terras meridionaes, e causa-nos surprehendente a par de tragica impressão, o modo porque a sua designação de Capellas imperfeitas, ora surgindo no testamento de um moribundo ora voltando a afundar-se, para de novo voltar a surgir, se vem arrastando, fardo eterno e legado jamais cumprido, véra imagem da historia dos Povos, em cujo animo persistiu pensamento artistico a tal ponto.

Quem quizer percorrer as Capellas imperfeitas deverá seguir até ao portico alludido que permeia entre a egreja e o mausoleu. Este apresenta no lado mais estreito uma janella, cuja ar-



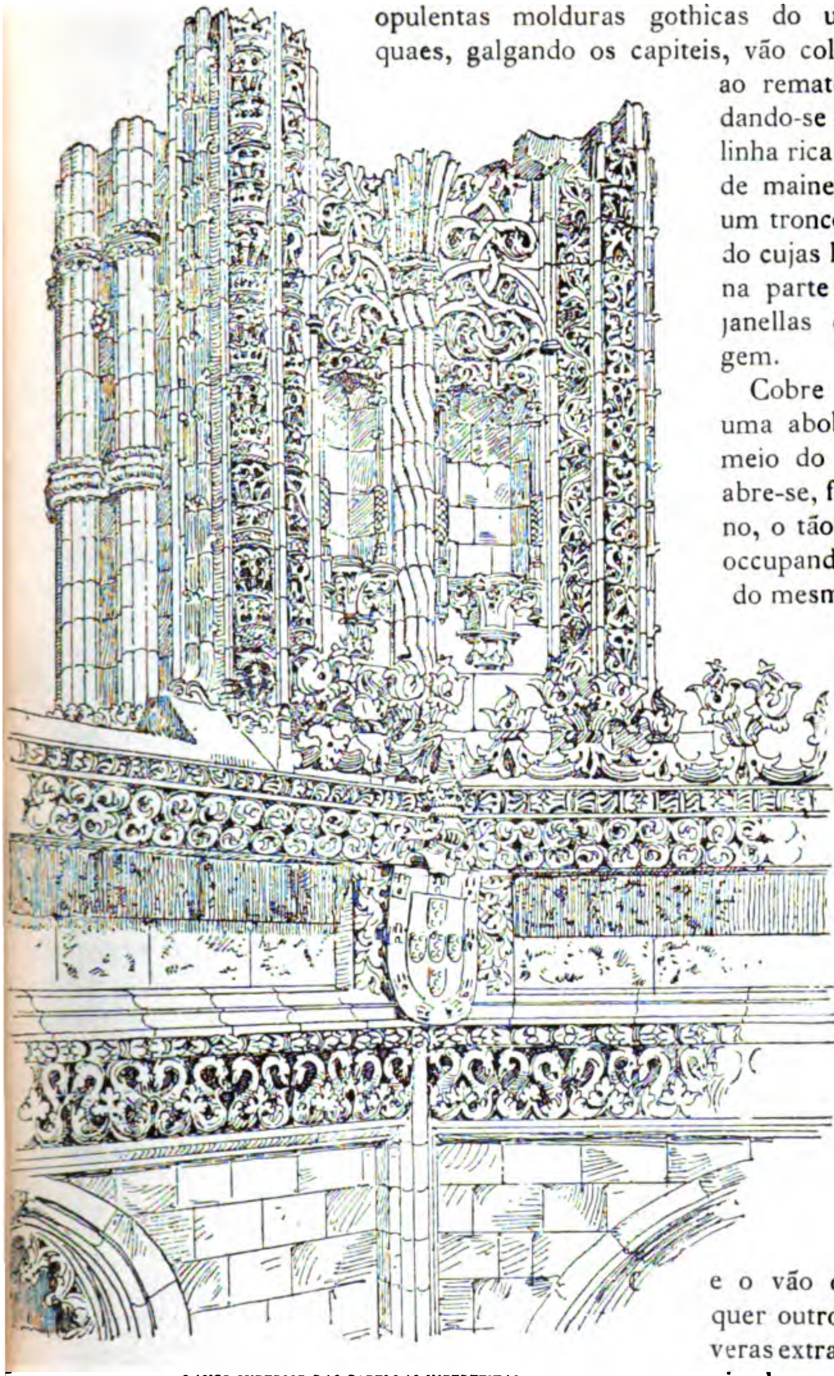
PORTAL DAS CAPELLAS IMPERFEITAS

chitectura se acha reproduzida no tomo primeiro.

A porta de entrada, exteriormente um arco singelo de ponto subido, interiormente emmoldurada por opulentissima e um tanto selvatica ornamentação manuelina, encontra-se no lado septentrional; neste lanço do edificio lê-se a inscripção: *Perfectum fesit anno Domini 1509.* (1)

Guarnecem as janellas, abertas a bastante altura, contornando-as, umas

(1) Reproduzida na obra de Murphy.


LANÇO SUPERIOR DAS CAPELLAS IMPERFEITAS

opulentas molduras gothicas do ultimo periodo, as quaes, galgando os capiteis, vão coleando em direcção ao remate octogonal, enredando-se e descrevendo uma linha rica e graciosa; em vez de maineis ergue-se a meio um tronco duplo e contorcido cujas hastes se expandem na parte superior das ditas janellas em pujante folhagem.

Cobre o recinto, oblongo, uma abobada réticulada. A meio do lado mais extenso abre-se, frenteando o octogono, o tão decantado portico, occupando um lado inteiro do mesmo; isto é, medindo de largura 7,^{m}5 por 15 de altura e com uma abertura de 4^{m},8.

O extradorso expande-se no sentido da capella, e o vão de modo ainda mais consideravel na direcção do arco do vestibulo, atingindo no seu maximo desenvolvimento a 6 metros.

O extradorso e o vão ostentam quer um quer outro ornamentação deveras extraordinaria. Só o lado virado para o vestibulo apresenta uma subdivisão de cerca de uns doze columnélos e respectivas molduras, que no topo vão descrever diversos arcos, a saber, internamente, um arco polylobado, e após deste, um arco de folha de trevo e, consecutivamente, um como arco canopiado. Nos espaços in-

termedios repete-se uma craca preenchida com intersecções de ornamentos. A sequidão destes vocabulos não logrará porém dar ideia da extraordinaria abundancia desta ornamentação. Desde os exuberantes sóccos, penetrando-se e entrelaçando-se, e, em parte, intersectando-se, das bases dos columnélos até ao mais alto remate é tudo uma esculptura pegada. A insolita exuberancia do ornato é caso para entontecer (1). As cracas ornatadas no genero das que se acham reproduzidas no volume primeiro ministram singular exemplo já de paciencia já de fantasia. A ramaria, evolvente, que as preenche não apresenta já, na maxima parte, caracter gothico do ultimo periodo, antes feição libérrima, com grossos troncos, folhas e flores fantasticas, uns animaes a modo de golfinhos, e assim por diante, cujo tratamento faz lembrar a ornamentação de Alberto Durer e ainda os trabalhos da mais primitiva Renascença alleman (2).

A macenaria, no seu prolongamento no sentido do octogono, desenvolve esse tão famoso e unico emmolduramento que tem excitado a admiração do mundo inteiro. O desenho apenas conseguirá dar fraquissima ideia da respectiva impressão. Aqui, a molduragem ascendente, não consiste apenas em nervuras senão ainda em esbeltos gigantes de membros opulentos, com flores e coruchéus, fundos nichos com baldaquinos e consólas e, exteriormente, preenchidos os espaços por uns seguintes de folhagem ascendentes. A sumptuosa moldura externa, serpeando, vae desabrochar no topo em um arco trilobado e acompanha-a uma outra moldura em forma de arco de sanefas, coroado no remate por um florão acogulhado. Os moldurados baixam em pingentes rendilhados, tal qual os arcos intermedios e os internos, trilobados, conclusão preciosa, similhando um primoroso bordado.


Do Portico das Capellas imperfeitas

Os pormenores apresentam um misto de formas gothicas e da Renascença, já caprichosas, já naturalisticas, mas sempre fantasticas.

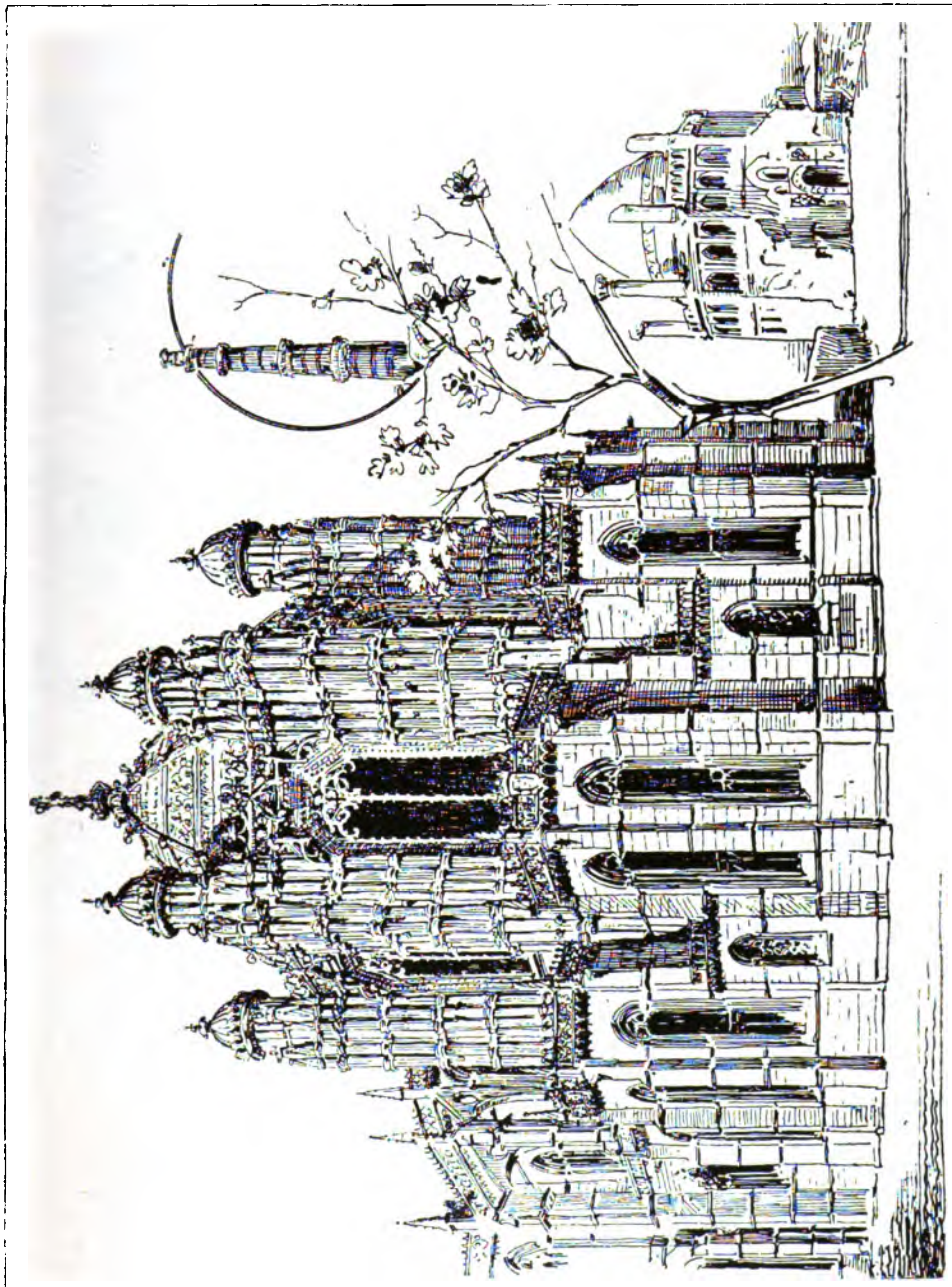
O conjunto é tal qual um sonho dos contos de fadas, oriental.

Este trabalho, ponderadas as circunstancias de haver ficado concluido o vestibulo em 1509 e do fallecimento de Matheus Fernandes, senior, se ter dado em 1515, pode bem ser considerado como sendo obra deste artista.

Incidiria com a mesma época o haverem sido muradas as capellas menores para reforço dos pilares e fechada a abobada das capellas maiores. Estas

(1) Reproduzida na obra do visconde de Condeixa.

(2) Idem.



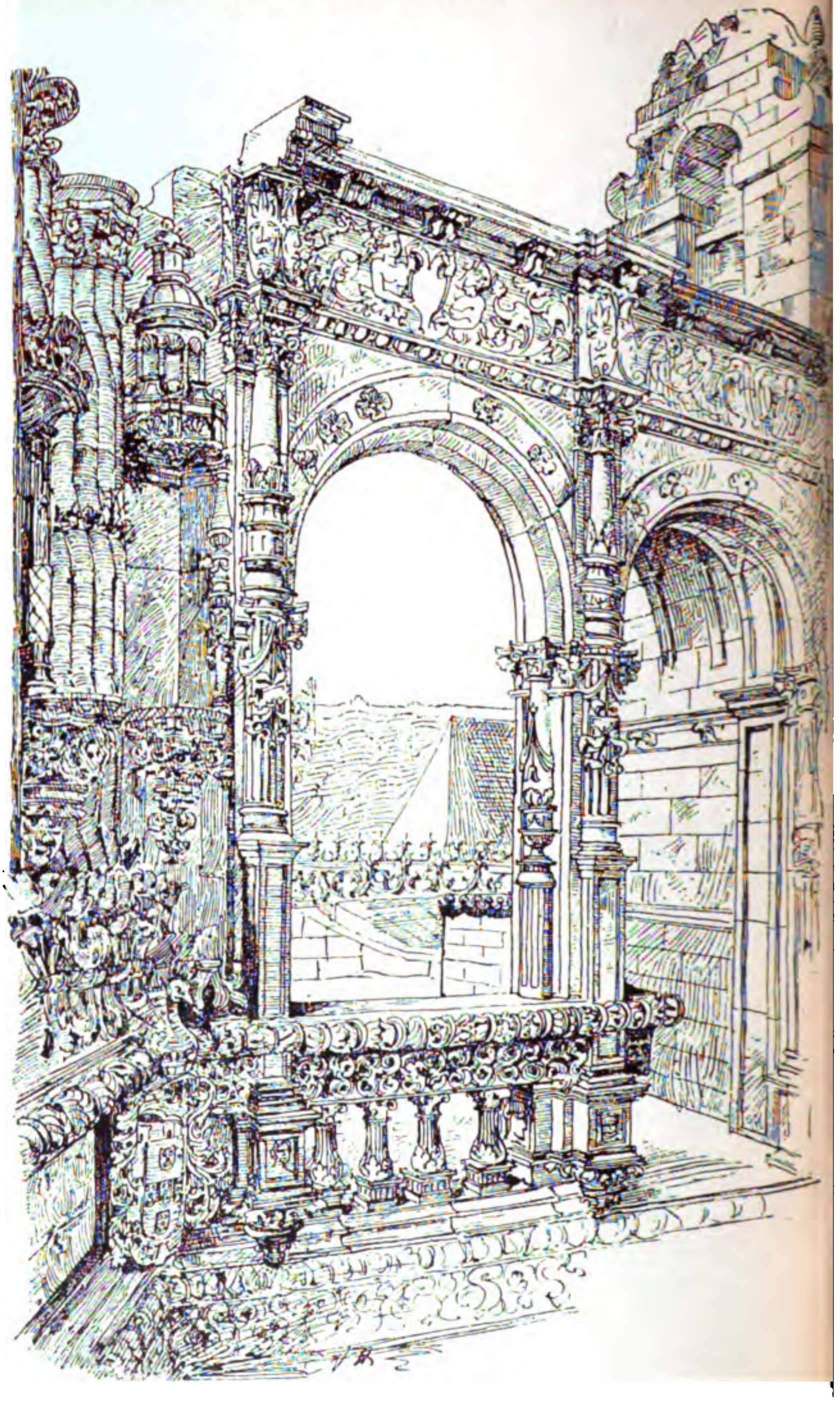
apresentam egualmente o cunho da éra manuelina, e tanto as que lhe ficam contiguas como as três da direita são adornadas com abobadas sumptuosissimas, com nervuras de ornamentação opulenta, bocêtos muito salientes, e: dos de armas e feixes pendentes, a lumados.

Por cima dos arcos mais antigos, ponto subido e afestoados, da ca

la, os frisos são adornados com uma dupla cercadura de sumptuoso ornato interrompido, em vigorosas formas da primitiva Renascença, deixando entre si uma faixa larga muito cavada, em tosco, visivelmente destinada mais tarde a receber um friso opulento, talvez que de figuras. (1)

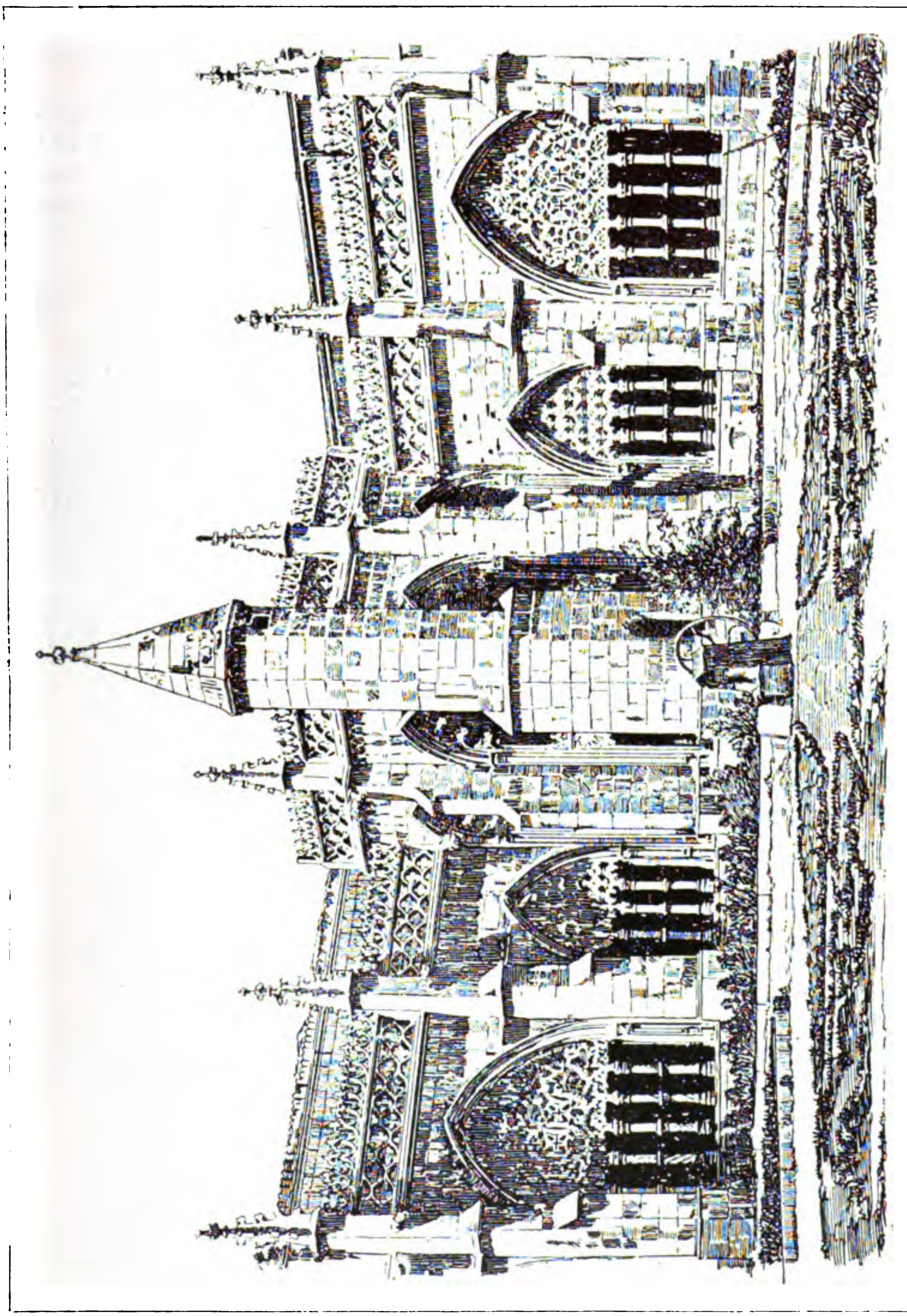
Por cima ostenta um coroamento de lavor libérrimo de ponderosos ramalhos, botões e flôres.

Acima dos oito lados erguem-se os possantes esteios do octogono superior. Exteriormente, com a feição de um grosso feixe de bordões redondos, á similhança de feixe de bambús, ligados por umas faixas a modo de corôas, repetidos interiormente



VARANDIL DAS CAPELLAS IMPERFEITAS

(1) A geral estimação em que eram tidos os trabalhos italianos de *terra-cotta* (barro cozido) e o emprego frequente dos productos dos Della Robia, em edificios manuelinos, deixa antever a probabilidade de haverem reservado os ditos frisos para algum trabalho florentino do mesmo genero.

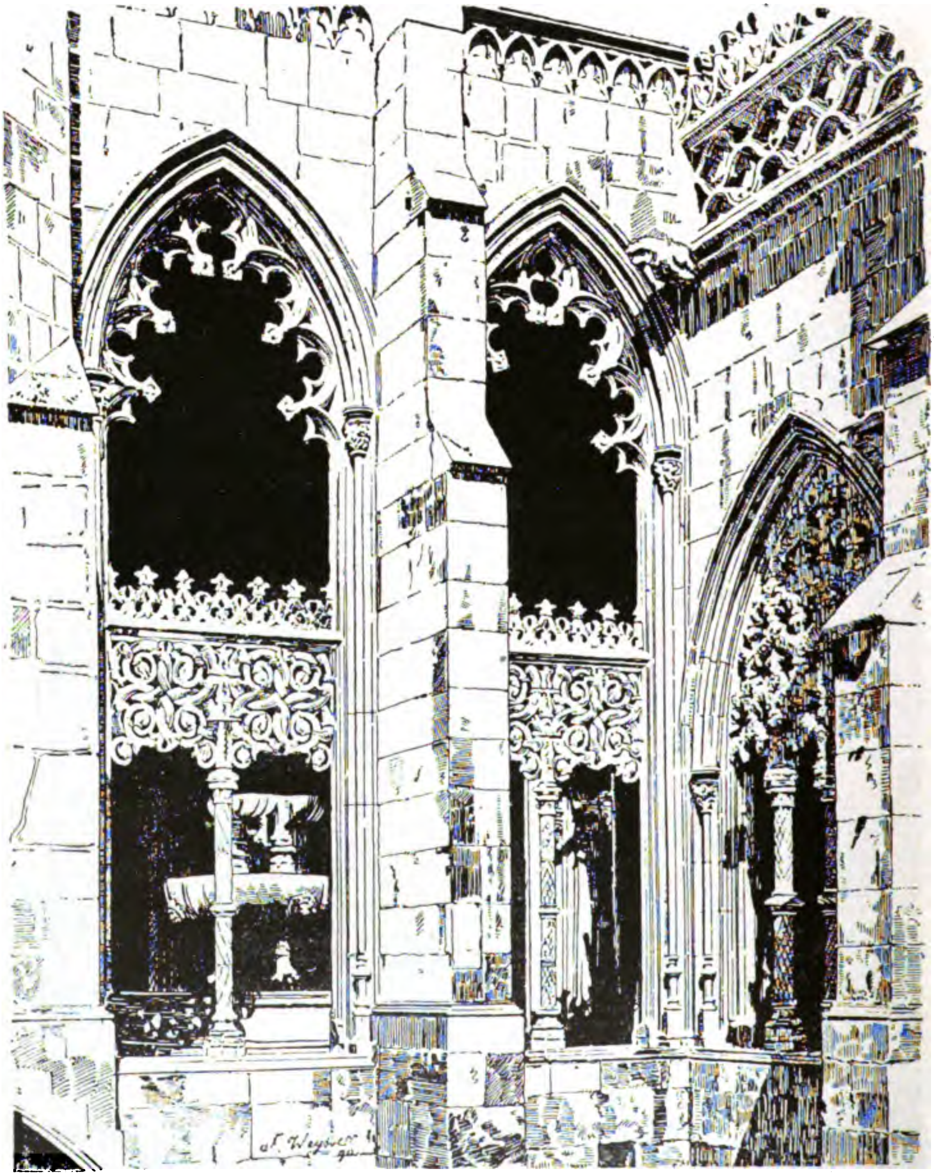


CLAUSTRO REAL E CAPELLA DA FONTE

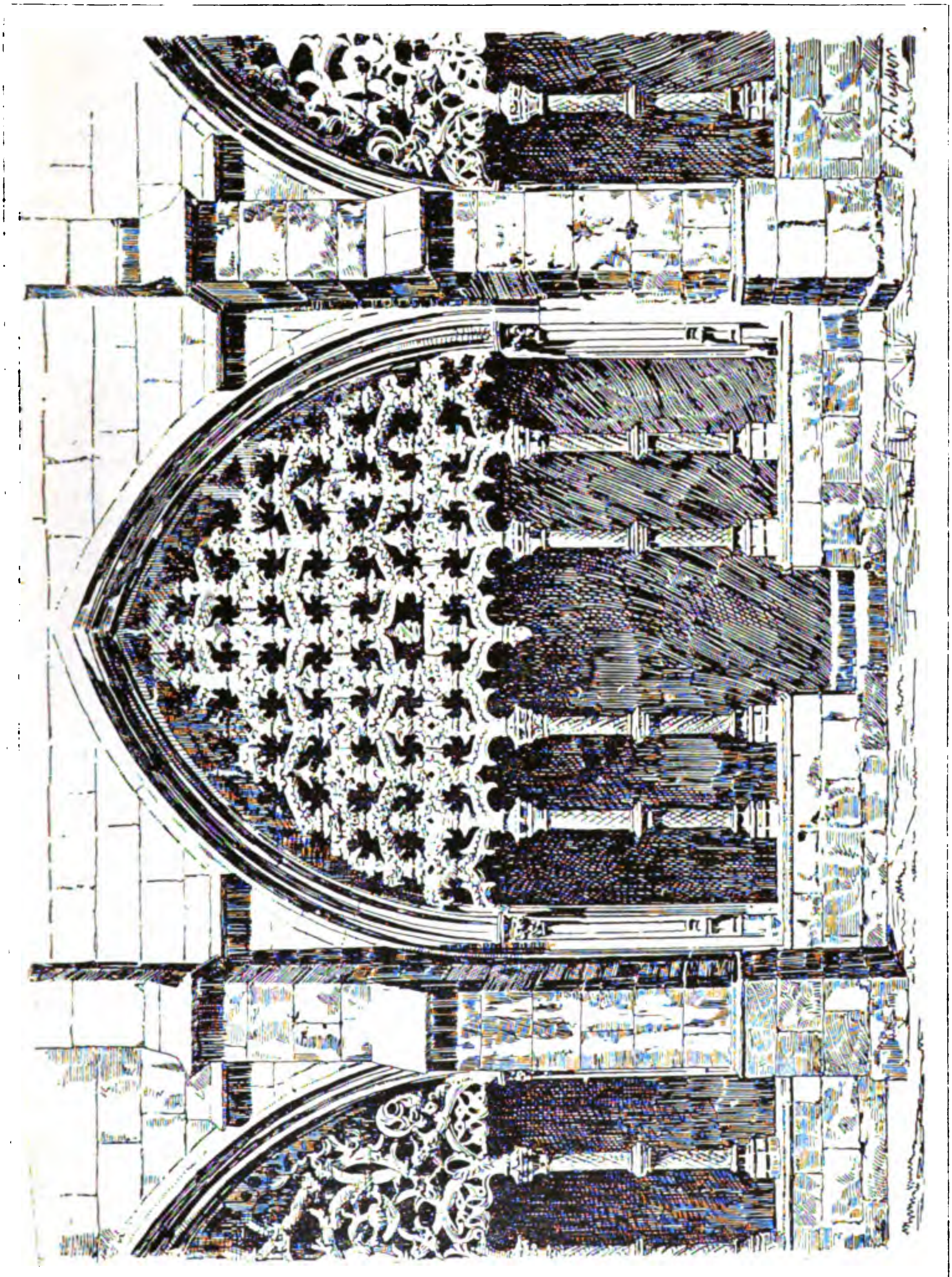
nas emmaranhadas cercaduras dos angulos com capiteis e nascenças dos artezãos da abobada; contiguos a estes uns nichos rectangulares com ricas consolas e sumptuosos baldaquinos de ramaria, depois, o emmoldurado da pro-

jectada janella, seguindo-se-lhe outra vez cercaduras e cracas, fundas e atulhadas de folhagem e ornato; por partes, apresentam estas tambem como adorno as iniciaes de D. Manuel (M. R. com a corôa), e logo um macisso e nodoso tronco de arvore com as raizes, desenvolvendo em laçaria deixando antever que o preenchimento das janellas se propunha condizer aos das janellas do vestibulo.

Este lanço superior, do friso para cima, manifesta ainda retraços de um vigoroso naturalismo assente sobre principios gothicos, e a um tempo, uma forte tendencia fantastica, que só pode



CAPELLA DA FONTE NO CLAUSTRO REAL



LAÇARIA DO CLAUSTRO REAL

ter provindo do extremo oriente. O conjuncto estructural é indubitavel o apparentar-se com a Arte *indiana* e, com as suas largas e toscas faixas de ornato, e os seus nichos para figuras, pronunciadamente indiano o seu aspecto. Comparado ás obras sumptuosas encontradas nas colonias portuguêsas daquella



NO CLAUSTRO REAL

região, quem deixará de concordar em que apresentam parentesco ainda mais conspicuo? (1)

Todavia, como D. Manuel veiu a fallecer em 1521, e este lanço apresenta ainda o seu monograma, consideramos pois o dito lanço como sendo obra do junior Fernandes.

Desde a sua morte assumiu o seu logar João de Castilho, o qual por esse tempo já empregava formas pronunciadamente da Renascença. Será pois deste artista certamente a varanda encimando o lado da entrada, planeada, ao que parece, para corêto de musica.

O espaçoso terraço por cima da entrada deixa suppôr semelhante applicação; a parede a seguir ao edificio central é trabalhada em formosa architectura da Renascença, assim como o parapeito da balaustrada interrompendo o friso abrangente, cujos dois arcos sobre pilastras adornadas de candelabros ostentam, por partes, figuras nos respectivos frisos. No tardoz existe um possante arco com as molduras dos pés direitos em originalissimos encruzamentos, taes como se vêem no convento de Thomar. Os proprios torreões redondos das escadas, supprindo aqui as vezes dos pilares enfeixados, são coévos dos robustos botareus, que



RETABULO DA EGREJA PAROCHIAL DA ALDEIA DE SANTA CRUZ

(1) Permitti-me, talvez com excesso de zelo, apresentar um bosquejo do aspecto que offereceria o edificio, dado o caso de que viesse a ser completado segundo as vistas de D. Fernando II e os ultimos projectos de reconstrucção. Comparado com as ideias de Murphy, meu unico antecessor, segundo creio, não deixará de patentear-se a superior verosimilhança da minha ideia, a qual, quando menos, se baseia em estudo individual.

Accrescentei, á margem, dois motivos orientaes que me pareceram opportunos, e, seja como fôr, os feixes de bambús dos pilares devem ser classificados como productos de origem indiano-oriental. A torre, em Kutah, é de tão absoluta similhança, que a imitação, até então inintelligivel a tal ponto, me parece encontrar aqui explicação.

Quando, na Persia, cerca da mesma época, foi edificado um tumulo, patenteando disposições de tanta similhança; quando na India existiu multidão de mausoleus (Agra) aparentados com aquelles, não deixa de encontrar fundamento a hypothese, de como aqui, na Batalha, souberam não só emular com o Oriente, senão ainda se empenhavam em o exceder.

se erguem acima da abside do côro da egreja, e manifestam a intenção de substituir aos ditos pilares enfeixados qualquer elemento mais civilizado.

Vêmos aqui João de Castilho tentando identificar-se com as novas formas, e com o ideal que desde muito vinha progredindo, dos jesuitas, tão predilectos d'el-rei D. João III, fundindo-as com as antigas.



RESIDENCIA PARTICULAR

Quanto á parte interior não se lhe mallogrou o intento; não lograria comtudo a sua possante constituição, a qual, apenas quinze annos atrás, laborava no emprego de formas de absoluta divergencia, conciliar a individualidade da construcção exterior e as novas aspirações; quanto estava já feito não apresentava unidade, e assim pois, os mencionados fragmentos estabelecem o termo da sua actividade no tocante ás capellas imperfeitas (1). Estas, ficaram sempre por concluir, visto não corresponderem ao espirito da época, e conservarão para sempre esta designação, supposto o completá-las não representasse hoje commetimento gigantesco.

Ainda no restante edificio do mosteiro construiram os Fernandes muita

(1) Não poderá aliás deixar duvidas, a avaliarmos pelas ideias expressas nas formas dos trabalhos acima citados, a propensão para a Arte indiana, e a circunstancia de nutrir o o beato D. João III repulsão por semelhantes formulas artisticas; e, pelo facto de não haver cabido em sorte ao seu architecto o lograr a christianização do conjunto, haver deixado caducar, por fanatismo, o projecto da conclusão da obra.

Além de Castilho anda ainda associado nessa época ao edificio o nome de um tal Antonio Gomez. E' possivel haver residido aqui na qualidade de director da construcção.

coisa de concepção propria e manifestando o seu estylo.

Acima de tudo, manifesta-se isto no «Claustro real», onde a antiga e severa laçaria das arcadas não apresentava a desejada sumptuosidade. Aqui existe apenas de algum modo, effectivamente, a realização de uma obra prima da fantasia, visto como a mesma laçaria foi feita de novo.

Consiste esta em columnélos contorcidos e ornatados a aguentarem uns estupendos gradeamentos de entrelaçados, de ornato maçudo a par de original, com as formas do gothico tercceario e da primitiva Renascença, tão unicas em todo o mundo como os até aqui mencionados.

Aqui, devo remetter ás estampas o leitor e apenas mencionar o facto de haverem sido egualmente interceptadas a meia altura as esbeltas janellas denticuladas ao ediculo da fonte, no qual dispuzeram uma nova fonte com duas bacias sobrepostas assentes sobre quatro columnas entrecambadas.

Externamente ao mosteiro não tardaram em agrupar-se outras habitações, de modo que, a breve espaço, ali se foi constituindo uma aldeia. As necessidades do culto, com o andar dos tempos, deram azo á edificação de uma nova egreja paroquial, que veiu a ser erigida em 1552, distante do mosteiro uns cem passos.

Esta egrejinha, dedicada ao Santo Lenho, foi implantada por João de Castilho e apresenta o caracter do seu primitivo estylo. Arruinada, actualmente, consiste em uma nave unica, com tecto de madeira, singelissimo, e um côro quadrangular, adornado ainda hoje com uma rica abobada manuelina.

Na parede do lado de nordeste, junto ao arco do cruzeiro, divisa-se o primorosissimo retabulo (1) do altar lateral, muito deteriorado, porém, construido em dois lanços sobrepostos, com dois nichos ladeados por columnas de candelabros e retropilastras e coroado superiormente por um medalhão, contendo um santo, flanqueado por dois animaes fantasticos. Ornato e molduras, da mais extrema finura; pronunciadamente hespanhol; época da construcção, cerca de 1540. Quem sabe se o nome de Antonio Gomez, o qual por esse tempo estava occupado nas construcções da egreja, andará ligado a este trabalho? O appellido pode muito bem designar um hespanhol.

A egreja ostenta exteriormente um sumptuoso portico com arco ogivalado e riquissimo coroamento, assim como ornamentação da Renascença entre molduras aboceladas, absolutamente na maneira de João de Castilho.

Proximo do mosteiro, para a banda do sul, divisa-se uma casa de modestas dimensões; o andar superior apresenta as formulas que devemos considerar como inherentes a Matheus Fernandes, segundo; esta casa, pelo que reza a tradição, era a morada do artista.

Decoração similhante, supposto que mais esmerada, deverá ter ostentado a fachada occidental da egreja, quasi contigua, a qual, no decurso do «restauro» do mosteiro deve de ter sido victima dessa contagiosa epidemia que entre nós tanto grassou, aliás.

As antigas casas de habitação na Batalha apresentam por vezes formosos agrupamentos, já de escadas já de varandas como aquella cuja reproducção inserimos nestas paginas.

(1) Apresentando no tardoz uma luxuosa construcção.

Serões dos Bébés



Nansei e a sua egua

Em tempos que já lá vão o rei dos Christãos ia a cavallo pelo meio de uma floresta, quando viu, debaixo de uma arvore, um pequenito a dormir.

Apeou-se, acordou-o e perguntou-lhe:

— Quem és tu que estás a dormir aqui sósinho, debaixo do arvoredo?

E o pequenito, que tinha apenas tres annos, respondeu na sua linguinha de trapos:

— *Nan* sei.

— Onde é que moras? tornou o rei a perguntar-lhe.

— *Nan* sei.

— Onde é que está o teu pae e a tua mãe?

— *Nan* sei.

— Como te chamas?

— *Nan* sei.

— Pois, meu rico Nansei, já que não ha aqui ninguem que olhe por ti, acho que o melhor é vires comigo para o palacio.

E o rei pegou ao collo no pequenito e levou-o para o paço real, onde o mandou educar pelo mais sabio de todos os seus sabios. O pequenito aprendeu tudo muito depressa, e aos dezesete annos sabia tanto, que o sabio mais sabio declarou que já não tinha nada que lhe ensinasse.

— Quero armar-te cavalleiro, disse o monarcha ao Nansei — todos lhe davam este nome — mas antes hei-de comprar-te uma espada.

Foram ambos á loja de um alfageme, que mostrou a Nansei espadas das mais pesadas e das mais leves, espadas de todos os tamanhos e feitios. Como nenhuma agradasse a Nansei, voltavam os dois para o palacio sem ter comprado nada, eis que viram, á porta de uma lojinha de ferro-velho, pendurada uma espada já toda comida pela ferrugem.

Nansei agarrou-lhe immediatamente e gritou muito satisfeito:

— Cá está a espada que eu quero!

— Repara bem no estado em que a puzeram! disse o rei. Já não serve para nada.

— Comprae-m'a por quem sois, respondeu o Nansei, e vereis que ainda serve para alguma coisa.

Como a velha, dona da lojinha, pediu muito pouco dinheiro pela espada, o rei satisfez o capricho do rapaz.



— ESTA ESPADA É QUE EU QUERO! DISSE NANSEI

No dia seguinte, Nansei tirou a ferrugem da espada e foi descobrindo a pouco e pouco umas letras, que a principio não fizeram sentido, mas com que elle formou afinal estas palavras: «Sou invencivel».

— Ainda bem! murmurou Nansei com os seus botões.

Tempo depois, disse-lhe o rei:

— Tenho agora de te arranjar um cavallo.

Foram ambos a um negociante de gado. Mostraram-lhe muitos cavallos bonitos e fortes, porém nenhum agradou a Nansei, e por isso ambos voltavam para o palacio sem ter comprado nenhum, quando encontraram uma velhinha, que levava pela arreata uma egua muito feia, ossuda e estropeada.

E Nansei disse logo:

— Aqui está a egua que me convém!

— Que dizes! Não ha sendeiro mais ruim. Olha bem para ella.

— Esta é que eu quero, acudiu Nansei, e não acceito nenhuma outra. Comprae-m'a, peço-vos!...

— Sempre tens gostos bem exquisitos, disse-lhe o rei, emquanto pagava o preço da egua á velha.

E vae esta disse baixinho a Nansei, quando lhe entregou a egua:

— Vês estes nós, que tem a arreata? De cada vez que desatares um, a egua leva-te para d'ahi a cem leguas.

— Muito bem! respondeu Nansei, e, tendo montado na egua ,desatou um dos nós. Tanto elle como o animal cortaram os ares, mais ligeiros que um pé de vento,

e foram ter a uma cidade que ficava á distancia de cem leguas e era capital do reino dos Pagãos. Ora succedeu ir passando perto o rei d'este povo, e, julgando que Nansei tinha saltado por cima de umas casas muito velhas que havia perto, disse-lhe:

— Sois um grande cavalleiro. Quereis tomar á vossa conta o ensino dos meus cavallos?

— Com muito gosto, real senhor, respondeu Nansei.

E os cavallos, que lhe foram entregues, em breve se tornaram mais fortes e bellos do que os confiados aos palafreneiros reaes.

O rei deu sinceros parabens a Nansei, o que fez com que os outros se mordessem de inveja e resolvessem á chucha-calada armar-lhe uma traição.

A occasião chegou afinal, uma noite. Fazia muito escuro e Nansei recolhia de um passeio e já estava perto da cavallariça, quando viu no chão uma coisa a luzir muito.

Era uma corôa de oiro, com lindos brilhantes engastados. O rapaz apeou-se e já ia para apanhal-a, quando ouviu uma voz dizer:

— Não a apanhes! Não a apanhes! Não a apanhes!

Era a egua, que lhe falava. Nansei olhou para ella espantado, não sabendo o que havia de fazer, mas era tão linda a corôa, que, sem poder resistir á tentação, a levantou e escondeu debaixo da capa.

Tendo deixado a egua na cavallariça, foi para o seu quarto, que ficava por cima, e pendurou a corôa n'um cabide. Os brilhantes davam luz como um bom lampião.



ERA UMA COROA DE OURO COM BRILHANTES ENGASTADOS

Ora nas cavallariças reaes houvera pouco antes um grande incendio e por isso o rei tinha dado ordem para que nunca lá tivessem luzes accesas, com medo de que pegasse fogo outra vez na palha e no feno.

Quando os palafreneiros viram aquelle clarão sahir da janella do quarto de Nansei, julgaram que elle tinha desobedecido á ordem e trataram logo de o denunciar ao amo.

Nansei respondeu que era a sua espada que dava aquelle clarão, por ter virtude magica, de modo que o rei ainda em cima se zangou com os denunciantes.

Na noite seguinte, como vissem o mesmo clarão, foram pé ante pé espreitar

pelo buraco da fechadura, para saber se a espada effectivamente dava luz, e viram que o clarão era produzido por uma linda corôa de brilhantes.

Levaram a noticia ao rei, que foi tambem espreitar e que, apenas viu a preciosidade, ficou em ancias por lhe chamar sua. Entrou pelo quarto dentro, arredando para o lado Nansei, deitou a mão á corôa e levou-a para o palacio, escondida debaixo da capa.

Logo que amanheceu, mandou deitar um bando por todo o reino, chamando os magicos que n'elle houvesse, para virem explicar-lhe o que queriam dizer as letras gravadas na corôa. Appareceram muitos magicos, mas nenhum atinou com a explicação. Até que chegou um menino de sete annos e disse que as taes palavras significavam que a dona da corôa era a princeza do Castello Encantado.

E vae o rei disse a Nansei:

— Assim como achaste a corôa, tambem deves descobrir o paradeiro da princeza, a fim de m'a trazeres ao palacio, para eu casar com ella. Põe-te já a caminho e ai de ti se não fôres bem succedido! Já sabes que te mando matar.



NÃO TENHAS MEDO, DISSE-LHE A EGUA, NÃO TE FAZ MAL

— Para que apanhaste a corôa? perguntou a egua ao rapaz, emquanto elle estava a apparelhal-a na cavallariça. Eu bem te avisei tres vezes. Ainda assim não

percas as esperanças. O ponto é d'aqui por deante fazeres tudo o que eu te disser.

Nansei montou na egua e abalou á procura do Castello Encantado.

Foi andando, andando até que chegou á beira-mar e viu um peixinho a estrebuchar na areia e quasi a morrer.

— Deita-o na agua! disse-lhe a egua muito depressa.

Elle assim fez, e o peixinho, deitando a cabeça ao de cima da agua, disse

— Salvaste-me a vida, Nansei. Sou o rei dos Peixes e se alguma vez precisares de mim ou dos meus vassallos não tens mais do que vir aqui chamar-me, que logo apparecerei.

E sumiu-se no mar.

Nansei continuou a jornada e encontrou mais adeante um passarinho, que estava preso n'uma esparrela.

— Solta-o! disse-lhe a egua muito depressa.

Elle assim fez, e o passarinho, antes de voar, disse-lhe:

— Obrigado, Nansei. Sou o rei dos Passaros e se alguma vez precisares de mim ou dos meus vassallos não tens mais do que chamar-me, que voarei logo em teu auxilio.

Nansei continuou a jornada e a egua foi passando facilmente os rios, os montes, os bosques, os mares e afinal chegou á vista das muralhas do Castello Encantado.

N'isto ouviu uns rugidos tão medonhos, que lhe fizeram gelar o sangue nas veias. Avançou mais, e viu deante do portão um homem preso a uma arvore por uma cadeia de ferro.

— Solta-o! disse-lhe a egua muito depressa.

— Não me atrevo a chegar-me para elle, respondeu Nansei. De certo investe comigo.

— Não tenhas medo, que não te faz mal, respondeu-lhe a egua.

Nansei desembainhou a espada magica, e batendo com ella na cadeia logo a fez em pedaços, e o homem ficou solto.

— Obrigado, disse elle. Se alguma vez precisares de mim não tens mais do que chamar pelo rei dos Duendes, e virei logo em teu auxilio.

— Entra agora atrevidamente no Castello Encantado! disse-lhe a egua. A princeza vae receber-te muito bem e mostrar-te as coisas maravilhosas que tem lá por dentro. E tu então has de convidal-a para vir a este arvoredo, porque lhe queres mostrar a tua egua, sem egual no mundo. Dize-lhe que sei as danças de todas as nações e que as hei de bailar deante d'ella.

Nansei entrou no Castello Encantado e perguntou ao guarda-portão se podia ver as coisas maravilhosas que lá havia. E então appareceu-lhe a princeza em pessoa e levou-o por todas as salas, que eram de oiro massiço, ornado de pedrarias.

Depois de ver e admirar todas aquellas riquezas, Nansei convidou tambem a princeza a ir á floresta, para ver uma egua que não tinha egual no mundo.

E a princeza foi e a egua dançou deante d'ella muitas danças differentes, causando-lhe muito pasmo e contentamento.

— Montae, princeza, disse-lhe Nansei, que a minha egua ainda bailará melhor.

A princeza não queria, mas por fim resolveu se e montou. Nansei pulou para

a garupa da egua, e, como desatou um dos nós da arreata, foram todos pelos ares para cem leguas de distancia.

— Enganaste-me, disse-lhe a princeza muito zangada, mas fica sabendo que ainda não chegaste a cabo dos teus trabalhos, e que tens que chorar muitas lagrimas antes de eu casar com o rei dos Pagães.

Chegaram pouco depois á capital d'esta nação e Nansei apresentou ao rei a princeza, dizendo:

— Meu senhor, aqui tendes a princeza do Castello Encantado.



NANSEI E A PRINCEZA, COM GRAANDE ESPANTO DE TODOS, FORAM-SE PELOS ARES.

Ficou o rei tão derretido com aquella formosura, que deu logo ordem para se fazer n'aquelle mesmo dia o casamento. Mas a princeza disse que para casar com elle havia de ter um anel, que estava dentro d'um estojosinho, no seu quarto do Castello Encantado.

O rei, muito pouco satisfeito, deu ordem a Nansei para que fosse buscar o anel.

— Lembra-te de que salvaste a vida ao rei dos Passaros! disse a egua ao rapaz. Chegou a occasião de lhe pedires que te ajude.

— Acode-me, rei dos Passaros! gritou Nansei.

O rei dos passaros appareceu immediatamente e perguntou-lhe o que queria d'elle. E Nansei contou-lhe a afflicção em que estava.

— Fica descançado, respondeu o passarinho. Não tarda que recebas o anel.

E chamou todos os passaros, cada um pelo seu nome, e todos promptamente acudiram ao chamado. Por infelicidade, nenhum era tão pequenino que podesse entrar no estojo onde estava o anel. Afinal veiu um colibri e o rei dos Passaros mandou-o ao Castello Encantado. Apezar de ser tão pequenino, o colibri teve de luctar muito e chegou a perder metade das pennas primeiro que pudesse chegar ao anel, mas por fim trouxe-o preso no bico e Nansei d'ali a pouco entregou-o á princeza.

— E agora, perguntou o rei dos Pagãos, ainda vos recusareis por mais tempo a tornar-me o homem mais feliz d'este mundo?

— Preciso de mais uma coisa, replicou a princeza, e sem ella nada pode fazer-se. E' que o meu castello venha para junto do vosso.

— Mas isso é impossivel! exclamou o rei.

— Pois não vindo o castello, não haverá casamento!

Muito afflicto, o rei deu ordem a Nansei para fazer o que pedia a princeza, e accrescentou:

— E' tua obrigação, pois tens a culpa de tudo. Se não apanhasses a corôa de brilhantes, não estariamos passando estes trabalhos.

— Que te dizia eu? segredou a egua a Nansei, emquanto elle, dizendo mal á

sua vida, estava outra vez a apparelhal-a na cavallariça. Mas não vale desanimar. Voltemos ao Castello Encantado, e lá veremos o que pode fazer-se.

Chegaram, e disse a egua a Nansei:

— Chama em teu auxilio o rei dos Duendes, a quem partiste a corrente que o prendia, quando aqui estivemos a primeira vez.

O rei dos Duendes appareceu e perguntou a Nansei em que poderia servil-o.

— Fazeis-me o favor de levar o Castello Encantado para junto do palacio do rei dos Pagãos?

— Nada mais facil. E' obra apenas de um minuto.

O rei dos Duendes tinha um grande numero de vassallos, e cada um d'elles agarrou-se a uma pedra do castello e, fazendo força todos ao mesmo tempo, desapegaram-n'o da rocha onde estava construido, e, emquanto o diabo esfrega um olho, levaram-n'o pelos ares até á capital do reino dos Pagãos. Nansei, montado na sua egua, acompanhou-os e chegou ao mesmo tempo do que elles.

Quando amanheceu, todos os pagãos ficaram de bocca aberta por verem o sol nascer por cima dos tectos de ouro do castello, e julgando que havia um incendio no paço real, sahiram para a rua, a gritar:

— Ha fogo! Ha fogo!

Mas a princeza viu logo que era o Castello Encantado que despedia aquelle grande clarão.

— Agora, disse-lhe o rei, só vos resta marcar o dia para o nosso casamento.

— Pois sim, respondeu ella, mas ainda falta uma coisa. Nansei esqueceu-se de trazer a chave e não posso entrar no castello.

— Ha muito bons serralheiros no meu reino, e algum d'elles fará uma chave para se abrir a porta.

— Não ha serralheiro no mundo, replicou a princeza, capaz de fazer semelhante obra. A unica chave que pode servir está no fundo do mar e é preciso ir lá buscal-a.

A princeza tinha-a deitado nas ondas quando vinha pelos ares, na egua de Nansei, a caminho do reino dos Pagãos.

Mais zangado do que nunca, o rei chamou á sua presença o rapaz, e disse-lhe que se não apresentasse n'aquelle mesmo dia a chave, o mandava matar.

E Nansei montou logo na egua e foi ter á beira-mar, onde chamou em alta voz pelo rei dos Peixes e lhe pediu que o ajudasse n'aquella afflicção.

O rei dos Peixes chamou logo todos os seus vassallos, mas nenhum d'elles tinha visto a chave do Castello Encantado. Afinal um carapauzinho, que não viera quando fôra chamado pelo seu nome, chegou todo aforçurado, trazendo na bocca a chave, que era talhada n'um diamante de tamanho desconforme.

Nansei e a egua voltaram logo para a côrte do rei dos Pagãos, e nenhum d'elles cabia em si de alegria, sabendo que era aquelle certamente o seu ultimo trabalho.

Foi marcado afinal o dia para o casamento, e, como a princeza do Castello Encantado era christã, o rei dos Pagãos e todo o seu povo converteram-se á verdadeira fé e encaminharam-se com grande pompa e luzimento para a nova cathedral.

Nansei e a egua seguiram o cortejo. Era de tão admiravel riqueza, que iam

todos cobertos de joias, fazendo lembrar um rio de oiro e pedrarias que corresse para dentro da egreja.

E ambos chegaram junto do altar, com grande admiração e escandalo de todos.

E a admiração foi muito maior ainda quando, acabada a ceremonia do casamento, a egua sacudiu de si a pelle e se tornou a mais linda princeza que dar-se pode, ainda mais linda que a do Castello Encantado.

— Eu sou, disse ella, depois de dar a mão a Nansei, filha do rei dos Christãos. Uma bruxa velha tinha-me tornado em egua, mas Nansei quebrou o encantamento e converteu-me outra vez em mulher, fazendo com que eu entrasse n'esta cathedral e assistisse ao officio divino. Acompanha-me, Nansei, á presença de meu pae, e alcançaremos de certo o seu consentimeno para nos casarmos.

Havia ainda um nó na arreata, que a princeza segurava com a mão. Nansei desatou-o, e logo os dois, com grande espanto de todos, se levantaram nos ares e voltaram para a sua terra natal.

Foram recebidos com grande alegria pelo rei dos Christãos, que não só lhes deu licença para se casarem, mas tambem lhes cedeu o throno.

Assim teve começo o reinado de Nansei I, que por largos annos fez, juntamente com a esposa, a felicidade dos seus povos.

IDEAL PERDIDO

Da vida inutil na ancia vã e triste,
Vagueei de illusão em illusão,
Incansavel, buscando o almo clarão
Do olhar com que em sonhos me sorriste.

Cego da luz que n'esse olhar existe,
Andei-te a procurar na escuridão;
Corri por toda a parte e foi em vão!...
Chamei, gritei por ti e não me ouviste!...

Adeus! Estou exhausto de amargura
De te buscar assim. Vou descançar!...
Se um dia emfim de sol e de ventura,

Vieres, e eu dormir, has-de chorar
Alguem, que adormeceu na sepultura
Por já não ter esperança em te encontrar!...

Coimbra, 905



Grandes topicos

O congresso de Stuttgart

ESTEVE o mez passado reunido em Stuttgart, o Congresso socialista internacional, que é como quem diz, a assembléa magna que a democracia social de todo o mundo effectua trienalmente para, em commum, deliberar sobre as variadissimas questões que o seu pogramma comprehende.

Estas reuniões costumam ser pouco menos que estereis, devido ao formidavel embate das diversas correntes de opinião que n'ellas se manifestam, das paixões e, porventura mesmo, dos interesses de cada grupo n'ellas representado.

Aquella de que nos estamos occupando, annunciada, da mesma fórma que as outras, como devendo ser de uma grande importancia para o futuro da social democracia, não diferiu essencialmente d'ellas nos seus resultados.

Falou-se muito, votaram-se muitas moções, mas nada de pratico se resolveu. Foi mais um torneio parlamentar e um concilio por motivo de certas definições dogmaticas, do que outra coisa.

O ponto capital do congresso — a questão do antimilitarismo — foi, de facto, muito discutido pelos representantes de varios paizes e, sobretudo, da França e da Allemanha, mas ao fim d'essa discussão reconheceu-se que pouco se avançara. A moção que sobre o assumpto apresentaram os allemães Bebel e Adler e o francez Jaurés, era muito nebulosa, e era-o de proposito para não exautorar completamente o ultimo que cobrira em demasia Hervé receando a parte demagogica do socialismo francez.

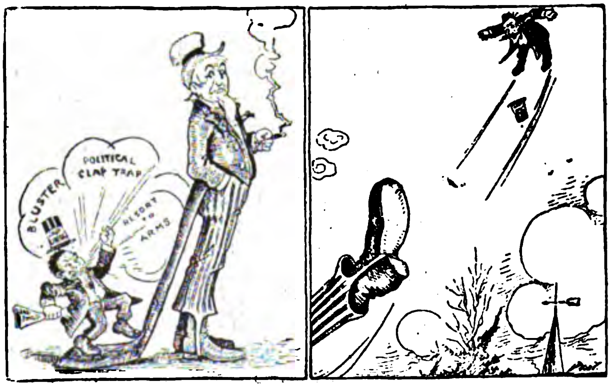
O traço essencial da discussão foi o dos allemães se affirmarem irreductivelmente patriotas e de se accentuar, mais do que nunca, a diferença entre o espirito francez e o allemão.

Resumindo: nunca, como n'este congresso, se simulou tanto internacionalismo, e nunca intimamente se reconheceu tanto a divergencia de caracter dos socialistas dos diversos paizes.



HINTZE RIBEIRO

Chefe do partido regenerador, antigo presidente do conselho, fallecido em 1 de agosto passado.



OS PLANOS DO JAPONEZINHO

O japonezinho projecta um levantamento. E' possivel que o levantamento o leve mais alto do que elle calcula

(O ponto de vista americano) Do «*Minneapolis Journal*»

A situação em Marrocos

NÃO ha que ver. Marrocos continúa e continuará sendo, por muito tempo ainda, o pesadelo da Europa. No nosso anterior numero haviamos registado a ultima façanha



AS TENDENCIAS DA AMERICA

«A costa do «Pacifico», diz o jornal japonez, «já se tornou um leão feroz e todo o territorio está ameaçado. Não tarda talvez que nos vejamos forçados a usar de espingarda contra o monstro hediondo — a mesma espingarda que já experimentámos com excellentes resultados contra o urso selvagem do Norte. Ai de nós! O magnanimo George Vashington e o bondoso Abraham Lincoln, em cujos ideiaes de liberdade e justiça se fundou aquella nacionalidade que pensarão esses gloriosos antepassados das tendencias actuaes da sua patria?»

(O ponto de vista japonez) Do «*Tokyo Punch*»

vimento de Marrocos pelo seu contacto com a Europa.

Casa Branca é hoje o principal porto commercial marroquino. Reconhecendo-se ultimamente que os seus caes necessitavam de grandes reparações, constituiu-se, para as levar a cabo, uma companhia franceza que immediatamente deu começo aos respectivos trabalhos. Isso causou grande agitação entre os indigenas, para os quaes o estrangeiro é, além de um usurpador, o Diabo personificado.

a Europa, logo a França e a Hespanha, encarregadas na conferencia de Algeciras de organisar a policia de Marrocos, enviaram para ali importantes forças de exercito e de marinha. Isso ainda mais enfureceu os indigenas que no dia 5 de agosto, entrando em Casa Branca, massacraram muitos dos seus habitantes e saquearam completamente o bairro judeu. Mas o almirante francez Philibert fez logo desembarcar forças que, com o auxilio dos canhões da esquadra, infligiram aos rebeldes o seu justo castigo.

Elles, porém voltaram á carga, em muito maior numero, e desde então, é raro o dia em que nas

de Raisuli, prendendo o *caid* Mac-Lean, e previsto, em consequencia d'isso, uma proxima intervenção estrangeira. Essa intervenção deu-se, finalmente, sendo, todavia, a sua causa immediata não o acto do famoso bandido, mas uma nova e terrivel manifestação d'aquelle fanatismo religioso que tem sido sempre o principal obstaculo ao desenvol-



O OVO DA PAZ NA CONFERENCIA

Estão todos a vêr se chocam o ovo



Esperemos que o resultado não seja de metter medo

Do «*Kladderadatsch*»

No dia 29 de julho uma commissão de chefes de tribus apresentou-se a Muley Lamin, commandante das tropas destacadas nas cercanias de Casa Branca, e exigiu-lhe que fizesse destruir o caminho de ferro que os francezes haviam construido fóra das portas da cidade para conduzir ás obras do porto os materiaes de construcção. Lamin quiz contemporisar, mas logo no dia seguinte os commissionados, seguidos de numerosos indigenas e precedidos dos santões, entraram na cidade e percorreram as ruas principaes prégando a guerra santa.

Entoando hymnos religiosos e proferindo maldições e ameaças contra os christãos e os judeus, encontraram a certa altura um rapaz portuguez que, vendo aquella estranha procissão, desatou a fazer grande chacota. Pouco tempo lhe durou o divertimento pois que, passados alguns momentos, caía por terra, gravemente ferido pelos arabes. Então estes não esperaram por mais nada: dirigindo-se rapidamente para o porto, destruiram a linha ferrea, fazendo descarrilar um comboio, e como dentro d'elle seguissem doze operarios europeus, massacraram-os horrivelmente.

Communicados estes factos para



A TRIPLICE ALLIANÇA DO MEDITERRANEO

OS CAIXOTEIROS SATISFEITOS — *(Inglaterra, Hespanha e França, que prenderam quasi de toda a Allemanha: — Agora temos pelo menos, um dia de rega-bofe!*

Do «*Lustige Blätter*»

immediações de Casa Branca não ha lucta, por vezes bastante mortifera, entre as tropas europeas e os indigenas. E' claro que estes terão que acabar por sucumbir, pois contra a força não ha resistencia e tanto a França como a Hespanha vão mandando cada vez mais reforços para ali. Mas até que isso se consiga, quantos sacrificios de vidas e de dinheiro teremos que registar!

Como se tudo isto, porém, não bastasse, um facto da mais alta importancia veiu ultimamente aggravar a situação. Era vice-rei de Marrakech, Muley Hafid, irmão de Abd-el-Aziz e que em todo o im-



A SEDE REAL DA GUERRA

Uma ligeira esfrega local pelo Tio Sam e pelo Mikado, poderia alliviar a situação. (Allusão á campanha bellicosa dos jornaes nos dois paizes).

Do «*Minneapolis Journal*»

perio exerce grande influencia, graças á sua energia e á sua illustração. No dia 18 de agosto as tribus que estão sob a sua alçada, furiosas com os acontecimentos, cuja responsabilidade attribuem ao sultão, deliberaram depôr Abd-el-Aziz e proclamar imperador Muley Hafid. Este, a quem desde ha muito era feito o offerecimento da corôa, resolveu-se finalmente a acceital-o, e logo numerosas outras tribus, algumas mesmo das que residem cerca de Tanger, Fez e Casa Branca, o reconheceram como unico sultão de Marrocos. Muley Hafid escreveu ao irmão, intimando-o a abandonar o throno, sob pena de elle lá ir desalojal-o, e informou as potencias de que estava disposto a contribuir para o restabelecimento da ordem em Marrocos, se ellas egualmente o reconhecessem como imperador. Do contrario, lançar-se-hia tambem por seu turno, na guerra santa.

E' esta a actual situação no imperio do Magreb.

A conferencia da Haya

A conferencia da Paz, que está reunida na Haya ha mais de um mez, vae em breve concluir os seus trabalhos sem ter resolvido nada de concreto. Sobre a diminuição dos armamentos foi approvado um voto platonico; sobre a questão da arbitragem obrigatoria nenhum voto definitivo foi ainda proferido, e quando o fôr não será decerto favoravel a esse principio, visto as respectivas commissões se terem mostrado contrarias a elle.

A conferencia da Haya redunda assim para muitos, que d'ella esperavam mundos e fundos, n'uma grande desillusão. De quem é a culpa? Mais do que dos diplomatas que a constituem, dos governos que elles representam, e cuja má vontade se manifestou abertamente.

Começando pela Russia, que, em 1899, provocou a primeira conferencia com o proposito bem claro e



A PAZ UNIVERSAL

EDUARDO. — *Vejam, meninos, elle está a deitar os bofes pela bocca fóra. Deixem lá o pobre Miguel (a Allemanha) empregar-se á vontade com os seus canhões e outras quinquilharias.*

Do «*Nebelspalter*»

nitido de propôr á approvação das potencias a redução proporcional e simultanea dos armamentos e que depois abandonou completamente a sua proposta, todos os governos faltaram ao seu dever e á espectativa dos pacifistas.

Ainda ha pouco tempo foram recebidas na conferencia, com o maior enthusiasmo, as palavras do barão Marshall, representante da Allemanha, quando declarou que acceitava a proposta dos Estados Unidos para a instituição da arbitragem obrigatoria. Esta inesperada adhesão da Allemanha auctorisou a suppôr que todas as outras potencias a imitariam; mas á ultima hora ella deu o dito por não dito até a Belgica, que é um Estado neutro e que, por isso, devia mostrar-se favoravel á proposta, passou a combatel-a com o maior vigor. Attribue-se essa atitude ao rei Leopoldo, que pretendeu assim evitar o perigo de a questão do Congo vir a ser um dia apresentada á arbitragem do tribunal da Haya.

Estas e outras miserias, que mascaram grandes e mais ou menos inconfessaveis interesses, fizeram naufragar novamente a questão da arbitragem. E', pelo menos, essa a impressão que se tem ao ler o extracto das sessões da Conferencia. E se isso se confirmar, esta terá sido, não mais uma tentativa platonica que falhou, porque já não haverá o direito de lhe dar esse nome, mas uma dolorosa mystificação para os ingenuos que ainda confiavam na sinceridade das potencias que, obedecendo ao proverbio latino, teem feito a propaganda da paz apetrechando-se cada vez mais para a guerra.



UM LOBO DISFARÇADO EM CORDEIRO

John Bull o pirata

Mordente caricatura de John Bull, a proposito da opposição dos seus delegados na Haya á proposta americana de abolir o direito de captura da propriedade particular no mar. O Tio Sam põe o enorme pé no manto candido da paz com que John Bull occultou a caveira e os ossos e outras insignias de flibusteiro.

Do «*Kladderatsch*»

Uma nação judaica

Reuniu-se ultimamente na Hollanda um congresso sionista, convocado expressamente para se occupar da creação de uma nova nação judaica, agrupando na Palestina as massas israelitas que andam dispersas pelo mundo.

O congresso dissolveu-se sem nada de positivo ter resolvido, em virtude de uns quererem que o plano fosse executado por completo desde logo, mesmo á custa dos maiores sacrificios, e outros preconisarem a colonisação methodica da Pelestina, mandando para lá os judeus necessitados, que seriam auxiliados na fundação de colonias agricolas, com creditos especiaes votados pelos congressos; estes procederiam tambem a trabalhos de interesse geral, favoreceriam os estabelecimentos industriaes, organisariam, emfim, toda a vida de uma nação.

Não ha duvida que com muita paciencia e muito dinheiro isso seria realisavel, mas resta saber se a reconstituição de uma nação judaica corresponde precisamente ao ideal e aos interesses dos israelitas. Como se sabe, estes pertencem a todas as nações e, em todas ellas, tendo vencido o preconceito em virtude do qual eram tratados como parias, conseguiram adquirir fóros de cidadãos, com os mesmos direitos e os mesmos deveres que os outros. Não teem, portanto, necessidade de se agrupar, tanto mais que hoje em dia os homens não se agrupam por exigencias do seu ideal religioso. Por outro lado, o sionismo póde fazer reviver todos os preconceitos de que os judeus foram victimas até ha bem pouco tempo e leval-os de novo á lamentavel situação em que viveram durante seculos.



O BARBA-AZUL DA RUSSIA

O CZAR BARBA-AZUL. — *A terceira mulher agrada-me muito mais. Mas que linda que deve de ser a quarta!*

Do «*Lustige Blätter*»

A Islandia independente

Ainda não ha muito tempo que a Noruega se separou da Suecia, e eis que a Islandia quer agora separar-se da Dinamarca. Comquanto elles não sejam mais que oitenta mil, espalhados por todo o territorio da sua grande ilha, os islandezes constituem uma nação propria. Descendentes dos colonos norueguezes do seculo IX. que mais tarde foram instalar-se na Groenlandia, conservaram melhor do que os seus irmãos do continente, as velhas tradicções scandinavas e até mesmo a pureza da sua lingua que hoje se aproxima do velho nordico muito mais do a norueguezа.



A NAVALHA DE SEGURANÇA

O MUNDO. — *Eu não tenho grande fé em todas estas novas invenções. Em o todo caso, quero experimentar tudo, para atalhar estes pellos belicosos.*

Do «*Chicago Daily News*»

Tiveram elles durante muito tempo a direcção do movimento litterario scandinavo. Povo cultivadissimo, ao qual o inverno boreal permitte longos ocios intellectuaes, os islandezes guardam ciosamente essas tradições, conservam com amor a recordação da sua independencia, antes de serem incorporados á Noruega em 1264 e depois á Dinamarca, em 1831, quando a dominação dinamarqueza se estendeu a todo o reino noruegnez.

Em 1809, aproveitando-se da perturbações causadas pelas guerras napoleonicas, proclamaram uma republica que, como se sabe, teve a duração das rosas de Malherbe. E ha dias, reunidos em grande numero na historica planicie de Thingueillir, onde outrora se reunia o Althing, proclamaram de novo a necessidade urgente de quebrarem de vez os laços que unem a Islandia á Dinamarca.



AS ALLIANÇAS

A PAZ. — *Soceguem. A união faz a força. D'aqui a pouco estão todos unidos.*

UMA VOZ. — *Pois sim, mas mal se pode mecher um braço ou uma perna. Se aquelle homemsinho de espada vier ahi de repente nenhum de nós pode defender-se.*

Do «*Kladderadatsch*»

A Belgica e o Congo

Acaba de ser nomeada a commissão encarregada de negociar o tratado de annexação do Congo á Belgica. Constituem-n'a: Por parte da Belgica, os srs. Maldeghem, presidente do Supremo Tribunal: Joastens, ministro em Madrid; Béco, governador do Brabante e Cutsem, director geral da Thesouraria. Por parte do Congo, os srs. Salvay, senador; Cuvelier, general Wahis e Villemaers, presidente do Tribunal de Appellação.

Vida na sciencia e na industria

Aeronautica militar na Allemanha

O balão dirigivel, que é o rival allemão da aeronave franceza *Patrie*, fez notaveis evoluções por sobre Berlim. A machina é uma combinação dos resultados obtidos pelas experiencias do major von Parseval e do conde Zeppelin. Quando a aeronave subiu a 23 de julho, permaneceu nos ares pelo espaço de tres horas e meia, mais um quarto de hora que a *Patrie*. A nossa gravura representa a operação de encher o balão.



O BALÃO MILITAR ALLEMÃO

A 27 de agosto realisou-se em Berlim uma excursão combinada da aeronave militar e da aeronave dirigivel do major von Parseval. A primeira fez n'uma hora a viagem de ida e volta a Spandau. A segunda dirigiu-se a Tegel contra uma forte ventania, voltou e desceu ao mesmo tempo que a aeronave militar, que fizera tres ascensões. As manobras foram felicissimas.

A corrida Pekin-Paris

A 10 de Agosto, fez o principe Borghese a sua entrada triumphal em Paris, n'um automovel Itala, depois de realizar a sua extraordinaria viagem desde Pekin.

Entre acclamações da multidão dirigiu-se á sede do jornal *Matin*, que promovera a corrida. Eis as escalas capitaes da viagem:—Partida de Pekin, a 10 de junho; passagem por



O PRINCIPE BORGHESE

Vencedor da corrida Pekin-Paris

Irkutsk, a 2 de julho; por Omsk, a 14 de julho; por Kazan, a 23 de julho; por Nijni-Novgorod, a 25 de de julho; por S. Petersburgo, a 1 de agosto; por Berlin, a 5 de agosto.

Foram grandes os embaraços que o automovel teve de vencer n'este longo percurso, em consequencia da falta absoluta de estradas em muitos dos principaes pontos da travessia.

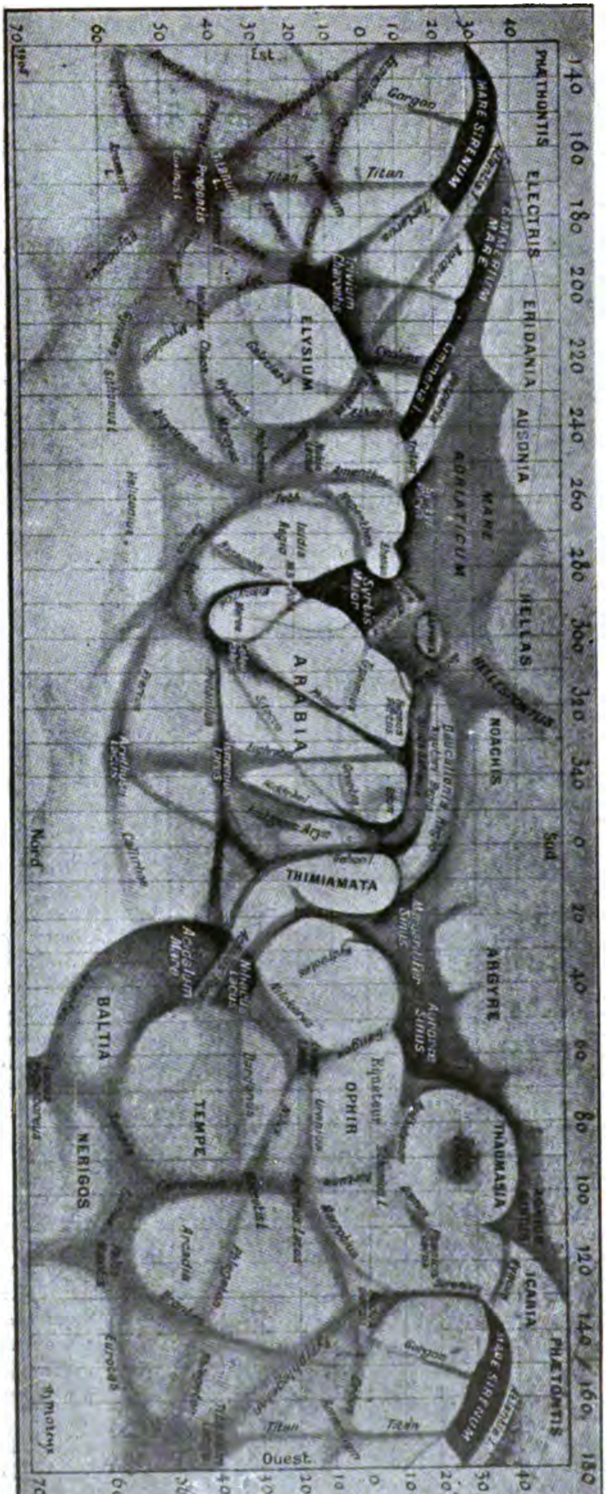
O cometa novo

A 9 de junho foi descoberto este novo cometa por um estudante da Universidade de Princeton (Estados Unidos), Mr. Daniel, de quem tomou o nome. Em noites claras é visivel pouco depois da meia noite á vista desarmada. A época do seu perihelio calcula-se que correrá de 2 a 3 de setembro. Durante o mez de agosto mover-se-ha lentamente, n'uma linha quasi parallela á elliptica, atravez das constellações dos Gemini e de Cancer, tendo passado muito proximo da brilhante estrella Aldebaran, de um amarello avermelhado. É talvez escusado dizer que a constituição chimica de um cometa, como de outros corpos celestes, se infere do exame das raias que elle produz no espectro.

Fazem-se observações com o espectroscopio, e comparam-se depois com varios elementos terrestres afim de descobrir quaes as substancias que entram na materia cometaria. O cometa de Daniel indica a presença das tres raias esverdeadas caracteristicas que se teem observado já por differentes vezes em muitos outros cometas. Suppõe-se que ellas são devidas a alguma modificação do carbonio, ferro e hydrogenio.



TRAJECTORIA DO COMETA DE DANIEL, DESDE 1 DE JULHO ATÉ 27 DE AGOSTO



MAPPA GERAL DO PLANETA MARTE

O nosso visinho Marte

Como se sabe, o planeta Marte aproximou-se muito da Terra no mez de julho.

Vem por isso a proposito a publicação do mappa geral d'esse planeta nosso visinho, assim como do mappa particular do seu hemispherico norte, conforme desenhos do abbade Moreux, director do observatorio de Bourges. N'este segundo vê-se uma parte clara central, que é o capacete de gelos da região Polar. Os traços negros são os chamados canaes, que mudam de côr, á medida que os gelos se derretem. Julga-se que essa mudança é devida ao crescimento da vegetação. Se nos fosse possivel observar a Terra á mesma distancia, as regiões polares apresentariam um aspecto identico.

A condição d'aquelle planeta



O HEMISPHERIO NORTE DE MARTE

será provavelmente reproduzida na Terra com o decurso dos seculos. As grandes massas negras são os chamados mares de Marte, que recentes conclusões scientificas declaram não existir, supondo-se que toda a humidade se concentra nas regiões polares. De verão os gelos polares derretem-se, e julga-se que os Martianos canalisam essa agua para as regiões equatoriaes.

Ao passo que o outono avança, os canaes tornam-se mais visiveis, crê-se que por causa do desenvolvimento da vegetação. A chamada duplicação dos canaes é devida, segundo parece, á profundeza dos valles, cujas elevações são mais distinctas do que as depressões.

O mappa geral é feito por observações diarias dos astronomos e tão facilmente desenhado como o

da Terra, com a differença de ser mais certa a parte das regiões polares. O norte fica na parte inferior do mapa, por causa da inversão produzida nos instrumentos astronomicos.

Novo escaler de regatas — Um americano, o sr. Josseyps, apresenta um curioso projecto de escaler para regatas, que reproduzimos.

Os remadores, em vez de se sentarem dentro do barco, sentam-se da parte de fóra, em bancos que se fixam á borda, entre os toletes. A idéa d'esta disposição é alongar o braço da alavanca, sobre a qual actua o remador, e portanto multiplicar a força produzida. Uma reconhecida auctoridade no assumpto é comtudo de opinião desfavoravel ao audacioso invento, por varios motivos: fragilidade do barco, que não poderia aguentar esses bancos supplementares com o peso dos homens; difficuldade de equilibrio; impossibilidade de encontrar



ESCALER PARA REGATAS

n'um homem força muscular sufficiente para mover um remo de 5m,70 de comprido com um braço de alavanca de 1m,70.

Ricardo Severo — O nome d'este illustre homem de sciencia liga-se a um dos mais bellos emprehendimentos de que póde ufanar-se a mentalidade portugueza.



RICARDO SEVERO
Director da «Portugalia»

Com o enthusiasmo quente dos proselytos, e a ponderada serenidade de um forte espirito critico, Ricardo Severo, creando a *Portugalia*, devotando-se-lhe como a um mandato imperativo do dever, vae dando á nação não só um raro exemplo de civismo, mas o balanço de que ha de sahir a clara significação historica d'uma patria. Porque a *Portugalia* não só integra o nosso paiz na actividade incessante das avançadas scientificas lá de fóra, mas, pelo seu objectivo especial de explicação da ethnica portugueza, cria, para nós, um monumento que é um valioso pergaminho de identidade, o *tablinum* do *atrium* romano, onde o latino tradicional carinhosamente guardava o archivo dos seus antepassados.

O que espanta, nesta cruzada que desnorteia no meio da nossa madracice mental, é não só ser apenas a obra tenaz de um homem, mas — e a isto se referem, admiradas, as revistas estrangeiras — ser a unica publicação que se consagra ao exclusivo estudo de uma nacionalidade. Ricardo Severo assim o quer, pois devotamento trabalha *pela grei*. Isto é mais que devoção, chama-se fanatismo, — fanatismo fecundo que faz de Ricardo Severo não só um benemerito, mas um heroe, num meio em que a heroicidade nos dá a impressão archaica de um homem que andasse pelas ruas vestido com uma armadura do tempo de D. Sancho II.

Os *Serões* prestam assim homenagem a este bello gesto archaico de heroicidade, e vão ler a *Portugalia* como um *Livro de Horas*, — pois nisto não fazem mais que associar-se ao côro de acclamações com que a Europa pensante vem consagrando o mais bello esforço scientifico que tem sahido da actividade mental portugueza. A nação vae, emfim, conhecer-se.

Nevralgia dentaria — Em Ischl, Austria, é muito commum a nevralgia causada por dentes estragados. Um dentista local descobriu um remedio: o tannino, que applica ás gengivas n'uma loção de duas partes de acido tannico em dez partes de alcool rectificado. Allivia-se quasi toda a especie de dôres de dentes, e avigoram-se os dentes abalados.

A origem dos petroleos — Varias são as theorias apresentadas para explicar a origem dos petroleos. Ultimamente, o auctor allemão Rakusin verificou nos petroleos a presença de cholesterina, o que permittiria concluir em favor da origem organica dos petroleos, os quaes sem duvida proviriam da alteração de animaes terrestres ou aquaticos. É tambem possivel que os oleos chamados mineraes tenham uma origem a um tempo animal e vegetal.

Vida na arte

O Dr. Joseph Joachim

Falleceu em Berlim, a 15 de agosto, o maior violinista contemporaneo, o celebre Joachim. Nascera em Kittsee, perto de Presburgo, em 1831, e apparecera em publico pela primeira vez aos sete annos de edade. Desde então, nunca deixara de dar concertos em varios paizes da Europa, e particularmente em Inglaterra, onde ia quasi todos os annos e onde se celebrara em 1904 o seu jubileu. Era um verdadeiro erudito na arte musical, e não simplesmente um technico; eis o motivo por que a sua fama perdurará. Como compositor, apreciam-se os seus trabalhos pela extrema correcção e primor artistico.



DR. JOSEPH JOACHIM

Uma riquissima collecção artistica

A famosa collecção artistica, reunida pelo fallecido millionario Rudolphe Karm na sua casa de Paris, acaba de ser comprada pelos irmãos Duveen, de Londres, pela extraordinaria somma de um milhão de libras (4500 contos, ao par). Mr. Karm, amador emerito, consultou os melhores criticos de arte para formar uma collecção dos mais raros e bellos quadros e objectos de arte, e o resultado é uma maravilha entre as maravilhosas collecções do mundo. Contém ella nada menos de onze Rembrandts que são a gloria de collecção Karm, além de telas de Rubens, Van Dyck, Frans Hals, Tiepolo, etc.

Exposição biographica de Paris

Tentou-se em Paris dar o retrato da cidade no decurso de seis seculos, por uma exposição installada no Hotel le Pelletier Saint-Fargeru. Lê se claramente a historia na serie de mappas e plantas, mas a arte é porventura menos fiel. Não é de crer que Paris fosse uma cidade tão dada a aventuras de capa e espada como a representam os gravadores do seculo XVII, nem que fosse tão garrida, com as ruas cheias de cadeirinhas e coches e uma atmosphera carregada de perfumes, como pretende o desenhador de 1770. Os artistas não tinham evidentemente olhos para o povo. Nem sequer os daguerreotypos do seculo XIX fornecem idéa adequada das personagens de Balzac. Não existe portanto o daguerreotypo da mendicidade. Celebram-se unicamente os grandes episodios mundanos, sobretudo em todos aquelles em que domina a realeza desde a entrada de Carlos VIII até á de Eduardo VII.



CABEÇA DE CHRISTO

De Rembrandt



MELEAGRO OFFERECENDO A CABEÇA DO JAVALI DE CALYDON A ATTLANTA

De Rubens



RETRATO DE UM MANCEBO

De Frans Hals

SERÕES



LIVRARIA FERREIRA
132, Rua do Ouro, 138
LISBOA

N.º 28

OUTUBRO



DE AUTOMOVEL

(Quadro de Stewart)

A PAIZAGEM PORTUGUEZA

(Inquerito aos homens de lettras e outros artistas)

Os *Serões* abrem hoje um inquerito sobre a paizagem portugueza. Para isso convidaram os nossos principaes jornalistas, homens de lettras, musicos, pintores e esculptores, cujas respostas irá publicando em artigos successivos.

Obvias são as vantagens que este curioso inquerito offerece. Em primeiro logar figura a divulgação dos pontos mais formosos do nosso paiz; em segundo, a propaganda das suas bellezas naturaes, que são muitas, feita por espiritos de eleição, por almas sequiosas de Belleza e de Arte. A paizagem é o scenario da vida. Amiel disse que «a paizagem é um estado de alma». Para cada alma cada paizagem. Para o algarvio, o mar; para o minhoto, a romaria; para o alemtejano, a charneca; para o da Extremadura, a da leziria. Aos contemplativos dêmos as costas do Algarve com seus poentes reverberantes, de oiro, e as emmaranhadas mattas, a vegetação prodigalissima do Bussaco; aos *spleneticos* a animação das cidades; aos humildes, a resignada, primitiva paz da serra.

Frei Agostinho da Cruz, o poeta da meditação, é a paizagem biblica; Cezario Verde, a paizagem das cidades com seus ruidos e metallisações; Julio Diniz, o suave poeta das virgilianas paizagens da aldeia, como Camillo Castello Branco é o inimitavel paizagista de almas.

Se Victor Hugo é o mar, Dante é a treva e Shakespeare o abysmo.

Ha paizagens a que estão acorrentados nomes de escriptores e de homens illustres. Não se pode falar em Guernesey que não lembre Victor Hugo; em Valle de Lobos que não lembre Herculano; em Ovar que não lembre Julio Diniz; em Villa do Conde que se não recorde Anthero; na Quinta da Barroca que se não evoque Sá de Miranda; nos Areaes de Mira que nos não lembre o nome de Bingre; em Cintra que não surja Bernardim Ribeiro, e, finalmente, em S. Miguel de Seide que não venha logo o nome de Camillo.

Os *Serões* correspondem pois a um desejo do publico. Portugal é um paiz abençoado, um *bouquet* de paizagens. Tem para todos os gostos. A serra e o mar, a charneca e a matta, e raros serão os paizes do mundo que se lhe possam oppôr em bellezas naturaes.

Curioso tambem como documentação litteraria este inquerito é, a todos os respeitos, digno de interesse, e representa um grande e bello serviço na obra de propaganda, tão necessaria como util, d'esta nossa querida patria.

De GUERRA JUNQUEIRO

Poeta

Guerra Junqueiro, o altissimo espirito de poeta que produziu as brilhantissimas ironias da *Velhice do Padre Eterno,* o indignado auctor da *Patria,* o lyrico cantor dos *Simples* e o artista *raffinée* da *Morte de D. João* deu-nos a sua resposta verbalmente. O grande poeta a quem o medico prohibiu toda a actividade litteraria não quiz deixar de acceder ao convite dos *Serões*. Eis uma pallida idéa da tão bella como scintillante resposta do grande artista.

«O que eu prefiro? O Bussaco e as praias do Sul. A floresta e o mar são as approxi-



GUERRA JUNQUEIRO

mações do Infinito. A floresta é uma oração; o mar uma grande messe de ondas. O Bussaco é como as antigas florestas cheias de religiosidade. Nem as aves cantam. Uma mudez augusta eleva as almas e as reintegra na Natureza. E' por isso que o Bussaco é uma floresta sagrada, divina, espiritual. Paizagem para um santo, para uma grande alma contemplativa e cheia de amor: Beethoven ou S. Francisco de Assis.

. . . .

«E Barca d'Alva, perguntámos? Não corresponde a um refugio espiritual?

. . . .

«Barca d'Alva é demasiado tragico para mim. A paizagem é dura, escalvada, uma paizagem biblica em que o Deus que alli está bem é Jehová. O rochedo é só o osso. Scenario para um propheta ou para um bandido: Ezequiel ou o Cura Santa Cruz.»

De FIALHO DE ALMEIDA

Escriptor

Qual é, em sua opinião, o sitio mais pictoresco de Portugal?

Quererá a pergunta dizer, suponho, qual seja dos mil sitios pictorescos do pais, por mim admirados e sentidos, aquelle que mais persistentemente reïncide na minha emoção d'artista...

Ou melhor:

Qual dos estados susceptiveis de revelação pela paysagem, aquelle que permanentemente faz fundo na minha emotividade estheta, inicial...

Ainda assim formulada a pergunta, responder com precisão é impossivel, pois sendo a paysagem um estado d'alma, quantos desses estados se sucedem nas 24 horas d'um temperamento, susceptiveis d'impulsivados por mil e mil determinantes internas, e outros tantos agentes exteriores, fortuitos ou frequentes!?

De mais, que termos absolutos de comparação fixaria eu, entre o typo de pictoresco unidade, e o trecho de paysagem preferido, para poder cathegoricamente afirmar a superioridade d'um ponto sobre o outro?

Conforme as preocupações de momento, o estado de figado, o estado de fundos, as insidias da toxina intestinal, não é verdade? — conforme a estação, a hora do sol, o estado hygrometrico, etc., assim para nós o sitio mais pictoresco é o Bussaco da Cruz



UM ASPECTO DO BUSSACO

Alta, assim a galopada tragica de valeirões e viaductos da Beira Alta, entre Pampilhosa e Mortagua: assim os panoramas do Bom Jesus, do Castello de Guimarães, da Torre de Beja, do morro de S. Jorge de Lisboa, das Portas do Sol em Santarem, da esplanada de Palmella, da Ponta da Piedade a par de Lagos, da Foya de Monchique, da Serra da Arrabida, do cabo de S. Vicente, do valle do Sousa sentido dos altos de Barrosas, no Alto Minho, dos rios Vizella e Cávado, dos contrafortes do Marão, dos picos do Gerez, das ribas tragicas do Tua, ou dos grandes outeirões de riba-Douro, alem da Regua...

De norte a sul, segundo a cultura literaria, o instinto colorista, o temperamento dramatico de quem olha, quantos sugestivos logares de melancolia poetica, d'arrobo mystico, d'idylio florianesco, de pezadelo, de remorso ou de catastrofe!

Qual seja pois o sitio que eu prefiro?

Um certo nos dias de solitude vagabunda, um certo nos dias de vida imaginativa — este para marcar um plano de batalha, d'especulação financeira, d'intriga ou de revolta; aquelle para sonhar um livro de fantasia macabra ou de novela; e mais outro para o amor d'uma bella mulher ruiva e estrangeira, e ainda outro para dynamitar a queda d'um mundo e entre girandolas de sangue erguer o cadafalso d'um monarcha...



Se portanto o sitio preferido é funcção de tão complexos factores, de tantos antecedentes confusos, e consequentes imprevistos, como quer você que eu recommende aos seus leitores a vista do Bussaco ou de Palmella, se a maior parte dos que lá forem *sentil-as* não leva no coração chapa sensivel, nem luz de sol que grave o trecho de natureza n'uma maravilhosa prova de psychologia poetica, egual á que a sensibilidade de qualquer iniciado artista póde dar?



VISTA DO CASTELLO DE PALMELLA

Não é preferivel, em vez de me perguntar a mim por sitios pictorescos, dar *clichés* de fotografos, com os preços kilometricos do comboio, e aconselhar o publico a que escolha?

Fialho d'Almeida.

De HENRIQUE DE VASCONCELLOS

Escriptor

Meu caro amigo

O ponto mais pictoresco de Portugal é, para mim, a Avenida, ao domingo. Repare v. no grotesco da população apertada em vestimentas de vêr a Deus, a tristeza das faces macilentas, o andar compassado, processional, das familias, os rapazinhos que procuram namoro, as meninas á cata de marido, tudo isto cruzando sob as arcadas das arvores tosquiadas á franceza, d'onde criticam, escatologicamente, os pardaes, de vez em quando.



HENRIQUE DE VASCONCELLOS.

Seu amigo, etc.

H. de Vasconcellos

De SANTOS TAVARES

Jornalista

Obrigado, por imposições de jornalista militante, a permanecer perpetuamente a uma mesa de redacção, conheço apenas Lisboa, e mal.

Cidade erguida sobre sete collinas, basta subir a uma vertente para que, ante os nossos olhos, se estenda um panorama lindo de perspectivas. Ao cahir da tarde, sob o céo de um azul limpido, á luz diaphana e agonisante, os aspectos tomam uma expressão espiritual de paz, emquanto que a multidão se revolve e agita na ressaca das suas ambições, dos seus desesperos, dos seus desanimos e dos seus triumphos.

Creio que, para psychologos, esta cidade, calvario de humildades, é o «ponto mais pittoresco de Portugal».

Santos Tavares.



A AVENIDA DA LIBERDADE

De AFFONSO LOPES VIEIRA

Poeta

O sitio mais pitorêsco duma pátria é aquêle em que tivermos vivido mais e melhor: é o ponto de vista do nosso coração. Para mim, será este donde escrêvo. Ha uma grande floresta, — e o mar.

S. Pedro de Muel (Marinha Grande).

Affonso Lopes Vieira.

De D. OLGA SARMENTO

Escriptora

— «Qual é, na minha opinião, o ponto mais pictoresco de Portugal? —»

No continente — o que mais me impressionou, até hoje, foi atravessar em automovel, n'uma manhã de sol, o *Minho* — até ao *Bom Jesus de Braga*. Mas impressão forte, intensa, mesmo emocionante — da paysagem

d'esta querida terra portugueza — tive-a na Ilha de San Miguel (Açores) visitando o *Valle das Furnas* e o das *Sete Cidades.*

Confesso que nunca encontrei no *meio dia* da França, nem mesmo em toda a Suissa, golpe de vista tão grandioso, a dar-nos o *frisson,* em toda a sua magestade, da natureza, como este que acabo de apontar.

Lisboa, 1907.

Olga Moraes Sarmento da Silveira.

De ABEL BOTELHO

Romancista

A minha preferencia é toda para as montanhas, para essas convulsas regiões da Beira Alta e do Douro, em que a terra se ergue n'um empilhamento collossal de mórros, collinas, serras, córregos e precipicios, na sua exasperada ancia de escalar o Infinito.

A atormentada revolta de toda essa orographia ascencional e gigante, atirando as suas calvas proeminencias côr de fogo ao céu impassivel, dá-me o grandioso *simile* panoramico da vida; é a fixação kosmica das tremendas agonias, das incertezas, das ardencias, dos terrores e das luctas em que a alma humana se gasta e se consome.

A montanha tem a brava altivêz, a fulva arrogancia creadora do Genio; a planicie é charra e banal como uma Carta de conselho. Adoro essa paysagem de vôo e de tristeza, porque só ella é compativel com o sonho, só ella me commove e abala n'um sympathismo estreito de sentir; porque sómente encontro a ampliação, flagrante e formidavel, da Dôr, no titanico desdobramento d'esses *fandangos* petrificados do schisto e do granito, na escalada tragica d'esse sólo gretado e hirsuto, a espaços intumescido por mamelões adustos, que são a *elephantiasis* do deserto.

Abel Botelho.



PAIZAGEM DE S. PEDRO DE MUEL.
Cliche de A. Lopes Vieira.



AFFONSO LOPES VIEIRA

De LUCIANO FREIRE

Pintor

Caro amigo:

Deseja o meu amigo que me pronuncie acerca do ponto de Portugal que julgo mais pictoresco. Eu lhe digo: Condemnado á vida da cidade com todos os seus horrores, cartazes, construcções de hypothetica architectura e janotas, e a aturar



desde os conductores dos americanos logo que saiu de casa, até á poeirada da vassoura mechanica municipal quando recolho, toda e qualquer escapadela ao campo é para mim prazer ineffavel.

D'ahi, a minha incapacidade para certificar preferencias, pois toda a paisagem me dá goso, mórmente a não maculada pelos endinheirados com as suas hediondas construcções urbanas.

Sinto porém, predilecção especial pelas montanhas; e, se o campo, em geral me apraz, só a paisagem montanhosa me emociona profundamente. Quantas vezes teria concretisado na tela essas impressões, se circumstancias materiaes a isso se não tivessem opposto! Não era para o publico que eu executaria esses quadros. O publico prefere assumptos comezinhos, paisagens intimas, animadas de figurinhas conduzindo a classica bilha á cabeça, ou batendo eternamente a roupa em pedras de duvidosa consistencia. Quer saber? Conheço uma região de Portugal que muito particularmente me impressiona: é a cortada pela estrada regular que de Guimarães conduz a Arco de Baúlhe, passando pela serra da Lameira, Gandarella, etc., e pela velha estrada, coeva de Nun'Alvares Pereira, que atravessa as terras de que foi senhorio. Percorrer todo esse trajecto, subir ao Monte de N. Sr.ª da Graça ou a qualquer d'aquelles numerosos monticulos que bordam o valle do Tamega, e contemplar os explendorosos panoramas, á tarde, quando as casitas nas encostas deixam escapar por entre os intersticios das telhas ou do colmo que as cobre, o fumosito da lareira que serenamente se



A CIDADE (ASPECTO DE LISBOA)



D. OLGA SARMENTO DA SILVEIRA



AS SETE CIDADES (AÇORES)

eleva nos ares... Eu sei lá, afinal, qual o logar mais pictoresco do meu paiz! Arranje o meu amigo que sejam arrasados os *chalets*, que desappareçam os electricos, os moinhos americanos, as construcções em estilo Manoel... Ignacio, e Cintra triumphará decerto. Se continuarem, porém, a pejal-a com mais *embellezamentos*, e a ter eu de escolher entre Cintra e a Rua do Arsenal de Lisboa, preferiria esta ultima sem hesitar.

Lisboa, 6-7-907.

Do Seu Am.°, etc.

Luciano Freire.

De MAGALHÃES LIMA

Jornalista

Qual é o sitio mais pictoresco de Portugal?

N'um paiz, como o nosso, onde a natureza, por toda a parte, nos sorri, com a doçura e a bondade de uma mãe carinhosa e prodiga, é difficil a resposta. Muitos dirão que o sitio mais pictoresco de Portugal é o Bussaco; outros que é Cintra. Mas eu que não esqueço os tempos da minha mocidade — tempos idos, ai de mim, na despreoccupação de um bello sonho dourado! — direi que os sitios mais pictorescos de Portugal são as inconfundiveis margens do Vouga, cantadas pelo Bingre, o saudoso poeta, que muitos desconhecem, deliciosos sitios a que os choupaes e salgueiraes, reflectindo as suas ramadas nas aguas chrystallinas do rio, semelhando figuras phantasticas, imprimem a feição de um paraizo ideal, que o amor, cioso e avaro, só concede aos privilegiados da fortuna.



Aveiro é a Veneza de Portugal e o Vouga não tem rival nem as suas areias se confundem com quaesquer outras areias do mundo.



REGIÃO MONTANHOSA DA BEIRA

Magalhães Lima.

De COLUMBANO

Pintor

«Eu não sou um paizagista», foi a primeira resposta de Columbano, ao nosso inquerito. Depois, generalisada a conversa, o grande mestre da pintura portugueza confessou-nos a sua decidida preferencia por Cintra, não a Cintra banal, mas a outra Cintra, a Cinttra selvagem, sem casaria, e Cintra natureza em plena exhuberancia da vegetação. «Conheço pouco a paizagem portugueza, mas, para mim, do que conheço a é Cintra que prefiro.»

Misanthropo e timido, o ponto escolhido por Columbano é realmente o paraizo de uma alma contemplativa como a sua. A Cintra de Columbano convida a sonhar, convida a ser bom e a tornar a Vida grande consagrando-a a uma grande obra.

Nada lhe falta. Nem essa quietação benedictina dos ermos, nem esse isolamento do mundo gestor de grandes sonhos d'Arte.

De ANTONIO CORRÊA D'OLIVEIRA

Poeta

Entre as variadas respostas que recebemos, a de Antonio Corrêa de Oliveira é, sem duvida, das mais interessantes.

O commovido poeta do *Alivio de Tristes*, do *Ara*, do *Parabolas*, do *Tentações de Sam Frei Gil*, e o paizagista do *Auto do Fim do Dia* e do *Auto de Junho* respondeu em verso, n'um soneto primoroso em cujo prologo mais não queremos demorar o leitor:

A Paisagem da Beira

O' Paisagem da Beira, ó flor e cruz,
O' riso e dor, extranha como a face
Pagã de Céres quando meditasse
Nas mysticas palavras de Jesus:

Sèdes de alma com que eu te desejasse
E bebèsse nos versos que compuz,
Geraste-as, — como o sol gerou a luz
Dos olhos com que a gente o contemplasse...

Essencia do que sou e quero e scismo,
Minha alma vem de ti: é tua imagem,
A tua sombra espiritual, Paisagem!

No meu vital e cosmico Egoismo,
Em ti me encontro a mim — e de tal arte
Que é amar-me a mim mesmo olhar-te e amar te.

ANTONIO CORRÊA D'OLIVEIRA.

De JOSÉ SARMENTO

Jornalista

Perguntam-me os *Serões* qual é, na minha opinião, o ponto mais pittoresco de Portugal. A resposta não é facil para quem tenha percorrido o nosso lindo paiz, desde as quentes e luxuriantes paysagens do Algarve até ás verdes, macias, ternas planicies do Alto Minho ou ás abruptas e aggressivas montanhas de Traz os Montes.



LUCIANO FREIRE

E' mesmo de uma difficuldade complexa, porque implica necessariamente tendencias especiaes, estados de occasião, rebates do temperamento. Eu tenho *sentido* paysagens que se tem desenrolado diante dos meus olhos e a que o meu espirito guarda uma eterna, melancolica e doce recordação. Se estivessemos em tempo de romantismos e sentimentalismo, eu diria que ha trechos de terra n'este lindo Portugal encantado, que tem para mim mais valor que todas as riquezas do mundo, —



PAIZAGEM DO RIBEIRO DE VARZEA

pelo muito que eu soffri ao vêl-as, pelo muito que ainda soffro ao relembral-as.

E' como se, diante de mim, n'este minuto da minha vida em que a pergunta dos *Serões* me vem surprehender, passassem em tropel, como uma ronda phantastica, todas as bellas coisas que gosei e que chorei. Fecho com delicia os olhos e deixo galgar a memoria á desfilada, demorando-me aqui, percorrendo outra vez logares de desgraça ou de felicidade, ou deslisando como um fantasma por entre os fantasmas das coisas que não voltarei a vêr nos dias da minha triste romaria pelo mundo. E sempre que quero fixar o pensamento, logo elle se desvia e me mostra novas tiras de estrada, novas mattas, jardins e charnecas, vistos á luz doce e limpida do sol ou sob um céo carrancudo de tempestade.



DR. MAGALHÃES DE LIMA

Mas a infancia e a mocidade guardam sempre os seus privilegios de saudade, pelas pessoas e pelas coisas; e como eu cedo abri os meus olhos encantados ao panorama do Bussaco, fiquei sempre com uma ternura especial e intima por essa mysteriosa região, onde o sonho escorre ao longo das suas arvores seculares e murmura nas fontes limpidas e tranquillas, afogado no musgo esmeraldino que reveste os velhos, amigos troncos paradisiacos.

. . . .

Decididamente, meus amigos, eu voto pelo Bussaco.

José Sarmento.



A RIA DE AVEIRO

* * *

No proximo numero publicarão os *Serões* a continuação do nosso inquerito. Entre os varios artigos que esse numero inserirá, conta-se a resposta tão interessante como artistica de Theophilo Braga, o poeta da *Visão dos Tempos* e das *Tempestades Sonoras*, e o investigador e critico da *Historia da Litteratura*, o sabio-artista cuja vasta erudição tanto renome tem em toda a Peninsula; a de Augusto Gil, o poeta que tão admiraveis quadras tem cinzelado; a de João Penha, o admiravel poeta das *Rimas*, o bohemio impeccavel do *Vinho e Fel*; a de Jorge Collaço, o auctor d'esses azulejos preciosos, e a de Valença, o primoroso caricaturista do *Supplemento do Seculo*; as de Julio Dantas, Eduardo de Noronha, etc. D. João da Camara tambem acaba de nos prometter a sua, cujo atrazo é só devido á doença que aquelle nosso querido poeta e querido amigo acaba de atravessar.



Columbano

Ractifica-se pois que Portugal é por excellencia o paiz da paizagem.

Corra-se a nossa litteratura e a nossa pintura e digam-nos se os paizagistas não são em maior numero?! Pois não são algumas das estancias dos *Luziadas*, maravilhosos quadros de colorido e de realidade, onde ha paizagens maravilhosas, todas as gammas de tons, todas as alacridades, todas as tintas as mais diversas, as mais opulentas e as mais estonteadoras? Fernão Mendes Pinto não foi por excellencia um paizagista, assim como paizagistas não foram muitas vezes os auctores ignorados d'essa sombria *Historia Tragico Maritima*?

Herculano tinha o amor da paizagem como Camillo. Na sua obra Herculano tem uma grande dose de descriptivo e em Camillo o amor da natureza é extraordinario, especialmente n'esse Minho que elle tão bem soube ver, e soube sentir. Eça de Queiroz tem nas *Cidades e Serras* paginas de paizagem portugueza que são verdadeiramente extraordinarias no seu potencial de descripção. Castilho e Garrett nos idylicos quadros da Natureza. Conhecem decerto o valle de Santarem. E a *Joanninha dos olhos verdes*? Fr. Luiz de Souza e tantos outros desde o padre Carvalho, da *Corographia*, até aos escriptores contemporaneos, todos se teem comprazido em florentissimos descriptivos de recantos maravilhosos, trechos de sonho que são realidades, esboços de paizagem sem rival no mundo e sem rival tambem no encanto, riquezas vistas ou sonhadas, d'este nosso Portugal.



UM ASPECTO DE CINTRA

Na pintura portugueza bastaria citar esse genial e acabrunhado Silva Porto, interpretador da paizagem como ninguem; Malhôa,



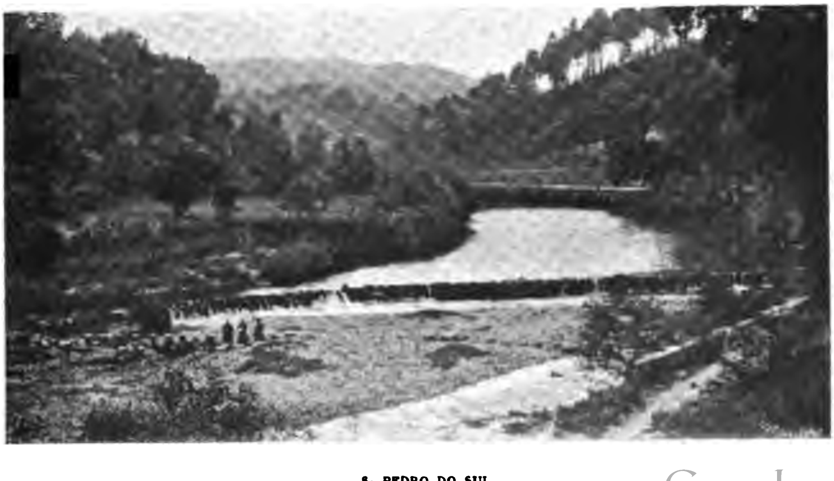
ANTONIO CORREIA D'OLIVEIRA
Retrato de Antonio Carneiro

o dos aspectos da aldeia; Henrique Pinto; Vaz, o da paizagem maritima; Condeixa e tantos outros, não esquecendo Assumpção, o precursor.

Mas melhor do que tudo, leitor, é vêr, certificar-se a gente do que seja esse Bussaco de que as palavras de Junqueiro fallam tão enthusiasticamente e a prosa de José Sarmento com tanto amor: vêr o que seja esse S. Pedro de Muel, onde «ha uma grande floresta e o mar», preferido de Affonso Lopes Vieira, o poeta pagão do «*Ar Livre*», o livro da natureza; ver essa Beira que Abel Botelho viu nos seus aspectos montanhosos batalhadores e taciturnos e Corrêa de Oliveira, o poeta das religiosidades commovidas, no murmuro suspirar das suas oliveiras, dos seus choupaes e dos seus rios de agua corrente e clara; ver o que seja esse Minho de vegetação uberrima e paizagem opulentissima, terra de romarias, de enthusiasmos e de optimas moçoilas, em que o leitor já decerto ouviu falar, se o não ama por ser de lá ou o conhecer de perto, e de que a bella prosa sincera e artistica de Luciano Freire, o pintor de Nun'Alvares, e a de D. Olga da Silveira, falam com tanta admirativa affeição; ver esse Aveiro, que Magalhães de Lima recommenda enthusiasta e saudoso, e essa Cintra tão typicamente curiosa que Columbano, pintor e taciturno prefere. Ver, finalmente, todos os pontos de Portugal a que n'uma rapida e synthetica lembrança Fialho d'Almeida, o extraordinario artista dos *Ceifeiros* e o colorista formidavel do *Paiz das uvas* faz passar ante os nossos olhos extasiados como n'um kaleidoscopio uma soberba fita de vistas panoramicas, como bellezas que uma vez vistas eternamente se conservarão na nossa lembrança e na nossa saudade.

E, é impossivel que o leitor se não tente.

Portugal é um paiz pouco conhecido até dos proprios portuguezes. Cumpre integral-o no papel que lhe pertence. Quando se tem feitos que um Camões cantou e paizagens que um Bayron mostrou ao mundo em versos immortaes tem-se o mais difficil. Cumpre a todos nós portuguezes encetarmos a vulgarisação da terra portugueza, abrindo ante os olhos da Europa as mil preciosidades de um solo sem rival, toda essa riqueza de ballada deslumbradora e inneguala vel.



S. PEDRO DO SUL

Parece que a Deus, o Deus da creação, aprouve derramar sobre a peninsula riquezas á flux, e quiz Portugal o Eden das galas e das beliezas. Clima, terra, sol, onde os ha melhores? Só quando se correu mundo debaixo da intemperie e se calcurriou a Europa olhando a loucura do barometro, é que se é verdadeiramente patriota. Então apparece n'um nimbo de sonho a Terra mater. E' quando a saudade entra a pungir, «delicicso pungir de acerbo espinho» como dizia Garrett, o exilado.



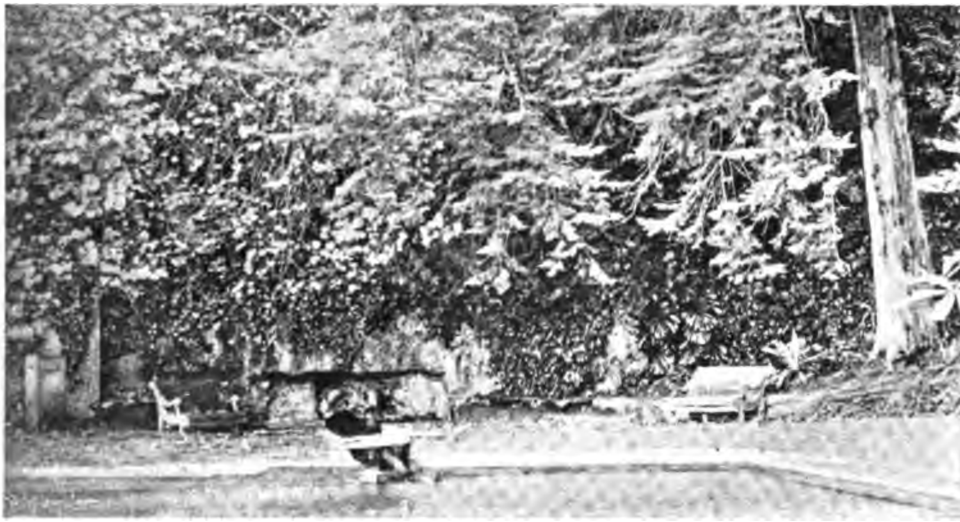
As proprias cidades portuguezas, ainda as maiores, offerecem o aspecto de se estar sempre em familia, como aquellas cidades da Hollanda que a penna illustre de Ramalho Ortigão tão bem soube paisajar e descrever.

E tudo, tudo parece que n'este abençoado paiz de sol, debruçado sobre a ignota grandeza do Oceano, d'esse legendario Oceano das caravellas e conquistas, se conluiou para no mesmo pacto se fazer amar de naturaes e estrangeiros, ainda que elles tragam impressas na memoria as visões mais lindas e as perspectivas mais surprehendentes e as mais assombrosas decorações.

E como não ha de ser amada uma Patria d'estas, e como ella não merece ser resgatada do Esquecimento.



BUSSACO



ANTIGA FONTE NOVA — QUINTA DO POMBAL

A FONTE DOS AMORES

Prova-se a existencia d'uma «Fonte dos Amores» anterior aos «Luziadas» e que, sendo denominada assim ainda hoje, nada tem com os amores de Ignez. — Diz-se onde ficava a verdadeira «Fonte» e qual o sitio que lhe deve corresponder na actualidade.

HA lendas que se arreigam, que calam por tal fórma no espirito do povo que é difficil senão impossivel fazel-as ceder um palmo de terreno ao maior ou menor numero de probabilidades, de recursos, mais ou menos admissiveis, tendentes a reconstituir qualquer verdade historica.

Em Coimbra, terra de poetas, povoada de lendas as mais caprichosas, se alguem procurar saber qual o sitio provavel da verdadeira *Fonte dos Amores*, o povo indicará a Quinta das Lagrimas e, olhando de soslaio, convicto da ignorancia da pessoa com quem está tratando, rir-se-ha da pergunta, affirmando gravemente, solemnemente, ser aquella a unica, a antiga, a authentica *Fonte dos Amores* e, deixando-se levar pela sua candida e interessante ingenuidade, dandose ares de lettrado, dirá que o vermelho que tinge o fundo da fonte, devido, julgo eu, a qualquer alga que ali se formou, é o sangue... e que uns fios dourados, raizes de plantas aquáticas que saem da nascente, são, sem tirar nem pôr, os cabellos de D. Ignez de Castro!... E tudo isto porque o nosso grande épico, essa alma extraordinaria, alma collossal de portuguez que foi Luiz de Camões, se lembrou de dizer no Canto III, est. CXXXV dos seus *Luziadas* — que:

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram;
E por memoria eterna, em fonte pura
As lagrimas choradas transformaram:
O nome lhe poseram, que inda dura,
Dos amores de Ignes, que ali passaram
Vede que fresca fonte rega as flores,
Que lagrimas são agua e o nome amores.

D'ahi o erro em que teem cahido os mais abalisados investigadores collocando-a, uns, aqui, outros, além, e, ainda outros, dizendo

não ser verdadeira a da Quinta das Lagrimas sem provarem em que se fundam para tirarem esta conclusão...

E afinal não se chega a saber onde é que a tal Fonte existiu!...

Abandonemos, por agora, os contemporaneos que teem divagado de mais sobre o assumpto tornando-o demasiadamente intrincado e vamos procurar nos antigos alguns dados que nos possam esclarecer e servir de bussola para demandarmos qualquer porto de salvamento n'esta tremenda confusão produzida pela multiplicidade de opiniões de



A ESTRADA DA VARZEA. A' DIREITA FICA A «QUINTA DAS LAGRIMAS» NO PRIMEIRO PLANO, DEPOIS A QUINTA DA VARZEA ACTUALMENTE PROPRIEDADE DO SR. VISCONDE D'ALVERCA

auctores e pela má interpretação que deram a uma ficção do Poeta. Na verdade, antes da publicação dos *Luziadas* já nos apparece, em 1554, um poemeto de Ignacio de Moraes — *Conimbricae encomiu* — reproduzido no jornal *O Instituto* (agosto e setembro de 1887) que nos fala d'uma *Fonte dos Amores*, mas assim denominada em virtude d'uma lenda muito differente da que vem na estancia de Camões.

Em nada, absolutamente em nada, se relaciona com os amores de Ignez e era, como ainda hoje é, a antiga *Fonte Nova* na *Quinta do Pombal*, actualmente *Quinta das Lagrimas*. Do proprio nome da Quinta entrevê-se claramente que foi buscar a sua origem ao ultimo verso da estancia já citada:

Que lagrimas são agua e o nome amores

E tanto assim deve ser que o primeiro documento em que ella nos apparece com esta denominação é uma escriptura que pertence ao Cartorio de Raymundo Antonio de Macedo, que era tabellião em Coimbra na data em que foi lavrada — 21 de julho de 1730.

Já em outubro de 1360 consta d'um mandado das Justiças de Coimbra que ninguem tratasse mal — *o cano da agoa, que vae da Fonte dos Amores para o mosteiro de Santa Clara, sob pena de jazer trinta dias na cadeia.* — Posto isto talvez haja ainda alguem que queira vêr n'esse mandado um enorme desejo de conservar a fonte por andar ligada a ella qualquer recordação da morte de Ignez, o que não pode ser, conforme demonstramos — mas, n'esse caso, diremos que a razão de tal sollicitude por parte das Justiças devia ter sido a muita vontade de agradar á Rainha D. Izabel, a quem o povo adorava, e que vivia n'esse tempo em Coimbra, — pelo facto de ter esta adqui-



EGREJA DO ANTIGO MOSTEIRO DEIXANDO VER AO FUNDO PARTE DA CIDADE

rido, em julho de 1326, por escambo feito com o mosteiro de Santa Cruz, duas fontes chamadas *do Pombal*, destinadas a abastecer de aguas o convento. Este contracto, que foi confirmado por diploma de el-rei D. Affonso IV no dia 1 de outubro, auctorisando sua mãe a dispôr das fontes como muito bem lhe approuvesse, foi o cumprimento do vehemente desejo que a Rainha tinha mostrado de juntar as aguas das duas fontes e encanal-as para a cerca do mosteiro o que fez, passado pouco tempo, correndo o cano de oeste a léste no extremo norte da Quinta do Pombal. D'aqui se conclue a existencia d'uma *fonte dos amores* que nada, mesmo nada, tinha com os amores de Ignez anteriormente aos versos de Camões e que já então era, como hoje — *rica de la natura y pobre d'arte*, como disse Sá de Miranda na *Fabula do Mondego*.



UMA PARTE DO CONVENTO VELHO DE SANTA CLARA
VISTA DO LOGAR QUE SE DENOMINAVA «O' DA PONTE» QUANDO AINDA EXISTIA A PONTE DE PEDRA

(Cliché do sr. Platon Peig)

Depois de ter demonstrado não ser esta a verdadeira fonte mas sim uma outra com o mesmo nome devido a lenda muito diversa, e tão diversa que nem Camões faz a minima allusão a ella, o que seria muito pouco crivel, julgamos nós, caso tomasse por authentica a referida fonte — depois de termos deixado perceber que o Poeta sempre havia de harmonisar a sua lenda com a outra já existente se ambas ellas envolvessem referencias aos amores de Ignez, o que succederia com certeza caso a fonte fosse a mesma, vamos apresentar alguns dados pelos quaes se pode saber o logar onde ficava a tão cantada, a verdadeira *Fonte dos Amores.*

Côrte-Real, no seu livro — *Bellezas de Coimbra* — falando sobre o assumpto de que estamos tratando, faz-nos esta descripção a pag. 48: — *No campo que serve hoje de horta, é que ficavam os*

Claustros do Convento. Tinhão vistas aprazíveis. As suas faces erão sustentadas por uma serie de arcos de pedra, uns grandes, outros pequenos, uns abertos, outros fechados com redes da mesma pedra, onde brilhava a sublimidade da arte, e o engenho do artifice. No meio do claustro se via um grande tanque, em que se precipitavão muitas fontes por differentes figuras. A maior rebentava da bocca de uma serpente, que estava enroscada no braço de uma nympha. Ora uma d'estas fontes havia necessariamente de ser a *Fonte dos Amores*, visto ficar na horta que occupa o logar onde existiam outr'ora os claustros do Convento.



A VERDADEIRA FONTE DOS AMORES DE IGNEZ, NA INSUA QUE FICA JUNCTO DO VELHO MOSTEIRO

(Cliché de M. Figueiredo)



O «CANO DOS AMORES» SEGUINDO AO LONGO DA «QUINTA DAS LAGRIMAS» (QUINTA DO POMBAL)

(Cliché do sr. Mesquita de Figueiredo)

Isto mesmo nos diz Fr. Manoel da Esperança na *Historia Seraphica*, parte II, livro VI, cap. XVII, pag. 35: — *vinha de fóra a agua, por um cano, que chamou* DOS AMORES *por razão de uma fonte deste nome, onde tem o seu principio.*

Côrte-Real, que foi verdadeiro na descripção dos claustros, já não procedeu da mesma forma quando affirma a pag. 30 que: — *o velho Palacio d'esta Quinta foi o theatro d'aquella catastrophe pathetica, que deo á Historia Portugueza a melancholia da tragedia e assumpto ao mais bello Episodio do Cantor do Gama.*

Faria e Sousa, nas *Rimas de Camões*, P. 2.ª, pag. 37, diz-nos tambem: — *Esta fonte que se chamou dos amores por essa razão já dita estava nos jardins do palacio... O principe não podia falar a D. Ignez todas as vezes que o desejavam ambos... Valia-se para isso d'aquella agua e d'aquelles aqueductos porque por elles e por ella enviava os papeis que lhe escrevia. Rompeu, parece, em certa parte o aqueducto e mettendo por ahi os papeis, levados pela agua, iam sahir ao jardim onde Ignez acudia a recebel-os.* Parece deprehender-se d'estas linhas que D. Ignez, a admittirmos a lenda, recebia as cartas no jardim do Palacio da Quinta que não era outra senão a *do Pombal* e isto não se pode admittir como verosimil, pois sabe-se e diz-nos Fr. Manoel da Esperança, no L. 6, c. 10 da sua *Historia* que: *E' tradicção em Coimbra, que o In-*



A CHEIA INVADINDO AS RUAS DA CIDADE

fante D. Pedro remettia por elle a D. Ignez de Castro os seus escriptos de amores, quando ella estava no Convento. Fr. Raphael de Jesus, na *Monarchia Luzitana*, vol. 7, pag. 513, declara tambem que: «... *o principe D. Pedro mudou sua casa para Coimbra, levando comsigo a sua consorte D. Ignez de Castro...»* — *«Pela amenidade e pelo retiro se aposentou nos paços da Rainha Santa, crendo que nos longes da vista amortalhavam as murmurações da suspeita.»*

Ruy de Pina diz que Ignez de Castro vivia *nas casas do Mosteyro de Santa Clara.*

Portanto recebia as cartas não no jardim da Quinta do Pombal mas nos claustros do Convento, d'esse velho Mosteiro cujas dependencias estabeleciam uma linha divisoria ao longo da actual estrada da Varzea até á rua das Parreiras, que representa o inicio d'esse velho e historico burgo de Santa Clara.



UMA CHEIA DO MONDEGO INVADINDO A RUA DO CORVO

Provada assim a existencia de varias fontes dentro do Convento e, para mais, dentro do Claustro em communicação directa com a *Fonte Nova* ou *Fonte dos Amores* da Quinta do Pombal, resta-nos confessar o que pensamos ácerca do assumpto, o que faremos em muito poucas palavras, dizendo reconhecer-mos a todas as fontes que existiam nos Claustros, o direito de se cha-



UMA CHEIA DO MONDEGO. A PONTE NOVA E O NOVO CONVENTO DE SANTA CLARA

marem *dos Amores* pois que Ignez viveu junto de todas ellas mas, se quizermos tornar real a lenda que Camões creou, diremos que a verdadeira *Fonte dos Amores* devia ficar pouco mais ou menos onde existe agora, sob um alpendre, uma fonte que denota ser bastante antiga e que bem pode ser a mesma, a propria, pois que ainda recebe directamente as aguas que veem encanadas da Quinta conforme as narrações das chronicas. Para mais, fomos encontrar, na parede, uma pintura qualquer que desappareceu com a acção do tempo mas que ainda nos transmittiu, ao fundo, estas terminações de palavras, na disposição em que as transcrevemos:

FLORES
MORES
XXXV

que são, nem mais nem menos, o final da estancia de Camões:

Vêde que fresca fonte rega as flôres
Que lagrimas são agua e o nome amores.

Perguntamos agora — qual a razão que levou os modernos, antigos em relação a nós, a escreverem estes dois versos a encimar a bica d'esta *Fonte* que, como disse, deve ser bastante velha? Só ha uma conclusão a tirar — é que elles entenderam, como nós, ser aquella a verdadeira fonte por ficar nos Claustros, por receber aguas pelo citado cano do qual se vê um pedaço a descoberto e que é muito symetrico e um pouco inclinado, o que nos faz acreditar no resto da lenda em que o nosso povo, sempre bom e crédulo, piamente crê. A barquinha de cortiça presa por um cordel para transportar a correspondecia amorosa de Pedro e Ignez pode muito bem ser que existisse, pois que, sendo o cano um pouco inclinado actualmente, mais o devia ser então, a partir do *Roxio,* como chamavam ao actual *Rocio* na época em que se deram os tragicos acontecimentos que então passaram sem reparo, pois abundavam os casos d'esta natureza, e dos quaes Luiz de Camões fez uma immensa tela cheia de colorido, com toques deslumbrantes de luz, um quadro historico cheio da mais viva emoção, pondo nos labios de Ignez, aos pés de Affonso, as mesmas palavras que Valmiki, no *Ramayana,* poz nos labios de Yaginadata cahida aos pés de Daçaratha. E disse ha pouco que o *cano* devia ser mais inclinado, a partir do Rocio, porque entre este e as dependencias do Convento que ruiram entre 1559 e 1600, foi construida a estrada da Varzea que fica muito acima do caminho velho e, na *Fonte* de que nós falámos e que tomamos como verdadeira, o cano apparece-nos quasi ao nivel da nova estrada. D'aqui se vê claramente que elevando a estrada quizeram tambem elevar, n'essa parte, o cano por onde as aguas iam sahir ao Convento desde 1326, para desenterrar a *Fonte* das areias que as enchentes do Mondego arrastavam para ali e que fizeram com que, a 8 de julho de 1330, quatro annos depois, fosse sagrada uma nova egreja n'um pavimento superior do Mosteiro que hoje se encontra meio submerso e que fizeram tambem com que D. João IV mandasse lançar em 3 de julho de 1649, a pedra fundamental d'um novo convento no Monte da Esperança, e que hão de fazer com que a actual Coimbra desappareça tambem. Poderão dizer-nos agora que a construcção da estrada data de ha pouco tempo e que a *Fonte* já teria desapparecido nas areias. A isto responderemos que o Convento, embora pareça o contrario, está pouco submerso e na data em que se construiu a estrada da Varzea devia vêr-se ainda alguma coisa da *Fonte* e tanto bastava para que a desenterrassem. Ainda ha poucos annos, quando se demoliu a antiga ponte de pedra poude vêr-se n'ella uns restos da primitiva ponte dos seculos XII e XIII. Mas isto seria apenas para provarmos d'uma fórma categorica tudo o que temos dito porque, dando logar ás conjecturas, quer-nos parecer que a fonte com o seu alpendre já tinha sido elevada pelos antigos antes da construcção da estrada e que n'esta data só levantaram a bica, pois que a pintura que existia na parede e os versos a que já nos referimos são com certeza muito anteriores, visto termos encontrado, dentro do Convento, n'uma capella, um quadro pintado na parede exactamente com as mesmas tintas que empregaram na *Fonte,* e não iam pintar quadros nas capellas do Mosteiro se elle, n'esse tempo, servisse vergonhosamente de abegoaria, de palheiro e não sabemos de que mais como tem servido nos ultimos tempos e serve actualmente. Isto é que não admitte duvidas. E

uma vez que nos inclinámos a admittir a lenda da barquinha de cortiça e que dissémos acreditar, para isso, na sufficiente inclinação do cano, o que nem talvez fosse preciso devido á força da corrente entre pedras bem talhadas que lhes servem de leito em todo o seu percurso, vamos agora interpretar uma passagem dos auctores da fórma que nos parece mais razoavel e mais proxima da verdade dos factos. Algumas chronicas e alguns investigadores teem dito, como Faria de Sousa, na P. 2.ª, p. 37 das *Rimas de Camões*, que D. Pedro: — *Rompeu parece em certa parte o aqueducto e mettendo por ali os papeis, levados pela agua, iam sahir ao jardim onde Ignez acudia a recebel-os. De maneira que o amor vinha nadando, vinham as chammas amorosas passadas por agua.* Resta-nos saber qual o logar em que o cano foi aberto. Parece-nos, iamos até jurar, que esse sitio



EFFEITOS DE UMA CHEIA NO CHOUPAL.



UMA ENCHENTE NO CHOUPAL

foi o que hoje o povo, muito especialmente, chama o *cano dos amores* e que, sendo uma parte do referido cano que vinha da Quinta do Pombal, fica hoje, a um canto do Rocio, muito escondido. Vê-se que lhe foi arrancada uma pedra da parte superior e essa abertura serve actualmente de lavadoiro. A gente das visinhanças crê que era para ali que D. Pedro e D. Ignez iam passar algumas horas do seu bem curto idyllio. Ora porque razão não havemos nós de crêr que D. Pedro, andando á caça pelo monte da Esperança como costumava, e perdendo Ignez sua esposa *de vista e fala*, rompesse n'este sitio o cano então meio encoberto pelo tojo que havia no *Roxio*, segundo rezam as chronicas, e não cessasse *de lhe enviar recados* por intermedio d'essas aguas? Para mais não se justifica o motivo porque o cano nos apparece roto n'este sitio e as aguas, não sendo ali presas, continuam a correr para a verdadeira *Fonte dos Amores*... Se lhe tivessem tocado para ali fazer um lavadoiro e não tivessem somente collocado ali uma pequena pia para aprovei-

tar as aguas, haviam de obstar, de certo, a que as aguas, depois de sujas na lavagem das roupas, continuassem a servir uma Fonte. Alguns escriptores, referindo-se a este logar, dizem parecer-lhes não estar situado no plano primitivo e nós dizemos que sim visto ficar situado no monte onde não foi preciso alterar nada porque vae descendo sempre até ao nivel do Mondego, ao qual ainda fica muito superior, ficando sómente inferior em relação á nova estrada, o que torna mais verosimil a nossa affirmação.

Ainda ha bem poucos dias, quando o nosso amigo sr. dr. Mesquita de Figueiredo, se dispunha a photographar o local a que nos referimos, tivemos occasião de vêr que o cano, n'esse sitio, ao entrar novamente na Quinta das Lagrimas, fica assente em rocha que nenhuns vestigios apresenta de ter soffrido quaesquer alterações.

D'esta maneira, dando uma fórma concreta á ficção de Camões e á tradicção oral, temos, a duzentos metros do Convento velho, a verdadeira *Fonte dos Amores* existente ainda, sob um alpendre, n'uma insua e possuimos o local onde D. Pedro, esse *doido com intervallos lucidos de justiça e de economia*, como lhe chamou o nosso grande Herculano, lançava a barquinha com as cartas para Ignez.

E á antiga *Fonte Nova*, á *Fonte dos Amores* que muita gente julga verdadeira, só lhe resta o orgulho, aliás bastante justo, de ter mandado as aguas da sua nascente para os logares em que a *misera e mesquinha* amou e foi amada.

Alguem houve que attribuiu a transplantação da lenda para a Quinta das Lagrimas ao facto, que nos parece bastante acceitavel, de uma proprietaria se ter chamado D. Antonia Ignez de Castro e d'ahi o povo chamar a essa propriedade a Quinta de Ignez de Castro. O dr. Teixeira de Carvalho faz referencias a esta versão n'um artigo que publicou na *Gazeta Illustrada* (Coimbra) n.º 22, dia 26 de outubro de 1901.

E' muito possivel que assim seja. Nós, porém, achamos que não tem razão de existir, perto da antiga *Fonte Nova*, uma lapide com a estancia CXXXV dos *Luziadas* que, para maior vergonha, dizem ter sido mandada collocar ali por um inglez qualquer... E para mostrar que foi completa a má interpretação d'esse bello Episodio dos *Luziadas* basta dizer que a lapide, encerrando a estancia de Camões, tem estas palavras a encimál-a:

FONTE DAS LAGRIMAS

Ora o verso com que o Poeta terminou a estancia CXXXV diz o seguinte:

Que lagrimas são agua e o nome amores.

Logo o nome da Fonte nunca poderá ser *das Lagrimas*... Mas, para evitar futuros enganos d'esta ou d'outra natureza, urge que a lapide, depois de corrigida, passe para junto da verdadeira *Fonte dos Amores*, e já que o actual proprietario tem conservado tão bem essa falsa fonte, melhor e com mais enthusiasmo deve conservar a que nos parece authentica e não a deixar cahir na mais lamentavel falta de respeito e criminoso abandono em que tem collocado o velho Mosteiro, esse augusto e venerando templo que encerra bastantes recordações historicas e faz reconstituir em nossa mente toda uma época cheia de brilho e de esplendor embora empanada, ás vezes, por acontecimentos os mais tragicos e os mais surprehendentemente tristes e incomprehensiveis. E o estado triste de desprezo em que se encontra o Mosteiro é tanto mais para lamentar quanto é certo ter sido ali o refugio da princeza Santa Joanna, ter sido ali recebido o Mestre d'Aviz, ter prégado, no seu pulpito, o arcebispo D. Frei Bartholomeu dos Martyres, ter sido d'ali que Ignez sahiu do tumulo para receber as honras de Rainha e ter sido aquella a egreja onde D. Duarte se quiz casar *por se estrear bem*.

E é d'esse monumento por todos os motivos digno de mais respeito e de melhor sorte que se faz um celleiro quando muito facil seria fazel-o resurgir das areias, em toda a sua magnificencia, como se deprehende da leitura da *Memoria do Mondego e barra da Figueira da Foz*, de Adolpho de Loureiro. E nada direi ácerca do *cano dos amores* pois que, tendo demonstrado o papel que elle devia ter representado nos amores de Ignez, tratei-o com muito mais respeito e mais justiça do que é costume n'este desgraçado paiz tratar-se tudo aquillo que mais directamente nos interessa!...

Mario Monteiro.



UMA SALA DE APPLICAÇÕES MEDICAS DE ELECTRICIDADE COMPREHENDENDO OS RAIOS ROENTGEN

Os actuaes processos da arte de curar

POR

VIRGILIO MACHADO

(Conclusão)

A Electricidade na Medicina

São mais de setenta os methodos, todos elles nitidamente differenciados, de applicação da electricidade no tratamento das doenças. Comprehende-se que corresponda a cada um d'elles uma acção propria ou especial.

Não o estranhará quem attender á maleabilidade e docilidade com que a energia electrica se transforma nas outras modalidades dynamicas.

Transforma-se a electricidade em movimento, ahi exemplificado todos os dias, na tracção electrica, no telegrapho e no telephone; transforma-se em luz no arco voltaico e nas lampadas d'incandescencia; transforma-se em calor, ainda no arco voltaico ordinario ou levado intencionalmente ás mais altas temperaturas dos fornos electricos, onde se fabrica o diamante artificial; transforma-se em acção chimica, quando atravessa certas soluções de acidos, bases ou saes, dando os resultados aproveitados pela electrochimica, a galvanoplastia, a electrogravura, etc.

E que numerosa não é a variedade dos modos electricos utilisados em medicina, umas vezes no diagnostico, outras na therapeutica!

Rapida enumeração confirma o asserto: *Electricidade estatica ou franklinica; E. galvanica ou voltaica; E. faradica ou induzida; Correntes d'alta frequencia de Tesla, de Morton, d'Arsonval, etc.*

Correspondem a estas modalidades methodos numerosos d'applicação.

Citaremos os mais importantes: Ducha franklinica; Banho franklinico; Applicações disruptivas (Correntes franklinicas induzidas, correntes franklinicas ondulatorias); Applicações conductivas (correntes franklinicas induzidas, correntes ondulatorias induzidas); Galvanofaradização; Correntes sinusoidaes; Correntes de alta frequencia; Correntes de alta tensão e de alta ou de baixa amperagem; Banhos hydrogalvanofaradicos; Banhos hydro-electrosinusoidaes; Cataphorese medicamenosa; Electrolyse medicamentosa ou introducção electrolytica de medicamentos no organismo humano; Ozonização do ar inspirado, etc.



MATERIAL PARA A PRODUCÇÃO DAS CORRENTES ELECTRICAS D'ALTA FREQUENCIA

Acções da electricidade sobre o organismo

A estes methodos se recorre, e com variada technica, segundo as circumstancias, para d'elles obter:

1.º Uma acção calmante e tonica, utilisada, por exemplo, em certas manifestações da hysteria, neurasthenia, choréa ou dança de S. Vito, em nevralgias (sem lesão estructural);

2.º Uma acção excitante, aproveitada na cura de paralysias (sem lesão estructural definitiva), atonia do estomago, dos intestinos ou da bexiga;

3.º Uma acção trophica ou estimulante da nutrição, utilisada no tratamento de atrophias musculares, por inactividade funccional, em casos de anemia e na convalescença de doenças graves;

4.º Uma ou outra d'estas acções, segundo os casos, empregada na cura de perturbações nervosas localisadas nas articulações, no corpo thyroidêo, no utero, nos ovarios, etc., comprometendo a normalidade do seu funccionamento e da sua nutrição.

Notaveis são, por exemplo, os resultados do tratamento electrico na cura da nevropathia intestinal, denominada vulgarmente enterocolite muco-membranosa, a myxonevrose intestinal de Ewald; na cura do bocio exophtalmico (Doença de Basedow ou de Graves), fórma

frusta ou attenuada, e ainda na cura de certas doenças na pelle devidas a desequilibrios d'innervação.

Tratamento pelos raios Roentgen (raios X)

De muito perto se liga com a electricidade o estudo dos raios X.

Fazendo passar uma descarga electrica, no seio d'uma empola de vidro, onde se fez o vacuo, até um millionesimo d'atmosphera e onde entram duas peças metallicas convenientemente distanciadas, no interior da mesma empola, obteem-se as maravilhosas radiações (raios Rœntgen) cujas surprehendentes propriedades são hoje bem conhecidas pelo vulgo.

Vieram enriquecer a arte do diagnostico, ampliando os seus meios d'investigação.

E' largo o seu campo d'applicação no estudo das doenças dos ossos, articulações, pulmões, pleuras, aorta e outros grossos vasos thoracicos e ainda no exame d'algumas doenças do estomago, figado, rins, cerebro, etc.



UMA CREANÇA SUBMETTIDA
Á ACÇÃO DE CORRENTES ELECTRICAS QUE CIRCULAM N'UM
SOLENOIDE CONVENIENTEMENTE ISOLADO

No dominio da therapeutica, que toma então, como já dissemos, o nome de *roentgotherapia*, contam os raios X os seus melhores triumphos, na cura da ulcera roedora da face, cancros ou epitheliomas superficiaes da pelle, lupus tuberculoso, na doença geral do sangue e systema lymphatico chamada leucemia, em algumas doenças de pelle: a tinha, o acne, a sycosis, etc.

Devem, em parte, as suas propriedades curativas a raios X e a raios cathodicos as radiações dos tubos de vacuo excitados pelas correntes d'alta frequencia muito empregados nos Estados Unidos da America do Norte, no tratamento de inflammações das mucosas do nariz, dos ouvidos, etc.

Tratamento pelas substancias radioactivas

O radio, o uranio, o thorio, o polonio e as substancias radioactivas, em geral, emittem, entre outras radiações, umas que se assemelham aos raios X, pelas suas propriedades, e ás quaes devem ser attribuidas, pelo menos, em parte as acções d'essas substancias sobre os organismos animaes.

As indicações para o emprego therapeutico do radio identificam-se com as que apontámos para os raios Rœntgen.

Ha circumstancias em que é difficil o emprego d'estes raios e em que o radio aproveita, por ser mais facilmente adaptavel á região em tratamento, no interior do esophago ou do recto, por exemplo.

Aguas mineraes e climas

Já dissemos que os cultores da physiotherapia comprehendem tambem no seu arsenal a valiosissima therapeutica hydromineral designada pela palavra medica *thermalotherapia*.

E' o nosso paiz um dos mais ricos em aguas mineraes, com variadissima composição, temperatura e radioactividade, e por isso apropriaveis á cura das mais diversas molestias. A sua lista que é longa torna-se dispensavel, porque as virtudes das aguas medicinaes portuguezas já as tornaram bem conhecidas dos numerosos achacados que d'ellas solicitam a cura para os seus soffrimentos.

E' a escolha d'um clima apropriado ao tratamento de varios estados morbidos um dos themas mais ponderados pelos sectarios da therapeutica physica.

Assim aconselham o clima maritimo, em casos de escrofulismo, lymphatismo, nutrição deprimida e nos casos em que se peça ao meio atmospherico uma acção tonica e ao mesmo



APPLICAÇÃO LOCAL DE CORRENTES ELECTRICAS QUE CIRCULAM N'UM SOLENOIDE ISOLADO

tempo calmante. E' esta, mas isoladamente, a acção attribuida ao clima humido não maritimo.

A acção estimulante ou muito excitante do clima de montanha ou d'altitude aproveita a alguns neurasthenicos, mas é, em geral, prejudicial ás hystericas, aos epilepticos, aos cardiacos, aos arteriosclerosados, aos doentes dos rins, aos velhos, etc.

Aproveitando a acção dos climas associada a determinados preceitos da hygiene geral, ha hoje, por esse mundo fóra, milhares de sanatorios, com attribuições curativas variadas, segundo a região em que se encontram installados, seu regimen interno, etc.

A dieta no tratamento das doenças

Os apostolos da physiotherapia observam tambem, na cura dos seus clientes, os preceitos rigorosos da *dietotherapia* que bem se pode chamar uma sciencia muito especial, extensa e complexa.

A qualidade e a quantidade de cada alimento, o numero das refeições, os intervallos que as separam e ainda outros preceitos accessorios variam immensamente segundo a molestia a cujo proposito é instituida a respectiva dietetica. Ha já valiosos tratados sobre o assumpto e muitas publicações isoladas e especiaes, com a indicação da dieta alimentar e outras prescripções de hygiene geral, que convem observar em casos de arthritismo, diabetes, obesidade, tuberculose, gotta, molestias do coração e das arterias, neurasthenia, doenças do estomago e dos intestinos, infecções febris, doenças da pelle, etc.

Em volumes consagrados ao estudo da dietetica em geral, são tambem indicados os preceitos de certas dietas ou regimens especiaes: o regimen de leite; o regimen vegetariano; a cura d'uvas; a cura pelo leite desnatado; o regimen da abstenção do sal de cosinha; o regimen inglez V. E. M. (vegetables, eggs, milk) vegetaes, ovos e leite; o regimen mixto, carne muito pouca e uma só vez por dia, ovos, legumes, fructos, etc.

Como se pode concluir do que fica dito resumidamente, muito numerosos e variados são os methodos e processos curativos utilisados pela physiotherapia, sciencia accentuadamente progressiva e na eminencia de adquirir, na medicina, a situação predominante a que tem direito.

A physioterapia não deve ser o methodo exclusivo de tratamento

Pecam os mais fervorosos sectarios da moderna therapeutica, hoje cultivada e ensinada com elevação nos centros scientificos mais adiantados, onde lhe chamam a *therapeutica avançada,* quando a seu respeito professam um exclusivismo exaggerado, pondo de parte os recursos pharmacologicos e outros utilisados até aqui pela medicina conservadora ou tradicional.

A reacção veiu do seu abuso mais do que d'um uso discreto, prudente e racional.

A applicação injustificada, e por largo tempo feita, de varias drogas, dezenas de vezes independentemente de prescripção medica, produziram uma boa somma de inflammações d'estomago e respectivas dyspepsias, inflammações mais ou menos graves dos rins, etc.

Os vinhos amargos applicados em larga escala, com o fim de despertar o appetite, para os alimentos; os vesicatorios, inutilmente e

muitas vezes desvantajosamente, empregados no tratamento das pneumonias; o uso excessivo de medicamentos chimicos em doenças, que. sem elles, se curam perfeitamente, lançaram sobre a velha medicina um descredito que nem sempre se pode justificadamente generalisar.

O precioso mercurio, os preparados iodados, o arsenico, os salicylatos, a dedaleira, a quinina, o opio e seus derivados, os brometos e ainda outras substancias são agentes therapeuticos que, por emquanto, difficilmente serão substituidos, no tratamento das doenças em que devem, com solido fundamento e certeza de exito, ser aproveitados.

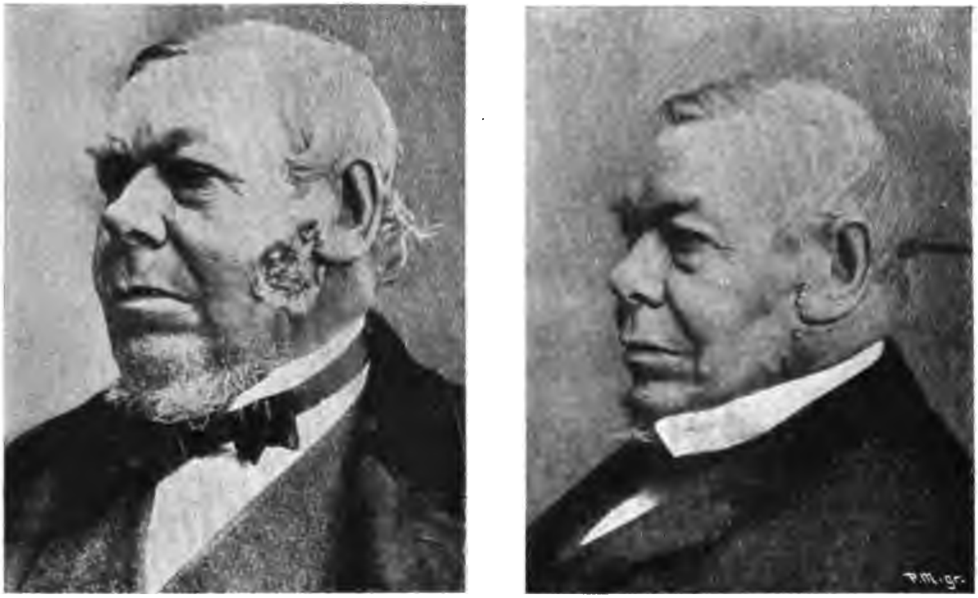
Quando a chimica mais nada tivesse dado á arte de curar, além do chloroformio que abule a dôr e os antisepticos, que permittiram os arrojos triumphaes da moderna cirurgia, bastante tinha dado, para exigir, de direito, a nossa profunda gratidão.

A vaccinotherapia

Mas não é só á physiotherapia e a alguns medicamentos chimicos, com utilidade scientificamente demonstrada, que o medico moderno vae buscar as armas necessarias para combater as causas das doenças, em uns casos, os seus symptomas ou consequencias em outros.

Pode mesmo ir mais longe, prevenindo ou impedindo a invasão do organismo por determinadas infecções.

Assim procede quando emprega a vaccinação preventiva, impropriamente comprehendida, com a vaccinação curativa, sob a rubrica generica de *Vaccinotherapia*. Além da vaccina antivariolica, isto é a vaccina preventiva das bexigas, chamada tambem vaccina jenneriana ou humana, quando se faz de braço a braço, ha a mencionar as vaccinas pastorianas contra o carbunculo e contra a hydrophobia ou raiva. Teem dado tambem resultados muito animadores a vaccina antipestosa de Haffkine, empregada na India; a vaccina anticholerica do mesmo bacteriologista e a vaccina antityphica segundo o methodo de Wright, usada unicamente no exercito inglez.



UM EXEMPLO DE TRATAMENTO DE UM EPITHELIOMA DA FACE PELOS RAIOS ROENTGEN

A sorotherapia

Ao lado das vaccinações, justo é que se fale do tratamento das doenças infecciosas, pelo soro sanguineo proveniente de animaes vaccinados ou immunisados contra essas doenças. Este methodo de tratamento que se deno-

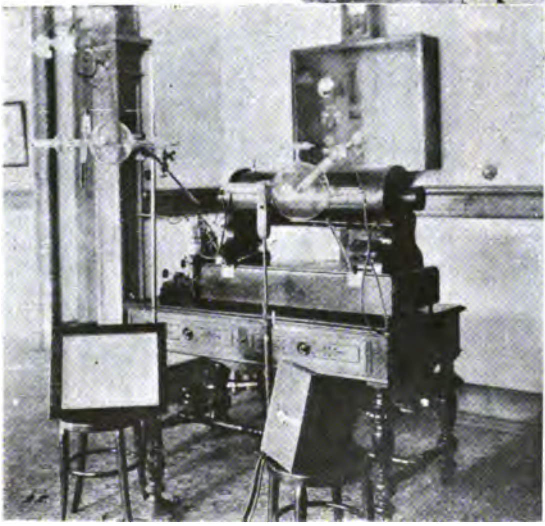
mina *sorotherapia* é já hoje muito conhecido, entre nós, pela sua applicação á cura da diphteria. Empregado é tambem o mesmo methodo, com intuitos curativos ou preventivos, e mal apropriado é então o nome, no tetano, na peste, na febre typhoide e no envenamento pela peçonha de qualquer serpente seja qual fôr a sua especie.

Outras sorotherapias, sobretudo a da tuberculose e a do cancro teem sido applicadas com resultado vario, mas sem duvida, em alguns casos, notavelmente promettedor.

Estão ainda em estudo os methodos de tratamento fundados na inoculação de culturas de bacterias ou das toxinas, (venenos por ellas segregados), para prevenir ou curar algumas infecções. A taes methodos se applicam os vocabulos de *bacteriotherapia* e *toxinotherapia*.



APPLICAÇÃO DOS RAIOS ROENTGEN A UM EXAME RADIOGRAPHICO



MATERIAL PARA A PRODUCÇÃO DOS RAIOS ROENTGEN (RAIOS X)

Opotherapia

No grupo das medicações de origem animal a que pertencem as vaccinas e os sôros curativos, as culturas de bacterias ou as suas toxinas, comprehende-se tambem a *medicação opotherapica* ou *organotherapia*.

Esta therapeutica especial emprega os orgãos d'animaes, ou extractos d'esses orgãos, geralmente em doenças do figado, ovarios, pancreas, rins, glandula thyroidêa, etc.

Funda-se este methodo therapeutico, em certas bases muito racionaes d'ordem physiologica, e presta incontestavelmente serviços de valor, em casos de insufficiencia funccional de alguns orgãos, por lesões que lhe embaracem a sua actividade normal.

Alguns casos ha em que o medico deve, apesar de todo o seu vasto arsenal therapeutico, abster-se de qualquer intervenção perturbadora da marcha natural e expontanea de muitas doenças para a cura.

Formam estas uma extensa provincia da pathologia, dando ensejo a apreciar, pela sua abstenção, vigilante até opportuna intervenção, o medico verdadeiramente conhecedor da sua difficil missão profissional.

Hoje, mais do que nunca, accentua-se, por parte dos doentes, uma pronunciada relutancia para acceitar certas medicações principalmente as de natureza chimica, e a proposito de qualquer molestia.

Esta reacção derivou sobretudo do abuso feito pelos leigos, independentemente de qualquer conselho medico, de certos preparados pharmacologicos já doseados, promptos para ser ingeridos, sem necessidade de prescripção

clinica, em relação ás quantidades, modo de administração, etc.

Ainda ha pouco um dos mais notaveis professores da Faculdade de Medicina de Paris dizia, com magoa, em uma Sociedade scientifica, que um grande numero de doentes fogem de França para o estrangeiro, não tanto para utilisar nas Casas de Saude, o repouso e a boa hygiene em geral, como para supprimir a continuação do envenenamento chronico pelo uso ou abuso prolongado dos medicamentos.

Psychotherapia

Casos ha muito especiaes, em que a intervenção do medico deve ser puramente de ordem espiritual.

E' sem duvida um dos mais delicados problemas da arte clinica.

O capitulo da therapeutica que lhe diz respeito denomina-se a *psychotherapia*.

Por esta palavra se tem designado o tratamento de certas doenças pelos meios psychicos.

São elles a persuasão, a sugestão, a fé, a educação, a emoção, etc.



EXAME ROENTGOSCOPICO DO INTERIOR DO THORAX

Denomina-se a psychoterapia, em attenção ás regiões cerebraes da subconsciencia ou da consciencia, sobre que os meios psychicos devam influir: psychoterapia inferior, therapeutica suggestiva ou hypnotismo no primeiro caso, ao passo que no segundo se chama psychotherapia total ou superior.

Arte difficil e muito delicada a da psychotherapia, em que se aproveita, como deixámos indicado, n'uma direcção therapeutica, a poderosa influencia do espirito sobre o corpo.

Nem sempre logrará exercer, com exito, a therapeutica psychica quem desejar pôl-a em pratica, sem conhecer a fundo as suas regras.

Medicos d'alta envergadura scientifica, possuindo larga erudição e experiencia, frequentes vezes nada conseguem com as suas tentativas de psychotherapia, porque não a estudaram sufficientemente.

Alguns clinicos, porque possuem dotes especiaes muito apropriados á pratica d'esta therapeutica, applicam-n'a inconscientemente, ou sem intenção, e com exito notavel.

A psychotherapia exige, nem sempre, mas em complexos e numerosos casos clinicos, um estudo muito profundo de alma humana nas suas relações com determinados estados pathologicos, influindo n'elles ou sendo por elles influenciada.

Requisitos para o bom exito da psychotherapia

A psychotherapia exige do medico numerosos requisitos. A enumeração dos principaes dará a medida da sua importancia:

Solidos conhecimentos psychologicos; vasta experiencia clinica; muita bondade e paciencia para attender com interesse, e sem enfado os queixumes dos doentes; sympathia pela sua infelicidade; carinhosa tolerancia para os seus reparos e desabafos, mantendo todavia o prestigio e a auctoridade medica; muita dedicação para lhes evitar nocivos esmorecimentos, finalmente capacidade para demonstrar sem exaggeros mas com firmeza a propria convicção sobre a utilidade das praticas psychotherapicas a que o doente estiver submettido.

São estas, além das que foram enumeradas, as mais frequentemente usadas e variando segundo os casos: o isolamento, a assistencia de estranhos, o repouso, fixação dos periodos e da natureza dos exercicios corporeos, occupações mentaes, natureza das distracções, etc.

O tratamento actual das nevroses

Hoje todos os medicos, poupam as drogas, esses grandes nevrosados representados prin-

cipalmente pelos hystericos, pelos neurasthenicos e pelos hypochondriacos.

Já nenhum clinico lhes prescreve um narcotico, em caso de insomnia, porque esta se debella sem preparados chimicos.

Não ha hoje medico algum que applique qualquer medicação chimica a todos os nevrodyspepticos, todos esses individuos atormentados por nevroses gastricas, essa enorme legião de doentes com os seus males mantidos e aggravados, muitas vezes por conta propria e sem conselho medico, pelo uso dos preparados pharmacologicos, muito uteis, em outras circumstancias, todos esses vinhos amargos, elixires digestivos, desinfectantes causticos, etc.

Nenhum medico, no momento actual, prescreve preparados chimicos a essa legião de nevrosados do coração, dos intestinos, etc., porque esses doentes são curaveis pela hygiene geral, dieta alimentar, sem exaggeros tyrannicos, medicação tonica geral realisada pelos agentes physicos e naturaes, sobretudo quando se lhes associe um habil e muito discreto tratamento psychico.

E não se diga que é novo este ramo da therapeutica. Já nos tempos da medicina sacerdotal eram empregadas, com exito, certas praticas de psychotherapia empirica embora muito grosseiras e nada scientificas.

Não é este o logar para divagações sobre a historia do psychotherapia methodica e rigorosa; interessante será porém o conhecimento dos actos de ordem mental por ella utilisados na sua applicação quotidiana. Entre estes, o primeiro e um dos mais importantes consiste em conquistar absoluta confiança do doente. Só depois poderá o medico dissipar os seus terrores, preoccupações, duvidas e hesitações, procurando paciente e habilmente educar-lhe a vontade e dirigir com sabia ponderação as suas faculdades de raciocinar.



EXAME ROENTGOGRAHICO D'UM COTOVELLO

Vastissimos e muito valiosos são os methodos e processos adoptados actualmente pela medicina na arte de curar.

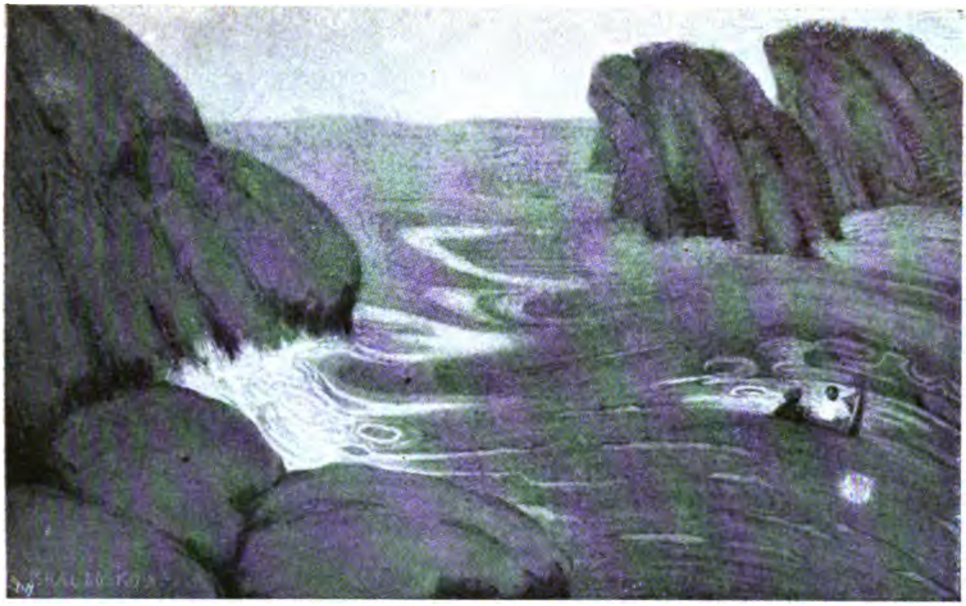
O seu successo tem como principal condicção um diagnostico rigoroso. Applicações therapeuticas que se não apoiem em rigorosas bases scientificas poderão, em numerosas circumstancias, ser inuteis ou até mesmo gravemente prejudiciaes.

Felizmente taes bases podem ser solidamente estabelecidas, porque os methodos de exame, adoptados na classificação das doenças, adquiriram um grau elevado de perfeição.

A mechanica, a physica geral, a optica, a electricidade, a rœntgologia, a chimica, etc. têem fornecido aos medicos, habilitando-os ás investigações de diagnostico, numerosos instrumentos de observação, reagentes de analyse, etc., de modo a permittir-lhes um exame completo dos doentes.

E' por isso que entraram já, na pratica corrente da arte medica, os exames do interior do organismo pelos raios X, as analyses chimica, physica e bacteriologica da urina, da expectoração, do sangue das fezes, etc. Só em artigo especial poderiam ser mais amplamente vulgarisadas as noções geraes relativas a este assumpto.

Todos os methodos modernos de observação, indicando ao medico a intervenção sem hesitações, em uns casos, a abstenção prudente, em outros, que elle deve bem conhecer porque a primeira preoccupação dos clinicos é sem duvida a de não prejudicar o cliente que lhe pede a regeneração da sua saude ou a conservação da vida!



A Almiranta afundada

Costello? Costello?

— Exacto, Costello — replicou o velho barbeiro de Tobermory.

— Mas esse apellido é irlandez e não escocez.

— Pois eu sou irlandez — retorquiu o barbeiro — mas o apellido é que o não é. Arranjaram-n'o á irlandeza, é certo, mas é nome antigo de Hespanha. Da parte dos meus avoengos, eu sou hespanhol, e o verdadeiro apellido é Castillo.

— Costello? Castillo? — echoei. — Como é que de hespanhol se tornou irlandez o apellido?

Foi assim que travei conversação com o velho Costello, barbeiro na aldeiola de Tobermory, na Ilha de Mull, ao largo da costa oeste da Escocia. Tanto o barbeiro como a aldeia eram ambos velhos. Costello era um homem baixo, de cabello branco e comprido, olhos pretos e brilhantes, como os olhos de um rapaz. Mas a cara é que era velha, toda sulcada de rugas, o passo vagaroso, as costas um pouco abaúladas; carregavam-lhes em cima setenta e dois annos. Tinha uma voz quebrada e senil, e as mãos tão tremulas que me fez varios lanhos ao barbear-me. Havia cincoenta e dois annos completos que elle exercia o officio em Tobermory. Tobermory é o nome dado a uns sessenta casinhotos de pedra solta, espalhadas a esmo n'um recanto da enseada pedregosa que defronta com a entrada do estreito de Mull. Lá fóra cahia uma chuva pesada, e o temporal açoitava o mar. Os caminhos estavam intransitaveis com lama, e por isso tive de interromper n'aquelle logarejo, a minha pesquiza de sitios pittorescos para desenhar. Do aposento contiguo, escuro e de tectos baixos, vinham aromas picantes de comida. A mulher do barbeiro, matrona alentada de touca, de uns sessenta e oito annos, alli estava a preparar a ceia. A um canto da parede e do tecto pendia uma gaiola de vime, dentro

da qual pulava de um para o outro lado um estorninho muito esperto. De quando em quando, a avesita gritava com um crescendo esganiçado no segundo verso, terminando quasi n'um guincho e afrouxando de repente para o terceiro:

— P'ra dentro do mar, p'ra fóra do mar,
Tudo que é meu, que é meu, que é meu,
A's mãos me ha de voltar.

— Alli a patrôa é escoceza — replicou Costello — é d'aqui de Tobermory. Casei com ella, tinha eu vinte e seis annos. Quando vim para aqui, não tinha mais de vinte annos, era ainda um rapazote.

— Mas como foi que Castillo, que é hespanhol, desandou em Costello, que é irlandez? — perguntei eu, a parafusar sempre n'aquelle mysterio.

O barbeiro era homem lido. Tinha um canto da loja guarnecido de renques de livros, e livros de bons auctores. A sua linguagem, embora maculada de giria local, era n'um inglez vernaculo e decente, com laivos de archaismo.

— Lá por essas suas terras distantes da America, ha de ter ouvido falar muita vez na Invencivel Armada?

— Se ouvi! «Foram ventos do céu que a dispersaram!»

— Os ventos dispersaram-n'a, e Drake mais Howard escangalharam-n'a. Apraz aos inglezes dizer que tudo foi pelo vento do céu. Houve navios que se afundaram, outros que arderam, outros que foram despedaçar-se nas costas de Flandres, outros ainda que foram arrastados para as costas littoraes da Irlanda e da Escocia. De cento e trinta navios, só cincoenta e tres, entre galeões e galeaças, voltaram desasados e tristes á Hespanha e á presença do rei Filippe. Das naus que deram á costa na Irlanda salvaram-se muitos mareantes. Alguns foram chacinados pelos camponios ferozes; outros escaparam, ficaram por alli, e casaram com mulheres da terra. Muitos apellidavam-se de Castillo, por terem vindo de Castella. De Castillo fez-se Costello, e hoje em dia ha Costellos a rodo. Assim é que os meus antepassados eram Castillos e eu cá sou Costello

Realmente tudo isto era simples, mas singular e assombroso. Pelos labios do velho coava-se a voz do passado. Os olhos, n'aquelle rosto enrugado, tinham não sei que brilho magico, olhos como a noite que havia seculos espreitára por debaixo de umas sobrancelhas de corsario. Na voz do encanecido barbeiro havia accentos de bardo e de propheta. O velho assemelhava-se a um elo entre dois povos e duas épocas muito afastadas. Era como um summo sacerdote decrepitado nos ritos rigorosos do Tempo, um oraculo vocal perante o altar dos grandes feitos e dos mortos heroicos amortalhados na historia. Não se havendo tornado irlandez pelo nascimento nem escocez pelo ambiente, Costello ou Castillo estava alli de pé, lidimo hespanhol de Hespanha, como se houvera emergido de qualquer painel de Velasquez ou Murillo. O espirito d'aquelle homem, tal como de subito se revelava, era todo iberico, sem cousa alguma de hibernio. Pairava sobre elle como que a obsessão do marinheiro de tempos idos. Um impulso intimo o moveu a contar a historia, a dar o seu recado. Assim, á medida que falavamos, o velho descendente dos mareantes da Invencivel ia-se abrindo comigo. Eu ganhara-lhe a confiança pelo interesse que por elle mostrára e pelo rapido esboço que fizera a lapis da sua pittoresca cabeça, emquanto elle barbeava os aldeãos. Fôra-se embora o ultimo labrego, depois de tosqueado e escanhoado. A borrasca continuava bravia e lugubre. Resolvi-me portanto a acceder ao convite instante e a pernoitar em casa do barbeiro de Tobermory. Depois de saborearmos a suc-



A MULHER DO BARBEIRO, MATRONA ALENTADA DE TOUCA, ALLI ESTAVA A PREPARAR A CEIA

culenta e deliciosa ceia, sentámo-nos os tres em volta da lareira, cujo lume crepitante sobrelevava ao do candeeiro de latão, pendente do tecto. Na gaiola o estorninho soltava uns pios somnolentos.

— O grande navio de um dos almirantes, a almiranta *San Martin*, foi atirado pelo temporal para longe dos destroços da esquadra. Correu ás cegas para o norte, vagueando á matroca pelo mar de Irlanda. Era barras de ouro e dobrões e ducados de Hespanha. E foi esta que de noite se afundou em Tobermory. Ninguem tal soube; só tres mareantes escaparam, e um d'elles veiu ter á Irlanda, a juntar-se com os camaradas salvos das naus despedaçadas. Um d'estes foi meu avoengo. Por isso é que o segredo da almiranta perdida ficou em nossa familia por mais de tres seculos. Mas nenhum de nós tinha posto nunca pés fóra da Irlanda.



«POR ISSO É QUE O SEGREDO DA ALMIRANTA PERDIDA FICOU EM NOSSA FAMILIA POR MAIS DE TRES SECULOS»

um poderoso galeão, um castello altaneiro, cujas obras mortas estavam á prova da mosquetaria, e tinha sido baptisado pelo arcebispo de Cordova. Encalhou e foi a pique em Tobermory, a menos de milha e meia d'aqui. Algumas das naus suas companheiras desfizeram-se pela costa norte de Irlanda. Mas a almiranta *San Martin* era a maior de todas. Trazia a insignia de D. Diogo Florez, um dos almirantes do duque de Medina Sidonia. Era a nau que tinha o thesouro da Armada. Trazia os porões abarrotados de Fui eu o primeiro a sahir de lá, e vim a toda a pressa para Tobermory, ainda era muito moço. Aqui vim, para vêr se encontrava os destroços da almiranta nos baixíos de Tobermory — e talvez que o thesouro — o meu e o dos meus — nas entranhas da nau.

O ouro nunca apodrece, nunca apodrece o sobro hespanhol — e a almiranta era feita do mais rijo. Fiz em segredo as pesquizas, porque, se constasse que se encontrara o thesouro, a corôa havia de repu-

tal-o achadego regio, e reclamal-o do proprio mar.

— P'ra dentro do mar. p'ra fóra do mar,
Tudo que é meu, que é meu, que é meu,
A's mãos me ha-de voltar —

clamou o estorninho, espertando de repente.

— Este passaro desata logo aos berros, em ouvindo phrase que termine com a palavra «mar» — observou Costello — Por conseguinte, dia a dia, anno a anno, milha a milha, quando a maré estava baixa, eu andei a sondar os bancos e os baixíos por essa costa fóra. Palmo a palmo fui deitando o prumo, estudando a direcção das correntes, esquadrinhando o fundo com um oculo. Assim trabalhei vinte e cinco annos, sem encontrar vestigio da nau. Até que por fim... O senhor deve entender que muitas cousas vieram parar á praia. Um dia um faroleiro achou um caixote de cobre com a firma do rei Filipe, e d'ahi a pouco uns pescadores apanharam nas redes uma porção de bainhas de espadas, canos de arcabuzes e pregos de cobre. Comprei tudo — veja, ahi estão.

O caixote estava coberto de uma camada espessa de azebre; em relevo via-se o monogramma do rei de Hespanha. As bainhas das espadas e os canos dos arcabuzes eram barras de ferrugem compacta, onde aqui e além se percebia um lampejo de metal brilhante. Os pregos estavam deformados, torcidos e verdes. Affigurou-se-me que tocava nas mãos que outr'ora lhes haviam tocado.

— Tudo isto — disse o barbeiro — vinha da almiranta. Mas onde parava ella?

— Ha companhias para descobrir naufragios, que dispõem de mergulhadores e escaphandros; uma d'essas poderia descobrir a nau — suggeri eu.

— Pois sim! e regalava-se com todo o ouro e mais com a gloria, depois de repartir com a corôa. Nada d'isso! Se os Costellos não puderem descobrir e arrecadar o thesouro, o melhor então é deixal-o no fundo do mar, que o guarde até ao dia de Juizo.

O vento bramia em volta da casa e sacudia com violencia as janellas; a chuva fustigava com bategas surdas as vidraças, que reverberavam o lume da lareira. De muito longe vinha um como retumbo em vão, profundo e intermittente.

— Não ouve o mar? — exclamou Costello, enrubecidos os cabellos brancos e fuzilantes os olhos ao clarão das labaredas.

E logo o passaro desatou a gritar, como enfeitiçado:

— P'ra dentro do mar, p'ra fóra do mar,
Tudo que é meu, que é meu, que é meu,
A's mãos me ha de voltar.

— Aquillo são os vagalhões do Estreito. Estão a bater na costa e a comel-a. Comem a terra aqui e amontoam-n'a mais adeante. Dão e tiram, é o que fazem as ondas. Hão de restituir-nos o ouro da nossa gente, o ouro que era d'elles. Lá está ainda o grande almirante, de guarda ao thesouro encerrado no casco, e o pégo ha de largal-o por força.

Era impressionante o modo por que falava o barbeiro de Tobermory; na sua voz repercutia a voz dos seus tostados avoengos. O estorninho não se aquietava na gaiola, irritado com a desusada falacia nocturna e com o estrondo do temporal. O presente rasgava-se de novo como um panno bipartido de theatro, e na imaginação surgia brilhante o passado. Das eras volvidas escorriam visões em tropel: as soberbas naus açoutadas pela tormenta, as enormes e sumptuosas fortalezas marinhas, engalanadas de flamulas e gloriosos galhardetes e brazonadas velas, submergindo-se angustiosamente em plagas incognitas, afundando comsigo a esperança, a gloria, a opulencia da arrogante Castella. Reçumavam fé e esperança, indestructiveis e perduraveis como o ouro fulvo e o mar salgado, as palavras de Costello, barbeiro em Tobermory e herdeiro do almirante.

— Na costa léste da Inglaterra — continuou elle — segundo o que li, está o Oceano roendo leguas e leguas de terra. Em Lereness, a duas milhas da costa a esboroar-se, vê-se ao largo uma rocha, e sobre ella um poste que em tempos se aprumava defronte de uma estalagem. Estão a levantar pelas arribas fóra muralhas de granito para supporte das terras, mas as ondas não cansam nunca, os homens sim. Ha sitios em que o mar derriba as terras, outros em que as vae amontoando do fundo para cima. Aqui mesmo em Tobermory, com as revessas de agua, derrue de uma banda e amontôa da outra.



UNS PESCADORES APANHARAM NAS REDES UMA PORÇÃO DE BAINHAS DE ESPADAS, CANOS DE ARCABUZES E PREGOS DE COBRE

— Mas a almiranta — insisti eu — e o thesouro... que me diz d'elles?

Calou-se então Costello, barbeiro de Tobermory, herdeiro do thesouro da nau *San Martin*, da Invencivel Armada. Respondeu por elle o Oceano. Os seus bramidos rouquenhos e trovejantes, retumbando pelas furnas da costa, proclamavam sua guarda e seu dominio sobre o navio afundado e sobre o ouro que elle continha. Aquella noite, não disse o velho Costello mais uma palavra ácerca do navio ou do thesouro. A sua confiança em mim chegara a certo ponto, mas não ia mais além. Suspirava por que lhe falassem da America.

— Isso sim! — dizia elle — N'essa terra diz que o ouro se acha quasi a rôdo pelas ruas, e os montes mais os campos estão abarrotados d'elle. Mas aqui não ha sombra de tal — só o mar é que o tem — só o mar.

Mais uma vez o passarolo repetiu o eterno estribilho, mas de um modo entaramelado e machinal, como a dormitar. Então a patrôa, com a sua touca de renda e os seus cabellos de prata, leu um trecho de uma pesada Biblia. No velho aposento erguia-se a voz tremula e monotona, e o bramido do Oceano era como um echo longinquo d'essa voz. Os sonoros versiculos da Escriptura accrescentavam solemnidade áquelle episodio. Então démo-nos gravemente as boas noites, e o barbeiro de Tobermory conduziu-me ao acanhado quarto onde eu devia pernoitar.

Ao sol claro e alegre da manhã, aquella cabeça grisalha estava tão cheia de vivacidade como o palrador do estorninho.

Com renovado vigor a ave estridulava sem descanço:

— P'ra dentro do mar, p'ra fóra do mar,
Tudo que é meu, que é meu, que é meu,
A's mãos me ha de voltar.

O velho tinha assumido uns ares paternaes. Parecia transbordar d'elle a ancia irreprimivel de me fazer alguma communicação. Percebi isto e provoquei-lhe o desabafo. Elle alongou a vista para uma faixa do Oceano que scintillava como muralha argentea por entre a casaria, e olhou repetidas vezes para o relogio. Por fim, quando se retiraram os raros freguezes da manhã, disse-me assim:

— Venha comigo. Antes que se vá embora, quero mostrar-lhe uma cousa maravilhosa... a mais maravilhosa que em sua

vida terá visto. D'aqui a pouco, estará o senhor de volta para os Estados Unidos. Recommendo-lhe segredo; dê-me a sua palavra que o guardará. Não ha ninguem que o saiba: ninguem, a não ser eu mais a minha patrôa.

Costello pegou n'um objecto de folha, pintado de preto, do feitio de uma trombeta comprida, e enfiou no toutiço côr de neve uma gorra de ratina. Seguiamos ao lado um do outro pela tortuosa rua da aldeia até ao exiguo caes onde os pescadores amarravam os barcos, e as ondas preguiçosas lambiam o granito secular, que o limo e as algas crespas revestiam de uma crosta esmeraldina; Costello saltou para um bote pequeno e empunhou os remos. Eu, por ser mais moço, tirei-lh'os das mãos.

Fui remando de voga arrancada, pelo mar que se arqueava em ondulações baixas e lentas. O sol dardejava sobre ellas com intensidade pouco usual. Era este acaso o mesmo oceano que na noite da vespera arrancara das furnas hiantes, como dos tubos de um orgão, um threno colossal e solemne? N'esse momento era elle como um monstro negro e furibundo em peleja com os ventos gigantescos, entre o ribombar dos trovões e o lampejar dos gladios celestes; agora pela manhã era uma creatura indolente e voluptuosa que se espreguiçava sob os beijos lascivos do sol. Em torno de nós pairavam e esvoaçavam as gaivotas. Corria apenas uma bafagem leve. Depois de andarmos uma milha, chegámos a uma grande curva da escarpada costa. Uma das pontes da enseada era de piçarra de ardosia, cuja base era babujada pelas ondas. Ao passarmos, a menos de quatro metros de distancia, despegou-se-lhe da crista uma massa de terra solta e calhaus, que veiu despenhar-se no mar, encharcando-nos de espuma e sacudindo com força o bote.

— Lá cae ao mar mais um pedaço da Escocia — exclamou Costello — não passa um dia sem que o mar vá comendo a terra. Olhe! esse penhasco já tem cara nova, desde a ultima vez que o vi, ha uma semana. O temporal da noite passada roeu-lhe toneladas. A ponta já diminuiu quatro varas seguras de ha um mez a esta parte. Mas este trabalhinho faz arranjo. O que perde a velha Bretanha, ganho eu. O mar vae raspando d'aqui o que amontôa além. É aonde nós vamos agora.

Apontou para duas rochas negras que bojavam as cabeças taurinas pelo mar fóra, não longe da costa. Aproou o barco para os dois penedos que se empinavam uns dez metros acima do lume de agua. Ahi largámos um pesado bloco de granito, amarrado a um cabo, que servia de ancora.

— O sol está em boa altura, está mesmo ao pintar — disse o velhote mysteriosamente, erguendo para o astro do dia a cara enrugada e os olhos azeitonís.

Agarrou então no oculo de folha, mergulhou-o na agua, e curvou-se sobre a roda de prôa. No rosto caduco tinha notavel vivacidade o olhar juvenil. Affigurava-se-me estar n'uma barqueta de pesca da costa escoceza em companhia de um flibusteiro da velha Hespanha.

— Que está vossemecê a vêr? — inquiri, decorrido um longo intervallo de espera.

O velho ficou silencioso, com os olhos firmemente apagados á dupla ocular. Devorava-me uma violenta curiosidade. Muitos minutos durou aquelle silencio; depois levantou o rosto illuminado por um extranho arrebatamento nos olhos faiscantes.

— Já vae ver. Não tarda que o sol esteja na posição propria.

Deitei as mãos avidas ao oculo e debrucei-me sobre as ondas lampejantes. O sol batia-me em cheio nas costas.

Feria-me os olhos a tremolina offuscante das aguas esmeraldinas. As profundezas espelhadas palpitavam com a luz incerta e crepitante. Não vi nada distinctamente. Mas não tardou que da brilhante nevoa liquida emergisse um objecto sombrio, o qual se extendia sob a quilha do bote, inclinado sobre o fundo do mar onde chispavam as areias fulvas. O seu tamanho, a sua altura, o que era substancia e o que era sombra, eis o que eu não podia perceber. Pouco a pouco, á medida que o meu olhar se adaptava ao meio movediço e perfurava as correntes do pégo, foi avultando uma minucia após outra, assombreada e realçada pelos raios transmittidos do sol. Incerto, nebuloso, phantasmagorico como um monstro mysterioso de entre um nevoeiro verde ou um fumo sulfuroso, revelou-se o casco espectral. Aos meus ouvidos, proxima e clara, resoava a voz do velho Costello. Desvanecia-se o mundo exterior e o tempo presente; senti então que todos os sentidos se

embotavam, á excepção da vista e do ouvido.

— Não a vê? — clamava aquella voz, vinda do turvo passado — Não a vê, por baixo de nós, a grande almiranta? Essas divisões amarelladas, que parecem prateleiras de uma estante, são as cobertas alastradas de areia. Não vê os tres mastros, partidos quasi rez-vez? Um d'elles está inclinado de travez sobre a tolda. Repare no cesto da gavea encostado á face da rocha. Essa massa esverdeada são cabos emmaranhados, todos cobertos de limos. Repare nos degraus do chapiteu, todos elles entalhados e dourados. Quando o sol lhes bate de chapa, como agora, vê-se perfeitamente a douradura. Não lobriga umas cousas verdes e compridas, nos sitios das cobertas em qne a areia está mais baixa, ao pé da mareagem despedaçada? São peças de bronze, que se soltaram e rebolaram pelo convez quando a nau foi a pique. Eu li as chronicas antigas hespanholas, mais o rol do armamento em Calderon, e sei tudo isso! Não vê a pópa altaneira, esculpida e ataviada que nem uma barraca na feira de S. Miguel, tudo escudetes e côres garridas? Olhe para as janellas e varandins que correm no painel de pópa, em todas as cobertas. Não vê a enor-



NÃO TARDOU QUE DA BRILHANTE NEVOA LIQUIDA EMERGISSE UM OBJECTO SOMBRIO O QUAL SE EXTENDIA SOB A QUILHA DO BOTE

me lanterna de bronze, onde se penduram algas aos mólhos, e mais o canhão com cabeças negras que se estira da próa para fóra? São peças de ferro, que é para os

tiros em caça. Ora vire agora o oculo para a direita. Repare no costado, como avulta para cima, apoiado de esguelha nos vaus. Não vê as enormes portinholas, tamanhas como janellas de palacios, e as bocarras dos canhões; uns trinta que restam dos quarenta, porque os outros enterraram-se na areia ou sumiram-se no porão. Quarenta a bombordo e quarenta a estibordo e dez á pôpa e á prôa, noventa ao todo, é o que tinha a almiranta. Essas fitas verdes, muito compridas, que esguicham do mastro quebrado, são algas e limos. Chamo-lhes eu as bandeiras de guerra da minha almiranta, encarnadas e verdes, amarellas e côr de purpura, a pannejarem ao sabor das marés. Não descanso de pensar n'isto: o *San Martin,* o galeão de ouro, a poderosa fortaleza do mar, o afundar-se, quem me déra vel-a assim! Largas as velas todas, fluctuantes todos os estandartes, todas as peças a lançar chammas, accesas todas as lanternas vermelhas, a batalhar até á ultima, a batalhar contra os perros marinhos da Inglaterra, a batalhar contra os temporaes. E afundou-se na noite lobrega e tormentosa, com toda a valente equipagem, esses indomitos mareantes de Hespanha, e só tres escaparam, só tres! Ahi jazem todos elles agora, sepultados na agua gelida, Diego Florez com todos os seus marinheiros e officiaes, duque e marquez, almirante, homem de mar e homem de guerra, todos elles filhos da ardente Hespanha, no fundo d'estes frigidos mares da Escocia, por baixo de nós, por baixo d'essas taboas que ahi vê, de guarda ao opulento thesouro.

Calou-se a voz enthusiasta do descendente dos Castillos, emquanto eu, com os olhos a doerem-me e o dorso curvo, sentado ao travez nas bancadas a escaldar, lançava a vista pelas profundidades glaucas, impregnadas de sol.

— Olhe bem, olhe fito para a parte de baixo do tombadilho. Não vê duas vigias todas arrombadas? Mais adeante ha um grande rombo por onde passam de quando em quando peixes e caranguejos. E ahi que está o thesouro. De todo elle tenho eu a relação, que me veiu dos avoengos Castillos. Barras a rodo, de ouro de Africa e de prata do Peru, e perolas das Antilhas. Pedrarias tambem, mettidas em cofres de carvalho forrados de cobre, e mais uma quantidade de joias da corôa. Em especie havia lá milhares de moedas, ducados e pistolas e pistolas duplas da Hespanha, que se chamavam dobrões. Tudo isto jaz debaixo da coberta, intacto no ventre do galeão, a salvo no casco de sobro negro.

«Olhe agora depressa, emquanto eu falo. porque o sol está-lhe atirando para cima a sombra do penhasco. Não vê como a almiranta está mettida entre as duas rochas como um carro no meio de duas medas de feno? Apenas se afundou, foi apanhada na bocarra dos rochedos. E ahi ficou entalada. Ahi a deparei por acaso, ha cousa de vinte e sete annos. N'esse tempo estava liberta. não pousava, como agora, sobre um banco de areia. A tolda ficava umas dezeseis braças abaixo do lume de agua. E agora está a seis apenas. Graças ao açoriamento constante e ao aterro produzido pelo esboroamento dos penhascos, o baixo de areia eleva-se cada vez mais de anno para anno. De anno para anno se levanta mais o casco da almiranta *San Martin,* todo alagado, com o seu ouro, o seu armamento, as ossadas da sua gente, á proporção que a areia se amontôa sob o seu bojo, arrastada pelas correntes. Assim vae subindo, hora a hora, dia a dia, anno a anno, alçando-se para a luz e para o céu e para mim! E por isso eu espero com toda a paciencia que ella me chegue ao alcance. Levou-a o mar, o mar a restitue. Aos velhos fidalgos a arrebatou. a mim cabe, que sou Castillo, lançar mão do que é nosso. Vinte e sete annos, desde que primeiro a topei, tenho eu estado á espreita, a esperar sempre. E mais sete annos hão de correr até que a tolda tome ar. Está aqui em segurança; nenhum barco vem agora aqui, a não ser o meu, o do maluco do Costello que anda á pesca de um navio! De anno para anno se levanta mais, mas ainda faltam sete pelo menos! Talvez dez. mais é que não, mais não deve ser, porque tem de me chegar ás mãos e eu cá não tenho um filho sequer. Terei a esse tempo setenta e nove annos, e não largarei o mundo sem haver ás mãos a minha almiranta. Todos os dias aqui venho espreitar, e não passa semana sem que eu deite o prumo. Quando faz mau tempo, fico em casa e cantarolo:

— P'ra dentro do mar, p'ra fóra do mar,
Tudo que é meu, que é meu, que é meu,
A's mãos me ha de voltar.

Ahi vem a sombra agora.

Pouco a pouco, á medida que os raios solares se iam retirando, annuviava-se o magico espectaculo revelado nas profundezas do pelago. A sombra projectada por um dos enormes colmilhos de pedra apagou a visão no seio do mar. O taboado fusco, atolado de areia, do galeão afundado, pareceu confundir-se lentamente no tenebroso abysmo, e os fluxos lobregos foram abraçando a grande massa negra até que esta se sumiu á minha vista. Sobre o destroço colossal do naufragio passou o vulto de um grande peixe. Despreguei então do oculo os olhos doridos, e fitei, pestanejando, o velho que á minha beira sorria sob a radiação forte do sol. O rosto e a figura eram o rosto e a figura do encanecido Costello, barbeiro em Tobermory, mas os olhos juvenis, com a luz que lhes vinha do passado, eram os olhos de Castillo, guerreiro e flibusteiro da velha Hespanha.

Versão do inglez.

Herman Scheffauer.

A TEMPESTADE

Queria rir d'um riso alegre e forte,
Que me varrêsse d'alma o soffrimento;
D'um rir que desfizesse n'um momento
O mal ingente que me leva á morte.

Queria rir, que o riso é como o vento,
Se tisna e estraga quando sopra norte,
Desfaz em espuma a vaga d'alto porte
Que vem rugindo e finda n'um lamento

Ergue-se dentro em mim a tempestade
Rompe, retumba e estalla n'um trovão:
É o cruel embate da vontade

Contra o fragil sentir do coração.
Convulsiona-me então a gargalhada
Que vale o amôr, a vida, o mundo?—Nada.

Maria O'Neill.

A Architectura da Renascença em Portugal

Por ALBRECHT HAUPT

Parte III—O PAIZ

III

LEIRIA

Leiria, antiga residencia d'el-rei D. Diniz, jaz formosa quanto aprazivel no sopé das sumptuosas ruinas do castello. A cidade é em grande parte constituida por palacetes dos seculos XVI e XVII, de soberba posto que singela construcção. Um giro pelas ruas da cidadinha internada é pois objecto de impressão singular. Por modestos que sejam os elementos de uma edificação particular, tal como a que apresentamos na est. 23, nem por isso deixa de revelar um invejavel exemplo de imponencia e decisão.

O opulento cunhal de cantaria, e as duas sinuosas janellas do vasto lanço de parede, eis de quanto houve mister o artista para produzir effeito cabal, não destituido de impressão pittoresca, motivado aliás pela rua transversal que segue por debaixo da arcada.

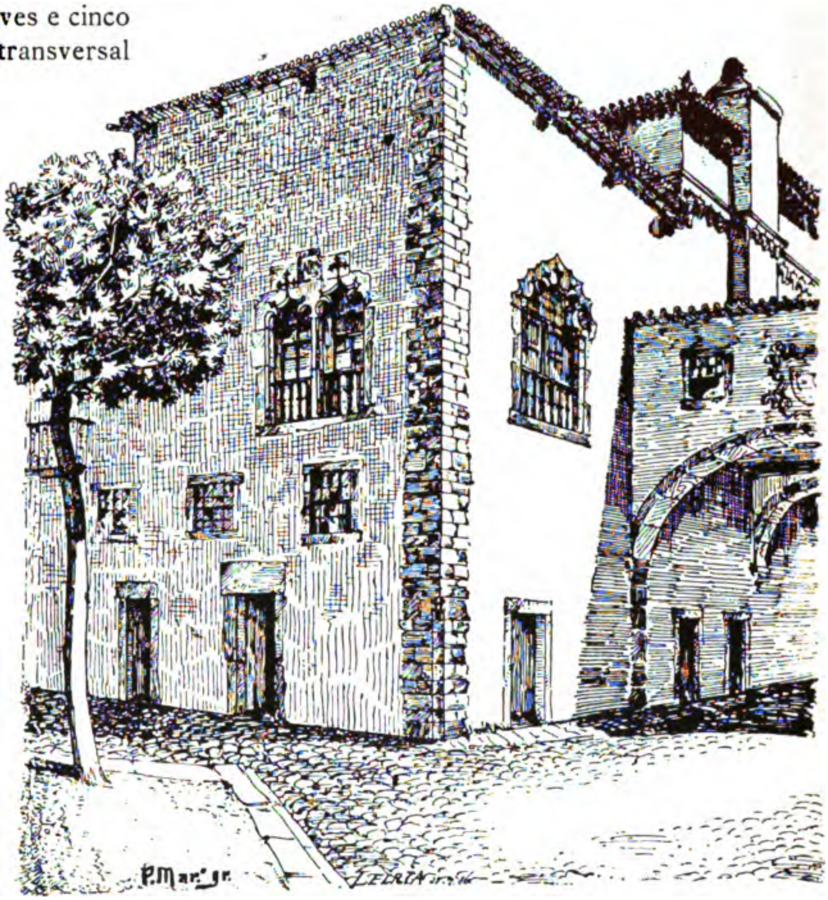
Opulenta ainda a cidade uma serie inteira de egrejas da Renascença de identica singeleza, quer de proporções quer de elementos, e não obstante, dignas e de effeito imponente.

A mais ostentosa é a de Santa Maria, a qual datará talvez de 1571. E' uma egreja de a r



CASTELLO DE LEIRIA

carias, com tres naves e cinco lanços, uma nave transversal de quatro lanços, tudo coberto por uma abobada artezonada, cujas nervuras apresentam um singelo perfil rectangular; o côro, com uma majestosa abobada de berço e de caixotões, eis a sua disposição.



LEIRIA — CASA PARTICULAR

Mercê das pulchras a par de singelas proporções, assim como da pureza das formas, é digno de consideração o interior: janellas e adornos pertencem ao seculo XVIII. Da primitiva ornamentação resta ainda o altar-mór, cuja parede do fundo alardeia uma sumptuosa architectura de columnas jonicas, corinthias e de nichos; é todo elle de talha dourada.

Para áquem do côro e no extremo do transepto, campeia o claustro de tres faces, formando um como que pateo com a seguinte disposição: ┌┐ E' fechado por uma abobada de berço, repartida em apainelados pelas nervuras respectivas. A fachada é muitissimo singela, mas pesada.

Não deixa tambem de ser digna de menção a capella de romagem situada a cavalleiro da cidade e consagrada a Santo Agostinho.

Um formoso escadoz e um adro com portal datando de 1770, approximadamente, lhe facultam accesso; a egreja, de uma só nave, tem a fórma de uma cruz e uma abobada de berço e caixotões. A ornamentação consiste na linda arcaría de columnas doricas, ladeando a nave em sentido longitudinal até ao cruzeiro. Por cima do portico, a éra de 1606. O extensissimo ponto de vista que se disfructa d'aquella altura é admiravel.



THOMAR — CONVENTO DE CHRISTO

IV

THOMAR

Meia duzia de milhas para léste surge, dominando o feracissimo e lindo valle do Nabão, a cidadinha de Thomar, a mais sumptuosa Casa de uma ordem de cavalleiros em toda a peninsula iberica.

A séde da Ordem de Christo, mais tarde dos Templarios, concentra em si copiosas quanto importantes recordações historicas; sobre o paiz inteiro, e ainda sobre a totalidade do novo mundo, exerceram seus moradores o mais poderoso influxo.

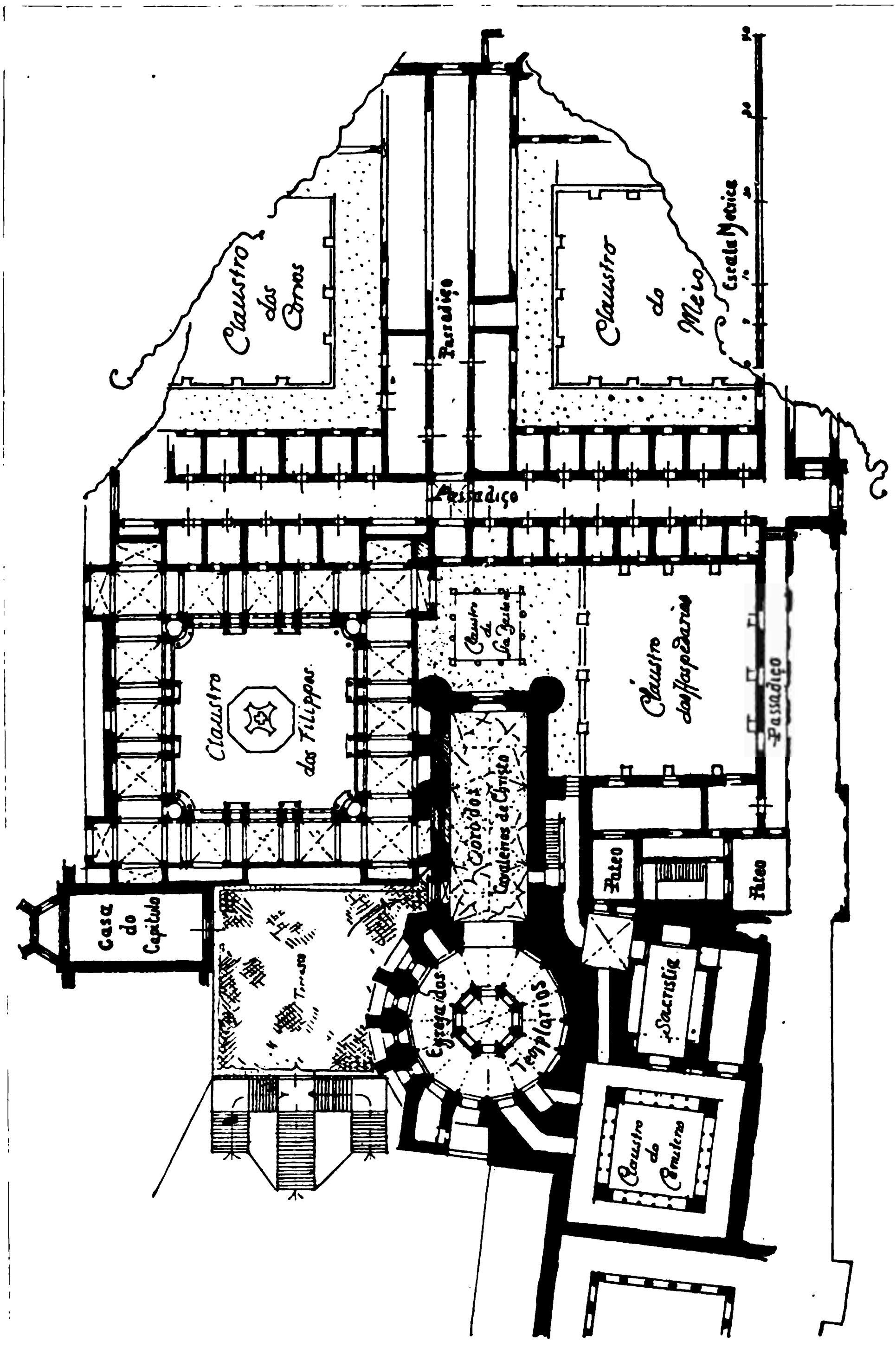
Mencionei já (no volume 1.º), a situação da Ordem na historia do seu proprio paiz. Resta-me apenas, portanto, referir-me á historia do edificio.

Na lombada oriental do monte existia já o formidavel castello da Ordem do Templo, a qual buscou alli o seu ponto de defesa, encontrando-o em substituição d'aquelle que lhe fôra prescripto, isto é, o castello de Ceira, erguendo-se para além da margem do rio e considerado, aliás, deficiente. Edificou alli a egreja de Santa Maria do Olival, matriz das egrejas dos Templarios do paiz, e mais tarde a da Ordem de Christo, séde sepulcral dos mestres da Ordem.

Na crista do monte construiram pois os Templarios, sob o mando do seu insigne mestre, Gualdim Paes, uma forte cidadella, em cujo ambito surgiu uma egreja a exemplo do Santo Sepulcro.

Esta notavel estructura, com um tabernaculo (ou ciborio) de dezeseis faces, ao centro de um recinto interno, octogonal, sombria e massiça, arrogante com a sua corôa de ameias, constitue ainda hoje o nucleo de todo o edificio do mosteiro, o qual no decurso de quatro seculos a foi encerrando.

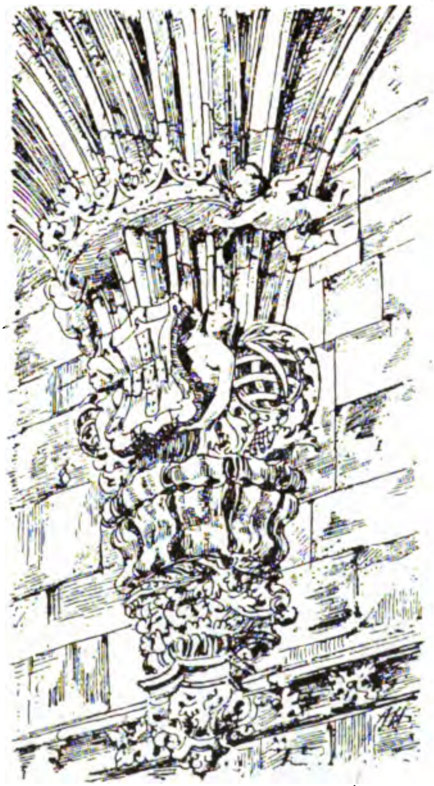
O castello contiguo deve ter sido a séde da Ordem do Templo que, no mez de julho do anno de 1190, pela vez derradeira, viu cercadas as suas muralhas por um innumeravel exercito de mouros, sob o mando de Yacub



THOMAR — PLANTA DA PARTE PRINCIPAL DO CONVENTO DE CHRISTO

Abu Jussuf, em seguida ao haver este levado de escalada seis cidades.

Sem que houvessem compartido a sorte de seus irmãos por toda a Europa, vieram os ditos Templarios, depois da sua «resurreição», sob o titulo de Cavalleiros da Ordem de Nosso Senhor Jesus Christo, a alcançar fama identica e uma razão de ser adquirida no campo de batalha, e em seguida a uma curta e forçada transferencia para Castro Marim, alli foram outra vez reintegrados.



MISULA DA ABOBODA DO CORO NO CONVENIO DE CHRISTO

Os membros das tres ordens de cavallaria, ao que parece, constituiram uma escolta, um corpo selecto no exercito, e por conseguinte, os serviços relevantes d'estes famigerados guerreiros excederam em reputação os do restante exercito. Os louros conquistados por Portugal no decimo quarto e decimo quinto seculo, até D. Affonso V, contra os mouros, na guerra de independencia em Aljubarrota e na conquista de Ceuta, devem-se em grande parte á cooperação dos cavalleiros de Christo.

Desde o grande Henrique, o *Navegador*, primeiro duque de Vizeu, a dignidade de Grão-Mestre, para decoro do grau e afim de o libertar das mesquinhas eventualidades das votações da Ordem, foi transformado no cargo de governador e administrador, e d'elle investido o proprio duque de Vizeu.

O principe D. Henrique deu ao engrandecimento da Ordem poderosissimo impulso. Edificou para uso proprio, alli, um formoso palacio, com um pateo de dois andares de arcarias, assim como um segundo claustro (o do cemiterio), erigindo, aliás, na sua totalidade, o lanço do edificio ligando o castello á egreja.

D'este modo proporcionou a seus successores, D. Fernando, seu sobrinho, e aos filhos d'este até D. João e D. Diogo, incluindo D. Manuel, espaço sufficiente para sua moradia. D. Manuel, filho de D. Fernando, deu á séde da sua Ordem aquelle esplendor artistico, que ainda hoje manifesta.

A egreja, principalmente, não facultava já aos freires da Ordem condições de espaço para o serviço divino. O centro estava occupado pelo altar-mór; o ingresso tinha de ser franqueado aos fieis de todas as classes, sem distincção. Faltava tambem uma casa-do-capitulo de arrazoadas proporções. Assim pois, para o lado do norte foi edificado um côro imponente. Abrangendo tres lanços cobertos com uma formosa abobada de artezãos sobre luxuosas con-

solas (v. est. 26), rectangular, escorada por botareus redondos, adornado com um dos mais primorosos portaes (est. 27), e tendo ao norte um pavimento inferior, abrigando a nova casa-de-capitulo, o dito côro constitue a obra mais caracteristica da primitiva Renascença portugueza, ou antes, d'esse estylo classificavel de tão propriamente manuelino.

O interior do edificio do côro é á excepção da aboboda, singélo, visto como o tão sumptuoso cadeirado para os cavalleiros, obra de Olivel de Gand, foi aproveitado pelos francezes na qualidade de lenha, em 1810. Uma antiga gravura de madeira, dá mesquinha idéa d'este magnifico trabalho, hoje desapparecido.

A época da elaboração d'estas cadeiras bordeja ahi por 1508, ou talvez, mais tarde. Apontam ainda como ajudantes José e Garcia Leal, entalhadores. A reproducção publicada por Barboza patenteia o haver sido este cadeirado de extraordinaria riqueza dividido em tres ordens de cadeiras, interrompidas pelas entradas, e elevando-se umas por detrás das outras. As da frente, consistindo apenas nos assentos com tampos de dobradiça, ricamente insculpidos os lados com as fórmas do Gothico terceario. O espaldar do renque superior constituia um dos mais primorosos lavôres do genero, ao passo que, por detrás de cada um dos assentos, divididos por opulenta architectura, campava dentro de um nicho plano a figura de corpo inteiro de um mestre ou de um freire da Ordem, em tamanho natural, debaixo de um baldaquino. Encimando o conjuncto um sobre-céu riquissimo, coroado por um frontão transfurado, e corucheus. As fórmas eram as do Gothico terceario alternando com as da primitiva Renascença, muito similhantes ás do cadeirado do côro de Santa Cruz de Coimbra. E' verosimil haver preponderado aqui o elemento portuguez, quer pelo influxo de um artista nativo, quer pela prolongada residencia de Olivel no paiz.

O aniquilamento d'esta, acima de todas, preciosa obra decorativa portugueza pelos «amigos» antolha-se ainda hoje como um acto de insanidade.

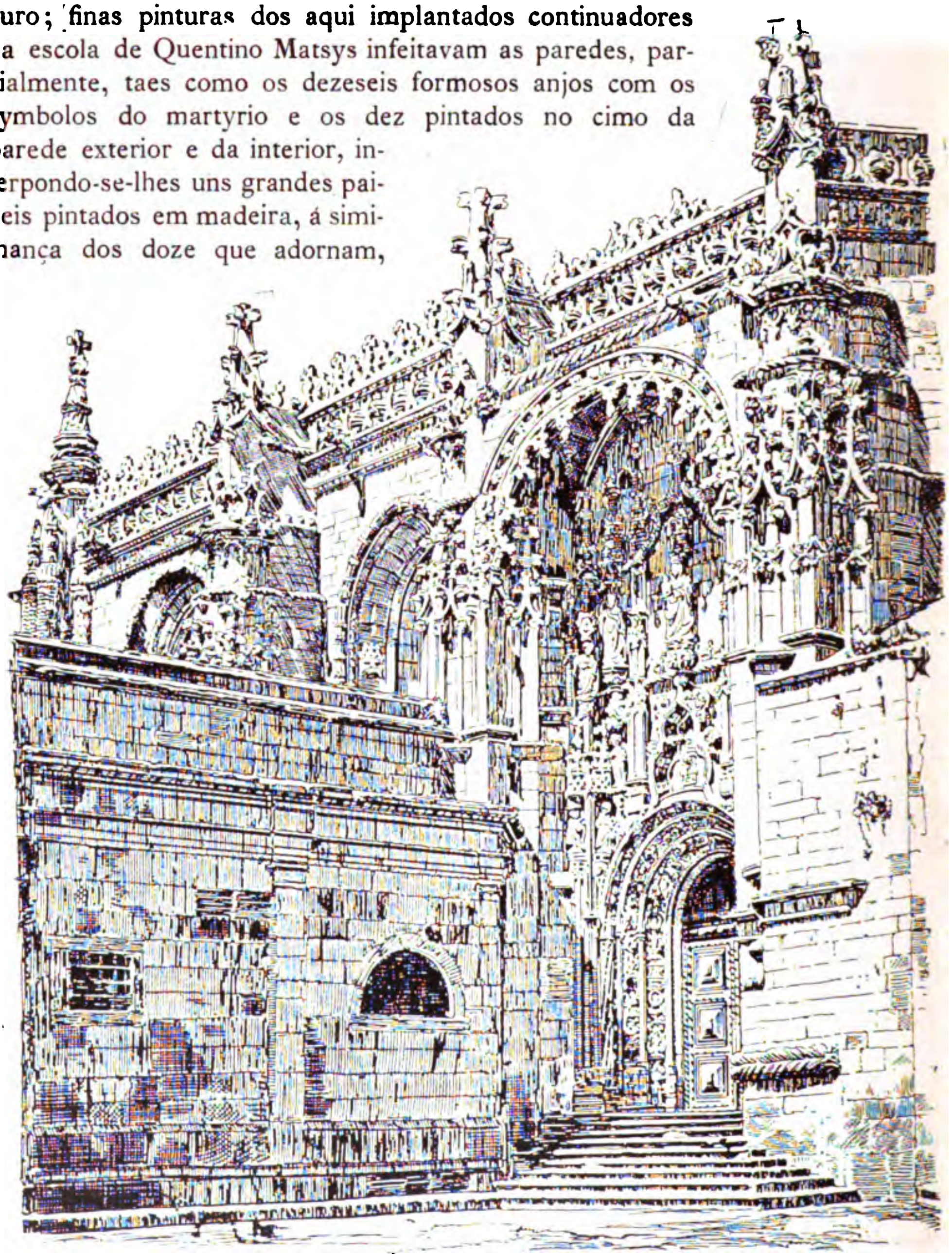
Este edificio do côro foi ligado á nave principal da egreja por meio de um possante arco, para cujos fins dois lados do polygono exterior de seis faces foram eliminados e substituidos por um liso e estreito arco ogival de cantaria. Trabalho aliás de indubitavel difficuldade technica, e como tal preconizado entre as obras de Castilho.

O amplo e possante arco é enriquecido com pinturas representando os Evangelistas em medalhões, incluidos já em molduras, já em couraças; ao centro a cruz da Ordem. Para a banda do sul campeia o pulpito, fino trabalho de marmore sobre uma base redonda, saliente, com peitoril abalaustrado e encimado por um baldaquino, os lados das paredes estabelecendo um portico emoldurado por formosas pilastras jonicas.

Esta decoração contigua ao pulpito deveria incidir com o ultimo periodo do reinado de D. João III.

As severas e adustas fórmas gothicas primitivas do proprio corpo da egreja receberam em tempos um rico e sumptuoso revestimento multicolor. Os frisos foram enriquecidos com vistosas faixas, cercaduras e capiteis, o lanço superior das paredes, do recinto intermedio, com ornatos sumptuosos e seguintes, tudo moldado em estuque; nem foram poupados, quer as côres, quer o

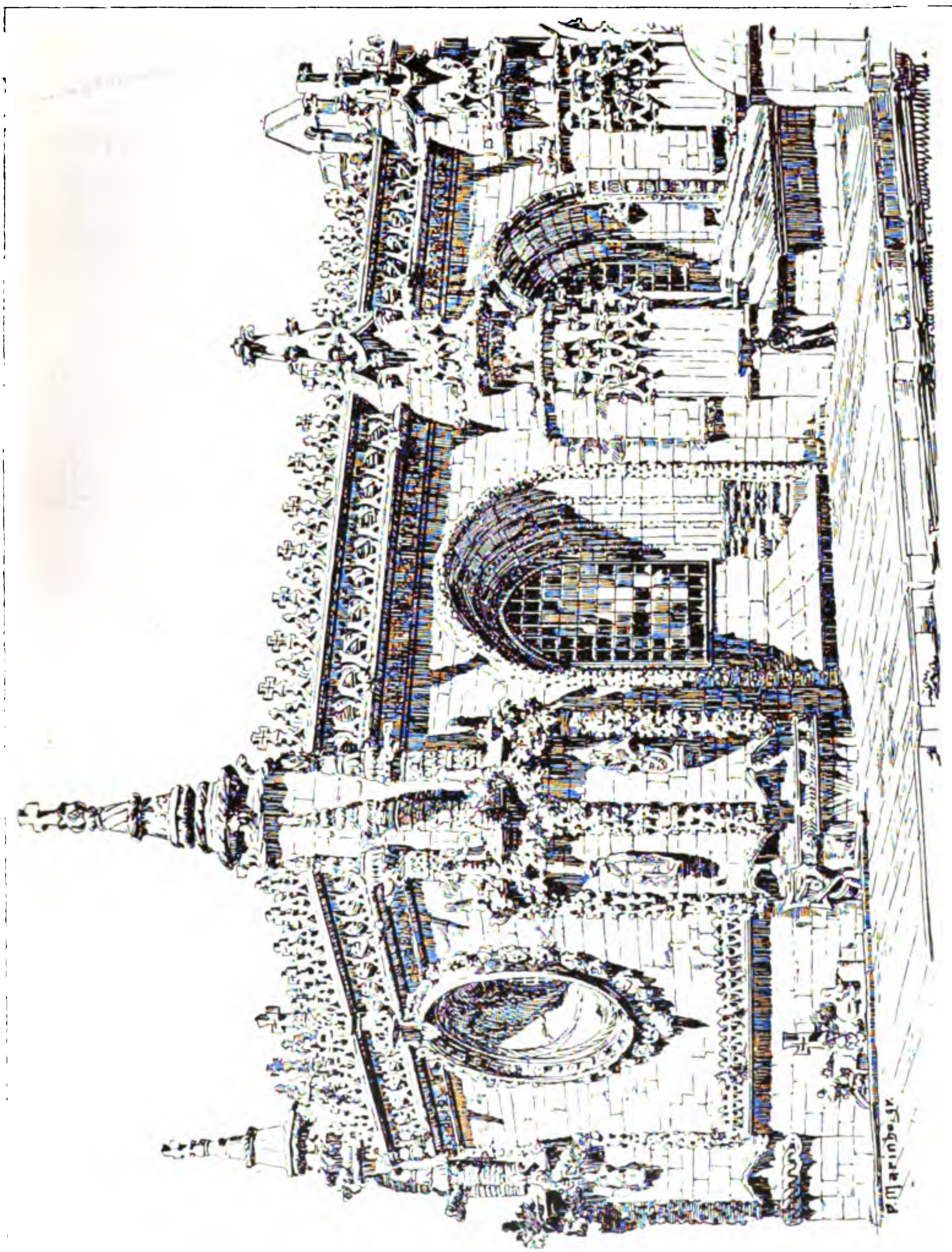
ouro; finas pinturas dos aqui implantados continuadores da escola de Quentino Matsys infeitavam as paredes, parcialmente, taes como os dezeseis formosos anjos com os symbolos do martyrio e os dez pintados no cimo da parede exterior e da interior, interpondo-se-lhes uns grandes paineis pintados em madeira, á similhança dos doze que adornam,



THOMAR — PORTICO DO CORO DO CONVENTO DE CHRISTO

externamente, o lanço interior da parede. Justi attribue estas obras peregrinas ao neerlandez Johannes Dralia, cuja sepultura com a data de 1504 se vê na proxima egreja de Nossa Senhora da Conceição (renovada em 1579). (1)

(1) Vêr o que a este respeito diz Justino, Annuario das Reaes Collecções de Arte, prussianas.



THOMAR — PARTE SUPERIOR DO CORO DO CONVENTO DE CHRISTO

E não é inferior o trabalho da esculptura. Em volta e por diante dos frisos da guarnição exterior campeiam doze estatuas de prophetas sobre consolos, e encimados por baldaquinos de opulento lavor de macenaria; na area central, reservada para o altar, vêem-se ainda nos tres arcos do lado do poente os restos de uma construcção sumptuosa; no terceiro, á esquerda, di-

visa-se ainda o grupo da Virgem e S. João Baptista, o remanente de uma representação colossal da Crucificação. Exteriormente, pendem da abobada tres primorosos baldaquinos, tranfurados, fragmentos do coroamento do corpo central. O estylo d'estas reliquias é flamengo, devem de ser pois, obra de Olivel de Gand; existindo ainda actualmente um aprimorado trabalho do mesmo genero no altar-mór da Sé de Coimbra (1). Nos angulos d'este tabernaculo sobresáem tres formosas imagens de santos, da mesma época.

Estas decorações manifestam ainda o caracter do gothico tercеario, ao passo que, na estructura do côro, bem como nas anteriores cathedras do mesmo transparece já a Renascença. Portanto, é possivel que esta decoração seja coetanea da assumpção do mestrado da Ordem por el-rei D. Manuel.

O claustro adjacente (do cemiterio), encerra diversos monumentos, formosissimos, da primeira Renascença, entre estes, o de Diogo da Gama, esmoler de el-rei D. Manuel, datando de 1525.

O edificio do côro, exteriormente, é, na sua primitiva feição, um dos mais consideraveis trechos de sumptuosidade artistica, e a um tempo, o de maior originalidade, que n'este ramo se haja produzido em Portugal. O proprio portico campando insulado na fachada meridional, visto como o claustro dos Felippes encobre parcialmente os outros dois eixos, ostenta-se, entre as suas opulentas arcarias denticuladas, como lavôr de singular riqueza. A estampa 27.ª poupa-me descripção mais circumstanciada, e não obstante, cumpre-me advertir que, no conjuncto, aqui se nos defronta, um tanto reduzida, uma ostentosa reproducção do portico de Belem, gothico ainda pela estructura, supposto que naturalistica a ornamentação, na maxima parte, alternando com formulas da Renascença, formosissimas, taes como as da pulchra cercadura da archivolta do portico. O conjuncto apresenta o maximo encanto pinturesco. A platibanda rendilhada coroando o côro é de inexcedivel belleza. Assenta sobre um friso de pujante ornamentação, profusamente transfurada, com as espheras armilares campando entre os recortes; como remate á cornija, ameias rendilhadas alternando com a cruz da Ordem de Christo. Os pinaculos dos rotundos botareus, reforço da móle da construcção, ostentam uma pinturesca e solida opulencia.

(1) E' citado como havendo cooperado n'estes trabalhos de esculptura de madeira um tal mestre Francisco (esculptor?).

O DEFUNTO

A Albino Forjaz de Sampaio.

Jaz estendido no caixão funéreo
O cadaver do misero operario.
Na vida, caminhando incerto e vário,
De tabernas fugia, grave e serio.

Era um temente a Deus, e no mysterio
Dos bosques se aprazia, solitario.
Hontem morreu, e envôlto no sudario,
Vae enfim repousar no cemiterio.

Fóra chuvia, e o sibilar dos ventos,
A voz d'um môcho que nas trevas pia,
A ais se uniam, sepulcraes accentos;

Em contorsões, a viuva se carpia,
E em meio d'esses tragicos lamentos,
Sómente a alma de defunto ria.

João Penha.

A HORA OFFICIAL EM LISBOA

Ao fazer a historia resumida e despretenciosa da *hora official* cumpre-nos primeiramente denotar, que o trabalho, concernente ás observações necessarias para a determinação do tempo, está entregue ao *Real Observatorio Astronomico de Lisboa (Tapada)*, estabelecimento scientifico modelar, dirigido sabiamente pelo emerito engenheiro hydrographo e vice-almirante sr. C. A. de Campos Rodrigues que, com a mais acrisolada dedicação, tem conseguido grangear para este observatorio a reputação de um dos melhores d'entre os primeiros da Europa. O maior elogio, que se póde prestar ao serviço da *hora official*, está no alto conceito em que são tidas, no extrangeiro e no paiz, as indicações do tempo, fornecidas pelo actual signal horario, vulgarmente, conhecido pelo *balão do Arsenal*.

Este balão, inaugurado em 15 de agosto de 1885, sob a direcção do fallecido official da armada e engenheiro hydrographo F. Oom, então director do Real Observatorio Astronomico de Lisboa, veiu substituir o irrisorio balão, manejado por uma corda, que estava installado no terraço do antigo observatorio da Marinha e, segundo julgamos, em virtude de uma reclamação do governo inglez, notificando a pouca confiança que inspiravam as indicações dadas por elle, em manifesto prejuizo da navegação.



CONTRA-ALMIRANTE OOM

Contribuiu immensamente para o bom exito da installação o contra-almirante José Joaquim de Souza Neves, que exercia então o cargo de director da Escola Naval.

E referindo-nos ao illustre vice-almirante Campos Rodrigues, aquelle a quem ainda ha pouco foi conferido pela Academia das Sciencias de Paris, publica e solemnemente, o *premio Valz*, seja-nos licito dizer que, só pela excellencia das observações, a qual importa ao serviço da hora o maior rigor possivel, bem merece as palavras do relatorio que precede a respectiva proposta da commissão academica, encarregada de outorgar esse premio, composta de nove vogaes, todos de reputação scientifica bem assente e universalmente confirmada.

O mesmo relatorio, que está redigido nos termos mais honrosos e lisongeiros, reconhece que a exactidão nos trabalhos do sr. Campos Rodrigues, como director do *Real Observatorio Astronomico de Lisboa (Tapada)*, é superior a tudo que em tal genero se tem feito, apesar dos escassos recursos de que dispõe aquelle estabelecimento: e concluia propondo por unanimidade «em testemunho de alta estima» que o premio fosse concedido ao nosso

inclito mestre, o qual, por esta fórma (mau grado da sua ancia em procurar a obscuridade), ficou publicamente considerado, por quem para isso tem incontestavel direito, como uma verdadeira gloria nacional.



VICE-ALMIRANTE CAMPOS RODRIGUES

Para corroborar o que acima dissémos, relativamente á precisão da hora, basta analysar os numeros, approximados até centesimos de segundos, inscriptos na terceira columna da tabella que abaixo transcrevemos, os quaes (representando os erros com que a hora foi dada) frisam bem até que ponto o rigor da mesma é obtido.

BALÃO DO ARSENAL

Hora média do corte da corrente que promove a quéda do balão e do começo d'essa quéda

Datas		Corte de corrente no observatorio	Começo da quéda do balão
1902		1.h 0.m 0.s	1.h 0.m 0.s
Maio	1	— 0,16	+ 0,01
»	2	— 0,18	0,00
»	3	— 0,16	+ 0,01
»	4	— 0,13	+ 0,03
»	5	— 0,14	+ 0,04
»	6	— 0,19	— 0,02
»	7	— 0,19	— 0,03
»	8	— 0,16	0,00
»	9	— 0,18	— 0,01
»	10	— 0,13	+ 0,04
»	11	— 0,17	0,00
»	12	— 0,19	— 0,02
»	13	— 0,14	+ 0,03
»	14	— 0,19	— 0,02
»	15	— 0,18	— 0,01

.˙.

O presente signal horario, construido a juzante do dique do Arsenal da Marinha e no cunhal SE. do extremo Oeste avançado d'este estabelecimento, consta d'um balão de um metro de diametro, formado de vinte crescentes de folha de ferro galvanizado, com a espessura de um millimetro e collocados verticalmente em torno d'um cylindro de cobre batido de $0^m,20$ de diametro e de 1 metro d'altura.

Os crescentes são internamente ligados por duas tiras metallicas as quaes, occupando uma posição diversa em cada um d'elles, servem para interceptar a luz, offerecer a menor resistencia possivel ao vento e, por fim, permittir que o balão a uma certa distancia exhiba a configuração d'uma esphera.

O mastro tem sete metros de comprimento. O percurso da quéda do balão é de $4^m,88$, fazendo-se livremente esta nos dois primeiros metros; a velocidade no resto do percurso vae successivamente diminuindo á medida que é comprimido o ar, no tubo de latão ligado á guarita, o qual desempenha o papel de freio, com o fim de amortecer a quéda. Esta é promovida automaticamente, por meio de electricidade, no *Real Observatorio Astronomico de Lisboa (Tapada)*.



CONTRA-ALMIRANTE SOUSA NEVES

A posição geographica do signal horario é:

Latitude 38° 42′ 18″ N. Longitude 0° 0′ 29″ Oeste do Observatorio do Castello de S. Jorge ou 9° 8′ 24″ Oeste de Greenwich.

A altitude do balão na posição inferior é de 28,172 metros e a altura acima do terreno é de 24,549 metros.

O seu modo de funccionamento consiste no seguinte:

O balão é içado a meio mastro *cinco minutos* antes da hora; e *tres minutos*, antes, içado a topetar.

A hora official, que tem logar á $1^h\ 0^m\ 0^s$, o tempo médio do *Real Observatorio Astronomico de Lisboa*, $1^h\ 36^m\ 44^s,68$ tempo médio de Greenwich e $1^h\ 0^m\ 11^s,08$ tempo médio do logar, é indicada pelo começo da quéda do balão.

Tanto o instante, em que no observatorio da Tapada se produz o corte da corrente que deve promover a quéda do balão, como aquelle em que esta quéda tem logar são registados chronographicamente no referido observatorio e no *Posto Chronometrico (antigo observatorio da Marinha)* a fim de se conhecer precisamente a correcção a applicar á hora do começo da quéda para alcançar a maxima exactidão.

Estas correcções são publicadas pelo observatorio na folha official, com a possivel brevidade.

Quando o signal da hora falha, ficando o balão içado, cahindo antes de tempo ou não cahindo com a necessaria presteza, é essa circumstancia revelada, levando o balão mui lentamente á posição de meio mastro, onde se conserva n'essa posição até á $1^h\ 7^m$, instante em que é içado a topetar, sendo o signal então repetido á $1^h\ 10^m$.

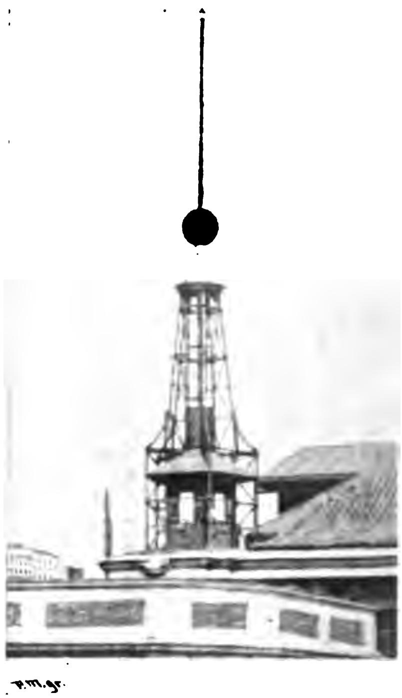
Este signal não se repete mais, embora de novo falhe, sendo este facto indicado, fazendo subir o balão mui lentamente á posição de meio mastro, onde se conserva durante *cinco minutos*, e arriando-o em seguida lentamente até á posição inferior.

Quando em consequencia de mau tempo ou por qualquer outro motivo, o balão não puder funccionar, iça-se um cylindro vermelho de $0^m,40$ de altura e egual diametro ás $0^h\ 50^m$ em uma das plumas do respectivo mastro, conservando-se em cima este signal até á $1^h\ 5^m$.

∴

Porém, seja-nos permittido fazer sentir que, não obstante as indicações de tempo dadas pelo signal horario serem de uma precisão extrema, outras condições de não somenos importancia deixam, no momento actual, de ser attendidas em detrimento da navegação.

Assim, os maritimos queixam-se, e com fundamento, da má posição do signal horario, porquanto a quéda do balão é invisivel para a maioria dos navios mercantes, quer fundeados no quadro, quer atracados aos caes acostaveis do porto, e mesmo para



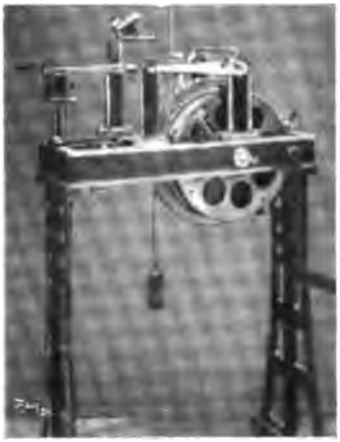
O BALÃO DO ARSENAL

os navios de guerra fundeados no seu quadro, quando estejam proximos da margem Sul do rio.

E' opinião nossa que o motivo, pelo qual a quéda do balão deixa de ser vista, não póde, nem deve ser attribuido exclusivamente ao local onde elle está estabelecido; mas tambem á pequenez das suas dimensões, ao limitado percurso da quéda e, sobretudo, ao facto de elle se projectar, para um grande numero de navios, sobre edificios dos quaes a maioria está pintada de escuro.

Accresce mais que estes ultimos factos, só por si, são bastantes para que, quando observada a quéda, possam ainda assim acarretar incertezas graves que prejudiquem de sobejo a regulação dos chronometros que é o principal fim a que deve visar.

Este inconveniente desappareceria logo que o signal (balão, disco, etc.) fosse transferido para a margem Sul do Tejo, para sitio ahi adquirido, onde pudesse ser obtida uma posição sufficientemente elevada, de modo que o signal se projectasse no firmamento, e tão sobranceiro que dominasse o rio desde o ancoradouro mais oriental dos navios mercantes até ao mais occidental.



APPARELHO ELECTRICO DO BALÃO VISTO DE LADO

Tal installação obstaria ainda ás raras interrupções do serviço da hora official, proveniente dos cruzamentos das linhas Norte e Sul (linhas que ligam o Posto chronometrico com o observatorio da Tapada) com os fios da immensa rêde telegraphica e telephonica, que atravessam a cidade em todas as direcções; assim impediria que mais tarde aquellas linhas tivessem de ser substituidas por outras completamente isoladas, se bem que bastante mais caras de que as actuaes. Em Berlim, teem-se empregado vantajosamente os fios de bronze, isolados com dupla camada de minio (systema Hackethal).



APPARELHO ELECTRICO DO BALÃO VISTO DE FRENTE

Tambem nos parece duradoiro de mais o tempo que o balão está a topetar (tres minutos), fatigando sensivelmente a vista do observador que aguarde o instante do começo da quéda.

E' certo, que poucos balões (horarios), lá fóra, permanecem menos tempo nos topes dos mastros do que o nosso, o que de fórma alguma fundamenta a demora dos tres minutos.

Porém, como não nos occorre razão alguma acceitavel em pró de tal duração, a não ser o impulso inconsciente da rotina, tentariamos reduzir esse intervallo de tempo a dois minutos e meio, ou ainda a dois minutos. Como reclamo, e mui principalmente para os incautos, poderia a descida do balão ser antecipada por um tiro de peça, por exemplo, dado meio minuto antes da hora; mesmo, não vemos inconveniente algum para os usos communs da vida, em que este tiro substituisse o que actualmente é dado no jardim botanico da Escola Polytechnica.

Quando, em 1885, foi iniciado o serviço da hora official, por via de electricidade, previu-se o caso da quéda da balão ser acompanhada de um tiro de peça, de sorte que ainda hoje, na meza dos instrumentos destinados ao serviço da hora official (Posto chronometrico), existe o botão que por intermedio da bobina de inducção devia inflammar a carga; tal disposição efficazmente adequada poderia ser aproveitada para aquelle fim.

Egualmente, crêmos dever interessar o commercio e a navegação o facto do nosso balão ter quotidianamente mais d'uma quéda, para que os transatlanticos e demais paquetes, que teem de estadio no porto, apenas algumas horas, pudessem regular os seus chronometros. Esta vantagem, que para muitos poderá ser considerada como phantasia, é utilizada em alguns portos, como por exemplo, em Port-Said, onde o balão cáe tres vezes, que são ás $20.^{h}0.^{m}$, $0.^{h}0.^{m}$ e $4.^{h}0^{m}$, Éste da Europa.

.˙.

Devemos notar, como já expuzémos, que a hora official é a do meridiano que passa

pelo observatorio da Tapada e não a do meridiano de Greenwich, como pareceria mais conveniente. Senão vejamos! Para a navegação portugueza, esta preferencia estava peremptoriamente justificada, porquanto, como é notorio, o meridiano de Greenwich tem sido desde remotas épochas o unico usado no mar; egualmente justificada para a astronomia, meteorologia e sismologia; e, até mesmo, para os usos da vida.

Não vemos, portanto, motivo para não adoptarmos o meridiano de Greenwich como primario, tanto mais que a marinha nacional vae buscar á Inglaterra, o meridiano, as ephemerides e as cartas para navegar.

A reluctancia em o adoptar, nem mesmo é admissivel para aquelles paizes que timbram possuir, em demasia, amor proprio, como a França, etc., porque essa escolha traduz, com effeito, uma vantagem real e nunca um facto de supremacia maritima ou mundial.

Apesar d'esta convenção não ter ainda sido seguida na metropole, vigora já comtudo em territorio portuguez (Lourenço Marques); pois, a quéda do signal horario n'este porto effectua-se á 1.^{h} tempo médio do meridiano dos 30° Éste de Greenwich, correspondente ás onze horas (a. m). do meridiano de Greenwich.

.˙.

Eis em poucas palavras o que é a *hora official* na cidade e porto de Lisboa.

A hora dada pelo balão ainda é transmittida directamente pelo proprio apparelho electrico para a *Estação Central dos Telegraphos* e d'ahi expedida para as diversas estações telegraphicas disseminadas pelo continente. Esta transmissão é recente, pois data de quatro a cinco annos.

Ainda mais, hoje, o archipelago dos Açores recebe tambem a *hora official* no observatorio de Ponta Delgada (ilha de S. Miguel), de sorte a ministrar esse importantissimo serviço aos maritimos que demandam o porto.



MESA DOS APPARELHOS ELECTRICOS NO POSTO CHRONOMETRICO

Oxalá, em breve, possa succeder o mesmo ao porto de S. Vicente do archipelago de Cabo Verde e ao da bahia de Loanda, na costa occidental da Africa portugueza.

A. Ramos da Costa.

Recursos artisticos da obra de vime

Quem faría o primeiro cesto?

Pergunta com que a abelhuda Nini embatuca o seu papá, e das taes que hão de ficar para sempre sem resposta, pois versa sobre um capitulo da historia do engenho humano, e capitulo obscuro que, por falta de documentos, ninguem se achará jámais apto a escrever cabalmente.



1 e 2 — CABAZINHOS PARA FRUCTA

A's aves a faculdade de entretecer a cestinha dos ovos surge-lhes por instincto. Será incito, porventura, na raça humana, um tal podêr instinctivo, ou dar-se-ía o caso de que a mulher primitiva recebesse as proprias idéas de seus plumiferos vizinhos, esforçando-se por attingir os mesmos resultados com o auxilio de materiaes manuseados com superior facilidade?



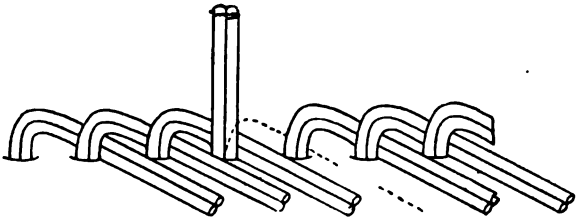
3 — AÇAFATE DA ILHA DA MADEIRA

Seja como fôr, temos provas inconcutiveis de como a mulher incivilizada fazia cestos para mantimentos, lenha e para a mesma agua, valendo-se de uma certa gômma afim de tornar impermeaveis seus artefactos. As proprias vasilhas para usos culinarios eram obra de vime, revestidas de barro e transformadas pela acção do calor em productos de olaria.

A historia da obra de vime é interessante o mais possivel, e o cesto occupa logar unico entre as industrias deste mundo que habitamos. E' provavel, até, ser o mais antigo de todos os trabalhos manuaes, e é, com certeza, de todos o mais universal.

Não tem seguido na trela da civilização, visto que esta o veiu já encontrar firmemente

estabelecido, e em sua impotente admiração teve que estacar perante os seus resultados. Raizes, canas, juncos, ramalhos, fibras, fo-

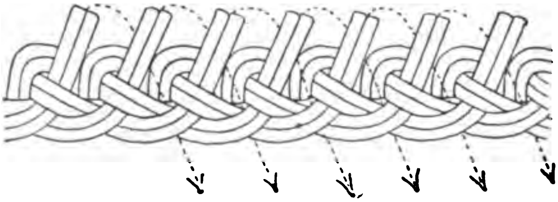


4 — PRIMEIRA VOLTA DA BORDA

lhas e sementes, o proprio entrecasco da arvore, figuravam entre o numero de productos naturaes que constituiram os seus elementos, e a sua influencia indirecta, assim como a da esteira, sua prima co-irman, é perceptivel em toda e qualquer arte manual ou manufactura textil.

Os mais remotos indicios da arte de cesteiro deparam-se-nos já no sonho do forneiro de Pharaó, já no canastrel de juncos em que a mãe hebréa aninhava o tenro filhinho.

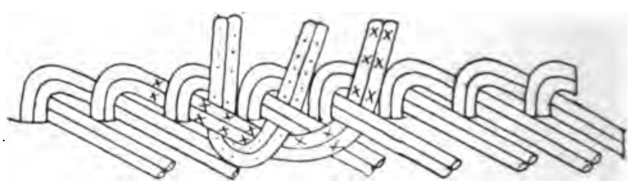
E' facto averiguado empregarem os bretões e outros povos primitivos na confeição de suas canôas a obra de vime, revestindo-as depois com pelles de animaes. E della se valiam aliás na construcção das suas choupanas e ainda na dos proprios palacios dos seus chefes. As tradições das éras mais remotas apontam a existencia de barcos de egual feição, navegando nas aguas do Tibre e do Euphrates, e encontramo-los ainda hoje na India, em alguns rios. Os cafres, os hotentotes, os abexins e



6 — MANEIRA DE ENTRETER AS EXTREMIDADES POR BAIXO DA BORDA

os indios da America são apontados em virtude da sua destreza especial na elaboração de trabalhos de vime; ao passo que os productos da mesma especie importados em tão vasta escala assim da China como do Japão testificam amplamente os prodigios que os dedos do homem conseguem realizar.

Esta industria, pois, a mais antiga das industrias caseiras, visto como, já pela maleabilidade do material respectivo já pela facilidade com que este se encontrava á mão, ella era accessivel a um e outro sexo, supposto que posteriormente, conforme tem aliás succedido ás demais, haja constituido um mister especial, voltou, ha annos a esta parte, na onda da propaganda artistica industrial que fez convergir as attenções das classes abastadas para as industrias caseiras, a despertar em seu favor o gosto do amador de Arte. Motivado, porém, pela circumstancia de serem os paizes da zona temperada meridional aquelles que dispõem de materias primas em maior quantidade e apre-



5 — AS DUAS EXTREMIDADES MARCADAS COM CRUZES ENSINAM A MANEIRA DE PROCEDER Á INSERÇÃO DA SEGUNDA VOLTA

sentando grau superior de ductilidade, é tambem nestes mesmos países onde esta arte manual tem mantido mais subido grau de perfeição.

Cabe ao nosso Portugal papel importante nesta especialidade, e sem que nos detenhâmos a enumerar a immensa variedade de applicações da obra de vime em todo o país, onde, de norte a sul, abunda uma infinidade de fórmas engenhosas quanto praticas de cestos, canastras, cabazes, açafates e canistreis, conservando através dos seculos a sinceridade e a belleza organica da sua estructura originaria; abundancia aliás enriquecida por um sem numero de typos exoticos, importados já do Extremo Oriente, já de outras regiões comprehendidas no nosso dominio colonial tão dilatado, e tão judiciosamente adaptados pelo povo aos nossos usos e costumes; restringir-

nos-êmos a chamar a attenção do amador para os productos deste genero fabricados em a nossa ilha da Madeira, os quaes, já pela elegancia, já pela engenhosa quanto sensata applicação do material, tem logrado conquistar no estrangeiro tão geral aceitação.

Mas não se assuste a leitora, é claro que nem por sombras pensámos em recommendar-lhe quer a obra de vime, quer a chamada obra de verga, tomadas na sua accepção ordinaria: visto que a maioria dos productos de uma e outra, pela sua indole relativamente grosseira e rude, está fóra do alcance das mãos delicadas do amador, e muito mais das da amadora. Taes productos ficarão sendo aquillo que sempre foram, objectos de uso rural os primeiros, artigos de mobiliario ou de serviço caseiro os segundos, e, em vista da propria indole, entregues exclusivamente á capacidade adquirida do mesteiral. Ha annos a esta parte, comtudo, a obra de cesteiro tem sido posta ao alcance de mãos mais delicadas, graças ao aproveitamento de um material mais maleavel, a cana ou junco da India, um parasita, uma como que enrediça que nas florestas desta região se enlaça nos troncos e ramos das arvores, atrepando até ao cocuruto das mais pujantes e alterosas, pendendo depois em caprichosas e graciosissimas colgaduras, de elegante folhagem, e attingindo em comprimento proporções descommunaes. Emprega-se, consoante o caracter do artefacto a que é destinada, já na sua primitiva fórma cylindrica, já tendida á máquina em duas metades, ou cortada em tiras, e com diversas grossuras

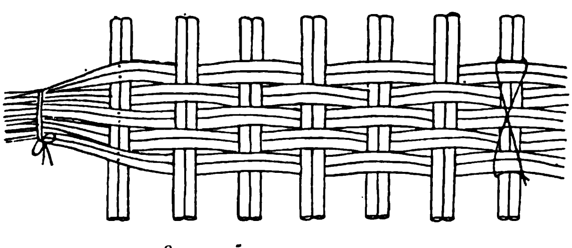


7 — CESTO PARA FRUCTA COM UM LEMMA

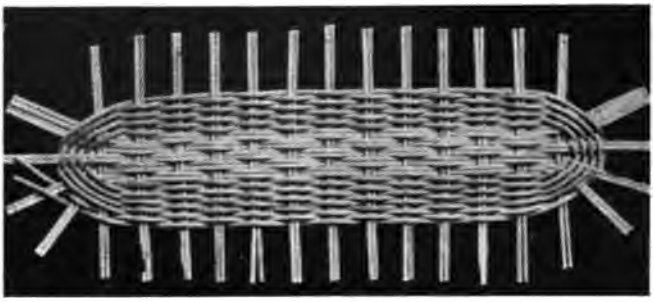
A confeição de cestinhos, açafates de cana, ou de junco, e de outros objectos similares e de diversa applicação, tem-se pois generalizado lá fóra entre amadoras pertencendo ás classes mais distinctas, e entrado pouco a pouco no numero das occupações elegantes, voltando, assim, depois de seculos e seculos, a estabelecer-se nesta industria a judiciosa divisão de trabalho, visto como, ao passo que o homem tomava á sua conta a obra grossa, o telhado da casa, á sebe, o cancêlo, as angarelas do carro, o barco, as proprias armas e alfaias de uso pessoal, taes como o broquel, a aljava e o cesto de pesca, a mulher incumbia-se da cestaria de uso caseiro.

Advirta-se, porém, desde já: é trabalho que submette a provas a paciencia e cujos resultados dependem de um certo tirocinio, quando se pretenda attingir a realização de artefactos apresentando absoluta nitidez e regularidade, quer na fórma quer na contextura; é obvio, aliás, accrescerem as difficuldades á proporção de que o artefacto será de sua natureza mais ou menos delicado.

E' de indole singela a technica desta industria manual, e meia duzia de observações de caracter geral, poderão servir de suggestão á amadora intelligente, concorrendo, quando menos, a evitar-lhe o enfado das tentativas effectuadas ao


8 — SECÇÃO DE UMA BASE OVAL

acaso e, como taes, de resultado incerto; e habilitando-a, talvez, a avaliar a quanto se póde conseguir a poder de perseverança e de boa orientação pratica. Assim, pois, aconselhamos a nossa leitora, que não fôr absolutamente leiga no assumpto, visto como no presente caso se torna indispensavel como base uma tal ou qual iniciação, que, ao emprehender as suas tentativas, vá consultando pela ordem numerica em que lh'os apresentamos, os exemplares photographados que se acham reproduzidos em as nossas paginas, e por nós escrupulosamente escolhidos dentre um certo numero delles, por nos parecerem prehencher mais cabalmemte o fim proposto, e que os submetta a previa e minuciosa analyse, auxiliando-se de uma lente de desenhista.



9 — PORMENORIZAÇÃO DO ENCANASTRADO

Destes, os numeros 1 e 2 são, a nosso vêr, aquelles para que primeiro se deve appelar, pois é obvia a conveniencia em ir graduando progressivamente as difficuldades da elaboração. Poderão seguir-se-lhes os numeros 7 e 8, visto apresentarem uma tal ou qual uniformidade na applicação do processo material, e ainda a faculdade de poderem ser embellezados mediante o processo da encaustica — o ferro em brasa, instrumento identico, por assim dizer, ao que funcciona na pyrogravura, — com o auxilio do qual se consegue não só variar a côr das tiras de junco, imprimindo por este meio ao artefacto aspecto variegado, senão ainda a applicação de iniciaes, monogramas, letreiros ou lêmmas, de intenção mais ou menos pratica ou conceituosa, e em harmonia com o destino do objecto fabricado.

Advirta-se, comtudo, que as tiras, chatas, já se vê, que se destinam a esta applicação, devem ser previamente friccionadas com papel de esmeril, afim de mais efficazmente se prestarem á acção do ferro candente.

Os diagramas que correspondem aos numeros 4, 5, 6, 8 e 9, indicam claramente os tramites do processo no acto da manipulação do junco, e o modo por que este tem de ser entretecido ou intrinçado.

O numero 10 apresenta a imagem da superficie constituindo o fundo de um canistrel de forma oblonga, e o modo por que é entretecido o junco, ou cana, já cilindrico já de meio relevo.

Os numeros 3, 10 e 12 representam especimes de cestaria da ilha da Madeira, por nós recommendados ás nossas leitoras apenas como exemplos de boa escolha de formas e de adaptação do material não menos judiciosa.

Conforme se poderá verificar nas estampas e diagramas que acompanham este artigo, o enastrado opera-se, já entrecambando uma a uma as varas ou hastes respectivas, já duas a duas; multiplicando estes numeros em dados casos, como v. g., nas bordas, orlas inferiores, asas de cestinhos ou de cabazes; entremeando, até, afim de conseguir effeitos de mais variedade, as varas cilindricas, as chatas e as de meia cana. As segundas, sempre, já se vê, quando se haja de appelar para a applicação de letreiros ou enfeites obtidos por crestamento.



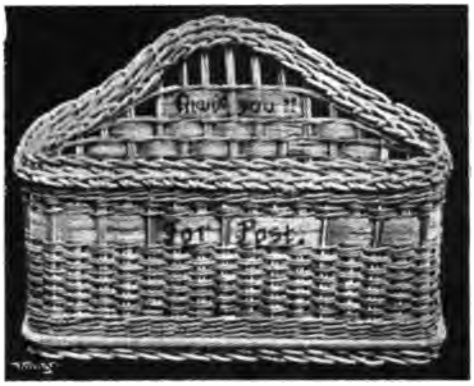
10 — AÇAFATE DA ILHA DA MADEIRA

As varas ou hastes de junco, conforme atrás ficou exposto, apresentam diversas grossuras, facultando deste modo ao amador mais um recurso de variedade, existindo aliás algumas muito mais grossas e em troços com menos comprimento, e cuja funcção de nucleos é a de consolidar o trabalho, já nos fundos, já nos lados das peças com mais profundidade. (V. diagrama 9).

A estampa n.º 14 representa um objecto de caracter mixto, um saquitel ou *indispensavel*, em que se conjugam a seda, ou o velludo, e a cana, ou junco, já cilindrica já de meio relevo, e dá uma idéa da summa variedade que se pode imprimir a estes productos, pois consentem a applicação de cantos, asas e virólas de metal, doiradura, rendas, estofo, franja, cadilhos de seda ou de lan, contas de metal, missanga, consoante se destinem a adornos de toucador, escritorio, salinha de costura, casa de jantar, ou sejam meramente galanterias e diches para escaparate.

A operação que,, ao manipular qualquer peça d'este genero, offerece mais difficuldades ao amador é o entretecer os fundos ou bases, e portanto, nas peças de mais avantajadas dimensões, assim como n'aquellas destinadas a aguentar pêso, que remedio senão appelar para a intervenção do marceneiro, podendo os fundos ser fabricados de madeiras leves, como por exemplo o pitch-pine, ou a boana de faia, etc. (V. taboleiro reproduzido na estampa 13). O entransado de qualquer superficie plana, obrigando o opifice a operar mantido o artefacto em posição horisontal, é sempre difficultoso, e não pouco, exigindo aliás mão adéstrada por aturada e longa pratica, e o alvitre atrás indicado é pois o meio de poupar ao amador difficuldades pouco menos de insuperaveis.

O entretecido de cana ou junco admitte aliás a promiscuidade da palha ou palhinha grossa, de côr, na confeição de objectos de reduzidas dimensões. A madeira que se emprega nos fundos de algumas peças pode ser atintada e lustrada



11 — CANISTREL PARA CORRESPONDENCIA

a verniz de charão, expediente este que terá sempre cabimento em bandejinhas, taboleiros e quejandos artefactos.

São estas, pois, as considerações de caracter mais geral e as precauções que cumpre observar no acto de emprender qualquer tarefa da especialidade de que nos occupamos. Acrescentar-lhe-êmos meia duzia de direcções technicas deduzidas dos especimes com que illustramos o presente artigo, a saber:

Fig. 1 — Duas varas de junco; cylindrico, para o entretecido da asa; vinte e quatro (idem) para o corpo do cestinho e para a base. Para estas entremeie-se o junco mais delgado e palha da mais escura.

Encete-se o trabalho pela confeição da asa. Adelgacem-se as varas de junco respectivas na extensão de uma polegada em ambas extremidades, imergendo-as previamente em agua, durante cinco ou seis minutos, afim de amolecerem. Atem-se uma com outra a distancia de duas polegadas de uma das extremidades, e entransem-se, bem apertadas e com a possivel firmeza (quanto mais juntas ficarem mais nitido e perfeito será o aspecto da asa); e em seguida, atem-se pela mesma forma e a egual distancia do extremo opposto. Conjuguem-se as duas extremidades, atem-se, imprimindo ao



12 — CABAZINHO DA ILHA DA MADEIRA

conjunto a curva que se pretende dar á asa, para que ajuste com o diametro do cestinho, e ponham-se a enxugar com um pêso em cima. Entretecido o cestinho, e no acto da inserção da asa, esta apresentará assim menos probabilidades em se desmanchar.

Concorrerá a facilitar a operação o auxilio do *torcedor*, uma como que torquez, com um manipulo e cuja fórma lembra a de um ferro de frisar.

Urdidura do cesto. — Enfie-se, em sentido vertical, uma vara em cada buraco ou intervalo do *enastrado da teia*, deixando livres quatro polegadas na parte de baixo, para ligação da orla inferior. Esta deverá ser applicada simultaneamente.

Atem-se as varas (compridas) conjuntamente, num feixe, acima da base, inverta-se o cesto e entreteçam-se duas tiras duplas, immediatamente abaixo da base, virando as pontas das varas para o lado externo.



13 — TABOLEIRO

Entransado da orla inferior. — Vire-se a cada vara no sentido inferior, e para o lado interno, por detrás a primeira, e pela frente a segunda, e aparem-se-lhe as pontas.

A primeira vara deverá ser virada para baixo um quarto de polegada acima do enastrado.

Confeição da parte superior. — Meia polegada do entretecido singelo, para o qual se empregarão duas *varas de entretecer*, sendo identico o numero das que representam o *nucleo* ou *teia*.

Uma tira de enastrado triplice; uma dita de palha; outra de enastrado duplo; outra de palha; outra de enastrado triplice; meia polegada de entretecido singelo.

Orla superior ou *borda do cesto.* — Vergue-se no sentido inferior cada uma das *varas de entretecer* por detrás das duas immediatas, deixando as pontas todas viradas para o lado da frente. Estas devem então ser entransadas á feição de orla de remate.

Como, porém, os lados do cesto comportem cada um numero egual de varas, são precisas duas d'estas para estabelecer encaixe para a asa, e cada ponta de cana, ou junco, deverá assumir direcção descendente, acompanhando uma das *varas médias*.

Antes da inserção da asa, afastem-se as duas *varas* e dobrem-se-lhe as pontas, bifurcadas. Deste modo se facilitará a sua inserção no enastrado sem que seja preciso desviá-lo do seu logar.

Enfie-se a ponta de uma *vara de entretecer* pela frente e por detrás, alternando, de duas ou três varas da *teia*, acima, justamente, da borda superior, e enfie-se a ponta mais comprida a par com a das *varas de entretecer* que facultaram a inserção da asa.

A vara que se insére deverá assumir a direcção das outras e a sua inserção operar-se no intervalo que a ladeia, *não se lhe sobrepondo em caso algum*, até que se alcance a outra face do cesto. Ali, insira-se por debaixo da borda, a par ainda com a primeira mencionada, e a par da immediata. Opere-se a inserção no intervalo seguinte por fórma identica, volte-se com a vara ao ponto de partida, e siga-se inserindo interna e externamente, por baixo da borda, antes de que se apare o comprimento superfluo.

Se o entretecido houver sido effectuado a preceito, em cada intervalo estabelecido pelo enastrado do junco, ficará apparente sem solução de continuidade, e em toda a extensão do objecto fabricado, a *teia*, sem que os juncos mais delgados toquem uns nos outros, ou se sobreponham aos mais grossos.

Estas operações devem realizar-se com muito methodo, sem se esticar demasiado o junco, e sem o deslocar da sua direcção systematica, em caso algum. Attendendo, porém, a que a resistencia e a rijeza da vara que entretece e da que representa a teia são identicas, convém vergar a primeira no acto de encetar a operação a fim de facilitar a *urdidura* ou enastrado.

Em caso de que se pretenda doirar alguma parte do junco, ou da madeira do fundo, deverá applicar-se-lhe uma demão de cóla forte, grude, ou verniz; deixá-la enxugar de todo e passá-la depois a lixa de esmeril, antes de se lhe administrar o oiro. Este, convém que esteja perfeitamente enxuto no acto de se proceder á collocação da base, ou fundo do cesto.

Durante esta ultima operação não é raro roçarem-se um tanto ou quanto as arestas da madeira, e isto, por mais cuidado que se empregue; e sendo assim, convirá retocar o oiro, appelando para o processo acima indicado.

As instrucções referentes ao n.º 1 da fig. 1.ª, tornarão comprehensiveis as variantes respectivas, quer ao n.º 2 da mesma figura quer aos exemplares reproduzidos nas fig. 7 e 11, nos quaes se encontram aliás applicados com mais ou menos uniformidade os processos acima descriptos, cumprindo apenas observar que, no caso de se tornar necessario condensar ou alargar o enastrado ou o entransado, afim de facilitar a inserção da asa, se faça uso de um furador bem aguçado, do typo dos que fazem parte dos utensilios do açafate de costura.

Nos cestos imitando os trabalhos entransados, madeirenses, convém empregar junco do mais delgado, visto como a base fundamental do processo é o *entransado*, effectuando-se este por meio de varas já triplicadas, já quadruplicadas de mesmo junco, ou cana, por isso que nos objectos d'este genero é systematica a eliminação dos *machos* ou prumos de reforço, dispostas em sentido vertical, e constituindo como que a base do arcaboiço, obtendo-se a resistencia do objecto fabricado mediante a solidez do proprio entransado.

Dos nossos diagrammas, o n.º 4 esclarece a fórma por que são insertas as primeiras voltas da borda.

O n.º 5, o modo por que se deve proceder á inserção da segunda volta.

O n.º 6, a maneira pela qual as pontas são enfiadas por baixo da borda.

O cesto, depois de concluido, é susceptivel de ser envernizado, operação que ajudará, não só a consolidar o enastrado mas ainda a realçar o effeito geral do objecto.

E por aqui nos cerramos, pois cremos haver dito o sufficiente sobre o assunto, e quanto comportam, aliás, os limites impostos por esta publicação. E demais, geito de mão, golpe de vista certeiro são prendas que se não aprendem nos livros, e Deus nos defenda, do perigo de obrigarmos a nossa intelligente e industriosa leitora a dar um nó no lenço, prevenindo assim o maçador da estulticia da sua pretenção de ensinar o Padre-nosso ao vigario: contentêmo-nos, pois, com haver suggerido áquellas das nossas amaveis leitoras, ás quaes não fôr alheia a especialidade, os amplos recursos que poderão encontrar neste meio tão util quanto interessante de occupar as suas horas vagas, e ponhâmos ponto no assunto, lembrando-lhes o velho rifão tão português e tão sensato: «Cesteiro que faz um cesto faz um cento».



14 — SAQUITEL DE MÃO COM REFORÇO DE OBRA DE VIME



A filha do pescador

Era uma vez um pescador que tinha tres filhas muito bonitas, chamadas Maria, Mauricia e Martha.

Martha era a mais nova e tinha o genio de uma pomba, mas o pae gostava mais das outras duas, e, quando ia á cidade, sempre trazia presentes para ambas, e nunca se lembrava de Martha.

Vae esta disse-lhe um dia:

— O pae nunca me traz da cidade nenhum presente, e lembra-se sempre de minhas irmãs.

— Deixa estar que não te esqueço, a primeira vez que lá fôr. Que queres que traga?

— Uma flôr me basta, respondeu Martha.

— Tão pouco! Pois trago-te uma flôr, descança.

D'ali a dias, o pescador foi á cidade vender o peixe que tinha apanhado, e comprou umas fitas para Maria e Mauricia, mas, conforme o seu costume, não comprou nada para Martha. Quando já vinha a caminho de casa, lembrou-se da promessa, que tinha feito á filha mais nova, ao ver as lindas flôres de um jardim, situado á beira da estrada.

Como não sabia que era encantado aquelle jardim, entrou por elle dentro e foi colher a mais linda de todas as flôres que lá havia.

Vinha sahindo muito surrateiro, quando sentiu uma voz dizer-lhe:

— Pescador, furtaste a mais linda de todas as minhas flôres.

— Quem me fala? perguntou o pescador, olhando em derredor de si e não vendo ninguem.



O PESCADOR NO JARDIM ENCANTADO

— Saberás quem sou quando eu quizer que o saibas, respondeu a mesma voz. Furtaste a mais linda de todas as minhas flôres, e se não me deres em troca a mais linda das tuas filhas, morrerás, e tuas filhas morrerão tambem.

O pescador bem quiz fugir do jardim encantado, mas, por mais esforços que fizesse, não logrou dar um passo.

Então disse:

— Vou falar ás minhas filhas.

— Pois vae, respondeu a voz. Agora já te podes ir embora.

Quando chegou a casa, deu as fitas a Maria e a Mauricia e a flôr a Martha.

E depois disse-lhes:

— Qual é de vocês a mais bonita?



A SERPENTE APPARECENDO A MARTHA NO JARDIM ENCANTADO

— Sou eu! bradou a Mauricia.

— Sou eu! Sou eu! gritou a Maria.

A Martha, por ser modesta, não tinha dito nada.

E o pescador contou o que lhe acontecera no jardim encantado, e, mal acabou de falar, a Maria disse toda lépida:

— Pensando melhor, acho que a mais bonita de nós tres é a Martha.

— Tambem digo o mesmo, acudiu do seu canto a Mauricia.

A Martha, realmente a mais linda, a mais animosa e a de melhor genio das tres filhas do pescador, disse por fim:

— Estou prompta, meu pae, a sacrificar-me, para salvar a sua vida e a vida de minhas irmãs.

Na manhã seguinte o pescador levou a filha mais nova ao jardim encantado, e, quando chegaram ao logar onde na vespera elle tinha apanhado a flôr, deu-lhe um beijo e abalou.

A pobre da rapariguinha desatou a chorar e esteve muito tempo lavada em lagrimas. Por fim cobrou animo, encaminhou-se para o castello e bateu á porta.

Ninguem respondeu, nem veiu abrir.

Bateu muitas mais vezes, e como sempre lhe aconteceu o mesmo, voltou para o jardim e poz-se a apanhar flôres.

Quando o sol se escondeu, uma voz disse-lhe:

— Apanha as minhas flôres mais lindas. Apanha quantas quizeres.

— Quem me fala? perguntou Martha, olhando á roda de si.

— Se és boa e animosa, tornou-lhe a voz, dize mais uma palavra e eu appareço-te.

— Não tenho medo, respondeu Martha. Apparece!

Mas não poude deixar de tremer como varas verdes, quando viu uma



O DRAGÃO AGARRANDO MARTHA

grande serpente passar por cima da muralha do castello e vir para ella, rastejando pela rocha e pelo meio da verdura. Nem assim mesmo pensou em fugir, e perguntou:

— O que me queres?

— Casar comtigo.

— Ai! Não! Não posso, respondeu Martha.

— Pois então vae ter com teu pae e verás o que acontece a toda a tua familia. Teu pae roubou-me a flôr que eu tinha mais linda, e tanto elle como tuas irmãs cahiram debaixo do meu poder.

Era já noite escura quando Martha chegou a casa. O pae estava tão doente, que não poude dizer-lhe uma só palavra, e as duas irmãs gemiam ambas com muitas dôres.

Na manhã seguinte estavam todos tres ainda mais doentes e não se poderam levantar da cama. A' medida que ia passando o tempo, tornavam-se cada vez mais fracos.

— Ai! Deus do céo! disse Martha comsigo mesma. A serpente vae-os matando, por eu lhe ter dito que não. Ainda será tempo de remediar o mal?

Correu logo para o jardim encantado, e logo, que o sol se escondeu, a grande serpente desceu da muralha do castello e veiu ter com Martha.

— Já sabes, meu amor, disse-lhe a serpente, o resultado do que fizeste. Se teimares em não querer casar comigo, teu pae e tuas irmãs morrem esta noite.

— Estou prompta! respondeu a boa rapariguinha.

A serpente conduziu-a até á porta do castello, que se abriu de par em par quando lá chegaram, deixando ver, ao fundo de um corredor muito escuro, uma capellinha cheia de luzes. Já lá estava um padre á espera d'elles, e casou-os immediatamente. Durante a ceremonia, Martha estava a tremer tanto, que só por milagre não cahiu, e nunca levantou do chão os olhos quasi fechados.

No final, ouviu uma voz muito meiga dizer-lhe ao ouvido:

— Não queres, vida minha, olhar para o teu esposo?

Martha levantou os olhos e viu a seu lado um formoso mancebo ricamente vestido. Aos pés tinha a pelle escamosa da serpente.

— Sou eu, sim, meu amor. Casaste com o filho do rei. Com este casamento, restituiste-me á minha fórma propria e livraste-me do poder do Dragão. Durante dois annos o malvado me teve fechado n'este castello, e encantado em serpente. Antes de ir comigo para a côrte, tens que fazer-me outro favor.

— Qual? perguntou Martha, com os olhos a luzirem de amor e alegria.

— Vae á praia que fica deante do castello, leva esta pelle e deita-lhe fogo, deixando-a arder até ao fim. Se ficar um bocadinho por queimar, por muito pequeno que seja, cáio outra vez em poder do Dragão.

Martha foi á beira mar, accendeu uma grande fogueira e atirou-lhe para cima a pelle da serpente. Ao cabo de uma hora, a fogueira apagou-se, ficando entre as cinzas uma flôr muito linda. Martha viu-a e achou-a perfeitamente egual á que o pae colhera no jardim encantado. Levantou-a e pôl-a ao peito.

N'isto lembrou-se de que o marido lhe tinha recommendado que queimasse tudo, mas já era tarde. O Dragão estava de alcateia, e mais veloz do que o raio surdiu das ondas, agarrou em Martha e levou-a para o seu palacio no fundo do mar.

— Sou o Dragão, disse-lhe elle, senhor de todas as aguas que banham o mundo. Para ti, a mais linda e encantadora das donzellas, mandei tecer com raios de sol este vestido côr de ouro! Para ti mandei fazer este diadema de luar! Ouve-me, querida Martha. Amo-te loucamente! Casa comigo e serão teus todos os mares d'este mundo, com todos os thesouros que n'elles se occultam.

— Não posso, respondeu ella. Já estou casada com o filho do rei.

O Dragão, ao ouvir isto, tornou-se azul de raivoso. Mas tinha tanto amor á rapariga, que não lhe fez nenhum mal.

— Pouco importa que já tenhas casado, respondeu elle. Não tarda que me obedeças, mas até lá tenho um meio de impedir que fujas.


MARTHA CAMINHANDO POR CIMA DA ONDA

Mandou vir uma argola de ouro, que foi posta em volta da perna esquerda de Martha e fechada solidamente á força de martelladas. A' argola estava preso um cordão tambem de ouro, mais fino que um cabello e mais rijo que uma barra de ferro, e do comprimento de sete leguas.

— Assim, minha querida Martha, não me podes fugir. Passeia quanto quizeres por cima das aguas, e verás quanto são vastos e opulentos os meus reinos. Serão teus, logo que casares comigo. Quando estiveres cançada do passeio, não tens mais do que cantar:

Depressa, depressa, puxae-me, Dragão,
Depressa, depressa, puxae o cordão!

e eu puxar-te-hei logo para o meu palacio no fundo do mar.

O palacio do Dragão era o mais lindo que dar-se pode, todo aberto n'um grande crystal muito puro e transparente, e adornado de estatuas de oiro e prata, encontradas dentro de navios que se tinham afundado. A' roda havia um jardim cheio de plantas marinhas, com flôres de muitos matizes, que espalhavam clarões suaves e phantasticos, enchendo de luz o interior do palacio.

Martha não deu attenção a nenhuma d'estas coisas. Subia até ao lume da agua e ia andando, andando, em busca do jardim encantado.

Não sabia que elle ficava a sete leguas e cem braças do palacio do Dragão. Voltou para oeste e avançou para o mar largo, chegando a perder a terra de vista.

Quando o sol se escondeu, já estava muito cançada e cheia de fome, lembrou-se do que o dragão lhe tinha dito e cantou:

Depressa, depressa, puxae-me, Dragão,
Depressa, depressa, puxae o cordão!

O Dragão puxou logo pelo cordão de ouro e Martha voltou para o palacio do fundo no mar, onde encontrou um bello jantar á sua espera. O Dra-

gão fazia todo o possivel para agradar-lhe. As iguarias eram mais deliciosas que as que figuram na meza dos reis, e os vinhos, muito velhos e dos melhores, tinham sido encontrados na dispensa de navios tragados pelas ondas durante as tempestades.

Martha viu com prazer que o Dragão não queria vencel-a pela fome. Quanto melhor elle a tratasse, tantas mais occasiões ella teria para lhe fugir.

Ao nascer do sol, principiou a andar outra vez por cima das ondas.

Agora, tomou felizmente para o sul e avistou o castello, que ficava ao pé do jardim encantado. No alto da torre o filho do rei, com a cabeça pendida para o peito, dava mostras de grande afflicção.

— Olhae! disse o escudeiro ao principe. Não vedes aquella formosa donzella, que vem andando por cima das ondas, com um vestido feito de raios de sol e um diadema de luar?

O filho do rei olhou, e, mais pallido que a morte, disse em alta voz:

— Martha! Minha querida Martha!

Ella bem quiz acercar-se do castello, mas como o cordão de ouro que lhe prendia o pé não tinha o comprimento bastante, ainda ficou cem braças longe da costa.

E então cantou:

Dragão despiedoso retem-me captiva
Em lindo palacio no fundo do mar.
Se quer's que a teus braços eu torne inda viva,
Cordão de ouro fino precisas cortar.

E, depois de se esconder o sol, cantou outra vez:

Depressa, depressa, puxae-me, Dragão,
Depressa, depressa, puxae o cordão!

E o principe levou toda aquella noite a rezar na capella em que se tinha casado com Martha, e de manhã afiou a sua espada mais forte, apparelhou o seu cavallo mais veloz e galopou direito á beira mar. Accendeu uma grande fogueira e ficou esperando.

A'quella mesma hora acordou Martha e disse ao Dragão:

— Adeus! Vou dar um passeio sobre as ondas. Quando estiver cançada, cantarei como de costume:

Depressa, depressa, puxae-me, Dragão,
Depressa, depressa, puxae o cordão!

E Martha foi deslisando por cima das aguas, com o vestido de raios de sol e o diadema de luar, levando ao peito a flôr que se esquecera de queimar na fogueira.

Quando o principe a avistou muito ao longe, desembainhou a espada forte e cortante.

A cem braças da praia, Martha foi obrigada a parar.

E então o principe, mettendo esporas ao cavallo, entrou a galope desfechado pelo mar dentro, agarrou Martha, cortou o cordão de ouro com uma só cutilada e voltou para terra.

Mas o Dragão não estava a dormir. Sentiu cortarem o cordão de ouro, deu um grande salto, fazendo as ondas ferver em cachão, como se houvesse um grande temporal, e correu atravez do mar, mais veloz do que um corisco.

Foi tudo em vão. Quando chegou ao pé da costa, já o principe estava em terra, tendo Martha ao seu lado, livre de todo o perigo.

Tinha-se levantado vento forte e atiçou o lume da fogueira, que o principe accendera na praia. Martha arrancou do peito a flôr e atirou-a para lá. Assim que a flôr acabou de queimar-se, o Dragão perdeu todo o poder e afundou-se nas aguas, indo ter ao seu palacio no fundo do mar, d'onde nunca mais se atreveu a sahir.

Martha e o filho do rei, muito felizes e socegados, ficaram vivendo no castello, e desciam muitas vezes ao jardim, onde já podiam sem perigo apanhar as flôres que lhes appeteciam.

N'um canto do jardim, mandou o principe levantar uma casa muito bonita e deu-a ao pescador. Ali morou o pobre do homem até muito velho, em companhia das outras duas filhas, que vieram a casar com dois fidalgos da côrte, quando o principe, por morte do pae, subiu ao throno.



Pensamentos

DITAS:

Amár, por outro amor correspondido,
É na vida o mais casto amanhecêr:
É amár ao luár todo escondido —
Amár alguem sem mais ninguem sabêr...

DESDITAS:

Amár não sendo amado é desditôso,
É viver sem amár é não viver...
Mas, acima de tudo, acho horrorôso —
Amar alguem sem esse alguem sabêr!...

Carlos Affonso dos Santos.



Grandes topicos



JOSÉ DIAS FERREIRA

Antigo presidente do conselho, fallecido em setembro

Socialismo e anti-militarismo

Poucos dias depois de concluir os seus trabalhos o congresso de Stuttgart, reuniu-se em Essen o congresso dos socialistas allemães. E, como era natural, dado o que se passara n'aquelle, veiu á baila a questão do anti-militarismo, interpretando-se a ordem do dia votada em Stuttgart de differentes maneiras, pois houve quem chegasse a consideral a uma victoria para Hervé.

A lucta travou-se em volta de uma moção de censura ao deputado Noske, que fizera o elogio do patriotismo, declarando no parlamento que os socialistas não abandonariam a patria quando ella estivesse em perigo, estando pelo contrario, dispostos a cumprir com o seu dever de bons patriotas.

Os anti-militaristas foram de opinião que este discurso devia ser censurado publicamente, e que se tornava necessario declarar alto e bom som que Noske fallara apenas em seu nome, não traduzindo as suas palavras o modo de sentir da social-democracia.

Bebel e Wollmar intervieram no debate a favor de Noske, e durante largo tempo a assembléa esteve entregue a uma especiosa discussão, pretendendo alguns oradores estabelecer differença entre guerra ofensiva e defensiva, como se fosse possivel, quando surge um conflicto armado, distinguir immediatamente de que lado partiu a aggressão e dirigir o sentimento nacional no sentido de uma apreciação feita ao acaso.

Por fim, a censura a Noske foi rejeitada por enorme maioria. É claro que, por esse facto, a social democracia allemã não condemnou o anti-militarismo, mas recusou-se a censurar os socialistas patriotas e a contestar-lhes o direito de affirmarem o seu patriotismo em nome das massas socialistas.

Prova isto á evidencia que, comquanto não se pronunciem sobre o principio, os socialistas allemães não seguirão o conselho dos anti-militaristas em caso de guerra, isto é, promover a deserção em massa dos soldados, quando o inimigo marche contra elles.

Em Marrocos

A destruição do acampamento de Taddert, a mais importante operação realisada pelas tropas francezas em Marrocos, parece ter quebrantado bastante o animo das kabilas revoltosas, pois muitas d'ellas apressaram-se logo a enviar delegados ao general Drude, oferecendo-lhe a sua submissão. As condições impostas pelo general, a



O PACTO FRANCO-JAPONEZ

Deixando o Kaiser ao desamparo

«Do *Philadelphia Juquirer*»

principio mal recebidas pela sua dureza, foram, depois de alguns dias de hesitação, acceites pelo maior numero, e assim, n'uma faxa de terreno de mais de trinta kilometros em torno de Casa Branca, a pacificação é completa ha cerca de um mez.

Resta em armas uma insignificante minoria. Nem por isso, todavia, a situação dos europeus em Marrocos é tranquillisadora, pois a caminho de Casa Branca e d'outros centros por elles habitados vem ainda bastantes kabilas do interior dispostas a soccorrerem os seus compatriotas, cuja submissão muitas d'ellas desconhecem. Qual será a sua atitude ao chegarem ás portas da Casa Branca e ao terem conhecimento da situação? Vel-o-hemos em breve. Entretanto, o que realmente causa serias apprehensões é a situação creada pela proclamação de Muley Hafid. O novo imperador continúa activando os preparativos para ir atacar Abd-el Aziz e desthronal-o. N'outra qualquer ocasião este facto, assim como as suas consequencias, seriam para a Europa quasi indiferentes. Agora, porém, que os europeus se encontram em lucta com as kabilas fanaticas, tanto uns como outros nos merecem toda a attenção e nos obrigam a tomar as maiores precauções.



OUTRO SYMPTOMA DE PAZ

Como se realiza a «penetração pacifica» em Marrocos

Do *«Lustige Blätter»*



TRES PHASES DA CONSTITUIÇÃO RUSSA

Era uma vez um cossaco que se arrependeu dos seus peccados autocraticos. Resolveu, pois, como signal de remorso, andar com o cavallo ás costas. Mas, como o peso o ajoujava muito, decidiu-se a leval-o pela rédea. Por fim, acabará por saltar para a sella e chicotear o cavallo á valentona, (Os tres cavallos são respectivamente a primeira, a segunda e a terceira Duma).

Do *«Ulk»*



MULEY-HAFID

Novo sultão de Marrocos, proclamado em Marrakech

A mão d'obra amarella

Depois dos Estados Unidos, o Canadá. Ainda o incidente de S. Francisco não está perfeitamente regulado, e já um outro do mesmo genero surgiu em Vancouver, onde, ha cerca de um mez, a população indigena exerceu as maiores violencias sobre os trabalhadores japonezes. Como o primeiro, este incidente resulta da temivel concorrencia que os trabalhadores amarellos estão fazendo aos brancos, e assim é que, poucos dias depois de elle se produzir, o Congresso das Trades Unions do Canadá, votava uma proposta convidando o governo canadiano a pedir á Inglaterra a revogação do tratado



A CONFERENCIA DE PAZ E OS BALÕES DE GUERRA

A conferencia decidiu que, antes de atirar explosivos das nuvens, os que dirigem os balões peçam perdão aos desgraçados cá de baixo

Do *«Pasquino»*



INSTRUCÇÕES DA DIPLOMACIA PARA A CONFERENCIA DE HAYA

DAMA DIPLOMACIA — *Vá meninos, brinquem, á vontade, mas nada de tomar cousa nenhuma a serio*

Do *«Fischietto»*



IDEIA PIEDOSA

O PAPA PIO X *respondendo ao pedido de se corrigir o Index dos livros prohibidos).* — *Que parece a Vossa Eminencia? Poder-se-ha dar finalmente liberdade aos pobres autores? São capazes de morrer de fome. se não se permittir a ninguem a leitura das suas obras. (As obras de que se trata estão sobre a meza. São livros de Gœte, Kaut, Schiller, Schopenhaner e Shakespeare).*

Do «*New Gluhlichter*»

com o Japão, pelo qual os japonezes são auctorisados a estabelecer-se no Canadá.

E' claro que o governo inglez não póde satisfazer esse pedido. porque decerto não quer comprometer a sua aliança com o Japão. Mas tambem não é menos certo que a questão da concorrencia da mão d'obra asiatica é muito seria para a Inglaterra, e que ella precisa resolvel-a sem demora, o que lhe é tanto mais difficil quanto tem para isso de conciliar os interesses das suas differentes colonias.

Os protestos que se elevam na Africa do Sul, na Australia e no Canadá contra a mão d'obra amarella, não visam apenas os chinezes e os japonezes, mas ainda os hindús. De maneira que para satisfazer os protestantes, haveria necessidade de impedir a subditos inglezes a livre circulação em todo o imperio britannico, o que é inadmissivel.

Por ora, o governo inglez não terá



PRENUNCIOS DE DESARMAMENTO

«*Meus senhores, a nossa conferencia não se reunirá em vão. Tenho o gosto de os informar que, afim de dar o exemplo do desarmamento, a republica de San Marino resolveu licenciar metade dos dezeseis homens do seu exercito.*

De «*Le Rire*»



O IMPERADOR GUILHERME E MARROCOS

A ESPHINGE GERMANICA *(aos feridos francezes e hespanhoes)* — *Assim, rapazes! Em vocês acabando, cá estou eu!*

Do «*Pasquino*»

grande difficuldade em resistir a esse movimento a favor da protecção systhematica da mão d'obra branca, mas se elles e accentuar e conseguir a adhesão dos governos das colonias autonomas, a situação tornar-se-ha extremamente grave, dadas as tendencias separatistas que n'uma ou n'outras d'essas colonias já se manifestam.



OS ACONTECIMENTOS DA CORÉA

Entrada do palacio imperial de Seul. O marquez Ito dirigindo-se para o palacio imperial

[illegible] complemento ao segundo Syllabus, o papa [illegible] uma encyclica [illegible] o modernismo.

[illegible] documento, que é bastante [illegible] o pontifice analysa detidamente o desenvolvimento d'essa [illegible] theologia, segundo a qual os phenomenos historicos em que apparece a intervenção divina, devem ser cuidadosamente decompostos; tudo o que é divino deve ser separado da historia e da sciencia, distinguindo-se assim o Christo da fé do Christo da historia, os Sacramentos da fé dos Sacramentos da historia, a Egreja da fé da Egreja da historia: em resumo, o que ha de real e firme na fé é o sentimento que a constitue; tudo o mais está submettido á lei da evolução. Ora isto, que, diz a encyclica, deturpa a historia religiosa, resulta de duas causas moraes: a curiosidade e o orgulho, e uma causa intellectual: a ignorancia da philosophia escolastica, que priva o modernista dos elementos necessarios para separar os sophismas e os erros modernos.

Contra esses males, o pontifice determina o seguinte:

1.º — Ensino da philosophia e da theologia escolasticas em todos os seminarios e universidades catholicas.

2.º — Os modernistas devem ser afastados da direcção e do ensino nos mesmos estabelecimentos.

3.º — Os bispos devem afastar o clero e os fieis da imprensa modernista.

4.º — Será instituido um tribunal de censores em cada diocese para a revisão das publicações catholicas.

5.º — Prohibir-se-hão os congressos ecclesiasticos, salvo muito raras excepções.

6.º — Crear-se-ha em cada diocese um conselho de vigilancia contra a difusão dos erros modernos.

Vida na sciencia e na industria

O okapi

APRESENTAMOS a photographia d'este interessante exemplar zoologico que só ha cousa de cinco mezes póde ser observado e estudado por um homem branco. Nenhum caçador ou naturalista tinha ainda conseguido captural-o vivo ou prostral-o a tiro. Um mestiço portuguez, creado do explorador Boyd Alexander, ao qual nos referimos n'um dos numeros anteriores dos *Serões*, perseguiu durante dois dias um d'estes animaes no rio Evelle, perto do ponto onde se apanhou o que reproduzimos. Colhido n'uma armadilha, foi azagayado pelos indigenas. A timidez do okapi, a sua raridade e o afastamento dos sertões do Congo, são as razões da difficuldade de o capturar. Este tinha apenas um anno de edade, e cerca de um metro na maior altura. Depois de algumas semanas de captiveiro, morreu. É difficil encontrar alimentos que se adaptem ao seu paladar. O okapi é aparentado com a girafa, é uma especie zoologica distincta e não, como vulgarmente se pretende, um hybrido da zebra e do antilope.



O OKAPI



LANÇAMENTO DO COURAÇADO «TEMERAIRE»

O mais possante navio do mundo

OS inglezes continuam a manter a supremacia na grandeza das suas construcções navaes. A 24 de agosto foi lançado em Devonport o couraçado *Temeraire*, o qual tem 490 pés (163 metros) de comprido e 82 pés (mais de 27 metros) de bôca maxima. A velocidade deve ser de 21 milhas por hora. O principal armamento consiste em dez peças de 12 pollegadas de calibre 4,5, a arma mais poderosa que se tem usado a bordo.

E' o quarto navio de guerra do mesmo nome na marinha ingleza, ciosa das suas tradicções.

O primeiro foi capturado aos francezes em 1694. O segundo foi igualmente capturado aos francezes em 1759 em Gibraltar. O terceiro e mais famoso figurou em Trafalgar e teve a honra de servir de assumpto a um quadro de Turner. O ultimo tomou parte no bombardeamento de Alexandria.

Para andar sobre a agua

O sr. Oldfield, americano, inventou uns sapatos com os quaes espera atraves-

sar este verão o mar da Mancha.

Cada sapato consta de uma caixa de madeira de 1m,30 de comprido por 0m,50 de alto e 0m,33 de largo. Na sola tem quatro planos que permitem resvalar sobre a superfi-



SAPATOS PARA ANDAR SOBRE A AGUA

cie da agua. Os sapatos prendem-se aos pés por um processo semelhante ao dos patins, introduzindo-se o pé por um buraco no topo com uma cobertura de borracha. Pesa cada um cinco arrateis. O inventor já fez uma excursão de Cincinnatti a New-Orleans, que durou 41 dias, mais 24 do que elle calculava.

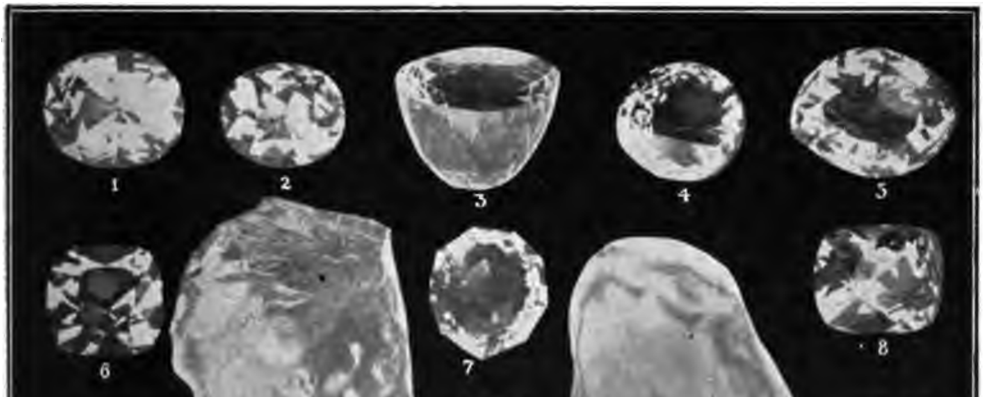
O maior diamante do mundo — Por proposta do general Botha, o parlamento transvaaliano determinou a compra do monstruoso diamante *Cullinan*, para se dar de presente ao rei de Inglaterra. Este diamante é 29 vezes maior do que o Koh-i-noor, apesar de se reconhecer que está partido, visto que pouco conserva da primitiva superficie exterior. O seu valor é calculado em um milhão de libras, e custou approximadamente 10:000 libras o trabalho de o facetar. Na figura junta se pode confrontar o seu tamanho com o dos mais notaveis do mundo.

Eis o indice d'elles:

1 — *Koh-i-noor*, depois da segunda lapidação, 106 $^1/_{16}$ quilates; 2 — *Loterie d'Angleterre*, 49 q.; 3 — *Grão Mogol*, 279 $^3/_{16}$ q.; 4 — *Orloff*, 194 $^3/_4$ q.; 5 — *Koh-i-noor*, depois da primeira lapidação, 279 q.; 6 — *Regente*, 136 $^3/_4$ q.; 7 — *Grão-duque de Toscana*, 133,16 q.; 8 — *Étoile du Sud*, 124 q.; 9 — *Étoile Polaire*, 40 q.; 10 — Diamante amarello *Teffany*, 125 q.; 11 — Diamante azul de Inglaterra, 44 $^1/_4$ q.; 12 — *Sancy*, 53 $^1/_2$ q.; 13 — *Impératrice Eugénie*, 51 q.; 14 — *Shah*, 86 q.; 15 — *Nassak*, 78 $^5/_8$ q.; 16 — *Pachá do Egypto*, 40 q.; 17 — Grande Diamante *Cullinan*, 3025 $^1/_2$ q.; 18 — Diamante *Teffany*, 969 q.

Torpedeiro automovel — A vedeta lança-torpedos, inventada pelo engenheiro francez Récopé, tem o casco de aço de 2 mm. de espessura e mede 17 metros de comprido. Tem dois motores de explosão da força total de150 cavallos, systema Cazes, de quatro cylindros, de 900 rotações, consumindo petroleo. O helice reversivel, systema Krebs, permitte simplificar muito os orgãos de transmissão e mudança de velocidade. A' prôa fica o tubo lança-torpedos.

O torpedo pesa 450 gr. e contém uma carga de 100 kg. de explosivo, com a velocidade inicial de 30 milhas. O torpedeiro tem a velocidade de 16 milhas, e o seu raio de acção excede 100 milhas maritimas. Com



OS DIAMANTES MAIS NOTAVEIS DO MUNDO



TORPEDEIRO AUTOMOVEL FRANCEZ

as capotas fechadas, a vedeta é quasi invisivel a certa distancia, e as suas exiguas dimensões permittem o transporte em grandes couraçados. A apparição d'este novo engenho de combate, devido ao automobilismo, pode ser o primeiro passo de uma seria evolução, talvez até de uma revolução, na marinha de guerra.

Prezas gigantescas de elephante

A SOCIEDADE Zoologica de Nova York, recebeu o presente do mais notavel par de prezas de elephante, que o mundo moderno tem visto. Ao olhar para ellas, custa a crer que não provenham de algum mammuth gigantesco de extinctas eras. A preza esquerda mede na curva cerca de 3m80, e a outra cerca de 3,60, e o peso das duas anda por perto de 140 kilogrammas. Em geral, as grandes prezas de elephantes vivos são muito espessas e um pouco



PREZAS DE ELEPHANTE GIGANTESCO

rectilineas. Os caracteres do par a que nos referimos, são a sua symetria e bella curvatura. Pertenciam recentemente ao rei Menelik da Abyssinia, que presenteou com ellas um official europeu. Foram depois vendidas por este, e chegaram mais tarde ás mãos de um dos membros d'aquella sociedade, a quem elle as offereceu.

Contra o rachitismo das creanças.

AFFIRMAM auctoridades scientificas, que o tratamento do rachitismo e perturbações conjugadas de nutrição, depende da regularisação da dieta, das condições hygienicas e de um medicamento, o phosphoro. Este é activo sómente na fórma elementar de phosphoro amarello. Ministra-se dissolvido em oleo de figado de bacalhau. Todavia o phosphoro amarello elementar é um dos venenos mais violentos que se conhecem, e registram-se casos fataes de envenenamento com as doses ordinarias de solução de phosphoro no oleo de figado de bacalhau. Descobriu comtudo o Dr. Manchot que a semente de linhaça a contém uma alta percentagem d'esse phosphoro que se pode misturar sem perigo. Libertou a semente do oleo que ella continha extrahindo-o com benzina, e achou que o residuo comprehendia uma percentagem maior de peso, em phosphoro, do que a semente antes de tratada.

Prepara-se uma sopa de linhaça misturando-se 10 grammas de semente esmagada da qual se extrahiu o oleo, n'um litro de agua, e aquecendo-a a fogo brando até que a quantidade de liquido se reduza á quarta parte. Não se deve

Para os mineiros

EXPERIMENTOU-SE em Inglaterra um novo apparelho contra a acção dos gazes deleterios. Ás costas do mineiro prendem-se dois cylindros de oxygenio que lhe permittem respirar sem tubo de ar ou outra communicação com a base das operações. O principio do apparelho é que elle respira constantemente o ar, sendo o acido carbonico absorvido depois de cada expiração e o oxygenio renovado automaticamente. Tambem se fizeram experiencias de um novo apparelho salva-vidas para submarinos. Tem a fórma de um capacete de mergulhador, que se pode collocar n'um minuto, em caso de desastre, no submarino. O ar tambem se usa continuamente, sendo o acido carbonico absorvido por uma substancia especial chamada *oxylithe*, que restitue ao ar a quantidade precisa de oxygenio, tornando-o de novo respiravel.

Qualquer d'estes apparelhos póde evitar grandes e frequentes catastrophes, tanto na navegação como nas minas, e é por isso de utilidade indiscutivel.



APPARELHO PARA MINEIROS

deixar ferver. O liquido passe-se então por uma peneira fina e o residuo é comprimido com uma colher de pau, e por fim filtra-se por um panno fino ou por um papel filtro. O Dr. Mauchot dá de 3 a 5 centilitros d'este sopa ás creanças, conforme a edade, misturando-a com os alimentos. Dois ou tres dias depois de tomarem esta sopa sem mudança de dieta, o peso começa a augmentar, e dentro de uma semana melhora o aspecto das creanças; desapparece a pallidez, as faces tornam-se rosadas, e os musculos rijos.

Um barco de invenção recente

TYPHONOIDE foi o nome dado pelo francez Mr. André Gambin a um curioso barco de sua invenção. A propulsão é feita por laminas dispostas em especial em torno de uma haste, a qual gira dentro de um cylindro. E' uma modificação do parafuso de Archimedes, tendo o comprimento da quilha. Affirma o inventor que o seu apparelho attingiu velocidade superior a quarenta milhas por hora, e espera chegar ás sessenta.



O TYPHONOIDE

Vigas compositas

UMA idéa, nova apresentada por uma casa febril de Wernier. Ligam-se a alta pressão, por meio de uma especie de colla refractaria á agua, peças de madeira tenra; e obteem-se por esta fórma vigas e a que se attribue uma resistencia surprehendente. O preço d'essas vigas por metro cubico excede uns 7 a 8 por cento o das vigas ordinarias; umas podem-se reduzir notavelmente as dimensões transversaes, e chega-se por fim a uma economia de 10 por cento. Uma porção de madeiros assim associados apresentam-se sob uma certa curvatura, e além d'isso um processo especial elimina as substancias albuminoides das madeiras empregadas. As juntas colladas resistem perfeitamente aos esforços de escorregamento, e a ruptura ou ainda a flexão produzem-se apenas em condições excepcionaes.

Os jacarés nos Estados Unidos

E' opinião de alguns competentes na materia, que os jacarés não tardarão a extinguir-se nos Estados Unidos, se não se adoptarem urgentes medidas de protecção. Calcula uma autoridade que em 1890 a população de jacarés no Texas, na Luisianie, e em outros estados do Golfo do Mexico, subia a uns 50 milhões de individuos. De então para cá, teem soffrido uma exterminação terrivel, para o aproveitamento das crostas, a ponto que restam hoje apenas alguns milhares. São já tão raros que se julgou conviniente estabelecer em muitos sitios grandes viveiros, afim de abastecer os mercados, em vista de ter sido sempre impossivel satisfazer a procura de crostas de jacarés.

Pretendem os tratadores que os animaes se domesticam com facilidade, e que até podem ser trenados a tomar conta de creanças pequenas.

Machina que resuscita

DESDE 1876, que o sabio americano Poe, experimenta o processo de revocar á vida, animaes asphyxiados ou envenenados pela introducção do oxigenio nos pulmões, e trata agora de o applicar á raça humana. O apparelho que elle usa, imita a configuração anatomica do apparelho respiratorio. Compõe-se de dois pequenos cylindros que communicam por meio de tubos com as ventas ou bocca do pseudo-morto, entrando n'um dos cylindros oxygenio e descarregando o outro directamente para a atmosphera. Dentro d'elles trabalham embolos, cujo movimento é regulado pelos movimentos normaes da respiração. Assim, alternadamente, extrahem-se dos pulmões os gazes delecterios para um dos cylindros e introduz-se n'elles o oxygenio do outro.

Muitas experiencias se teem feito com magnifico resultado, deante de auctoridades scientificas. Uma das mais notaveis foi sobre um coelho, ao qual se injectaram dois grãos de morphina e em seguida se deram quatro onças de ether. Declarado morto e sujeito ao apparelho, d'ahi a tres minutos respirava normalmente, e d'ahi a seis corria pela casa. Outra foi de um cão mettido durante quarenta minutos em gaz acetylene, um dos venenos gazosos mais mortiferos, e revivido em breve prazo sem manifestar qualquer damno.

Este invento tem um grande alcance, para evitar a asphyxia, a estrangulação por fraqueza dos orgãos respiratorios, para eliminar o perigo dos anesthesicos em fortes doses, etc. O apparelho, simples e barato, dentro em breve estará em todos os hospitaes e postos de salvação.

Vida na arte



SULLY-PRUDHOMME

Sully-Prudhomme — O GRANDE poeta francez falleceu subitamente a 7 de setembro, de uma syncope, andando a passear na sua propriedade de Chatenay. Nasceu ha perto de setenta annos em Paris, e começára a sua vida como empregado no estabelecimento do Creusot, d'onde sahiu para entrar n'um escriptorio de tabellião O seu primeiro volume de versos, *Stances et Poèmes*, publicado em 1865, valeu-lhe os louvores do proprio Sainte-Beuve. Pouco depois adquiriu uma pequena fortuna, e dedicou-se á poesia, á mathematica e á philosophia, entrando em 1881 na Academia Franceza. Ha seis annos recebeu o premio Nobel de litteratura. Poeta de delicada phantasia, mestre da lingua, e musico da palavra, Sully-Prudhomme mereceu todos os louvores e honras, que ainda ha mezes se accentuaram na celebração do seu jubileu como Academico.

Eduardo Grieg — COM sessenta e quatro annos de edade, morreu em Bergen, a 4 de setembro, o famoso compositor norueguez, Eduardo Grieg.

Recebera em Leipsig a sua educação musical. A sua obra pode-se dizer que era a mais perfeita expressão do genio scandinavo na musica.

Ha quem lhe chame o Chopin do Norte, e com effeito a delicadeza e e originalidade da sua inspiração approximam-n'o do grande compositor polaco. Apreciava-o muito o imperador da Allemanha, que se fez representar no seu funeral. A sua obra é bem conhecida pelos pianistas de todo o mundo, sobretudo os trechos curtos, entre os quaes avultam a *suite* inspirada no *Peer Gynt*, a extraordinaria phantasia dramatica de Ibsen.



MONUMENTO A LEVERSSOR

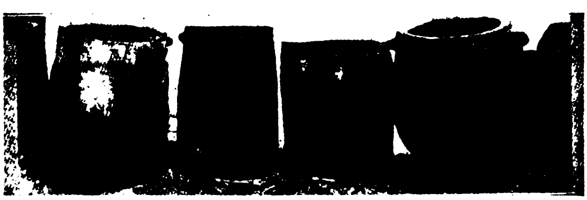


EDVARD GRIEG

Monumento a um dos paes do automovel — APRESENTAMOS o projecto d'esse monumento, elevado a Levassor e devido ao esculptor Dalou, e que é realmente de grande originalidade de concepção, destacando-se pelo realissimo impressivo das obras de arte usualmente erigidas, para commemoração de grandes homens ou grandes feitos. Foi promovido por subscripção aberta ha cerca de dez annos, e será brevemente inaugurado na Porte Maillot, em Paris.

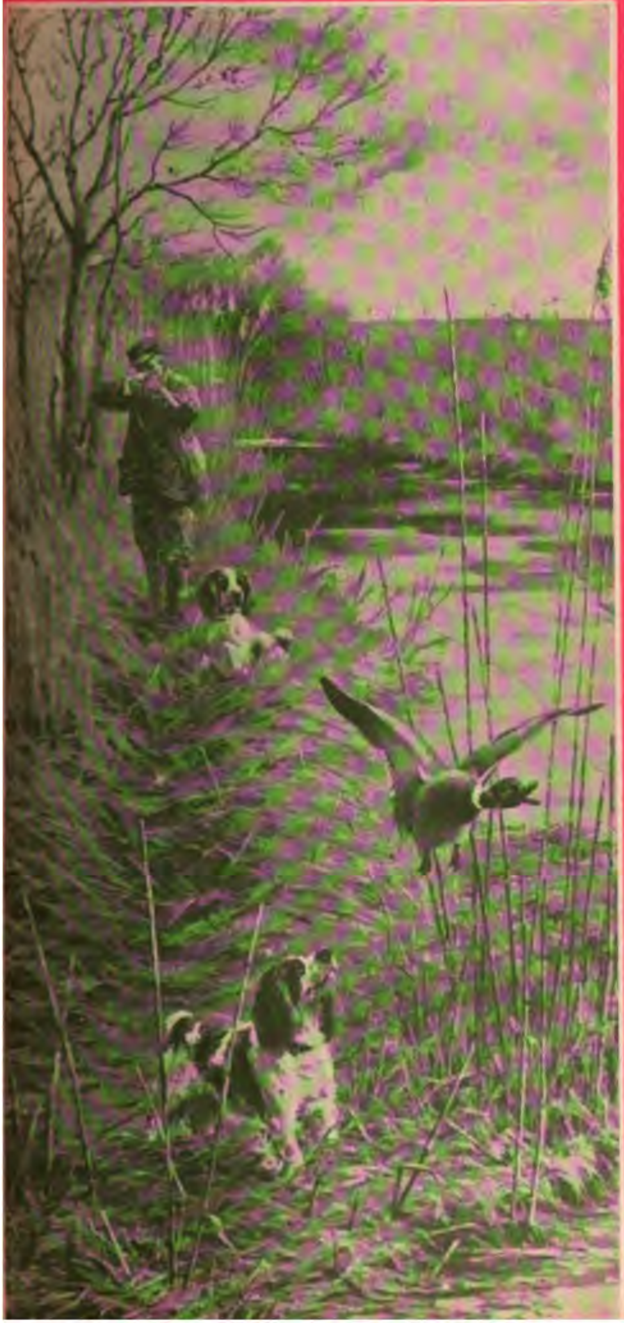
Revelações do Egypto antigo — O INSTITUTO de Archeologia Britannica fez na estação passada achados singulares em Abydos, Egypto superior.

Em enormes jarros de barro, encontraram-se corpos de falcões conservados desde os tempos ptolomaicos, por processos semelhantes aos usados com os cadaveres humanos, arrancados ás areias egypcias. Esses pequenos falcões, apresentam um aspecto extraordinario, com os bicos surdindo das faixas que os envolvem.



JARROS CONTENDO MUMIAS DE FALCÕES ENCONTRADOS NO EGYPTO

SERÕES



N.º 29

Novembro

Livraria Ferreira

132, R. do Ouro, 138 - Lisboa



Pequenas mendigas

Quadro de W. Bouguereau



CASA BRANCA — VISTA DO NORTE

Mont'Estoril

Quando o conde de Moser pensou no Mont'Estoril, por certo que sonhou um açafate de verdura, collocado na collina, que preguiçosamente sóbe da praia larga e doirada, se cava em pequenos valles, em novas collinas se erguendo, verde dos pinhaes e das arvores dos jardins.

O projecto seria d'uma cidade modelo, como o poderiam phantasiar poetas e artistas, uma laura de «villas», cheias de flores, cortadas por ensombrados arruamentos, quasi sempre estreitos, permittindo que, dos jardins visinhos, as arvores se encontrassem, formando assim pequenos tunneis.

A avenida Saboya, mais larga, monumental, a via por excellencia, teria as suas arvores proprias, onde, á sombra, os preguiçosos dos hoteis encontrariam, nas horas torridas, sombra e repouso.

Assim se projectou e do começo se executou; ergueram-se as casas, afastadas da rua, entre jardins cuidadosamente tratados, com arvores de sombra e, contagiosa doença, o luxo pretencioso e inutil das palmeiras que, pela viração, agitam as metallicas palmas.



CASA BRANCA — VISTA DE OESTE



A ROCHA DE SANTA CATHARINA

Começou de edificar-se com exigencias impostas pela Companhia, restringindo-se a manifestação do mau gosto indigena e da sordida avareza burgueza, foi preciso uma faixa de jardim circumdando a edificação. As intenções eram boas, generosas as ideias, seguro aval de perfeição d'obra a cultura artistica do conde de Moser.

Infelizmente, a Companhia do Mont'Estoril, por motivos que não importa relembrar, começou a ter urgente necessidade de realisar dinheiro, sendo forçada a vender terrenos sem impôr condições, olhando apenas ao *quantum* offerecido pelo metro quadrado: o poderoso instincto de conservação fez-lhe, assim, abater as veleidades esteticas, a ambição louvavel de crear a mais linda e aprazivel das estancias da Europa.

Lá estão os largos arborisados, os miradouros sobre a praia, com sombra, em cujos bancos os que não possuem janellas sobre o mar, vão disfructar o maravilhoso horisonte da Enseada de lacca azul-e-oiro, a curva que de Parede a Cascaes é debruada de brocado d'oiro velho, que a espuma franja de rendas brancas.

Appareceram as casas de aluguer, de andares sobrepostos, construidos na linha dos arruamentos, sobre planos ignaros de mestres d'obras em maré de phantasia. Já a bizarma do Grand Hotel, sem frente para o mar,



MONT'ESTORIL — A PRAIA



CASA BRANCA — FACHADA PRINCIPAL

como tudo aconselhava, sem um jardim a mascarar-lhe a architectura commercial, foi um grande erro a que se accrescentou, a um lado, edificio em pastelaria, o Hotel de Italia, cujo recente accrescento mais horrivel tornou a sua fachada.

A procura de terrenos na visinhança da estação — o portuguez acha tudo longe! — fez com que a ganancia d'alguns proprietarios se desfizesse de parte dos jardins, produzindo a pulverisação da propriedade, o amontoamento das casas, d'antes escondidas entre as verduras, de nada servindo o bizarro exemplo de Barahona, que, em volta de sua casa, ajardinou pequenos talhões que as ruas limitam, cuidadosamente tratados, apenas vedados por grades elegantes, cheios de odoriferas flores, refrigerantes, no meio da rua empoeirada, pela sua permanente frescura.

Foi este o maior erro commettido. A Companhia, incapaz de defender os terrenos por vender, do mau gosto nacional, da confiança na sapiencia architectonica do mestre d'obras, não tinha em suas mãos uma lei — n'esta terra de legiferos! — que puzesse a obra já feita ao abrigo do vandalismo.

O livreiro M. Gomes edificou a sua *Casa Branca*, fina e garrida, com motivos portuguezes, paciente e intelligentemente combinadosp or Villaça; vendida, fazemos votos por que o seu proprietario a não estrague, e n'ella não influa a phantasia do burguez.

Assim, o Estoril maravilhoso vae perdendo a sua feição de Cidade d'Arte, entre verduras, quieta sempre, até nos mezes de maior concorrencia. Nas «villas», á hora do sol, tem-se a sensação do isolamento perfeito. Pelas ramadas das arvores, apparece o mar florido de espuma, o mar azul em que a luz se refrange, salta e corre, como ondas. É tudo tão socegado! Sente-se, nas tardes quentes, o estalar dos pinhaes. As arvores tocam-se, sacudindo as folhas, á briza. Nos pinhaes arrulham amorosamente as rolas bravas. Dir-se-hia que a vida se ausentou, sem o rodar das carruagens e a buzina afflictiva dos automoveis.

Terra de meditação e de inspiração, como outra não ha, voltada para o mar sul-



AVENIDA SABUGOSA

cado pelas quilhas dos vapores, que levam a nossa imaginação para viagens longinquas, a paizes de que ignoramos tudo, até os nomes; — tendo, como fundo, a dentada linha da serra de Cintra, que, violacea, se recorta no azul finissimo do céu, terra de luz e de sonho, aos poucos se vae fazendo uma

O Mont'Estoril de «villas» que, á noite, illuminadas, trazem a impressão d'um sonho de festa, vae dar logar a um Paço d'Arcos ou Cascaes, — somnolento e aborrecido, perdendo o caracter, o ingenuo preciosissimo de suas ruas apertadas entre jardins, rua Arcachon, rua de Nice, rua Biarritz, rua Bijou, nomes



OUTRO ASPECTO DA PRAIA

Cascaes mais rica, Cascaes, praia da côrte em pantufas, burgo de pescadores ageitada em estancia estival, sem ganhar em divertimentos, augmentando em pretensão.

O Casino Internacional, cuja ampla varanda sobre o mar quasi o absolvia das fachadas ignaras, fechou as hospitaleiras portas. O jogo que, entre o luxo, perdia o caracter vicioso e sordido, alberga-se nas baiucas ordinarias com todo o cortejo de baixezas do vicio clandestino.

Nas ruas poeirentas buzinam raros automoveis, caminho á tarde do classico passeio da Boca do Inferno, que, apesar da belleza sublime da marinha, vae tendo o ar de uma condemnação perpetua.

pretenciosos mas encantadores. Agora já as baptisam com nomes de benemeritos. O que ha de benemeritos por este Portugal fóra!

Qualquer dia, a rua Larga, a rua Direita, todas com altos predios esburacados de janellas, em cujas lojas os mercieiros suam.

Desconsola os que amam o Estoril pelo Estoril, na sua quietude de inverno, no antigo bulicio de verão, quando o Casino illuminava os varandas tumultuosas.

É para que nada destaque, nada tenha caracter, n'este Portugal fradesco e estupido. A concessão do jogo a uma grande empreza salvaria o Mont'Estoril, alargal-o-hia quer para o Monte Palmella, onde riem os telhados vermelhos, entre pinheiros, quer

para a estrada de Cintra, escalvada, mas de horisontes vastissimos, quer para os pinhaes de Santo Antonio, que se expropriariam fazendo dos pinhaes Gourlades e Vianna similes do parque Monceau, mais campestre, em vez de palacetes simples *bungalows* apraziveis, hospitaleiros, as fachadas apenas ornamentadas com trepadeiras, com mobilias simples, elegantes e commodas, que facilmente se alugariam aos forasteiros.



CHATEAU O'NEILL

Não são precisos muitos milhões: é mais necessario ter bom gosto, desejo de fazer obra benefica, sanatorios de Belleza para os que fogem da horrivel Lisboa acanalhada pelas novas construcções em que mestres de obras e burguezes se dão as mãos n'uma cruzada de mau gosto. O caminho de ferro seria desviado da praia. Pelo leito da actual linha, uma avenida resguardada do lado do mar por uma grade, apenas. deixando vêr o movimento das ondas, todo o largo horisonte. á sombra de arvores copadas, não as palmeiras exoticas, mas essas arvores portuguezas a que os nossos olhos estão habituados, tão lindas no seu rumorejar de folhas leves. Intercalar-se-hia entre ellas o riso dos loureiros-rosas, que viçam n'estes terrenos com pequeno cuidado.

Ninguem poderia construir sobre o mar, a não ser o Casino e o Hotel. Seria para todos a linha da praia doirada, uma avenida partindo de S. João, seguiria as curvas das rochas até á Villa Palmella, em Cascaes, com dois renques d'arvores, passeios para carruagens e peões, poderia ser um *corso* para possiveis batalhas de flores, na primavera, com flores facilmente adquiridas em Cintra.

Na villa Eugenio d'Almeida, construir-se-hia o grande hotel moderno, luxuoso, com escadarias sobre a praia, e mais a poente, apropriar-se-hia a casa Barahona para edificar o palacio do jogo e das festas, o grande Casino, verdadeiramente internacional.



UM ALMOÇO NA PRAIA

A abundancia de agua que, diz-se, vae ser conseguida, permittiria a cultura dos jardins publicos e particulares, que se atapetariam de herva tenra e humida.

Construir-se-hia um bairro commercial, com exigencias artisticas, não permittindo nada que não fosse elegante, excluindo infimas tabernas e lojas pelintras.

Terra de luxo e de elegancia, seria apenas para morada dos ricos e dos artistas!

Era tão facil conseguir tudo isto!

Henrique de Vasconcellos.



VISTA GERAL DE ALJUSTREL

As Minas de Aljustrel

Quem percorre em comboio a planicie ondulada e semi-deserta do baixo Alemtejo, passeia os olhos fatigados na paizagem sem uma surpreza, sem que da extensa terra se desprenda uma nuvem de evocação, uma sombra de passado; é um ermo picado de *montes* (1), singrado de veredas, manchado d'azinhaes; mas, sob esta grande mascara inexpressiva, dissolvem-se, sem que alguem saiba onde, restos barbaros da Luzitania, cidades phenicias, carthaginezas, romanas e arabes.

Um dos conventos juridicos da Luzitania teve a séde em *Pax Julia* (Beja) e abrangia (2) todo o territorio entre o tejo e a raia maritima sul occidental, áquem dos limites orientaes da provincia cuja capital foi a memoravel *Emerita Augusta* (Mérida).

(1) Habitação isolada n'uma elevação de terreno.

(2) Segundo o sr. Estacio da Veiga: *Estudo sobre a tabula de bronze d'Aljustrel.*

Foi, no coração do baixo Alemtejo, onde presentemente raros e deformados vestigios apparecem á flor da terra, que outr'ora existiu o fóco da industria mineira na Luzitania, cuja mina de maior importancia foi a d'Aljustrel. E pouco mais se sabe. Os historiadores são todos omissos ácerca d'esta vasta provincia n'esses periodos remotos, e os poucos estudos que os poderes publicos teem custeado, para que se resolvessem alguns problemas geographicos da historia antiga do continente portuguez, não attingiram esta zona, comquanto seja sabido, pelo que dizem Strabão, Ptolomeu e Plinio, ser ella depositaria de importantissimas riquezas archeologicas.

Particularmente, em escavações para alicerces, em trabalhos agricolas e desaterros casuaes, teem-se descoberto, em algumas freguezias, antigos vestigios de construcções, sepulturas romanas, columnas, vasos, malgas de desenho etrusco e armas de guerra.

A descoberta de sepulturas fez-se ha pouco em Panoias, segundo nos foi asseverado por pessoa muito illustrada que reside em Messejana e que ha muito se dedica a este assumpto. Pela mesma me foi indicada uma ruina bastante vasta, na córte Margarida e córte Margaridinha, proximas da freguezia d'Ervidel, que visitei curiosamente.

O que se vê á superficie nada evoca a profanos e suppômos que nada dirá tambem a technicos: muros regularmente dispostos, de habitações sem duvida, mas tão desmantelados e decrepitos que se vão desfazendo e razando a pouco e pouco com os terrenos circundantes. Seria necessario um grande trabalho de desatterro para pôr a descoberto a *povoação*, cuja área se não póde calcular, mas os resultados seriam decerto dos mais interessantes, porque todas as investigações de tradicção e todos os factos e circumstancias exteriores nos dizem que aquella ruina é completamente desconhecida, não só tradiccionalmente como tambem dos livros e scientistas da especialidade. Este curioso sitio suggere uma serie de interrogações:

Sabemos que é immemorial o estado em que as ruinas se encontram; na tradicção nunca tiveram outro perfil; mas, estaremos em presença d'um arrazamento, cujo entulho se espalhou a fazer parte das terras hoje lavradas, ou existe alli soterrada uma povoação? Dado o primeiro caso, seria uma cheia impetuosa a causa destruidora; — bem proxima corre uma larga ribeira, fartissima, perigosa no inverno — ; seria a guerra, o saque, o incendio? Seria apenas o tempo? Mas então, quantos seculos seriam necessarios para tão grande e moroso trabalho?

No segundo caso: seria um arrastamento colossal de terras, pelas aguas, ou phenomeno geologico problematico, como parecem testemunhar certos terrenos d'esta zona? Com este caracter registo um facto vulgar nos terrenos que circundam Aljustrel, apparentemente banal, de que não obtive explicação, nem sequer menção: em largas fachas de terra encontram-se em grande quantidade pequenos blocos de marmore, soltos, variando no tamanho entre cascalho e ovos de avestruz. Não consta, nem se suppõe da existencia de pedreiras tão ricas nas proximidades, ou mesmo a, relativamente, grandes distancias d'estas terras.



AS MINAS DE ALJUSTREL

Por estes factos e ainda por outros de ordem cosmica que por alli abundam, deprehende-se, sem comtudo se poder aventar uma explicação — fóra dos nossos propositos e conhecimentos — que o baixo Alemtejo foi movimentado e transformado talvez repetidas vezes, em epochas remotissimas, por agentes cosmogonicos que apagaram successivamente a tradicção e monumentos de largos periodos de vida.

A riqueza subterranea

O campo metallifero da antiquissima villa d'Aljustrel occupa duas zonas, apparentemente distinctas, que podem fixar-se a 1:350^{m} para o sul da villa, uma — mina dos Alga-

res; a 1:500^m para ONO., outra — mina de São João do Deserto. Esta, que foi por largo tempo a mais fecunda, é hoje a mina *pobre* e talvez dentro de vinte annos seja senão esteril, pelo menos incompensadora. Ainda melhor dotada em situação foi a dos Algares, que domina do planalto a villa, de dia para dia mais populosa, ridente e habitavel, podendo hoje affirmar-se que não existe no Baixo-Alemtejo outra que a subrepuje em commercio, movimento e vida.

A visão febril de formigueiro que do alto nos offerece a decrepita *Aliustre* dos Romanos, — mascara velha d'uma ruina velhissima —, conjuncto alacre de burgo nascente que diverte e anima, tornando supportavel a habitual monotonia das abertas, escancaradas villas transtaganas, é o dote saudavel exclusivamente dado pela mina, que, como uma poderosa volante, obriga o giro em torno, fazendo os moinhos rodar sem descanço, empurrando os carros no transporte de viveres que não sobejam, accelerando o passo dos piões, imprimindo-lhes viveza e preoccupação nos rostos e attrahindo braços que até d'além da raia accodem á busca de trabalho.

A unica das recentes explorações que excedeu a compensação, produzindo valiosissimos lucros, é a que ora trabalha sob a egide da «Sociedade Anonyma Belga das Minas d'Aljustrel», que por negociações effectuadas com a fallida «Companhia de Mineração Transtagana», adquiriu por quantia exigua os terrenos, apetrechos e contraminas que esta companhia, sem resultados compensadores, havia explorado durante alguns annos, dando-se depois um notavel progresso nos trabalhos e nos lucros, que ultimamente teem excedido a expectativa. A terra avara começou de abrir sem reservas as entrenhas opulentas ao explorador estrangeiro, emquanto o mercado foi progressivamente subindo, para plena prosperidade da Companhia Belga e, valha-nos isso, para esteio do povo mourejante que todo trabalha e vive. Em Aljustrel não ha mendigos.

Quer seja d'esta sociedade ou d'outra companhia, a mina tem sido desde antigos tempos e será, emquanto durar, a providencia d'estes povos.

Fallida a Companhia de Mineração Transtagana, principiou o exodo dos mineiros; o marasmo morno das villas alemtejanas reinou de novo em Aljustrel, por tempos abatida, calada na paizagem extensa, onde se avista um *Monte* de legua a legua, uns sulcos loiros d'estrada, uns azinhaes de longe a longe em largas toalhas de charneca.

Iniciados os trabalhos da nova Sociedade, germinou de novo a febre do movimento e o poderoso incentivo do *metal*, movendo dois mil operarios na ininterrupta faina das picaretas para o arrancar da terra ás centenas de tonelladas, operou a transformação que ora se nota com olhos satisfeitos.

A *aldeia* (bairro operario) occupa presentemente dois terços da villa e tende a prolongar-se. A população cresce e o amor ao trabalho e ao movimento radica-se, nas ruas, outr'ora mortas, onde apenas passava *um ou outro carro* pesadamente na calmaria africana d'esta terra em tempos d'estiagem.

A mina historica

Não ha memoria nem data, inscripta em padrão ou ruina, que nos habilite, com equidade historica, a fixar n'este ou n'aquelle tempo, a fundação da villa d'Aljustrel, nem porque condições de reconhecida vantagem foi, em tempos tão remotos, escolhido para povoado esse ponto do Baixo-Alemtejo, entre o amplexo de dois pequenos cêrros, na situação geographica de 37°,53′ de latitude norte a 59′ de longitude léste do meridiano de Lisboa

Escasseiam, ou melhor, não existem fontes histo-



COSTA DE S. JOÃO, EM 1904 (EXPLORAÇÃO NA DIRECÇÃO OESTE)

ricas d'onde se possa concluir qual foi o povo fundador, e, portanto, a data approximada da fundação.

Os vestigios d'esses antigos habitadores desappareceram completamente e o ne-



POÇO FYBEN, DEPOIS DE ELEVADO O GUINDASTE (DIRECÇÃO NORTE)



POÇO JACOBS, EM S. JOÃO



ESTAÇÃO DO COMBOIO DA MINA, EM S. JOÃO

nhum estimulo que em Portugal se tem dado aos custosos trabalhos archeologicos, determina a absoluta carencia de elementos e a irremediavel perda de riquezas historicas, que, para serem adquiridas, demandariam poderoso incentivo e maior esforço.

O acaso tem sido, em regra, o descobridor das antiguidades archeologicas que possuimos, entre as quaes, algumas pela falta d'estudo das condições em que foram achadas, teem apenas o valor virtual de *antiguidade*, sem de resto representarem elementos d'estudo do povo e tempo a que pertencem. D'esta carencia resultam supposições.

Quanto á tradicção, — documento talvez mais duravel que o sulco em pedra — dilluiu-se tambem na formidavel massa dos tempos decorridos.

Sobre a antiquissima exploração das mi-

nas, não resta, porém, a menor duvida, e é de suppôr que a escolha d'este sitio para povoado obedeceu unicamente á necessidade de alojamento da colonia mineira e não ás suas condições climatericas ou estrategicas, como se poderia prevêr, d'esse tempo feroz de correria e mutua usurpação. Qualquer affirmação, porém, seria ousada, porque esta parte do problema perde-se completamente n'uma antiguidade infixavel e muito para além de todas as supposições racionaes que as fontes historicas nos offerecem.

O estudo archeologico do sr. Estacio da Veiga — o mais *completo* que conhecemos e que decerto existe sobre este abandonado retalho da antiga Luzitania, — pelas noticias de geographos gregos e romanos, pelas distancias apontadas no Itinerario d'Antonino, entre as antigas cidades da Peninsula, e por reducção ás medidas actuaes, applicadas sobre a *Carta Geographica de Portugal* levantada pela Commissão Geodesica do Reino, pretende collocar a cidade dos Aranni de Antonino ou Aranditanos de Plinio, quasi sobre os terrenos hoje occupados pela exploração mineira. Este auctor parece ter feito apenas um trabalho de gabinete sobre este assumpto e deprehende-se d'algumas passagens do seu estudo, que não visitou este campo historico.

A topographia do terreno, porém, é flagrantemente expressiva sobre este ponto do problema; o campo metallifero, como já disse, está situado n'um planalto ligeiramente inclinado do lado sul, mas sempre desabrigado e portanto improprio para local de habitações, o que não succede com as terras em que Aljustrel assenta. É natural que exista um ligeiro erro, quer nas medidas antigas, quer nas cartas modernas (são 140^{m} apenas), e que a cidade dos Aranni coincida com a villa d'Aljustrel.

Suppuzemos, por tempo, que as ruinas da Côrte Margarida em Ervidel, fossem os restos da celebre cidade dos Aranni, e que, estabelecida em Aljustrel, houvesse apenas a colonia mineira estipendiaria dos romanos; consultando, porém, a *Carta Geographica de Portugal,* achámos uma impossibilidade flagrante em tal asserto, tomando por base os dados scientificos e irrefutaveis do sr. Estacio da Veiga.

Os relatores que examinaram as contraminas antigas e restantes trabalhos representados por escoriaes, manifestando alguns haverem sido submettidos ao processo da ustulação, notaram vestigios de largos trabalhos romanos e arabes e ainda outros mais antigos a que chamaram phenicios; resta, porém, saber o fundamento d'esta ultima affirmação.

Mais tarde, um achado importantissimo veiu derramar uma forte claridade n'um dos periodos, decerto o mais intenso, de trabalho n'estas minas; foi a descoberta d'uma tabula de bronze, sobre a qual o auctor que já tantas vezes citamos, escreveu o seu estudo. O texto insculpido é uma magnifica resurreição da vida d'uma colonia mineira: mas as leis d'esses paragraphos teriam sido escriptas para serem observadas n'esta região mineralifera? Eis um outro mysterio. Apesar de faltarem os dados necessarios para incontroversamente se estabelecer uma relação definitiva entre a tabula e o local, o sr. Estacio da Veiga inclina-se a que tabula descoberta foi realmente o codigo da *Metalla Vipascensis* estabelecida em Aljustrel, pela razão de tres condições typicas da região mineira serem conformes com o texto da lei: minas de cobre com percentagem de prata; rochas de chisto (ardosias); e as aguas mineraes de S. João do Deserto.

E de resto, que explicação mais verosimil poderia ter um texto de leis ácerca de minas, achado nas galerias d'uma mina com largos vestigios de exploração do povo que falou e escreveu a lingua do texto?

Esta tabula é a terceira de uma serie, como se deprehende do texto, e sabemos que ha pouco tempo appareceu outra, que não pudemos ver nem obter indicação sobre a sequencia apontada, o que seria curioso verificar.

A caracteristica predominante da lei insculpida na tabula é o monopolio de todas as industrias praticadas na colonia mineira, com as penas expressas e pesadas para as transgressões; d'aqui, o imposto sobre tudo, excepto áquelles que ministrassem a instrucção. O soberbo povo oppressor, em duas linhas, no mais pequeno paragrapho do texto, assignalava a grandeza do seu genio, libertando de todo o obstaculo a luz do pensamento.

Da exploração arabe nenhuns vestigios se encontraram, ou não os souberam distinguir, mas o facto é indiscutivel e a prova é patente no longo documento doatorio que



CONSTRUINDO A REPRESA

Sancho II fez á Ordem de S. Thiago, onde concede aos denodados freires o castello, com largos limites: *cum montibus et fontibus et pascius et ferrariis et pascariis*, mas reservando para seu directo dominio as minas e os banhos, o que prova a transacta exploração e proveito; d'estas propriedades cede D. Sancho aos ditos freires apenas a decima do rendimento.

Perto da mina de S. João existe presentemente uma capella e um estabelecimento balnear onde são utilizadas as aguas, que desde tempos immemoriaes teem feito e continuam a fazer verdadeiros milagres (as mesmas a que se refere o documento doatorio).

A primitiva capella onde brotavam as nascentes e onde se julga ter havido um balneario romano, utilizado depois pelos arabes, desappareceu na sequencia dos trabalhos d'esta mina, que usando em grande parte o processo da córta — ao ar livre, — precisou demolir para ampliar o campo mineral.

Estas celebres aguas de S. João do Deserto, tendo um tão longo passado e uma não menos longa historia de beneficios para todas as molestias cutaneas, como depuradora e reconstituinte, tem sobrevivido, como todas as cousas essencialmente boas, apenas na tradicção; a sua virtude tem vindo accesa de bocca em bocca na gratidão d'aquelles cujas chagas sararam, cujas lepras fugiram ante o poder da milagrosa lavagem. Muitos medicos as conhecem e receitam, muitas analyses se fizeram dentro e fóra de Portugal, dizendo-as as mais arsenicaes do mundo; apesar de tudo, o publico não sabe da existencia d'ellas; apenas os povos do baixo Alemtejo sabem e contam convictamente que existem em S. João do Deserto umas aguas milagrosas cujos resultados teem observado.

Uma analyse do dr. Agostinho Vicente Lourenço, diz: Esta agua é uma dissolução dos elementos que formam uma pyrite de ferro cuprica, os quaes se tornam soluveis por occidação. Dá reacção muito acida aos papeis reagentes e 1:000 gr. deixam 7,15 gr. de residuo solido, formado principalmente de sulfato de protoxido de ferro, sulfato de cobre, chlororuretos alcalinos, sulfatos de cal, magnesia, alumina e zinco, silica e bastante arsenico, que attinge 0,00169 gr. por mil partes.

A Villa e a Aldeia

O baixo Alemtejo é em regra arido, monotono e ingrato á vista. É necessario vel-o muito *de perto* e attentamente para amar e comprehender essa vastidão de horizonte que fatiga.

Constituido por terrenos argilosos, de pequenas elevações, de exiguas mattas, apresenta no verão, depois das ceifas, um aspecto torrido e hostil que deprime e assombra. A terra arregoada abre gargantas sequiosas, damnadas, n'um anceio que provoca a sêde a quem as vê. Após as primeiras chuvas, porém, no principio da faina da charrua, começam os céos a vestir d'azul profundo e limpido, os campos a trajar o verde sadio das messes em relvagem, e a terra a fechar-se, a concentrar-se na proxima eclosão dos trigos, toda lavada d'um ar sem pó que alegra e tonifica. Mas, esse impiedoso perfil de terra desabrigada, baixa, silenciosa, porque os ruidos como que se evaporam, não abandona a paysagem que continúa a desenrolar-se, esmeraldina, a perder de vista, a provocar desejos de jornada para muito longe, onde não chegue o silencio, a severidade da charneca.

E em meio d'estes campos, na encosta d'um cêrro, que Aljustrel assenta, debruçada sobre o valle, lêsa, caduca, lembrando uma monstruosa velha paramentada de ruinas sobre ruinas. Não se imagine qualquer coisa de historico, de bello ou evocador n'estas

ruinas; o termo pretende dar apenas o ar de velhice pobre que tem a villa; seis a oito ruas principaes formando triangulos irregulares, ladeadas de casas baixas cujas paredes de taipa accusam a irreverencia dos invernos. Aqui, não entram as habitações dos que teem ferregiaes e rendimentos, essas teem a altura e cubagem necessarias á vida e á hygiene, mas occupam duas ruas apenas.

A *aldeia* (não sei porque motivo assim denominavam o bairro operario), estende-se para o sul da villa antiga em seis longas *bichas,* algo sinuosas, que são outras tantas filas de casas, eguaes, pequenas, apertadas, como que amparando-se na sua mutua fraqueza de *gente pobre;* egual numero de ruas parallelas de piso negro de saibro. As casas maiores terão 7^m de frente por seis de fundo; as mais pequenas 4,3 de frente.

As pequenas construcções de que venho falando obedecem todas á regra de terem duas portas *vis-à-vis:* uma para a rua, outra para o *quintal;* sempre abertas, determinam uma corrente d'ar constante, que sendo nociva para os melindrosos de resfriamentos, é por seu turno uma lavagem hyhygienica para os exiguos cubiculos, onde ás vezes dormem quatro e cinco pessoas, tendo a casa dois quartos. As febres espreitam-nos ás vezes, para não dizer sempre, do *quintal.* N'esta dependencia da vivenda operaria nada existe que legitíme o nome alegre e fresco de quintal; ha, quando ha, uma arvore doente, amarellada, pedindo lareira para acabar por uma vez com a sêde maldita que de pequena a devora. Escusam-se mais indiscripções para comprehender porque as febres habitam no quintal. Finalmente, estas casas, com duas portas e *quintal,* não teem uma unica janella.

E alli, onde parece viver a morte e alimentar-se a fome, alimentam-se e vivem centenas de familias, n'um relativo bem estar, que transparece nos rostos das mulheres, ás portas, umas amamentando carinhosamente os filhitos, outras cosendo, palestrando, descompondo... e vivem! A morte não leva a melhor á vida; as suas forças d'ellas equilibram-se.

Passada a calma extenuante que paralisa grande parte do movimento da *terra,* os aspectos da vida suavisam-se e apparecem as lendas, os quadros, as novellas.

O Alemtejo tem poentes admiraveis, acima de toda a descripção, e a essa hora magica a paizagem transforma-se: rude, á hora da calma, é á tarde enternecida. As fontes, ou melhor, os poços profundos que fornecem agua potavel, regorgitam de mulheres, formosissimas algumas, que, debruçadas sobre o abysmo d'uma fonte que brota a 15^m e 20^m de profundidade, executam o trabalho fatigante de arriar e içar quarenta vezes um caldeirão, para encher ás gôtas as malgas esbeltas, que lembram vasos antigos. Chamei-as formosissimas porque na verdade o singular encanto d'essas mulheres plebeas, quasi todas maltratadas, é extremamente notavel e parece sobreviver ás mais fortes intemperies. Não são bellezas que impressionem toda a gente. Os traços que as constituem devem ferir sobre tudo as retinas instinctivas dos artistas pintores.

De estaturas um pouco acima do normal, são todavia d'um grande equilibrio de fórmas; a altura não lhes prejudica a elegancia facil dos movimentos, onde parecem reviver antigos germens de raças heroicas e soberanas. Mas é principalmente no rosto que a caracteristica do seu encanto d'ellas reside, e esse encanto, me parece, está na grave serenidade do desenho, onde se busca em vão um traço que possa pertencer á vulgaridade das caras bonitinhas. São d'estes rostos cuja seriedade evoca a resignação intima d'uma angustia incuravel e que precisam sorrir para que se lhes vejam as lagrimas.



OUTROS ASPECTOS DA REPRESA

(Continúa.)

João Gouveia.

Nas terras dos Açores



VISTA GERAL DO VALLE DAS FURNAS

O VALLE DAS FURNAS

O *touriste* portuguez, por um pedantismo deprimente, quando se abalança a ir visitar terras desconhecidas e receber impressões novas, faz as malas, installa-se commodamente no *sud-express*, e vae... até Paris!

E ali, os theatros, as ceias, as mulheres, as carruagens, levam ao elegante que, em Portugal, nunca passára de Cintra, ou ao burguez que largos annos consumiu seus ocios pelos jardins e tabacarias de Lisboa, tres vezes mais dinheiro do que o necessario para percorrer demoradamente toda a bella paisagem do norte portuguez, para uma digressão ás terras encantadoras dos Açôres.

Para ir a Paris, ha até quem gaste annos a fazer economias; no emtanto, pelo atordoamento do brilho, do fausto, da luz, do ruido, de toda a vida agitada, tumultuosa, da cidade do prazer — o espirito do forasteiro volta á pacatez do seu burgo e do seu lar, no mesmo comboio rapido que devora leguas, e só lhe deixa vêr a paisagem com a verdade com que se percebe a côr d'uma ave que vôa célere, trazendo de quanto viu uma idéa vaga, confusa, como dum sonho lindo de que, ao despertar, já mal nos recordamos!

Com raras excepções, se perguntarem ao nosso *touriste* pelo que ha de bello na natureza, em Portugal, elle não irá além dos arredores de Lisboa — Estoris, Cintra... Cabo Ruivo e Outra Banda!

Mesmo o excursionista emotivo, aquelle que, numa ancia de belleza rustica, vae até

á Escossia namorar seus lagos; percorre detidamente e encantadamente os cantões suissos e os claros campos da Hollanda; observa com religiosidade, numa evocação mistica, as montanhas e os valles da Terra Santa; passa por entre os sugestivos restos da grandeza da India, e chega a penetrar nas florestas prodigiosas do Brasil — esse mesmo, quasi sempre ignora que tem



CALDEIRAS — ASPECTO GERAL

ali, nos Açôres, verdadeiras maravilhas de belleza natural.

Eu estou certo, mesmo, de que, entre dez inglezes e dez portuguezes que fazem do amor pelas viagens uma especie de profissão ou de culto, cinco dos primeiros saberão dizer-vos que difficilmente, por toda a terra que correram, como romeiros da belleza, encontraram seus olhos maior deslumbramento de paisagem, panoramas de mais encanto, do que nas terras dos Açôres; emquanto que nem um só dos segundos terá visto, mesmo de longe, o esfumado contorno duma das ilhas do archipelago.

Quem quizer, por exemplo, uma informação de quanto vale S. Miguel, na grandeza deslumbradora da sua paisagem, não o indague do senhor Marquez de Franco nem do senhor Ramalho Ortigão — mas vá perguntá-lo ao Principe de Monaco, ao director do *New York Herald*, ao principe de Battemberg, a Leopoldo da Belgica, ao duque dos Abbruzos, a muitos mais estrangeiros illustres, e ainda a Sua Majestade a Rainha D. Amelia, que, ao chegar ao alto das cumieiras das Sete Cidades, quando em 1901 os reis de Portugal visitaram os Açôres, se voltou para os jornalistas que faziam parte da comitiva, e lhes disse, apontando para o grandioso quadro que a seus olhos se desenrolava:

— Descrevam os senhores isto, se são capazes!

E, na realidade, não pode descrever-se. Um poeta da minha terra, de S. Miguel, para dizer o que é a impressão que se sente ao deparar-se com as Sete Cidades,

costumava empregar a seguinte sugestiva imagem:

— Imagine você que a mais perversa das creaturas, incendida num odio mortal, galgava desvairadamente a serra, de punhal em punho, para matar, vingar-se do seu maior inimigo. Pois esse bandido, se nunca tivesse visto as Sete Cidades, ao chegar ao alto das cumieiras esqueceria todo o seu odio, e, num deslumbramento, deixaria cahir da mão o punhal, prestes a tingir-se em sangue.

Na realidade, só com uma imagem destas, que nada nos mostra, mas que tudo nos diz, consegue dar-se uma idéa da impressão grandiosa que póde causar um quadro similhante.

Mas ha mais, muitos mais.



BANHOS PARTICULARES



UM TRÊCHO DA REGIÃO DAS CALDEIRAS

Do alto da ilha do Pico se descortina um dos mais phantasticos — quasi todo o archipelago a nossos pés, semeado entre as aguas azues do Atlantico.

E cada ilha apresenta os seus, diversos sempre e sempre surprehendentes.

Não me permittindo, porém, a particularidade desta descripção, nem o espaço de que nos *Serões* poderei dispôr, fazer um resumo, ligeiro que fôsse, das principaes bellezas que as nove ilhas encerram, é simplesmente do Valle das Furnas, em S. Miguel, que vou fallar agora — certo de que vou dizer da mais linda therma de Portugal, dum dos mais lindos recantos de toda a Europa.

* * *

O caminho de ferro, já de ha largos annos no ról das grandes aspirações dos michaelenses, parece, comtudo, não passar duma utopia.

Não vem para aqui o estudo das vantagens ou desvantagens que a exploração de alguns troços de linha ferrea, ligando os principaes pontos da ilha com a sua capital, e, consequentemente, com o seu bello e movimentado porto artificial, daria ao Estado ou á companhia que a tal empresa se abalançasse; o certo é que, para os muitos viajantes que aportam a Ponta Delgada, vindos das duas Americas ou dos portos do Mediterraneo, em magnificos transatlanticos que se demoram apenas seis ou oito horas — para refrescar ou tomar passageiros — o estabelecimento do caminho de ferro seria de grande commodidade, permittindo-lhes, pela rapidez das viagens, vêr, nesse pouco tempo, os pontos mais distantes e bellos da ilha, as Furnas, por exemplo, que demoram

a umas nove leguas, approximadamente da capital da ilha.

Pelo meio de locomoção existente — carruagens tiradas a muares — essas seis ou oito horas mal bastam para a fatigante viagem, quanto mais para vêr ainda o Valle das Furnas!

Pouco se me dando que me alcunhem de retrogrado, ainda assim eu prefiro essas viagens, na moderada rapidez do trem, que nos deixa demorar os olhos no encanto da paisagem, que nos consente corresponder ás saudações dos camponezes, e que, nas subidas, junto a alguma aldeia, nos proporciona esse interessante espectaculo de dezenas de creanças seguindo a carruagem, numa gritaria ensurdecedora, pedindo que lhes atiremos dinheiro.

Como é sabido esse costume, o viajante previne-se previamente de moedas de cinco réis, que atira para o ar e vão cahir por sobre a pequenada. Ha então luctas, roubos, trambulhões, uma confusão infernal, na ancia de apanhar mais moedas! E o cocheiro já sabe: emquanto as creanças se degladiam, faz andar mais depressa a carruagem, que ellas procuram depois alcançar á desfilada, fazendo repetir novamente a scena, lá mais em cima.

E só ha meio de nos vermos livres dêsse bando duma impertinencia divertida, quando, galgada a subida, as muares tomam folego e partem a trote rasgado na estrada plana.

Que querem? Prefiro tudo isto. Que para espantar a ignorancia e a dôce simplicidade daquelles aldeãos, bem basta já que algum automovel passe por elles, envolto em poeira, tresandando a gazolina e fazendo roncar a sua buzina de alarme...

* * *

A viagem de Ponta Delgada para as Furnas, faz-se por dois caminhos: o do norte e o do sul.

O amador de paisagens imprevistas — uma curva de estrada que se dobra, e logo um quadro deslumbrante a surprehendê-lo — prefere o primeiro delles.

Pelo norte, pois!

Como quasi todo o solo michaelense é riquissimo em vegetação — mercê das muitas aguas que o cortam em todas as direcções, transformadas em ribeiras — o olhar, distrahido agradavelmente, não deixa que o espirito se canse nas longas horas de marcha, e, por isso mesmo, mal se chega a perceber o cansaço phisico, produzido pelos solavancos da carruagem.

Seguindo este caminho pelo interior da ilha, raro nos approximamos do mar, que de vez em vez avistamos ao longe, desfazendo-se em branca espuma junto á costa e alastrando-se em azul até ao horisonte longinquo.

Vamos, pois, passando por densas mattas, pomares virentes, frondosos valles onde correm claros ribeiros, povoados risonhos, campos largos de sementeira, pastagens por onde o gado se espalha, sadio e farto. Somos chegados, emfim, ás Pedras do Gallego, a essa ingreme encosta que conduz lá abaixo, ao fundo do valle maravilhoso.

Do alto das Pedras o espectaculo assombra. A quem já o víra, renova-se-lhe o encanto; quem pela vez primeira o defronta, sente um deslumbramento.

No silencio enorme da natureza, quebrado apenas, espaçadamente, por um assobio de zagal, ou pelo ladrar longinquo dum cão de guarda, o canto unisono das aves, que ascende do arvoredo do valle, é sómente um emballador murmurio do sonho.

Pelas encostas, talhadas quasi a prumo, e por toda a rasura do valle, a flora é duma exuberancia verdadeiramente tropical. E de entre o aglomerado da vegetação verde-negra, surgem, disseminadas, a espreitar, casitas brancas e humildes, e, raro, alguns *chalets* com pretenções architectonicas.

Percebem-se os contornos e arruamentos dos jardins; nos intervallos do arvoredo fulge ao sol o cristal das aguas correntes; e a pôr na suavissima doçura da contemplação, perfumada com o halito de todas as plantas e de todas as flores, uma nota impressionante de terror, ergue-se em columnas espessas o fumo das caldeiras — dessas cavernas do profundo inferno — na phrase pinturesca do historiador Cordeiro.

* * *

Aquella continuação de serras, a léste da ilha de S. Miguel, soffreu, antigamente, varias erupções vulcanicas. Não ha duvida de

que foi uma dellas que originou a formação do valle das Furnas — cratera enorme dum vulcão ainda bem flagrante nessas pequenas bôcas rugidoras, que arremessam para o alto lodo e agua fervente.

A mais notavel destas crateras em miniatura, é a que dá pelo nome de Pedro Botelho, cuja agua lodosa, expellida violentamente, e cujo rugido cavo, que faz estremecer o chão, infundem tal pavor que não permitte a ninguem o demorar-se muito junto della.

As caldeiras ficam a pequena distancia umas das outras. Em toda a area que ellas occupam, sente-se o calor do chão que pisâmos, pois que a temperatura das suas aguas attinge 96° centigrados, assim como o solo, a pequena profundidade.

CHALET DA FAMILIA CANTO





CAPELLA DA FAMILIA CANTO

Os quentes ribeiros, formados pelas aguas das caldeiras, encontram-se com outros frios, de vária proveniencia; e, a distancia, formando uma só ribeira, que vae desaguar no mar do sul, a sua temperatura ainda é tal que deu o nome de Ribeira Quente á pequena povoação maritima onde tem seu termo.

Num grande e bem montado estabelecimento publico de banhos se utilisam as aguas quentes e frias dessas nascentes, que, com varias e magnificas propriedades therapeuticas, têm produzido innumeras curas, algumas das quaes são consideradas maravilhosas.

De toda a ilha, de todas as outras ilhas, doentes se encaminham para as Furnas, alguns mesmo a quem a medicina tem desenganado, e fazem-n'o com uma fé absoluta,

com aquella cega crença de certos fanaticos doentes, que beijam, mal o pizam, o chão de Lourdes, sentindo que de novo a saude volta a seus enfermos corpos.

As Furnas têm bellas aguas — algumas nascentes a que o vulgo attribue propriedades mais ou menos reaes, como as da

ou vivendas mais ou menos apropriadas ás condições duma casa de verão.

Realmente, nenhum local, como as Furnas, reune tão excellentes qualidades para uma estação de veraneantes, porque alliam á maravilha dos seus panoramas as delicias duma temperatura que não excede 36 graus,



ESTABELECIMENTO PUBLICO DE BANHOS

agua ferrea e *agua azeda*, para a cura de doenças de estomago e para despertar o apetite.

É tambem nas Furnas que tem origem a nascente da agua da Serra do Trigo — excellente agua de mesa que tem largo consumo local e de exportação.

Para fazer uso das aguas das Furnas, todos os verões para lá segue uma leva de doentes do hospital de Ponta Delgada — tristes veraneantes para quem não têm sorrisos as bellezas do valle.

Nos mezes de calor, quando a população chic e endinheirada da cidade emigra para os campos, á procura de sombra e ar, são as Furnas a sua estação predilecta.

Ali, no unico hotel, e por casitas alugadas, se installam os veraneantes, excepto os raros privilegiados que possuem bons *chalets,*

consentindo assim, quando o sol morde a prumo a terra fumegante, que se respire livremente, se góse a frescura duma dulcissima primavera.

*
* *

O que as Furnas têm de mais notavel são os seus jardins. Quando se entra em qualquer delles, quando nos embrenhamos no silencio e na sombra das suas ruas, sente-se alguma coisa de sobrenatural, na majestade do arvoredo cerrado, no perfume estonteante do ar, no murmurio das aguas correntes...

Numa polycromia de encantar, o chão está coberto de flores, que o jardineiro dispõe em lindos canteiros, ou que brotam espontaneamente por toda a parte. Caraman-



PALACETE E PARQUE DO MARQUEZ DA PRAIA

chões. grutas, lagos, aleas floridas — ha ali de tudo quanto a arte humana soube reunir áquella natureza, milhões de vezes mais artista.

E os donos dos jardins não são egoistas: elles estão constantemente abertos á curiosidade do visitante ou aos folguedos da colonia de verão, que todos os dias vae, á sombra consoladora das suas arvores, distrahir-se em passeios, em leituras, em jogos, em conversas — muitas vezes em *flirts* deliciosos, a que o aroma, a seiva, a belleza e o silencio religioso, onde aves e aguas põem dolentes notas de ballada, emprestam uma excitação romantica, capaz de crear paixões medievicas.

A mais rica habitação campestre das Furnas, é a que pertence ao sr. Marquez da Praia e de Monforte — um verdadeiro palacete, onde, ao visitarem o valle, foram hospedados os reis de Portugal.

Fica dentro do seu formoso parque, que se diria dos mais bellos, se entre a belleza de todos elles pudessem existir rivalidades.

Não procurem nas Furnas construcções artisticas. Diriam ellas á maravilha com a formosura esplendente da paisagem; mas o espirito dos endinheirados açorianos, attreito apenas ás commodidades materiaes, não creou ainda o habito de interessar-se por questões de bom gosto

Não ha nada que se assemelhe ás bellas vivendas que tanto abundam em Cintra. em Cascaes, nos Estoris. E quasi tudo simples, pobre, banal.

Extranha este facto o visitante que já tem percorrido as praias e thermas portuguêsas e estrangeiras; mas recebe ali, por isso mesmo, uma impressão nova, original, não tendo que prender o surpreso olhar mais do que no grandioso, prodigioso quadro da natureza.

Nem Cintra, nem Estoris, possuem belleza natural comparavel á das Furnas. Tem-n'a, todavia, nas primorosas habitações que o bom gosto e o dinheiro fizeram ali erguer. É assim que, ao visitar esses logares, mais do que no encanto da paisagem, os olhos se nos prendem no primor architectonico das casas, duma elegancia, duma riqueza de fazer inveja.

Nas Furnas, não, não ha invejas de ninguem. Quanto ali existe de grande e de bello, sente-se que é nosso, são de nós todos aquelles jardins, aquellas ribeiras, aquellas arvores, aquellas flores, aquellas montanhas — todas as maravilhas de que um novo Deus dir-se-hia ter feito um novo Eden!

* * *

Os passeios predilectos dos forasteiros, são muitos. Quando não é no baixo valle, pelos jardins, ás caldeiras, pelas estradas



FURNAS — UM CHALET

floridas e frondejantes, é para os altos, a descortinar panoramas, sempre novos e sempre surprehendentes de bellesa.

Dos melhores, porém, é o que se faz á lagôa das Furnas, no alto e a meia legua de distancia do valle.

A lagôa é enorme e profunda, e as suas margens revestidas duma vegetação riquissima.

Alguns *chalets* se debruçam sobre ella; e, mesmo á sua beira, lambida, ás vezes, pelas aguas, na epocha das enchentes, se ergue a linda capella da familia Canto, pondo uma impressiva, flagrante nota de pura arte italiana, no meio da grandeza rude que a cérca.

Ao fundo da elegante capella estende-se um bello parque, onde a espessa vegetação mal deixa penetrar um raio de sol. E' neste parque que existe o *Valle dos Fétos* — fétos enormes que uma natureza tropical ali fez nascer, para espanto dos botanicos.

E é assim, em digressões pelos montes, vagueiando pelos jardins do valle, passeiando em barcos nos seus lagos encantadores, e á noite nos saraus da assembléa, que passam o tempo os veraneantes das Furnas. Remoçam os velhos na alegria da mocidade e na seiva nova que seus corpos avigora; aquelles ares e aquellas aguas põem vigores estranhos em corpos gastos pelas doenças; e o perfume, a majestade, a bellesa de todo o valle, enche de sonho o coração da mocidade, na phantastica evocação dum conto das *Mil e uma noites*...



LAGO NO PARQUE DO MARQUEZ DA PRAIA

* * *

E agora, a caminho da capital, pela estrada do sul.

Emquanto a carruagem vae subindo vagarosamente a encosta, os olhos do *touriste*, muito embora já bastante acostumados á contemplação do panorama, fitam-n'o irresistivelmente, em todos os seus aspectos, nas suas variadas *nuances*, em todas as suas minudencias, de surpresa em surpresa, de

encanto em encanto — parecendo quererem levar bem impressa na retina, para todo o sempre, a bellesa que tanto os deleitára, e que lá fica ignorada no fundo, apertada na cadeia das cumiadas — abraço gigantesco de montanhas a prender amorosamente a formosura peregrina das Furnas.

A estrada segue, accidentada e sempre pinturesca. Passa numa das margens da Lagôa; e depois, sempre á beira mar, por entre montanhas e arvoredos, transpondo ribeiras, passando por villas e povoados, chega-se ao cabo de seis horas a Ponta Delgada.

O corpo vem cançado, é certo; mas o espirito traz comsigo uma destas impressões que nunca mais se esquecem — a impressão da prodigiosa bellesa dêsse tão ignorado e tão bello rincão das terras dos Açôres.

Lisboa — Setembro de 1907.

Raposo de Oliveira.



Confidencia

A SENHORA DA PENEDA

Como tive conhecimento da sua existencia e formei a tenção de visital-a — Primeiras impressões

A ama que me creou, precioso exemplar da raça de bons creados que ha muito se extinguiu, por tal modo se affeiçoou á minha familia que se conservou durante annos na nossa casa; e mais tarde, já velhinha e cega, ainda quiz ver-me, com os olhos d'alma.

Na minha infancia deleitava-me a ouvir-lhe as historias que ella contava, contos singellos e inverosimeis com que se entretinham as creanças do meu tempo.

Foi ella que me narrou a lenda da apparição da Senhora da Peneda, a imagem de maior devoção que existe no Minho, e com tal enthusiasmo me pintou as magnificencias do sanctuario e as bellezas do local, que desde logo eu senti um desejo ardente de ir contemplar aquella maravilha, resolvido a fazel-o quando chegasse a ser homem.

Esta ideia nunca me sahiu do pensamento, mas só muito tarde logrei satisfazer os meus desejos; e confesso que a minha desillusão foi completa, porque o sanctuario está muito longe de ser um monumento de arte como eu o imaginava.

E nem ali se realisam festas pomposas ou solemnidades religiosas que estejam em harmonia com a numerosa concorrencia dos romeiros e o avultado rendimento do mosteiro.

As despesas do culto, pagas pelo sanctuario, resumem-se, segundo eu vi e me affirmaram, na sustentação de um capellão e sacristão, aos quaes incumbe a guarda do templo e suas dependencias.

E todavia durante o tempo que dura a romagem, que é seguramente um mez, quasi todos os dias se resam muitas missas, ha constantes repiques de sinos e estrugem nos ares numerosos foguetes. A miudo apparecem os amortalhados, creanças, na maior parte, e alguns adultos que parecem mascarados.

Algumas vezes veem até fingidos defunctos, dentro de esquifes, seguidos de musica, entrando na egreja com esse acompanhamento.

Ali param para ouvirem um sermão, oração pathetica que tem por thema forçado a morte, e a intervenção da milagrosa imagem.

Observar este formigueiro humano, este vae-vem constante de homens, mulheres e creanças que de differentes e distantes terras aqui veem trazer as suas offerendas á Virgem, arrostando as agruras de uma jornada difficilima, atravez de sendas escabrosas, é isto o que se póde dizer uma maravilha.

Tirem do coração do nosso bom povo as crenças religiosas, substituam-nas pelas lições do positivismo, e verão como se propagam as seitas perigosissimas, que estão intimidando as nações mais florescentes.

A lenda da apparição

Em uma manhã de primavera fria e humida, uma pastorinha apascentava o seu rebanho de ovelhas e cabras no alto do monte a que hoje chamam Miradouro.

A neblina tornou-se tão densa que a pobre rapariga perdeu de vista todas as suas rêzes e até o seu companheiro inseparavel, um cão que dava pelo nome de *Fiel*.

Afflicta, corria ao acaso, mas parou de subito ao vêr diante de si, cercada de um clarão que a deslumbrou, uma mulher formosissima, toda vestida de branco, e de um olhar encantador.

«Não tenhas mêdo» — disse-lhe em voz suavissima, aquelle ente sobrenatural.

«Achei em ti a innocencia e em teus paes



O RIO LIMA EM BRITELLO



POVOAÇÃO DE ERMÊLO E RIO LIMA

um coração bem formado. Dir-lhe-has que ficaes debaixo da minha protecção, e a abundancia entrará em vossa casa, se elles conseguirem levantar uma ermida á pequena imagem de Nossa Senhora que acolá está.»

E fallando assim arremessou uma varinha que trazia na mão, a qual, fendendo os ares como um meteóro, foi cahir perto do local onde mais tarde foi edificado o sanctuario.

A pastorinha, voltando a casa, contou o que lhe havia succedido, e os paes foram com ella no dia seguinte, para verem o sitio que a filha lhes mostrou, e pensarem como haviam de cumprir a ordem do céo.

Tal foi a origem do sanctuario, conforme a tradição popular.

Os romeiros encontram no alto do Miradouro uma cruz de granito, que marca o sitio em que a Virgem appareceu á pastorinha.

D'ali se avistam todas as edificações e os devotos acreditam que serão attendidas as supplicas que fizerem, no seu regresso da romaria, juncto da cruz.

O local das edificações
—As obras feitas e as administrações passadas

Quasi todos os templos ou ermidas que teem nomeada estão collocados em colinas que se avistam ao longe.

Não é facil de atinar com o motivo que levou os fundadores da Senhora da Peneda a seguirem uma orientação diversa.

O templo está junto de uma rocha altissima que se viesse a deslocar-se, por effeito de um tremor de terra, sepultaria todos os edificios com os seus escombros.

Do lado N. não póde ver-se, senão de muito perto.



O RIO LIMA EM ERMÊLO

Pertencendo pela divisão administrativa ao concelho dos Arcos de Valle de Vez fica a 3o kilometros d'aquella villa.

É pois caso para admirar como se levaram a cabo obras, relativamente importantes, em um local quasi deserto, a tal distancia da villa, e privadas as administrações de todas as commodidades.

O sanctuario compõe-se de uma escadaria com espaçoso portico que dá ingresso a uma rotunda em torno da qual estão seis capel-

las. Continúa a escadaria, interrompida por patamares, tendo aos lados mais dez capellas.

Em seguida um comprido terreiro no qua se armam as tendas e se faz o mercado diario. Ali construiram um enorme casarão, reservado para albergue dos romeiros — impropriamente chamado quartel.

Adiante novas escadas com varandins e diversas estatuas de granito.

Por ultimo a egreja que é espaçosa e de uma só nave, com a capella mór, e quatro altares lateraes.

Tem torre, com quatro sinos, está limpa e aceiada, não sendo notavel a parte exterior, nem a ornamentação interior.



RIBEIRA NO CAMINHO DO SUAJO



PELOURINHO DA VILLA DE SUAJO



UMA CASA DO SUAJO

A imagem da Senhora da Peneda, ponto principal da attracção de tantas e tão singulares devoções, é pequenissima e obra, com certeza, de esculptor muito vulgar.

Ignoro a data em que se deu começo a estas edificações, mas presumo que fosse no seculo XVII. É provavel que nos primeiros tempos houvesse um extraordinario fervor religioso, um verdadeiro enthusiasmo, porque só assim se poderiam realisar obras de tal magnitude em local tão falho de recursos.

A este enthusiasmo succedeu uma época de desalento que deu logar a que todas as construcções ameaçassem ruina, como o attesta a inscripção gravada na alta columna que se encontra no centro da rotunda, a qual diz assim:

=«Sendo Pontifice Pio VI, reinando em Portugal D. Maria I e regendo a egreja bracharense D. Gaspar, os administradores deste sanctuario, *depois de restaurarem as suas ruinas* pozeram esta pedra para monumento do seu zêlo. Era de 1787» =

É de crer que foi aquella meza, altamente celebrada, que levou a cabo as obras mais importantes.

Pode-se presumir tambem que passados tempos vieram outros mezarios, completamente relaxados, senão pouco escrupulosos

que enveredaram por caminho differente da administração de 1787.

Isto mesmo se deprehende de um alvará que eu vi afixado em uma das portas da casa dos milagres, em 1883, cujo original deve existir no archivo do governo civil de Vianna, e se resumia no seguinte:

«Constando que a meza administradora tem praticado actos menos regulares, hei por bem dissolvel-a, nomeando uma commissão provisoria, composta de cavalheiros respeitaveis, a fim de que os devotos possam ter a segurança de que as suas esmolas serão de futuro devidamente applicadas.»



UMA RUA DO SUAJO



MONTES DO SUAJO

O procedimento da auctoridade confirmou o que então corria de bôca em bôca — que alguns abbades das freguezias limitrophes haviam adquirido quintas rendosas á sombra da milagrosa imagem.

Terão sido mais honestas as administrações subsequentes?

Terá sido devidamente applicada a somma das esmolas que os milhares de romeiros ali vão levar todos os annos, a troco de enormes sacrificios, unicamente amparados pela sua fé inquebrantavel?

Voltei de novo áquelle sanctuario ha um mez, decorridos 23 annos depois da minha primeira visita, e não encontrei obra alguma em que se possa ter applicado a somma relativamente avultada das esmolas recolhidas.

Eu não sei ao certo a quanto ascende aquelle rendimento, mas vi que ha dias de 300$000 réis, 500$000 reis e até de 1:000$000 réis.

Perdão. Não quero furtar-me ao dever de confessar que de passagem na villa dos Arcos, deparei com uma taboleta que tem a legenda — *Asylo dos entrevados de N. S. da Penêda.*

Deve-se presumir pois que os ultimos administradores, com a approvação da auctoridade respectiva, resolveram applicar o rendimento do real sanctuario ecclesiastico, em beneficio dos entrevados pobres da Penêda, dos invalidos que habitam n'aquellas immediações.

E tantos serão elles?

E não haveria applicação mais rasoavel, mais em harmonia com os interesses do san-



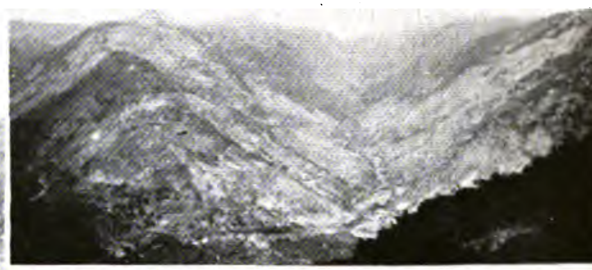
PENEDIAS NO CAMINHO
DO SENHOR DA PAZ DO MUNDO

ctuario e mais conveniente ou proveitosa aos milhares de romeiros que o frequentam?

Eu julgo que, se estes ultimos fossem consultados, diriam *una voce* que o emprego

mais sensato seria a immediata construcção d'uma estrada de rodagem, que possa tornar mais facil o accesso áquella remota paragem.

D'esta obra, que todos reclamam, resultaria sem duvida um notavel accrescimo no seu rendimento, aproveitando egualmente aos povos que habitam aquellas montanhas e que nas condições actuaes se pódem considerar condemnados a perpetuo desterro.



A SENHORA DA PENEDA, DO CIMO DO MIRADOURO



DESCIDA DO MIRADOURO



MONTES SOBRANCEIROS AO RIO TIBO

Caminhos diversos — Mais commodo é o de Melgaço, mais frequentado o da Barca

Para ir á Peneda póde-se escolher o caminho segundo o gosto ou os recursos.

O mais commodo, com certeza, é aproveitarmo-nos da via ferrea até Valença, fretar um carro até Melgaço e fazer o resto do percurso a pé ou a cavallo. D'esta forma é mais curta a travessia nas montanhas, e não é preciso affrontar os fortes declives que se encontram do outro lado. Seguindo esta direcção, visitamos uma região pobrissima, que constitue uma novidade para quem nunca sahiu do centro da mimosa provincia do Minho. N'aquelle tracto de terreno, que não é pequeno, não se cultiva o milho nem qualquer outra arvore fructifera, não se vê o pinheiro nem o carvalho, apenas ali vegeta o vidoeiro (betula alba), que fornece a madeira indispensavel para a construcção das casas e utensilios de lavoura, e a giesta que dá lenha e cama para o gado.

A alimentação do povo reduz-se a leite, batatas, pão negro de centeio e carne de porco ou gado caprino.

A neve é ali constante durante todo o inverno.

Seguindo esta direcção a jornada fica mais cara.

Mais barato é, sem duvida, ir pela estrada de rodagem até Arcos de Valle do Vez ou Ponte da Barca, e d'ali continuar a cavallo ou a pé.

Indo pelos Arcos, tem de passar-se em Chão de Grade e Aboim das Choças até ao Senhor da Paz, onde vae reunir-se o caminho que vem da Barca.

Não se encontra nada notavel n'este percurso, e d'esta monotonia resulta o aborreci-

mento que parece augmentar as difficuldades da jornada.

Mais pittoresco, mais attrahente e alegre é, incontestavelmente, o caminho de Suajo.

Sahindo da Barca, caminha-se umas boas duas horas entre pinhaes e devezas até uma pequena aldeia chamada Entre os Rios, um pouco adiante passa-se sobre poldras um ribeirão que deve ser torrencial no inverno, depois segue-se ao longo de campinas de uma vegetação luxuriante até que nos abeiramos do Lima, que vamos atravessar em um barco tosco, mas solido.



POVOAÇÃO DE TIBO VISTA DO ALTO



INTERIOR DA POVOAÇÃO DE TIBO



VALE DO TIBO

Aqui o rio é fundo, as aguas negras e as margens muito inclinadas teem pouco de agradavel.

Segue-se a margem por larga distancia e então se nos depara, perto do Ermêlo, uma lindissima paisagem; o rio, cujas aguas ali são baixas, dá passagem em poldras, durante o estio, mas passagem sómente para quem tiver pernas de gamo.

Em Ermêlo houve outr'ora, segundo affirma Pinho Leal um convento de frades e freiras, no seu começo, e depois só de monges.

Colhem-se nesta aldeia muito bôas uvas e outras fructas, prova de que é optimo o clima d'estas terras.

Um pouco além deixa-se o rio para subir o monte, por vezes de difficilimo accesso, com terriveis despenhadeiros, até que em restricto planalto se entra na antiquissima povoação de Suajo, que outr'ora foi villa, com foral dado por D. Manuel, em 1514, como o attesta o pelourinho de tosca esculptura, que é um especimen notavel d'estes monumentos.



RIO DA PENEDA

Tem a villa muitas casas mas todas de aspecto pobrissimo, pequenas, de pedra e sem revestimento de cal. Fóra, não muito distante, está uma agglomeração de espigueiros, que vista de longe parece um outro povoado.

Esta reunião, que verificamos ser de uso entre todos os habitantes da serra, prova que esta boa gente respeita o alheio, o que não succede em outras terras, apparentemente mais civilisadas.

Deixando a villa, continua-se a ascensão da serra, indo descansar por alguns minutos no alto do Senhor da Paz, nome que lhe vem de uma capella bastante espaçosa, mas pobrissima e ainda não concluida. N'este local, faz junção o caminho que vem dos Arcos.

Um pouco além fica a povoação de Adrão; é menor e mais pobre que Suajo.

Recuperadas as forças perdidas em tão penosa e longa jornada, recomeçamos a ascensão da serra para a treparmos ao ponto culminante, que é conhecido pelo nome de Miradouro, logar em que se realisou a apparição da Virgem, segundo a lenda. Julgamos alfim haver vencido todas as difficuldades, porque d'aquellas alturas se avista o famoso sanctuario, mas em breve reconhecemos que estavamos illudidos, e, olhando para baixo, se apodera de nós o desanimo contemplando aquelle despenhadeiro, mais difficil de descer do que foi a subida do lado opposto.

E, além ainda um grande percurso que não se vencerá em duas horas de bom caminhar.

Concluida a descida do Miradouro, entramos na freguesia da Gavieira que, segundo diz Pinho Leal, tem 120 fogos e é sem duvida uma das mais extensas da provincia do Minho.

Os seus terrenos cultivados, que occupam uma grande área, produzem uma grande quantidade de milhô, e poderiam dar outros productos de mais valor, se um caminho de ferro, ou pelo menos uma estrada de rodagem, tornasse facil o seu transporte para os centros povoados.

A sua fertilidade explica-se pelo grande numero de fontes que brotam da serra, regando abundantemente os seus campos.

Seguindo o ribeiro de Tibo, subindo ou descendo, conforme as successivas ondulações do terreno, chegamos finalmente ao termo da viagem.

Se a jornada é difficilima, o viandante dá-se por bem pago de todas as fadigas com tudo o que tem visto.

Esta região, a bem dizer desconhecida de todos aquelles que por nenhum motivo renunciam aos seus commodos e confortos, é a bem dizer um pedaço da Suissa transplantado para Portugal.

Tem montes altissimos em que se mostra em toda a sua nudez a rocha negra, claramente de formação vulcanica, como se tivesse sahido recentemente do centro da terra.

Para substituir os lagos, tem o rio Lima e os seus affluentes, em muitos logares, de um encanto sem egual.

Geraz do Lima — Outubro de 1906.

JOÃO A. TORRES.

(Chichés de José Torres.)



O CUMPRIMENTO D'UM VOTO

Cortejo conduzindo uma mulher que fez a promessa de ir dentro de um caixão á Senhora da Peneda





OSTRAS CHINEZAS, SECCAS AO SOL

BOLACHAS CHINEZAS DE CHÁ PRETO

Acepipes da China

Para o gastronomo chinez poucas iguarias ha mais delicadas do que a barbatana de tubarão. Houve tempos, já bastante remotos, em que os tubarões infestavam as costas da China, á espreita de uma boa petisqueira na pessoa dos banhistas, a ponto que nas populações costeiras não havia quem se arriscasse sósinho a entrar pelo mar dentro. Vae senão quando, um mandarim guloso descobriu que a barbatana dos tubarões era um pitéo magnifico. Não tardou muito que a moda se propagasse, e assim foi continuando até aos nossos dias, cada vez subindo mais os preços, e tornando-se os pescadores de perseguidos em perseguidores do temivel bicho. O resultado é o exterminio quasi completo dos tubarões. Teem de se fazer prolongadas e laboriosas expedições por páramos já quasi desertos do apetecido peixe, e o preço regula entre 5$000 a 6$000 réis o arratel. O especimen que apresentamos em gravura é um bello pedaço que pésa meio arratel e vale 3$000 réis da nossa moeda

Para se cosinhar, precisa a barbatana estar de môlho umas duas horas, e depois outras duas a cozer. A parte mais succolenta é a arreigada da barbatana.

Entre outros acepipes da meza chineza podem mencionar-se as bolachas de chá preto, todas côr de azeviche, vendendo-se a retalho por 1$000 a 1$400 réis o arratel. Não são doces e assemelham-se muito no sabor á bolacha americana de embarque.

Um petisco muito apreciado são as ostras seccas. Teem em si muito mais substancia do que se julga. Uma duzia d'ellas, com pão, constituem uma refeição bastante substancial. O preparo é simples: mettem-se as ostras frescas em salmoura commum, e depois seccam-se ao sol. Comem-se cruas ou cosinhadas.

Tambem os chinas guardam o chamado «oleo de ostra» em latas. Salgam-n'o tanto



O «SAM-CE-CHE» OU BARBATANAS DE TUBARÃO



POLVO GIGANTE SECCO

que o receptaculo fica quasi um terço cheio de um deposito de sal. Realmente, não existe oleo nenhum na lata. O conteudo consiste simplesmente, além do sodio, em suco espremido e concentrado de ostras meio podres, de uma côr escura, usado como tempero.

E famosa em todo o mundo a sopa chineza de ninhos de passaros. As hastes dos ninhos comestiveis custam entre 1$000 e 10$000 réis a onça (cerca de 29 grammas), sendo portanto este, entre os conhecidos, o alimento mais caro do homem. Os ninhos não se encontram na China, mas são importados da ilha de Java. Quem conhecer o sabor da albumina do sangue cosinhada, pode fazer ideia do sabor d'estas hastes de ninhos, accrescentando-lhe o gosto da gomma de cerejeira secca e de migalhas de pão sediço que lhe deitam. Não é de suppôr que tal petisco tenha propriedades nutritivas superiores á geleia de mão de vacca.

Essas hastes podem cosinhar-se sem estarem previamente de môlho, embora os bons cosinheiros tenham por uso terem-n'as de môlho durante uns poucos de dias. Conservam a sua fórma, similhante ao macarroni, mas incham até ficarem com o dobro do tamanho, depois de estarem uma hora ao lume forte: é esta uma prova de que não são adulteradas. Na realidade, ainda não houve maneira pratica de imitar ou substituir este singular producto da saliva da avesinha de Java.

Na China, o chá não se bebe só; come-se tambem. Faz-se uma salada muito saborosa com as folhas inteiras do *biepjcki-chai* (chá virgem), a mesma planta com cujos residuos se prepara a infusão que nós bebemos. Depois de terem servido no bule, suspensos de um fio de seda, os mólhos de chá puro tiram-se para fóra intactos, e suspendem-se durante quinze dias n'um frasco cheio de vinagre branco. Ficam em seguida promptos para acompanharem as comidas frias do lunch, sob a fórma da mais requintada e rara das conservas. Só se comem as folhas tenras; os talos deitam-se fóra.

Outra especialidade gastronomica são as lulas e chocos, que ordinariamente apparecem á meza com pratos de arroz. Por dois motivos importantes se faz a pesca d'estes moluscos: pela sepia que elles fornecem e que serve de base á tinta da China, e pelo apreço que lhes dão como iguaria. E porventura o mais substancial dos alimentos marinhos. Infelizmente, conteem sempre areia, que é quasi impossivel lavar completamente dos seus milhares de ventosas.



MACARONI DE FARINHA DE CASTANHAS



AS CASTANHAS ESPECIAES DA CHINA USADAS NO FABRICO DO «MACARONI»

Morangos com caroços! E' esta a particularidade do morango branco da China. Emquanto se desenvolve na planta, é vermelho como o de Cintra; o que se encontra á venda, conservado em jarro, é quasi côr de neve, com uns delicados tons rubescentes. Para os conservar, tiram-se-lhes primeiro os caroços, que são rijos, do tamanho approximado de uma avelã. Este morango branco é afamado como a mais deliciosa de todas as deliciosas fructas do Oriente. Ainda com o caroço tirado, fica um fructo carnudo e tamanho como os maiores morangos da Europa. O seu sabor é especial e exotico, muito differente do dos nossos, muito parecido com a doçura das uvas moscateis. Não se serve nunca com créme, mas com o sumo fresco da canna saccharina do sorgho, que é de per si excellente. Conservam-se em jarros de vidro, mergulhados n'esse mesmo sumo.

Muitas curiosidades culinarias da China não permittem illustração, ou são difficilimas de encontrar; taes como: o macaco assado da China Meridional; o jacaré de conserva, importado como magnifico acepipe; o figado secco de gansos enfermos; as vergonteas de bambu, com um sabor semelhante ao do nabo, mas sem o adocicado; os pedaços, frescos ou seccos, da canna saccharina do sorgho, que se servem á sobremeza; e uma serie de fructos e legumes estranhos. Entre elles contam-se os melões azedos, que são simplesmente pepinos da China, postos de conserva com casca e pevides, e que são assaz desagradaveis ao paladar occidental; o chamado *gutow*, que parece um irmão oriental da cebola da Europa e cuja deglutição exige uma ablução purificadora do halito; a agridoce *carambola*, que nem por isso é de grande estimação; e outra fructa que tem um cheiro semelhante ao dos ovos estragados, e que attinge preços consideraveis.

O *yuenan* é uma fructa parecida com a cereja e tem um caroço enorme. O *ypyk* ou *uruk* é uma especie de ameixa, contendo no caroço uma amendoa semelhante ás nossas amendoas doces; é o unico fructo conhecido de que são comestiveis tanto a polpa exterior como o interior do caroço. O *ypyk* dá-se tambem fóra da Asia.

Os ovos *amadurecidos* dos chinezes encontram-se no commercio sob dois aspectos: ou envoltos n'uma camada bastante espessa de terra preta e dura, ou com uma codea de substancia esbranquiçada que evidentemente provem dos refugos de cereaes. O conteúdo dos ovos pretos é branco de neve; o dos esbranquiçados é negro de azeviche e luzidio. Não são ovos podres, segundo a ideia que nós ligamos a esta palavra; são



HASTES DOS NINHOS COMESTIVEIS

OVOS MADUROS, MOSTRANDO O INTERIOR NEGRO



ESTEIRA DE ALGAS COMPRIMIDAS

ovos *maduros*, eis o que são. Comem-se quentes ou frios, com salada de folhas de chá, e podem conservar-se mais de meio seculo.

O macaroni de castanhas (denominado pelos proprios chinezes macaroni, á italiana) é um alimento deveras nutritivo. Serve-se geralmente com carne de cão cozida ou com gato estufado. Quando de estragado já se esborôa, prepara-se n'uma especie de pastelão, iguaria soffrivelmente repugnante, com um paladar que faz lembrar o cheiro do sulfureto de hydrogenio.

Os bichos do arroz, seccos e salgados, são conhecidos pelos chinezes sob o titulo euphemico de *peixes de arroz*. São uns insectos, semelhantes ás centopeias, que infestam os arrozaes; mas amigo china aproveita-os, como quem tudo aproveita, para alimento. É prato de encher, sem satisfazer, produzindo flatulencias como a feijoada.

As algas marinhas comprimidas teem muitas applicações. Usam-se á meza, em sopa; como hygrometro de familia, variando de humidade, conforme a temperatura sobe ou desce; como curativo da insomnia, postas na cara, inhalando-se pelo nariz o persistente aroma semi-ozonico; como esteira de meza, quando se quer encher um pequenino aposento de rescendencias marinhas. Mas afinal, depois de prestados todos esses serviços, as algas veem sempre a acabar na terrina.

O chamado *pato de Bombaim* é simplesmente peixe escalado, estragado e podre de todo, que se secca depois ao sol e que se esmigalha entre os dedos.

As bolachinhas brancas de farinha de arroz contrastam singularmente com as bolachas negras de azeviche. As primeiras são muito doces e impregnadas de oleo de arroz. São as bolachas mais brancas que se conhecem, e usam-se como emblema de pureza em todas as cerimonias religiosas e domesticas do Celeste Imperio.



BICHOS SECCOS DO ARROZ

Eis as principaes e extranhas iguarias com que se costuma variar um *menu* chinez. Não é de presumir que a sua descripção faça crescer agua na bocca de um europeu, nem lhe inspire desejos de conhecer a culinaria do Extremo-Oriente, tão extranha ao nosso paladar.



BOLACHINHAS BRANCAS DE ARROZ

A Architectura da Renascença em Portugal

Por ALBRECHT HAUPT

Parte II — O PAIZ

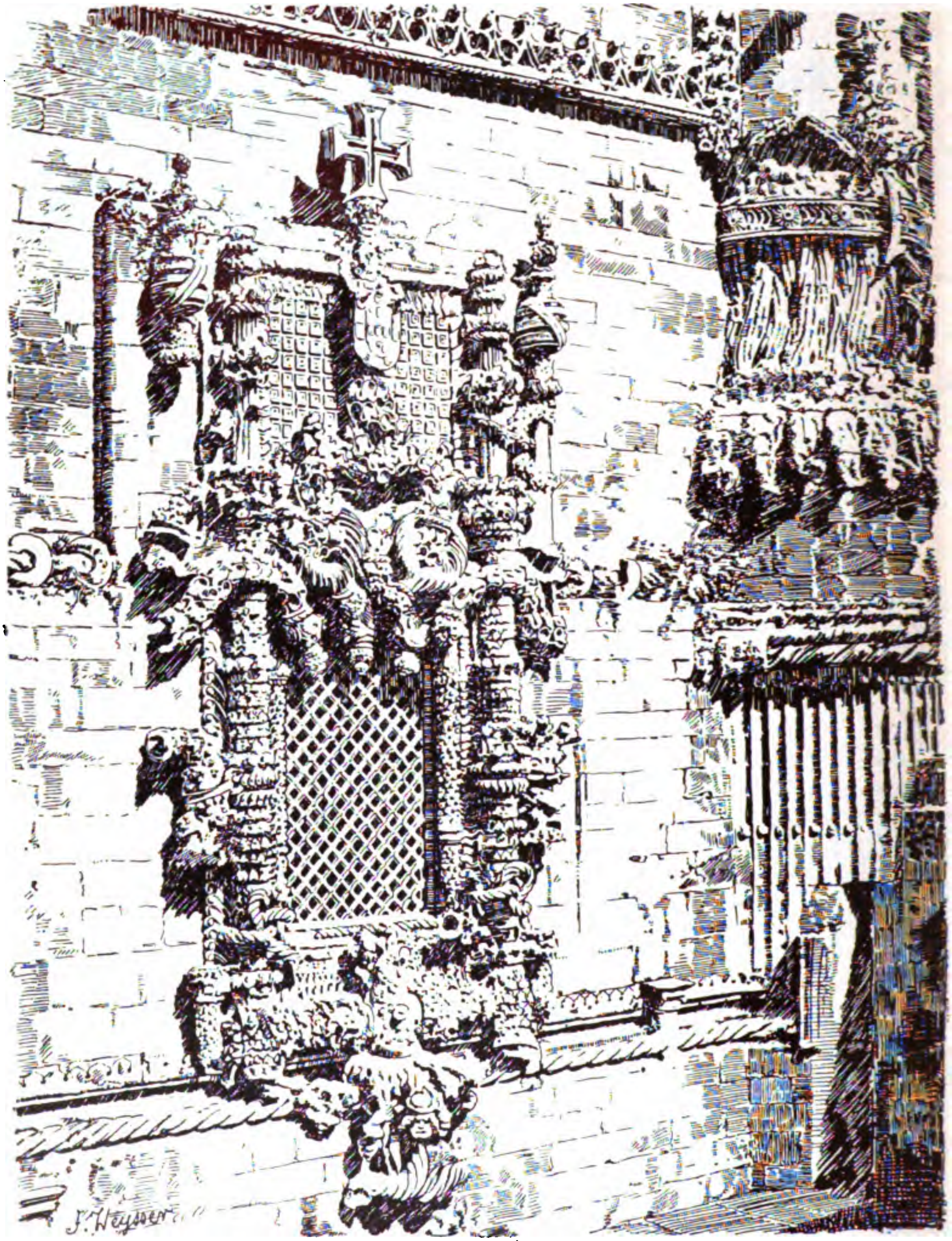
IV

THOMAR

SEGUINDO para o Norte notamos mudança nas fórmulas decorativas. Ao passo que a primeira janella fechada por uma linha parabolica conserva todavia a fórma das de Belem, ou, ainda mais conspicuas, as da frontaria da Conceição velha, de Lisboa, a segunda janella e a fachada olhando para o poente apresentam um mundo de fórmulas absolutamente novas. Mastros e troncos, flores, maranhas de folhagem, raizes, tóros contorcidos em calabres, fórmas naturaes nodosas e atarracadas, de crua e pinturesca reproducção, méscladas com pormenores indicos num conjuncto portentoso. Primando a tudo isto, os rotundos botareus dos angulos, percinctados a meio com uma pretina de fivelas (a ordem da Jarreteira?); junto das janellas de volta redonda e acima dos restantes os da casa do capitulo, surgindo por detrás destes, constituem a mais estupenda creação da Architectura através dos tempos. Poderá, talvez, no classico sentir, antolhar-se o conjuncto inculto e selvatico, caprichoso e ainda rude, e todavia, o descommunal vigor naturistico e o estro exuberante do todo, já pelas importantes dimensões da obra, já pela maestria do lavôr, produzem impressão inolvidavel.

As estampas que publicamos patenteiam aquillo a que jamais poderá alcançar a descripção.

E' digna de menção a meia figura que, entre as janellas da casa do capitulo, segura nas mãos o lavôr de raizame do emmoldurado das mesmas janellas. A tradição aponta este ostentoso e barbudo sujeito como sendo o mestre da obra, por nome Ayres do Quental. João de Castilho goza aliás da fama de auctor desta edificação. E não obstante, em Portugal, hoje em dia, convém dar maior importancia ás tradições do que em outro qualquer paiz, visto como os incolas falam dos tempos do grande terremoto e de Pombal como se fôram factos da vespera. E quem haverá que possa impugnar-nos a hipothese de haver o tão operoso architecto traçado a planta e superintendido aqui, como em

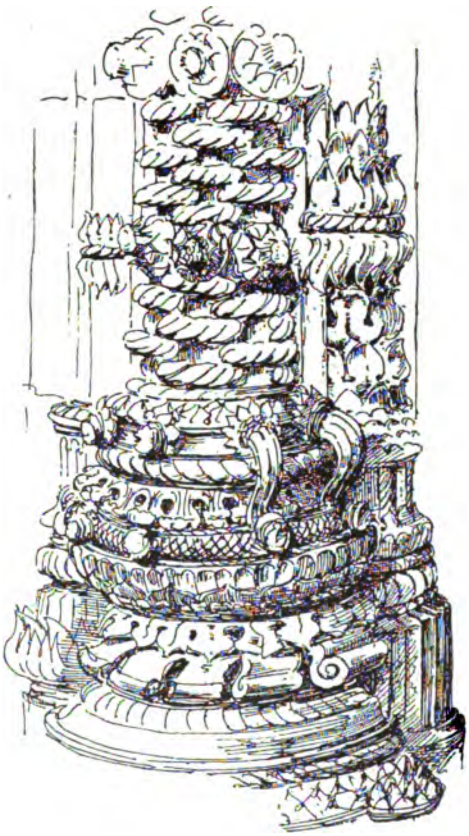


CONVENTO DE THOMAR E JANELLA DA CASA DO CAPITULO

outras muitas localidades, nos trabalhos, emquanto dedicava o melhor de suas faculdades aos de Belem, assim como o haver sido o legitimo quanto activo mestre e iniciador desta edificação? E d'ahi, Ayres do Quental é possivel ter sido esculptor e mestre canteiro, o qual, depois da obra se achar erguida em

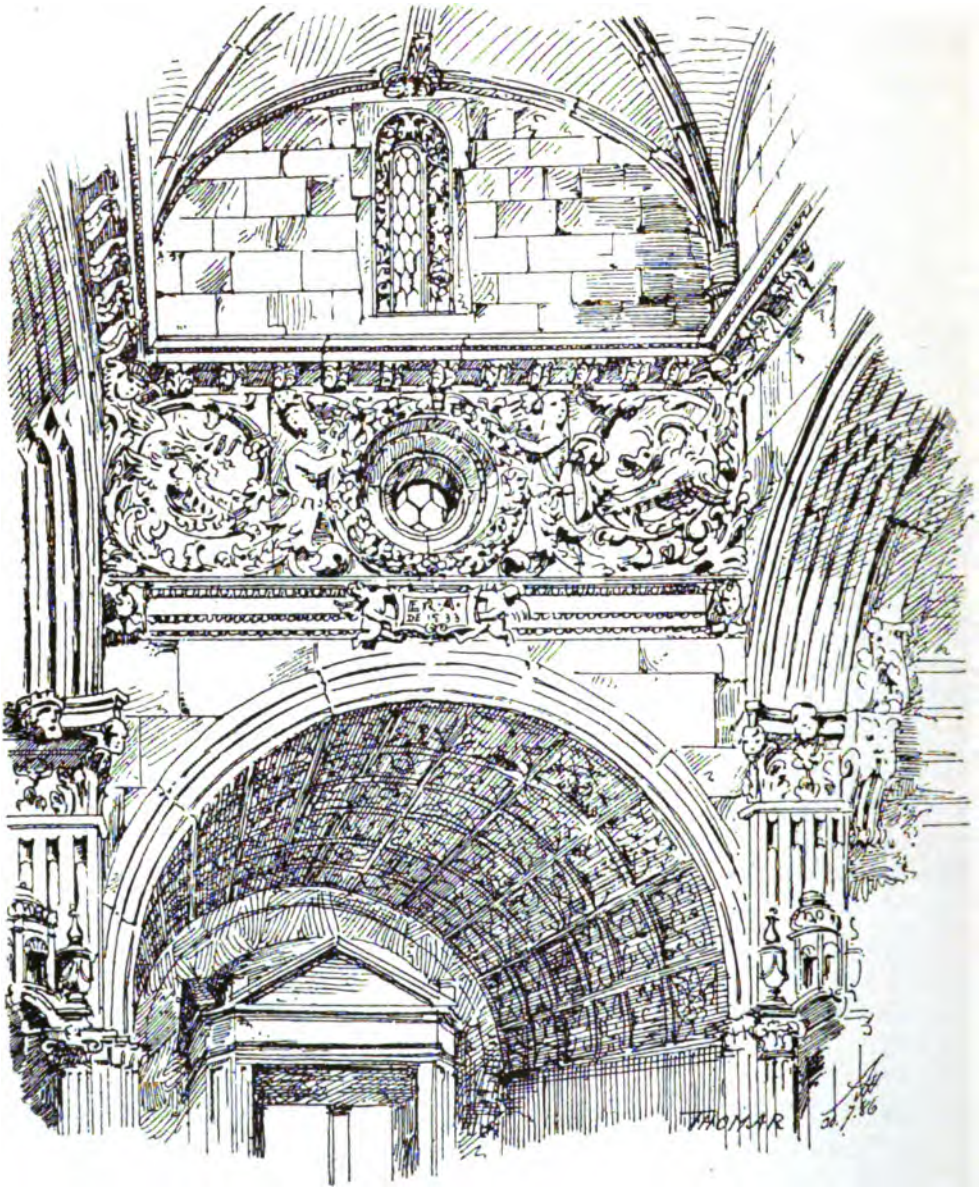
bruto, e em seguida a haver acompanhado desde o começo e mais extensivamente, manifestando capacidade, em boa paz e harmonia os trabalhos em Belem, avançando passo a passo no caminho da encetada emancipação, indubitavelmente, porém, influido pela impressão e pelo estudo dos edificios indianos, influencia que aqui se não pode negar, proseguisse ainda com mais velocidade e mais vigor do que o proprio mestre que dera o lamiré, tanto mais visto poder agora concentrar o conjuncto de suas aptidões na elaboração das minudencias.

Indianas são pois e ficaram sendo no exterior as acantonadas agulhas das três columnas acoruchadas e sobrepostas aos pilares dos angulos. Indiana acima de tudo a janella da casa do capitulo pela parte de dentro.


DO INTERIOR DA JANELLA DA CASA DO CAPITULO

Como pois ficou exposto encontra-se abaixo da extremidade septentrional do edificio do côro a nova casa do capitulo, onde se reuniam os freires da Ordem. A egreja, occupando o ponto mais elevado do monte, campeia imponentissima acima do ingreme desladeiro, e antes de cobrirem o terreno subjacente os diversos lanços do claustro, haverá apresentado, vista de longe, aspecto gigantesco. Nesses tempos em que, para quem atravessava o formoso terraço ao nivel da egreja, ella era accessivel pelos ricos lanços de escada, foram utilizadas as colossaes substrucções da extremidade septentrional por debaixo do côro para a erecção da almejada casa do capitulo. E todavia, esta dominava ainda de tamanha altura o terreno, que se tornou possivel a edificação, abaixo da empêna da frontaria, de um luxuoso e pequeno claustro de três arcarias por banda, cujo eirado superior nem sequer ficava ainda á altura do pavimento da mesma casa. Foi consagrado a Santa Barbara.

A alludida casa do capitulo é pois accessivel por uma porta do andar superior do adjuncto claustro philipino. Esta porta patenteia aliás a selvatica e robusta ornamentação da fachada do Norte. Cobre a propria sala capitular recebendo luz de uma janella uma abobada de curva muito abatida, magistralmente artezonada. A possante abertura, circundada por molduras ornamentaes, do mais opulento lavôr é, entre todos os trabalhos por nós conhecidos aqui, aquelle que mais conspicuamente manifesta o estudo e a imitação de exemplos indianos. Os pormenores respectivos claramente o patenteiam. Encontram-se as mesmas fórmulas no palacio dos Rajás



ANGULO DO CORREDOR NO CONVENTO

em Goverdhum (1). A semelhança fere a vista desde logo.

O referido claustro de Santa Barbara apresenta luxuosos columnélos no estylo da primeira Renascença e com arcos ogivaes.

A circumstancia de não estabelecer o eirado que o encima o definitivo pavimento, denunciam-n'a ulteriores sobreposições de columnas e de arcos por baixo da casa do capitulo.

A maneira como seriam implantadas,

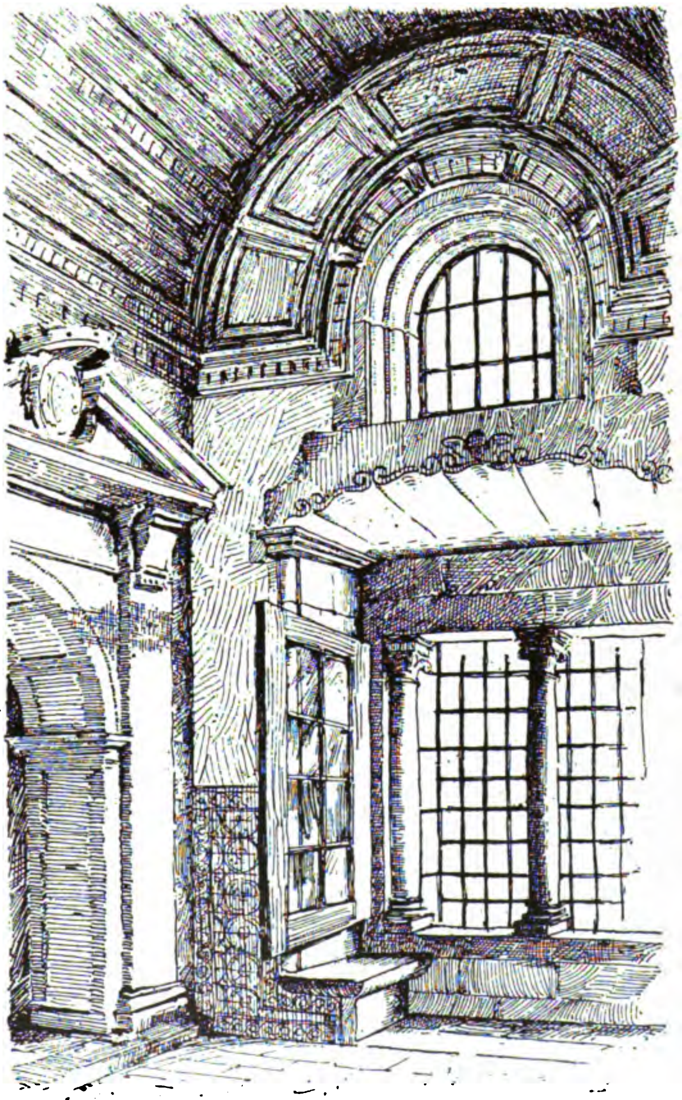
1) Dr. G. le Bon, *La civilisation des Arabes.* Paris. Firmin Didot, 1884, p. 595.

em tempos de D. Manuel, as ampliações não é facil de deslindar; a propria ligação com estes lanços tão juntos não é clara.

Seria esse o motivo de haverem sido deixadas em suspensão as construcções ulteriores.

O facto de haver D. Manuel ficado áquem dos seus projectos de ampliação, resalta já da sua ultima edificação realizada aqui, isto é, a casa do capitulo. Além d'estas menciona ainda Castilho entre o numero de suas obras os aposentos da Rainha; a estes devemos nós porém considerá-los como accrescentamentos aos Paços do Infante D. Henrique, onde o rei e sua familia podiam hospedar-se; nomeadamente os mesmos aposentos, nos quaes, temporariamente, fallecido D. João III, se alojava a rainha D. Catharina, ampliando-os.

Para os Capitulos da Ordem sob a regia presidencia, e que foram aqui por duas vezes celebrados por el-rei D. Manuel, era pequena em demasia a nova sala capitular, a qual occupava já metade do espaço subjacente ao côro; e nessa conformidade, foi principiada a construir uma nova sala capitular, no lado occidental da egreja, em direcção vertical a esta, e separada pelo formoso terraço. Erguido egualmente em terreno ingreme ficava o andar superior ao nivel do mesmo terraço, ao passo que o seu remate longitudinal em fórma de côro, pairando a grande altura acima do pendôr, campeia sobre um grande sócco e um andar inferior ainda mais alto; este ultimo prolonga-se por baixo de toda a construcção.



JANELLA DO CORREDOR

De todas estas obras supinamente delineadas, e incluidas por Castilho, aliás, na ennumeração de seus trabalhos, apenas se acham levantadas as paredes a três quartos da altura definitiva. Pela parte de traz, na extremidade, com uma construcção de três faces e duas janellas, sumptuosa abobada e opulenta arcaria, destinada ao throno do regio grão-mestre da Ordem, existe o edificio, nú de todo, internamente, apresentando apenas o nascimento das abobadas do pavimento inferior. A sala sobrejacente devia ser tambem abobadada. Assim se deduz em vista dos fortissimos gigantes que a circundam. São todos elles entrelaçados de ricas molduras simulando calabres, e com frisos ornatados.



SALA DA ENTRADA DA PARTE CONVENTUAL

Por que motivo deixariam permanecer em estado de ruina um edificio que, ainda hoje, mercê das suas sumptuosas cantarias, afronta soberbo as intemperies?

Mudam os tempos, e el-rei D. João, na maxima parte dos assumptos, parece ter sido um successor divergindo em absoluto de seu excelso pae.

Nessa conformidade reformou pois radicalmente a Ordem, e em vista da alteração das respectivas circumstancias, accrescentou ao conjuncto da construcção já existente umas colossaes accommodações.

Conforme já ficou exposto, o beato monarcha, assim que subiu ao throno, empenhou-se desde logo em transformar em mosteiro a soberba alcaçova dominando a região. Em 1523 veiu a concessão pontificia, de bom grado outorgada, e portanto, a antiga Ordem de cavallaria deixara d'existir. (1)

Foram postos de banda lança e arnêz, não mais tropel de corseis, tinir de armas; nunca mais voltou a ouvir-se a trombêta chamando á peleja em defêsa da patria, mas tão sómente

(1) Mencionemos de passagem o facto de se haver tornado já mais que excessiva a existencia de Ordens de cavallaria do genero desta; a sua transformação ou a respectiva decadencia era um resultado das circumstancias dos tempos. E não obstante, o neto de D. João, filiado nas mesmas ideias, meio seculo mais tarde e sob o influxo dos mesmos conselheiros, emprehendeu aquella sua louca cruzada religiosa contra os Mouros na qual, com a rapidez do relampago, foram aniquilados, tanto elle como os proprios conselheiros. A lucta de Carlos V com Barbarossa, a conquista de Tunis e outras que taes, incidem com a mesma épocha.

a ladainha e o murmurio das orações ecoando nas soberbas arcarias. Para serviço e protecção das mais opulentas colonias do mundo já se não tornavam precisos os experimentados emissarios da Ordem, á qual, desde os tempos de Henrique o Navegador, coubéra a jurisdicção sobre os mares, transferida, muito havia, para as mãos de palacianos hypocritas, que na qualidade de governadores das colonias as iam sugando e desbaratando, e, a poder de desmandos e prepotencias expilando a mãe patria dos derradeiros lampejos de consideração, e ainda por cima, um inumeravel exercito de clerigos de toda a casta, e os jesuitas na reçaga de todos elles, transpuzeram o oceano. Caminhou, veloz, o descalabro; á proporção que ia declinando o século, mais se ia encolhendo a inapreciavel possessão indiana dos portuguezes sobre Goa e Diu. A Ordem de Christo, porém, desde 1551, data em que o rei a incorporara ao seu proprio apanagio nada mais possuia já, visto como as suas commendas, as suas riquezas descommunaes haviam passado para as mãos do monarcha, fundindo-se nellas a par do seu imperio.



CAPITEL NA PARTE EXTERNA DO CLAUSTRO DOS FELIPES

Estava decidido, porém; a antiga fortaleza senhorial foi transformada em mosteiro; surgiram construcções gigantescas para uso da communidade, um immenso edificio á feição de uma cruz, interminaveis corredores, na extensão de uns duzentos metros, ao centro, com um nunca acabar de cellas em todo o percurso, quatro avantajados claustros nos angulos; tudo isto foi crescendo em redor da alcantilada fortaleza, de modo que, hoje em dia, o conjuncto apresenta nada menos de oito claustros um dos quaes, o mais sumptuoso pateo da Renascença em todo o paiz, levou três quartos de século a construir. Tinha pressa o rei. Assim, pois, apresentam unidade de conjuncto estas successivas edificações, uma das mais importantes moles estructuraes em todos os tempos.

Conforme atrás fica expendido, foram estas dispostas em forma de cruz; o quarto braço da mesma, para a banda do nascente, remata com uma capellinha. Existem uns renques de cellas, no primeiro andar, dominando de alto o lanço superior do claustro de Santa Barbara e o philipino, que se prolongam de um e outro lado de um corredor com uma formosa abobadilha de berço, de madeira, na direcção das três longas alas do edificio. É de opulenta construcção o claustro, corôa-o uma cupula de reduzidas dimensões, assente em quatro arcos esteados por pilastras cujos capiteis são interrompidos de modo encantador por uns baldaquinos muito ornatados; a capellinha que lhe fica por de trás ostenta uma

rica abobada de berço e caixotões, estes com rosetas, cabeças de serafins, retratos, etc., em parte dourados e em profusa quantidade.

Os extremos do corredor rematam numas formosas janellas de miradoiro. São simples as cellas, apenas decorados os alisares.

O lado exterior deste pujante edificio é singelo mas caracteristico. O seu estylo corresponde aquelle que eu até aqui tenho mencionado como sendo privativo da éra de D. João III; possantes botareus, architraves robustas a par de singelas, janellas pequenas com molduramentos perfilados, mais de uma repartida por um elegante columnelo, semelhantes aos que em Cintra e nas suas cercanias, e designadamente em Penha Longa, se nos tornaram familiares. Os três claustros dos angulos das alas, ao nivel parcial do pavimento inferior, são semelhantes em absoluto aos d'aquella localidade. A parcimonia de minudencias ornamentaes desperta-nos aqui a impressão da mão de obra de um qualquer esculptor hespanhol; são, pelo menos, nimiamente conspicuas as afinidades, por exemplo, com Burgos, circumstancia que aliás egualmente se manifesta na varanda das Capellas Imperfeitas.

Tanto aqui como além os trabalhos haverão sido dirigidos por Castilho, visto patentearem sufficientemente o novo gosto; sendo admissivel portanto a hypothese de haver transitado para aqui um ramo pouco numeroso de habeis ornatistas, de Castella Velha, quando os não haja ministrado a proxima Coimbra.

Castilho, de 1540 a 50, como homem de edade provecta, achar-se-hia já sobrepujado por novas forças; não nomeia entre os seus a estes trabalhos, muito embora a construcção do dormitorio houvesse já sido principiada anteriormente a 1541.

Surgem-me aqui na mente, mais do que outros quaesquer, os irmãos Torralvas, Gonçalo e Diogo, dos quaes o primeiro desde 1547 havia já construido em estylo identico a Sé de Miranda, e provavelmente a da Guarda.

O pavimento inferior deste lanço é quasi todo abobadado; e a abobada muito singela, na generalidade; aqui e acolá, comtudo, preciosa quanto original, como, por exemplo, na arcada de ingresso, do lado do Norte.

O pavimento inferior abrange principalmente as dependencias, adega, frasqueira, etc., de grande capacidade e aspecto condigno quando pode ser. O refeitorio intesta com os aposentos do Abbade, no lanço transversal situado ao norte e ao qual adherem ainda varias edificações de menor vulto, taes como, por exemplo, o Noviciado. A espaçosa frontaria principal olhando para a cidade, foi, na maxima parte, reconstruida no seculo dezoito. Pertence á época da dominação hespanhola a extensa ala das hospedarias, a qual encobre o pateo da mesma designação, approximando-se da parte antiga e gothica da fortaleza; uma frontaria monstruosa, no conjuncto, destituida porém de valor.

A parte conspicuamente artistica das construcções posteriores é o claustro do lado do poente que fica entre o dormitorio e a casa do capitulo, com a designação de Claustro dos Felipes visto como deve a sua existencia aos monarchas hespanhoes.

Este claustro foi effectivamente principiado em 1540. Deste lanço mais antigo, a parte que circunda a edificação hoje visivel apresenta ainda uma se

gunda arcaria, annexa, egualmente com dois pavimentos, reconstruida em parte e mais estreita do que a entrada para o interior; optimamente adequada ao fim pratico a que foi destinada, isto é, a conter a entrada para os aposentos



DO OUTRO LANÇO DO CLAUSTRO DOS FELIPES

circundantes dispostos a diversa altura, a abranger escadas e a nivelar as desegualdades das frentes das construcções annexas, gigantes da egreja, etc.

Da banda do poente falta lhe o lanço superior; apenas duas abobadas existem no eixo maior do cruzeiro construidas em fórma de nicho; e d'ahi, acha-se tão entaipada esta arcaria superior, que nos quatro angulos apenas restam dois nichos redondos.

A arcada exterior é uma das obras mais formosas do melhor periodo da Renascença. Alguns pormenores podem servir de exemplo. Tanto esta arcada como o dormitorio parecem ser obra das mesmas mãos ás quaes se deve o varandim da Batalha. Em um portico do andar superior encontra-se a data de 1546. Visto como na Batalha existe insculpida a de 1533, infere-se que a época da construcção destes trabalhos no dormitorio e no claustro exterior representará um periodo intermedio a uma e outra data.

Esta parte exterior consiste nas abobadas do claustro assentes sobre pilares com traspilastras, sendo a sua principal decoração a que opulenta os sumptuosos porticos, que davam entrada para esta parte do dormitorio (entaipados).

Abstrahindo dos trabalhos classicos em Coimbra, são estes os mais formosos exemplos da decoração da Renascença em Portugal.

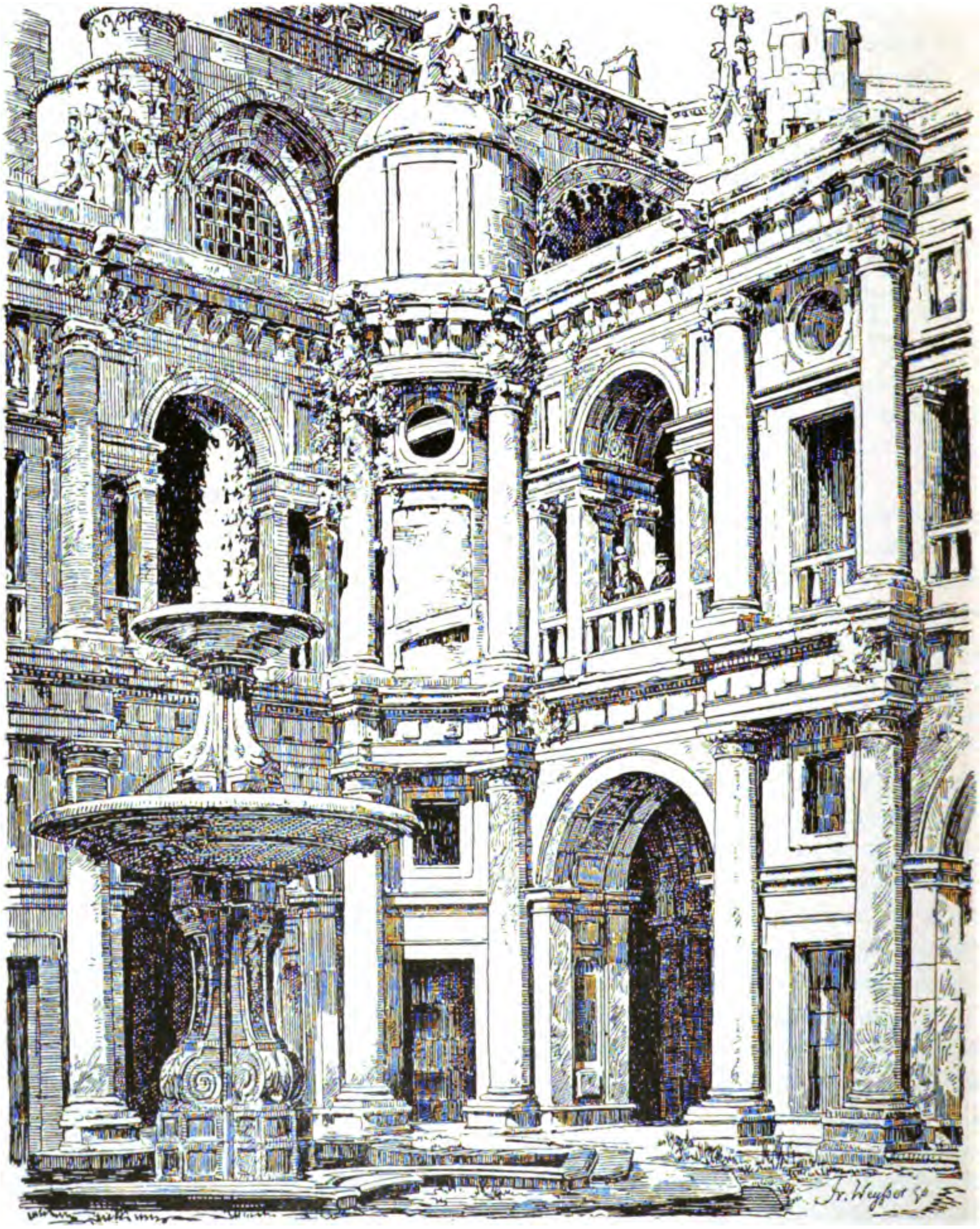
São adornados principalmente por columnas e cobertos por dupla arcada sobre esteios geminados; os arcos ostentam medalhões e seguintes ornatados, primorosos frisos, pela parte inferior, um portico sobre pilastras de explendida ornamentação—tudo isto elaborado com a maxima firmeza e gracilidade; tudo porém filiando-se em absoluto nos trabalhos de Burgos e seus arredores; localidades proximas a esta, como Salamanca, das quaes era mais de suppôr o encontrarem-se aqui reminiscencias, apresentam tendencias de diverso genero.

Na parte interna desta arcaria exterior, á qual devemos attribuir a data de 1550, ergue-se o proprio claustro, que deve de ter sido implantado desde a origem, pois que não sendo assim, os pavimentos superiores da arcaria externa seriam em parte inaccessiveis.



DE OUTRO LANÇO DO CLAUSTRO DOS FELIPES

Este proprio claustro tem passado sempre por ser obra dos monarchas hespanhoes, e deve de ser trabalho de Felipe Terzi; pelo menos assim m'o communicam como filiando-se n'uma tradição. Com respeito á authenticidade de similhante attribuição nada se pode saber de positivo.



CLAUSTRO DOS FELIPES

E sem embargo, ainda quando tão primoroso edificio, conforme se dá com a maioria delles em Portugal, haja de se classificar como lidima producção da Renascença, patenteando o concurso dos meios todos empregados geralmente na Italia, apezar de que a feição e o effeito das respectivas arcarias imitem de algum modo as da tão grandiosa bibliotheca de Florença, no entanto, na sua architectura transluz um não sei quê nada italiano, superficial, que me

reconduz sempre á terra portugueza. No meu sentir, o pateo, no seu todo, approxima-se tanto no modo de ser do edificio do côro de Santa Maria de Belem, que me inclino a crer que teria a sua origem na mesma data e que é obra do mesmo pulso; assim pois haverá sido edificado por Diogo de Torralva, ahi por 1550.

Inquestionavelmente, a impressão aqui é grata, a todos os respeitos, e o estylo apropriado, ao passo que além, o pesado edificio do côro, por si, não prima pela formosura, contrastando em sua desvantagem com a egreja. Em 1551 chamou a si D. João III os bens da Ordem; não será pois falta de logica o conjecturar que haja dotado a essa data o claustro com a sumptuosa edificação do dito pateo.

Este parece não se haver achado ainda concluido em 1580, quando Felipe II aqui veiu, na qualidade de reinante. Deram-se longos periodos de construcção, no paiz, no seu tempo.

A Ordem, antiquada e decadente, mercê das circumstancias acima expostas, dentro em pouco veiu a ser o esteio principal do poderoso intruso; e portanto, quer o proprio Felipe, quer os seus successores, ambos elles, aqui vieram, e aqui foram convocadas as côrtes-geraes, que fizeram definitivamente hespanhola a nação.

Felipe, como bom hespanhol, não deixaria de tomar a peito a conclusão de recinto de tanta sumptuosidade e representação, o qual, em occasiões festivas teria sempre que servir de ponto de reunião, por onde desfilavam as procissões, e para outras applicações similares, e nessa conformidade não seria sem justiça que o baptizaram com o nome do rei. Terzi, que navegava agora á sombra da bandeira hespanhola, pode muito bem haver superintendido na obra.

A architectura é magistral. Os motivos paladianos representam aqui poderosa impressão; duas ante-columnas, doricas e jonicas com aberturas de permeio ladeiam a arcaria inferior e o motivo paladiano sobreposto, o qual, convem notar, tem como esteios pilares em vez de columnas. Nos angulos das caixas de escada existem por egual ante-columnas como decoração. As formas manifestam vigor e gravidade, porém ausencia de elaboração escolastica. O preenchimento dos frisos quer de um quer de outro lanço da construcção não obedece ás regras. As columnas jonicas com os seus altos tambores e capiteis um tanto frustes, são reminiscencias das de Belem, não falando nas architraves.

As proprias torrinhas das escadas campeiam, como ali, acima do nivel do eirado, e assemelham-se pela sua singeleza.

Donde concluo que esta edificação se deve attribuir á época da comparencia de Terzi, e não ao cyclo de Torralva.

O projecto original da bonita e airosa fonte do pateo encontra-se ainda actualmente no Archivo de Lisboa e é designado pelo nome de Fernão de Torres. Considero-o do principio do seculo dezesete; Torres, seu auctor, é indubitavelmente um portuguez, da escola dos Alvares.



Caran d'Ache

FABRICANTE DE BONECOS

A arte de Caran d'Ache, um dos mais originaes caricaturistas do mundo, o mais brilhante dos chronistas militares, em todos os paizes civilisados, é por demais conhecida. Uma reputação universal é invejavel affirmação de engenho; e quando resiste ás provas do tempo e mostra que não é ephemera, representa certamente uma recompensa merecida á obra executada. Entre os humoristas contemporaneos da França, este artista ha muito realça como annotador realista e justo, embora satyrico, dos caracteristicos e dos fracos da humanidade, e em particular do grupo que usa farda, maneja espingardas e sabres, e para cousas de guerra se prepara.

Até hoje, á sua fertil imaginação, á sua observação minuciosa serviram de escravos o lapis, a penna, o pincel. Agora, o celebre caricaturista manifesta o mesmo poder de execução, a mesma mestria engenhosa na producção de brinquedos e figuras de madeira — objecto de enthusiasticos commentarios no recente Salon des Humoristes em Paris.

Com um pedaço de madeira e as grosseiras ferramentas do torneiro e do carpinteiro, Caran d'Ache sustenta a reputação adquirida nos seus primeiros trabalhos

O entalhador em madeira tem difficuldades tão formidaveis a vencer como o cultor de qualquer dos outros ramos de esculptura. Não ha substancia mais caprichosa que a madeira; nenhuma que mais incertezas produza como resultado de um ataque. Mas que a arte vale todo o trabalho e paciencia que exige o seu exercicio, podem testemunhal-o todos que viram a obra de Caran d'Ache na notavel exposição de caricatura moderna organisada no Palais de Glace. E no meio de uma vasta exposição de talento, a attenção dos criticos e do publico concentrou-se sobre a individualidade artistica de Caran d'Ache, cujos bonecos e animaes, primorosamente modelados, foram proclamados as joias da collecção.



CARAN D'ACHE TRABALHANDO NOS SEUS BONECOS

Data de alguns annos atraz a evolução do caricaturista popular para o entalhador, fabricante de brinquedos. A's quinquilharias da infancia consagrou elle a arte que o fizera eminente em todo o

mundo. E obvio que collecionadores e amadores disputam avidamente a posse d'essas encantadoras bugigangas. Caran d'Ache apresenta-se como reformador. Tem um odio vehemente á boneca de cera; o desejo d'elle seria supprimir essa tremenda monstruosidade como inimiga da infancia, creadora de falsos idolos, e com ella banir definitivamente o seu parente mais proximo, o soldado de chumbo.



O CÃO DE GUARDA —VIGIANDO

Embora o homem tenha sempre convivido com a creança, o desenvolvimento proprio d'esta é ainda caso de experiencias. O educador profissional começa a reconhecer que algo existe de errado no treno das ideias infantis; por isso se reunem frequentes vezes os sabios de muitos paizes, e se põe á prova e se disseca a questão do melhoramento mental e physico dos collegiaes; mas permanece duvidoso que se tenha localisado definitivamente a molestia. Caran d'Ache traça o mal desde o inicio; desde os primeiros e decisivos annos em que o embrionario entendimento humano assume forma e vulto, quando mais fortes são a receptividade e o poder de assimilação da infancia.



O EMPREZARIO

O brinquedo torna-se então um factor importante do seu desenvolvimento mental. E' como a preparação para o mundo real que lá fóra se alonga, e os jogos são uma aprendizagem da vida activa. Por conseguinte, deve-se ter a maxima circumspecção na escolha dos brinquedos, afim de que concorram para o desabrochar da intelligencia e para o amor do bello e do verdadeiro, que são synonimos. O soldado de chumbo tinha o seu merito; o seu inventor pode ser inscripto entre os immortaes, visto promover o instincto patriotico e animar as perduraveis tradições da coragem e do emprehendimento. Mas o soldado de chumbo constitue um libello anatomico contra o patriota que contrafaz; é rigido e inanimado no mais deprimente sentido das palavras.



O CÃO DE GUARDA — ALERTA

Os guerreiros esculpidos por Caran d'Ache são de madeira, mas teem vida. Agitavam-se positivamente sobre o tablado no seu maravilhoso nicho do Palais de Glace. Eram aos centos — destacamentos de cavallaria, destacamentos de infantaria, com sargentos, cabos, tenentes, capitães, estado maior, e finalmente um soberbo general á sua frente. Perfeitamente equipados em todas as minucias, o artista entalhador, que é especialista em assumptos de jaezes, uniformes e armamentos, reproduziu para nós com fidelidade completa, não só os grandes typos militares do periodo napoleonico, aos quaes, como seu chronista pictoral, seu nome está indelevelmente associado, mas tambem um corpo inteiro de exercito teutonico, de grande uniforme, sob o commando d'esse impetuoso veterano, o general Boum, do grão-ducado de Gerolstein, o qual, montado n'um corcel magnificamente ajaezado, respira supremo desprezo pela conferencia da Paz e pelo desarmamento das nações.

Essas figurinhas, algumas das quaes não

teem mais de dez pollegadas de altura, executadas sem modelós, são maravilhas de genio creador; as cabeças e os membros são moveis, as cores do rosto e do fato são cuidadas e exactas. Se o artista synthetisa quando esculpe, como aliás costuma quando desenha, nem por isso descura as minucias da expressão. Assim como no corpo ha uma assombrosa suggestão de movimento, assim por meio de ligeiros exageros dos traços physionomicos se percebem claramente as gradações de emoção d'esses admiraveis titeres.



O PADRINHO DO DUELLO

De um molde singularmente phantasista é «Le Répertoire». Esse charlatão minusculo empavona-se perante uma invisivel audiencia, prompto com um aceno da sua vara magica a fazer surgir as suas personagens ás luzes brilhantes da rampa e da ribalta.

Notem o fero arreganho de «Le Cosaque»; n'elle temos com certeza o maximo de expressão combinado com o maximo de execução technica. Ha n'este soldado russo do primeiro Imperio uma exuberancia de acção e de sentimento bellico. Assim, em cada unidade da numerosa turba de titeres, existe a mesma preciosa qualidade de «atmosphera».

Egualmente admiravel é o «Second», o padrinho de disposições pacificas da Restauração, uma das personagens essenciaes do drama em miniatura cujo motivo é um duello e os protagonistas dois «Demi-soldes», como se denominavam os malfadados officiaes da Grande Armée dispersada.



SOLDADO RUSSO DO PRIMEIRO IMPERIO

Reparem tambem na consummada reproducção de animaes. Todos nós conhecemos os desenhos de cavallos e cães, devidos a Caran d'Ache, nos quaes se revelam os segredos intimos da vida animal. Sem duvida que estes prototypos de madeira são modelados sobre copias anteriores, com acrescimo dos effeitos necessarios de luz e de sombra. Só um prolongado estudo e grande familiaridade poderiam produzir o aspecto natural — que é realmente a nota caracteristica de toda a collecção — de especimens taes como o cão de guarda «Au repos» e o mesmo «En action». Como indicação exacta de attitudes caninas, de inercia e de energia nervosa, esses dois modelos impõem-se á admiração. O colorido do animal é perfeito, o modelado feito com extrema pericia.

Entre outros typos animaes que apparecem n'esta completa *ménagerie*, deve citar-se o camello, representado com um exagero caricatural das suas formas irregulares e uma corcova extraordinariamente conspicua. O conductor beduino apresenta muita côr local. Não espanta



O BEDUINO E O CAMELLO

decerto que o *tout Paris* se precipitasse avidamente sobre este novo attractivo. Houve competencias para a acquisição d'estes exemplares. executados especialmente para o Salon des Humouristes, e dos quaes não existem copias. Teve de se recorrer á loteria, á qual concorreram com anciedade

guil-o outros artistas eminentes. Assim, do caricaturista Moloch apresentamos já as primicias d'este recente genero. E' uma nova arma, com que os caricaturistas lançam ao mundo a sua satyra, ou benevola ou mordaz, sob a fórma de madeira entalhada e esculpida. Se a ideia pegar, como é prova-



A' ESQUERDA, O REI DE INGLATERRA A CAÇAR FAISÕES.

A' DIREITA, O KAISER NA CAÇA AO JAVALI.









A MEIO, O REI EDUARDO VII EM PARIS.

A' ESQUERDA, O CZAR NA CAÇA AO URSO.

A' DIREITA, O PRESIDENTE FALLIÉRES CAÇANDO COELHOS.

muitos notaveis colleccionadores de arte, dillettanti e homens da alta sociedade.

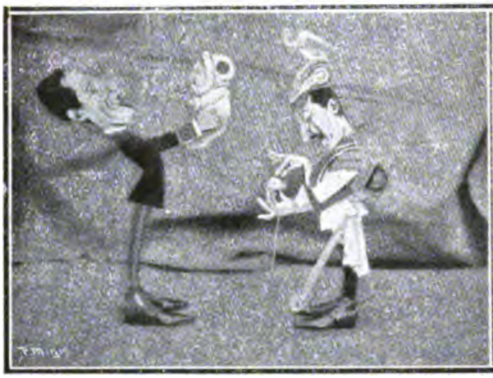
O artista porém não ficou n'estas reproducções impessoaes e typicas. Senhor de um novo processo esthetico, a elle applicou as velhas tendencias de caricatura pessoal, como se vê pelos exemplares que reproduzimos, em que figuram os chefes de estado mais conspicuos da Europa. Abriu assim uma nova estrada em que começam a se-

vel, não tarda que vejamos o vendedor ambulante de jornaes substituido pelo *colporteur* de brinquedos e bugigangas, mais ou menos satyricas.

E interessante recordar, n'este ponto culminante da sua carreira, as influencias que determinaram a vida artistica de Caran d'Ache. Foi n'uma guarnição militar que elle começou a manifestar as tendencias que deveriam fazer d'elle o desenhador por ex-

cellencia do soldado. As auctoridades militares bem depressa descobriram as suas habilidades picturaes, e empregaram-n'o em inventarios illustrados de equipamento extrangeiro. Assim foi adquirindo uma perfeita mestria no assumpto, e d'alli resultou a serie de desenhos, postaes, e caricaturas topicas e politicas que teem deleitado universalmente o publico. Adorador da tradição napoleonica, Caran d'Ache limitou-se durante até tirado do vocabulario russo, e significa «lapis de chumbo».

O momento psychologico em que o artista chegou á plena posse das suas faculdades pode marcar-se por certo, quando se ergueu o panno do theatrinho de Montmartre, conhecido sob o nome de «Chat Noir», para a exhibição das suas «Ombres Chinoises». A *mise-en-scène* era representada por um biombo branco de modestas dimensões,



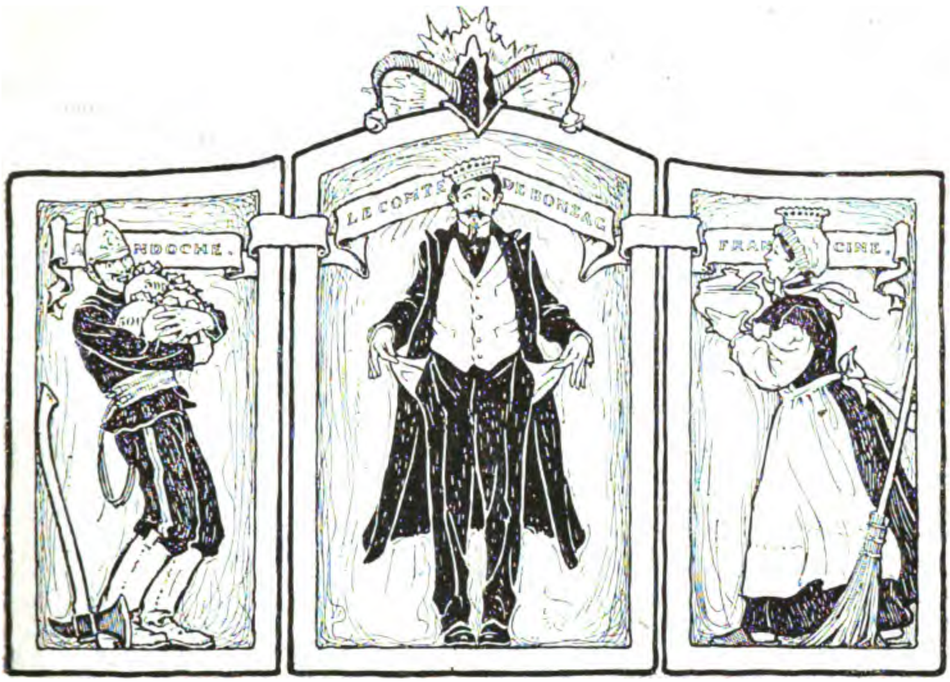
O REI DE HESPANHA COM O SEU REGIO PEQUERRUCHO E O KAISER



O REI EDUARDO APRESENTANDO O RAMO DE OLIVEIRA AO PRESIDENTE FALLIÈRES, QUE BEBE Á «ENTENTE CORDIALE»

Caricaturas em madeira de Moloch

algum tempo quasi exclusivamento áquelle periodo e á reconstituição dos heroes que pelejaram e succumbiram na Batalha das Nações. O fero cossaco attrahiu egualmente as attenções do eclectico caricaturista, cujos commentarios nunca são rancorosos. São-lhe caros os vastos steppes da Russia, terrivelmente desolados, povoados de phantasmas e lendas, e a sua visão d'elles é sempre sincera e pessoal. Caran d'Ache tem intimas ligações com a Russia, onde passou grande parte da sua mocidade; o pseudonymo, que elle adoptou com permanencia, é as personagens por silhuetas. «L'Epopée» se intitulava esse drama fundado na era imperial, o qual trouxe ao auctor a reputação e milhares de espectadores enthusiastas a Montmartre. Foi uma revelação, apenas comparavel ao seu triumpho na recente manifestação da versatilidade do seu engenho no «Salon des Humoristes». A producção d'aquelle primeiro periodo é analoga á d'este ultimo, na precisão minuciosa, na excellencia da technica, fermentada por um elemento pessoal, e transformada em obras inimitaveis.



As surprezas da loteria

I

O conde de Bonzag, na esplanada em ruinas do seu solar de Keragouil, fitava um olhar carrancudo nas pilhas de feno e sebes longinquas, amarrotando entre os dedos nervosos dois pedacitos de papel. O corpo seco não tinha um arratel de carne, a mais do que a absolutamente necessaria para aguentar os ossos compridos e esquinados. Dominava-lhe o rosto bronzeado uma guedelha arruivada, que fielmente reproduzia a feialdade tradicional de gerações de Bonzags. Mas transparecia na rispidez da proeminencia nasal e nos olhos duros e obstinados um certo ar de bravata, que limitava efficazmente o campo dos commentarios.

Por detraz d'elle, a indefinida silhueta de torreões desmantelados e telhados a desabar, reflectia no firmamento sereno algo da desmazelada personalidade do dono. Era um *château* gascão, arrogante e velhusco, que nunca se queixara de um ferimento, nem supportara a indignidade de um remendo. A' roda d'elle, por dentro d'elle, centenas de andorinhas, suas herdeiras naturaes, cruzavam constantemente em adejos vacillantes.

D'entre a obscuridade das pastagens verdes que se iam diluir nos bosques contiguos, ergueu-se de repente uma voz de mulher, n'um riso amoroso.

O conde de Bonzag endireitou-se bruscamente, desalojando do regaço um podengo negro, o qual tombou para cima de uma alambazada perdigueira, cujos latidos indignados despertaram um concerto de canzoada, que surdiu de todos os cantos e se congregou n'um circulo expectante, aguardando com linguas esfaimadas as intenções do dono.

O conde, espreitando attentamente, lobrigou perto da cavallariça o seu inteiro pessoal domestico a reclinar-se voluptuosamente no braço de Andoche, o intrepido bombeiro, heroe de uma duzia de incendios.

— Decididamente, já não ha creados! — exclamou elle, com uma amargura que pro-

duziu agitação na matilha; e em seguida gritou irritado, a toda a força de pulmões:

— Francine! Olá, Francine! Vem cá depressa!

O facto indiscutivel era que Francine tinha reclamado o seu ordenado. Uma exigencia d'estas, indelicada na sua forma mais simples, fôra ainda aggravada por um respeitoso, mas positivo, ultimatum. Ou pagar, ou cozinhar; e se a primeira alternativa era impossivel, a segunda era, sobre impossivel, muito repugnante.

Obediente, acercou-se o inimigo; era uma honesta viuva de trinta e cinco annos, robusta e rechonchuda, a qual parou no cimo dos degraus com o longinquo respeito que o conde de Bonzag inspirava até aos credores.

— Francine, tenho estado a scismar — disse o conde com um olhar conciliador. — Foste um bocado exagerada, mas estavas no teu direito.

— Oh! senhor conde! seis mezes, olhe que é muito tempo, para uma pessoa que tem uma filha a crear...

— Não tornemos a falar na nossa desavença — interrompeu o conde com severidade. — Chamei-te só para te dar parte da minha decisão.

— Sim, senhor conde; muito agradecida, senhor conde.

— Infelizmente — proseguiu Bonzag com aspecto tristonho — sou obrigado a fazer um grande sacrificio. No prazo de um mez, é provavel que eu podesse pagar tudo por inteiro; tenho em Val-le-Temple um tio-avô que está com os pés para a cova. Mas... emfim, isso fica para depois. Devo-te, minha boa Francine, seis mezes de ordenado: sessenta francos, que representam os serviços que me tens prestado. Vou dar-te por conta, e é para já, vinte francos, ou antes, uma cousa que vale immensamente mais do que essa quantia.

Mostrou os dois pedaços de papel, e contemplou-os com affecto e saudade.

— Aqui estão dois bilhetes para a Grande Loteria de França, que deve andar este mez, dez francos cada bilhete. Tive que ir compral-os a Chantreuil; é o numero 77:707 e o numero 200:013. Toma-os lá: são teus.

— Mas, senhor conde — redarguiu Francine, fitando com olhar estupido os bilhetes que machinalmente recebera. — O que eu preciso é de boas rodelas de prata...

— Francine — exclamou de Bonzag com assombrada indignação — vê se comprehendes que eu te dei provavelmente uma fortuna, e que te dispenso de a repartires comigo por qualquer forma...

— Mas, senhor...

— Que ha cento e quarenta e cinco numeros premiados...

— Sim, senhor conde; mas...

— Que um dos premios é de um quarto de milhão, outro de um terço de milhão...

— Pois sim, mas...

— Que o segundo premio é de meio milhão de francos, e o primeiro premio é de um milhão, inteirinho e escorreito.

— Que diz o senhor conde? — disse Francine, começando a arregalar os olhos.

— Cento e quarenta e cinco probabilidades, a menor das quaes é de cem francos. Então, não te parece que isto é grande sacrificio?

— Pois está dito, senhor conde — retorquiu por fim Francine com um suspiro. — Fico com os papelitos por vinte francos. Não são boas rodelas de prata, e tenho a minha menina...

— Basta! — exclamou de Bonzag, despedindo-a com um gesto de colera. — Estou fazendo de ti uma ricaça, e tu nem sequer me agradeces! Vae-te embora, e manda-me cá o Andoche.

Seguiu com os olhos o volumoso vulto que se afastava a passos indecisos, deixou-se cahir na cadeira, e repetiu com profundo abatimento:

— Nem sequer me agradece! Acabou-se! D'esta vez é que eu deitei fóra com certeza um quarto de milhão, pelo menos!

No topo dos degraus surgiu o bombeiro Andoche, com o capacete de latão debaixo do braço, sorridente e sequioso, com os olhos cubiçosos cravados na meza coxa, sobre a qual brilhava uma garrafa de curaçao branco «Triple-sec».

— Ah! é vossê, Andoche! — disse o conde por fim, arrancado á sua abstracção por uma serie de rapidas venias.

Soltou dois suspiros profundos, empurrou levemente a garrafa na direcção do bombeiro, e acrescentou:

— Sente-se, meu caro Andoche. Preciso alegrar-me. Se nós cavaqueassemos a respeito de Paris?

Foi esta a deixa para Andoche se ame-

zendar gratamente n'uma cadeira, deitar mão á garrafa e preparar-se para escutar.

II

Aos trinta e um annos, o conde de Bonzag herdou a somma enorme de quinze mil francos de um tio que enriquecera no commercio. N'um prazo que não excedeu o preciso para o grande imperador atirar com um exercito atravez dos Alpes, o conde deu um salto até Paris, resolvido a repellir todos os engodos com que podesse acenar-lhe Luiz Napoleão, e a prestar o esplendor do seu nome e o peso da sua fortuna ao «Cercle Royal» tão sómente. Duas semanas consagradas a este leal proposito fortaleceram visivelmente as linhas bourbonicas, mas tiveram como resultado a falha de quatro mil francos na bolsa do conde. Depois lembrou-se elle de que a aristocracia patrocinara sempre as artes, e resolveu fazer um exame rapido dos bastidores da Opera e das regiões coreographicas. Uma exploração de seis dias não lhe despertou no espirito nem leves vislumbres de desagrado; mas tão longe levou as investigações que não encontrou mais de mil francos na algibeira. Como era não só lealista e patrono das artes, mas tambem estadista e philosopho, desviou as attenções para o Bairro Latino, viveiro dos grandes espiritos que de futuro guiariam uma França mais esclarecida. Ahi fez a descoberta de que poderia divertir-se mais do que no «Cercle Royal» e gastar consideravelmente menos do que nas artes, e que á razão de cem francos por semana excitava um enthusiasmo pelos Bourbons, que attingia quasi as proporções de tumulto.

Passados trez mezes, recolheu ao seu solar de Keragouil, tendo agitado profundamente todas as classes sociaes, dado vida nova á causa de Sua Majestade, e lamentando apenas, como verdadeiro fidalgo, a devastação tremenda que fizera nos corações femininos.

Por desgraça, esses brilhantes serviços á sociedade parisiense e ao rei haviam-n'o deixado sem sociedade propria, forçado a matutar no arduo problema de manter o cachimbo acceso, a adega cheia, e a creada para todo o serviço n'um estado de anciosa expectação a cousa nenhuma por anno.

Sem se intimidar, atacou este problema da fallencia domestica com a energia e a impetuosidade de um D'Artagnan. Cada anno foi amealhando laboriosamente vinte francos, e empregou-os em dois bilhetes da Grande Loteria, arrogantemente resolvido, como gascão que era, a apanhar tanto o primeiro como o segundo premio, mas satisfeito como philosopho com a possibilidade de figurar entre as menções honrosas. A despeito de se distribuirem todos os annos cento e quarenta e cinco premios, em dezenove tentativas não lograra ainda o prazer de ver o seu nome em lettra redonda. Este resultado, longe de o desanimar, mais lhe inflammava a confiança. Porque elle mettera-se pelas mathematicas, e consolava-se com a reflexão de que, conforme a lei das probabilidades, mais irresistivel se ia tornando de anno para anno.

Todavia, nos ultimos tempos surgira um obstaculo na promettedora laboração d'este systema financeiro. Tomara uma creada para todo o serviço, a dias, com licença de levar da horta tudo quanto necessitasse, de se enfeitar com rosas do jardim, de partilhar do rendimento lacteo da vaca, chamada «La Belle Étoile», e de receber o salario mensal de dez francos. A difficuldade surgia invariavelmente da interpretação d'esta ultima clausula. Porque o conde não era regular no pagamento, ou, para melhor dizer, era regular em não pagar nunca.

Succedia pois que a creada ia gradualmente passando do estado de inquietação para o de revolta franca, especialmente quando a horta deixava de produzir e as roseiras de florir. Quando se pronunciava o ultimatum, o conde consultava os seus recursos, e via que elles consistiam invariavelmente em dois bilhetes da loteria, mas, de accordo com as leis da probabilidade, cada vez mais susceptiveis de procrear um milhão e quinhentos mil francos. De um lado estava a gloria do nome historico, e a possibilidade de outra viagem a Paris; do lado opposto apresentava-se o problema brutal da sopa e do prato do meio. A humanidade triumphava; e a creada acceitava, embora de má sombra, as condições das treguas. Chegava depois a noticia da tiragem da sorte, e o pessoal de serviço ia-se embora.

Esta comedia, annualmente repetida, representava-se annualmente por identicos ter-

mos. Sómente, de anno para anno, o periodo intermediario entre a entrega dos bilhetes e o annuncio da loteria trazía ao espirito do conde uma angustia crescente. De cada vez que o conde via os preciosos papelinhos passarem definitivamente para as mãos da creada, ficava convencido de que as leis da probabilidadde iriam afinal fructificar. De anno para anno, achava elle nova significação nos mysterios cabalisticos dos numeros. A decima oitava tentativa, multiplicada por trez, dava cincoenta e quatro, que era a sua edade. O exito era inevitavel; o numero dezenove, indivisivel e casto sobre todos, parecia especialmente designado. N'uma palavra, o conde soffria n'esses periodos como só pode soffrer um jogador de vicio inveterado por quatro gerações successivas.

No momento presente, o numero parecia-lhe ter propriedades que nenhum outro numero possuira, especialmente pela reapparição do zero, algarismo que particularmente o seduzia por symetrico. O seu desespero era por conseguinte sem limites.

De ordinario, a noticia da loteria chegava por um inspector das estradas, o qual passava por Keragouil cousa de uma semana depois da publicação pela imprensa; porque o conde, depois de entregar os bilhetes, ficava com receio de ganhar.

D'esta feita, para maior transtorno, foi um inglez, n'uma excursão em bicycleta, quem lhe trouxe um jornal, objecto quasi desconhecido em Keragouil, onde o silvo da locomotiva estava ainda por penetrar.

O conde de Bonzag, ao abrir o periodico com o costumado aperto do coração, ficou sobresaltado com o titulo garrafal:

RESULTADOS DA LOTERIA

Um volver de olhos para os vencedores do primeiro e do segundo premio tranquillisou-o. Respirou satisfeito, murmurando:

— Que sorte! Graças a Deus! Não torno a cahir n'outra!

Depois, com curiosidade negligente, percorreu a lista dos cento e quarenta e trez premios mediocres. Subito, as letras dansaram-lhe deante dos olhos, e a grande esplanada pareceu levantar-se. O numero 77:707 ganhara o quarto premio de cem mil francos; o numero 200:013 apanhara dez mil francos.

III

A commoção que subjugou Napoleão em Waterloo, ao ver os seus esquadrões triumphantes sossobrarem no campo, não foi nem um apice mais completa do que o desespero do conde de Bonzag ao perceber que os cento e dez mil francos, que as leis da probabilidade haviam finalmente produzido, eram agora propriedade da cosinheira Francine.

Cento e dez mil francos! Era colossal! Cinco gerações de Bonzags nunca tinham posto as mãos em tamanha quantia. Cento e dez mil francos importavam a rehabilitação do nome historico, a restauração do solar de Keragouil, metade do anno em Paris, no «Cercle Royal», nas regiões da arte, e entre os grandes espiritos que ainda eram jovens no Bairro Latino. E tudo isto estava nas mãos de uma anafada camponeza da Gasconha, cujas ambições de conforto e prazer se satisfaziam com cento e vinte francos por anno.

— Que hei de eu fazer? — bradou elle, erguendo-se n'um repente de furia.

Depois sentou-se desalentado. Nada havia a fazer. Era obvio que Francine era uma ricaça, possuidora da maior fortuna de que rezavam as tradições de Keragouil. Nada havia a fazer, ou por outra, só havia manifestamente um caminho a seguir, e o conde resolveu desde logo enveredar por elle. Era forçoso recuperar os bilhetes, embora lhe custasse o fazer uma condessa de Bonzag.

Felizmente para elle, Francine ignorava totalmente a chegada do jornal. Comquanto o caso não sofresse delongas, ainda restava tempo para um compatriota de D'Artagnan. É certo que havia de permeio o bombeiro Andoche; mas um Bonzag, com trez mezes de experiencia do coração feminino em Paris, não era homem que se preoccupasse com um simples bombeiro. A' noitinha, na meia obscuridade da casa de jantar, quando Francine chegou com a terrina fumegante, o conde, que a esperava de colher em punho e guardanapo ao pescoço, encetou valorosamente o assalto.

— Que rico cheiro! — disse elle, levantando o nariz — Francine, tu és a rainha das cosinheiras.

— Ora essa, senhor conde! — balbuciou

Francine, detendo-se com pasmo — Muito agradecida!

— Não me agradeças; eu é que te devo agradecimentos.

— Ora essa!

— Devo, devo! Francine...

— Que deseja o senhor conde?

— Quero que ponhas outro talher, defronte de mim.

— Outro talher?

— Exacto.

Francine, cada vez mais espantada, tratou de pôr na meza o prato, o garfo e a faca.

— É o senhor cura que vem cá? — perguntou ella, puxando uma cadeira.

— Não, Francine.

— Não é o senhor cura? Quem é então?

— É para ti o talher, Francine. Assenta-te.

— Eu? Eu, senhor conde?

— Senta-te. Mando eu.

Francine recuou trez passos como na intenção de se retirar, depois parou e fitou o amo estupefecta e um pouco desconfiada.

— Minha querida Francine — continuou o conde — estou farto de comer sósinho. E' mau para a digestão. E aborreço-me muito. Preciso de sociedade. Senta-te, anda.

— É ordem do senhor conde?

— É um favor que te peço, Francine.

Francine, de olhos arregalados, adeantou-se com hesitação e sentou-se com toda a delicadeza, mais surprehendida que lisonjeada, e mais assustada que satisfeita.

— Ah! isto agora é outra coisa! — disse o conde com um aceno approvador. — Como eu tenho supportado esta vida ha que annos! Francine, serve-te de vinho.

A estonteada creatura, que tinha enguiido com grande difficuldade uma colher de sopa, poz-se de pé n'um arranco, a tremer toda, balbuciando com desconfiada virtude:

— Lembre-se o senhor conde que eu sou uma mulher honesta!

— Se me lembro, minha querida Francine! Tenho a certeza d'isso! Por conseguinte, senta-te com socego. Eu vou expôr-te a situação.

Francine hesitou de novo; depois, tranquillisada pela devoção com que elle se atirava á sopa, tornou a acommodar-se na cadeira.

— Francine, tomei uma resolução — exclamou o conde, enchendo o copo com tal energia que appareceu na toalha um circulo vermelho. — Esta vida que eu levo não tem geito nenhum. O homem é um ente sociavel. Precisa de companhia. O isolamento reverte-o ás condições de irracional.

— Sim, senhor conde — retorquiu Francine, sem perceber nada.

— Por isso, estou resolvido a casar.

— O senhor conde quer casar! — clamou Francine, entornando metade da sua sopa com o sobresalto.

— Perfeitamente, Foi por isso que te pedi o favor de me fazeres companhia.

— O' senhor conde... Pois o senhor conde... O senhor conde quer casar comigo?

— Exactamente!

— O senhor conde... casar comigo?

— Peço-lhe com todas as formalidades se digne ser minha esposa.

— Eu?

— Sim, Francine.

— Pois o senhor quer... quer que eu seja condessa de Bonzag?

— Quero, e é para já.

— Oh!

Erguendo-se, Francine ficou um momento esgazeada para elle, transida de terror; depois dando um grito, sumiu-se pesadamente pela porta.

— Foi ter com o Andoche — disse o conde irritado com os seus botões. — Gosta d'elle!

Sahiu da casa de jantar muito agitado, e foi passeiar para a esplanada, no meio dos cães, resmungando com inquietação.

— Demonio! dei-lhe a noticia muito de chofre! Foi tolice, foi. Se ella está embeiçada pelo tal bombeiro... Hein? Um bombeiro a rivalisar com um conde de Bonzag... Que engulho!

De repente, ao luar, viu lá em baixo o Andoche esquivando-se ao abraço de Francine, e, para não o verem, voltou nervoso para a casa de jantar.

Pouco depois, a creada entrou tambem, serena, mas com olhos denunciadores de agitação intima.

— Então, Francine, eu assustei-te? — perguntou o conde jovialmente.

— A falar a verdade, senhor conde...

— Desembucha! que queres dizer?

— O senhor conde falou serio?

— Nunca falei tão serio na minha vida.

— O senhor conde deseja realmente fazer de mim a condessa de Bonzag?

— Está claro! Já te disse que as minhas intenções são legitimas.

— O senhor conde dá licença que eu lhe faça uma pergunta?

— Uma duzia até.

— Lembre-se que eu sou viuva...

— Com uma filha, bem sei.

— Perdôe, senhor conde. Tenho-me fartado de pensar, e tenho pensado muito na pequenita. Que entende o senhor conde que eu faça?

O conde reflectiu, e respondeu com magnanimidade:

— Adoptal-a, não a adopto; mas, se queres, pode viver aqui.

— N'esse caso, senhor conde — disse Francine, cahindo de joelhos — fico-lhe muito reconhecida. O senhor conde tem tanta bondade...

— Está pois decidido — disse o conde, erguendo-se com jubilo.

— Sim, senhor conde.

— Então, será ámanhã — proseguiu o conde. — E o meu feitio; gosto de tudo dito e feito. Tenha a bondade de se levantar, minha senhora.

— A'manhã, senhor conde?

— Sim, minha senhora. Tem alguma objecção a fazer?

— Ah! não, senhor conde; pelo contrario — respondeu Francine, ruborisando-se de prazer pelo tratamento cerimonioso do conde.

Depois, acrescentou cautelosamente:

— O senhor conde tem rasão; assim é melhor. Ha tantas más linguas!

IV

A volta dos noivos foi um caso sensacional em Keragouil, porque o conde de Bonzag, segundo a moda de seus antepassados, encavalgou a noiva atraz de si, na rotunda garupa de «Quatre Diables», o qual foi trotando com inalteravel equanimidade. Pelo caminho, os camponezes, que mantinham pelo conde um leal terror, saudavam o cortejo em respeitoso silencio, agglomerando-se na estrada para dar á lingua, apenas quando «Quatre Diables» desapparecia ao longe.

Sem se dignar dar importancia ao alvoroço que produzia, o conde seguiu direito ao pateo de entrada, onde «Quatre Diables», reconhecendo o marco que servia de apeadeiro, baixou a cabeça e começou a tosquiar a herva. A nova condessa, fatigada pela novidade da sua posição, endireitou-se com grato sorriso para desmontar pelo meio mais natural, isto é, deixando-se escorregar brandamente pelas ancas do benevolo «Quatre Diables». O conde porém, presentindo o que lhe ia na retaguarda, deteve-a com uma palavra, e, passando a perna esquerda por sobre o pescoço do corsel, desceu graciosamente para o marco, onde, curvando-se profundamente, disse com ademanes cortezãos:

— Senhora condessa, permitta que lhe offereça a minha mão.

A condessa, com as melhores intenções d'este mundo, teve consideravel difficuldade em executar o movimento pelo qual seu marido conseguira apeiar-se. Por fortuna, o conde recebeu-a sem percalço, metteu-lhe a mão debaixo do braço, e escoltou-a cerimoniosamente até ao *château*, emquanto o «Quatre Diables», desaffogado da desusada carga, se rebolava voluptuosamente na terra e arranhava o lombo nas pedras da calçada.

— Minha senhora, tenha a bondade de entrar em sua casa.

Com estudada elegancia, o conde aconchegou o chapeu ao peito, e fez uma venia respeitosa, abrindo a porta.

— Oh! senhor conde! faz favor de entrar primeiro? — disse Francine, muito confusa.

— Passe, minha senhora, e entre na sala de jantar. Temos certas cerimonias a observar.

Francine obedeceu, sempre com os olhos nos movimentos do esposo. Quando elle entrou na casa de jantar e se dirigiu ao aparador, ella deu egual numero de passos na mesma direcção. Quando elle, depois de ter ido buscar uma garrafa e copos, se voltou encaminhando-se para ella, ella recuou. Quando elle parou, parou tambem ella, e sentou-se seguindo-lhe exactamente os movimentos.

— Senhora condessa, offereço-lhe um copo do famoso Borgonha de Keragouil — começou o conde, enchendo-lhe o copo — E' um vinho que nós, os Bonzags, guardámos sempre para saudar nossas esposas e brindar

nossos filhos. Minha senhora, tenho a honra de beber á condessa de Bonzag.

— Oh! senhor conde— disse Francine que, espreitando-lhe o gesto, enguliu o vinho de um trago.

— A' saude dos nossos antepassados! — continuou o conde, despejando a garrafa nos dois calices. — E agora, atire com o copo ao chão!

— Sim, senhor conde — replicou Francine, obedecendo com pezar, graças ao seu novo instincto de dona de casa.

— Agora, minha senhora, como minha esposa e senhora de Keragouil, convem que comprehenda a sua posição e o que eu espero da condessa, — disse o conde, indicando-lhe uma cadeira e occupando uma poltrona com gesto magistral. — Conto que aprenderá de bom grado o que passo a ensinar-lhe, para se tornar digna da nobre posição que occupa.

— Oh! o senhor conde póde ficar certo que eu hei de fazer quanto possivel... — redarguiu Francine, quasi succumbida.

— Espero que me prestará a deferencia e a obediencia que reclamo como chefe da casa de Bonzag.

— Oh! senhor conde! pois pode suppôr...

— Que seja economica e amavel.

— Com certeza, senhor conde.

— Que attenda ao que eu lhe digo, esqueça que era uma simples camponia, que me dê trez sobremezas por semana, e que nunca, minha senhora, dê mostras da mais ligeira infidelidade.

A estas ultimas palavras, Francine, já subjugada pela rapida reviravolta da sorte, assim como pelo poderoso espirito do generoso Borgonha, desatou a chorar perdidamente.

— E nada de lagrimas! — disse Bonzag, afastando-se com severidade.

— Não, senhor conde, não! — exclamou Francine, enxugando precipitadamente os olhos.

Depois cahiu de joelhos, e proseguiu com voz entrecortada:

— Oh! senhor conde... perdão, perdão!

— Que quer dizer isso? — bradou o conde furioso.

— Perdôe-me, senhor conde; eu conto-lhe tudo!

— Minha senhora... minha senhora, não comprehendo — disse o conde, dominando-se a custo. — Continue; eu a escuto.

— Oh! senhor conde, eu conto-lhe tudo! Juro pela imagem de Saint-Jacques d'Acquin.

— Dar-se-ha caso que me mentisse a respeito de sua filha? — exclamou Bonzag com horror.



DESTE-LHE OS BILHETES... OS BILHETES DA LOTERIA?

— Não, senhor conde, não é isso — respondeu Francine.

Depois escondeu o rosto, e proseguiu:

— Senhor conde, occultei-lhe uma cousa: é que eu gostava do Andoche.

— Ah! — disse o conde, com um suspiro de allivio.

Sentou-se, e acrescentou com doçura:

— Minha pobre Francine, isso sei eu. Ai de nós! São cousas do mundo!

— Oh! senhor conde, agora está tudo acabado, juro-lhe! — protestou Francine. — Mas eu gostava muito d'elle, e elle tambem gostava de mim... Ah! lá isso gostava muito, senhor conde! Perdôe-me, mas n'esse tempo eu nem sequer sonhava que viria a ser condessa, senhor conde. E quando o senhor conde me falou n'isso, eu fiquei sem saber o que havia de fazer. O coração, tinha-o dado todo ao Andoche, mas... emfim, a verdade é que comecei a pensar na pequena, e disse comigo... Sim! pensei na posição que lhe podia dar, se fosse condessa. Que grande passo, não é verdade, senhor conde? E vae então, eu disse comigo: «E preciso que tomes essa resolução. por via d'ella!» E vae, fui ter com Andoche, e contei-lhe tudo..., tim-tim por tim-tim... que o meu coração lhe pertencia a elle, mas que tinha deveres para com ella. E o Andoche então... que bom coração o d'elle, senhor conde!... comprehendeu tudo, e desatámos ambos a chorar!

Ficou um momento embatucada, e levou rapidamente as mãos aos olhos.

— Perdão, senhor conde; vae elle, disse que eu fazia bem, e eu dei-lhe um beijo... eu nada occulto, o senhor conde ha de perdoar-me... e elle foi-se embora!

Deu um passo para o conde, retorcendo o lenço, e acrescentou n'um timido appello:

— O senhor conde percebe porque eu lhe conto isto? Creia-me, senhor conde, Tudo isso acabou. Sahiu-me tudo do coração. Juro pela imagem de Saint-Jacques d'Acquin.

— Minha senhora, isso tudo já eu sabia — disse o conde, levantando-se. — Em todo o caso agradeço-lhe a confissão.

— Oh! senhor conde! agora puz tudo isso de banda, juro-lhe por quanto ha mais sagrado!

— Acredito — interrompeu o conde — E agora não falemos mais em tal! Tambem eu vou ser franco com a condessa.

A sorrir, encaminhou-se para o canto onde estava o bahu, amarrado com cordas, que continha o enxoval da condessa de Bonzag.

— Abra esse bahu, e dê-me os bilhetes da loteria de que eu lhe fiz presente.

— Han? O senhor conde diz?...

— Os bilhetes da loteria...

— Oh! senhor conde, esses não estão ahi dentro...

— Onde estão?

— Oh! senhor conde, espere; eu lhe digo — redarguiu Francine simplesmente. — Quando o Andoche se foi embora...

— O que! — bradou o conde como um trovão.

— Elle ficou tão abatido, senhor conde. e eu fiquei com tanto receio do que elle fizesse... e então, para o consolar, senhor conde... dei-lhe o que tinha... dei-lhe os bilhetes.

— Deste-lhe os bilhetes... os bilhetes da loteria!

— Foi para o consolar... sim, senhor conde.

O vulto esguio do conde de Bonzag vacillou, e depois, como se o corpo houvesse de repente perdido o aprumo do vestuario. deu comsigo pesadamente no chão.

Owen Johnson.

Versão do inglez.



VISTA DO RIO MUNDAHU

Santa Luzia

(No Estado de Alagoas, E. U. do Brazil)

Á margem da lagôa do Norte fica situada uma antiga cidade alagoana, de origem portugueza, como attestam seus edificios de mais de cem annos de idade. — SantaLuzia do Norte.

Eram 6 horas da manhã quando embarquei no porto da Levada de Maceió.

As canôas cheias de fructas, e productos de pequena industria, estavam ali, fazendo o commercio quotidiano.

Umas vinham carregadas de cannas de assucar, de que se servem principalmente para a fabricação de *caldo azêdo* e *rolêtes;* outras, de panellas e potes de barro; outras, de esteiras de *periperi*, esteiras de *cangalha*, carvão de madeira, etc.

Numa dessas canôas de um só tronco de madeira parti para a cidade de Santa Luzia do Norte.

Uma hora depois passava deante de Fernão Velho, onde se acha uma excellente fabrica de tecidos da Companhia União Mercantil.

Pouco além desemboca o rio Mundahú, que passa por um valle fertilissimo, formando pequenas cascatas, produzindo a força necessaria para pôr em actividade as duas maiores fabricas do Estado — *Progresso* e *Alagoana*, ambas de fiação e tecidos.

Ao entrar na bacia em que está a cidade de Santa Luzia, avista-se a pittoresca propriedade do meu amigo Major Alencastre, velho empregado publico aposentado: denomina-se *Sitio Nova Aurora.*

Um espectaculo digno de attenção attrahe as vistas do viajante.

A's margens da bacia do Norte, bordadas de *baronezas*, bella planta aquatica, e de *mangues* verdejantes, esvoaçam grandes garças brancas, aves de varias especies, de varias côres, umas negras como pequeninos corvos, outras vermelhas e amarellas; cor-



MATRIZ DE SANTA LUZIA DO NORTE

rem bandos de *aratús,* carangueijos rosados, de um sabor delicioso, saltam peixes que por um pouco não cáem aos pés do *canoeiro.*

A abundancia de fructas na cidade; de peixe, camarões, sururús, de aves, nas margens da lagôa, faz daquella terra um pequeno paraizo de indolencia.

Que necessidade de trabalhar para ganhar o pão «com o suor do rosto», se, ali, ao alcance das mãos, está o alimento diario, sem fadiga, nem cuidados ?

. . . .

Alguns minutos depois do descanço tomado na chacara *Nova Aurora* fui visitar a archeologica cidade, construida sobre a encosta da montanha.

Uma rua principal, muito velha, lembrando o antigo gosto portuguez pela architectura singela de suas casas, outra rua, a do Commercio, partindo pelo lado direito da Matriz, são as duas mais importantes.

A Matriz ostenta na sua fachada a indicação de que foi ali posta em 1786.

Era dia de festa.

A' frente da entrada principal estava uma bateria de bombas, ao lado, uma girandola de foguetes.

Do mastro ornado de folhas pendia a bandeira parochial.

Na rua do Commercio existe ainda um representante da raça portugueza, um velho negociante rico, o *marinheiro,* como é conhecido.

Seu filho, o juiz de casamentos, Luiz de Carvalho, é talvez o mais popular dos habitantes de Santa Luzia.

Chefe de numerosa familia, muito bemquisto, tem duas filhas mui amaveis e realmente bonitas.

Conservam bem a tradição portugueza da hospitalidade fraternal, e assim me receberam como se eu fosse um parente recemchegado.



NOITE DE LUAR



SITIO «NOVA AURORA»

promotor publico da comarca.

As outras ruas da cidade são do typo da rua de S. Vicente, cuja photographia vêem aqui.

Nessas casinhas de palha de coqueiros não entra a fome: todos pescam e em poucas horas obteem o necessario para viver por uma semana.

Subindo a ladeira que vai até o cimo da montanha, vê-se o cemiterio da cidade.

Dessa elevação avista-se a capital do Estado e grande porção da lagôa do Norte.

E' lastimavel que a industria não tenha penetrado ainda nesses logares tão ferteis do Estado das Alagoas.

Não conheço povo em que a virtude da hospitalidade seja melhor cultivada do que no povo portuguez.

Em companhia desse estimavel cidadão fui visitar a Sociedade Philarmonica Nortense.

Attendendo á pobreza da cidade, a distancia da capital, a banda de musica dessa philarmonica é merecedora de apreço.

Seu regente, um velho extremamente sympathico, Manuel da Silva Wanderley, descendente de portuguezes e hollandezes, como indica seu nome, é um modesto e habilissimo cultor da arte musical.

O presidente da sociedade é um meu collega de estudos primarios, dr. Antonio Cavalcanti,



RUA DE S. VICENTE (SANTA LUZIA DO NORTE

Em Santa Luzia a cultura do terreno limita-se apenas á plantação de araruta, mandioca, coqueiros, etc., em pequena escala.

A maior parte da terra nunca foi lavrada pelo homem!

O commercio é deminuto, quasi nullo.

Ali ninguem aproveita as fructas que dão vinhos excellentes, como os cajús, ananazes, genipapos; ou compotas mui apreciadas, como as mangas, laranjas, goyabas, etc.

Existe alguma plantação de cafeseiros que servem apenas para o consumo local.

A apicultura, que seria rendosissima, pois o mel das abelhas, em Santa Luzia, é especialmente aromatico, é limitada em extremo e muito rotineira.

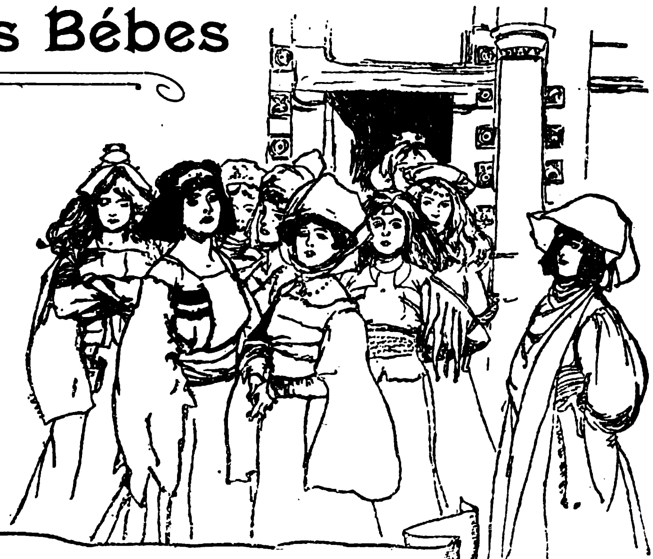
Eis ahi uma cidade em decadencia que seria certamente um grande centro de riqueza...

L. Lavenère.



LEVADA DE MACEIÓ

Serões dos Bébes



A Princeza da Romã

Era uma vez um rei que tinha trez filhos, qual d'elles melhor, mais forte e espadaúdo. O mais velho chamava-se Vasco, o segundo Duarte e o mais novo Ruy.

Ora o rei tinha grande paixão por vêr que os filhos fugiam da companhia das damas formosas e gentis, e só queriam andar á caça ou jogar a espada e a lança.

E vae elle um dia, sentindo-se já velho e querendo que os filhos tomassem mulher para lhe darem um enxame de netinhos antes que elle baixasse ao mausoleu dos seus avós, chamou os trez infantes e disse-lhes:

— Amanhã dou um grande baile, a que hão de vir as raparigas mais bonitas do meu reino. Olhae muito para ellas, porque haveis de casar com as que mais vos agradarem.

No dia seguinte houve effectivamente no Paço um grande baile. Os infantes andaram por todas as salas, que estavam cheias de raparigas lindissimas, porém nenhuma lhes agradou.

O pae não os perdeu de vista, e, ao irem-se embora os ultimos convidados, ficou mais furioso e desconsolado que nunca, porque os infantes mal tinham olhado para todas aquellas formosuras e pareciam cada vez mais tristes e aborrecidos. Chamou-os logo á camara do Conselho e fallou-lhes d'esta maneira:

— Já vejo, filhos, que não quereis fazer-me a vontade. Porque não vos resolveis a casar?

— Saberá Vossa Real Mercê que não encontramos no vosso reino noiva que nos agrade, respondeu D. Vasco, em seu nome e em nome dos irmãos.

— Muito bem, disse o rei. Esse mal vae ter prompto remedio. Visto que no meu reino não ha mulher capaz de vos agradar, ireis procural-a em outras nações. Darei a minha corôa áquelle de vós que voltar trazendo comsigo a noiva mais encantadora.

Os trez infantes começaram a jornada no dia seguinte e d'ahi a tempos chegaram á côrte de Castella, tendo passado muitos trabalhos e escapado a uma grande tempestade, que os fez demorar muito no caminho.

N'aquella tarde foram ao Paço Real, onde el-rei de Castella deu uma festa em honra dos trez visitantes. Pelas salas viam-se as mais lindas donzellas d'aquelle reino, mas nenhuma conseguiu que qualquer dos infantes ficasse por ella apaixonado.

De Castella os trez irmãos foram para França, e durante a jornada atravessaram uma floresta de arvoredo muito cerrado, onde se perderam. Já começava a fazer escuro, quando chegaram ao pé de uma choupana.

— Boas noites, avósinha, disse D. Vasco a uma velha, que estava á porta da choupana.

— Boas noites, meus netos, respondeu a velha. Que pretendeis de mim?

— Que nos deis pousada por esta noite, respondeu D. Duarte.

— Com muito gosto. Entrae! Entrae! tornou a velha, e foi logo arranjar a ceia para os filhos do rei. Depois fez-lhes uma cama no chão, emquanto elles lhe diziam o motivo por que andavam correndo as sete partidas do mundo.

De manhã os infantes deram á velha uma bolsa recheada de oiro, recebendo em troca trez romãs, uma para cada um.

E, ao dar-lhes as romãs, que pareciam de oiro, a velha disse aos trez irmãos:

— Se quereis alcançar aquillo que buscaes, livrae-vos de abrir estas romãs longe da agua corrente.

Tendo agradecido á velha a exquisita offerta, os trez irmãos montaram a cavallo e continuaram a sua jornada atravez da grande floresta. Por volta do meio dia, pararam para descançar á sombra de um olmeiro.

— E se eu agora comesse a minha romã? disse o infante D. Vasco.

Abriu o fructo e logo sahiu de dentro uma nevoasinha prateada, que foi crescendo, crescendo e se tornou afinal em uma rapariga muito bonita.

— Ai! Que sêde com que eu estou! disse ella. Dae-me agua quanto antes, ou morro!

Os infantes desataram a correr pela floresta, em procura de agua, mas não a encontraram. Quando voltaram, a rapariguinha estava a tornar-se outra vez em nevoa prateada, que foi subindo até á copa das arvores e afinal se desvaneceu de todo.

Ainda estiveram a vêr se ella tornava a apparecer, mas por fim desenganaram-se, montaram a cavallo e continuaram muito tristes a sua jornada. Quando o sol já principiava a baixar, passaram perto de uma lagoa, e o

infante D. Duarte abriu a sua romã, d'onde sahiu outra menina tambem muito linda.

— Ai! Que sêde com que eu estou! disse ella. Dae-me agua quanto antes ou morro!

O infante D. Duarte correu para a margem da lagoa, encheu de agua o elmo e veiu offerecel-a á rapariguinha. Ella, porém, recusou-se a beber, porque não era agua corrente, e, antes que o infante podesse ir procurar a agua que ella desejava, desfez-se em nevoa prateada, que d'ali a pouco desappareceu de todo.

D. Duarte, muito triste, foi ter com os irmãos e puzeram-se novamente a caminho. Quando escureceu, não encontraram, como na vespera, uma choupana onde passassem a noite. Para vêr se descobriam pousada, espalharam-se os trez pelo meio do arvoredo, e caminharam atravez da escuridão.



— DAE-ME AGUA ANTES, OU MORRO

Ao raiar da madrugada o infante D. Ruy viu-se sósinho, ao pé de uma fonte de agua muito pura e crystalina, que corria para os lados de uma cidade de torres muito altas e de tectos ponteagudos, onde faiscava o sol acabado de nascer.

D. Ruy apeou-se, e, chegando-se para a fonte, abriu a romã que a velhinha lhe tinha dado.

E logo sahiu d'ella uma nevoa prateada, que se tornou em uma donzella mil vezes mais bonita que as outras duas. O infante deu-lhe immediatamente a beber a agua corrente e a donzella ainda ficou parecendo mais linda.

Cheio de admiração, D. Ruy esqueceu-se da fome e do cançaço, e depoz aos pés da sua amada trez ricos aneis que trazia comsigo, um de brilhantes, outro de rubis e outro de esmeraldas.

— Tudo isto é vosso, disse o infante. Esperae-me aqui, meu amor. Vou á cidade comprar-vos um diadema de perolas e um vestido de brocado de oiro, para vos adornardes, e uma carruagem de gala, para nos levar.

A Princeza da Romã tinha medo de ficar sósinha ao pé da fonte e por isso trepou a uma arvore e escondeu-se entre a folhagem. O infante correu para a cidade e emquanto elle esteve longe, veiu uma cigana beber á fonte e viu a princeza empoleirada na arvore.

— Que estaes ahi fazendo, linda menina? perguntou ella.

A princeza desceu da arvore e contou-lhe o que tinha acontecido.

Voltou-se para olhar para a cidade, e vae a cigana apanhou um pedregulho e atirou-lh'o com força, fazendo com que ella cahisse no chão

como morta. Arrastou o corpo para um sitio onde o matto era mais fechado e cobriu-o de folhas.

D'ali a pouco voltou D. Ruy.

— Não vos assusteis por me vèr tão mudada, disse a cigana. Foi uma feiticeira que passou por aqui e me fez este encantamento. Mas não pode durar muito. Apenas eu tiver casado comvosco, tornar-me-hei ainda mais bonita que era d'antes.

D. Ruy acreditou e deu-lhe o vestido de brocado e o diadema de perolas, com que a cigana logo se enfeitou, e ambos foram de carruagem para a tal cidade que se avistava d'ali, e depois para o reino do pae do infante.

Quando estavam quasi a chegar, D. Ruy, olhando para a noiva, deu pela falta de uma coisa de grande valor, e perguntou:

— Onde estão os aneis que vos dei?

— Os trez aneis?... Ah! sim. Perdi-os emquanto estava encantada. Mas isso pouco importa. Volto á forma primitiva apenas nos casarmos.

A cigana tratou logo de escrever uma carta á irmã, que morava perto da floresta, e pediu-lhe que fosse tirar do cadaver da princeza os aneis que ella tinha nos dedos, pois devia leval-os quando se fosse casar com o filho do rei.

Mal chegou á côrte do pae, o infante levou ao palacio real a feia cigana e apresentou-a ao pae.

— Então é com essa mulher que te queres casar? perguntou este, muito espantado. Já não me admira que no meu reino não encontrasses noiva que te agradasse.

Só ficou mais socegado depois de ouvir o filho contar-lhe a historia da sua estranha aventura.

— Então é esta a Princeza da Romã? exclamou elle. Pois vaes casar quanto antes, para se acabar o encantamento.

A cigana é que não quiz que se casassem tão depressa, porque estava á espera de que a irmã lhe trouxesse os aneis, e então disse que estava muito doente e que a cerimonia só poder ir ser d'ali a um mez.



— QUE ESTAES AHI FAZENDO, LINDA MENINA?

Ao cabo de trez semanas chegou a irmã.

— Depressa! Dá-me os aneis, disse-lhe a cigana.

— Não os tenho, respondeu a irmã. Procurei tudo na floresta, em volta da fonte, e não fui capaz de encontrar o corpo da princeza.

— Estava debaixo de um monte de folhas, disse a cigana.

— Vi as folhas, mas não vi a princeza, respondeu-lhe a irmã.

— Não tem duvida! Caso ámanhã mesmo com o infante, e depois não haverá ninguem que nos possa separar.

Ainda ficou mais contente quando viu os outros dois infantes chegarem ao palacio, sem terem arranjado noiva.

— Sabes, mana? disse ella á irmã. O meu esposo será rei, e eu serei rainha. Ainda me has de beijar a mão!

Depois de perderem as donzellas das romãs, os infantes D. Vasco e D. Duarte, n'uma tristeza mortal, tinham voltado para o reino de seu pae, sem pensarem mais em arranjar noiva. Vinham tão desconsolados, que nunca levantavam do chão os olhos, de modo que não viram duas nevoasinhas prateadas, que lhes fluctuavam por cima das cabeças e que os acompanhavam no regresso á terra natal, ficando pendentes por fim, como nuvem ligeira, por cima do pateo do palacio.

— Que nova e encantadora ornamentação que faz aquella arvore! disse o rei no dia seguinte de manhã, quando se estava formando, da banda de fora do paço, o cortejo nupcial. Filhos, trouxestel-a de Castella?

— O quê, meu pae? perguntaram os infantes D. Vasco e D. Duarte.

Tendo erguido os olhos, viram uma arvore muito estranha que se erguia da fonte do pateo. Duas romãs pendiam-lhe dos ramos mais baixos e outra do raminho mais alto.

Dando um grito de alegria, os dois infantes sahiram do cortejo e foram apanhar os dois fructos que estavam mais perto, ao mesmo tempo que a cigana dava um grito, muito raivosa, e, apesar de todas as pompas do seu traje de noiva, corria após elles e trepava como um gato pelo tronco acima. Antes, porém, que tivesse chegado a apanhar a romã mais alta, D. Ruy puxou-a á força para baixo, e, emquanto ella rebolava no chão, subiu o infante á arvore e colheu o fructo appetecido.

— Ides agora decidir, querido pae, disseram os infantes, qual de nós escolheu noiva mais linda.

E sentados á beira da fonte, abriram as romãs, á vista dos cortezãos e do povo.

De cada fructo sahiu uma nevoasinha prateada, que foi crescendo, crescendo e tomou a forma das trez raparigas. Antes que qualquer d'ellas pudesse dizer: «Tenho tanta sêde!» já os infantes lhes tinham dado a beber a agua crystallina e fresca da fonte.

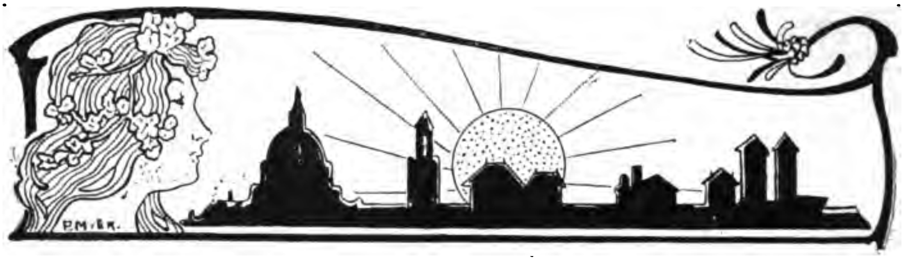
A noiva do infante D. Vasco era linda como os amores, e a do infante D. Duarte talvez ainda fosse mais bonita. Mas quando viram a Princeza da Romã, o povo e a côrte gritaram logo:

— É a rainha! É a rainha!

Era effectivamente a mais bonita de todas trez.

Formou-se de novo o cortejo nupcial, e em logar de um houve trez casamentos.

A cigana e a irmã tinham desapparecido e ninguem mais soube d'ellas.



O Quinto Concurso Photographico dos "Serões"

Não teve, infelizmente, o exito dos concursos anteriores este sobre o qual nos pronunciamos agora. A exigencia do thema — um trabalho photographico, que se adapte á decoração da capa dos **"Serões"** *— não foi satisfeita pelos nossos amaveis concorrentes. Os que tentaram aproximar-se da realisação d'esta exigencia, enviaram trabalhos que denotam indiscutivel boa vontade, mas deficiencia de sentimento artistico. Outros remetteram trabalhos muito interessantes, mas inadaptaveis ao fim indicado, ou pela sua exiguidade, ou por falta de outros requisitos essenciaes. Entre estes ultimos escolhemos dez, aos quaes conferimos menções honrosas, como justo estimulo á pericia ou ao gosto artistico de seus autores, abstendo-nos, com grande magua nossa, de distribuir os primeiros premios, em vista das rasões allegadas.*

Não seja esse motivo de desanimo para os activos concorrentes que nos honram com as suas producções. No proximo concurso, que brevemente abriremos, temos a esperança de que elles nos darão azo a mais alvoroçado jubilo.

Eis a lista dos premiados com

Menção honrosa — **Ponte da Barca** — *Alvaro Laborinho, Nazareth;* **A' merenda** *(na feira da Senhora da Agonia, em Vianna do Castello) — Antonio de Carvalho, Porto;* **Jardineiro** *(Juiz de Fóra) — Antonio Ferreira de Lemos, Minas — Brazil;* **Ponte Romana** *(Rio Homem),* **Porca de murça** *e* **Azenha do Rio Homem** *(Caldellas) — Antonio Manuel Lopes, Villa Verde;* **Nas Aguas Bellas** *e* **Um trecho do Rio d'Areia** *(Vallado) — Cesar Coelho da Silva, Nazareth;* **Margens do Rio Douro** *(Espadanedo) e* **Margens d'uma preza** *(Paranhos) — Manuel Teixeira Monteiro, Porto.*

remos publicando successivamente, no corpo da revista, as reproducções das photographias que obtiveram menção honrosa.



Grandes topicos

Uma nova Constituição persa

SEGUNDO parece, o shah da Persia não tem grande paixão pelo regimen constitucional, e assim é que logo que subiu ao throno começou a infringir a tôrto e a direito os preceitos da Constituição pouco tempo antes implantada. O parlamento sobresaltou-se e advertiu o shah de que por aquelle caminho não ia bem. Mas como as suas advertencias fossem completamente desprezadas, e ao mesmo tempo elle reconhecesse que a Constituição, tal como estava, não garantia sufficientemente a nação contra o soberano, poz a este, n'um dado momento, o seguinte dilemma: ou abdicava, ou se resolvia a outhorgar uma lei fundamental em que os direitos dos cidadãos ficassem devidamente assegurados. Posto assim entre a espada e a parede, o shah cedeu, e no dia 11 de outubro assignou a nova Constituição que limita as prerogativas do soberano e a auctoridade eclesiastica, concede ao povo a liberdade de consciencia, de instrucção, de imprensa, de reunião e de associação, e fixa os deveres do parlamento assim como a responsabilidade dos ministros.

O parlamento propõe-se tambem, segundo referem de Teheran, approvar uma lei transferindo para o Estado a posse de algumas propriedades reaes e outra lançando sobre os membros da côrte a contribuição de quatro centos mil francos destinada ao estabelecimento de um Banco Nacional.

Como se vê, a Persia caminha a passos agigantados para a Civilisação.



O KAISER COM O TRAJE DE FREDERICO O GRANDE

Photographia de Reichard e Lindner, de Berlim, largamente espalhada pela Allemanha.

A situação em Marrocos

MULEY Hafid que, nos primeiros tempos depois da sua proclamação em Marrakesch, declarava alto e bom som que não hostilisaria a França, propondo-se apenas a aniquilar o poder de seu irmão para o substituir no throno, arrancou finalmente a mascara, enviando uma missão á Europa com o encargo de convencer os governos das diversas potencias a que, no seu proprio interesse, deviam oppôr-se ao desenvolvimento da influencia franceza em Marrocos. Como era natural, nenhum d'esses governos consentiu em receber a missão que a estas horas está já fazendo as malas para regressar ao Mogreb.

Entretanto, Muley Hafid não se conservou inactivo. Sabendo que seu irmão havia chegado a Rabat, tendo tido, por signal, uma recepção inesperadamente enthusiastica, lembrou-se de que promettera ir ali atacal-o, e immediatamente começou fazendo os devidos preparativos. A' hora a que escrevemos, as suas tropas vão já a caminho, tendo uma parte d'ellas — naturalmente para mostrarem bem as intenções do sultão de Marrakesch — atacado ha dias as tropas francezas que occupam as immediações de Casa Branca.



QUEM É O APANHADO?

FRANÇA — *Acudam! Acudam! Ajudem-me a safar-me d'este!*

Do «*Chicago News*»

Ao mesmo tempo que isto succedia, Abd-el-Azis tinha em Rabat uma conferencia com o ministro da França e com o general Lyantey, commandante da guarnição da fronteira argelina, na qual, pela primeira vez, se mostrou completamente favoravel ás pretensões d'aquelle paiz, declarando-se disposto a cooperar com elle. Uma unica condição impôz: que a França lhe fornecesse o dinheiro necessario para sustentar a lucta com seu irmão.

Desde esse momento, a questão ficou simplificada para a França. Cabe agora a ella aproveitar esta aragem, se quer assegurar definitiva e rapidamente a sua situação em Marrocos. Para isso, duas coisas tem a fazer, antes de mais nada:



A FRANÇA E MARROCOS

O TRICOLOR — *Como demonio me hei de haver com esta excommungada fera?*

Do «*Lustige Blätter*»

dar a Abd-el-Azis o dinheiro pedido, e enviar ao general Drude os refórços necessarios para elle poder estender o seu raio de acção, por fórma a aniquilar não só as tropas de Muley Hafid como os restos de kabilas que no interior ainda estão em armas.

A Conferencia da Haya

Deu-se precisamente o que se previra: o famoso congresso de diplomatas encerrou os seus trabalhos, tendo ao todo aprovado uma declaração relativa á interdição de lançar projecteis e explosivos do alto dos balões, e treze convenções sobre:

a solução pacifica dos conflictos internacionaes;

o reembolso das dividas resultantes de contractos;

a abertura das hostilidades;

as leis e os costumes da guerra territorial;

os direitos e os deveres das potencias e das pessoas neutras em caso de guerra territorial;

o regimen dos navios mercantes inimigos no inicio das hostilidades;

a transformação dos navios mercantes em vasos de guerra;

a collocação de minas submarinas;

o bombardeamento por forças navaes em tempo de guerra;

a adaptação á guerra maritima dos principios da Convenção de Genebra;

a certas restricções ao exercicio do direito de captura na guerra maritima;

a creação de um tribunal internacional de presas; e

os direitos e os deveres das potencias neutras na guerra maritima.

Quanto aos dois pontos capitaes do programma — a arbitragem obrigatoria e a reducção dos armamentos — limitou-se, no que respeita á primeira, a votar uma declaração «reconhecendo o principio da arbitragem obrigatoria», «afirmando que certos litigios e, sobretudo, os relativos á interpretação e á aplicação das estipulações convencionaes internacionaes, são susceptiveis de ser submetidos á arbitragem obrigatoria, sem nenhuma restricção», e terminando por explicar que «não lhe foi possivel concluir uma convenção n'esse sentido».

Pelo que se refere aos armamentos, aprovou esta resolução:

«A segunda conferencia da paz confirma a resolução aprovada pela conferencia de 1899 ácerca da limitação dos encargos militares; e como estes augmentaram consideravelmente em quasi todos os paizes desde o referido anno, declara ser altamente desejavel que os respectivos governos estudem de novo, a serio esta questão.»

Et voilà! Mais uma desilusão para os pacifistas que tanto esperavam d'esta conferencia...



MAIS OUTRO ALLIADO?

BEBEL (*no congresso socialista de Stuttgart — se eu tivesse que escolher entre a Republica Franceza e a Monerelin Zylere, preferia a ultima*

REI EDUARDO — *Isto realmente é demais!*

Do «*Ulk*»

A Egreja e o Estado na Suissa

Tendo-se posto ha tempos no cantão de Genebra a questão da separação da Egreja do estado, realisou-se ultimamente ali um plebiscito que fez triumphar os separatistas. Allegavam estes que o principio da laicisação do Estado, base das instituições republicanas, não é respeitado quando o Estado se alia aos cultos e se ingere na sua organisação, e que o principio da egualdade dos cidadãos perante a lei e perante o imposto, é da mesma

fórma infringido quando o Estado, como succedia em Genebra, não reconhece a todos os cultos o mesmo direito.

Por seu turno, os partidarios da alliança do Estado e da Egreja, invocavam os serviços por esta prestados á nação, e consideravam essa alliança, como uma das bases fundamentaes da vida moral e politica do Estado. Ao contrario, o regimen da separação cercearia os direitos do povo, restabelecendo o privilegio das castas, e annulando a obra secular da Reforma.

Nenhuma d'estas razões prevaleceu no plebiscito que, como acima dizemos, deu o triumpho aos separatistas, sendo o principio da separação aprovado por 660 votos de maioria.

A terceira duma

Á data a que escrevemos, as eleições para a futura duma entraram na sua terceira e definitiva phase. Comquanto não seja facil prever desde já os seus resultados, póde-se todavia ajuizar da situação pelos dados que as eleições do 1.° e do 2.° grau nos forneceram. Não foram elles nada favoraveis ás oposições, que no segundo escrutinio obtiveram apenas 32 por cento da votação total, emquanto os partidos da direita obtinham 51 por cento. O resto coube aos independentes e aos candidatos de opiniões politicas ainda desconhecidas.

Entre os partidos da direita estão incluidos os octobristas que propriamente não pertencem a esse bloco, pois formam entre a sua extrema esquerda e a extrema direita da oposição. E como a sua representação seja bastante numerosa, póde



A ALLEMANHA: DESARMADO, NUNCA!

Do «*Pasquim*»



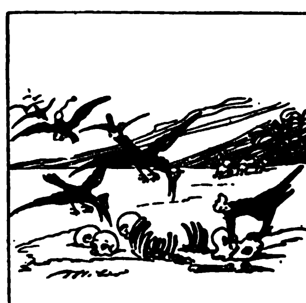
DE SENTINELLA EM MARROCOS

BÚLOW—*Aqui estou eu sósinho, pela cilada de noite, de sentinella, a meditar sobre Algeciras e o que resta ainda do seu tratado.*

Do «*Ulk*»

dizer-se que elles, com os independentes e os de politica desconhecida, teem nas mãos a sorte da futura Duma.

Inclinar-se-hão para a direita? Inclinar-se-hão para a esquerda? A primeira hypothese não é muito



OS RESULTADOS VERDADEIROS DA CONFERENCIA DE ALGECIRAS

Do «*Fischietto*»

provavel. porquanto as suas tendencias são acentuadamente radicaes.—Com efeito, o octobrismo nasceu no congresso dos zemstvos de 1905, constituindo os seus membros a minoria que se propunha reclamar todas as reformas politicas dentro da legalidade, emquanto a maioria, formada pelos «cadetes», se aliava resolutamente aos revolucionarios.

E', por consequencia, o octobrismo um partido reformador que certamente não fará causa commum com a reação dominante. Mas até que ponto levará elle o seu apoio aos partidos da oposição? Se o fizer comedidamente e com habilidade, fortalecer-se-ha, ao mesmo tempo que prestará um grande serviço ao paiz, forçando o governo a promover sucessivas reformas. Se, pelo contrario, apoiar resolutamente todas as exigencias da esquerda, só conseguirá com isso fazer dissolver outra vez o parlamento e lançar o paiz n'um novo periodo de agitação que, dados os precedentes, só lhe trará desvantagens.

Um Krach nos Estados Unidos

O desastre ha tanto tempo annunciado nos Estados Unidos, deu-se finalmente. A febre do dinheiro, as escandalosas especulações a que individuos e sociedades se teem lançado, produziram n'aquelle paiz as suas naturaes consequencias. A grande republica passou ultimamente por uma terrivel crise financeira de que ainda não se desembaraçou de todo e cujos efeitos se farão sentir por muito tempo ainda.

Ha uns seis mezes a esta parte que se notava uma baixa constante em todos os valores. Este facto, resultante da desenfreada especulação financeira, devida principalmente aos *trusts*, fez com que o presidente Roosevelt, o mais feroz inimigo d'esses syndicatos, se lançasse n'uma verdadeira campanha oratoria contra elles, mostrando ao publico o perigo que corria com as suas maniganc ias.



O GATO INOFFENSIVO

LEÃO BRITANNICO *ao Urso Russo—Olhe lá! Brinca tu com a cabeça, e eu brinco com a cauda, e ambos nós lhe affagamos o couro.*

GATO PERSA—*Não me recordo de me terem consultado sobre o caso!*

Do «*Punch*»

Ninguem se importou com os avisos do presidente, mas o resultado d'essa indifferença não se fez esperar. No principio do mez de outubro começaram a falir diversas casas importantes. Atraz d'essas foram outras e outras, e a breve trecho numerosos bancos suspendiam pagamentos. Por ultimo surgiu de subito a noticia de que o National Bank of Commerce, dirigido pelo archi-milionario Morgan, se recusára a negociar na Bolsa como agente do Knicherbrocker Trust Company, o segundo estabelecimento bancario de New York, que operava com setenta e cinco milhões de dollars em deposito.

O alarme foi geral. Aos escriptorios do Knickerbrocker houve uma *corrida* por tal fórma impetuosa e desvairada que duas horas depois o banco tinha restituido mais de dez milhões de dollars e, como lhe faltasse o numerario, viu-se obrigado a declarar que suspendia temporariamente pagamentos.

Arrastadas por esta falencia, numerosas outras casas faliram em seguida, o que causou uma enorme perturbação na vida financeira, industrial e commercial dos Estados Unidos.

Devido á intervenção immediata do Estado, que pôz logo á ordem dos estabelecimentos bancarios dignos d'esse auxilio, o numerario de que elles careciam, para fazer face aos seus compromissos, a situação melhorou consideravelmente, e pode dizer-se que no actual momento a tranquilidade renasceu no mundo dos negocios. Entretanto, o choque sofrido foi muito violento e, como acima dizemos, os seus efeitos hão de fazer-se sentir por bastante tempo ainda.

O Kaiser em Inglaterra

Depois de longas e laboriosas negociações, está finalmente resolvida para breve uma visita de Guilherme II á côrte de Londres. Não se pense, comtudo, que ella vae effectuar-se com o apoio ou sequer a indiferença da imprensa ingleza. Apesar de muitos dos seus orgãos proclamarem que as divergencias suscitadas entre os dois paizes desapareceram já por completo, desde que se assentou na visita todos elles a começaram discutindo, com mais ou menos acrimonia. O proprio conservador *Times*, n'um artigo que tem sido muito discutido, exprimia ultimamente o desejo de que o chanceler de Bulow acompanhasse o Kaiser, para assim se penitenciar da sua antiga hostilidade para com a Inglaterra. E parece que em consequencia d'esse artigo, Bulow, que tencionava efectivamente acompanhar o soberano, renunciou a dar esse posso.



A «TOILETTE» DE GUILHERME

A Europa tem os olhos em mim. Com que cara lhe hei de apparecer esta manhã?

De «*La Silhouette*»



O NAUFRAGIO DO YACHT IMPERIAL

CZAR — *Não ha cartas boas no nosso serviço naval?*
ALMIRANTE — *Na Russia, não, meu senhor; ha-as no Japão.*

Do «*Pasquim*»



A FAMILIA DE PARTE

As partes contractantes parece não se terem importado com os meninos.

Do «*Minneapolis Journal*»

Calcule-se por aqui a atitude dos jornaes radicaes. Um d'elles, por exemplo, aconselhava a dias a população de Londres a receber o Kaiser a assobio.

Evidentemente, por maior que seja a antipathia da Inglaterra pela Allemanha, não se chegará a esses extremos. É de esperar, todavia, que ella se manifeste por qualquer outra fórma. Mas dado mesmo que tal não suceda, nem por isso a viagem de Guilherme II servirá, como elle desejava, para demonstrar a excellencia das relações anglo-allemãs.

O papa e os modernistas

A ultima encyclica do papa contra o modernismo causou, como era de esperar, uma grande impressão no mundo catholico — de satisfação n'uns, de simples desgosto ou de profunda irritação n'outros.

Entre os ultimos, houve alguns que a acolheram hostilmente, declarando-se desde logo dispostos a reagir com todas as forças contra a sua doutrina.

Entre elles está o padre Tyrrell, o grande theologo inglez, justamente considerado no orbe catholico como um sabio, que teve a coragem de vir para a imprensa discutir o decreto pontificio, apontando todos os seus erros e a falsidade da sua doutrina. Valeu-lhe isso o ser privado das suas prerogativas pela Santa Sé que assim pretendeu amedrontar todos aquelles que tivessem a veleidade de proceder da mesma fórma.

Esse castigo, porem, não surtiu o desejado efeito. O seu exemplo foi immediatamente seguido por outros notaveis modernistas europeus, sobretudo da Allemanha, os quaes, de resto, tiveram a mesma sorte.

Vida na sciencia e na industria

O duque de Orléans no Arctico

Voltou ha pouco um dos membros da expedição arctica do duque de Orléans, com noticias dos importantes trabalhos feitos pelo illustre explorador. Durante algum tempo andou n'uma viagem de exploração geologica e zoologica pelo mar de Kara e Nova Zembla. O duque fez estas expedições a bordo da barca *Belgica*, commandada pelo capitão Gerlache. Acompanham-n'o alem d'isso o Dr. Récamier e Mr. Mérite, com vinte marinheiros norueguezes e seis francezes, e dois dispenseiros inglezes. Espera á volta poder apresentar um bom relatorio da sua viagem á Real Sociedade Geographica de Londres e á Real Sociedade de Geographica Belga de Bruxellas. No anno passado o duque explorou as costas norte de Spitzbergen e da Groenlandia. No caminho passou á beira de campos impenetraveis de gelo, constituindo eventualmente as ilhas Kolderverg. O *Belgica* costeou em seguida e investigou parte da terra firme da Groenlandia, recolhendo depois. As expedições Mikkelsen e Bruce, sobre as quaes se mantinham recentemente geraes apprehensões, sabe-se agora que estão a salvo.



O DUQUE DE ORLEANS, EXPLORADOR DE REGIÕES ARCTICAS — UMA PHOCA CAÇADA PELO ILLUSTRE EXPLORADOR

A bronchite dos velhos

Affirma o Dr. Stockton que a bronchite chronica dos velhos augmenta no inverno, por isso as pessoas edosas e delicadas procuram o calor em casas mal ventiladas. O melhor methodo de tratamento é realmente o hygienico; consiste na eliminação de toda a substancia inutil e no acrescimo do poder de resistencia do individuo. O meio pratico de seguir este methodo de tratamento e tomar duas ou trez vezes por semana um banho de ar quente, seguido por um outro de esponja, não de immersão, em agua salgada; na irrigação regular do colon para que o doente possa evitar a desvantagem de absorver materias toxicas, o que tão facilmente ocorre em edades avançadas e que é de uma importancia extrema. Em seguida, o doente deve conservar-se n'um aposento perfeitamente ventilado, com janellas abertas até no inverno. Se houver muito frio, multipliquem-se os abafos.

O balão militar inglez

A 10 de setembro, em Farnborough, fez a sua primeira ascenção a aeronave dirigivel do coronnel Templer. O *Nulli Secundus*, tal é o seu titulo, ergueu-se 400 pés (cerca de 130 metros) acima do solo, navegou milha e meia sem baixar, e caminhou com a velocidade de seis milhas por hora contra uma brisa de nove milhas. As helices fizeram mil evoluções por minuto. A particularidade d'es'a aeronave é o ser a barquinha sustentada por largas faxas de panno passadas em volta do envolucro de gaz. É da forma de charuto, tem uns 33 metros de comprido e pode levantar o peso de uma tonelada. Fizeram-se duas ascensões. Na segunda, o balão desceu um pouco precipitadamente e soffreu damnos pouco importantes.

Em outubro, o balão inglez foi victima de uma catastrophe. Em consequencia de um temporal, foi arremessado a terra em Kensington e damnificou-se consideravelmente. O coronel Templer trata de construir um novo aerostato, com mais solidez e notaveis melhoramentos.



O BALÃO MILITAR INGLEZ

Tecidos de ferro e de pedra

Usam hoje muito os alfaiates panno de ferro na confecção de golas. É manufacturado com fios de aço e tem a apparencia de um tecido de crina. Utilisa-se tambem muito lã que nunca pertenceu ao pello do carneiro para confeccionar fatos para homens. É conhecida pelo nome de «lã de cal» e é feita n'um forno electrico. Lança-se no forno cal em pó misturada com uma certa substancia chimica, e, depois de passar sob uma violentissima corrente de ar, sae sob fórma de lã branca e frouxa. Depois tingem-n'a em peças de panno. Um par de calças ou um casaco feito d'este material pode supportar o fogo sem damno permanente, e é tão flexivel como a fazenda de lã de carneiro.



HYDROPLANO SANTOS DUMONT

O Hydroplano Santos Dumont

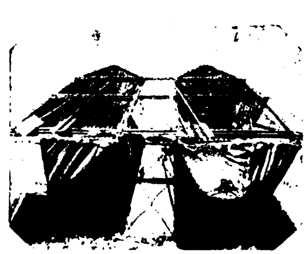
A primeira experiencia do illustre aeronauta brazileiro Santos Dumont com o seu hydroplano «Santos-Dumont n.º 18» teve um desfecho infeliz. O navegador cahiu á agua e apanhou um banho completo. Entretanto, o sr. Santos Dumont conserva a esperança de que ganhará a aposta de 2.000 libras, navegando á razão de sessenta milhas por hora. O hydroplano é um apparelho de curioso aspecto, composto de trez camaras de aluminio e madeira, do feitio de charutos, cobertas de seda e cheias de ar comprimido. Pesam apenas cousa de 35 kilos, a camara central tem uns 11 metros de comprido, e as outras duas 1m,30 apenas: o peso total do apparelho, incluindo o motor Antoinette de 120 cavallos, anda por 207 kilos.

Raios X em pastilhas

Pretende um cabelleireiro de Glasgow, Robinson de nome, ter descoberto uma substancia que, quando exposta aos raios Roentgen, absorve a radiação. Crê pois ter tornado possivel tomar os raios X sob a fórma de tabloides ou pastilhas. Um dos obstaculos para qualquer tratamento benefico pelos raios X tem sido a inflamação da pelle produzida pela sua força; mas quando tomados por aquella fórma, essa força pode regular-se á vontade. Affirma o inventor ter misturado uma porção de pastilha pulverisada no alimento de um coelho, dando em resultado ter cahido uma parte importante do pello do animal. Isto prova, segundo elle, que a pastilha era forte demais, mas demonstra ao mesmo tempo que os raios X foram absorvidos. O invento do cabelleireiro está sendo discutido a serio pela imprensa de Glasgow.

Barcos militares allemães

Ha tempos que os regimentos de cavalaria allemã andavam a exercitar-se com um novo invento — o barco de lanças Rey — o qual poupa muito tempo e despeza e augmenta a mobilidade das tropas. Os barcos dobraveis usados até hoje exigiam um carro, seis cavallos e um cocheiro para cada um, e muitas vezes as tropas estavam horas seguidas na margem de um rio, á espera que a chegada do barco lhes permittisse a passagem. Tudo isto se modifica agora. Basta um cavallo para transportar todo o material necessario, e dentro de cinco minutos oito homens armam o arcabouço de um barco com um certo numero de lanças unidas por peças adequadas, e cobrem-n'o com o panno impermeavel usado para tendas. Um barco d'estes póde transportar uma esquadra de onze cavalleiros, com as respectivas sellas e armamento. Dois barcos conjugados levam trinta e dois homens, e, conjugando-se trez, pódem-se transportar carros, peças de artilharia, ou cincoenta e dois homens.



BARCOS MILITARES ALLEMÃES

Gyroplano Bréguet

Construido sobre os planos de M. Louis Bréguet, tem este apparelho a fórma geral de uma cruz de Santo André, tendo cada um dos braços no extremo um systema de oito palhetas, susceptivel de um movimento gyratorio. Essas trinta e duas azas apresentam a superficie total de 25 metros quadrados. No centro ha um motor de 40 cavallos, e junto d'elle em baixo é o logar do piloto. O peso total do apparelho e do aeronauta attinge 578 kilos. O principio é que os planos sustentadores, animados de um movimento gyratorio, bastam para assegurar a sustentação, a progressão e o equilibrio. D'ahi o nome de *gyroplano*. Fizeram-se experiencias, tendo as azas em rotação a velocidade de 78 voltas por minuto, e tendo o circulo descripto um diametro de 8 metros. O apparelho subiu quasi instantaneamente e manteve-se no ar perto de um minuto a cerca de 60 centimetros do solo.



GYROPLANO BRÉGUET

Assim um apparelho, com o peso approximado de 600 kilos, poude elevar-se por seus meios proprios e manter-se sem deslocamento transversal. É a primeira vez que tal resultado se obteve.

As corporações scientificas e os homens de sciencia esperam com curiosidade o resultado de outras experiencias mais concludentes. Os inventores estudam as modificações necessarias para obter uma velocidade no sentido lateral de 70 kilometros por hora.



BARCAÇA PARA APROVISIONAMENTO DE CARVÃO

Aprovisionamento automatico de carvão — EMPREGAM actualmente os americanos, para prover automaticamente de carvão os navios, a barcaça *Clarke*, cuja discripção summarimamente descrevemos. O carvão entra na barcaça pelo systema ordinario. A barcaça tem um fundo falso, e no espaço entre este e a quilha corre uma cadeia continua de baldes. No fundo falso ha uma porção de portas corrediças pelas quaes o carvão cae nos baldes. Estes são levados perpendicularmente a uma machina que automaticamente os pesa e regista. Pesado o carvão, corre tambem automaticamente, por mangueiras, para os porões do navio. O machinismo é engenhoso e simples, podendo operar-se com facilidade e rapidez. Alem do engenheiro e quatro a seis homens de tripulação, basta um homem para proceder ás operações do carregamento, regulando á vontade o machinismo. Podem carregar se 100 a 150 toneladas por hora em cada barcaça.

Com este apparelho, pode prover-se de carvão n'uma noite um grande transatlantico.

Telephotographia na Allemanha — DÁ-SE grande importancia na Allemanha ao exito notavel que tem obtido a installação do professor Korn para o seu invento de transmissão de reproducções photographicas a distancia. As ultimas experiencias mostraram que se chega a resultados quasi tão satisfatorios com o emprego dos arames ordinarios do telephone como em linhas especialmente construidas. A unica difficuldade em arames telephonicos resulta das chamadas em linhas adjacentes, as quaes causam a formação de traços sinuosos na imagem reproduzida, aliaz facilmente corrigiveis pelo retoque. Um correspondente de jornaes tem pois assim a vantagem de trasmittir qualquer illustração, ao mesmo tempo que telephona os seus despachos.

Bombas de balouço — NA região da Baviera, onde se cultivam especialmente os rabanos, tão apreciados dos allemães, usam os camponezes uma bomba aspirante de simplicidade quasi primitiva, a qual mergulha n'um poço de pouca profundidade. O embolo fixa-se pela extremidade superior a uma taboa de balouço, a qual serve de alavanca. Todo o apparelho se enquadra em postes de madeira ou ferro, cujos extremos prolongados se ligam por uma barra á qual se arrimam os operadores para manter o equilibrio. Basta uma pessoa para manobrar a bomba, mas é escusado acrescentar que o esforço se reduz consideravelmente quando estão duas pessoas sobre o balouço. Este trabalho é confiado ás mulheres, que parecem executar com prazer tão monotona tarefa.

O novo anesthesico — O novo anesthesico *Stovaina* é extraordinariamente interessante na sua acção. Produz paralysia do corpo abaixo do ponto de injecção e tira toda a sensibilidade aos membros, por fórma que se torna possivel amputar uma perna sem o paciente perder a consciencia e podendo elle, caso se queira, observar a operação. O operado não sente dôr alguma, e depois da operação, quando volta a sensibilidade, experimenta apenas a impressão de uma contusão, que costuma ser uma das consequencias de operações graves. O anesthesico é certamente muito util em operações menos graves e n'aquellas em que, em consequencia da edade ou de fraqueza cardiaca, é perigosa a administração do chloroformio.



BOMBAS DE BALANÇO

Vida na arte



ALFREDO KEIL

Fallecido em 4 de Outubro

Á similhança dos grandes artistas de Renascença, Alfredo Keil reunia aptidões maravilhosas, no exercicio das quaes honrou a patria e immortalisou o seu nome. Musico, pintor, poeta, archeologo, é na primeira d'estas qualidades sobretudo que o seu talento porventura sobrelevou. Os SERÕES prestam sentidissima homenagem á memoria de um dos seus mais illustres collaboradores, e com Portugal inteiro se confrangem pela dolorosa perda.



Quinto concurso photographico dos "Serões"

MENÇÃO HONROSA



MARGENS D'UMA REPRESA EM PARANHOS

(Photographia de Manoel Teixeira Monteiro — Porto

A PAIZAGEM PORTUGUEZA

(Inquerito aos homens de lettras e outros artistas)

Os *Serões* continuam hoje o seu inquerito sobre qual seja o mais pictoresco de Portugal. As respostas que hoje publicamos, algumas bem interessantes, são assignadas por muitos dos mais cotados nomes do nosso mundo artistico. Inutil será frisarmos que nenhuma ordem, mais do que aquella em que foram recebidas as respostas, se adoptou na formação do artigo.

Bulhão Pato, o adoravel revivedor das *Memorias*, o solitario do Monte de Caparica, deu-nos a sua opinião. Como veem, no ponto preferido do homem que tem atravessado as ultimas gerações, privou com Herculano, tomou do braço Garrett, e envelheceu a escrever e a recordar, patriota como raros, grande artista e figura inolvidavel, ha ainda muito de... saudade. Não é uma paisagem que se recorda, é uma epoca que se evoca. Não é um sitio que desappareceu, mercê da invasão da casaria, que transborda, é um tempo que não volta mais. Bulhão Pato fez uma paizagem do seu tempo. Fel-a com todo o amor que pode ter um coração que envelheceu a amar a sua terra e só para ella ser grande lhe consagrou toda a grandeza da sua alma e a fulgencia da sua penna d'oiro.

Theophilo Braga deu-nos a paizagem maritima, tão querida de um povo aventureiro, que teve o imperio dos oceanos por direito de audacia e de conquista. Theophilo Braga é açoreano. Ora o açoreano tem, como ninguem, o sentimento do mar, a visão dos horisontes coruscantes e afogueados ou dos melancholicos poentes das tintas mais supremas. Do ceu elle conhece todas as gradações; do mar todos os habitos. Viu-o repousante, calmo e espelhado; viu-o nevralgico e borrascoso; e viu-o finalmente vergalhando a rocha, açoitando a penedia, taciturno e misterioso batalhador indomito e cruel. Por isso o açoreano e o mar são duas entidades que se completam. Depois, em Theophilo, a sua obra tem alguma cousa de um grande oceano, em que cada novo livro, em que cada volume novo é uma vaga que surge, para atraz d'esta outra surgir, e outra e outra, porque como o mar não tem descanço a sua actividade extraordinaria.

João Penha, o irrequieto cantor da bohemia coimbrã, poeta dos raros e artista dos bons, prefere o Bom Jesus de Braga, que parallelisa com o Bussaco. João Penha vive em Braga, e o Bom Jesus está-lhe defronte dos olhos. Ha annos que as arvores seculares do Bom Jesus conhecem o artista requintado da *Sylvia*, e adoram-no. Como vêem João Penha retribue-lhes. Junqueiro prefere o Bussaco, que é a paizagem para os *Ensaios Espirituaes* do grande poeta. João Penha, prefere o Bom Jesus, que é a paizagem dos versos lyricos das suas *Novas Rimas*. O Bussaco ensina a rezar. O Bom Jesus a amar. E o Bom Jesus está, agora que o poeta nos deu o livro das suas lyricas, para João Penha, da mesma forma que para Junqueiro está esse bosque secular, sagrado e religioso que é o Bussaco.

Candido de Figueiredo é dos que ficam em casa. A sua paisagem é familiar. E realmente como queriam os senhores que elle tivesse conseguido os quarenta ou cincoenta mil vocabulos novos, que registrou no diccionario; como queriam que elle soubesse tudo o que sabe; que elle tivesse a aucto-

ridade scientifica que tem, se elle andasse a passar e seu tempo olhando os pontos bonitos do nosso Portugal? Entre dois vocabulos novos e authenticos e um passeio a uma linda quinta, Candido de Figneiredo opta pelos vocabulos. E ahi está a razão.

Julio Dantas prefere os campos de Coimbra. Ha um certo ponto de contacto entre a sua paizagem e a sua obra. Julio Dantas é um espirito de artista que teve a desventura de nascer n'uma epoca de industrialismos. Coimbra tem historia, tem lendas; os seus campos tem poesia, tem encantos e tem paizagem. A que mais pode aspirar e desejar um grande artista?

Jorge Collaço, um espirito de patriota, prefere um dos mais bellos recantos de Portugal, Valença, o artista risonho do lapis, Braga, com todas as suas virtudes e todos os seus defeitos.

Augusto Gil; quem falla em Augusto Gil lembra logo:

«Amas a nosso Senhor
Que morreu por toda a gente,
E a mim não me tens amor
Que morro por ti somente.»

e mil outras quadras que a guitarra do Hylario gemeu pelas vielas de Coimbra, soluçando aos astros os mysterios da sua capa negra, e as raparigas decoraram, porque fallavam de amores e eram do Augusto Gil, o companheiro do Affonso Lopes Vieira, do Guedes Teixeira, do Carlos de Lemos e de muitos outros. Mas Augusto Gil, iamos dizendo, quer o Mondego, perto da sua terra, o Mondego que vem depois, nas mil ondulações da agua corrente, retratar as tricanas e escutar com os poetas as mil queixas da desventurada Ignez, que soluça entre os salgueiros.

Alfredo de Mesquita, o nosso *globe-trotter*, das lettras — elle foi á Hespanha, á Hollanda, a França, ás Ilhas, á America, a toda a parte — prefere a Ilha. E elle que tem visto mundo, e que tão cathegoricamente, tão praticamente pretende que vizitemos aquella paizagem, é que lá tem as suas razões.

Mas, já dissemos quasi tudo: Não queremos demorar, mais a vossa curiosidade, que não é de todo infundada, como vereis.

Meus senhores e minhas senhoras: Está aberta a... paizagem.

De BULHÃO PATO

Poeta

Conheço as paisagens de Hespanha, um pouco as de França e Italia, as do meu paiz — com a Madeira e Açores! Mas não quero sair dos retiros espairecidos de Lisboa. Vamos para as bandas de Arroyos; vamos para as hortas... que estão a desapparecer!

Na linha ondeada do horizonte, ao nascente, a Penha de França, o Monte, a Graça, o velho castello, e precipitando-se para o valle extenso e fundo, casas, vivendas, quichosos e pomares, batidos pelo sol quando declina sobre o ponente!... Vejam e admirem.

A luz é quasi tudo na paisagem; ali ha alguma coisa mais do que o desenho e a luz: a nora gemendo, os bordões e as primas da guitarra nacional, na morbida cadencia, acompanhando a lettra onde ha versos que rebentam do coração como estes:

Puz um pé na sepultura,
Uma voz me respondeu:
Ah! cruel, que estás pisando
Um amor que já foi teu!

Com o ceu e as auras das tardes estivas, as vistas de terra e mar pelos suburbios de Lisboa, são, para mim, do maximo encanto.

Monte de Caparica, 1907.

Bulhão Pato.

De THEOPHILO BRAGA

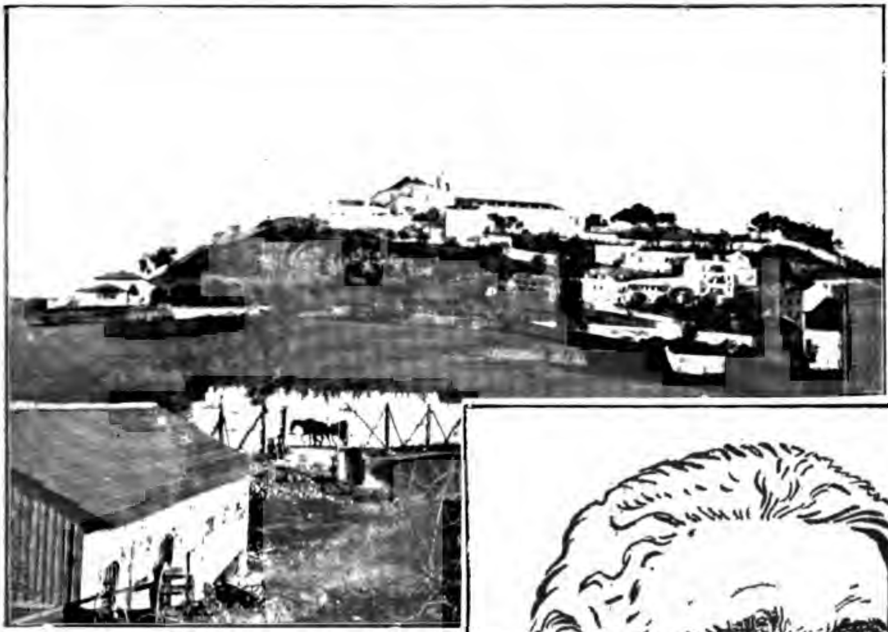
Escriptor

A paizagem portugueza é como quem diz um aspecto moral exprimindo o genio d'este povo, ou um reflexo objectivo da sua alma.

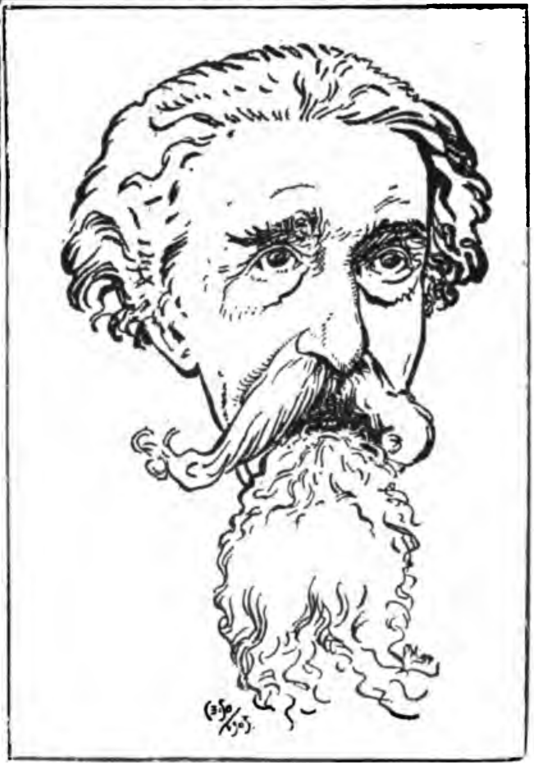
Temos uma paizagem que os nossos olhos contemplam inconscientemente, mas que só os estrangeiros souberam comprehender na tonalidade da luz opalina dos pintores portuguezes e na tonalidade singela das nossas melodias populares. Montanhas e horisontes, valles, encostas cobertas de vegetação, aguas correntes, tudo recebe os effeitos da luz que lhes dá desenhos e relêvos, um sentido melancholico ou sorridente consoante a sua intensidade; é por isso que o nosso céo, a luz opalina que nos envolve dá-lhes a ex-

pressão particularissima que bem merece chamar-se — a paizagem portugueza.

Paiz estabelecido por uma raça soffredora e resistente sobre a orla occidental de Hespanha, e em contacto activo com o Oceano Atlantico, — o mar é a paizagem suprema. paizagem é o mar. Nascido em uma ilha (archipelago dos Açores) a algumas centenas de passos do Oceano Atlantico, só me falla á alma a paizagem que revele o effeito da nossa luz, d'este céo incomparavel, ou me deixe vêr o mar «a grande soidão me-



A PENHA VISTA DE ARROYOS



BULHÃO PATO

que nos subjuga e fascina. Se toda a nossa historia, independencia nacional e descobrimentos, deriva do mar que nunca para Portugal foi barreira defensiva, mas prolongamento do territorio e caminho de acção, a nossa vida sentimental e poética acha no mar a mais concentrada e deliciosa emoção, a mais profunda inspiração poética, como se patenteia nos *Lusiadas*. Passam os annos, vêm as decepções, envolvem-nos as tristezas, até as paizagens que nos encantaram tornam-se inexpressivas; disse-o Gonzaga:

São estes os sitios,
São estes, mas eu
O mesmo não sou...

Ha uma paizagem que nunca se apaga, porque tem infinitas expressões em que se compraz todo o estado psychico; e essa lancholica das aguas» que accordou o genio de Garrett.

Theophilo Braga.

De JOÃO PENHA

Poeta

Para que a heide eu ir buscar ao longe, nas minhas recordações de viagem, se a tenho aqui, no Bom Jesus, defronte das minhas janellas?

Por esse vasto mundo, e sobretudo na Italia, e na Escossia, a verde Erin, pode talvez havel-as eguaes, mas superiores, não.

A partir do sopé do monte, *la montagne enchantée*, como lhe chama um escriptor francez, alonga-se em frente, e para um e outro lado, até á primeira cordilheira de pequenos montes, quasi todos arborisados ou cobertos d'um manto de giestaes florìdos, uma vasta planicie, o val d'Este, onde não ha um palmo de terra sem vegetação, de cores variadas até ao infinito, desde o verde claro até ao sombrio, desde o amarello pallido até ao roxo cinzento. Campos, prados, demarcados nos seus extremos por enfiadas regulares de castanheiros, em que a vide se enlaça, dão-lhe o aspecto d'um immenso taboleiro de xadrez, cujas peças, disseminadas por toda a parte, são representadas por pequenos burgos, herdades, pittorescas casas de campo, chalets, e choupanas cobertas de telhas, onde o musgo reverdece.

Para o sudoeste, estende-se a antiga Braga, já agora rejuvenecida sob os influxos do progresso, burgo relativamente enorme, onde predomina a côr branca das suas casarias, e a vermelha, retinta, dos seus telhados. As torres dos seus numerosos templos, e as chaminés fumegantes das suas fabricas, elevam-se acima dos arvorêdos que a cercam, e que, em grande parte, a occultam. Para lá d'essa primeira cordilheira de montes e collinas, divisa-se, entrecortado por ellas, o velle do Cávado, com a sua poderosa vegetação de carvalhos, ulmeiros, sycómoros e castanheiros; com seus ridentes campos, em que predomina o verde de esmeralda, e as suas casinhas brancas; com seus moinhos e azenhas; valle que fez exclamar ao marechal Soult, quando, á frente das legiões francezas, descendo de Lanhoso, chegou aos Carvalhos: «Como Deus foi pródigo com estes barbaros!» Para além d'esse valle, estende-se uma cordilheira de mais altos montas, que, para o lado do norte, se prolonga até ao Gerez, ramificação dos montes da Catalunha, e sobre elles, ao oeste. uma facha azul-esvaido, no ceu: o mar!

Essa paisagem? E' preciso contemplal-a n'uma manhã clara, ao raiar da aurora. Por vezes, um nevoeiro baixo, unido, branco de leite, cobre todo o valle desde o sopé do monte até á ultima cordilheira: parece então um grande lago, e a illusão é tanto mais completa quanto o môrro de Montariol, com as suas edificações, se nos affigura uma villasinha marginal. Para logo o sol nascente tudo desfaz; toda a paisagem, dourada pelos seus primeiros raios, se nos patenteia cheia de frescura, de vida, e de voluptuosa nitidez. A esse espectaculo, unico, parece que a nossa propria vida se reanima, cheia de confiança no futuro, embalada em sonhos indecisos de aventuras cor de rosa.

E' preciso, sobretudo, contemplal-a ao pôr do sol, quando elle se atufa no mar sobranceiro aos montes distantes. Uma sombra de mysterio vae descendo gradualmente sobre toda a paisagem: as linhas tornam-se confusas; campos e prados mudam d'aspecto: dos casaes sobe o fumo dos ultimos repastos; os cães de quinta ladram, com voz rouca, á lua, que vem seguindo das partes do oriente: as arvores, rumorejando, trocam entre si as ultimas impressões do dia, e quando o carrilhão do templo lança no espaço a sua melancolica toada, quedamo-nos n'um silencio absoluto, meditativo, e sentimos que a alma da paisagem está, n'esse momento, consubstanciada com a nossa.

Os pinceis de Hobbema, de Ruysdaël, e Corot, seriam impotentes para, com as mil cores das suas paletas divinas, nos pintarem essa paisagem, porque é uma paisagem cheia de vida, e a vida não se pinta.

A do Bussaco, essa é outra.

Depois d'uma penosa e desagradavel ascensão á Cruz Alta, a impressão que se sente ao deparar o grandioso panorama que d'ahi se avista, é, nos primeiros momentos, a d'uma profunda admiração, a do assombro, tal é a vastidão da planicie que de todos os lados se estende até ao horisonte; mas logo essa impressão se transmuda na d'uma vaga tristeza, que nos enche a alma de funestos pensamentos: é que é uma planicie morta, embora, em parte, cultivada, sem collinas, sem accidentes de terreno, fria, lúgubre; em que predomina a terra amarella, argilosa, a terra dos cemiterios; onde

se não vê um boi que paste, uma choupana d'onde se eleve uma espiral de fumo, um carro que chie, um cão que ladre, uma voz humana que entoe uma alegre canção; e essa tristeza que nos invade, longe de se dissipar, nunca mais nos deixa, e augmenta ainda, ao vermos, ao descer, o sitio em que nos achamos: uma montanha separada do mundo, coberta d'uma velha e sinistra floresta impraticavel, ninho de corujas e morcegos; sem possibilidade de distracções, a não ser a d'um passeio á deploravel Fonte Fria, e a d'um triste repasto no seu unico hotel, fechado a maior parte do anno! Ao Bussaco é ir e fugir. Dous noivos poderiam ahi permanecer algumas semanas, porque viveriam na contemplação um do outro; mas quem, por fatalidade, ahi fosse obrigado a viver demoradamente, ou se suicidaria, ou se faria monge.

O Bom Jesus é outra cousa. Ao Bom Jesus é ir, e ficar. Já antes que um arcebispo de Braga, o Julio II ou o Leão X, em pequeno ponto, d'essa vetusta cidade, lançasse n'elle os primeiros fundamentos do actual







PAIZAGEM MARITIMA

santuario, foi o monte que dous amantes, fugidos das terras de Hespanha, escolheram para ninho dos seus poeticos amores. E' o que relata um soneto, gravado n'uma lapide, irreverentemente collocada detraz da fonte do *Hotel do Sul:*

«Passageiro, este chão que vês diante
Na encosta d'este monte desabrido
D'um castelhano foi que perseguido
Aqui se recolheu co'a terna amante.

Quebrantando por ella a fé constante
Que havia ao esposo eterno promettido,
Trocou por êrmo agreste e desprovido
Uma cella mimosa e abundante.









JOÃO PENHA — ASPECTOS VARIOS DO BOM JESUS

A era em que isto foi vae inda perto.
Mas da choça que aos dous prestou abrigo
Nem sequer um calhau se aponta ao certo.

Tudo o tempo varreu, levou comsigo,
E só da tradicção no livro aberto
Se encontra o caso que eu aqui te digo.»

Agora, esse monte desabrido, designado, por uma ficção piedosa: Hierosolima Santa, sem ter perdido a sua religiosa feição primitiva, é um monte civilisado, com um frondoso parque, cortado, em todas as direcções, por extensas avenidas e alamedas, com lagos, cascatas, grutas, e pequenos jardins á *Le Nôtre*, sotopostos uns aos outros, onde em taças em que se movem legiões de douradas da China, a agua dos repuxos canta, entre alecrins, flores e murtas, a sua eterna canção.

A 15 minutos de Braga, a capital do Minho, a 5 quartos d'hora do Porto, esse fauburgo commercial d'aquella cidade, nada lhe falta, por um lado, das exigencias do moderno confôrto; e, por outro lado, é para uns o Lugar Santo das beatificas visões, e, para outros, a poetica e incomparavel estancia do amor, da saude, da consolação e da paz.

Ao Bussaco é ir, ver e fugir; ao Bom Jesus é ir, ver e ficar porque o Bom Jesus prende.

Já é digno da maravilhosa paisagem que defronte se lhe desenrola.

Bom Jesus do Monte, 4-IX-07.

João Penha.

Do DR. CANDIDO DE FIGUEIREDO

Escriptor

Mas a preferencia de uma païsagem não é coisa que se justifique, como um theorema geométrico. Depende de acidentes vários, da feição esthética do observador e, nomeadamente, do seu estado de alma. Portanto, posso eu, e podem outros, preferir uma païsagem, que, no conceito geral, não valha a pena consignar-se e, muito menos, recomendá-la a païsagistas e forasteiros.

E é o que provavelmente succede no meu caso.

Conheço todas as provincias portuguesas, mas nunca viajei por prazer, como não passeio para me distrahir.

Creio que não é peccado confessar a própria misanthropia ; e, se o inquérito dos *Serões* não obriga a uma confissão auricolar, obriga, ao menos, a uma confissão escrita, e por isso me confesso.

Não admiro nem amo o campo. Quando os amigos me levam até lá, sinto a nostalgia do lar.

Ainda assim, conheço, em nossa terra, uma païsagem que me impressionou e que a minha memória mantém : é a que se observa do alto do Marão. A perspectiva é realmente grandiosa. As lombas escalvadas e sombrias fazem lembrar os toscos e ultimos degraus, por onde os Titães queriam escalar o céu. Lá em cima, parece á gente que estamos acima da humanidade e perto do mistério da immensidão.

Ha inda outra païsagem, em que repoiso a vista, se não com deleite, ao menos com a tranquillidade e o abandono, que são ás vezes os pródomos do êxtase : é qualquer praia, de areias fulvas, suavemente beijada pelas ondas, numa silenciosa noite de luar : o baloiço cadenceiado das vagas fosforescentes transporta-me ao berço infantil ; cerram-se-me as pálpebras, e esqueço-me de mim, sonhando. . .



CANDIDO DE FIGUEIREDO NO SEU GABINETE DE TRABALHO

Menos trivial, e talvez imprevista, há porem outra païsagem, que eu prefiro a todas, por não dizer a tudo.

O que eu não sei é se lhe posso chamar païsagem. Pelo menos, os pintores não lhe chamariam assim.

E contudo é uma pequena região, onde há frutos, flores, cachoeiras estrepitosas, arroios sussurrantes, harmonias eternas, opulentas réstias de sol. . .

Tem apenas seis metros quadrados, mais



CAMPOS DO MONDEGO



JULIO DANTAS

pequena decerto que os jardins de Academo; mas nella encontro cuidados, affectos e lazêres. Cada vez que o sol reponta, encontra-me ali moirejando, estudando, amando. Se o turbilhão da vida a revêzes me arranca da pacifica faina, lesto a reassumo com devoção e amor.

Fazem-me ali honrosa companhia, falam-me, educam-me, os mais altos engenhos de todos os seculos. Em céu azul e profundo pairam águias de envergadura desmedida, que não têm nome na ornithologia, mas que se chamam David, Valmiki, Homero, Vergilio, Dante, Camões, Pascal, Shakespeare, Goethe, e quantos, e quantos!

Pelas quebradas da minha encantada païsagem, ouve-se a espaços a tuba sonora e bellicosa do *Ramáiana*, da *Iliada*, dos

Niebelungen, dos *Lusiadas*... A's vezes, é um murmúrio suavissimo, como aragem que se cóa por balsas perfumadas: são vozes de Saadi, de Tibulo, de Petrarca, de Campoamor, de João de Deus... A distancia, um fragor de cachoeira, que espadana luminosa e cristallina: é o eco do Sermão da Montanha, do estridor da Aguia de Pathmos, das apóstrofes de Bossuet e Vieira...



JORGE COLAÇO

Não sei se me autorizam a chamar païsagem á pequenina região que eu prefiro a todas. Os estranhos chamam-lhe bibliothecazinha, gabinete de trabalho, ou coisa assim; mas o nome, em tal caso, pouco importa: a realidade é que, cotejando, observando, medindo, não vejo em terras de Portugal païsagem que eu prefira a esta.

Os meus amigos não têm nada com a minha preferência, não me acompanham nella, não me dão o seu voto, bem sei; mas, solicitada a minha confissão, não andaria bem avisado, se lhes não falasse com o coração nas mãos.

E cá volto á minha... *païsagem*.

Candido de Figueiredo

De JULIO DANTAS

Escriptor

Não é muito facil responder á sua pergunta, meu caro amigo. Como hei de eu dizer-lhe qual é o ponto mais pittoresco do paiz, se, como bom portuguez que sou, não conheço ainda todo Portugal? Entretanto, para não deixar de acceder ao seu desejo, indico-lhe o que mais me tem impressionado, de tudo quanto conheço de paisagem de uma terra: — os campos de Coimbra, vistos do velho castello de Montemór, pela ruina de uma das janellas da alcaçova das Infantas. São uma maravilha!

Julio Dantas.



UM ASPECTO DA REGIÃO DO DOURO

De JORGE COLAÇO

Pintor

Na minha opinião, o ponto mais pittorêsco do «Jardim da Európa á beira-mar plantádo», é o rio Douro, sobretudo nas proximidádes da Régoa. E tão grandioso, tão phantástico, tão variádo, e até tão arrojádo por vezes, que se diria um symbolo petrificádo da Historia de Portugal.

Feitoria, 4-7-907.

Jorge Colaço

De AUGUSTO GIL

Poeta



AUGUSTO GIL

Porque sou um sertanejo, a região portuguêsa que eu prefiro é a parte central da Beira: com as suas montanhas desnudadas, ao alto, e ensombradas nas encostas por castanheiros solemnes, pinheiraes tragicos, olivedos melancolicos; com os seus povoados somnolentos e aconchegados, nas eminencias, em torno de castellos em ruinas, ou na cova dos valles que um retalho de céo côbre; com as suas temperaturas extremas, de calores abrazantes no estio, e ventos fortes, frios intensos, sudarios de neve, no inverno.

A ter que marcar nella, mais pormenorisadamente, algum sitio de maior predileção, escolherei o divino e ignorado valle do Mondego, ao poente da Guarda. Não está ainda, graças a Deus, desvirginisado pelo excursionismo. Não vem desenhado em albuns, não anda photographado em *kodaks*, nem os roteiros, d'elle trazem descripção. E' um parenthesis de lirismo idillico, numa pagina d'elegia: um pomar virgiliano—alacre e fertil — ladeado por altas serras de cimos violáceos e nitidos perfis. A fita clara do rio desdobra-se lenta, entre salgueiros pendentes que lembram Musset e choupos leves que dão saudade de Antonio Nobre. Esparsas, aldeolas laboriosas e minusculas, de casas feitas com granito escurecido e duro, e de gente de gleba que amanha a terra á



ARREDORES DA GUARDA



burguezia citadina, cuidando-lhe das flores na quinta, das couves na horta, das fructas na veiga. E numa curva luminosa e ampla, por sobre as altitudes das montanhas, o azul ferrete do céo, um azul brunido, de esmalte, onde os mochos reaes e as aguias passam, num vôo dominador e placido.

Augusto Gil.

De ALFREDO MESQUITA

Escriptor

Meu amigo:

O que ha de mais pittoresco em terras de Portugal é o Valle das Furnas, na ilha de S. Miguel. Todas as respostas á pergunta dos *Serões*, que não forem a mesma que eu lhe dou, partem de quem nunca lá esteve.

Seu muito affeiçoado

14 de novembro.

Alfredo Mesquita.

De FRANCISCO VALENÇA

Caricaturista

Valença, o Valença que todas as semanas com o brilho da sua graça e



ALFREDO DE MESQUITA — O VALLE DAS FURNAS



AVENIDA DOS SOBREIROS NO BOM JESUS



FRANCISCO VALENÇA

os prodigios do seu lapis illustra as paginas do *Supplemento do Seculo,* prefere Braga. Não Braga como nós a conhecemos e como nós sabemos que ella é. Valença prefere uma Braga que elle inventou, Braga sem padres, sem gente embiocada, sem defeitos emfim, uma Braga ideal. Ainda assim prefere-a porque acha Braga uma cidade tranquilla, pacata, d'onde ha perto esse colosso de verdura, esse Atlantico de vegetação exhuberante, magnificente, soberanissimo, que é o Bom Jesus.

E aqui teem o que prefere Valença, o artista cujo lapis tantas vezes já tem feito sahir do seu serio a maioria dos nossos mais serios leitores.

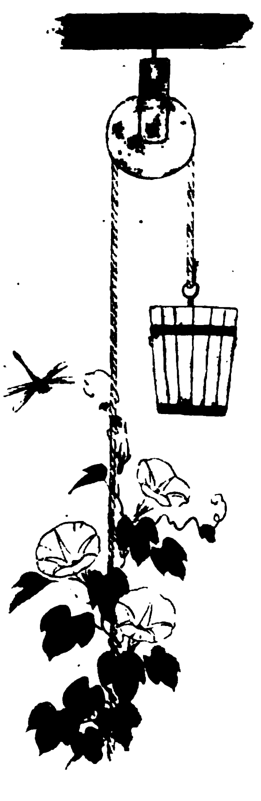
Passar alli as tardes encantadas dos bons dias estivaes, não tendo pagina que fazer, não tendo maçadores que aturar, que delicia! Amigo do «claro sol amigo dos heroes», achando a vida boa, um tudo nada alegre, se Braga lhe é lembrança, o Bom Jesus é-lhe predilecção. Que, valha a verdade, não sabemos quem possa recusar o seu voto ao Bom Jesus. Um caricaturista tambem tem direito a considerar um dia, e Braga e o Bom Jesus são optimos sitios para isso.

ALBUM de exotismos japonezes

II

(Mais algumas paginas soltas)

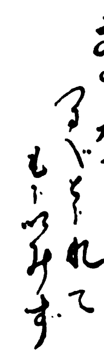
No n.º 20 dos SERÕES *— se me não engano — deu-se amavel publicidade a um artigo da minha lavra, com este mesmo titulo. N'elle — quem ha-de gabar a noiva?... — eu proprio prestava culto á ideia luminosa que o inspirára. Pois prosigo, accrescentando algumas paginas soltas ao album em começo.*



A TREPADEIRA

A Trepadeira

Eu já me referi, algures, ao que agora vou dizer; mas, como não foi nos SERÕES... talvez aos leitores de então, e talvez aos leitores de agora, passe despercebida esta repetição, com certeza de mau gosto.



E' conhecido o ineffavel amor dos japonezes pelas coisas creadas; traduzindo-se por um piedoso enternecimento pela terra, pelas aguas, pelos bichos, pelas arvores, pelas hervas, por tudo emfim, sem comparação com outros povos. Um antigo poeta, interpretando deliciosamente esta condição de sentimentalidade nipponica, escreveu a poesia que vae á margem.

Não perceberam? Bem; vou então empregar os caracteres romanos:

Asagao ni
Tsurubé torarete.
Morai mizu...

Ainda não perceberam? Ora — estão adivinhando, — eu pretendia esquivar-me á traducção dos versos, por ser ardua a tarefa; mas, visto que se im-

põe a necessidade de fazel-o, aqui vae ella, chocha, conforme posso dal-a:

A trepadeira, p'la corda
Do poço, poz-se a trepar.
Vae-se pedir agua fóra,
Para não a incommodar...



UMA ESCULPTURA EM NIKKÔ

O dia do macaco

Segundo o antigo calendario japonez, cada dia é representado por uma curiosa denominação. Assim é que, de sessenta em sessenta dias, se repete o *Dia do Macaco*, cuja commemoração graphica, profusamente gravada em grandes pedaços de rocha que se encontram avisinhando alguns templos ruraes, consiste n'um grupo de trez macacos, havendo um que tapa os olhos — o macaco cego, — outro que tapa as orelhas — o macaco surdo, — e outro que tapa a bocca — o macaco mudo; — admittindo-se por esta fórma que o sagrado quadrumano, patrono de tal dia, não verá coisa alguma má, não ouvirá coisa alguma má e não dirá coisa alguma má... symbolo tocante da paz da creação e da pureza das consciencias. O assumpto serve de motivo, como é sabido de *touristes*, para a famosa esculptura em madeira que encima o estabulo do cavallo branco, ao serviço do deus, n'um dos templos de Nikkô; e ás vezes as *musumés*, que não differem muito dos macacos no respeitante á graciosidade das momices, aproveitam o gesto, arremedando a trindade simiesca a que alludi.

Shôjô

Na fabulogia satanica dos nipponicos, figuram uns estranhos figurões, os *shôjô* — especie de diabos marinhos, de fórmas extravagantes, de longa cabelleira encarnada, muito dados a libações de *saké*, o vinho indigena. — N'um recommendavel diccionario que consulto sobre o caso, diz o auctor, que é francez, as seguintes significativas expressões, que devéras me impressionaram o bestunto, levando-me a transcendentes lucubrações do pensamento: — «A legenda dos *shôjô* é de origem chineza; mas pretendem alguns estudiosos que ella apenas data da primeira apparição, nos mares da China, dos anglo-saxonios...» —

Os selvagens cabelludos

Não abundam em geral, no japonez, barba e bigodes; o imberbe, aos vinte annos, aos trinta annos, é vulgar. Os ainos, pelo contrario, são extremamente cabelludos; o rosto alvo, quasi caucasico, desapparece n'uma floresta de cabellos; e as suas mulheres, naturalmente desprovidas de bigodes... pintam-n'os!...



AS MUSSUMÉS ARREMEDANDO OS MACACOS

Os ainos são, como é notorio, o povo autochtone do Japão; ou, pelo menos, aquelle que os japonezes encontraram estabelecido no solo que invadiram, travando com elle longa



SHÔJÔ

lucta, indo escorraçando-o pouco a pouco para o norte, em cujos confins ainda hoje residem alguns raros individuos d'esta raça; na exposição de Osaka, ha quatro annos, uns trez ou quatro d'estes ursos humanos figuravam, em palhoças suas, como uma jaula.

Ora, das circunstancias apontadas, resultou, por parte dos japonezes, um natural despreso pela barba, caracteristica da tribu barbara inimiga, que venceram e humilharam. Quando os japonezes começaram travando conhecimento com os europeus, chamavam-lhes *ketôjin* — os selvagens cabelludos, — para differençal-os dos chinezes, *tôjin* — os selvagens. — A denominação persistiu e ainda persiste; não sendo raro que os gaiatos, ao avistarem-nos em certos bairros pouco tolerantes, se ponham a gritar: — «*ketôjin, ketôjin!...*» —

Posto isto, porque será que os missionarios catholicos francezes, estabelecidos no Japão, deixam em regra crescer longas barbas biblicas, incultas?... Na moirama, onde a barba é venerada, percebia-se; mas aqui...

A borboleta branca

A borboleta branca das nossas terras, a qual, invadindo as hortas vicejantes, accusa gulosas preferencias pela folha de couve, tambem é conhecida no Japão; mas aqui, onde as couves rareiam, é para os campos de colza que ella dirige especialmente o vôo caprichoso. Em fins de abril, estes campos de colza esbrazeam em florescencias amarellas, atapetando planicies enormes, a perderem-se de vista; e então as borboletas brancas, por centenas, por milhares, circumvagam pelo espaço, n'um banho de perfume. A pequenina *musumé* das aldeias, ao ir de manhã para a escola, pára por momentos á beira das culturas, embevecida nos aspectos do scenario; e, estendendo as mãositas ao enxame, murmura esta cantiga popular:

Chôchô, chôchô, ná no ha ni tomare;
Ná no há gá iyenara, té ni tomare...

Que quer dizer:

Borboleta, vem poisar
Na tenra colza; ou então,
Se te não agrada a colza,
Vem poisar na minha mão. .



UMA FAMILIA DE AINOS

No convite ao insecto, transparece — valha a verdade — um inconsciente orgulho pelos encantos da epiderme propria. Faltam-me dados bastantes de observação para julgar se a borboleta obedece ao chamamento. Se eu fôsse borboleta, não hesitaria na escolha: — abandonára a colza, para ir morrer de fome sobre os dedos setinosos d'aquella mãosita de *musumé*... —

Kurumaya

Kuruma é o ligeiro vehiculo japonez, tão popularizado aqui por toda a parte, em cidades e aldeias, e invadindo já outros paizes. Quando eu viajava, ha muitos annos, o *kuruma* fôra adoptado na China e passára a Singapura e a Ceilão; agora, deve ir bem mais longe.

Kurumaya é o homem que puxa o *kuruma*. O *kurumaya* vem da ralé, vem das infimas camadas sociaes, posto que haja exemplos de alguns filhos de nobres, cahidos na miseria, haverem ganho cobres no mister, Em regra, estes *kurumaya* são gente má, prompta em provocar desordens, em chasquear do transeunte, prompta em extorquir dinheiro ao incauto pelo exaggerado preço de um serviço, sobretudo se o freguez é europeu. Joga, bebe; dir-se-hia que tem todos os vicios. E, não obstante, o *kurumaya* accusa subtis delicadezas: — a urbanidade, a honestidade até, o brio profissional, etc. — e é isto que se torna interessante conhecer; mesmo porque, cuidando de investigar a indole de um povo, não é nos principes que devemos ir estudal-a. Ajustado o preço da corrida, podeis sentar-vos, livre de preoccupação, no commodo vehiculo, confiando-vos ao *kurumaya* que o transporta. Activo, intelligente, infatigavel, eil-o que parte a todo o galope das suas pernas musculosas, desviando-se habilmente dos obstaculos, do povo que enxaméa, e tambem por caridade, dos cães vadios e das gallinhas; e attento em tudo que respeite o conforto do freguez, quasi que com carinhos de mulher para servil-o. Não consta que jamais o *kurumaya* levasse o estranho a um campo ermo, para alli o roubar. Com os marujos bebedos, de algum cruzador inglez ou americano, é cheio de desvelos. Se alguem no caminho vos provoca, tendes no *kurumaya* um defensor. Em longas e demoradas excursões, bem depressa encontraes n'elle um quasi amigo, palestrando comvosco, narrando-vos a historia dos sitios de percurso, colhendo flôres que vos offerece, indicando-vos confortaveis poisos de descanço.



A BORBOLETA BRANCA

Ha cerca de dois annos, utilisei-me por quatro ou cinco vezes dos serviços de um *kurumaya* meu visinho. Logo ao começo convenci-me de que o homem estava tisico, pela tossinha secca e impertinente que serve de documento em tal estado. Acontecia então que, quando em ladeiras, o misero começava a tossir com mais frequencia; e eu preferia apear-me, alliviando o carro do meu peso. Contava-me o *kurumaya* que acabava de regressar da campanha contra os russos, onde servira como soldado reservista; e, da Manchuria, trouxéra aquella raleira nos pulmões. Coitado... escapo das balas inimigas, vinha com uma condecoração e com uma tisica!... Mas o que mais me commovia eram os esforços, os tregeitos, os disfarces, de que usava, para reter a tosse, no proposito evidente de fazer-me esquecer os seus achaques, poupando-me ao incommodo de apear-me e de juntar alguns cobres á gorgeta... E que foi feito d'elle? Que seria d'esse desgraçado? Não sei, perdi-o de vista. Morreu por certo, atrelado ao seu vehiculo, suffocado pela hemoptyse como um cavallo arrebentado...

O prazer da agua

O aceio, a limpeza dos japonezes, são coisas proverbiaes. No entretanto, se alguem pensa que profundos estudos de hydrotherapia, seguidos pela massa da população, implantaram assim habitos de hygiene, está muito illudido. Não me fallem em hygiene, que é palavrão inventado pelos sabios do Occidente, para estimulo de discussões de academia, de conferencias recheadas de rhetorica, de humanitarismo, em artigos de fundo de jornaes. O japonez, pela sua prodigiosa affectibilidade pelas coisas, sente n'um alto grau o prazer da agua; e eis tudo. Educado, pela configuração especial do seu solo, nos espectaculos do oceano, dos lagos, dos rios, das torrentes, das cascatas, dos charcos, a agua é para elle uma doce companheira, imprescindivel na paizagem. O nipponico é, afinal de contas, um amphibio, como a rã, como a salamandra; o que basta para explicar-lhe os habitos de aceio, de banho, de limpeza, dos quaes faz mesmo ritos cultuaes.

Onde houver uma gotta de agua, ficae certo que lá entrará um japonez ou uma japoneza, ou lá estarão dois, ou trez, ou muitos, lavando roupa, ou banhando-se, ou pescando, ou em simples contemplação esthetica. No rio Yodo, que atravessa a cidade de Kyoto, corre uma tenue veia de agua crystallina; durante o estio, collocam-se largas mesas, cobertas de esteira, sobre o leito do rio; e é então um encanto relancear a gente, á noite, o deslumbramento do espectaculo, illuminado por milhares de lanternas, animado pela multidão compacta, que se assenta sobre as bancas, rindo, cantando, tocando, bebendo, petiscando; as *musumés*, no enlevo da agua, deixam por vezes pender a perna nua, indo a pontinha do pé branco acariciar a lympha... Mas, sem ir até Kyoto, em qualquer jardimzinho domestico será facil surprehender as raparigas, em bando, em volta do lago, seguindo com o olhar amoroso as circumvolações dos peixes escarlates...



KURUMA E KURUMAYA

Umeko

Umeko quer dizer em portuguez: — a pequenina flôr da ameixeeira. —

Umeko é o nome de uma *gheisha* de Kobe, muito em voga. Com ella estive de companhia duas vezes, em festivos jantares que alguns japonezes offereciam a europeus; a



EM VOLTA DO LAGO

primeira vez ha dez annos, a segunda vez recentemente. De sorte que pude vel-a ainda menina, simples *maiko*, exhibindo-se em pueris passos de dança; e agora, após longa pratica no officio e classificada por exames, feito o seu doutorado — como poderiamos dizer, — vejo-a já verdadeira *gheisha*, possuindo todos os segredos da arte, todos os requebros da graça, dedilhando com mestria no *shamisen*, que é a guitarra do paiz.

Da sua historia, sei, por acaso, que é filha de um barbeiro, alli de Motomachi. Não me consta que ella tenha filhos, e ainda bem se não os tem, porque a sua profissão errante, exercida pela noite, cerca de japonezes foliões, não se casa com o encargo de ser mãe. No entretanto, revéla-me uma photographia a seguinte innocente indiscrição: — a ineffavel ternura da maternidade, latente em todas as mulheres, incluindo as virgens e até as creanças, exerce-a ella junto de uma boneca que possue; quando a cinge nos braços, quando encosta a fronte á face de gesso do mostrengo, os olhos humedecem-se-lhe de affectos, de dedicações inconfessadas!...



UMEKO E A SUA BONECA

E notorio o amor pelas bonecas nas japonezas de todas as idades, em especial n'aquellas que ainda não são mães, e mais ainda nas velhas que perderam de todo a esperança de

poderem vir a sel-o... Pobres velhas!...

De joelhos

Conta Edmond de Goncourt (mas leiam os seus deliciosos livros *La maison d'un artiste*, *Outamaro*, *Hokousai* e outros ainda...) conta Edmond de Goncourt que em certos banquetes japonezes a solemnidade é tanta, que as criadas servem os hospedes de joelhos.

Ora, em assumpto referente a este paiz do Dai-Nippon, Goncourt tem a vantagem do seu temperamento artistico, finissimo, e da alta sympathia que professa pela arte japoneza; mas offerece a desvantagem de nunca ter cá vindo, conhecendo os japonezes apenas pelo que d'elles lhe contavam e pelos *kakemonos* e gravuras que de aqui se espalharam pela Europa.



SERVINDO O CALDO

Pobre ingenuo!...

Todas as criadinhas vos servem de joelhos. Quantas e quantas me têem assim servido o caldo!...

Verdade é que tambem eu me encontro ajoelhado.

Se a posição de joelhos implica, n'esta terra, ritos de solemnidade e devoção — e assim será talvez, — então a inteira existencia japoneza, passada no lar e sobre esteira, não é mais do que uma continua successão de praticas religiosas, exercidas no sacerdocio da mutua cortezia... pois que a cortezia é quasi uma religião para os nipponicos, que elles respeitam deveras.



A HERVA

Um proverbio japonez

Os japonezes dizem: — «*kusa ga kazé ni nabiku*;» — proverbio que pode quasi litteralmente traduzir-se, conservando até a mesma ordem nos vocabulos, por esta certa phrase — A herva ao vento se inclina. — Este proverbio nipponico, exemplificando o caso da herva que verga sob as bofetadas das brisas, é pois a synthese, eloquentemente sentida e expressa, da suprema lei universal que é a obediencia do fraco pelo poderoso, á qual a inteira vida humana, a inteira vida animal, vegetal, mineral, se submettem sem appêllo. Para o homem e para todos os seres vivos, a obediencia impõe-se desde o nascimento até á morte... Até á morte? sim, para recomeçar após, na continua e interminavel successão das coisas — chave do tremendo mysterio universal. — Nem ao atomo inerte é concedida a independencia. Ser escravo é a lei de todos e de tudo.

Na vida corriqueira do homem, nos pequeninos nadas que constituem a sua existencia emocional, registamos a cada instante o sacrificio dos seus impulsos individuaes á obediencia, ora votada a um outro ser imaginario ou real, ora votada a uma força, ora votada a um principio. — fonte de mil bens e fonte de mil males... — A uma tal obediencia chama-se então, entre mil denominações, — religião, respeito, amor, prudencia, commedimento... —

Kusa ga kazé ni nabiku, a herva ao vento se inclina...

Kobe, julho de 1907.

Wenceslau de Moraes.

CANTIGAS

A Antonio Corrêa de Oliveira.

Meu coração é pomar
A' espera de passarinhos,
Bem podias tu enchel-o
Co'as aves dos teus carinhos.

Coração, não saltes tanto,
Tanto d'aqui para alli:
Tu saltas por causa della,
Ella nem olha p'ra ti!

Tu juraste de ser minha
Eu jurei de te querer;
Ainda que sejas falsa
Não m'o dês a perceber.

Os cachos dos teus cabellos
Pelo teu dorso a rolar,
São velludosas serpentes
Que envenenam sem picar.

Teus olhos são dois abysmos
Teus olhos são claros céus:
Têm demonios, têm anjinhos,
Só não têm pena dos meus..

Tua bôcca é mar de rosas,
Com escolhos de marfim...
Ah! feliz do marinheiro
Que morrer num mar assim.

Oh! que mangueira tão alta,
Curvada com tanto gosto!
Quem déra fosse eu mangueira.
Para não ver o teu rosto..

Andorinha fugitiva
Que eu criei com tanto geito,
Que ha de ser do pobre ninho
Que te armei dentro em meu peito

Quando vires alvas garças
Seguindo-te em alto mar,
São meus olhos que te buscam
Cançados já de chorar...

Juraste que voltarias,
O' andorinha celeste!
Já se foi a primavera...
Que é das juras que fizeste?...

Rio de Janeiro, 28-VII-907

Alipio Machado.



Melancolia

Ao visconde de Carnaxide,
meu amigo de infancia.

Na nossa infancia, inda pequenos,
Juntos nos íamos brincar,
Correndo á sôlta pelos fenos,
Colhendo amoras no pomar;
Dias de paz, dias serenos,
Vimos contentes deslisar,
Mirando, á tarde, a estrella Venus,
Ouvindo historias, ao luar,
Na nossa infancia, inda pequenos,
Quando nos íamos brincar.

Depois, rapazes já crescidos,
Já com prosápias juvenis,
De estudos mais desenvolvidos
Mostrando, já, certo verniz,
Mas sem ciumes nem pruridos
De triumphar por meios vis,
Nunca de cêra, envaidecidos,
Quizemos pôr falso nariz...
Depois, rapazes já crescidos,
Já com prosápias juvenis.



Mais tarde — o tempo não perdôa!
Toldam-se os ares para mim;
Em dobres fúnebres echôa
Da adolescencia o amargo fim...
De espectros mudos se povôa
A minha «Torre de Marfim»;
Dos sonhos meus o enxame vôa,
Como ao rebate de um clarim...
Mais tarde — o tempo não perdôa!
Cerrou-se a noite para mim...

Raiou-me, emfim! nova esperança
No lar que eu proprio cimentei.
— Feliz aquelle que descansa,
Vivendo o sonho que eu sonhei!
Sonho de rústica bonança,
De rei-pastor de amada grei,
Pondo no oiro da balança
O coração sustendo a lei.
Raiou-me, emfim! nova esperança
No lar que eu proprio cimentei.

Mas — esperança fementida!
Em breve, o sonho se desfez...
A grei — ceifada, dividida,
Longe do aprisco onde se fez;
A paz — num pélago sumida;
Na alma — a noite da viuvez...
Tal é a synthese da vida,
O tragi-cómico entremez:
-- Uma esperança fementida,
Sonho que breve se desfez...

Vôlvo os meus olhos ao passado
E... sinto as lágrimas correr,
Como no rosto do soldado
Que, heroicamente a combater,
Caiu vencido, anniquilado,
E nem sequer pôde morrer!
Já, do presente, ennauseado,
E no futuro sem já crer,
Vôlvo os meus olhos ao passado
E... deixo as lágrimas correr.



Que vejo eu lá, nessa distancia,
Que inda me afaga o coração?
Que grata e célica fragrancia
Me traz, de longe, a viração?
Vultos de olympica elegancia,
Lábios frementes de paixão,
Jogos pueris, quadros da infancia,
Sombras amadas, no caixão...
Que vejo eu lá, nessa distancia,
Que me enternece o coração?



Memórias puras de outra edade,
Memórias santas do meu lar!
Só vós «viveis na realidade»
E em vós me quero amortalhar. .
Só vós, á trágica anciedade,
Que nunca viu piedoso olhar,
Trazeis um bálsamo — a saudade,
Daes um consôlo — o de chorar...
Memórias puras de outra edade,
Memórias santas do meu lar!





O resto... phantasmagoria!
Pura comédia, convenção...
A peste egoista contagia
O mais venusto coração.
No meu caminho, dia a dia,
Vejo cair uma illusão...
Só tu, saudade! e tu, poesia!
Me inda embalaes numa canção...
O resto... phantasmagoria,
Pura comédia, convenção...

Cantaes-me ainda um ritornello,
Á moda antiga, de solau,
Como ninguem cantou, mais bello,
Da côrte em fúlgido sarau;
E, prêso á vida por esse elo,
Tal como ao lôdo a velha nau,
Sósinho, vou — de alto castello
Descendo o último degrau...
Ainda ouvindo o ritornello
Do tempo antigo do solau...

Setembro, 28 — 1907.

M. Duarte d'Almeida.





POÇO EYBEN — LOCAL D'ONDE SAHIRAM OS FERIDOS NO DESASTRE DO MEZ DE JANEIRO

As Minas de Aljustrel

(Conclusão)

A contramina

(OS TRABALHOS MODERNOS)

É facil suppôr-se o que sejam os aspectos tenebrosos dos trabalhos no fundo d'uma mina; transportados a essas profundidades, não temos surprezas nem desilusões: é o que haviamos supposto; mas ha pormenores, nas coisas de mais facil alcance, que escapam á previsão, e a curiosidade em regra tem sempre razão de ser. Por estas razões nos decidimos a fazer uma coisa que nenhum perigo tem, mas que intimida muita gente: descer á contramina.

Oito horas d'uma manhã esplendidamente clara. O ar conserva ainda toda a subtileza e frescura dos largos espaços, d'onde a *maré* o arrasta n'uma onda de vida mysteriosa, limpida e leve; apenas, nos longes orientaes ainda se evaporam as ultimas gôttas da madrugada facheando de finissima gaze o azul desmaiado do horizonte.

Espera-nos o descensor para nos transportar a 100^{m} quasi, de profundidade, pelas entranhas da terra, para o desconhecido, para a treva, e não podemos evitar um olhar commovido de despedida á belleza da luz, que vivifica e alegra o vasto campo industrial que se desenrola em torno.

Entre o madeiramento quadrangular do guindaste, abre-se um poço com 3^{m},35 de comprido por 1^{m},30 de largo. A vista pouca alcança para o fundo que se perde em trevas a poucos metros da superficie. Esperamos os engenheiros M. Perbos e M. Brunel que dão as ultimas ordens aos capatazes que vão *baixar* em outros poços. Uma multidão de mineiros transporta pesadamente os *wagonet-*

tes de minerio extrahidos durante a madrugada.

O trabalho é continuo. Mil e oitocentos operarios divididos em turnos, agitam-se sem cessar no ambito larguissimo da mina, desde as pedreiras á cimentação e desde esta ao fundo das contraminas.

M Perbos annuncia a descida para a casa da machina e indica-nos o Poço: *le puits d'Eyben;* foi baptisado com o nome do nosso administrador em chefe. — Tomamos logar no tejadilho do descensor, agora razo com o solo, e esperamos um momento. Ouve-se um signal de campainha enferrujada; subitamente falta-nos o chão, o ar parece escapar-se e a cabeça entontece. Olhamos para o alto e vemos um pequenino quadrado de ceo azul, onde gira uma roda com gotteira, de que pende o *fio* que nos sustem e que parece ter a grossura d'um cabello.

M. Perbos intervem: — *C'est dangereux de regarder là haut.*

A descida continua com a mesma velocidade, mal se podendo ver o escoramento de madeira que veste interiormente o longo e estreito tunnel. Os toros do escoramento são troncos d'azinho e de pinho rijo com $0^m,30$ de diametro e o folheamento de madeira, que encosta nas paredes terreas, tem 4 a 5 centimetros de espessura, o que garante a solidez.

Escoa-se finalmente um lapso de tempo minimo que parece infinito; o andamento affrouxa, e o tejadilho raza com o segundo pavimento, a 60^m de fundo. Para oeste abre-se um tunnel de $2^m.30$ de alto por 2^m de largo, de corte elyptico com revestimento de pedra sobreposta, calçada e batida d'aspecto solido. Cada um de nós accende o indispensavel candil para a marcha subterranea. M. Perbos toma a frente e avança para a escuridão profunda que se vae rasgando. O chão está em lama; a temperatura baixa ligeiramente; a respiração faz-se á vontade.

A' claridade bruxuleante dos candis que nos acompanham, onde a luz se achata e sobe marcando a cadencia do passo, rasgam-se — é o termo — pedaços da galeria, que se alarga e cresce com as intermittencias da luz, e M. Perbos, que caminha com passo seguro em nossa frente, avulta como um gigante á entrada d'uma enorme caverna.

Peço uma pequena paragem junto de uma galeria transversal. Tenho a impressão de fadiga de uma longa marcha e sinto um calor suffocante que difficulta a respiração. M. Brunel indica o sitio em que se está fazendo a oxidação das pyrites, causa da grande elevação de temperatura. De novo em marcha por uma galeria que se abre a L., sentimos em breve uma lufada d'ar vivificante e fresco; mais alguns passos e sente-se frio; a humidade filtra pelas paredes. No madeiramento do tecto apparecem manchas nevadas como grandes flocos d'algodão. E levo o candil surprehendido pelo mysterio de inopinada curiosidade. Alastradas sobre as madeiras ha largas folhas d'uma brancura lactea, lançando ramunculos como tentaculos de polvos, que por sua vez se espalmam n'outras folhas que rebentam em *flores* esphericas, opacas, d'um aspecto gelado. Colho algumas com infinitos cuidados, porque o mais pequeno toque as melindra.

M. Perbos baptisou-as sorrindo: — *Fleurs des tenèbres!*

E das aguas, ajuntei. E' realmente a humidade sobre a madeira que faz germinar aquella exquisita especie.

Mais adeante a galeria apresenta uma facha azulada. Crystaes de cobre e de ferro vestem o tecto e as paredes que rebrilham com as irisações das miriades de facetas, n'um silencio de gruta d'encanto cavada em pedras preciosas.

A agoa formou pequenas estalactites de sulfato de cobre que gottejam pingos de ceo azul. Nas abertas dos toros superiores, por entre os schistos sulphatados apparecem pequenos blocos de talco, gemmado, em palhetas finissimas, phosphorescentes, onde se espalham crystaes ferreos, — soluveis com grande difficuldade — que apresentam faces limpidas, regulares, reflectindo os tons magnificamente sombrios da amettista. E' surprehendente esta pequena facha de minerio que mede apenas dez metros.

Os mineiros

Chegámos á galeria principal em cuja parede oeste termína o filão mais largo. Ao fundo repercutam-se ruidos confusos. Vamos emfim surprehender o homem no trbalho mais rude que por certo existe.

O ruido cresce. Distinguem-se agora as bicadas da picareta na rijeza da pyrite. Abre-se á nossa esquerda uma galeria; mais alguns passos e ao fundo, á luz incerta

e frouxa dos candis, agitam-se formas vivas entre uma nevoa bastante densa, formando um conjunto, que, sem a grandeza do soberbo esforço com que «Os mineiros» de Meunier trabalham, apresenta uma humanissima dôr de maldição, humilde, mesquinha talvez, mas infinita, singular, que nenhum artista ainda interpretou. Dão-nos a impressão de malditos luctando corpo a corpo com a rocha. As scentelhas espirram da pyrite ferida pelo aço, e pequenos blocos rolam com sons metalicos. Junto do tecto, cosidos com a rocha, seguros como que por



POÇO SANTOS — MINA DE S. JOÃO

milagre, dois mineiros occupam-se em brocar a pyrite, formando um grupo que attinge proporções cyclopicas á luz vagueante dos candis. E' este o trabalho mais perigoso da contramina. Emquanto um d'elles segura sobre a rocha um broca ou barrena d'aço, o outro bate compassadamente a marreta de ferro na extremidade. Não ha o minimo cuidado, da parte dos mineiros, n'este perigoso trabalho; nota-se facilmente uma indifferença inconsciente que afflige e sobresalta.

E' necessario, para prevenir desastre, não entrar n'uma galeria d'exploração sem haver a certeza de que as explosões da dynamite não deixaram pedra alguma semidesligada ameaçando queda, e para isso dever-se-ha pegar n'uma palanca d'aço e com ella, a distancia, sondar os tectos afim de desagregar os blocos pouco solidos. Antes de principiar o trabalho deve o mineiro certificar-se de que o terreno em que vae trabalhar é bastante solido para não sobrevir um desmoronamento ao choque da barrena.

Todos estes bons conselhos estão affixados nas galerias d'exploração, mas a verdade é que aos operarios a leitura é uma coisa vedada, havendo alem d'isto da parte d'elles uma manifesta indifferença pelos conselhos que os engenheiros não cessam de preconisar.

M. Brunel convida-nos a descer ao pavimento inferior e a descida effectua-se por meio de escadas, ao longo d'um poço circular que tem 1^m de diametro, cujas paredes convenientemente escoradas apresentam a maior solidez; no entanto, a 80^m de profundidade, n'um espaço tão acanhado, não podemos furtar-nos a pensar que em volta de nós ha uma formidavel massa de rochedos e terras que tocadas d'um ligeiro abalo podiam partir, triturar o mais forte escoramento e esmagar-nos. A falta de *habito* dá todos estes pensamentos sinistros, alheios áquelles que no seio da terra trabalham dia e noite.



POÇO DO VAL-D'OCCA

Chegados ao piso 80^m, encaminhamo-nos para o sul, vagarosamente, emquanto M. Perbos nos descreve n'uma linguagem sobria e segura, a construcção das gallerias, os processos seguidos nos differentes trabalhos de perfuração, accidentes, causas e maneiras os evitar.

«A abertura de tunneis nos schistos rijos, não offerece grande perigo, nenhum quasi,

se houver algum cuidado, porque em trabalhos tão rudes ha sempre perigos; um dos que não tem sido possivel evitar apesar dos avisos dos conductores e capatazes, é aquelle que provem do pessimo habito que tem os mineiros de descançar as mãos sobre os rebordos dos *vagonettes* onde se descarregam blocos de pyrite ou schisto, o que tem sido causa de triturações graves — e aponta-nos um regulamento affixado. Mas, não ha maneira de os convencer do perigo. Hontem, despedi um operario por um motivo muito mais grave: recommenda-se que nunca do barreno falhado se tente extrair a carga, nem depois de passadas duas horas da ordem para se approximarem os operarios; pois hontem na minha visita da manhã fui encontrar um operario a extrair a dynamite d'uma broca não explodida. E' gravissimo isto

«Na extracção de minerio por outro processo estes perigos desapparecem; ha porem perigos accidentaes, como desabamentos, que infelizmente não podemos prever em certos casos.

«Procedemos da seguinte forma: abrimos galerias transversaes de 3^m a 2^m de largo conforme a especie e consistencia do terreno, e cujo comprimento obdece á largura do filão; explorado até o terreno esteril, começa o trabalho d'entulho que deve tender quanto possivel a substituir o supporte preenchido pelo primitivo terreno. Findo este trabalho é aberta ao lado nova galeria, e, successivamente tantas, quantas as precisas para que todo o filão do pavimento fique exgotado.

De 30^m em 30^m ha uma *chaminé* que tem dois serviços a desempenhar: o de respirador e poço de baixada; ao bloco comprehendido entre dois d'estes poços dá-se o nome de *pilhastra*. Comprehende agora como com estes pontos de referencia é facil calcular sem grande erro qual é a massa total de minerio que existe na mina.

É singularmente simples, como vê, todo este trabalho.»

N'este momento da nossa instructiva conversa, ouve-se um ribombo fundo e longinquo que faz estremecer o pavimento e a massa que nos cerca; dir-se-hiam trovões sem resonancia, explosões seccas, repetidas. Parei, admirado. — para não dizer: apavorado —. O engenheiro comprehendeu immediatamente o que eu pensava e não abusou do meu espanto, porque me satisfez logo, dizendo entre um leve sorriso:

— *Le déjeuner.*

Era um signal chamando os operarios ao almoço.

Chegados ao poço de Vianna — a 400^m de Eyben — o mais moderno, terminado no piso 80^m, deparámos com uma cubagem que até ali não haviamos encontrado, ampla, ventilada d'uma solidez de construcção evidente. Da abobada larga e negra, filtravam aguas de correntes subterraneas, que tendo atravessado a pyrite vinham corrosivas, azuladas. Emquanto observamos os trabalhos *d'intivação,* vêm chegando operarios que buscam o mais largo recinto da contramina para a frugal refeição. Dependuram os candis ao longo das paredes; sentam-se sobre grossos toros que estão ao longo da galeria; desdobram sobre os joelhos as vitualhas simples e convidam-nos modestamente.

Em breve, cessam as conversas n'aquelle extranho refeitorio cheio de sombras; ha um momento de profundo silencio quebrado em seguida pelo ruido das mandibulas em movimento, singularmente animal e crú. E grandiosa e miseravel aquella refeição. As largas folhas das navalhas scintillam atacando o formidavel pão negro que mais parece um penedo, d'onde destacam grandes nacos que as boccas avidas acolhem n'um escancarado apetite, voltando em seguida, para picar uma lasca de sardinha, bacalhau ou linguiça, que vae para a bocca na ponta d'aquella verdadeira arma de guerra. De quando em quando uma das mão mergulha entre os toros e arranca uma garrafa, cujo liquido lhes gurgulha em breve nas gargantas com aquelle ruido fresco, uberrimo, vital, que fazem as aguas correntes subterraneas. Alguns já começam de fazer o cigarro, recortando o busto largo na parede humida, emquanto se lhes abre a camisa no peito deixando ver a cabellugem brutalmente fertil d'aquellas *terras* á prova de todas as intemperies. As pernas distendem-se; retezam-se os braços n'um lampejo de fadiga e cavaqueia-se um pouco; offerece-se um cigarro ou o charuto e a navalha para o picar. Preferem em regra o charuto ao tabaco grosso, que é feito de *cacetes*, segundo a sua expressão pictoresca.

O minerio

Na mina dos Algares ha duas especies de producto: a pyrite cuprica e a chalcopyrite. A primeira quando contem mais de 4 % de cobre é exportada tal como é extrahida. A segunda, producto pobre, vae para a cimentação. Este departamento da mina que occupa a maior parte dos terrenos da sua superficie d'ella, e onde se encontram ainda escoriaes romanos accusando o processo da ustulação, é composto de planos sobrepostos, com regueiros, em ampla escadaria. E' ali que são lançados os productos pobres, que expostos á acção do ar e da agua, passam de sulfuretos ao estado de sulfatos soluveis. A agua corre incessantemente sobre esta larga superficie, que é tambem um enorme filtro; é bebida por meio de bombas nos confins da cimentação depois de ter cumprido a tarefa que volta a executar. A agua carregada vae por encanamentos para uma serie de poços longitudinaes e pouco profundos, cheios de ferro em barra onde o cobre se deposita. Sahido d'aqui é secco e pulverisado, podendo conter 65 a 80 % de cobre fino.

São horas de subir. Retomamos o caminho que trouxemos e dirigimo-nos ao poço Caiado. Sinto uma impressão inedita: saudades do sol. Finalmente pousamos no ascensor e a subida começa; os candis apagam-se com a corrente d'ar que vem de cima, como uma columna opaca de vida, sobre nós. Lá no alto, no quadrado d'azul avista-se a roda girante que ora governa o nosso destino. A 20^{m} da abertura do poço percebe-se o ceo encandeado; vê-se como que o clarão d'um incendio que chegasse do rubro branco.

O sol! Tudo me parece novo e confuso e só depois d'algum tempo consigo *achar* os olhos, que me parecia haverem-se perdido na longa excursão subterranea.

Quando reparei na *flor da treva* que com tantos cuidados trouxe, apenas vi entre os dedos um caule secco; a luz do sol absorveu-a.

Uma noite de desastre

Dois dias depois da nossa visita subterranea, surprehendeu-nos — ás 9 horas da noite



A — M. VOM ZENICK, *guarda-livros;* B — M. EYBEN, *administrador em chefe;*
C — M. HENRY BROON, *chimico;* D — M. VOLPELIERE, *director technico* E MAIS EMPREGADOS NAS MINAS

— a noticia d'um grande desastre na *galeria* por onde, justamente, haviamos andado depois da descida no poço Eyben. Comquanto o accidente houvesse occorrido de tarde, ás 6 horas, a noticia só chegou á villa ás 9, alarmando principalmente a aldeia.

Estimulado por uma dolorosa curiosidade fui Algares a fora, entre grupos negros, desconhecidos, que iam e vinham como sombras arrastadas por um redemoinho d'angustia n'aquella noite de janeiro fria e escurissima.

Junto do poço formigava uma multidão compacta, onde os lamentos das mulheres como que se misturavam, n'uma inexplicavel communhão, aos clarões funebres dos candis bruxuleantes. A vinte passos era uma

mancha negra, horrivel de ver pela dor que deixava adivinhar na sua agitação macabra de larvas. A armação do guindaste, projectando entre as sombras os braços potentes, punha uma nota de supplicio no scenario, lembrando uma forca, um potró, um logar de expiação. No alto das Algares, os eucalyptos balançavam ao vento rijo as copas altissimas, como nuvens negras prezas subitamente na carreira, e os moinhos, bracejando sobre o combro que se debruça á *Manteira*, acompanhavam a tragedia com o *rum rum* de seus buzios presos do cordame. O scenario prestava-se a que a imaginação cavalgasse desenfreada apoz as mais extranhas e tenebrosas phantasias.

A' porta da casa da machina, unico espaço vedado á multidão, o machinista, attento, esperava ordens.

O borborinho augmentava; a anciedade crescia.

Rompemos a multidão que rodeava a abertura do poço, agora mais negra e mysteriosa, e falámos ao medico da mina, que aguardava a chegada dos feridos... dos mortos talvez.

Inquirimos, como toda a gente; sabia-se apenas que estavam dois operarios em perigo?! Mas é tão vago isso; e insistimos: como se dera o desastre? Em que situação se achavam os operarios attingidos? Houvera imprevidencia! Havia esperança de salvação?!... Uma série anciosa e tumultuaria de perguntas que nos accudiam á bocca.

— Desde as 6 horas da tarde ás 10 da noite nada se pudera saber?! perguntavam diversas boccas.

— Estão soterrados, respondiam outras; e nada mais se sabia.

A campainha do ascensor echoou como um dobre annunciando a subida d'alguns. A machina resfolegou. A maca do Hospital foi collocada á borda do poço. A onda de povo precipita-se, aperta-se para ver os feridos. E porém um engenheiro que sobe.

Dirige-se ao medico: — O Dr. tem que esperar ainda um pouco,

— Mas em que situação estão as victimas? Poderia prestar-lhes algum soccorro na contra-mina?

— Nenhum; mais um momento. Um está quasi livre, mas com as pernas trituradas; o outro está entaipado; não sei que tempo levará o trabalho de desatterro. A alluvião de terras foi enorme. Ha pouco ouviram-no pedir agua.

Este dialogo é dito em francez, o que augmenta a anciedade de toda a pobre gente que espera noticias e que escuta o engenheiro com uma expressão de pasmo doloroso.

Não resistimos a perguntar-lhe qual foi a causa do desastre e se houve imprevidencia.

Responde-nos que de modo algum se deu imprevidencia.

— Nós, continua o engenheiro, não podemos prevenir nem remediar desastres d'esta natureza. É tudo quanto ha de mais imprevisto, de mais perigoso e... de mais simples.

— Então, são conhecidas as causas do desastre?!

— Perfeitamente. Ha, no seio d'esta grande massa de terra que vae da superficie ao ultimo piso, cavidades, vasios enormes, que estando fóra do campo explorado nos são completamente desconhecidas; quando a parte inferior da cavidade está a pequena distancia do tecto da galleria, o perigo é permanente; qualquer abalo, e, sobretudo as aguas que amollecem e desagregam as terras, determina avalanches subterraneas que se desprendem da parte superior da cavidade. O choque e o enorme peso d'estas alluviões sobre a crôsta, ás vezes delgadissima, que forma o tecto d'uma galeria, são as causas do desastre que hoje aconteceu.

— Os escoramentos das galerias deviam ser mais solidos.

— Não poderiam resistir por mais fortes que fossem.

— Quantos operarios trabalhavam na galeria?

— Quatro. (Era uma galeria d'exploração com oito metros de fundo.) Dois conseguiram fugir; um não poude escapar-se porque estava ao fundo e os madeiros do tecto abatendo obstruiram-lhe a passagem deixando-o, comtudo, protegido da asphixia por algum tempo; o quarto já se julgava salvo, quando a derrocada de grandes pedras o prostrou ficando com as pernas esmagadas.

— E que fazem para os salvar?!

— Trabalha-se activamente... e afastou-se apressado.

Não pude deixar de estremecer ao visio-

nar a tragedia que se passava sob os meus pés, a 80^{m} de profundidade, na escuridão, tão proxima da morte, que a terra parecia ter aberto por si mesma ás sepulturas d'aquelles, que um dia haviam lá descido. E toda aquella gente anciosa sentia a mesma oppressão; seguia *in mente* a angustia aturada das victimas; ouvia uma voz longinqua, suffocada, desfallecida, pedir o refrigerio d'uma gotta d'agua, sem que houvesse esforço no mundo capaz de lhe satisfazer o imperioso desejo. Entre elle e a vida mediava um muro compacto e tenebroso que parecia reconstruir-se á medida que o derrocavam. A ideia de salval-os, porém, e de fazer o trabalho mais rapido impunha-se a todos os que estavam longe da terrivel galeria, como se os que lá estavam, na faina da salvação, não empregassem os maiores extremos.

Um capataz que n'este momento chegou á bocca do poço, veiu com as noticias que trouxe acabar de desesperar os que esperavam.

O ferido que tinha as pernas esphaceladas não tardaria a subir; luctava-se agora com enormes difficuldades para o transportar á superficie.

A cada palavra do capataz as mulheres elevavam os clamores!

— E o outro? E o outro? perguntavam de todos os lados.

— Pediu agua até ás dez horas... parece que desmaiou.

— E falta ainda muita terra para o desenterrarem? perguntou uma mulher d'olhos brilhantes, com lagrimas, que avançou por entre a multidão toda de negro, no seu trage de viuva que a fazia mais alta e mais triste.

— Ha ainda uns cinco metros de terra a tirar.

Soou a campainha. Passados alguns minutos subia o primeiro ferido.

Amparado por tres operarios, vinha enovellado, as pernas envoltas n'um casaco róto, os braços pendentes, as mãos inertes, a cabeça maltratada, revolta, caida sobre o peito.

A multidão apinhou-se em volta da maca, inclinando alguns candis sobre a face roxa do ferido. A terra esfarellada mesclava-lhe as sobrancelhas e o bigode.

N'um gesto rapido o medico abriu por instantes o casaco esfarrapado que envolvia as pernas do ferido. Tinha-as n'uma massa informe e sangrenta. Em seguida cobriram-n'o com uma manta e quatro homens carregaram com a maca, seguidos pelo medico e por grande parte da multidão. Ao que parece, não tinha familia proxima, mas toda a gente o chorava e muita gente o seguia.



PERFURAÇÃO DO POÇO EYDEN

Nós ficámos, pensando no outro que pedira agua, emquanto o negro cortejo se perdia no escuro da noite entre clamores.

Começaram então de passar interminaveis horas para aquelles que esperavam a saida da segunda victima; alguns sentaram-se no solo humido, outros encostavam-se ás zorras, falando, commentando em voz baixa, e as mulheres arrastavam-se, procurando apoio, soltando ais, arrimando as tragicas figuras ao madeiramento do poço, com os olhos mergulhados na profundidade escura e mysteriosa.

Depois da meia noite o frio augmentou excessivamente com o vento que soprava do norte sobre a terra desabrigada.

A pobre gente que por alli esperava foi-se approximando instinctivamente da casa da machina d'onde irradiava um calor reconfortante.

A fadiga adormeceu alguns e calou outros, e n'aquelle extranho museu d'estatuas dolorosas, depois de derramadas as lagrimas, em attitudes lassas, resignadas, como arvores abatidas ao abandono sobre o campo que lhes deu a vida, havia um silencio de

morte apenas cortado pelo *rum, rum,* monotono dos moinhos de vento.

Estas realidades tem qualquer coisa a mais ou a menos que as visionações infernaes da imaginação; talvez a menos a belleza que immortalisa estas, mas quantas eternidades se passam e repetem nas ephemeras horas das dores reaes?!

Duas horas da madrugada. O resfolegar metallico da machina vem chamar-nos á realidade.

A' bocca do poço aparece subitamente um grupo de mineiros amparando um homem desmaiado,... ou morto.

Tem o rosto congestionado,as mãos em sangue, a camisa aberta no peito cheio de terra.

D'entre a multidão que desperta estremunhada destaca-se a pobre mulher de trage negro, cuja magreza impetuosa, cheia de nervos, accusa os rudes trabalhos do casal camponio. Precipita-se de braços estendidos, como que levada pelo grito que acaba de soltar, para o querido moribundo que agora parece dormir serenamente estendido sobre a maca do hospital. Ella tactea-lhe o corpo; ella chama-o; ella beija-o; ella chora baixinho e, ante a nossa compaixão pasmada, fala-lhe ao ouvido no murmurio intraduzivel mas eloquente do ultimo segredo que se confia a alguem.

Elle não podia ouvil-a; ella, talvez nem soubesse o que lhe dizia, mas todos pareciam tel-a comprehendido. As mães não necessitam de palavras.

Foi esta desgraçada mulher a unica pessoa, que na manhã seguinte o sol veio surprehender á porta do hospital, esperando a saída do morto para a egreja da misericordia, com aquellas lagrimas que agora seriam eternas, com as mesmas torturas de sempre, quando elle se despedia dizendo-lhe essas palavras que a faziam estremecer:

— Vou para a mina...

João Gouveia.



A REPREZA

Ferraz de Macedo



O pobre Ferraz de Macedo, o Ferraz de Macedo *dos craneos* — morto!

A longa bicha dos idos, que os frios do inverno avolumam caminho á terra hiante, n'um *miserere* de lastimas humanas... Todos os annos, na taboa de condemnados á pena ultima, o implacavel lapis vae riscando nomes que pareciam symbolos de virtude ou força imorredoira, e á roda de cujos echos quinze dias depois não ha senão silencio e liquidações febris d'interesses e d'afectos!

Este pobre Ferraz de Macedo não seria um talento opiparo e fogoso, um genio perscrutante, um innovador de sciencia, original: pois já é muito em Portugal ter nos miolos a mediania lucida, a laboriosa constancia que impulsa a obra dos observadores serenos e dos obreiros mentaes equilibrados. Mas ambito adentro da sua intelligencia adestrada em estudos positivos, dentro da especialidade estreita, mechanica talvez, do ramo scientifico a que se votára, do methodo arido em que a antropometria imobilisa a gymnastica mental dos seus cultores, Ferraz de Macedo era um illustre e honrado obreiro das sciencias naturaes e positivas, um sacrificado tenaz dos creadores maiores da biologia contemporanea. E isto o furtou sempre aos contactos da contundente lucta fisica, isto enchia a sua vida de preocupações supraterrestres, esquecendo-o de tudo, dos gozos materiaes, da vida de familia, da solidão e desconforto austero do seu *home,* da canalhice d'uns, da prozapia d'outros, a ponto de viver infantilmente n'uma especie d'Olympo de que fossem deuses o sr. Manouvrier, o sr. Cartaillac, o sr. Quatrefages, o sr. Wirchoff, *que elle vira, com quem elle fallára,* e que ha muito tempo defuntos, todavia continuavam no sub-consciente do homem solitario, a lhe chamar collega, e a lhe abençoar de longe os asperos labores.

Esta aerostação espiritual por cima dos convencionalismos da vida palatina e citadina, séstro commum d'artistas e de sabios, dera-lhe o typo desprendido que Ferraz de Macedo havia em publico. Na *toilette,* mau grado o aceio escrupuloso do homem pulchro, sempre alguma peça errava a somma e parecia não ter chegado a tempo de brilhar no conjuncto ornamental. Uma vêz era o *plastron* sem gancho, a evolucionar do colarinho para os ocasos do collete, como quem mira estampar-se de bisma sobre as flatulencias do abdomen; outras, o collete desabotoado, deixando vêr pela camisa sem botões, a camizóla; ora um lenço encarnado, de grosseira chita portugueza, com que elle se abanava das moscas, e trazia na rua desfraldado como um *trapo* de toureiro, perturbando a solemnidade da labita e do penante; ora uma especie de chapeirão rouqueiro, á Bismark, cheio de teias d'aranha e folhas seccas, camarada d'uns chinellos rotos com que na abstração sahira á Baixa, estando a podar os cravos do quintal... Mesmo quando parecia que alguma mão familiar lhe corrigira a andaina e déra a ultima demão na *toilette,* era sina do homem faltar-lhe em cima sempre, alguma coisa: ou a gravata, ou os punhos, ou um tacão n'uma bota, ou o relogio, ou os botões... E tam pouco supônham que os seus ademanes sociaes, escolha de relações ou preferencias de habitos mundanos divergiam do *estou-me nas tintas* camponio que o vestuario e typo de Ferraz de Macedo acentuavam.

Em certas camadas portuguezas que se prézam de finas, e não sei se a si mesmas

dão titulo d'elevadas, uma das coisas que mais caricaturalmente trae a *meia tijella* d'origem, é essa especie de prepotencia cavalheiresca, d'altivez insultante com que *madamas* e *monsiús* usam d'em publico tratar os inferiores. Toda a pessôa intelligente ou bem nascida corre o dever de mostrar aos subalternos uma cordealidade e polidez que, sem ser familiaridade, todavia acentue esse espirito de democracia paterno que é conquista dos tempos, e estabelece laço afectivo entre os humanos. Entre nós o antagonismo social vem desde o berço, onde qualquer pequerrucho rico que ainda mal póde ter-se nas pernas, a primeira coisa que faz, chegando a um camarada indigente, é puchar-lhe os cabellos e meter-lhe os dedos pelos olhos.



FERRAZ DE MACEDO

Esta desegualdade, a escola em vez de a derruir, educa-a e precisa-a no sentido de fazer inimigos de creaturas que deviam ser os forjadores do mesmo ferro e os architetos da mesma torre de marfim. Já não sucede o mesmo alem na visinha Hespanha, cujas escólas primarias, seja do espirito christão, predominante, ou do caracter da raça, (em muitas provincias muito mais democratico do que o nosso) educam a puericia n'um sentimento d'egualdade admiravel, pois quantas vêzes tenho eu visto *en tierra de Campos*, Zamora, Salamanca, e nas provincias risonhas do Cantabrico, sahirem das aulas rapasitos descalços e rotinhos, cingindo de braço e hombro camaradas vestidos de velludo e panno fino!

* * *

Ferraz de Macedo que da sua villória minhota sahira, imberbe, a trabalhar em

terras brazilenhas, lá encontrou essa bonhomia portugueza d'aldêa, esse afectivo respeito da egualdade ante o trabalho, essa candura moral e essa inteireza que o portuguez não tem na sua terra, e desterrado d'ella se lhe acendram na alma como lampadas, pela necessidade de ser forte e resistir em commum ás represalias do meio hostil e estranho. Virtudes essas que levadas ao Brazil por timoratos e humildes emigrantes, nos primitivos tempos da colonia, ahi se aclimaram por guiza das consecutivas descendencias, já ricas e já cultas, contaram n'ellas o melhor dos seus componentes de caracter, mercê do qual uma população immensa vem conseguindo fundir-se sem maiores luctas de classe, n'um todo homogeneo de nação. Tornando á patria, doutor em medicina e homem d'estudos registrados e celebrados em revistas d'Europa, por nomes de criminalistas e antropologos, em vêz d'estofal-o a prosapia sabichona, a farófia conselheril dos que por cá ficam a passear da Avenida para o Gremio, manteve todavia na compostura e no tracto, mau grado a gravitação superior d'estudos feitos, o cunho de simplicidade plebea e chã que, sobre já lhe estar na stirpe humilde, mais se alcandorou no democratico paiz onde estudára.



CONVENTO — QUARTEL DA GRAÇA E VERTENTE DA MONTANHA, VISIVEL DO ADRO DO MONTE.



VISTA TIRADA DA JANELLA DO SOTAM DA CASA DE FERRAZ DE MACEDO

O que no Brazil era vislumbre d'uma virtude comum em povos simples, aqui, n'esta impertinente Lisboa tornou-se quasi uma rediculez provincial; e quando ao bom

Ferraz de Macedo sucedia, como a João de Deus, seguir á beira d'um homem do povo, com quem travara dialogo entretido, a trocatintice da terra ria-se d'elle e tratava de o apontar como um typo comico da rua, indiferente ao civismo candido do sabio que não conhece niveis sociaes. Algumas vezes eu o vi no adro da igrejóta do Monte, sobre cuja sachristia está edificada a casa onde viveu, e apar da qual muito tempo eu morei, com algumas estantes de livros e um gato maltez que lá ficou enterrado no jardim do n.º 19 — algumas vezes o vi no meio do adro, em cabello, ensinando a deitar papagaios aos garotos, e a jogar com elles, entretidissimo, toda a sorte de jogos infantis.

* * *

... Vae a fazer 14 ou 15 annos: actualmente o burgozinho da ermida mudou muito, e tambem a montanha historica de S. Gens, que n'esse tempo só do lado direito da calçada tinha predios, correndo pela esquerda um parapeito baixo que desde o muro da cerca da Graça, té ao alto da ermida, permittia abranger como d'um pulpito, a Baixa toda, e as casarias d'alem valle, sobre a Estrella e as encostas longinquas de Buenos Ayres, Ajuda e Boa Morte, e a facha despolida do rio, á Barra, e os m ntes seccos do Lazareto e Trafaria, por cima dos quaes, do adro, se vê soluçar nas noites pretas a luz intermitente do farol do Cabo Espichel.

A casa de Ferraz de Macedo era sobre a abobada da sacristia ou vestiaria da ermida do Monte, isolada das outras por um muro de jardim bastante alto, onde janellas verdes podriam em gonzos nunca corridos, contra o largo d'aldea que á pintoresca montanha serve de corôa, com seu obelisco mesquinho, seu parapeito d'assentos, e os quatro ulmeiros de troncos varicosos...

Para traz era uma quintaróla, a do *Monteiro,* cintada de muralha, acessivel pelo portal azulejado do cantinho ou cotovelo da Travessa do Monte, e posta de vinha já em parte perdida, e oliveiras a esmo, pondo na terra, como pelas outras quebradas do Castello e Graça (que no seculo XVI se chamavam «sitios d'Almofala ou Almafala») uma nota de Calvario e Jardim das Oliveiras, propicia á evocação de martyres e santos. Entre estas estancias soturnas e os borborinhos mundanaes dos vales da Baixa, um abysmo de tristeza medea, saturado pelas recordações plebeas e guerreiras de sete seculos. A mesma silhuêta do Castello diademando a montanha, do convento cercano, esburacado, dos clarins do quartel vibrando tóques d'alarme, e o golpe de vista das prumadas resêcas e em certos sitios vertiginosas, dos trez montes alcandorados sobre as pinhas de cazas da Mouraria e Alfama, tudo isto dramatisa o lance panoramico, e propende nos crepusculos d'outono á evocação de golgothas sinistros, com emboscadas de soldados e ladrões, á luz de fachos. No adro do Monte que, como disse, abrange o pico do outeiro e desafóga sobre a cidade e o estuario do rio, seus parapeitos, tejadilhos de folhas vem das arvores, e vága uma paz de presbyterio, onde ao cahir da noite alguma alma anhelante vem comulgar seus devaneios.

A casa de Ferraz de Macedo, apendiculada á ermida, seria primitivamente moráda do capellão ou guarda do santuario. Sobre a porta da sachristia uma janella de varanda, com persianas miudinhas; logo na fachada lateral, para o jardim, nova janella de balcão com trez ou quatro outras de peitos, aplicado tudo de persianas hermeticas, dando ao cacifro um ar entre estudioso e romanesco. Entrava-se por uma portinha de jardim *côr de muralha,* derodeava-se por um caminhito curvo, uma sébe discreta de pitospóros, ao fim da qual uma especie d'escadóz guiava ao primeiro andar da residencia. E ahi, pequenos quartos, portitas baixas, papeis destinjidos, tectos vergando á lassidão ventral das taboas carunchentas, soalhos mólles, bichosos e gritantes, uma melancholia fosca de cazebre centenario, onde faz ampola o silencio e divaga como que um espirito malefico e antigo de defuntos. Tudo n'esta bicóca de sabio era sumario e pobresinho: o sofá de juta com signaes oleosos das cabeças, o espelho de botequim, cuja moldura dourada tinha uma gaze rosa contra as moscas, o tapete de leão, todo safado, as etagéres com cães de loiça e um licoreiro saloio de vidro furta-côres.

No primeiro andar a peça maior servia de quarto d'estudo e alcova de dormir: por cima da casa os tectos d'esconso, a quatro

aguas, abrigavam uma mansarda de janellinhas de zinco, d'onde se atalayava um panorama tão extenso, que com um oculo verieis, longe, sobre a mancha alvaçã do mar do Tejo, a ponte de Santarem para Almeirim. para deitar o gasnhol pela janella, ao açambarque da *vista* prodigiosa, que resplandecia ao sol, n'um paraiso d'aguas, arvores e montanhas, em tão diversos planos e transfiguradas perspectivas, que se diria o amphitheatro para offerecer os thesouros diabolicos da terra



EGREJA DE NOSSA SENHORA DO MONTE NO PICO DA MONTANHA S. GENS

OBELISCO NO ADRO



* * *

Ferraz de Macedo algumas vezes levava-me a esse esconso da mansarda, empilhada até ao tecto de sacos de serapilheira, numerados e catalogados com ordem, como n'um celleiro o grão que espera embarque: e subiamos a um banquinho



LARGO MIRANTE SERVINDO DE ADRO A NOSSA SENHORA DO MONTE

a algum alucinado eremita dos tempos da conquista de Lisboa...

Cada saco continha até vinte craneos humanos, que o persistente antropologo estudara e medira, registrando escrupulosamente nos livros as dimensões exactas, configurações, anomalias, angulos, espessamentos, cristas, apofyses, todas as differenciações subtis que ao olho scientifico revelam o psychismo mysterioso do carnivoro d'astucia e sedução que em nós dormita, á espreita do instante d'agir fóra das determinantes leaes da vida physiologica.

N'aquella cafurna de bruxo me referia elle, pela centesima vêz, todas as duras canceiras para haver de coveiros soturnos e administradores de cemiterio desconfiados, tantos inapreciaveis thesouros, *como não haveria talvez eguaes pela Peninsula* — algo como quatro a cinco mil craneos estudados por sexos, profissões, edades e districtos — branqueados e desinfectados a poder de fervuras e loções medicinaes, e antes trazidos das cóvas ás costas de gallegos, que á entrada das portas os fiscaes catrafilavam, pallidos d'espanto e remetendo á policia *o assassino e mal-os cumplices*.

Aquellas quatro a cinco mil cabouqueiras, pomos chôchos da morte, objecto d'estudos e perscrutas assim arduas, lhe haviam comido para mais de dois contos de reis d'exhumações e resécções, sobre somarem approximadamente entre 9 a 10 annos de trabalho. O que o sr. Manouvrier e o sr. Wirchoff lhe haviam dito quanto á paciencia, á pericia e honestidade pulchra d'aquelle archivo fertil em sugestões, e imorredoiramente votado á gloria do benedictino humilde que o traçára!!...

Já os olhos do pobre homem se molhavam, enternecidos do favor da sciencia europea aos seus trabalhos, embora no veredicto magro e parcimoniosa uzura do elogio, sentissem todos, excepto elle, a orgulhosa distancia, a ponta de desdem vibrada d'alto pelos superhomens da sciencia, contra esse ferro-velho d'ossos colecionando factos banaes de paciencia para os Vulcanos forjarem depois syntheses eternas e scientificas leis de gladio refulgente.

A maior sala da casa era d'esquina, sobre a quintaróla e o horizonte de mar que ao largo se abre. Era, como disse, quarto de cama e quarto de trabalho, e nas duas faces janellas de persianas meúdas faziam como um *ajouré* de gaiola, onde até tarde eu via brilhar uma luz estudiosa. Aqui o desapêgo ao confort, a nudez caserneira das paredes, a claudicante miseria da mobilia e do soalho, tudo dizia a abstracção sonhante do homem solitario cujo espirito se analgisa para as seduções corticaes da vida externa, votado todo ao destrinço da meada psychica que o trabalha.

Havia ao canto um leito com xergões e travesseiros cobertos por uma manta vermelha das mais pobres, estantes com livros, papeládas em mólhos por cima das cadeiras e das málas; e logo n'uma banca de jantar sem panno, um candieiro de baiuca, de luz verde, objectos d'escriptório, e alguns calháus rolados prendendo cartas e papeis de frequente consulta...

Dia e noite estavam os vidros das janellas abertos, cerradas as persianas, o que permittia arejar continuamente a peça, e alargar o carcere de trez prisioneiros gentis que, aparte uma creada velha, eram os unicos amigos intimos do sabio.

Prisioneiros gentis!—trez rouxinoes, creados por Ferraz de Macedo, de pequenos, e que havia dois annos sahiam das gaiolas de canna pendentes do tecto, voando por todo o quarto em liberdade.

O rouxinol mais velho era rheumatico: tinha um paxe d'opodeldoc no tornozelo, a primeira vez que o vi—e não foi esta uma das minhas menores surprezas de poeta, ante o contraste entre as sublimidades do genio, e os seus achaques comicos d'estafermo!

Ferraz de Macedo tivera a pachorra de escolher do ninho os trez cantores, defendel-os dos parasitas e doenças d'infancia, provendo-lhes a subsistencia com mil disvelos d'ama e d'enfermeira.

As aves tinham acabado por se familiarisar, comendo á mão; por brincadeira, ás vezes, parando de comer, entravam de lhe picar os dedos e as orelhas, pousando-lhe nos hombros quando elle estava trabalhando, e por instinct de nidificação vindo na primavera, logo de manhã, puxar-lhe as brancas da barba, suppondo-as palha ou tamugas vegetaes com que forrar de fôfo a camilha da gaiola.

Desde os primeiros dias bonitos de Março, quando todas as aves da Europa fazem

nupcia, os rouxinoes de Ferraz de Macedo eram a opera do bairro, n'aquellas explendentes manhãs das flores novas em que sobre a cidade pairam tules rozeos, lentos e obliquos, que a viração do mar funde em orvalhos — n'aquellas noites bebedas de lua, em que, vista do adro, a cazaria imerge á beira golfo, como d'um banho azul fosforecente.



ESCADAS DA VERTENTE NORTE DO BAIRRO NOVO DO MONTE, OCCUPADA SÓ DE OLIVAL, QUINTAES E TERRAS AO TEMPO EM QUE F. D'ALMEIDA ALI VIVEU.



ENTRADA DA QUINTA DO MONTEIRO NA TRAVESSA DO MONTE



ENTRADA E PATEO DA QUINTA DO MONTEIRO

Agora lembro as madrugadas de Maio e Abril d'esses bons tempos: janellas abertas, fatigada a vista de garatujar e riscar verbetes brancos, quanta vez me ficava a ouvir o cantico divino que os rouxinoes soltavam sobre o outeiro, da sua gaiola posta á viração!

Esse canto me fazia sahir em mangas de camisa e penna atraz da orelha, té ao largo deserto da ermida onde muita vêz ainda Ferraz de Macedo, sósinho, fumava cigarros, em chinéios e gorra de velludo, sentado no parapeito e contemplando lá baixo a Babylonia em coma e farta de gozar.

Que avassaladora vóz de tenor o rouxinol mais velho tinha!

Era uma ave orgulhosa, de cachaço mui grosso e pluma farta, com o bico afiado e vibrante narina, cujos terriveis olhos, de Victor Hugo bandoleiro, faiscavam como lampadas electricas no canto.

A inspiração da ave era pathetica, e mercê d'ella ganhava-nos uma abstração de monges centenarios, um torpor de nirvana que permitia ao espirito *odisar-se,* andar volante, sem corpo; e assim parecia o adro, sob a grizalha d'alva, e deserto, como um pairante berço d'aerostato, a que fluidisadas chegassem as belezas da vida, sem as contundentes lastimas e os prantos!

Em baixo, ao redor de nós, até ás mais dilatadas fimbrias do horisonte, Lisbôa tinha um arquejo de monstro agitado por maus sonhos, imensa, ladeirenta, grandiosa, enigmatica, cheia de hypocrisias e de lepras, com precipicios, com cerros, fossos de ruas, pelourinhos de campanarios, bastilhas de conventos — e toda enodoada de tectos, muralhas, quinas e cafurnas... A luz do gaz a pontuava de nebulosas; d'entre lágos de sombra, pedaços de muro, illuminados de baixo, reverberavam como escudos; e a gritaria dos galos era tragica, chegando áquella altura do outeiro n'uma exaltação de controversia. Vinha de todos os pontos da terra, desde o Poço do Bispo até Cascaes, ondeava, formava centros, atalayas, sentinelas, — e furiosa, irrespeitosa, contava a vida intima dos predios, avisava dos estupros e dos roubos, barafustando, insultando, lançando um estridor de peleja em toda a parte. E entanto, do oriente, o ceu turbado esmaecia com um livor de roza sêcca; lentos vapores do rio passavam sobre os montes, como essas gazes de theatro na transição d'um quadro para outro — e a luz subia batendo os olhos com uma pancada d'aza, como se no dealbar do dia invisiveis serafins saltassem a corda, com echarpas d'azul n'um fundo gris.

Esse acordar de cidade entre as nevoas do rio, sob um ceu de veinulações de madreperola! que desmezurada choral d'esperanças e resválos, que sinistros fócos de miseria, que ninhos d'infamia deliciosamente armados nos galhos dos palacios, que fermentações dramaticas nos cerebros, que lodaçaes d'amor nos corações! Os idylios, os crimes — vicios que a plethora d'oiro traz comsigo, vicios que a falencia de pão logo acarreta, as juventudes por um lado que se exhaurem, as velhices decrepitas que querem rejuvenescer com excitantes — creanças precóces, pallidas d'estupro, Margaridas inquietas cantando a aria das joias frente ao espelho lethal de Mefistofeles, decrepitos ladrões feitos pontifices, cynicos tabeticos mysticisados d'amor por credos gastos — a belleza traficada na arte e na justiça, a familia uma instituição prostibular onde a mulher prevarica nos paraizos d'amor a horas certas — logo as grandes palavras no tympano dos porticos, as grandes leis sapientes na lettra morta dos codigos, todos os aspectos fulgentes da civilisação espetada no tridente da sciencia, da fraternidade e da justiça, que agitam demagogos gafados por todas as sifilis da besta irreductivel...

Na hora atonita, aquella grande cidade perdida em incertezas de crepusculo, como centuplicava d'ambito e enchia o mapa de suggestões babylonicas de crimes e d'orgias. A voz dos gallos lhe pregoava a sentença final aos ventos d'alva, sacudindo a morrinha dos leitos, e provocando nos bairros immundos já os primeiros exodos d'operarios. Esses exodos formigavam nas trevas, mysteriosos como na obra dos continentes o trabalho dos polypos: as carroças da hortaliça e do lixo que pelos vales da Baixa rebentavam em fracassos de rodas e ferragens, como lhe formavam os carros de bagagens. De cima, do adro, nós adivinhávamos o espectaculo, mercê da imaginação hyperstesiada pelo isolamento e pela altura, em pleno fracasso infernal de Lisboa extenuada, bocejando, alongando os braços, para mais um dia de miseria.

BAIRRO NOVO DO MONTE



* * *

Acontecia que ás noites, cançado de trabalhar, lhe ia bater á porta do tugurio, ou fosse elle quem, por sua vez, viesse olhar os livros modernos da minha estante, sempre renovada.

As nossas casas sitando perto (apenas dois ou trez pequenos predios medeavam) facil nos era estar em camaraderia continua de visitas.

Eu contrahira d'estudante o habito de dormir pouco de noite. Por seu lado Ferraz de Macedo, tendo vivido no Brazil bastantes annos, afizera-se a velar durante as horas frescas, sabendo como o calor esbodéga e deprime os





JARDIM DA CASA

CASA ONDE VIVEU FERRAZ DE MACEDO, APENSA Á EGREJA DO MONTE

que trabalham pelo cerebro. Esta calaceirice de visinhos me permitia vêr de perto a vida intima do sabio, que era uma creança lastimosamente armada para a vida, cheia de melindres pueris, facilmente murchados, e d'enthusiasmos que muito rapido qualquer opinião falaz remetia ao estado indiferente.

Chegava a parecer incrivel que um homem tão amplamente gastado nos trabalhos da vida, em profissão que lhe haveria permittido conhecer por milhares as variantes de condição, feitio e genio da corja humana, tivesse podido salvar d'essa prolongada lexivia, uma alma tão simples, tão credula e puerilmente campezina respeito a juizos e noções da livre pratica social, de homem para homem. Ferraz de Macedo era no condizente ao pudor da honestidade alheia, á confiança credula no seu semelhante, d'uma imponderabilidade, d'uma delicadeza, d'uma lizura que facil lhe acarretariam desilusões e amargos dissabores, acaso privando em certos meios da classe dirigente, particularmente os rufiões desabusados que enxameam nas lettras e na imprensa. A sua candura moral enchia-me ás vezes de riso, pela sua absoluta inaptidão para a suspeita, que o levava a tudo julgar pelas hypocrisias facticias e compostura dulcerosa de mascara em que geralmente se especialisam os malandrins e os intrujões.

As cartas que elle ás vezes me mostrava, de conhecidos escriptores e nunca assaz chorados jornalistas, implorando o seu auxilio financeiro! Que explicações, que frases, que elogios! e por baixo de tudo que nomes de prezidio imarcessivelmente votados á gloria de fazer luz nos cerebros humanos!...



SALA DE TRABALHO E QUARTO DE CAMA DE FERRAZ DE MACEDO

A par d'esta tibieza ingenita de nervos, a sua sensibilidade esquisita e sem o parecer femenina, susceptivel, privada quazi todo o tempo dos carinhos e achegos da familia, revertia a uma especie de culto entre religioso e pagão da natureza, a um pantheïsmo poetico, confuso, trahido em repentes de conversa, em fetichismos por animaes, plantas e flores, em enthusiasmos calidos por paysagens, e que certo lhe ha-



— PANORAMA CIRCULAR DE LISBOA TIRADO DO ADRO DO MONTE, DESDE A GRAÇA ATÉ Á PENHA

veria acendrado a inspiração para obras d'arte, caso Ferraz de Macedo tivesse nascido homem de lettras.

Elle era o patrono encartado de quantos gatos e cães topava no caminho de casa para a Baixa, e a que solicitamente ia dando os bons dias ou boas tardes. No Largo da Senhora do Monte ajuntavam-se a certas horas os bichanos bohemios do sitio, á cóca dos bons bocados que elle, depois d'almoçar ou jantar, lhe ia lançando da janella, n'uma parlenda d'apêlo destinada (explicava) a reconstituir no espirito desconfiado dos gatos alguma opinião cordial respeito ao homem, tido e havido em geral como hostilisador perverso das especies animaes que lhe são uteis.

— Oh bicho, adeus, velho, já me não vens ver ha quatro dias... E tu, pardinho, andas d'amores pelo Largo das Olarias... Escusas de negar. Eu de manhã bem te vi com a gata amarella da taberna... Grande velhaco! Vê se os garotos te caçam, que assim é que um papái e uma mãe perdem filhos estroinas que não recatam a honra das donzellas. — Cahiam restos d'omelete, carne cozida, ou eram tarraçadas de sopa que a creada vinha trazer á porta, em malgas velhas.

— Agora tu, bicho do matto, dizia elle atirando carapaus a um gatarrão maltez que lá de longe o fitava de soslaio, com pupillas astutas, parecendo não ter pressa em se achegar. A' voz amiga, de todos os pontos do Largo onde já estavam á espera, quantidade de bicharocos corria a disputar com sapatadas e assopros os bocados melhores da refeição. Saltavam das amuras do adro, dos escaninhos das portas, de cima das arvores mesmo, onde de barriga ao sol, fingindo-se dormidos, tinham um olho nos pardaes, e outro na janella do bodo, por onde o rancheiro Ferraz soïa vir.

Por vezes o pic-nic não podia prolongar decorativamente os seus *agapes* pictoricos, pois os garotos varriam-no, frechando com elasticos, de longe, os focinhos e orelhas dos convivas, que davam saltos doridos, fugindo os mais velozes com pedaços na boca, e quasi todos deixando no bivac as tarraçadas de sopa e os apetitosos carapaus dos pratos extra.

Ferraz de Macedo, da janella de peitos não podia vêr os arbaleteiros barbaros acolhidos aos troncos das arvores e quinas dos predios, e por isso, na sua encerebração complicada de sabio, referia sempre os pulos e a debandada dos bichos a algum fenomeno sismico terrivel, presentido pelos animaes antes do homem, e que o fazia andar noites e noites de naris no ar e ouvido á escuta. Subitamente, um dia, quando graças aos seus persistentes cuidados filantropicos já a mór parte dos gatos vadios da visinhança, andava nédia, eis que os melhores começam a não vir ás praticas do largo.

Agora um, outro mais tarde, assim mingúa o rancho e se faz raro, a ponto de começar a inquietar-se o bom filosofo, que resolve informar-se metendo nas indagações o guarda nocturno.

Passaram tempos, cada vêz mais as fileiras de gatos clareavam — que será? que não será? — quando uma noite Ferraz de Macedo entra-me em casa, exhausto, de braços em semaforico e fisionomia espavorida, a revelar a descoberta tragica que fizera.

Um latoeiro da Calçada do Monte, que elle cobrira de liberalidades, e a quem abrira



II — PANORAMA CIRCULAR DE LISBOA, TIRADO DO ADRO DO MONTE, DESDE A GRAÇA ATÉ Á PENHA

a alma d'amigo, quando lhe apanhava os gatos gordos, havia um mês ia-se a elles, e era um deróche de fricassés que até o porprio guarda nocturno umas vêzes por outras lá ia sopetear, pagando o vinho.

* * *

O que arrancou de pintasilgos e pardaes das mãos hereticas do rapazio da Graça e Monte, bairros da Penha e Bruges, Cruz dos Quatro Caminhos e adjacencias de terras caçadias!... Positivamente a ideia d'um animal maltratado ou morrendo no captiveiro, de nostalgia, dava-lhe uma energia de sentimento que coisas da vida, graves, não conseguiam acordar jámais n'essa alma morosa de brazileiro alquebrado do clima tropical.

A dôr universal, a dôr anonyma dos infinitamente humildes da vida, desarmados para a perseguição dos fortes, e expostos, sem queixa nem defesa, á brutalidade das forças cegas, bretoejava-lhe uma angustia lyrica á flôr dos nervos, punha-lhe o cora-



CASA ONDE VIVEU FIALHO D'ALMEIDA, NA CALÇADA DO MONTE

Tem hoje o n.º 19. Era no 1.º andar, do lado direito. No rez do chão da casita de platibanda que se vê em baixo, viveu muito tempo Gomes Leal



III — PANORAMA CIRCULAR DE LISBOA, TIRADO DO ADRO DO MONTE, DESDE A GRAÇA ATÉ Á PENHA

ção palpitante nos labios, subitamente secos de colera justiceira.

No trajecto para casa achava sempre algum pilho que parecendo brincar distrahido com algum pobre passaro caçado nas oliveiras e terras livres dos arredores, todavia pelo canto do olho lhe espiava os movimentos, metendo bem a victima á cara do filantropo, na mira do pataquinho sorna que era o prêço obrigado do resgate. Chegava a patifaria a lhe levarem pardaes co'as azas côrtas, e que uma vez libertos, facil outra vez se deixavam cahir nas alçapremas dos déstros caçadores, que lh'os vendiam seis vezes, sem que a sua credulidade jamais se apercebesse.

D'inverno, as janeliculas respiros que davam luz ao desvão dos forros do predio, ficavam abertas, para que os passaros do sitio podessem passar a noite em confortavel; mas davam os gatos com elles, e pela manhã estavam os sacos de craneos cobertos de pennas e restos de patas, mau grado as objurgatorias do S. Francisco aos manos tigres, a que poupassem os manos passaros, em preito á lei da fraternidade e do amôr universaes.

Havia no jardinzête da casa um cão domestico, já mui caduco, e a mais cego, que uma noite morreu d'apoplexia, ou quer que fosse. Foi um desgosto terrivel; Ferraz de Macedo não cessava de carpir a recordação do seu velho amigo e companheiro, cujo cadaver fui achar estendido sobre uma mêsa do piso baixo, e duas velas alumiando em castiçaes, como se o pobre cão, pelo facto da morte, tivesse sido elevado á categoria de parente.

Com os carroceiros era outra engalfinhação quotidiana. Ferraz de Macedo pelo facto do seu diploma da Sociedade Protectora dos animaes, entendia fiscalisar com rigorosa disciplina não só as cargas das carroças, como tambem o systhema de trato imposto aos quadrupedes pacificos que as tiravam. Já de longe, do alto d'alguma calçada ingreme por onde vinha subindo uma alimaria, em zig-zags para aguentar o pezo do carro, sem resvalar com elle ao precipicio: já de longe Ferraz de Macedo parava a examinar de sobrolho carregado, os esforços da besta, calvario arriba, e a comparar se era em porporção das suas forças o volume da carga que trazia. Se do exame provinha coisa d'onde por deshumano podesse increpar-se o carroceiro, se fervia o azorrague, ou o animal resfolegava embarrancado sem poder sacar o vehiculo das sobrerodas do caminho, Ferraz de Macedo com a voz forte, o sobrecenho decidido, um tremor d'impaciencia nos dedos — elle que nas situações communs era um sentimental conciliante e timorato — ia direito ao homem, e em tom de predica espirrava uma fala sobre os deveres do primate em comandita com os bichos: uma fala pathetica, empenachada das verdades de chafariz que a Protectora faz escrever nos bebedoiros, á guiza d'evangelhos.

Logo um povileu meúdo coalhava a ouvir o sotáque americano do orador, que gesticulava com enfase, luzindo no mendinho esquerdo um brilhante estridente, um pedregulho precioso, talhado em roza, e que apezar da sua agua amarella, todavia synthetisava para os boca-abertas da rua, a fortuna inutil d'alguns contos.

Na encerebração da plebe, o efeito d'estas predicas moraes era diverso, supondo uns que elle pretendesse no fim vender-lhes drogas, entreolhando-se estes a buscar no au-



IV — PANORAMA CIRCULAR DE LISBOA, TIRADO DO ADRO DO MONTE, DESDE A GRAÇA ATÉ Á PENHA

ditorio burlão correspondencia de pupillas por onde lhe estivessem gozando a madureza; e só finalmente um pequeno nucleo, captivo d'aquella bondade inocente e lyrica de santo, sentiria por elle uma sympathia muda e palida, que apenas um ou outro mais digno teria o desassombro d'afixar... Se por um lado a conversão dos homens á causa dos animaes era morosa, negativa por vezes, por outro a ingratidão das bestas perante a eloquencia humanitaria de apostolo, tocava as raias d'uma escandalosa inconsciencia.

Uma vez um cavallo, cuja causa Ferraz de Macedo estivera a defender com argumentos profundos, apanhando-o descuidado, arrombou-lhe as canellas com um coice. Mas a melhor foi a d'um carroceiro chamado Móca.

Habitualmente os carroceiros que Ferraz reprehendia, aziumados das predicas bombasticas, e bem ou mal coagidos a morigerar o trato dos rocins, desencadeavam contra elle embirras surdas, retrucando aos apelos humanitarios com chufas, ou prerompendo em injurias que davam de si «casos de rua». A policia chamada, raro attendia razões filosofaes, e fazendo o jogo do carroceiro, concitava rudemente Ferraz a se não meter em serviços para que ninguem lhe dera carta ou investidura.



FERRAZ DE MACEDO APRESENTANDO UMA MICROCEPHALA

Em balde o bom do sabio, escamado, sacava o cartão de socio *Protector*, d'est'arte justificando a sua intervenção no martyrologio dos brutos; a policia mandava-o seguir, e havia sempre no adjunto trocatintas para dar razão ao agente, lisongeando-lhe a bestealidade alvar por cobardia.

Não tanto assim o Móca, homem rapaz de corpanzil cyclopico, e seu doairo de rosto entre cynico e mangão, mui para vêr. Pela untuosidade dos modos e perpetuo bom humor da força fisica, o Móca era um typo gostado nos bairros populares, e galego que elle chufasse, varina a quem dirigisse vaias d'amor, bocagianas, não haviam mais que apreciar de rizo o engenho ironico do mariola, que por isso e por ser afinal um homem manso e de bom porte, tinha sempre o favor de gregos e troianos.

Descia eu com Ferraz de Macedo a Calçada da Graça, e logo ao virar do Arco vimos em baixo, quasi á raiz da Amendoeira, a carroça do Móca, cujo esqualido macho bufava, raspando e fazendo *SS*, sem poder levantar a carga de tijolo ou telha que trazia. Chicotadas, pragas, travão,



V — PANORAMA CIRCULAR DE LISBOA, TIRADO DO ADRO DO MONTE, DESDE A GRAÇA ATÉ Á PENHA

descanços, festas, tudo era em balde para o bicho arrancar da rampa onde estacára; e começavam os moços de padeiro a arrear os cestos, as mulherótas a vir em saia de baeta, a fazerem circulo os garotos, quando de repente Ferraz, face ao episodio, sentiu latir os nervos pietistas; e indo ao gigante começou a predica habitual sobre a bondade devida aos que mourejam, de mais a mais sem voz para se queixar.

— Porquanto, você deve saber, hen? dizia Ferraz, *que o homem é o rei dos animaes*...

Concluia o Móca de barrete tirado e olhos contrictos:

— . . . *e não deve ser o seu tyrano*. Ora a quem V. Ex.ª o diz!

— E mais isto e mais aquilo, continuava Ferraz: Porque V. deve saber, hen? *que fazer mal aos animaes*. . .

O Móca sempre no mesmo tom de ladainha:

— Com'a certeza! *de mau caracter*.

De roda começavam a fungar gorjas de riso, e o Móca sempre com a voz reverente e o gesto placido: — Se todos que batem labita pensassem como V. Ex.ª, já não haveria tanta aflição nos carroceiros. Saiba V. Ex.ª que eu se batia no macho não era pela pressa d'elle me tirar a carroça, mas para vêr se chegavamos a casa mais cedo, para eu lhe encher a pansa de cevada. Não é verdade, Caroxo? *(sacudia o animal pelas orelhas)*. Veja V. Ex.ª Até a besta diz que sim. . .

— Coitado! dizia Ferraz de Macedo enternecido. E ao meu ouvido: — Veja V. que afinal o povo não é mau. O que elle precisa é que o eduquem. Se o educasem, veria!

— Como ainda não ganhei hoje uma de X, tornava o carroceiro, e V. Ex.ª mostra tão felizes disposições para ajudar animaes, não estranhará que pela sua bôa sorte lhe peça duas corôas, que é para celebrarmos a fortuna, eu e o Caroxo, de termos visto logo pela manhã N. S. Jesus Christo em corpo e alma.

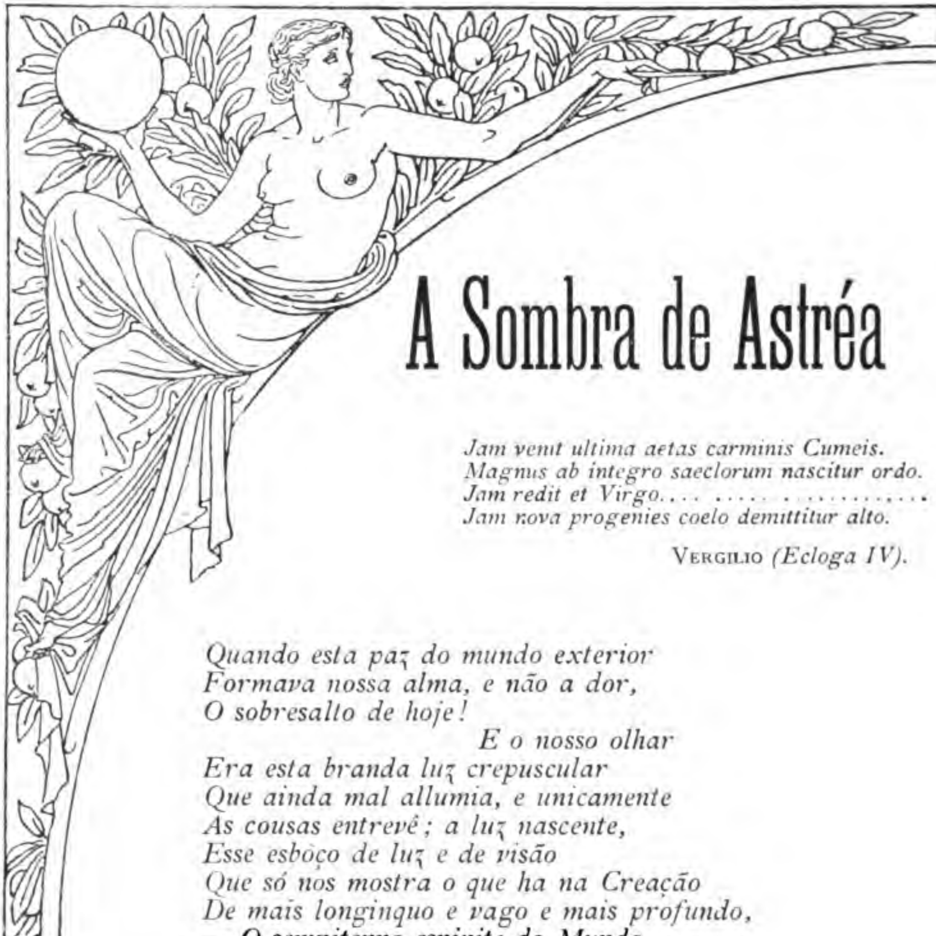
E com o barrete estendido ia explicando: — Cinco para a ração dobrada do Caroxo... *(aqui sobraçava o pescoço da besta e pregava-lhe uma beijóca no focinho:* Não é verdade, mano macho? Veja V. Ex.ª, eu tanto lhe quero que até o trato por mano. Ai! não ha como o Móca para estes sentimentos de familia). — E os outros cinco cá para o carroceiro beber meio do Alto Douro á saude da *Sociedade dos animaes*, que põe os machos no ceu, que é onde eu, quando estou com as minhas ternuras, ponho as femeas...

Todo o *meeting* de plebe enrodilhado de roda de nós ria a perder, Ferraz de Macedo primeiro que nenhum outro hilariado da inventiva feliz do humoristico gigante cuja cara vivaz prodigiosamente mimára o soliloquio. Já se deixa vêr que esportulámos no barrete do Móca, as corôas pedidas, apanhando o Caroxo novos abraços e novos beijos, entre novas aclamações e novos risos, té que á socapa fomos deixando a matula, um pouco ridiculos de ter sido o alvo comico da algarada. Quando chegavamos ás Olarias, passos correndo, e atraz de nós varias pessoas, com o Móca na frente, que sempre de barrete na mão vinha a Ferraz.

— Ha uma coisa que lá o Caroxo em casa póde perguntar, e eu gostava em rigor de responder. E pondo no sabio pupilas candidas: — E' se V. Ex.ª pelo calor com que defende os machos, será filho d'alguma burra.

Fialho d'Almeida.

Clichés de J. A. Barcia.



A Sombra de Astréa

Jam venit ultima aetas carminis Cumeis.
Magnus ab integro saeclorum nascitur ordo.
Jam redit et Virgo.... ....
Jam nova progenies coelo demittitur alto.

VERGILIO *(Ecloga IV).*

Quando esta paz do mundo exterior
Formava nossa alma, e não a dor,
O sobresalto de hoje!
E o nosso olhar
Era esta branda luz crepuscular
Que ainda mal allumia, e unicamente
As cousas entrevê; a luz nascente,
Esse esbôço de luz e de visão
Que só nos mostra o que ha na Creação
De mais longinquo e vago e mais profundo,
— O sempiterno espirito do Mundo.

Quando era nossa alma etherea bruma,
E nossa carne flocos de alva espuma,
E os ossos pedra bruta, e nossa vida
Agoa sempre gelada e derretida
Pelo fogo do Amor que tudo abraza...

Quando eramos saudade, e nevoa, e aza,
E perfume de flor, e melodia...
E ao pé do tigre a pomba adormecia;
E o rochedo era terno, e o doido vento
Era meditação e esquecimento...
E o mar baixinho e verde e transparente,
Como as agoas das fontes, innocente...
E era luz de alegria a luz da Lua;
E a Mulher, como a terra, andava nua,
Fecunda, alegre e bella, sem peccado,
Nos braços amparando o filho amado,
— Creança secular que só Jesus,
Crucificado e preso á negra cruz,
Para nossa alegria e desventura,
Fez sensivel e viva creatura.

Quando eramos a paz que ainda hoje existe
Na paizagem que sonha ao luar triste;
E que, de longe a longe, embrandecida
Pela distancia roxa e dolorida,
Ainda nos beija o inquieto coração
Que sonha a terra ideal da Promissão;
— Que, recordando a vida antiga, quer
Outra vida melhor para viver...

N'esse tempo de sonho e de belleza,
Era só alegria a Natureza!...

E nossa alma, sonhando, bate as azas;
E anda por Lá; e vôa sobre as casas,
E as arvores mais altas; sobre as nevoas.
E vôa, e sobe, e sobe, ai! quantas leguas...
Passa os astros remotos, e tambem
Anciosa, vôa pelo Tempo além!
E chega á Edade de Oiro, o Tempo Santo,
O sonho de Vergilio e o meu encanto.

E fica deslumbrada; e vôa, e foge!
E compara esse tempo ao tempo de hoje;
— Esse tempo de paz e claridade;
Perpetuo abril, perpetua mocidade!
A terra sempre fertil, sempre em flôr,
Sem o esforço do negro cavador!
Trigo nos campos e uvas pelas vinhas;
E nos outeiros meigas ovelhinhas,
Sem medo algum aos lobos carniceiros
Que eram mansos, então, como cordeiros...
Viviam pelos montes, sem matar,
Alegres e felizes... E no mar
Não havia navios, nem naufragios;
Nem havia, no céo, tristes presagios;
Nem peste, guerra e fome, n'este mundo,
Onde os homens se amavam com profundo
E santo amor de irmãos; e eram pastores
Sonhando pelos valles, entre as flôres,
Tangendo a frauta amena, á sombra pura
D'um ôlmo, ao pé de fonte que murmura,
Onde cantavam Nymphas que sómente,
Mal se viam, na nevoa, ao sol-nascente...

*E nos longes, ás vezes, perpassavam
Divindades que o mundo allumiavam...
E subitos luares se accendiam
De Deusas amorosas, que fugiam
Para uma Ilha distante, situada
Entre as ondas, de nuvens aureolada...*

*E os Faunos a cantar, libidinosos,
Olhos a arder, cravam nos formosos
Flancos de alguma Nympha distrahida,
Entre os lyrios sonhando adormecida...
E ao pé, um manso rio prateado,
Em seu leito de areia, ao sol deitado,
Confiava as grandes barbas de alva espuma,
Na volupia somnambula da bruma...
E Pan, entre o arvoredo, noite e dia,
Era um canto de amor e de alegria,
As proprias brutas pedras comovendo,
Que em boa terra se iam convertendo...
E a terra, por sua vez, desabrochava
Em flôr... E Astréa, placida, reinava...*

*E nossa alma ficou triste e saudosa,
Comparando essa Edade Venturosa
Com esta edade tragica e funerea
De sobresalto, e dor, e de miseria!
Em que os homens se odeiam, como féras!
E são lavas sangrentas de cratéras
As invejas, os odios e as paixões!..*
....

*E em que os lobos devoram cordeirinhos;
E os milhafres os meigos passarinhos!...
E ha naufragios e fome e guerra e peste!
E em que a terra madrasta, dura e agreste,
Só dá frouxas seáras, tristes flôres,
A' custa de trabalhos e de dôres!*

*E nossa alma ficou triste e sombria
Deante d'esta tragica agonia...
E não perde da ideia aquella Edade
De paz, amor e vida e claridade!
E por isso, deseja, e sonha, e quer
Outra vida melhor para viver!*

TEIXEIRA DE PASCOAES.

A Architectura da Renascença em Portugal

Por ALBRECHT HAUPT

Parte II — O PAIZ

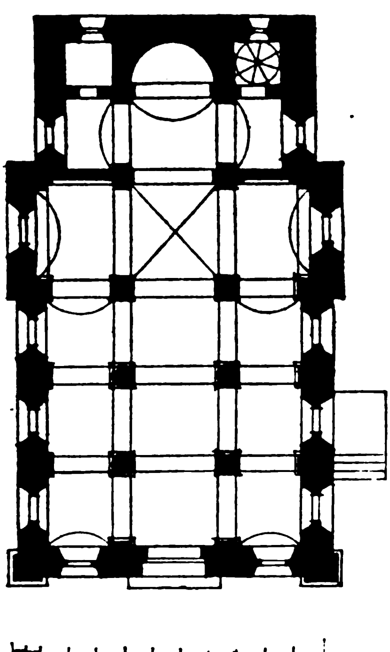
IV

THOMAR

Ao claustro do cemiterio nas trazeiras da egreja adhere ainda uma quadra magnifica da mesma era, a sacristia. Nos lados mais estreitos abrem-se as janellas, adornadas de couraças e quatro hermétas; nos mais largos dois possantes arcos, como alargamento, aguentados por finas pilastras. O lanço principal do recinto ostenta uma abobada de berço e caixotões. O conjunto da architectura, de pedra de côr clara, realçada de oiro por toda a parte. Por cima da entrada principal, um portico formoso a par de singélo, sobre columnas doricas acantonadas, da éra de 1620, e como tal, coevo de Felippe III. A architectura é nimiamente portugueza, pertencente ao cyclo dos Alvares, que a essa data funccionavam em Coimbra.

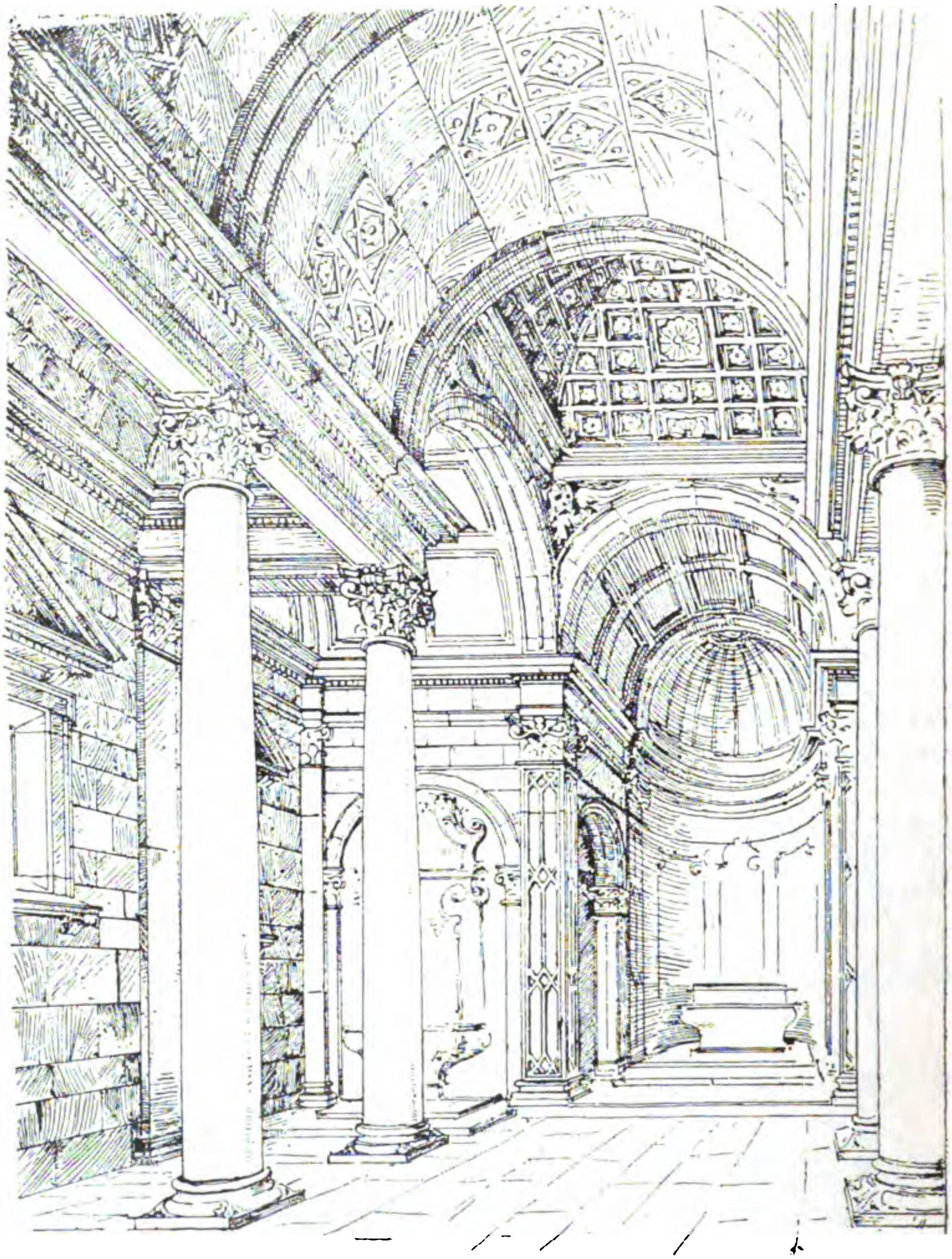


THOMAR — SANTA MARIA DA CONCEIÇÃO



PLANTA DE SANTA MARIA DA CONCEIÇÃO

Obra monumental é, sem contestação, o ingente acqueducto, levando agua a distancia de cinco kilometros, galgando, por duas vezes, sobre soberbos arcos, uns valles, fundos. Vem por fim cingir-se directamente aos muros do mosteiro, decorando-o com as suas profundas arcadas, nas quaes se inscrevem as janellas das cellas. Coroam os pilares



INTERIOR DE SANTA MARIA DA CONCEIÇÃO

uns corucheus e pyramides rematadas com a cruz de Christo.

Esta magnifica obra de cantaria, uma das mais perfeitas em todo o paiz, foi, segundo reza a inscripção, principiada em 1595 por Felippe II de Castella e concluida em 1613 por Felippe III.

O mosteiro, em 1834, como aliás quasi tudo do mesmo genero em Portugal, foi votado sistematicamente ao

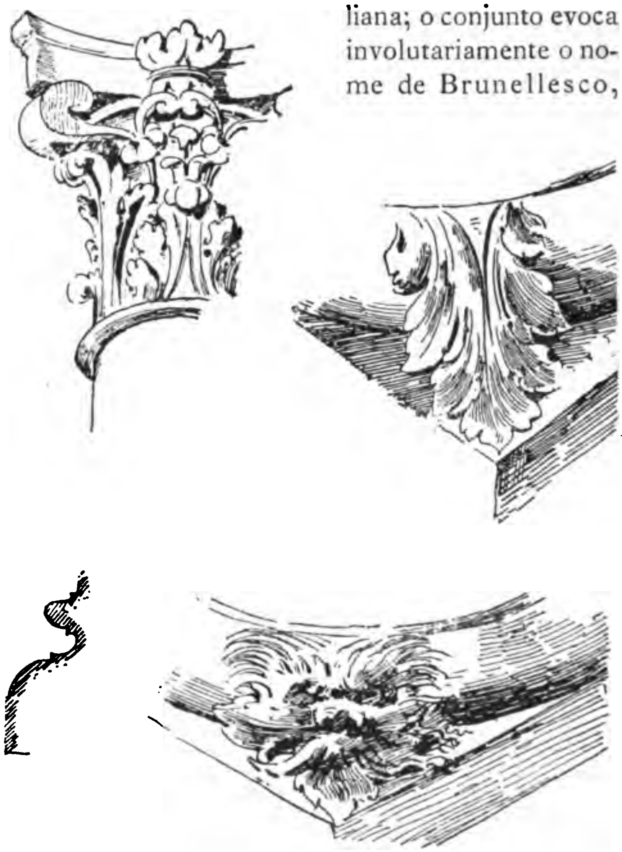
desamparo, salvo, porém, parcialmente, mercê dos esforços do fallecido marquez de Thomar, que adquiriu uma parte, comquanto pouco mais restasse do que as paredes nuas, roubada a ornamentação, as pinturas da egreja desapparecidas, o maximo numero, e um montão de ruinas por todos os lados.

Abaixo da immensa móle do mosteiro, para a banda da cidade, campeia insulada, n'uma chan do desladeiro, uma bonita egrejinha, Nossa Senhora da Conceição, oriunda, egualmente, do tempo de João III. E' severa, tambem, a sua construcção, e approxima-se do estylo classico; muito singela exteriormente, de cantaria, com um frontão liso, pilastras jonicas, nos angulos, e uma cupula, baixa, no encruzamento das naves. As janellas, coroadas por frontões, descansam sobre misulas, as quaes se acham dispostas de mui notavel maneira, obliquando para o lado de fóra, lucubração perspectivica, com a qual topamos tambem em Evora (egreja da Graça).

A formosura do interior excede, em muito, a do exterior. E' de trez naves a egreja, a abobada de berço estribando sobre primorosas columnas corinthias com abacos rectilineos; por cima do cruzeiro ergue-se um tecto esconso, a modo de cupula, sombrio, mais parecendo a abobada de um claustro, adornado de caixotões, por forma algum tanto confusa.

As janellas apresentam feição identica ás do exterior, e com as mesmas misulas em perspectiva.

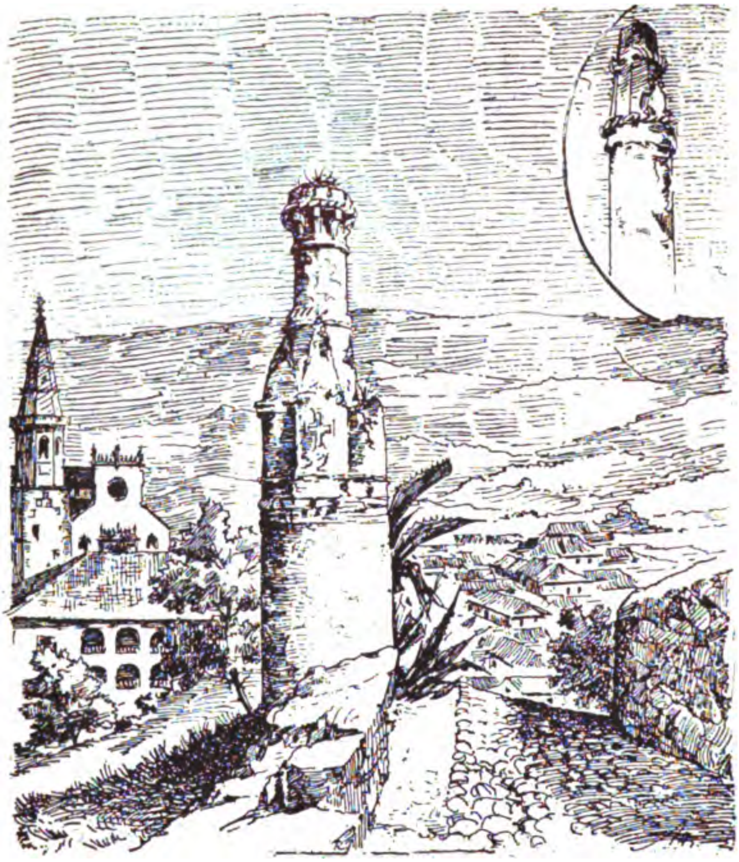
O interior, não muito espaçoso, ostenta, porém, graças á formosura dos materiaes de construcção e nobreza das formas, aspecto puro e aprimorado. Paira sobre elle um reflexo da primitiva Renascença italiana; o conjunto evoca involutariamente o nome de Brunellesco, supposto permeie entre a época deste artista e da construcção da egreja.



PORMENORES DAS COLUMNAS DO INTERIOR DE SANTA MARIA DA CONCEIÇÃO

As minudencias, sobre tudo, ostentam por toda a parte elegancia e finura; as bases das columnas gracilmente enfeitadas com ornatos correspondendo aos angulos de plintho, a folhagem ornamental tenue e com pouco relevo.

A egreja apresenta a data de 1579. E não obstante, contando ainda pela



THOMAR — PADRÕES NO CAMINHO DA CIDADE

mosteiro, é a particularissima decoração dos fustes das pilastras com molduras entrecruzadas, as quaes se acham repetidas, já no intradorso dos arcos no encruzamento dos corredores do mosteiro já por baixo do varandim, na Batalha. Revela-se aqui, portanto, entre a época de Castilho e a vinda de Terzi, e respectivamente a dos Alvares, successores d'estes, a actividade ainda de outros habeis mestres da Renascença. As obras d'esta época intermedia, com quanto se resintam no ornato

era cesarea, o seu caracter geral denuncia com mais probabilidade a de 1541 (1).

O que mais concorre a confirmarme na persuasão de que a egreja pertencerá á mesma época a que pertencem as construcções de D. João, no

da influencia dos mestres francezes de Coimbra, e ainda dos trabalhos hespanhoes, não deixam porém de apresentar um cunho de caracter nacional.

Descendo para a cidade, seguimos pela estrada velha, que em tempos remotos ligava a povoação com a fortaleza. A' beira da vereda empedrada, deparam-se amiude uns padrões de pedra, ostentando o emblema de ordem de Christo, o dragão de D. João II e quejandas esculpturas, adornados á feição do gothico terceario com cornijas ornatadas e ameias.

Na praça do mercado da cidade ergue se a egreja de S. João Baptista, edificação de el-rei D. Manuel, ainda

(1) O computo da era cesarea e o da era de Christo correm amiude parelhas n'este paiz, nos tempos da Renascença, induzindo por vezes a mendazes interpretações. Por via de regra, devemos considerar que, desde o principia do seculo XVI, a era antiga cahiu geralmente em desuso. E não obstante, fui ainda encontrá-la n'um trabalho correspondendo ao anno de 1587.

em gothico tercеario, toda ella, e com o caracter pinturesco manuelino estampado nos minimos pormenores da construcção. O soberbo portico, a rendilhada platibanda com que é coroada, a torre lateral constituem as bases das edificações religiosas de D. Manuel. Esta ultima apresenta singular imponencia com a macissa pyramide que a remata.

O interior corresponde ao systema já descripto (volume 1.º), extensivo ás construcções d'egrejas manuelinas de menor lotação. O côro é abobadado, de base octogonal, decorado com ricos artezãos; o recinto de trez naves com arcadas singelas de ponto subido, tecto inclinado, de madeira, acompanhando a linha do telhado, e ao centro, interrompido, a meia nave, por um plano horizontal.

Este systema abrange basto numero de egrejas da época alludida, não sómente em Portugal mas ainda por todas as colonias (como se verá na do Funchal), pelo territorio africano e pela propria India, até. Com relativa singeleza de meios facilitava a rapida construcção de egrejas de umas certas dimensões.



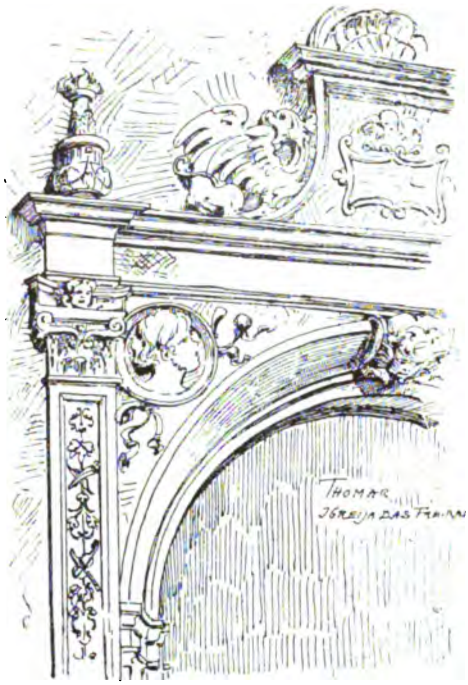
THOMAR — S. JOÃO BAPTISTA

Se acaso se pretendia opulentá-las, abriam-lhe para ahi uns trez nichos abobadados e com tal qual profundidade, no lado do nascente raras vezes uma nave transversal: esta, em casos especiaes, era tambem abobadada.

N'este caso, o tecto é repartido em tabellas por molduras. A singeleza do interior recebe o seu adorno mais efficaz das primorosas pinturas da escola portugueza, que enfeitam o côro, em derredor; este, actualmente, todo elle de obra de talha, muito rica mas de gosto barroquênho.

O pulpito é o proprio encanto, uma das mais aprimoradas obras de lavrante em pedra, do derradeiro e mais decorativo periodo do gothico terceario, com uma abundancia de ramaria, intersecções, e quejandos meios, apresentando singular afinidade com os nossos trabalhos saxonios da mesma era.

Na cidade, a dois passos da ponte, topamos ainda com uns restos da Renascença primordial, de admiravel finura, na capella de um convento de freiras, hoje derruido; são estes a portada e uma janellinha, encimando-a. Ambas com pilastras molduradas, a primeira com um coroamento flexuado, ostenta, já nas pilastras já

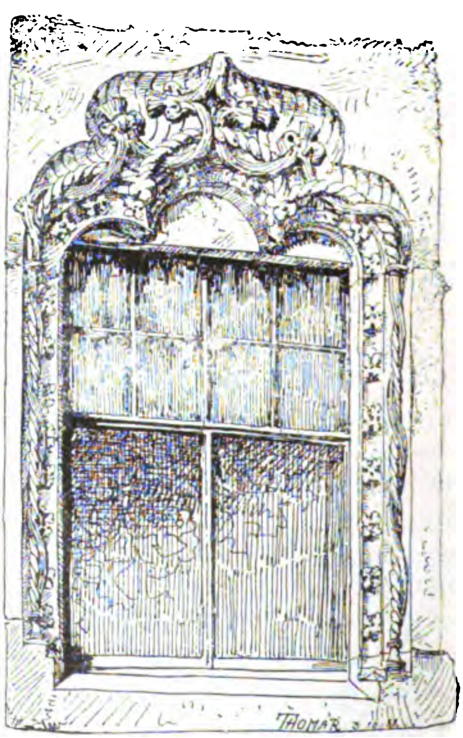


THOMAR — PORTICO DA EGREJA DO CONVENTO DAS FREIRAS

nos frisos, o mais delicado ornato; tudo primoroso e com o mais fino acabamento. Apesar de reunirem ainda as caracteristicas de anteriores trabalhos como os que se vêem, lá em cima, no mosteiro, no claustro dos Felipes, mercê da sua descommunal elegancia e delicadeza inclinam-se estes mais para os da época posterior, existentes em Coimbra, estabelecendo, digamo-lo assim, um intermedio entre uns e outros. O interior da capella, arruinada, achava-se em 1888 inacessivel; pareceu-me ser muito pequena e de forma rectangular, com uma abobada de artezãos elegantemente perfilada; tanto esta como as paredes com pintura decorativa, de grutescos dourados sobre fundo branco.

Encontra-se aliás pela cidade, além de algumas janellas manuelinas dos primeiros tempos muita coisa ainda do mencionado periodo posterior e com a mesma feição; motivos de janellas com esbeltos columnélos, medalhões, e outros adornos, bem como umas certas janellas duplas, em esquinas de predios, de modo que o cunhal descança apenas sobre uma delgada columna; motivo este, que eu encontrei por mais de uma vez em Hespanha, e em Cordova, muito em especial.

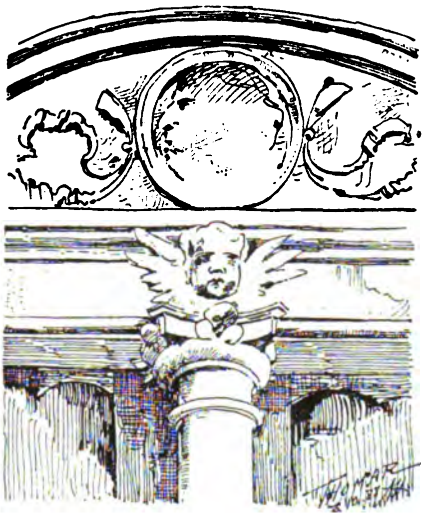
A egreja de S. Francisco corresponde a uma época posterior (1628) e diverge na esquipação. Com uma só nave, abobada hemispherica, um côro estreito e abobada do teôr da primeira mas com caixotões, encerra no prolongamento dos lados trez capellas com pouco fundo; no lado oriental, sobre trez abobadas de arestas uma soberba tribuna; a abobada principal com grutescos pintados e dourados. E' pesado e austero o conjunto, do typo da



THOMAR — JANELLA DE UMA CASA

egreja do collegio em Coimbra. Os botareus que reforçam as paredes lateraes acham-se reproduzidos na estampa annexa.

A egreja de Santa Maria do Olival, para além do rio, merece ainda attenção. Pertence ao typo já descripto a proposito da egreja matriz, da invocação de S. João Baptista, supposto que vindo substituir a antiga egreja dos Templarios, da qual resta ainda a frente do lado occidental com a rosacea e o adro. A sua construcção não irá além de 1450. Devemos pois ver n'ella o prototypo da generalidade das egrejas provinciaes manuelinas, appoiando-nos no facto de haver sido esta egreja a matriz de quantas pertenciam á Ordem de Christo.

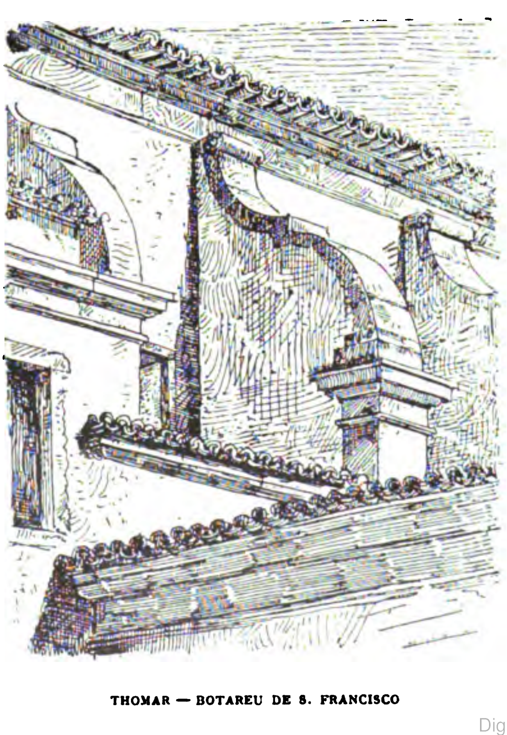


THOMAR — DE UMA JANELLA DE UMA CASA

Além do formosissimo pulpito da Renascença, coévo de D. João III, encerra ainda no côro o mais primoroso moimento sepulcral da mais pura Renascença primitiva em todo o paiz, supposto que de accentuado typo francez, o tumulo do primeiro bispo do Funchal, D. Diogo Pinheiro da era de 1525.

Este D. Diogo Pinheiro foi vigario episcopal em Thomar, e elevado por D. Manuel á dignidade de bispo do Funchal; e comtudo, detido na mãe-patria por diversos negocios, nunca veiu a pisar solo madeirense.

O seu tumulo é um monumento magnifico, não apresentando avultadas dimensões, disposto á feição de nicho, emoldurado por columnas abalaustradas, coroado por um frontão liso; e a dentro do arco encerrando um como que sarcophago.



THOMAR — BOTAREU DE S. FRANCISCO

A data supracitada e as minudencias decorativas patenteiam acharmo-nos em presença de um trabalho dos francezes conimbricenses. O conjunto é um modelo de primor de composição.

O meu fato novo

Fomos ao estabelecimento do Ferraz, algibebe, escolher um fato para mim. Diz o papá que é onde o servem melhor. O proprio Ferraz é visita lá da casa.

Assim que nos bispou á porta, fez um espalhafato por ahi além, e todo elle zumbaias, apertos de mão ao papá e á mamã: que era um alegrão a nossa presença, que não nos punha a vista em cima havia um seculo, que até lhe ia dando cuidado a nossa ausencia e estava pensando em mandar saber da nossa saude.

— Isto é o que se chama um alegrão, insistiu. E então como vae cá o nosso morgado?

— Está um latagão, pois não acha? perguntou o papá.

— Eu referia-me ao outro, áquelle diabrete do Joãozito, para quem costumavam comprar fato cá em casa.

— Essa, agora! O Joãozito é este que aqui vê.

— Isso sim! O amigo está-me a disfrutar. Este rapagão como uma torre pode lá ser aquelle migalho de gente a quem eu fui provar aquelle fatito, o verão passado? E eu a dizer com os meus botões, que seria, talvez, para ahi algum seu irmão mais novo! Estou pasmado!

E a dar-me palmadas no hombro e a apertar-me a mão com uns ares de consideração, e eu a perceber que era chalaça e que estava farto de me conhecer.

— E d'ahi, désta vez que é que vae?

— Não vinhamos com tenção de fazer compras, senhor Ferraz; passámos pela porta, batemos no ferrolho, e de caminho, lembrou-nos que iriamos vendo se havia alguma novidade para a estação.

São favas contadas, a mamã impinge aquillo toda a vez que sahimos a fazer compras.

— Fizeram muito bem, respondeu o algibebe. Esta casa está sempre ás suas ordens. Vejam tudo muito de seu vagar, e se não encontrarem coisa que lhes convenha, manda-se vir de fóra, pois então!

— Já que cá estou, não se me dava de ver se haverá para ahi um fato que me sirva, declarou o papá.

— Está claro que ha de haver, amigo e senhor Lampreia.

O senhor Ferraz desenrolou o metro, tomou medida pelas costas e pela frente ao papá, e assentou os numeros.

— Quarenta, exclamou. O meu amigo está gordinho, benza o Deus! Bem se vê que vende saude.

Levou-nos para junto de uma mesa, muito grande, ajoujada de fato para homem, offereceu uma cadeira á mamã, e pôz-se a remover a fatiota a ver se encontrava coisa que correspondesse á medida.

— Uma andaina de bater, já se vê? perguntou. Um cheviotezinho de fantasia, jaquetão assertoado... ou então, uma ingleza larga, á vontade, com uma abotoadura só!?

— Pouco mais ou menos o que eu desejava, respondeu o papá, mas a mamã foi-lhe á mão:

— A mim parecia-me que talvez te conviesse melhor um fraque redondo, de fazenda preta entransada, que te servisse para alguma visita, e para ir á egreja, ao domingo...

O fato de ver a Deus do papá é sempre um fraque redondo, servindo-lhe para as visitas e para ir á egreja, mas, é balda certa, em elle indo comprar fato, apetece-lhe sempre um jaquetão assertoado ou uma ingleza.

— Vamos lá a ver alguns d'esses de ingleza, só com uma ordem de botões, se o encontrar a geito, disse elle, e deitou o olho para a mamã.

O senhor Ferraz escolheu um casaco, e o papá despiu o que trazia vestido e enfiou o outro que elle lhe apresentou. Assentava-lhe bem, mas eu, não sei porquê, estranhei a falta das abas. E caso é que o papá até parecia mais novo. Era um cheviote de xadrez, da ultima moda, afirmava o senhor Ferraz.

O papá foi direito ao espelho, e torceu-se todo para ver se fazia algum fole, nas costas.

— Não assenta mal, declarou.

— Está muito largo em cima ao pé da gola, observou a mamã. Não tens figura para usar casacos curtos, estás farto de o saber.

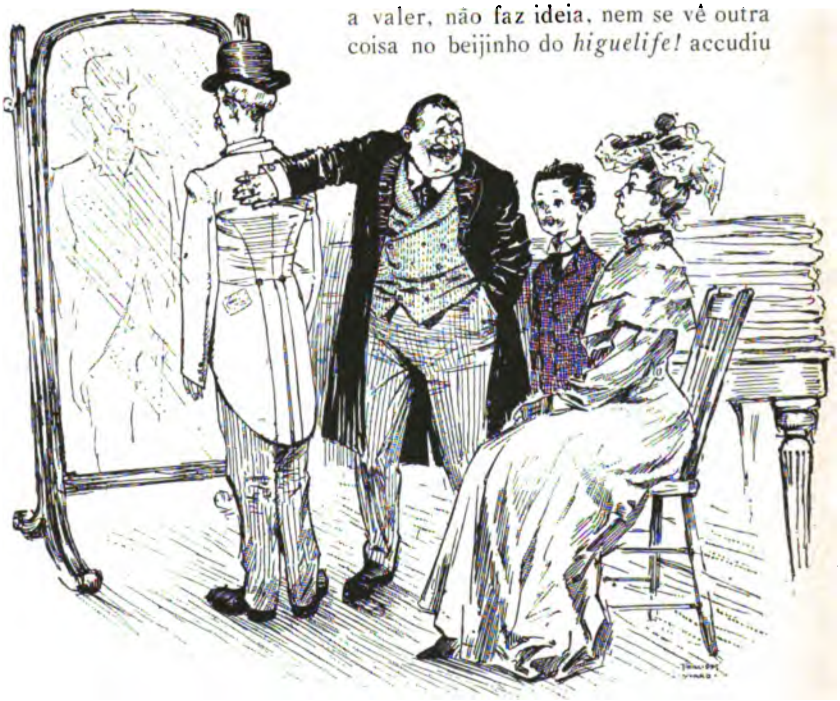
—Tem muitissima razão, senhora D. Olaia, concordou o algibebe. Não faz ideia da quantidade de individuos a quem assentam bem casacos curtos, e a que ponto são raros aquelles que sabem vestir um fraque redondo. E se quer a opinião de um tolo, o corpo do meu amigo e senhor Lampreia parece até que foi feito de proposito para fraques redondos.

— Pois é isso mesmo que eu lhe estou sempre a prégar. Mas por que não has de tu experimentar um d'esse feitio?

Percebi que ao papá se lhe iam os olhos na ingleza de cheviote, mas quando o senhor Ferraz lhe apresentou o fraque, não teve outro remedio senão vestil-o. Ficava-lhe melhor; isto é, parecia mais proprio para elle.

— E' o fato que te convem, confirmou a mamã. E a fazenda, que tal, será coisa que ature?

— Firme como uma rocha! E pegou a valer, não faz ideia, nem se vê outra coisa no beijinho do *higuelife!* accudiu mestre Ferraz, sorrindo com uns ares de piedade.



ESTÁ TÃO ASSENTE QUE NEM O PAPEL, ALI, DA PAREDE

— Com licença, disse a mamã.

Ajudou o papá a despir o casaco, mirou-o e remirou-o do direito e do avêsso, expôl-o d'encontro á luz, examinou as costuras e verificou se os botões estavam bem pregados.

— Não terá algodão? suggeriu.

— Dou um dôce a quem for capaz de lhe encontrar um fio que não tenha crescido em lombo de ovelha ou de carneiro, sem me referir ao retroz com que foram cosidos os botões, — está claro!

A mamã virou do avesso uma das abas, arrancou um fio da fazenda e poz-se a trincal-o.

— Não me parece que seja tudo lã; insistiu.

— Aposto a cabeça contra seja o que fôr, accudiu mestre Ferraz.

— Resta saber se haverá quem se tente com a aposta, insinuou o papá, a rir.

— Já cá tardava! Se o amigo não havia de vir com a sua piadinha, explodiu o se-



E A MIM, A LUZIR-ME O OLHO PARA UM SMOKING

nhor Ferraz, a fingir-se encavacado. Sempre a duvidar da minha palavra honrada! Quem tem casa aberta atura cada uma! Vá, enfie este casaco, faça favor. Está tão assente que nem o papel ali da parede. Erga o braço assim... Que me diz ao comprimento da manga? — certinha que é um regalo! Volte-se de frente.

Passou-lhe a mão pelos hombros e pelas costas abaixo, a assentar o casaco no seu logar.

— Está que nem uma luva, aqui tem a sua senhora que me não deixará ficar por mentiroso. Pois não tenho razão, excellentissima senhora?

— Não assenta mal, lá isso é verdade, concedeu a mamã.

— Ora va lá, vista a calça e o colete, meu nobre amigo, e se precisar de alguma emenda, faz-se, passa-se a ferro, n'um rufo, e quando o amigo chegar a casa já lá o encontra.

O papá dispunha-se a dizer que sim, vae senão quando, sae-se d'ali a mamã:

— Não terá por ahi mais algum do mesmo genero?

— Ora essa! duzias de duzias.

Mestre Ferraz apresentou para ali um montão de casacos, e fêl-os provar ao papá, um atráz do outro. Estavam n'aquella faina, eis que diz a mamã:

— Visto que está com a mão na massa, não se me daria de ver alguma coisa que fizesse conta ao Joãozinho.

Foi logo d'ali como um foguete um caixeiro e voltou ajoujado com um rôr de fatos para os provar. E a mim a luzir-me o olho para um *smoking* de bandas de setim todo catita, e para o calção e colete que dizia com elle. Mas, isso sim, a mamã saiu logo a pôr-lhe a pécha de que era janota de mais para a minha edade. E para ali me teve mais de meia hora, a aparar a maçada dos vestes e despes, até que por fim o papá declarou:

— E' bastante; com esse fato que o João tem vestido, e o que eu escolhi primeiro, creio que ficamos bem servidos.

— Aquelle fraque preto, redondo, querias tu dizer, emendou a mamã.

— S... s... sim... largou o papá.

— Em todo o caso, não será mau irmos dar por ahi uma volta, a ver se n'outra parte encontraremos coisa que melhor nos c nvenha. Por quanto me fica um d'estes fatos, senhor Ferraz?

— Dezoito mil réis o do amigo Lampreia, e dez o do nosso morgado.

— Que horror! E' um dinheirão! O senhor, a ultima vez que nos serviu, deu-nos coisa muito melhor e só levou quinze mil réis por um e oito por outro.

— Não digo que não, mas que quer, hoje em dia anda tudo na mão dos syndicatos!

— Menos nós, salvo seja! Em summa, vamos deitar por ahi a nossa olhadela, e se não encontrarmos melhor cá lhe vimos bater á porta.

— Se ha de ir perder o seu tempo, o

mais sensato é eu mandar já embrulhar estes, acudiu mestre Ferraz.

— Parecia-me que com estes não iriamos mal servidos, aventurou o papá.

— Nada, nada! Podendo-se poupar dinheiro... E quando mais não seja, sempre ficamos sabendo com que é que por ahi se pode contar.



FUME ESTE CHARUTINHO, LOGO Á NOITE...

— Como quizerem, replicou mestre Ferraz. Estimei immenso a honra da sua visita, excellentissima senhora; e se não encontrar o que deseja, bem sabe que esta casa está sempre ás suas ordens, e que a hei de servir como merece.

E lá fomos nós por ali fora correr a coxia, entrámos n'um estabelecimento, repetiu-se a mesma scena, mas não conseguimos encontrar coisa que contentasse a mamã. Entrámos n'outro: a mesma estopada, para variar. E' o costume, já não estranho. Quando iamos a sair da ultima loja, e a mamã se fazia de vela para entrar n'outra, o papá não aguentou a maçada.

— Por hoje basta. Estou que nem posso com as pernas, e o Joãzito já vae a arrastar os pés. D'esta maneira é andarmos a perder tempo.

— Tudo isso assim será, mas deves concordar que o unico mei de uma pessoa saber se a esfolam no preço é indagar o que ha pelos outros estabelecimentos.

— Lá para vocês, mulheres, que têm vagar para entreter horas e horas primeiro que comprem dois carrinhos de linha e meio metro de percal, mas eu, para emprazador, nunca tive geito. Quando vou comprar qualquer coisa, já sei o que quero, vou aonde tenho a certeza de a encontrar, e venho servido, respingou o papá encaminhando para o Ferraz.

— Já aqui não está quem falou, disse a mamã, e visto que vens com ella ferrada, vamos lá, e acabou-se; mas ao depois, desde já te previno, se vires o casaco feito um trapo, ao primeiro aguaceiro que apanhares, não te voltes contra mim.

Parám s um bocado n'uma loja de fanqueiro, onde a mamã comprou umas guarnições para um vestido. O papá entreteve-se a falar de politica com o dono da casa, emquanto a mamã apreçava a trapalhada e uns biscates para aproveitar a occasião, já se deixa ver. Mestre Ferraz recebeu-nos com tanto espalhafato como se nos não tivesse visto havia um anno.

— Elles cá estão, embrulhadinhos e promptos á sua espera, desfechou.

— Não se me dava de os ver outra vez, disse a mamã.

Impingiu-nos a estopada de os tornarmos a vestir e mestre Ferraz, com a calça, calção e coletes, dobrados, no braço, levou-nos para o gabinete de prova e tivemos que provar tudo junto outra vez. O meu fato de xadrez, côr de burro quando foge, era feio como a breca, mas a mamã ateimou que

era de lavar e durar. O do papá assentava-lhe menos mal. Os meus calções é que tiveram que ser encurtados, uns centimetros.

— Veja lá nã fiquem curtos, observou o papá. Fiquem lá como ficarem, ainda as pernas lhe hão de crescer um palmo, primeiro que apanhe outros.

Mestre Ferraz encostou-se a uma rima de fato e escangalhou-se com riso ao ouvir o papá dizer aquillo.

— Já cá tardava! esganiçou algibebe, a rir a ponto de se lhe arrazarem os olhos de agua. «Ainda as pernas lhe hão crescer um palmo, primeiro que... Veja lá não fiquem curtos! Ainda não vi patusco com mais graça! palavra de honra! Chegue aqui, ó Thiago!

Accudiu á chamada um caixeiro:

— Você não ouviu a piada aqui do amigo Lampreia? Que lhe não deixasse os calções do pequerrucho muito curtos, e que as pernas lhe haviam de crescer um palmo primeiro que apanhasse outros!

— Boa piada! sim, senhor! cacarejou senhor Thiago, a rir como um possesso e ás palmadas no lombo de mestre Ferraz, e mestre Ferraz a estorcer-se e a esticar-se, e a arfar sem poder tomar folego, e a clamar que não havia outro como o papá para se sahir com cada piada que era de empanzinar uma pessoa, — para desfechar á queima roupa uns ditos da gente se escangalhar a rir. E o papá a gostar.

— Não ouvem isto? perguntava mestre Ferraz á humanidade ausente. — Os calções muito compridos, e que lhos não deixemos muito curtos. Que as pernas lhe hão de crescer um palmo primeiro que... ho! ho! ho! ha! ha! ha! hi! hi! hi! Ai! que eu morro! não posso mais!

E tanto elle como o caixeiro desataram outra vez á gargalhada, e d'ali a um bom pedaço, quando conseguiram tomar folego outra vez, e enxugaram as faces encharcadas de lagrimas, o sr. Ferraz sacou um charuto da algibeira, apresentou-o ao papá e disse:

— Fume este charutinho logo á noite, á sobremesa, e lembre-se de mim. E acredite que eu, a essa hora, ainda hei de estar a rir, tão certo!...

— Que estão s senhores para ahi a rir, n'esse desatino? indagou a mamã, vindo ter comnosco.

— Que ha de ser? Uma das chalacinhas d'este maganão do seu servo de Deus, minha senhora, disse mestre Ferraz com a barriga ainda a tremer.

— Ainda bem, estimo saber que haja alguem a quem ellas façam rir.

Dito isto, mestre Ferraz fez-nos tornar a despir os fatos, para lhes mandar fazer as emendas e passal-os a ferro. Desde ali até á casa da costura ainda o ouvimos rir a bom rir, e sempre a repetir o dito ao caixeiro, e este ás gargalhadas como quem não saboreava menos a piada.

O que eu achei ratão foi mestre Ferraz não se lembrar da piada. E'a mesma que o papá larga sempre que me vae comprar um fato.





O GATO DAS BOTAS

ERA uma vez no Reino Azul um moleiro muito pobre, tão pobre que só tinha de seu o moinho, um burro e trez filhos.

Uma manhã foi ao mercado, á cidade mais proxima, vender dois saccos de farinha de trigo, e de tarde voltou para casa, tomando atravez da Matta Escura.

Quando vinha no meio do arvoredo mais cerrado, sentiu uma voz a gritar desesperadamente:

— Quem me acode! Quem me acode! Ai! Que eu morro!... Estão-me a espremer... debaixo d'estes cardos!...

O moleiro olhou para os cardos e viu um gato, com uma cobra muito comprida enrolada em volta do corpo. Compadecido do bichano, deu com o bordão uma pancada forte na cabeça da cobra, que ainda assim não desapertou o gato. E vae então deitou a mão direita á cobra, e com a esquerda puxou o gato com força, até que afinal o soltou.

Depois deu outra bordoada na cabeça da cobra, que se enroscou toda e ficou morta em cima da erva, lembrando um saca-rolhas.

— Muito obrigado, disse o gato ao moleiro, fazendo-lhe uma mesura.

— Não ha de quê, respondeu-lhe o moleiro.

E, de boca muito aberta, disse-lhe mais:

— É a primeira vez que ouço um gato falar, e fala melhor ainda que muitas almas christãs.

— Minha mãe já dizia o mesmo, tornou-lhe o bichano. O que eu agora lhe peço é que me leve quanto antes para sua casa. Ainda não estou em mim do grande susto.

Foi assim que o moleiro levou o gato para casa e o apresentou aos trez filhos.

Gabriel, o mais novo, era muito amigo de animaes e fez muitas festas ao pobre do bicho, porém os mais velhos principiaram logo a arrelial-o, puxando-lhe pelo rabo, atirando-lhe farinha ás ventas, para elle espirrar, mettendo-lhe carqueja nos ouvidos, e ladrando-lhe como cães, para o assustarem.

As coisas continuaram assim, e por isso o gato ganhou quesilia aos dois filhos mais velhos do moleiro e ficou sendo muito amigo do Gabriel.

Passados cinco annos, o moleiro morreu, deixando o moinho ao filho mais velho, o burro ao filho segundo e o gato ao filho mais novo.



DEITOU A MÃO DIREITA Á COBRA, E COM A ESQUERDA PUXOU O GATO COM FORÇA, ATÉ QUE AFINAL O SOLTOU

No dia seguinte ao do enterro, Gabriel estava a chorar muito no seu quarto, quando de repente o gato deu um salto pela janella dentro e foi cahir em cima da meza, ao pé d'elle, dizendo:

— Animo!

Ora é bom saber que, em todo o tempo que elle tinha passado no moinho, nunca tinha dado uma palavra a não ser as que dissera no principio ao moleiro, de modo que só este sabia que o gato falava.

O Gabriel muito pasmado, disse:

— É a primeira vez que ouço um gato falar, e fala melhor ainda que muitas almas christãs.

— Minha mãe já dizia o mesmo, tornou o gato, e teu pae tambem m'o disse. Mas tratemos do que importa. Amanhã abalamos d'esta casa e vamos por esse mundo tentar fortuna. Quanto mais cedo fôrmos, tanto melhor.

— Pois vamos, sim, meu caro bichano. Em todo o caso não nos podemos metter a caminho, sem ter feito alguns preparativos.

— Certamente. Dize-me uma coisa: tens dinheiro?

— Nem raça... Quero dizer tenho uma moeda de oiro, com um furo por onde se enfia um cordão. Pendurou-m'a ao pescoço meu avô, no dia em que me baptisaram.

— Bom! Bom! respondeu o gato. Já chega para comprar um par de botas para mim, e um sacco de couro. Não preciso de mais nada.

— Um par de botas! exclamou o Gabriel, muito espantado, mas lembrou-se logo de que ainda era mais para admirar que um gato falasse do que usasse botas, e foram n'aquelle mesmo dia comprar ambas as coisas, e no seguinte abalaram, levando o Gabriel o seu fato embrulhado n'um grande lenço vermelho.

O gato ia muito satisfeito com as botas de canhão, que lhe serviam perfeitamente e dizia de instante a instante:

— Quem me dera que minha mãe agora me visse! Havia de ficar toda inchada com o seu filho.

Ao cabo do primeiro dia de jornada foram ter a uma choupana muito velha e abandonada, que ficava ao pé das terras de um temivel papão.

O gato pousou á porta da choupana o sacco de couro, e deixou-o aberto com a ajuda de uma forquilha. A boca fechava-se com argolas de latão e um cordel. No fundo poz o bichano trez ramos de salsa e uma mão cheia de farello, que para isso tinha trazido do moinho. Fez tambem com farello um carreirinho até junto do sacco. Depois sentou-se a distancia, escondido atraz de uma moita de carqueja, e ficou á espreita, com as mãos nas pontas do cordel. Esperou pouco tempo. Logo appareceu um coelho, que farejou o carreiro de farello e correu para dentro do sacco.

Que fez então o gato? Esticou o cordel e tate! Emquanto o diabo esfrega um olho, deitou o sacco para cima do hombro, com o coelho a espernear lá dentro, mas sem poder escapar-se.

— Aquieta-te, menino, gritou-lhe elle. Comtigo faz-se um petisco digno da meza de um rei.

Teve de repente uma ideia e disse comsigo:

— Mesmo para um rei é que has de ser!

E desatou logo a correr direito ao palacio do rei d'aquella nação.

Quando chegou á entrada, as sentinellas, que estavam com umas vestimentas muito cheias de alamares dourados, mandaram-n'o á presença do camareiro-mór, que tambem vestia um traje muito vistoso e forrado de arminho.

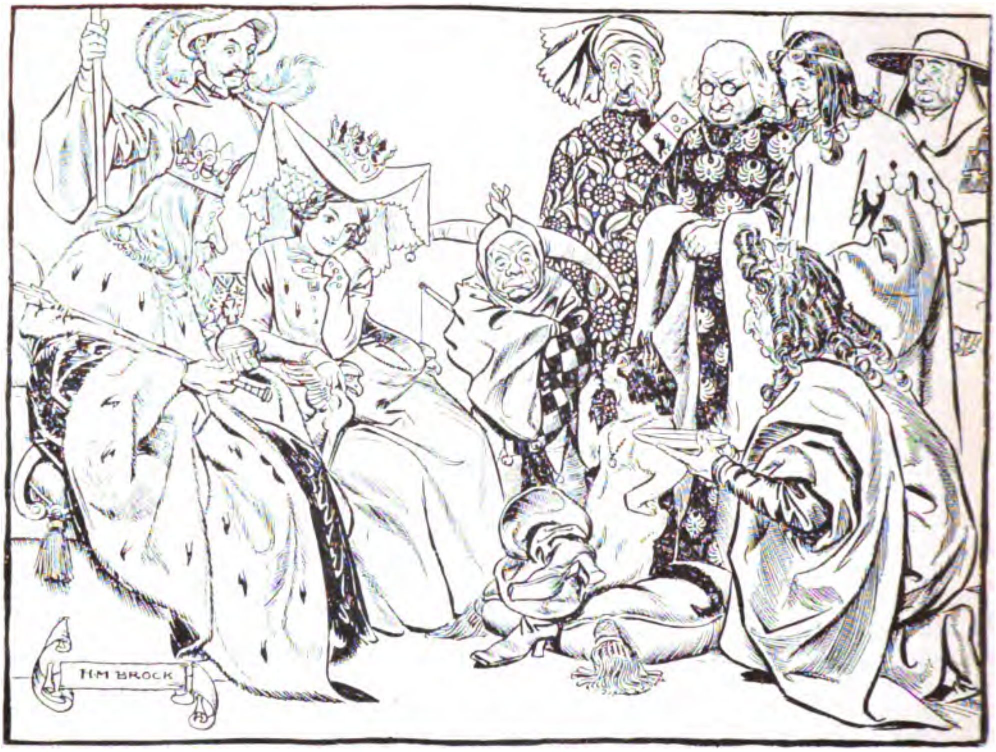
E vae o camareiro-mór conduziu-o á presença do rei, que estava sentado no throno e de corôa na cabeça.

O gato não se atrapalhou. Levou uma das mãos ao toutiço e fez muitos rapapés e uma grande mesura, curvando-se tanto que chegou a tocar com os bigodes no sobrado da sala, que era todo marchetado de pedrarias.

— Real senhor, disse elle, venho aqui saudar Vossa Majestade e pedir licença para vos offerecer um admiravel coelho, da parte do poderosissimo fidalgo o marquez de Carabaz.

— Espantoso gato! exclamou o rei. Fala e, o que é mais, fala melhor que muitas almas christãs.

— Isso mesmo, real senhor, já dizia minha mãe, e o mesmo dizia o moleiro velho... quero dizer, o pae do marquez, e diz tambem o marquez seu



A PRINCEZA MANDOU VIR PELO CAMAREIRO-MÓR, PARA O GATO, UMA TIGELA DE PRATA CHEIA DE LEITE

filho, de quem tenho a honra de ser escudeiro. Ora, como Vossa Majestade agora o diz, é porque certamente é verdade.

Ficou o rei tão satisfeito, que acceitou o presente do marquez de Carabaz, a quem mandou os seus reaes agradecimentos. Tambem deitou uma fita escarlate ao pescoço do bichano, como prova do seu real apreço.

Na manhã seguinte, ainda o sereno gotejava nas folhinhas da erva, quando duas perdizes foram cahir no sacco de coiro, armado do mesmo modo pelo gato ao pé da cabana, onde elle e o Gabriel tinham passado a noite.

Antes do meio dia foi o bichano novamente ao palacio, mas d'esta vez não teve que pedir licença para entrar, porque as sentinellas e o proprio camareiro-mór o mandaram logo ir á presença do rei, apenas lhe viram ao pescoço a fita escarlate, fazendo-lhe ao mesmo tempo grandes mesuras á moda da côrte.

Quando o rei viu as duas bellas perdizes gordas e anafadas, ficou ainda mais contente que na vespera e mandou chamar a princeza, para lhe apresentar o gato de botas.

E a princeza, que se chamava Elina, e que fazia espanto pela sua boniteza, tambem gostou muito do bichano e mandou vir pelo camareiro-mór, para elle, uma tigela de prata cheia de leite. E tambem lhe deu uma cadeia de ouro, que tirou do seu pescoço e poz ao pescoço do gato, junto da fita escarlate.

— Porque não vem á côrte o vosso amo, o nobre e poderoso marquez de Carabaz? perguntou o rei. Prazer-me-hia vel-o no logar que lhe compete entre os fidalgos que me rodeiam.

— Saberá Vossa Majestade que elle é muito modesto, respondeu o gato, dando uma marradinha nos joelhos do rei. Prefere a tudo viver entregue á meditação. Que lindas obras meu amo podia compôr, se quizesse escrever os seus pensamentos!

O rei, a princeza, o camareiro-mór e toda a côrte ficaram ainda com maior desejo de ver o marquez de Carabaz, de modo que o gato, quando foi ter com o Gabriel, participou-lhe o caso.

— Posso lá apresentar-me assim deante de pessoas que usam vestes de ouro, veludo e pedras preciosas! tornou-lhe o rapaz. Lembra-te de que o meu fatinho de ver a Deus foi feito com um sacco de linhagem, em que meu pae levava farinha para a cidade.

(Conclue no proximo numero).

Quinto concurso photographico dos "Serões"

MENÇÃO HONROSA



AZENHA DO RIO HOMEM (CALDELLAS)

Photographia do Sr. Antonio Manuel Lopes, Villa Verde (S. Pedro de Goães)



Grandes topicos

A Belgica e o Congo

Foi finalmente apresentado ao parlamento belga o projecto da lei de anexação do Congo ou, mais propriamente, da cedencia d'aquelle paiz. pois, pelo seu primeiro artigo, «Sua majestade o rei soberano declara ceder á Belgica a soberania dos territorios que compõem o Estado independente do Congo, com todos os direitos e obrigações que lhe são inherentes.»

Por seu turno, a Belgica declara aceitar essa cedencia, fazendo seus os compromissos tomados pelo Estado independente, e comprometendo-se a respeitar todos os direitos adquiridos.

A cedencia comprehende todos os valores moveis e immoveis, e principalmente:

A propriedade de todas as terras pertencentes ao dominio publico ou privado do Estado;

Todas as acções e obrigações emitidas;

Todos os edificios, construcções e instalações feitas ou adquiridas na Africa ou na Belgica pelo governo do Estado independente; o gado que elle possue, assim como os seus navios; o marfim, a borracha e outros productos africanos, que são propriedade do Estado independente; e todo o seu passivo.

A data em que a Belgica deve assumir o exercicio do seu direito de soberania será fixada por decreto, e as receitas e despezas do Estado independente ficarão a cargo da Belgica a partir do dia 1 de janeiro de 1908.

No relatorio que precede o projecto descreve-se a situação financeira e economica do Estado independente. O seu activo é de 120 milhões, sendo 14 em productos naturaes, 15 em navios e armamento, 29 em propriedades na Belgica e 60 em valores em carteira. O passivo, comprehendendo a divida publica e outros debitos, eleva-se a 114 milhões, ou seja um excedente de 6 milhões. Quanto ao orçamento, foi fechado em 1905 com um saldo de trez milhões e em 1906 de dois, prevendo-se que seja mais elevado no anno corrente.

A questão do Congo entrou assim na sua ultima phase, que será, porventura, a mais interessante. Já dissemos que na Belgica ha uma grande corrente contraria a esta solução, mas como o governo conta com a maioria no parlamento, não resta duvida de que será ella a adoptada.



BEIJOS DE INIMIGOS

Ha beijos que são principalmente amargos.

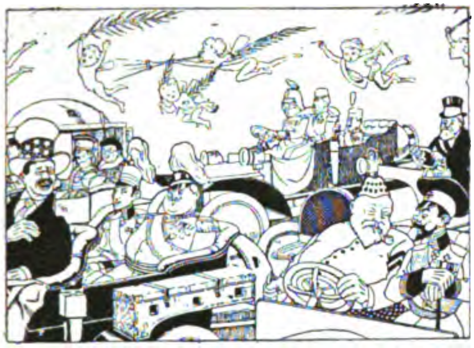
Do «*Cri de Paris*»

Novo Estado americano

O presidente Roosevelt assignou ultimamente o decreto elevando o territorio d'Oklahoma á cathegoria de Estado. Só, porem, em julho de 1908 a nova estrella que o hade representar será collocada junto das 45 que constelam o pavilhão americano.

Como a disposição d'ellas tem de ser modificada, o presidente nomeou já para se occupar do assumpto uma commissão composta de oficiaes de terra e mar, presidida pelo almirante Dewey.

O Oklahoma é uma parte do territorio indiano, cedida pelos Pelles Vermelhas aos Estados Unidos em 1866, sendo aberta á colonisação



O ENCERRAMENTO DA CONFERENCIA DA HAYA

Do «*Ulk*»

dos brancos em 1889. Muitos milhares de individuos haviam-se então instalado no limite do territorio, á espera do momento de tomar posse d'elle. E foi assim que se fundou, em um dia, a cidade de Oklahoma com 50.000 habitantes.

Morte do rei Oscar — Após trinta e cinco annos de reinado, faleceu em Stockolmo, no dia 8 de dezembro, o rei Oscar da Suecia.

Filho segundo do rei Oscar I e tendo nascido em 1829, era o sobe-



CORDEALIDADE AMERICO JAPONEZA

Do «*Pasquino*»

rano mais velho da Europa, que lhe consagrava uma certa sympathia, graças á sua bondade e ás suas apreciaveis qualidades de intelligencia, devido ás quaes, a literatura sueca conta, firmadas com o seu nome, numerosas obras de historia, sciencias e artes.

Oscar II, que casara em 1857 com a princeza Sophia de Nassau, teve d'ella trez filhos: Oscar Gustavo Adolpho, duque de Vermeland, nascido em 1858; Oscar Carlos Augusto, duque de Gothia, nascido em 1859; e Oscar Carlos Guilherme, duque de Westrogothia, nascido em 1861.

Tendo succedido em 1872 a seu irmão Carlos XV, salientou-se logo que subiu ao throno promovendo reformas de grande alcance para os dois paizes, a Suecia e a Noruega. N'essa orientação seguiu pela vida fóra, o que fazia com que os seus subditos tivessem por elle uma grande veneração.

Em 1905, quando já a edade e a doença o haviam alquebrado bastante, sofreu um golpe profundo: a separação da Noruega. Foi isso certamente que lhe abreviou a existencia.

Sucedeu-lhe no throno seu filho primogenito que adoptou o nome de Gustavo V. O novo soberano nasceu em 16 de junho de 1858, e casou em 1881 com a princeza Victoria de Bade, que lhe deu trez filhos. Oscar Gustavo Adolpho, Carlos Guilherme e Eric Gustavo. O primeiro conta 25 annos, o segundo 23, e o terceiro 18. Fica, portanto, sendo o principe Oscar o herdeiro.

A terceira Duma — Como previramos, o terceiro escrutinio das eleições russas deu a maioria aos octobristas, mas onde as nossas previsões falharam foi na attitude que estes tomariam na futura assembléa. Com efeito, tendo elles as mais pu-

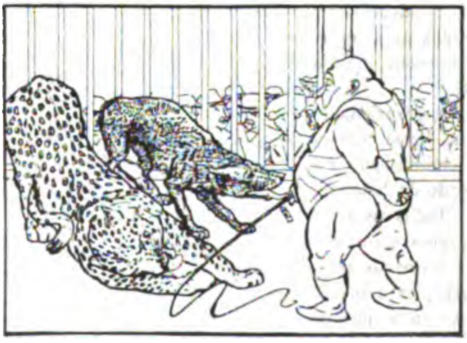


O PACTO ANGLO-RUSSO

O ouro de John Bull dá ao assassino russo força para novas emprezas.

Do «*Nebelspalter*»

ras tradições democraticas, era de esperar que no parlamento occupassem a esquerda, ou, pelo menos, o centro, acompanhando as oposições no que julgassem não ir muito além do rasoavel, visto não se lhes



IDEIA JAPONEZA DA HABILIDADE DIPLOMATICA DO REI EDUARDO

O Rei Eduardo, domador de feras, andou pela Europa a mostrar as suas habilidades. Ate o leopardo e o lobo não poderam resistir á sua prodigiosa destreza. O mundo está transportado de admiração.

Do «*Tokyo Punch*»



DEPOIS DA CONFERENCIA

Novo modelo para a estatua da Paz, agora que a conferencia acabou.

Do «*Wahre Jacob*»

poder exigir um programma retintamente radical.

Mas essa esperança, abrigada por quasi toda a opinião européa, desvaneceu-se completamente. Logo na primeira sessão da Duma, os partidos da direita fizeram um pacto com os octobristas, segundo o qual apoiariam a candidatura á presidencia de um dos seus, se este, no discurso de abertura, não se referisse á questão constitucional. Assim se fez. Komiakof foi eleito e os octobristas passaram logo a fazer causa commum com os reaccionarios, formando assim um bloco governamental de 295 deputados que, mesmo sem o concurso dos 53 do Centro, o qual, de resto, lhes está assegurado, podem bem fazer face aos partidos avançados e aos independentes que contam apenas com 194 representantes.

Razão têm, portanto, os jornaes de S. Petersburgo quando dizem que não existe laço algum entre a nação e a Duma, que d'esta foi excluida pela ultima reforma eleitoral, tendente a fazer prevalecer a vontade de uma infima minoria conservadora sobre a da immensa maioria liberal. A primeira e a segunda Duma eram a expressão da opinião publica; a terceira não é senão a expressão exacta do que a côrte, o governo e a policia quizeram que fosse.

Nada ha, portanto, a esperar d'ella.



A COSINHA INTERNACIONAL DE STUTTGART

Allusão ao congresso socialista, com o allemão Bebel e os francezes Jaures e Herve.

De «*La Silhouette*»



A AERONAVE DE GUERRA

«O' camarada! Aquillo são gansos brancos ou um corpo do exercito francez?»

Do «*Wahre Jacob*»

Em Marrocos

Dando uma em falso e outra em cheio, Muley-Hafid lá continua a combater as tropas de seu irmão, sem que a situação se modifique por fórma a merecer registo especial. Entretanto, a situação aggravou-se consideravelmente, do lado da fronteira argelina. Em fins de novembro a tribu dos Beni-Snassem atacou as tropas francezas que guarnecem a fronteira e, passando-a, fez uma verdadeira razzia no territorio da colonia. E' claro que foram logo mandados reforços contra os arabes, mas não em numero sufficiente para os conter, pois a breve trecho se reconheceu que não se tratava apenas de um acto de violencia de algumas centenas de individuos, mas da execução de um plano longamente premeditado e executado por muitos milhares de fanaticos guerreiros. O fim dos Beni-Snassem é provocar um levantamento geral contra os francezes e arrastar á revolta as tribus argelinas por fórma que o poderio da França seja abalado na propria Argelia.

Evidentemente, a França saberá aparar o golpe e responder a elle com um castigo exemplar nos Beni-Snassem, mas o peor é que o acto d'estes vem crear-lhe serias difficuldades no desempenho da missão que ella se impoz em Marrocos.

O Orange autonomo

Como já em tempos dissemos, a Inglaterra, á imitação do que fez com o Transvaal, concedeu a autonomia á colonia do Orange. Em consequencia d'isso, constituiu-se ultimamente um governo e fizeram-se as primeiras eleições.

Dos trez partidos que luctaram



LINDA PERSPECTIVA!

O Czar ordenou que o secretario Taft (dos Estados Unidos) fosse tratado como um fidalgo russo, logo que chegasse a Russia

Do «*International Syndicate*»

nas urnas, os orangistas unidos, representando o elemento holandez; os constitucionaes, ou elemento inglez, e os independentes, triumpharam completamente os primeiros. Os orangistas, com effeito, conseguiram eleger 30 deputados, emquanto cada um dos dois outros partidos não poude obter mais de quatro.

Quanto ao ministerio, apparecem n'elle homens que crearam um grande nome na Historia: Fischer occupa o logar de presidente do conselho; o general Herzog o de *attorney general;* Wessels sobraça a pasta das obras publicas, e, emfim, o general Dewet, o prodigioso heroe do *veldt,* é o ministro da agricultura.



ÀS COSTAS DO TIO SARSO

A attitude do tio Sam para com o Japão animou a China a desejar a agressão japoneza.

Do *«International Syndicate»*

A integridade da Noruega

A Noruega acaba de tomar a elementar precaução que se impõe a toda e qualquer pequena potencia nas suas condições. Como a sua separação da Suecia fizesse caducar o tratado franco-inglez de 1855 que protegia os dois paizes unidos no equilibrio internacional, a Noruega entabolara ha mezes negociações com a França, a Inglaterra, a Russia e a Allemanha para fazer garantir a sua integridade por essas potencias.

Para conseguir a sua pretensão não podia ella, é claro, nas actuaes circumstancias, dirigir-se apenas á França e á Inglaterra, porque isso seria manifestar que desconfiava de certas ambições suspeitas d'outras potencias. Visinhas immediatas da Noruega, a Russia e a Allemanha deviam, portanto, entrar n'esse accôrdo. Assim o comprehenderam os estadistas noruguezes, e foi talvez em resultado d'esse inteligente acto politico, que as potencias responderam á solicitação estabelecendo a garantia pedida nas bases mais solidas que era possivel conceder: o territorio norueguez é posto ao abrigo de todo e qualquer conflicto armado, não podendo em caso algum servir de base de operações militares, e bastará uma simples communicação do governo de Christiania para que as potencias contractantes sejam obrigadas a ir em soccorro da Noruega. Alem d'isso, o tratado, que vigorará durante o periodo de vinte annos, permite áquelle paiz fazer convensões especiaes com a Suecia e com a Dinamarca, para o salvaguarda da sua integridade, assim como entrar na Federação dos Estados scandinavos no dia em que ella se constitua.

A Suecia manifesta o desejo de entrar tambem no accôrdo, desejo que foi apoiado pela França, pela Russia e pela Allemanha. Mas a Inglaterra oppoz-se, não se sabe bem porquê, e o plano falhou. A opinião publica na Suecia ficou com isso profundamente irritada. Mas o governo de Christiania deu a esse respeito todas as explicações devidas e o incidente ficou por ahi.

Terremoto na Italia

A 24 de outubro devastou a Calabria um terrivel terremoto. Os desastres foram quasi tão importantes como os do abalo sismico ocorrido ha dois annos. Ferruzzano, povoação de 2111 habitantes, foi quasi inteiramente destruida, e desabaram metade das casas em Brancaleone. Em Ferruzzano morreram cerca de 200 pessoas e ficaram feridas umas 400. Ao todo ficaram mortas cerca de 600 pessoas, principalmente mulheres e creanças. As casas, edificadas nas encostas de montes, cahiram umas sobre as outras, deixando montões de escombros. A toda a pressa foram mandados para o local do sinistro engenheiros militares e tropa para socorrer os feridos e recolher os cadaveres.



TERREMOTO NA ITALIA — RUINAS DA POVOAÇÃO DE FERRUZZANO

Vida na sciencia e na industria

O maior transatlantico

O paquete *Mauretania*, da companhia Cunard, que devia ser egual ao *Lusitania*, vence-o ainda em tamanho, tendo mais 5 ou 6 pollegadas de fundo, e portanto mais umas 300 toneladas de peso. A sua tonelagem é 32:000. A sua boca anda por 29 a 30 metros, e o calado de agua por 12 a 13 metros. Duas enfiadas de ventiladores gigantescos tornam a apparencia externa do *Mauretania* um pouco differente do navio gemeo. As disposições interiores, com a maxima commodidade e luxuosas decorações, dão ao passageiro a impressão de estar n'algum opulento palacio. É em summa a ultima palavra em construcção naval. Artistas eminentes contribuiram para os primores da decoração.

A pedra philosophal

O professor Otto Witt, de Charlottenburg, affiança que as ultimas experiencias do professor Ramsay mostram que sob a influencia da energia contida nas emanações do radium, elementos conhecidos como o cobre podem converter-se n'outros egualmente conhecidos. Prova isto que os antigos alchimistas estavam na pista



O PAQUETE MAURETANIA

correcta. Ha quatro annos o professor Ramsay descobriu que as emanações do radium transformavam-se em helium, e depois que isto é origem de todos os elementos inactivos. Ultimamente o professor Boltewood, de Yale, provou que existe um novo elemento nos mineraes de uranium, onde se encontra o radium, o qual é parente do radium. Este novo elemento produz radiações alpha e beta, não produz emanações, e parece-se com o thorium. A esta substancia propoz-se o nome de ionium.

Corte dos metaes pelo oxygenio

É um processo recente, que consiste em aquecer o objecto, segundo a linha por onde se deseja recortar, com um maçarico, e em dirigir immediatamente sobre essa linha um jacto de oxygenio sob pressão que effectue o corte queimando o metal. Obtem-se uma secção nitida em condições de rapidez e economias fabulosas. O apparelho pesa 1,kg.700, e corta em dez minutos por metro uma chapa de 16 centimetros, ao preço de 30 francos. Com as machinas existentes, que custam pelo menos uns 30.000 francos de installação, cortavam-se 2 metros em 12 horas. Imagine-se a facilidade que dá esta invenção para o aproveitamento de enormes peças de metal, que o custo do transporte ou do corte impedia até hoje de mandar fundir. Este novo maçarico, que deve prestar tão importantes serviços na industria metallurgica, constitue um instrumento terrivel nas mãos dos gatunos. As suas pequenas dimensões tornam facil o dissimulal-o, e em poucos minutos pode cortar sem ruido a porta do cofre mais solido. Com



RELAMPAGOS DURANTE A TROVOADA DE SETEMBRO EM LISBOA

Interessantes photographias do nosso collaborador A. Lima.

effeito, esses cavalheiros de industria, ao corrente de todos os progressos, já o teem aproveitado principalmente em Marselha e Anvers.



AEROPLANO FARMAN

O aeroplano Farman

Ha cerca de um anno que Santos Dumont ganhou o *record*, pelo menos no Velho Mundo, voando pelos ares n'um aeroplano, ou machina mais pesada que o ar, n'uma distancia de 220 metros. ¿Esse *record* foi agora batido por Mr. Henri Farman, o qual a 26 de outubro, n'um aeroplano de typo identico ao dos irmãos Wright, voou cerca de 400 metros em trinta e um segundos sobre o campo de Issy, fóra dos muros de Paris. A machina seguiu em linha recta, á altura de 3 a 8 metros acima do solo. O aeronauta ganhou pois o premio de 60 libras offerecido pelo Aero Club ao inventor do aeroplano que vencesse mais de 300 metros n'um só vôo, e agora tenciona concorrer ao premio Deutsch-Archdeacon de 2:000 libras para a primeira machina mais pesada que o ar, que vôe um kilometro em circuito fechado.



REGATA INTERNACIONAL DE BALÕES EM S. LUIZ — PROMPTOS PARA A PARTIDA

Regata Internacional de balões

Houve nove concorrentes á segunda regata internacional da Taça Aeronautica, a qual partiu de S. Luiz (Estados Unidos da America) com intervallo de cinco minutos entre a largada de cada um dos concorrentes. O tempo estava magnifico, soprando o vento com a velocidade de cerca de cinco milhas por hora. O allemão Oscar Erbsloh, no *Pommern*, ganhou por 25 milhas, percorrendo 880 milhas antes de aterrar em Ashbury Park, New Jersey. Os outros resultados foram: o francez Le Blanc, que percorreu 855 milhas; o allemão Von Abercron, 825; o americano Hawley, 730; o americano Mac Coy, 730; o francez Garnier, 700; o allemão Meckel, 680; o americano Hersey, 650; o inglez Brewer, 365.



AEROPLANO ESNALT-PELTERIE

Contra a mordedura da serpente

Ha tempos, um americano foi mordido por uma cobra cascavel, e perdeu toda a esperança. Mas um companheiro escangalhou um cartucho, cobriu a ferida de polvora, e deitou fogo a esta, cauterisando efficazmente a ferida. Na manhã seguinte o ferido não sentia outra impressão a não ser a perna um pouco rigida.

Mais outro aeroplano

Multiplicam-se as invenções da aeronautica. Em Bue, perto de Versailles, fez-se com excellente resultado uma experiencia com a machina Esnalt-Pelterie, a qual é impulsionada por um motor de sete cylindros de plano absolutamente novo. Ergueu-se a uma altura de seis a sete metros, e continuou o vôo percorrendo perto de 140 metros.

A peçonha das serpentes

O methodo de Pasteur para curar mordeduras da serpente, por injecções do soro preparado da propria peçonha do animal, é conhecido em forma mais primitiva pelos indigenas da Africa, que ingerem a peçonha como preventivo contra as mordeduras. Ficam um pouco atordoados, mas



METHODO DE TIRAR A PEÇONHA A UMA SERPENTE

Depois de reduzir o reptil á immobilidade, o operador colloca-lhe entre as maxillas uma placa de porcelana, expreme as duas glandulas e expelle a peçonha.

immunes. O professor Fraser, especialista no assumpto, descobriu que uma dose de peçonha de serpente tomada internamente é prophylatico contra os effeitos de uma injecção sub-cutanea. Multiplicada por mil, a peçonha necessaria para causar a morte, quando injectada sob a pelle, pode engulir-se impunemente· Suppõe o alludido sabio que isto é devido ao effeito neutralisador da bilis, e, misturando a bilis da serpente com peçonha, descobriu que se removiam os effeitos mortiferos. Poderia dar a immunidade a uma pessoa com doses cautelosamente graduadas. Este facto era conhecido por Mithridates, que se tornou immune por identico processo. Os fascinadores de serpentes tambem usam d'este methodo.

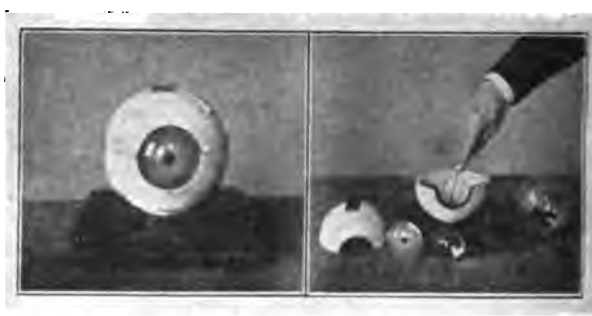


NOVO BARCO DE REMOS

A peçonha, depois de expellida, secca rapidamente em pelliculas, que a conservam durante muitos annos.

Camara photographica natural

É curioso o modelo, que em gravura apresentamos, do olho humano reconstituido em ponto grande, como se vê á esquerda. O ponto negro é a pupilla, a parte annular escura é a cornea que protege o apparelho. Na gravura da direita a iris vê-se um pouco á esquerda, e a meio está o crystallino ou a lente. Á direita está um globo grande de vidro representando o humor vitreo, substancia gelatinosa que enche o interior do olho. Dentro do modelo aberto vêem-se



UM MODELO DO OLHO HUMANO

linhas que representam a retina, a qual recebe a imagem da lente e a cummunica ao cerebro.

Estas reproducções em ponto grande das differentes peças anatomicas estão-se nsando muito para estudo em varios paizes do mundo, especialmente na Allemanha.

Novo barco de remos

Foi inventado na Allemanha. Consiste em dois botes conjugados, de fundo chato, unidos por travessas solidas. O espaço central contem o machinismo impulsor, e os remos, que funccionam como alavancas, estão ligados com as pás por meio de discos e correntes que actuam n'um apparelho especial. Pode conseguir-se n'este barco uma grande velocidade.

A pesca maritima na Grã-Bretanha

Ha uns vinte annos a esta parte, tem tomado um desenvolvimento extraordinario a industria da pesca maritima na Grã-Bretanha. O augmento é de 72 por cento sobre o peso dos peixes desembarcados nos portos britannicos, e de 93 $1/2$ por cento sobre o valor d'estes desembarques, abstrahindo da pesca das ostras, mariscos, crustaceos, etc. Actualmente as pescas representam um peso de perto de mil milhões de toneladas com o valor approximado de dez milhões de libras.

INDICE

DOS

ARTIGOS E GRAVURAS CONTIDAS NO VOLUME V

(2.ª SERIE)

INDICE